



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIOLOGIA E ANTROPOLOGIA
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO: SOCIOLOGIA

MARIA LUIZA NOBRE LAMARÃO

**JUVENTUDE E PARTICIPAÇÃO: JOVENS NA GESTÃO COMPARTILHADA
DA RESERVA EXTRATIVISTA MARINHA DE CAETÉ-TAPERACU, EM
BRAGANÇA, PARÁ**

Belém

2016

MARIA LUIZA NOBRE LAMARÃO

**JUVENTUDE E PARTICIPAÇÃO: JOVENS NA GESTÃO COMPARTILHADA DA
RESERVA EXTRATIVISTA MARINHA DE CAETÉ-TAPERACU, EM BRAGANÇA,
PARÁ**

Tese submetida ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia, da Universidade Federal do Pará, em 21 de outubro de 2016, como requisito para obtenção do título de Doutora em Sociologia.

Orientadora: Profa. Dra. Maria Cristina Alves Maneschy

Belém

2016

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)
Sistema de Bibliotecas da UFPA

Lamarão, Maria Luiza Nobre, 1956-

Juventude e participação: jovens na gestão compartilhada da Reserva Extrativista Marinha Caeté-Taperaçu, em Bragança, Pará. / Maria Luiza Nobre Lamarão. - 2016.

Orientadora: Maria Cristina Alves Maneschy.

Tese (Doutorado) - Universidade Federal do Pará, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia, Belém, 2016.

1. Reserva Extrativista Marinha Caeté-Taperaçu (Bragança, PA). 2. Jovens-condições sociais-Bragança (PA). 3. Gestão ambiental-Bragança (PA). I. Título.

CDD 22. ed. 305.23098115

MARIA LUIZA NOBRE LAMARÃO

**JUVENTUDE E PARTICIPAÇÃO: JOVENS NA GESTÃO COMPARTILHADA DA
RESERVA EXTRATIVISTA MARINHA DE CAETÉ-TAPERACU, EM BRAGANÇA,
PARÁ**

Tese submetida ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia, da Universidade Federal do Pará, como requisito para obtenção do título de Doutora em Sociologia.

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Maria Cristina Alves Maneschy
Orientadora, UFPA

Prof. Dr. Jacob Carlos Lima
Avaliador externo, UFSCar

Prof. Dr. Carlos Alberto Batista Maciel
Avaliador externo, UFPA

Profa. Dra. Lourdes Gonçalves Furtado
Avaliadora interna, UFPA

Prof. Dr. Rodrigo Peixoto
Avaliador interno, UFPA

Profa. Dra. Edila Arnaud Moura
Avaliadora interna suplente, UFPA

Profa. Dra. Edma Moreira
Avaliadora externa suplente, UNIFESSPA

Aprovação: ___/___/_____

À minha mãe, Luzia Nobre Lamarão, no ano do seu 98º aniversário e, ao meu pai Sebastião Lamarão (*in memoriam*), pelo legado familiar incluindo o amor aos estudos.

Ao meu filho, Victor Lamarão Palheta.

À amiga-irmã, Stela Menezes (*in memoriam*).

AGRADECIMENTOS

À Profa. Dra. Maria Cristina Maneschy, pela orientação competente, pelo entusiasmo com que discute e disponibiliza seu saber sobre o tema desta tese e, pelo nosso reencontro, em momento tão marcante de nossas vidas pessoal e acadêmica.

Aos professores e aos colegas do doutorado pelo diálogo nas atividades acadêmicas. À equipe da pesquisa que desencadeou a motivação para o estudo do tema, Fernanda Nummer, Edma Moreira, Ida Lenir Gonçalves e Tânia Guimarães pelas discussões férteis sobre a pesquisa e, ao colega Marcelo Oliveira pelo incentivo e compartilhamento de suas reflexões.

À Universidade Federal do Pará, pelo incentivo à qualificação profissional.

À equipe do Programa Infância e Adolescência (PIA), em especial, Adrea Canto, Renata Rodrigues, bolsistas e voluntários, pelo apoio e incentivo.

Aos jovens, às lideranças comunitárias e aos moradores de Vila do Bonifácio e Vila Que Era, pela contribuição a esta pesquisa. E às queridas crianças que me acolheram no trabalho de campo, em momentos de pura socialidade.

À analista ambiental do ICMBio Sheyla Leão que colaborou na concessão de entrevistas e, na participação em eventos na RESEX. Ao Willian Fernandes, que, gentilmente, elaborou os mapas das áreas estudadas.

Aos amigos e familiares pelo apoio no trabalho de campo, Hudson Ribeiro e seu orientador Prof. Dr. Sebastião da Silva Junior/UFGA, Campus de Bragança. Ao meu irmão Geovane Lamarão e ao meu sobrinho Antônio Carlos Lamarão.

À minha irmã, Maria Louze Lamarão que não mediu esforços para me socorrer no acidente durante trabalho de campo em Bragança e, aos amigos, amigas e familiares pelos cuidados durante o período de convalescência: Adelmo Neto, Adrea Canto, Ana Paula Lamarão, Bia Sales, Bruna Menezes Bastos, Fabricia Gonçalves, Gabriela Lopes, Geovane Lamarão, Helena Aood, Lília Cavalcante, Luzia Lamarão, Mara Souza, Marília Thomazin, Nazaré Santana, Paulo André Lamarão, Renata Rodrigues e Victor Lamarão Palheta.

À Renata Rodrigues, pelo apoio nas transcrições, e ao Albano Gomes, pela revisão do texto.

E, aos amigos e familiares “da Terra e do Céu”, que compartilharam comigo esta jornada acadêmica, gratidão!

“Houve um tempo em que o triunfalismo dos regimes totalitários convenceu alguns filósofos sociais de que os homens tinham medo à liberdade e por isso trocavam facilmente sua autonomia pela segurança do autoritarismo, tais filósofos, no entanto, ficariam certamente surpresos ao ver os poderosos movimentos populares que hoje se levantam no mundo inteiro contra os regimes que negam ao povo o direito de participar. Neste sentido, está sobejamente comprovado que o maior erro das ditaduras é pensar que toda a população se sente aliviada por não ter de tomar decisões, preferindo transferi-las ao governo. Pode haver gente assim. Mas a maioria prefere a democracia. E para um crescente número de pessoas, democracia não é apenas um método de governo onde existem eleições. Para elas democracia é um estado de espírito e um modo de relacionamento entre pessoas. Democracia é um estado de participação”

Juan E. Diaz Bordenave

RESUMO

Discute a incipiente participação de jovens na gestão compartilhada da Reserva Extrativista Marinha de Caeté-Taperaçu, em Bragança, Pará, partindo da seguinte questão: se a Reserva Extrativista é uma política pública instituída na perspectiva de sustentabilidade socioambiental do território, como garantir a sustentabilidade sem significativa participação de jovens? Os dados da pesquisa foram obtidos a partir de entrevistas com oitenta jovens moradores de duas vilas da reserva, bem como junto a lideranças e gestores. Constatou-se que eles têm práticas de engajamento na vida coletiva de suas comunidades sem, contudo, alargarem essa participação para as arenas da gestão do território, especialmente os comitês locais e os conselhos. Com efeito, eles em geral desconhecem a política da qual são beneficiários e não há ações consistentes de formação para os novos engajamentos que a gestão compartilhada requer. Vivem o dilema de permanecer ou sair de suas comunidades em razão da falta de oportunidades de estudo e trabalho no lugar, o que os faz pensar seus projetos de vida para além da pesca, da coleta de caranguejos, da pequena agricultura e das fronteiras de suas comunidades. Há, portanto, necessidade de investimentos em processos socializadores de jovens para a atuação nas instâncias formais da gestão, processos que estimulem seus potenciais criativos, fortalecendo a cooperação, sobretudo em prol da promoção e do fortalecimento dos meios de vida e da cultura, garantidores da identidade do território em sua nova configuração social e política.

Palavras-chave: Reserva Extrativista. RESEX. Gestão Compartilhada. Juventude Rural. Participação.

ABSTRACT

This thesis analyzes the weak participation of young people in the shared management of a coastal protected area – Extractive Reserve - in Bragança municipality, Pará State (Brazil). It focuses on the question: if the Reserve is a public policy aimed at the environmental sustainability of the territory, how to ensure this goal without meaningful participation of young residents and users? The research data derive from interviews with eighty young residents of two villages within the Reserve jurisdiction, as well as with the leaders and managers. It found that the youngsters do engage in communitarian practices without, however, entering the arenas of the territory management, especially local committees and councils. Actually, they more often ignore the policy from which they benefit. Besides, there is no consistent capacity building in view of the new commitments regarding the Reserve management. They face the dilemma of staying or leaving the communities, as there are few opportunities to work and study. Their life projects are thought away from fishing, crabs collection and small farming within the boundaries of their communities. It is therefore necessary to invest in socializing means to involve young dwellers in the formal spaces of management, in ways that encourage their creative potential and cooperation. The end is to foster local livelihoods and culture, backing the identity of their territory in its new social and political structure.

Key words: Extractive Reserve. RESEX. Comanagement. Rural Youth. Participation.

RÉSUMÉ

Cette thèse analyse la faible participation des jeunes dans la gestion partagée d'une zone côtière protégée - Réserve extractive - dans la municipalité de Bragança, État du Pará (Brésil). L'étude se concentre sur la question suivante: si la réserve est une politique publique visant à la conservation environnementale du territoire, comment assurer cet objectif sans la participation significative des jeunes? Les données de recherche proviennent d'entretiens avec quatre-vingt jeunes résidents de deux villages appartenant à la réserve, ainsi qu'avec des leaders locaux et des gestionnaires. Les résultats montrent que les jeunes se livrent à des pratiques communautaires, sans toutefois entrer dans les arènes de la gestion du territoire, en particulier les comités et les conseils villageois. En fait, ils ignorent le plus souvent la politique dont ils bénéficient. D'ailleurs, il n'y a pas d'actions de formation pour les jeunes qui soient cohérentes vis-à-vis des nouveaux engagements que la gestion de la Réserve requiert. Les jeunes résidents font face au dilemme de rester ou de quitter les communautés, car il y a peu de possibilités de travail et d'étude qui répondent à leurs ambitions actuelles. Leurs projets de vie sont considérés loin de la pêche, la collecte de crabes et de petites exploitations agricoles – bref, des ressources naturelles – dans les limites de leurs communautés. La réversion de cet éloignement du territoire dépend de la mise en place de moyens de socialisation capables d'attirer les jeunes habitants aux espaces formels de gestion, tout en profitant de leur potentiel de coopération et de leur créativité. Le but majeur est de favoriser et promouvoir les moyens de subsistance et la culture locale, qui sont à la base de l'identité de leur territoire dans sa nouvelle structure sociale et politique.

Mots-clés: Réserve Extractive. RESEX. Gestion Partagée. Les Jeunes Ruraux. Participation.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Quadros

Quadro 1 -	Comunidades da RESEX Marinha de Caeté-Taperaçu por polos	63
Quadro 2 -	Escala de participação juvenil em empreendimentos sociais	202
Quadro 3 -	Relato dos jovens da Vila do Bonifácio que afirmaram ter havido formação para os jovens sobre a RESEX	278
Quadro 4 -	Representação por citação – Vila do Bonifácio	288

Figuras

Figura 1 -	<i>Croquis da Vila Que Era</i>	31
Figura 2 -	<i>Croquis da Vila do Bonifácio</i>	32
Figura 3 -	Mapa com os limites da RESEX e localização das duas vilas estudadas	59
Figura 4 -	Apresentação do plano de manejo na reunião do conselho deliberativo/2013	62
Figura 5 -	Reunião do conselho deliberativo (dez. 2013)	62
Figura 6 -	Reunião do conselho deliberativo (dez. 2013)	62
Figura 7 -	Placa do ICMBio indicativa da Área de RESEX na Vila Que Era	62
Figura 8 -	Mapa da Vila do Bonifácio e sua localização na RESEX	66
Figura 9 -	Rua Principal	67
Figura 10 -	Rua paralela à Principal	67
Figura 11 -	Praça da vila e pavimentação da PA-458 antes das férias escolares	69
Figura 12 -	Praça da vila revitalizada pós-período das férias escolares	69
Figura 13 -	Revitalização da PA-458 período pós-férias escolares	69
Figura 14 -	Vista parcial da Escola Domingos de Souza Melo	70
Figura 15 -	Posto de saúde de Ajuruteua na Vila do Bonifácio	70
Figura 16 -	Centro comunitário/ PROJOVEM	70
Figura 17 -	Projeto Arca das Letras	70
Figura 18 -	Poço artesanal	71
Figura 19 -	Captação de água da chuva	71
Figura 20 -	Armação para instalação de uma caixa d'água comunitária	72
Figura 21 -	Venda domiciliar de água potável	72
Figura 22 -	Vista parcial da rua do Meio – Vila do Bonifácio	74
Figura 23 -	Entrada da vila pelo rio Caeté com Placa indicativa	84
Figura 24 -	Mapa da Vila Que Era com limites e localização na RESEX	85
Figura 25 -	Marco da fundação de Bragança, em Vila Que Era	86
Figura 26 -	Detalhe do marco da fundação de Bragança	86
Figura 27 -	Centro comunitário e Escola Estadual de Ensino F. Cesar Pereira	88
Figura 28 -	Jovens de Vila Que Era apresentando dança do carimbó em evento	91
Figura 29 -	Jovens de Vila Que Era apresentando dança do carimbó em evento	91
Figura 30 -	Olaria de objetos artesanais	92
Figura 31 -	Objetos artesanais de cerâmica	92
Figura 32 -	Local de construção de barcos	93
Figura 33 -	Embarcações em construção	93
Figura 34 -	Plenária do seminário “Juventude, democracia e meio ambiente”	104

Figura 35 -	Participação de jovens em trabalho de grupo	104
Figura 36 -	Apresentação dos resultados de trabalho de grupo com dramatização	105
Figura 37 -	Apresentação dos resultados de trabalho de grupo com cartaz	105
Figura 38 -	Vista frontal da Escola Domingos de Souza Melo	130
Figura 39 -	Laboratório de informática da escola Domingos de Souza Melo	130
Figura 40 -	Logo da Escola Domingos de Souza Melo	130
Figura 41 -	Placa de reforma e ampliação da escola	130
Figura 42 -	Detalhe da mão do jovem pescador C. M. M., 29 anos	139
Figura 43 -	Antenas de TV na Vila do Bonifácio	145
Figura 44 -	Graus de participação	200
Figura 45 -	Participação de jovens de Vila Que Era em evento, acompanhados do representante do comitê	296
Figura 46 -	Participação de jovens de Vila Que Era em evento, acompanhados do representante do comitê	296
Figura 47 -	Artesanato em concha produzido na Vila do Bonifácio	322
Figura 48 -	Mostra de apetrechos de pesca - ASSUREMACATA	322
Figura 49 -	Cartilha elaborada coma participação dos jovens da RESEX	340
Figura 50 -	Cartilha elaborada com a participação dos jovens da RESEX	340

Gráficos

Gráfico 1 -	Jovens (15 a 29 anos) na população do Brasil	28
Gráfico 2 -	Jovens (15 a 29 anos) na população da região Norte	28
Gráfico 3 -	Jovens (15 a 29 anos) na população do Pará	28
Gráfico 4 -	Jovens (15 a 29 anos) na população de Bragança	28
Gráfico 5 -	Movimento ascendente da população de jovens (18 a 29 anos) do país para o município	29
Gráfico 6 -	População urbana e rural do Brasil	30
Gráfico 7 -	População jovens (18 a 29 anos) urbana e rural no Brasil	30
Gráfico 8 -	Participação de jovens na Vila do Bonifácio	261
Gráfico 9 -	Participação de jovens na Vila Que Era em atividades na comunidade	265
Gráfico 10 -	Conhecimento dos representantes comunitários da Vila do Bonifácio	285
Gráfico 11 -	Conhecimento dos representantes comunitários da Vila Que Era	288

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 -	Energia elétrica na Vila do Bonifácio	71
Tabela 2 -	Água potável na Vila do Bonifácio	71
Tabela 3 -	Instalações sanitárias na Vila do Bonifácio	73
Tabela 4 -	Destino do lixo na Vila do Bonifácio	74
Tabela 5 -	Cultura na Vila do Bonifácio	76
Tabela 6 -	Participação dos jovens nas atividades culturais na Vila do Bonifácio	81
Tabela 7 -	Identificação dos jovens com as atividades culturais na Vila do Bonifácio	81
Tabela 8 -	Energia elétrica na Vila Que Era	88
Tabela 9 -	Água potável na Vila Que Era	88
Tabela 10 -	Instalações sanitárias na Vila Que Era	89
Tabela 11 -	Destino do lixo na Vila Que Era	89
Tabela 12 -	Participação dos jovens em manifestações culturais na Vila Que Era	93
Tabela 13 -	Identificação dos jovens com a cultura de Vila Que Era	94
Tabela 14 -	Manutenção das tradições culturais pelos jovens de Vila Que Era	95
Tabela 15 -	Jovens da Vila do Bonifácio, por sexo	108
Tabela 16 -	Jovens da Vila do Bonifácio faixa etária	109
Tabela 17 -	Jovens da Vila do Vila Bonifácio por situação escolar	109
Tabela 18 -	Jovens da Vila do Bonifácio por série entre os que estudam	110
Tabela 19 -	Jovens da Vila Bonifácio, por série em que parou de estudar	111
Tabela 20 -	Sobrenomes de jovens da Vila do Bonifácio	112
Tabela 21 -	Jovens de Vila Que Era, por sexo	114
Tabela 22 -	Jovens de Vila Que Era por faixa etária	114
Tabela 23 -	Jovens de Vila Que Era por situação escolar	114
Tabela 24 -	Jovens de Vila Que Era por série que estudam	115
Tabela 25 -	Jovens de Vila Que Era por série que pararam de estudar	116
Tabela 26 -	Lista de sobrenomes do universo de jovens de Vila Que Era	117
Tabela 27 -	Jovens da Vila do Bonifácio, por sexo	118
Tabela 28 -	Jovens da Vila de Bonifácio por faixa etária	118
Tabela 29 -	Jovens da Vila de Bonifácio e do Brasil rural por situação de escolaridade	119
Tabela 30 -	Jovens da Vila de Bonifácio por série que estudam	120
Tabela 31 -	Distorção idade x série entre os jovens da Vila do Bonifácio	121
Tabela 32 -	Distorção idade x série entre os jovens da Vila do Bonifácio por faixa de frequência	121
Tabela 33 -	Jovens da Vila de Bonifácio por série em que pararam de estudar	124
Tabela 34 -	Anos de distorção serie x idade entre os jovens da Vila do Bonifácio que pararam de estudar	125
Tabela 35 -	Distorção idade x série por agregação intervalo de 4 anos de frequência entre os que pararam os estudos	126
Tabela 36 -	Motivo porque jovens da Vila do Bonifácio não estudam	129
Tabela 37 -	Escolas frequentadas pelos jovens da Vila do Bonifácio por local	133
Tabela 38 -	Turno que os jovens da Vila do Bonifácio estudam	134
Tabela 39 -	Meio de transporte dos alunos da Vila do Bonifácio para ir à escola	135
Tabela 40 -	Repetência entre os jovens de Vila do Bonifácio	135

Tabela 41 -	Séries repetidas, por número de citações, entre os jovens de Vila do Bonifácio	136
Tabela 42 -	Séries repetidas por aluno e número de vezes – Vila do Bonifácio	136
Tabela 43 -	Descendência/cor/etnia dos jovens de Vila do Bonifácio	141
Tabela 44 -	Cor da pele dos jovens da Vila do Bonifácio	142
Tabela 45 -	Cor dos olhos dos jovens da Vila do Bonifácio	142
Tabela 46 -	Cor dos cabelos dos jovens da Vila do Bonifácio	143
Tabela 47 -	Tipo de cabelo dos jovens da Vila do Bonifácio	143
Tabela 48 -	Religião dos jovens de Vila do Bonifácio	144
Tabela 49 -	Meios que os jovens da Vila do Bonifácio utilizam para se informar	147
Tabela 50 -	Meios que os jovens da Vila do Bonifácio utilizam para se comunicar	148
Tabela 51 -	Situação de trabalho dos Jovens da Vila do Bonifácio	148
Tabela 52 -	Situação de trabalho dos Jovens da Vila do Bonifácio por sexo	148
Tabela 53 -	Modalidades de trabalho dos jovens de Vila do Bonifácio	149
Tabela 54 -	Razões por que os jovens de Vila do Bonifácio não trabalham	151
Tabela 55 -	Exercício de trabalho anterior dos jovens da Vila do Bonifácio	153
Tabela 56 -	Tipo de trabalho anterior da Vila do Bonifácio	153
Tabela 57 -	Documentos que os jovens de Vila do Bonifácio possuem	154
Tabela 58 -	Suportes para doenças na Vila do Bonifácio recorrem	155
Tabela 59 -	Composição familiar dos jovens da Vila do Bonifácio	157
Tabela 60 -	Configuração familiar dos jovens de Vila do Bonifácio	157
Tabela 61 -	Trabalho dos membros das famílias dos jovens da Vila Bonifácio	158
Tabela 62 -	Situação da casa dos jovens de Vila do Bonifácio	160
Tabela 63 -	Jovens da Vila Que Era por sexo	160
Tabela 64 -	Jovens de Vila Que Era por faixa etária	160
Tabela 65 -	Jovens da Vila Que Era e do Brasil rural por situação de escolaridade	161
Tabela 66 -	Jovens de Vila Que Era por série que estudam	162
Tabela 67 -	Distorção idade x série dentre os jovens de Vila Que Era que estudam	163
Tabela 68 -	Jovens de Vila Que Era por série que parou de estudar	163
Tabela 69 -	Distorção idade x série entre os que não estudam	164
Tabela 70 -	Distorção idade x série entre os jovens de Vila Que Era que não estudam por faixa de distorção	164
Tabela 71 -	Motivo para não estudar entre os jovens de Vila Que Era	166
Tabela 72 -	Estabelecimentos escolares frequentados pelos jovens da Vila Que Era	168
Tabela 73 -	Escolas frequentadas pelos jovens da Vila Que Era por Local	168
Tabela 74 -	Turno frequentado pelos alunos de Vila Que Era	169
Tabela 75 -	Repetência de série escolar entre alunos de Vila Que Era	170
Tabela 76 -	Série e número de vezes repetidas pelos alunos de Vila Que Era	170
Tabela 77 -	Descendência/cor/etnia dos jovens de Vila Que Era	172
Tabela 78 -	Cor da pele dos jovens de Vila Que Era	173
Tabela 79 -	Cor dos olhos dos jovens de Vila Que Era	173
Tabela 80 -	Cor dos cabelos dos jovens de Vila Que Era	173
Tabela 81 -	Tipo de cabelo dos Jovens de Vila Que Era	174
Tabela 82 -	Religião dos jovens de Vila Que Era	174
Tabela 83 -	Meios para se informar entre os jovens de Vila Que Era	175

Tabela 84 -	Meios para se comunicar entre os jovens de Vila Que Era	176
Tabela 85 -	Situação de trabalho dos jovens de Vila Que Era	176
Tabela 86 -	Situação de trabalho dos jovens de Vila Que Era por sexo	176
Tabela 87 -	Modalidades de trabalho entre os jovens de Vila Que Era	178
Tabela 88 -	Documentos dos jovens de Vila Que Era	180
Tabela 89 -	Equipamentos de saúde e rede de apoio entre os jovens de Vila Que Era	181
Tabela 90 -	Composição familiar dos jovens de Vila Que Era	182
Tabela 91 -	Configuração familiar dos jovens de Vila Que Era	182
Tabela 92 -	Trabalho dos membros da família dos jovens de Vila Que Era	183
Tabela 93 -	Situação da casa dos jovens de Vila Que Era	185
Tabela 94 -	Dimensionamento das respostas dos jovens da Vila do Bonifácio	203
Tabela 95 -	Juventude segundo os jovens da Vila do Bonifácio	204
Tabela 96 -	Dimensionamento das respostas dos jovens da Vila Que Era	207
Tabela 97 -	Noção de juventude para os jovens de Vila Que Era	208
Tabela 98 -	Dimensionamento das respostas dos jovens da Vila do Bonifácio	209
Tabela 99 -	Ser jovem para os jovens da Vila do Bonifácio	209
Tabela 100 -	Ser jovem para os jovens de Vila Que Era	211
Tabela 101 -	Idade em que uma pessoa é jovem segundo os jovens da Vila do Bonifácio	213
Tabela 102 -	Idade em que uma pessoa é jovem segundo os jovens de Vila Que Era	215
Tabela 103 -	Peculiaridade do jovem segundo os jovens da Vila do Bonifácio	216
Tabela 104 -	Peculiaridade do jovem segundo os jovens de Vila Que Era	216
Tabela 105 -	Maternidade/paternidade e/ou casamento na juventude segundo os jovens de Vila do Bonifácio	219
Tabela 106 -	Maternidade/paternidade e/ou casamento na juventude segundo os jovens de Vila Que Era	220
Tabela 107 -	Os jovens das duas vilas: se consideram jovem	221
Tabela 108 -	Conhecimento do Estatuto da Juventude pelos jovens das duas vilas	221
Tabela 109 -	Principais problemas enfrentados segundo os jovens da Vila do Bonifácio	227
Tabela 110 -	Principais problemas enfrentados segundo os jovens da Vila Que Era	230
Tabela 111 -	Propostas dos jovens da Vila do Bonifácio para os jovens	233
Tabela 112 -	Propostas dos jovens de Vila Que Era para os jovens	235
Tabela 113 -	Grau de satisfação em morar na Vila do Bonifácio	239
Tabela 114 -	Modo de vida dos jovens na Vila Que Era	243
Tabela 115 -	Grau de satisfação em morar na Vila Que Era	243
Tabela 116 -	Projeto de vida dos jovens de Vila do Bonifácio por sexo	245
Tabela 117 -	Inclusão da pesca nos projetos de vida dos jovens da Vila do Bonifácio por sexo	247
Tabela 118 -	Permanecer ou sair nos projetos de vida dos jovens da Vila do Bonifácio por sexo	248
Tabela 119 -	Projetos de vida dos jovens da Vila do Bonifácio para 1 ano	249
Tabela 120 -	Projeto de vida dos jovens da Vila do Bonifácio para 2 anos	250
Tabela 121 -	Projeto de vida dos jovens da Vila do Bonifácio para 5 anos	250
Tabela 122 -	Já pensou o que quer para a sua vida de adulto?	251
Tabela 123 -	Projeto de vida dos jovens de Vila Que Era por sexo	252
Tabela 124 -	Projeto de vida para os jovens de Vila Que Era para 1 ano	253

Tabela 125 -	Projeto de vida para os jovens de Vila Que Era para 2 anos	254
Tabela 126 -	Projeto de vida para os jovens de Vila Que Era para 5 anos	255
Tabela 127 -	Permanecer ou sair nos projetos de vida dos jovens de Vila Que Era por sexo	255
Tabela 128 -	Inclusão das atividades extrativistas nos projetos de vida dos jovens de Vila Que Era por sexo	256
Tabela 129 -	Sentidos de participação segundo os jovens de Vila Bonifácio	259
Tabela 130 -	Sentidos de participação para os jovens da Vila Que Era	261
Tabela 131 -	Participação de jovens na Vila do Bonifácio por atividade	262
Tabela 132 -	Participação anterior dos jovens na Vila do Bonifácio	263
Tabela 133 -	Jovens da Vila do Bonifácio que não participam atualmente, por atividades que já participaram	263
Tabela 134 -	Participação de jovens nas duas vilas por sexo	267
Tabela 135 -	Participação de jovens nas duas vilas por faixa etária	268
Tabela 136 -	Participação de jovens na Vila do Bonifácio segundo a escolaridade	268
Tabela 137 -	Participação dos jovens da Vila do Bonifácio segundo o nível de escolaridade	268
Tabela 138 -	Participação de jovens na Vila Que Era por situação de estudo	269
Tabela 139 -	Participação dos jovens de Vila Que Era por série e nível de ensino	269
Tabela 140 -	Participação de jovens na Vila do Bonifácio por situação de trabalho	269
Tabela 141 -	Participação de jovens na Vila do Bonifácio segundo o ramo de trabalho	270
Tabela 142 -	Participação de jovens na Vila Que Era por situação de trabalho	270
Tabela 143 -	Participação de jovens na Vila Que Era por ramo de trabalho	270
Tabela 144 -	Realização de ações coletivas na Vila do Bonifácio	271
Tabela 145 -	Realização de ações coletivas em Vila Que Era	273
Tabela 146 -	Conhecimento dos jovens das duas vilas sobre RESEX	275
Tabela 147 -	Conhecimento dos jovens das duas vilas de que moram em uma RESEX	276
Tabela 148 -	Existência de formação para jovens das duas vilas sobre RESEX	277
Tabela 149 -	Comunidade costuma reunir segundo os jovens das duas vilas	279
Tabela 150 -	Convite aos jovens das duas vilas para participar de reunião ou ação da RESEX	280
Tabela 151 -	Conhecimento da estrutura da cogestão da RESEX pelos jovens da Vila do Bonifácio	281
Tabela 152 -	Conhecimento da estrutura da cogestão da RESEX pelos jovens de Vila Que Era	284
Tabela 153 -	Lideranças citadas pelos jovens de Vila do Bonifácio	285
Tabela 154 -	Reconhecimento da representação pelos jovens da Vila do Bonifácio	287
Tabela 155 -	Reconhecimento da representação pelos jovens da Vila Que Era	289
Tabela 156 -	Instância para discutir uma ideia/proposta/projeto para a Vila do Bonifácio	290
Tabela 157 -	Instância para implementar uma ideia/projeto – Vila do Bonifácio	291
Tabela 158 -	Instância para discutir uma ideia/projeto/proposta -Vila Que Era	292
Tabela 159 -	Implementar ideia/projeto – Vila Que Era	292
Tabela 160 -	Participação dos jovens da Vila do Bonifácio na cogestão da RESEX	293
Tabela 161 -	Jovens da Vila do Bonifácio participariam na cogestão da RESEX	293
Tabela 162 -	Participação dos pais na RESEX – Vila do Bonifácio	294
Tabela 163 -	Participação dos jovens da Vila Que Era na cogestão	295

Tabela 164 -	Diálogo com os pais sobre a RESEX - Vila do Bonifácio	296
Tabela 165 -	Diálogo com os pais sobre a RESEX – Vila Que Era	296
Tabela 166 -	Transmissão de valores familiares segundo os jovens de Vila do Bonifácio	300
Tabela 167 -	Transmissão de valores familiares segundo os jovens de Vila Que Era	304
Tabela 168 -	Lições aprendidas na família pelos jovens de Vila Que Era	305
Tabela 169 -	Sociabilidade dos jovens na Vila do Bonifácio	310
Tabela 170 -	Rede de amigos Vila do Bonifácio	310
Tabela 171 -	Sociabilidade dos jovens de Vila Que Era	311
Tabela 172 -	Rede de sociabilidade dos jovens de Vila Que Era	312
Tabela 173 -	Mudanças após institucionalização em RESEX segundo os jovens da Vila do Bonifácio	313
Tabela 174 -	Mudanças após institucionalização em RESEX – Vila Que Era	315
Tabela 175 -	Continuidade das atividades extrativistas pelos jovens da Vila do Bonifácio	316
Tabela 176 -	Continuidade das atividades extrativistas pelos jovens de Vila Que Era	317
Tabela 177 -	Vulnerabilidade na Vila do Bonifácio segundo os jovens	319
Tabela 178 -	Vulnerabilidade na Vila Que Era	321
Tabela 179 -	Razões que levam os jovens da Vila do Bonifácio a pretender sair da vila	325
Tabela 180 -	Razões para os jovens da Vila do Bonifácio permanecer	326
Tabela 181 -	Ações para estimular os jovens a participar na sustentabilidade da RESEX – Vila do Bonifácio	332
Tabela 182 -	Ações para estimular os jovens a participar na sustentabilidade da RESEX – Vila Que Era	334
Tabela 183 -	Projeção sobre a Vila do Bonifácio para 20 anos, segundo os jovens	336
Tabela 184 -	Projeção sobre Vila Que Era para 20 anos, segundo os jovens	337

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ANPOCS -	Associação Nacional Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais
ANPPAS -	Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ambiente e Sociedade
ASSUREMACATA -	Associação dos Usuários da RESEX Marinha de Caeté-Taperaçu
CAPES -	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CEPLAC -	Comissão Executiva do Plano da Lavoura Cacaueira
CNJTTR -	Comissão Nacional de Jovens Trabalhadores e Trabalhadoras Rurais
CNPq -	Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico
CONLAB -	Congresso Luso-Afro-Brasileiro
CONTAG -	Confederação Nacional dos Trabalhadores na Agricultura
FADESP -	Fundação de Amparo e Desenvolvimento da Pesquisa
FBSP -	Fórum Brasileiro de Segurança Pública
FETRAF -	Federação dos Trabalhadores na Agricultura Familiar
IBGE -	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
ICMBio -	Instituto Chico Mendes de Biodiversidade
ICSA -	Instituto de Ciências Sociais Aplicadas
IDATAM	Instituto de Desenvolvimento e Assistência à Pesca na Amazônia
IFCH -	Instituto de Filosofia e Ciências Humanas
INCRA -	Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária
IPEA -	Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada
MMA -	Ministério do Meio Ambiente
ONG -	Organização Não Governamental
PMB -	Prefeitura Municipal de Bragança
PNRA -	Programa Nacional da Reforma Agrária
PPGBA -	Programa de Pós-Graduação em Biologia Ambiental
PPGSA -	Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia
RESEX -	Reserva Extrativista
SciELO -	<i>A Scientific Electronic Library Online</i>
SISBIO -	Sistema de Autorização e Informação em Biodiversidade
SNUC -	Sistema Nacional de Unidades de Conservação da Natureza
UC -	Unidade de Conservação
UFPA -	Universidade Federal do Pará
UFSCar -	Universidade Federal de São Carlos
UNESP -	Universidade Estadual de São Paulo

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	20
CAPÍTULO 1 - A INSTITUCIONALIZAÇÃO DO TERRITÓRIO EM RESEX: NOVA FORMA DE GERIR BENS COLETIVOS	38
1.1 O processo de institucionalização de territórios em Reserva Extrativista no Brasil	38
1.2 Reservas Extrativistas na perspectiva de territórios sustentáveis	44
1.3 Nova forma de gerir o território: o Estado e a sociedade civil em regime de cogestão	47
1.4 As Reservas Extrativistas como campo social: contribuições de Bourdieu	53
CAPÍTULO 2 - A RESERVA EXTRATIVISTA MARINHA DE CAETÉ-TAPERACU	57
2.1 A Reserva Extrativista Marinha de Caeté-Taperaçu	57
2.2 As duas áreas de estudo: Vila do Bonifácio e Vila Que Era	65
2.3 Atores sociais e ação coletiva na RESEX	100
CAPÍTULO 3 – JOVENS DA RESEX DE CAETÉ-TAPERACU	107
3.1 Contagem dos jovens moradores da Vila do Bonifácio e da Vila Que Era	107
3.2 Caracterização dos jovens da Vila do Bonifácio e da Vila Que Era	117
CAPÍTULO 4 – JUVENTUDE E PARTICIPAÇÃO: JOVENS NA RESEX MARINHA DE CAETÉ-TAPERACU	186
4.1 Juventude como categoria sociológica	186
4.2 Juventude e jovem na contemporaneidade	189
4.3 Juventude rural	191
4.4 Juventude e participação	196
4.5 Juventude segundo os jovens das duas vilas	203
4.6 Ser jovem para os jovens das duas vilas	208
4.7 Maternidade/paternidade e/ou casamento na juventude	217
4.8 Principais problemas enfrentados segundo os jovens das duas Vilas	221
4.9 Propostas dos jovens das duas vilas voltadas para os jovens	230
4.10 Relação da Vila do Bonifácio com o turismo segundo os jovens	235
4.11 O modo de vida dos jovens nas duas vilas	238
4.12 Projeto de Vida dos jovens das duas vilas	244

CAPÍTULO 5 – PARTICIPAÇÃO E SUSTENTABILIDADE NA RESEX CAETÉ-TAPERAÇU: VILA DO BONIFÁCIO E VILA QUE ERA	258
5.1 Sentidos de participação para os jovens das duas vilas	258
5.2 Formas de participação atual dos jovens nas duas vilas	261
5.3 Participação de jovens das duas vilas nas instâncias da cogestão da RESEX	273
5.4 Conhecimento dos jovens das duas vilas sobre a estrutura da cogestão da RESEX	281
5.5 Participação dos jovens na cogestão da RESEX	293
5.6 Socialização e sua relação com a participação	298
5.7 Redes de sociabilidade dos jovens da RESEX	307
5.8 Sustentabilidade do território como RESEX	312
5.9 Vulnerabilidade nas duas vilas segundo os jovens	318
5.10 Potencialidades e vocação das duas vilas segundo os jovens	322
5.11 Dilema dos jovens: permanecer ou sair	323
5.12 Ações para estimular os jovens a participar na sustentabilidade da RESEX	331
5.13 Projeção sobre a comunidade para 20 anos segundo os jovens das duas vilas	335
CONSIDERAÇÕES FINAIS	339
REFERÊNCIAS	345
APÊNDICES E ANEXOS	351

INTRODUÇÃO

A motivação para este estudo iniciou com minha inserção, em fevereiro de 2013, no projeto “A construção da participação na institucionalização de unidades de conservação no estado do Pará”, coordenado pela Profa. Dra. Maria Cristina Maneschy, financiado pelo CNPq, cujo objetivo foi “[...] examinar como se constrói a participação de moradores e usuários no processo social de gestão compartilhada da Reserva Extrativista Marinha de Caeté-Taperaçu, no município de Bragança, Pará”.

A partir de então, tive contato com relatórios da pesquisa, dados coletados sobre a Reserva Extrativista (RESEX), em estudo, dissertações, teses, artigos, vídeos, entre outros, e, documentos que constituem a base legal da institucionalização de Reservas Extrativistas no país. Essa pesquisa apontou que “[...] segundo as orientações governamentais, [a RESEX] deve operar com base em regime de gestão compartilhada entre um conjunto de atores sociais a nível local, municipal e federal” (MANESCHY et al., 2012, p. 14). No conjunto de moradores e usuários da RESEX encontram-se também jovens que, na perspectiva da participação e cogestão, como dispõe a Lei nº 9.985 (BRASIL, 2000), são atores importantes no processo de assegurar a reprodução material e social da área preservada. Segundo essa lei, a conservação da natureza implica em uma visão ampliada de preservação e proteção integral de modo a garantir sua sustentabilidade com:

[...] o manejo do uso humano da natureza, compreendendo a preservação, a manutenção, a utilização sustentável, a restauração e a recuperação do ambiente natural, para que possa produzir o maior benefício, em bases sustentáveis, às atuais gerações, mantendo seu potencial de satisfazer as necessidades e aspirações das gerações futuras, e garantindo a sobrevivência dos seres vivos em geral (Lei 9.985, art. 2º).

No que concerne às atuais gerações e aspirações das gerações futuras, como dispõe a lei, a pesquisa em referência identificou, entre outras situações, a incipiente participação de jovens no processo de gestão compartilhada da RESEX, conforme consta em relatório:

A presença de cientistas sociais no acompanhamento de experiências dessa natureza é necessária, por sua metodologia que focaliza especialmente a diversidade social, notadamente levando em conta desigualdades socioculturais, inclusive de gênero e de classe social, que incidem na participação; merece atenção a reduzida presença de jovens nas discussões e deliberações (MANESCHY et al., 2012, p. 14).

Em documentário realizado ainda por essa pesquisa, a mãe de um jovem expressa o desejo de projeção profissional para o filho fora da RESEX, considerando as atividades realizadas pelos adultos - pesca e coleta do caranguejo - como muito árduas e sem perspectivas de desenvolvimento profissional para o filho. Ela diz:

Eu tenho um filho com dezenove anos [...] ele tá no último ano do ensino médio. Ele quer fazer um cursinho para o ano pra fazer o vestibular, pra ver se arruma um serviço [...] Pra ele ter um futuro, não como o pai dele teve, nem do irmão dele” (M. J. M., Mulheres do Manguê, 2013, min 43:42).

No mesmo documentário, uma mãe catadora de caranguejo avalia a sua vida de muito trabalho e nenhuma escolarização e deseja que seus filhos tomem caminhos diferentes do seu. Ela se expressa:

[...] pensando nos meus filhos estudarem muito pra aprender, tiverem uma vida melhor, mais de que eu, porque eu num sei lê, eu estudei pouco num aprendi [...] um dia eles terem uma vida melhor de que a minha (S. S., Mulheres do Manguê, 2013, min. 38:50).

As duas falas acima expõem um fenômeno pertinente à sustentabilidade na RESEX a partir da perspectiva de participação dos jovens. Assim, formulou-se o problema central desta tese, qual seja: – se a RESEX é uma política pública instituída na perspectiva de sustentabilidade socioambiental do território, como garantir essa sustentabilidade se há incipiente participação dos jovens na cogestão da RESEX Marinha de Caeté-Taperaçu? Por que há essa incipiente participação?

Para responder a esse problema a pesquisa tem como objetivo geral: – Investigar a participação de jovens na gestão compartilhada da Reserva Extrativista Marinha Caeté-Taperaçu, no município de Bragança, no estado do Pará. E, como objetivos específicos: 1) Verificar como está sendo construída a formação desses jovens como atores sociais, no processo de cogestão da RESEX; 2) Identificar processos de socialização para a participação social, em especial, em ações organizativas na escola, na igreja, na vizinhança, em ações cooperativadas, bem como a disposição para capacitação nos conhecimentos relativos à dinâmica da RESEX e à manutenção das tradições de suas comunidades em processos de corresponsabilidade nas ações do território; 3) Caracterizar as atividades que ordenam o cotidiano desses jovens: econômicas, educacionais, profissionais, sociabilidades, identidade em relação ao território, relações sociais na confluência do rural com o urbano e projetos de vida se, dentro ou se fora da RESEX; 4) Identificar relação social¹ que esses jovens têm com a RESEX e a RESEX com esses jovens; 5) Caracterizar em que medida ocorre a participação dos jovens nas instâncias da cogestão: comitês, associação, conselho deliberativo; 6) Identificar que ações os jovens propõem para a sustentabilidade de suas comunidades.

As hipóteses de investigação neste estudo para a incipiente participação dos jovens

¹ No sentido que vai desde o conhecimento dos jovens sobre a RESEX até o significado que essa política representa para os jovens instituindo ou não um comportamento compartilhado e estruturado para a ação coletiva.

são: 1) A institucionalização do território em RESEX é um processo que, mesmo baseado em demanda da comunidade, inaugura um aparato institucional diverso da gestão tradicional do território, sem a necessária formação dos jovens para participação na cogestão; 2) Existe desencontro entre a política de institucionalização do território em RESEX e o modo de vida (socialização, sociabilidade, projeto de vida) dos jovens que habitam a RESEX.

No que concerne ao interesse acadêmico pelo tema, os estudos sobre Reservas Extrativistas são recentes na medida em que esse fenômeno social surgiu em 2000, no Brasil, com a criação do Sistema Nacional de Unidades de Conservação da Natureza (SNUC), aprovado pela Lei nº 9.985/2000 e, conseqüentemente, a criação das primeiras Reservas. A partir de então surgem os estudos sobre Reservas Extrativistas em âmbito local, regional e nacional. Contudo, sobre a participação de jovens na cogestão de Reservas Extrativistas a produção acadêmica parece estar ainda em construção. Visando dimensionar essa produção foram consultadas quatro bases científicas: a) SciELO - *A Scientific Electronic Library Online*; b) Periódicos CAPES; c) Base local da Universidade Federal do Pará – UFPA; d) *Web of Science*. As chaves de busca foram: Reserva Extrativista, Reserva Extrativista Marinha, Reserva Extrativista Marinha de Caeté-Taperaçu, Juventude, Juventude Rural, Juventude e participação em Reservas Extrativistas, Jovem, Jovens em Reservas Extrativistas, Juventude, Amazônia. Ressalta-se que é possível haver subnotificação neste levantamento, uma vez que podem ocorrer situações em que o cadastro da referência bibliográfica na base não contemple as chaves de busca, embora abordem os temas. Este levantamento foi realizado em outubro de 2015.

Sobre Reserva Extrativista Marinha o interesse pelo tema data de 2007 com um estudo sobre a Reserva Extrativista Marinha de Ponta de Corumbau (BA) que trata da equidade de gênero. Uma das conclusões desse estudo aproxima-se do problema que esta tese examina, ou seja, o desejo dos pais de que seus filhos não se limitem à atividade da pesca na RESEX, conforme afirma Di Ciommo (2007): “Os moradores entrevistados manifestaram desejo de que seus filhos não prossigam na atividade de pesca artesanal, pois o turismo aparenta oferecer maiores benefícios com uma rotina de trabalho menos desgastante”. Além desse trabalho pioneiro, mais 70 (setenta) títulos foram encontrados nas bases SciELO, CAPES e UFPA, entre teses, artigos e dissertações, em 4 (quatro) estados brasileiros (Pará, Bahia, Rio de Janeiro e Santa Catarina) mostrando crescente produção acadêmica sobre o tema.

Com a chave Reserva Extrativista o levantamento encontrou oito títulos, todos em 2010, na base SciELO, mostrando que a produção acadêmica é maior quando se acessa a chave Reserva Extrativista Marinha.

Sobre a Reserva Extrativista Marinha de Caeté-Taperaçu, objeto de estudo desta tese, foram encontrados 24 (vinte e quatro) títulos nas bases SciELO e UFPA entre teses, dissertações, artigos publicados em revistas, boletins e anais de eventos nacionais e internacionais, datando de 2010 a 2015.

Quanto à categoria Juventude, a produção acadêmica é alta em relação às três primeiras. São 2.370 (dois mil, trezentos e setenta) títulos identificados nas bases SciELO, CAPES e UFPA entre livros, teses, dissertações, monografias, artigos e outras formas de produção acadêmica. Esses títulos apresentam-se em três línguas: português, inglês e espanhol e versam sobre uma multiplicidade de temas, dentre os quais: discussão da categoria, participação, política, projetos de vida, educação, trabalho, violência, cultura, gênero, religião, sociabilidade, consumo, inclusão social, quilombolas, indígenas e metodologias.

Com a chave Juventude rural foram encontrados 64 (sessenta e quatro) títulos nas bases SciELO e UFPA, com destaque para sete trabalhos sobre Juventude na Amazônia na base UFPA. Esses títulos destacam aspectos da juventude rural como: geração, políticas sociais, participação política, projetos de vida, entre outros não especificados.

Sobre Juventude e Participação em Reserva Extrativista foram encontrados dois artigos na base CAPES, ambos no estado do Pará: a) Governança em saúde e ambiente para o desenvolvimento sustentável, que discute os desafios da Rio +20, notadamente no campo da saúde; b) Amazônia: a urgência e necessidade da construção de políticas e práticas educacionais inter/multiculturais.

Com a chave Jovens em Reservas Extrativistas encontrou-se uma referência denominada: Uso e conservação dos remanescentes de mangabeira por populações extrativistas em Barra dos Coqueiros, estado de Sergipe.

Complementando o levantamento, foi realizada a busca na base *Web of Science*, em maio de 2016. Visando identificar o movimento do interesse pelo tema, limitou-se a coleta em uma série de três décadas – de 1986 a 2015. A maior parte das publicações, 90%, é composta de artigos registrados como: *Article*. E, com 10% outras formas, como: *Proceedings Paper* (6%); *Meeting Abstract* (3%); *Review* (1%).

Com a chave *Extractive Reserve*, no período de 30 anos, de 1986 a 2015, foram encontrados 64 (sessenta e quatro) títulos, envolvendo diversas áreas incluindo Ecologia e Sociologia. O Brasil predomina na publicação desse tema com 72%. A prevalência do Brasil na publicação desse tema é reforçada por Maneschy ao se referir sobre a produção de conhecimento científico sobre manguezais – ecossistema da RESEX - justamente nesse período. Ela afirma:

No Brasil, sobretudo a partir das duas últimas décadas, cresce a busca de conhecimentos científicos sobre os manguezais, o que deu origem aos importantes centros de estudos e linhas de pesquisa sobre suas diversas dimensões, em diferentes pontos do país, bem como à realização de grandes eventos acadêmicos relacionados direta ou indiretamente a esse ecossistema [...] é uma tendência internacional e o Brasil, com suas extensas áreas de manguezal, segue de perto essa tendência (MANESCHY, 2003, p. 140).

Predominam as publicações em língua inglesa, 84% e, na língua portuguesa 16%. O interesse pelo tema surgiu com 8% de produção na década de 1986 a 1995, passando para 17% na década seguinte, de 1996 a 2005 e, saltou para 75% na década mais recente 2006 a 2015, período em que houve a criação de maior número de Reservas Extrativistas no Brasil.

A categoria Juventude, usando a chave *Youth* na área de *Sociology* aglutinou, nesses 30 anos, 3.999 (três mil, novecentos e noventa e nove) títulos. Os Estados Unidos lideram com maior volume de publicação com 48%, seguido pela Inglaterra com 9%, Canadá com 6%, Austrália com 4%, Rússia com 3%, Alemanha com 2%. Diversos países apresentam um volume de publicação sobre juventude com menos de 2%, dentre os quais o Brasil, com 0,2%. A difusão científica sobre juventude se faz, quase que totalmente, na língua inglesa, 86%. Há, portanto, um abismo entre o idioma inglês e as demais línguas na publicação sobre juventude, incluindo a língua portuguesa que aparece com 0,1%. O interesse pelo tema ocorreu em um movimento ascendente com 14% na década de 1986 a 1995, 27% na década de 1996 a 2005 e cresce para 59% na década de 2006 a 2015.

Delimitando o assunto do levantamento usando a chave *Rural Youth* e, refinando pela área *Sociology* foram encontrados 383 (trezentos e oitenta e três) títulos. Os Estados Unidos da América novamente aparecem como o país com maior número de publicações, com 50%, demarcando uma diferença de 41,78% para o segundo país, a Austrália, com 8,35%. Abaixo dessa proporção encontram-se vários países da Europa, América do Norte, Ásia e África. A América Latina e América Central apresentam-se apenas com dois países, com menos de 1%: o Brasil e o México, ambos com 0,5%. As publicações na *Web of Science* sobre juventude rural são, majoritariamente, na língua inglesa, com 93%. A língua portuguesa aparece com 0,3%. O interesse pelo tema era quase inexistente na década de 1986 a 1995, concentrando apenas 7%, com crescimento para a década seguinte - 1996 a 2005, atingindo 23% e um salto para 70% na década de 2006 a 2015 no número de publicações.

Para a categoria Jovem usando a chave *Young*, refinando pela área *Sociology*, foram encontrados 5.345 (cinco mil, trezentos e quarenta e cinco) títulos. Isso significa que no mesmo período se publicou mais sobre jovem do que sobre juventude (3.999 títulos). Os Estados Unidos da América concentram também a maior parte das publicações, com 39% dos

títulos. Contudo, a Inglaterra se aproxima com 14,% da produção sobre jovem. Os demais países aparecem com proporção de 5% e menos. O Brasil aparece com 0,3% da produção sobre jovem. Os títulos são apresentados em sua maior parte em inglês, com 87%. Com 0,2% aparece o idioma português. O interesse pelo tema também ocorreu em um movimento ascendente, 14% na primeira década, de 1986 a 1995, 27% na década seguinte – 1996 a 2005 e, um crescimento maior na última década – 2006 a 2015 que somou mais da metade do total de publicações nas três décadas, 59%.

As publicações sobre Juventude rural com a chave *Rural Young* somaram 119 (cento e dezenove) títulos. Novamente os Estados Unidos da América predominaram com 38% das publicações, seguido pela República Popular da China, com 22%. Em terceiro lugar a Austrália com 18%, em quarto a Inglaterra com 11% e, em quinto a Índia com 5%. Abaixo desse percentual aparecem vários países, dentre os quais, o Brasil, com 0,8%. Quase a totalidade das publicações, 92%, encontra-se na língua inglesa. O idioma português aparece com 0,8%. O interesse pelo tema era quase inexistente na década de 1986 a 1995, apenas 1%, cresceu para 16% na década seguinte -1996 a 2005, elevou-se para 83% na década mais recente – 2006 a 2015 apresentando um movimento ascendente na publicação sobre jovem.

Com as chaves *Extractive Reserve Young*; *Extractive Reserve Youth* e *Extractive Reserve Young Participation* não foi encontrada nenhuma publicação.

A pesquisa bibliográfica nesta base é útil para se ter um indicativo de como a divulgação de trabalhos científicos concentra-se em países como os Estados Unidos e em língua inglesa. Mostra também o movimento ascendente das produções, indicando que o tema estudado é relevante para a academia. De um modo geral, esse breve levantamento bibliográfico permite situar o tema desta tese na produção acadêmica com destaque para a particularidade de se investigar a participação de jovens em uma Reserva Extrativista, indicando também a necessidade de estudos posteriores para dar maior embasamento a essa nova forma de engajar o jovem na defesa de seu território em áreas rurais. Segundo Elisa Guaraná de Castro (2009, p. 40, 41), a categoria juventude rural carece de mais investimento em estudos e pesquisas:

[...] há uma extensa produção bibliográfica, principalmente no que concerne a universos urbanos e, em alguns casos, referindo-se a uma sociologia da juventude. Alguns textos remontam ao início do século XX, havendo certa regularidade de produção, sendo as décadas de 1960, 1980 e 1990 momentos de pico. No Brasil, pode-se falar em um campo temático sobre juventude que se torna mais evidente a partir dos anos 1990, e que reproduz o debate mais amplo nas Ciências Sociais. Mas no que concerne à ‘juventude rural’, a produção é bem menor.

Ainda para essa autora, o trabalho de Nilson Weisheimer (2005) se reveste de importância para os estudiosos da juventude rural. Weisheimer realizou um levantamento da produção bibliográfica sobre o tema juventude rural no Brasil e conclui que:

[...] a migração e a invisibilidade são os dois fatores mais presentes nos estudos. O levantamento reforçou, ainda, a pouca produção acadêmica do tema no país: menos de quatro trabalhos por ano no período analisado, sendo que 86% dos trabalhos se concentram entre 2001 e 2004. Weisheimer ressalta que esse súbito aumento de produção poderia apontar a consolidação de um campo (CASTRO, 2009, p. 45).

Castro (2009, p. 57, 58) afirma que:

A dimensão da participação política dos jovens rurais não tem sido um tema recorrente nos estudos, especialmente se comparados à questão da educação no campo, ou reprodução social e migração. Apesar de o tema não ser valorizado na produção sobre juventude rural, pode ser encontrado em estudos sobre jovens em assentamentos rurais de reforma agrária. Alguns trabalhos, ao problematizar o lugar da juventude no contexto dos assentamentos rurais, identificam os jovens como agentes cruciais para a reprodução social do campo e para a continuidade dos assentamentos rurais e das identidades sociais vinculadas.

Por fim, compreende-se que o estudo sobre participação de jovens na cogestão de uma Reserva Extrativista ainda é um tema que requer da academia maior destaque na medida em que não foi encontrada nenhuma referência nas bases consultadas.

No que se refere à metodologia, os sujeitos centrais desta pesquisa são os jovens moradores e usuários da Reserva Extrativista Marinha de Caeté-Taperaçu, em Bragança, Pará. Como unidade de análise, escolheram-se jovens habitantes de duas vilas dentre as agropesqueiras e pesqueiras. A primeira, situada mais ao sul da RESEX e mais próxima à sede do município é Vila Que Era, localizada às margens do rio Caeté e, a segunda situa-se no extremo norte da RESEX, denominada de Vila do Bonifácio, localizada às margens do oceano Atlântico, caracterizada pela vida praiana, com feição pesqueira marinha. A escolha dessas duas vilas, entre as 68² (sessenta e oito) existentes na RESEX (ABDALA et al., 2012, p. 5), ocorreu em razão de estudo anterior que identificou “[...] diferenças das comunidades do interior e do entorno da Reserva, desde as mais tipicamente pesqueiras, ao norte, até as agropesqueiras, mais ao sul. Além das diferenças de meios de vida, foram levantadas evidências das diferentes ligações que mantêm com o território” (MANESCHY, 2012, p. 10).

Em relação à delimitação da categoria jovem, parte-se de uma referência normativa - o Estatuto da Juventude e o Estatuto da Criança e do Adolescente que definem,

² Há divergência no mesmo documento sobre o número de comunidades, também apresentando 57 comunidades.

respectivamente, o jovem aquela pessoa entre 15 a 29³ anos e adolescente a pessoa entre 12 e 17 anos. A opção pelo recorte etário é uma estratégia de demarcar o foco do estudo, o que não significa que ser jovem se limite às fronteiras etárias, conforme afirma Bourdieu “[...] somos sempre o jovem ou o velho de alguém [...] juventude e velhice não são dados, mas construídos socialmente” (BOURDIEU, 1983, 113). Contudo, para efeito de análise, é importante estabelecer parâmetros mensuráveis, assim, a amostra incluiu os jovens na faixa etária de 18 a 29 anos, pelas características sociológicas e marcos conceituais que essa faixa de idade apresentam, dentre os quais, destacam-se: 1) Evita-se a sobreposição das categorias adolescente e jovem; 2) Pessoas nessa faixa etária deveriam ter concluído as etapas da educação básica que culmina com o ensino médio⁴ aos 17 anos; 3) Com 18 anos o jovem deveria estar preparado para ingressar no mercado de trabalho, ter acesso ao primeiro emprego, estágios e programas como o Programa Jovem Aprendiz⁵; 4) 18 anos é um marco conceitual para a maioridade penal; 5) Com 18 anos o jovem é obrigado a votar, aos 16 o voto é facultativo; 6) Com 18 anos o jovem pode participar do Conselho Deliberativo da RESEX, com direito a voz e voto, assim como das associações e comitês da RESEX.

Além desses fatores, a faixa etária definida possibilita realizar correlações de dados mensuráveis a partir das pesquisas censitárias do IBGE que recortam a faixa etária de 15 a 29 anos, caracterizada como jovem pelo Estatuto da Juventude. Então, é possível visualizar um panorama demográfico da representação dos jovens nas populações totais, com a ressalva de que os dados do IBGE são de 2010, portanto servem menos para comparar e mais para orientar a reflexão.

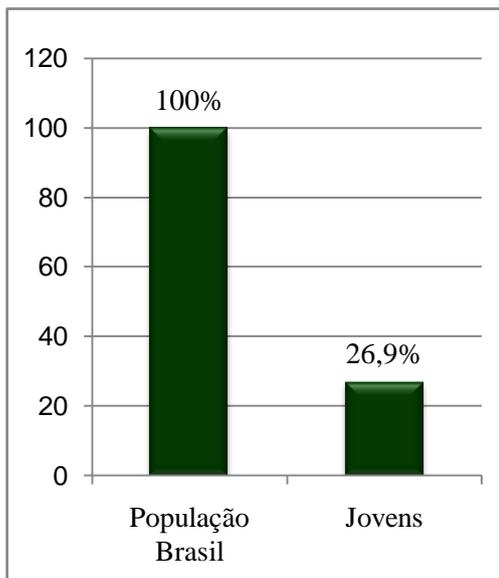
Assim, os jovens (15 a 29 anos) representam 26,9% da população total do Brasil, ou seja, 51.340.478 pessoas em um universo de 190.755.799 habitantes. Na região Norte, com uma população de 15.864.454 habitantes, o percentual de jovens sobe para 29,5%, correspondendo 4.675.536 jovens (Gráficos 1 e 2).

³ Conforme o Estatuto da Juventude (Lei nº12.852/2013) jovem é a pessoa com idade entre 15 e 29 anos.

⁴ Art. 32. O ensino fundamental obrigatório, com duração de 9 (nove) anos, gratuito na escola pública, iniciando-se aos 6 (seis) anos de idade, terá por objetivo a formação básica do cidadão” e “Art. 35. O ensino médio, etapa final da educação básica, com duração mínima de três anos”. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L9394.htm. Acesso em: 21 jan. 2015.

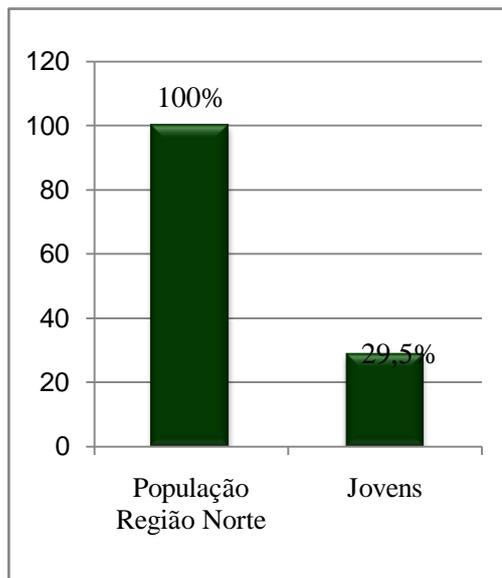
⁵ Programa Jovem Aprendiz - Os jovens aprendizes realizam atividades voltadas ao Programa Microcrédito Produtivo Orientado. Os pré-requisitos são: jovem entre 18 e 22 anos incompletos; renda familiar de até 50% do salário mínimo per capita; estar cursando no mínimo o primeiro ano do ensino médio. Disponível em: http://www14.caixa.gov.br/portal/acaixa/home/trabalhe_caixa/aprendizagem/ Acesso em: 21 jan. 2015.

Gráfico 1 – Jovens (15 a 29 anos) na população do Brasil



Fonte: IBGE (2010)

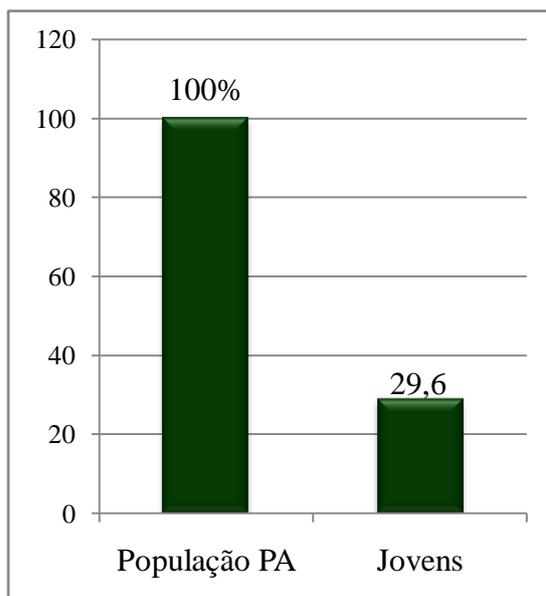
Gráfico 2– Jovens (15 a 29 anos) na população da região Norte



Fonte: IBGE (2010)

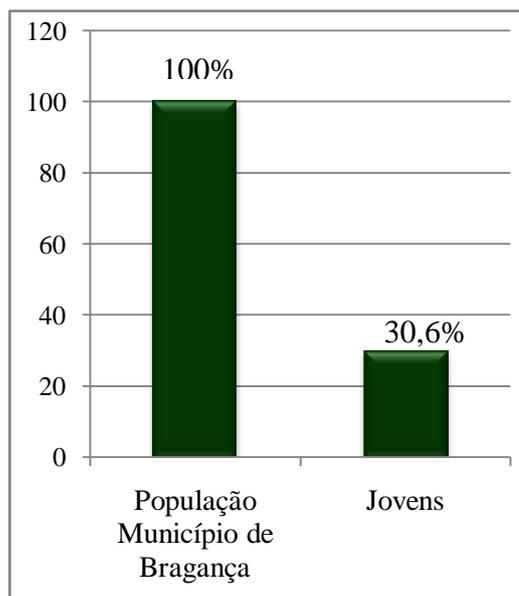
No estado do Pará, com uma população de 7.581.051 habitantes, a proporção de jovens (15 a 29 anos) aumenta um pouco mais e, representa 29,6%, ou seja, 2.243.649 pessoas (Gráfico 3) e, no município de Bragança, o percentual de jovens é maior ainda, 30,6%, (Gráfico 4), correspondendo a 34.257 pessoas, em uma população municipal de 113.227 habitantes (IBGE, 2010).

Gráfico 3 – Jovens (15 a 29 anos) na população do Pará



Fonte: IBGE (2010)

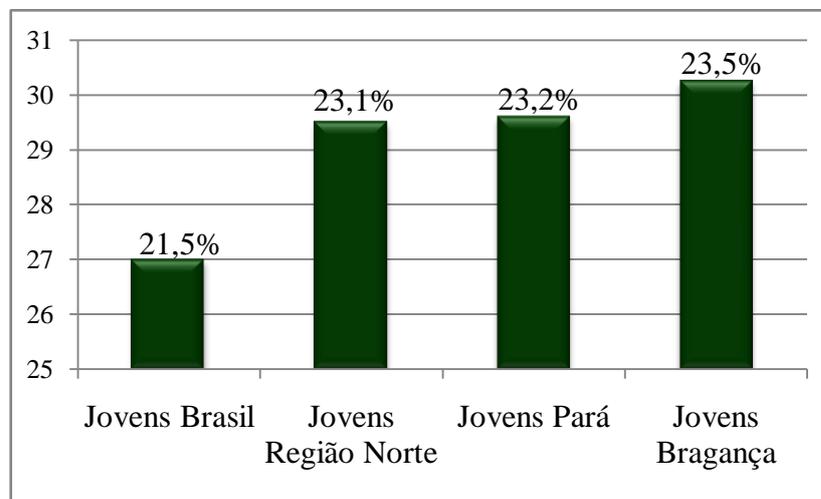
Gráfico 4 – Jovens (15 a 29 anos) na população de Bragança



Fonte: IBGE (2010)

Considerando o recorte para este estudo da população de jovens na faixa de 18 a 29 anos, essa proporção, segundo dados da mesma fonte, segue dinâmica semelhante: a proporção de jovens em relação à população do país é de 21,5%, em relação à região Norte, é de 23,1%, em relação ao estado do Pará é de 23,2%, e, em relação ao município de Bragança é de 23,5%. Mantém-se um movimento ascendente da proporção de jovens na medida em que se vai da população do país para a do município (Gráfico 5).

Gráfico 5 – Movimento ascendente da população de jovens (18 a 29 anos) do país para o município



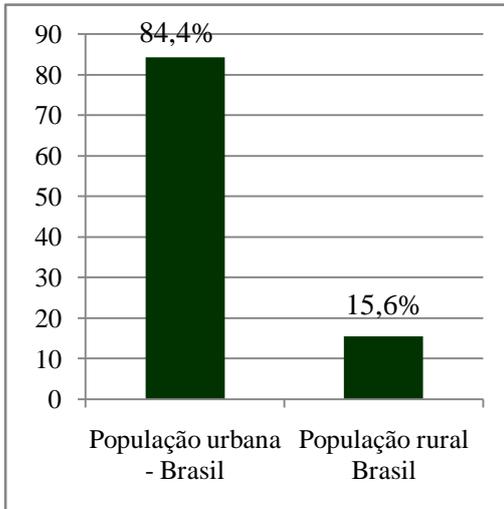
Fonte: IBGE (2010)

O Brasil tem uma população urbana de 160.925.792 habitantes, correspondendo a 84,4% em contraste com a população rural com 29.830.007 pessoas, representando apenas 15,6% (Gráfico 6).

Segundo Loureiro (2014, p. 28): “Em 1950, apenas 31,5% da população da região Norte vivia nos centros urbanos [...] Em 1960 já se elevava para 37,7% o percentual da população urbana em relação ao total e 21,8% já moravam nas cidades com 20 mil habitantes”.

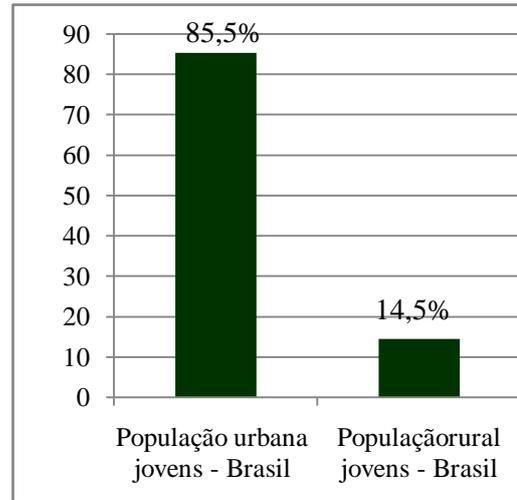
Na correlação do rural com o urbano essa diferença é ligeiramente maior (1,1%) entre os jovens na faixa de 18 a 29 anos que totalizam 40.982.604 pessoas, das quais 35.024.909 vivem na área urbana, representando 85,5% em oposição à população rural com 5.957.695 jovens, representando 14,5% (Gráfico 7).

Gráfico 6 – População urbana e rural do Brasil



Fonte: IBGE (2010)

Gráfico 7 – População jovens (18 a 29 anos) urbana e rural do Brasil



Fonte: IBGE (2010)

E, dentre a população rural no Brasil os jovens representam 20%. Segundo Castro (2009), essa representação numérica pode ser um fator que contribui para a invisibilidade da juventude rural.

No município de Bragança os jovens de 18 a 29 anos somam 26.617 pessoas e representam 23,5% da população total do município, que é de 113.227 habitantes (IBGE, 2010). Considerando apenas os jovens da área rural nessa faixa etária, esse número cai para 8.939 jovens, representando 33,6% da população em contraste com a população urbana de jovens nessa faixa etária do município que é de 17.678 pessoas, correspondendo a 66,4% do total. Ainda que numericamente superior, a proporção da população urbana de jovens entre 18 a 29 anos no município de Bragança cai para 66,4%, ou seja, uma variação de 19,1%. Esse dado mostra que a população rural na esfera municipal é maior que na esfera nacional.

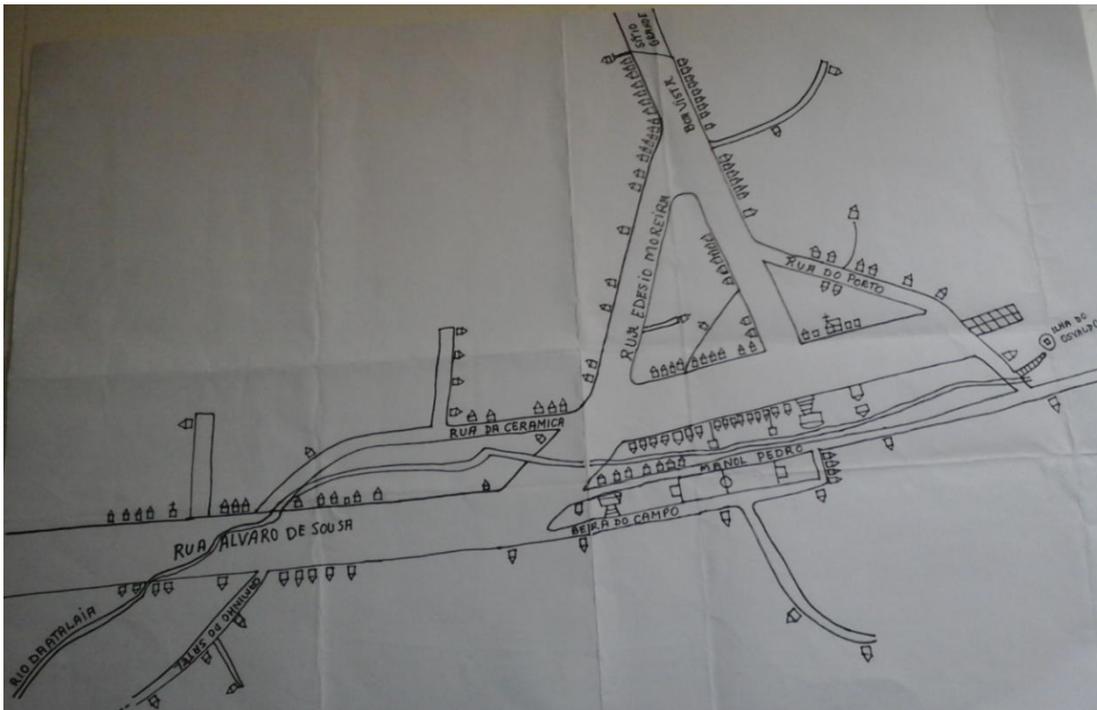
Quanto à população de jovens da RESEX, não foi possível encontrar indicadores precisos do total. Em razão disso, foi realizada a contagem dos jovens das duas áreas escolhidas – Vila Que Era e Vila do Bonifácio, a partir da elaboração do mapa com a identificação das habitações. Nesta primeira etapa da pesquisa de campo foram visitadas todas as casas para identificar a presença de jovens. Nesse primeiro levantamento foram coletadas oito variáveis: nome, sexo, idade, data do nascimento, endereço, situação escolar: se estuda ou não, série cursada ou em curso, nome da escola (Apêndice 1).

Na Vila Que Era esse levantamento foi realizado em uma viagem de campo, de 9 a 11 de março de 2015. Iniciando com uma visita ao escritório do ICMBio, em Bragança, para apresentação do documento de Autorização para Atividades com Finalidade Científica do

Sistema de Autorização e Informação em Biodiversidade (SISBIO), sob o número 48.110-1, de 13.04.2015 (Anexo 1).

Uma vez realizado o levantamento, os dados foram digitados em uma lista com o nome e endereço dos jovens e sua respectiva localização em um *croquis*, desenhado pelo Agente Comunitário de Saúde de Vila Que Era, Sr. Antonio Maria Aviz, conforme a Figura 1.

Figura 1 – Croquis da Vila Que Era



Fonte: Elaborado pelo Agente Comunitário Sr. Antonio Maria Aviz (mar. 2015)

Foram visitadas 117 (cento e dezessete) moradias e identificados 58 (cinquenta e oito) jovens na faixa etária de 18 a 29 anos de ambos os sexos. Desse total foi retirada a amostra correspondendo a 40%, levando-se em conta duas variáveis, idade e sexo visando manter a proporcionalidade do universo. Assim, a amostra ficou composta por 23 (vinte e três) jovens, treze do sexo feminino e dez do sexo masculino. Quanto à idade foi aplicada também a proporção de 40% para cada faixa etária, assim a amostra foi composta por nove jovens na faixa dos 18 a 20 anos, cinco na faixa de 21 a 23 anos, quatro na faixa de 24 a 26 anos e cinco na faixa de 27 a 29 anos.

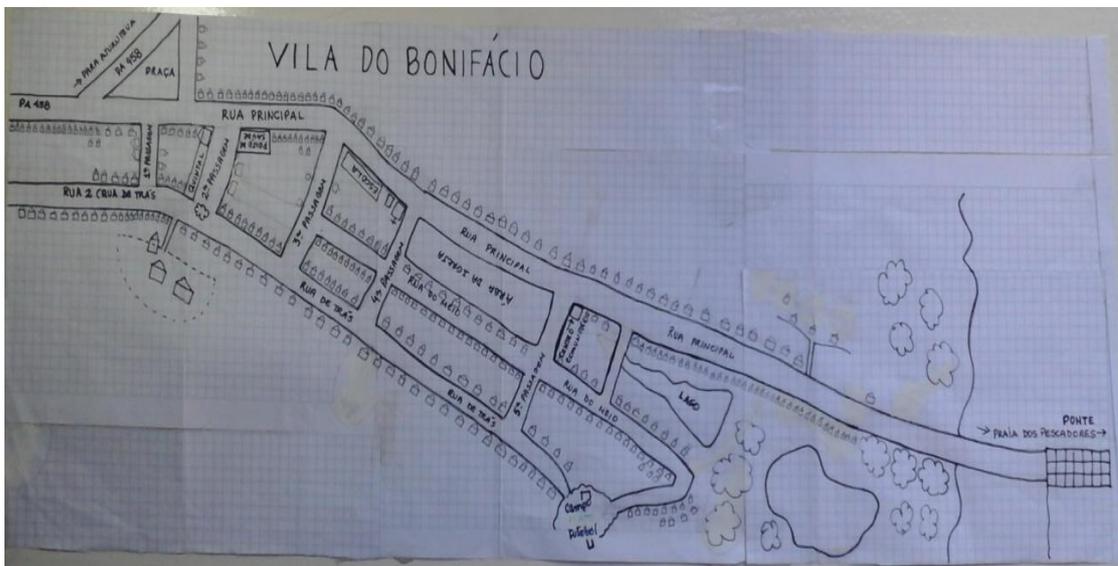
Na Vila do Bonifácio a contagem dos jovens foi realizada em três viagens. A primeira no dia 27 de março⁶, a segunda nos dias 16 a 18 de abril e, a terceira nos dias 29 a 30 de abril com a conclusão da contagem do número de jovens. Foram visitadas 345 (trezentos e quarenta

⁶ Com apoio do aluno Hudson Leonardo Silva Ribeiro, do curso de Pedagogia do Campus da UFPA, em Bragança.

e cinco) moradias dentre as quais se identificou 147 (cento e quarenta e sete) jovens na faixa etária de 18 a 29 anos, de ambos os sexos.

Para melhor visualizar a vila foi elaborado, pela autora, um *croquis*, visando facilitar a coleta dos dados, considerando que as ruas não são sinalizadas e as habitações não tem numeração. Dessa maneira, elaborou-se uma lista das habitações e equipamentos sociais com numeração e localização espacial em instrumento próprio. Esse procedimento facilitou sobremaneira o deslocamento na área (Figura 2).

Figura 2 – Croquis da Vila do Bonifácio



Fonte: Elaborado pela autora (abr. 2015)

Após a contagem, os dados foram digitados no programa Excel. Do total de 147 (cento e quarenta e sete) jovens, foi retirada a amostra de 40%, levando-se em conta essa proporcionalidade em duas variáveis: sexo e idade. Assim, compõem a amostra 57 (cinquenta e sete) jovens – 29 (vinte e nove) do sexo masculino e 28 (vinte e oito) do feminino. Quanto à idade, 19 (dezenove) encontram-se na faixa de 18 a 20 anos, 13 (treze) na faixa de 21 a 23 anos, 13 (treze) entre 24 e 26 anos e 12 (doze) entre 27 e 29 anos. Realizou-se o cruzamento dessas duas variáveis para contemplar as proporcionalidades e com isso garantir representação do universo pesquisado.

Esta primeira fase de levantamento de dados de campo resultou em três produtos das duas áreas de estudo: a) O perfil com sete variáveis; b) A contagem população de jovens na faixa etária da pesquisa, 58 (cinquenta e oito) jovens na Vila Que Era e 147 (cento e quarenta e sete) jovens na Vila do Bonifácio; c) Elaboração de *croquis* da Vila com a localização das habitações, equipamentos sociais, igrejas, escolas, centro comunitário, posto de saúde, praças,

rios e praias.

Os dados foram digitados no programa Excel e constam na caracterização dos jovens das duas vilas apresentado no Capítulo 3.

Para cotejar os dados obtidos no levantamento, procuraram-se informações nos cadastros do ICMBio, em documentos da Igreja Matriz de Bragança, com as lideranças comunitárias, no cadastro do posto de saúde e buscas no setor censitário do IBGE.

A segunda etapa da pesquisa de campo ocorreu com a realização de entrevistas dos jovens que constaram na amostra nas duas vilas pesquisadas. Na Vila Que Era as entrevistas foram realizadas no período de 20 a 22 de maio de 2015, havendo substituição de jovens constantes da amostra que não se encontravam morando na comunidade. Três jovens foram entrevistados em seu local de trabalho na sede do município, Bragança e arredores. Na Vila do Bonifácio, as entrevistas foram realizadas no período de 5 a 10 de agosto de 2015, havendo a mesma situação – jovens que constavam na amostra e migraram da Vila ou estavam trabalhando na pesca em local distante. Esses jovens foram substituídos sem prejuízo para a qualidade da amostra.

A entrevista com jovens atende algumas particularidades e precisa ser constituída em uma relação de pesquisa essencialmente interativa. Segundo Bourdieu (2012):

Eu creio que não há maneira mais real e mais realista de explorar a relação de comunicação na sua generalidade que a de se ater aos problemas inseparavelmente práticos e teóricos, o que decorre do caso particular de interação entre o pesquisador e aquele ou aquela que ele interroga [...] (p. 693).

De fato, essa relação eminentemente social enfatizada por Bourdieu (2012) ocorreu no momento da abordagem, do encontro, do estar “entre vistas”. A decisão de falar de si, se expor ao pesquisador pode desencadear inúmeras reações: resistência, medo, já que, ainda segundo Bourdieu, nessa relação se institui um *mercado de bens linguísticos e simbólicos*. Nesse mercado, quase sempre o pesquisador ocupa uma posição hierarquizada superior. Daí, Bourdieu sugere ações para minimizar os efeitos dessa violência simbólica inerentes à entrevista:

Tentar conhecer os efeitos que se podem produzir sem o saber por esta espécie de intrusão sempre um pouco arbitrária que está no princípio da troca (especialmente pela maneira de apresentar a pesquisa, pelos estímulos dados ou recusados etc.) é tentar esclarecer o sentido que o pesquisado se faz da situação, da pesquisa em geral, da relação particular na qual ela se estabelece, dos fins que ela busca e explicar as razões que o levam a aceitar de participar da troca. É efetivamente sob a condição de medir a amplitude e a natureza da distância entre a finalidade da pesquisa tal como é percebida e

interpretada pelo pesquisado e a finalidade que o pesquisador tem em mente [...] (BOURDIEU, 2012, p. 695).

Nessa perspectiva, parte dos jovens demonstraram, inicialmente, dificuldade para responder, mantendo a cabeça baixa, o que exigiu estímulo para o envolvimento na conversa, buscando-se o diálogo concêntrico, que parte de assuntos mais simples (borda) para os mais complexos (centro). A utilização dessa técnica funcionou em 97% dos casos. Respostas afirmativas foram dadas com expressões: “Humrum”, “Ahamm”, “Isso”; e, negativas com: “Sei lá”, “Pode ser”, “Não sei responder”. O silêncio demorado após uma pergunta foi considerado “Não respondeu”. E, quando a pergunta não foi elaborada ou a resposta invalidada considerou-se “Sem informação”. Ainda como parte do diálogo, as pausas, quando ocorreram, foram consideradas como elemento integrante do contexto, assim como as expressões gestuais, a linguagem do corpo. E, por fim, destaca-se a fala do jovem típica do lugar onde vivem. Diferentemente do modo de falar na capital do estado, os jovens das duas Vilas falam o “s” sem o chiado. A fala dos jovens é também constituída de expressões típicas, denotando a identidade cultural presente no modo de falar, como: “divertição”, “sobrevivição”, “buiado”, “a modo que”, dentre outras. Paradoxalmente, usam expressões típicas dos jovens do meio mais urbanizado como: “tipo assim”, “galera”, “zuera”, dentre outras.

Ainda sobre o momento da entrevista, Bourdieu (2012) explica que existem pessoas que encaram a entrevista como uma possibilidade de “[...] testemunhar, se fazer ouvir, levar sua experiência da esfera privada para a esfera pública; uma ocasião também de se explicar, no sentido mais completo do termo, isto é, de construir seu próprio ponto de vista sobre eles mesmos e sobre o mundo [...]” (p. 704). Com efeito, muitos jovens mostraram-se receptivos e falantes, ávidos por contar suas experiências e serem ouvidos. Encontrou-se também, um ambiente em que, não somente o jovem se expressou, mas os que estavam em seu entorno durante a entrevista. A curiosidade da família, dos amigos e vizinhos mobilizava um pequeno grupo em volta da entrevista que, por vezes, participaram, dando opinião, complementando a fala do entrevistado, rindo e, cessada a curiosidade dispersando-se ou, por vezes, acompanhando até o final. Esse fenômeno não se mostra estranho em uma comunidade do meio rural amazônico que detém ampla sociabilidade revelando a forte presença dos grupos primários sobre o indivíduo. Complementando o processo da coleta de dados, foi realizado o registro fotográfico, devidamente autorizado em um Termo de Autorização de Uso de Imagem (Apêndice 7).

Quanto aos métodos e técnicas, o método por excelência deste estudo é a pesquisa qualitativa no âmbito da Sociologia Compreensiva, qual seja:

[...] compreender o comportamento significativo dos indivíduos engajados na ação social, ou seja, o comportamento ao qual os indivíduos agregam significado considerando o comportamento de outros indivíduos. Os cientistas sociais, que pesquisam os significados das ações sociais de outros indivíduos e deles próprios, são sujeito e objeto de suas pesquisas [...] buscam compreender os valores, crenças, motivações e sentimentos humanos, compreensão que só pode ocorrer se a ação é colocada dentro de um contexto de significado (GOLDENBERG, 2001, p. 19).

A pesquisa qualitativa é também denominada de pesquisa de terreno e se caracteriza pela “[...] presença prolongada do investigador nos contextos sociais em estudo e o contacto directo com as pessoas e situações” (COSTA, 1987, p. 129). Ainda para esse autor, a pesquisa de terreno é: “[...] a arte de obter respostas sem fazer perguntas. As respostas são obtidas no fluxo da conversa informal e da observação direta, participante e continuada” (COSTA, 1987, p. 138).

Assim, este estudo desenvolveu-se por meio de utilização de instrumentos e técnicas combinadas e complementares que permitam escutar, ouvir, observar e compreender as falas e as expressões que emergiram na relação com os jovens (THIOLLENT, 2007; BOURDIEU, 2012; COSTA, 1987; BECKER, 1994; CHIZZOTTI, 2000). Nesse sentido, utilizaram-se técnicas e instrumentos para obtenção de dados quantitativos permitindo a contagem dos jovens das duas vilas e sobre estes, a definição da amostra, por meio da amostragem simples e intencional para duas variáveis: sexo e idade e aleatórias para as demais variáveis. Em seguida, procedeu-se com as técnicas qualitativas com entrevistas, conversas informais com os jovens e com demais atores sociais como: lideranças comunitárias, membros do Conselho Deliberativo, membros dos Comitês Comunitários, pessoas de referência nas áreas selecionadas como professor, agente comunitário de saúde e coordenador de projetos. Foi importante também ouvir os pais por meio de entrevistas ou conversas informais, moradores antigos e gestores. O tempo de estada nas duas comunidades permitiu observar e compartilhar situações do cotidiano, como o almoço com algumas famílias com as quais se criou laços mais estreitos, proporcionando a apreensão de aspectos interessantes sobre o modo de vida dos moradores.

As técnicas e os instrumentos metodológicos são: 1) Formulário para a contagem dos jovens moradores das áreas em estudo (Apêndice 1); 2) Roteiro de entrevistas semiestruturadas (Apêndice 2); 3) Observação e conversas informais. As conversas informais se constituíram em momentos em que houve a oportunidade de diálogo com os atores sem um

roteiro pré-estabelecido, contudo, abordando aspectos relacionados com a pesquisa a partir de um “mote” como, a gestação de uma jovem e a proximidade do parto após a realização de uma entrevista com um membro da família; a vida de pescador no mar, com o pai de um dos entrevistados, o acompanhamento da confecção de uma rede de pesca e, assim por diante.

O trabalho de campo foi realizado no primeiro e no segundo semestre de 2015, com a contagem dos jovens, seguido da realização das entrevistas. As entrevistas com membros da comunidade e do ICMBio foram realizadas em 2016.

O cenário da pesquisa consta no Capítulo 2 por meio da contextualização da RESEX, com a caracterização do território, particularmente as duas comunidades em estudo, pontuando aspectos históricos, sociais, culturais, econômicos e políticos por meio de consulta em mapas, documentos históricos, estudos demográficos que permitam agregar elementos para qualificar a análise.

A organização, a sistematização, o tratamento e a análise dos dados, foram realizadas com apoio dos programas Word, Excel e NVIVO. Utilizou-se a técnica de análise de conteúdo, com cotejamento das categorias estudadas e os dados coletados e sua interpretação à luz do referencial teórico.

A tese está organizada em cinco capítulos. O primeiro capítulo discute a relação do homem com os bens comuns da natureza, as correntes conservacionistas e o uso racional sustentável. Trata do processo de institucionalização de territórios em Reserva Extrativista no Brasil na perspectiva de territórios sustentáveis. Debate essa nova forma de gerir o território: o Estado e a sociedade civil em regime de cogestão e apresenta as Reservas Extrativistas como campo social a partir das contribuições de Bourdieu.

O segundo capítulo contextualiza a RESEX Marinha de Caeté-Taperaçu enfocando sua estrutura político-organizacional no regime de cogestão, com destaque para as duas áreas de estudo com ênfase na infraestrutura e nos aspectos culturais. Discute também os atores sociais nas ações coletivas na RESEX.

O capítulo terceiro apresenta a caracterização dos jovens incluindo a contagem da população juvenil nas duas vilas estudadas e as atividades que ordenam o cotidiano desses jovens.

No quarto capítulo discute-se a construção da categoria sociológica juventude e os atores sociais – os jovens, enfatizando aspectos em debate sobre juventude na contemporaneidade, juventude rural e juventude na perspectiva de participação. Esse capítulo apresenta a noção que os jovens têm sobre juventude, o que é ser jovem, se e, como, a maternidade/paternidade e casamento influenciam a juventude, os principais problemas

enfrentados pelos jovens em suas comunidades e finaliza com os projetos de vida dos jovens pensados na perspectiva da migração ou se na permanência na comunidade.

No quinto e último capítulo apresentam-se os sentidos de participação para os jovens, as formas de participação na comunidade, o conhecimento e a participação nas instâncias da gestão da RESEX. Discute-se a socialização e sua relação com a participação e as redes de sociabilidade e os vínculos com o território. Debate-se a sustentabilidade do território com base na percepção pelos jovens das mudanças pós-institucionalização em RESEX, no envolvimento com atividades extrativistas e as vulnerabilidades e potencialidades da comunidade em que habitam. O capítulo finaliza com a análise do dilema dos jovens em permanecer ou sair da RESEX e as ações que eles propõem para assumirem-se como atores sociais proativos no processo de sustentabilidade da RESEX.

Nas considerações finais apresenta-se a recolocação do problema, das hipóteses e dos objetivos propostos e suas correlações a partir da análise dos dados obtidos. O texto consta ainda das referências bibliográficas, seguidas dos apêndices e dos anexos.

CAPÍTULO 1 - A INSTITUCIONALIZAÇÃO DO TERRITÓRIO EM RESEX: NOVA FORMA DE GERIR BENS COLETIVOS

Este primeiro capítulo discute a relação do homem com os bens comuns da natureza, desde as primeiras correntes conservacionistas até aquelas que defendem o uso racional sustentável, que deu origem a novas formas de gerir o território como as Unidades de Conservação, dentre elas as Reservas Extrativistas (RESEX). Reflete sobre as Reservas Extrativistas na perspectiva de territórios sustentáveis, bem como sobre essa nova forma de gerir o território – a cogestão.

O capítulo finaliza apresentando a matriz teórica de análise na perspectiva da Reserva Extrativista como campo social de poder, hierarquias, conflitos, contradições pelas contribuições de Bourdieu.

1.1 O processo de institucionalização de territórios em Reserva Extrativista no Brasil

A compreensão da relação homem e natureza, como problema científico, é recente. Seu marco pode ser a criação de uma nova disciplina – a Ecologia, em 1870, por Ernst Haeckel (FERNANDEZ, 2014), que desenvolveu uma ideia de totalidade e interação entre homem e natureza. Essa disciplina abriu portas para o avanço de diversas perspectivas de entender essa complexa relação, desde uma ótica mais biológica até as mais humanistas, passando pelo antropocentrismo que já, há muito, colocava o homem no centro da imensa rede que compõe o mundo natural.

De modo mais concreto surge o conservacionismo, movimento que atuou com grande projeção mundial na proteção da natureza, responsável pela demanda de criação de áreas protegidas, sobretudo, parques. Defende a ideia de “natureza intocada”, isto é, sem a presença do homem. No lado oposto, a partir de uma vertente mais econômica que social, com a ideia de que o crescimento econômico não pode ocorrer sem a utilização dos recursos naturais e, conseqüentemente, algum “dano ambiental”, é inevitável. E, entre ambos, os defensores da relação histórica do homem com a natureza e, portanto, passível de sua utilização racional, sustentável, modelo no qual o homem é também parte da natureza e, por conseguinte, mantém uma lógica de interação sem degradação inexorável (FERNANDEZ, 2014).

Essa última perspectiva é também ressaltada por Maneschy quando afirma que há

[...] a progressiva superação de uma visão dualista entre sociedade e natureza que esteve presente por muito tempo entre as ciências [...] O meio natural é também produto social e, portanto, modificado pelas práticas sociais coletivas em um sentido não necessariamente predatório. Muitas vezes, o

que parece ser uma paisagem intocada é resultado de manejos de populações passadas e presentes (MANESCHY, 2003, p. 138, 139).

Ainda para Maneschy:

Meio ambiente é visto sempre como parte da sociedade, correspondendo à base material e, sobretudo, simbólica, sobre a qual ela se erige e que torna a vida social possível. Campo de valores e de representações sociais [...] é um problema do ponto de vista de um determinado tipo de relacionamento da sociedade ao ambiente, das demandas que norteiam as condutas e as práticas sociais e que orientam os modos pelos quais os grupos sociais vão se relacionar com os ecossistemas, eleger seus recursos úteis, lidar com suas restrições ou disponibilidades e, também, com as variações previsíveis ou aleatórias nos seus elementos (MANESCHY, 2003, p. 138).

Nessa complexa discussão sobre a relação do homem com os bens comuns da natureza como mares, oceanos, florestas, campos naturais, lagos, entre outros, tornaram-se referências teóricas três grandes estudiosos: Mancur Olson, Garret Hardin e Elinor Ostrom. Diferentemente dos conservacionistas, esses três autores admitem o uso racional dos bens comuns da natureza, na medida em que concebem que o homem é levado pelo interesse de satisfazer suas necessidades no modo como se relaciona com o meio natural. Partem, portanto, da perspectiva econômica da relação homem e natureza. Contudo, diferem entre si pelos argumentos propostos para o uso racional desses recursos.

Para Olson, cientista político, a utilização dos bens comuns passa pela lógica da ação coletiva, que resulta da atuação dos indivíduos organizados em grupos com objetivos em comum na defesa de seus interesses. A notar que os indivíduos não agem espontaneamente em uma ação coletiva, a menos que se trate de um grupo muito pequeno. O grupo alcança seus objetivos comuns mediante coerção, incentivos ou sanções sobre seus membros (OLSON, 1998). Um desafio importante a toda ação coletiva é o problema do *free rider*, isto é, da tendência de cada um de buscar primeiramente seu interesse individual, podendo evadir-se dessa ação embora venha a colher seus frutos. Essa perspectiva de Olson, elaborada no contexto da sociedade americana, ocidental e capitalista, não deixa de ter um viés utilitarista, refletindo a preocupação do autor em compreender o que faz com que indivíduos agindo coletivamente tenham êxito em suas demandas e outros não, alguns nem saem do estágio de grupo latente.

Adentrando pela linha sociológica e antropológica, seria pertinente acrescentar a essa abordagem o elemento da constituição social do grupo, seu *ethos*, seus valores, costumes e cultura, que lhes dão sustentabilidade. É uma questão complexa, pois consiste em aglutinar a compreensão da ação dos homens diante de seus interesses por várias perspectivas, que não

somente a econômica, em seu sentido da equação custo/benefício no âmbito da mercantilização do material e do humano, como dita a perspectiva utilitarista (CAILLÉ, 2009). Nesse sentido, pode-se pensar pela perspectiva antiutilitarista na qual, segundo Caillé, “[...] o mundo, a natureza e os outros não são apenas meios, mas também fins” (CAILLÉ, 2009, p. 1). Contudo, a teoria de Olson contribui para a análise de processos em curso da relação do homem e natureza na sociedade atual, processos que dependem em grande medida de ações coletivas por parte de usuários e beneficiários dos recursos naturais. Traz subsídios às teorizações sobre a institucionalização de territórios protegidos com a formação “compulsória” de grupos para agirem coletivamente nas regras instituídas, como é, no caso brasileiro, a criação de Unidades de Conservação (UC), entre elas as Reservas Extrativistas (RESEX).

Ainda nessa linha de raciocínio que parte da racionalidade individual contraposta à racionalidade do coletivo, o biólogo Garret Hardin acrescentava que, diante do desafio de utilizar os recursos comuns, alvo de interesses conflitantes, são necessárias medidas incisivas como a privatização desses bens e sua regulação pelo Estado, ou a gestão por uma autoridade central. Sem isso ocorreria uma tragédia, ou seja, os recursos seriam utilizados à exaustão, como ele mesmo explica no exemplo da utilização de um pasto em comum:

[...] cada hombre está encerrado en un sistema que lo obliga a incrementar su rebaño ilimitadamente, en un mundo limitado. La ruina es el destino al que todos los hombres se precipitan, cada quien persiguiendo sus óptimos intereses en una sociedad que cree en la libertad de los bienes comunes. Esta libertad lleva a todos a la ruina (HARDIN, 1992, p. 30).

Nessa ótica, como ressaltaram os seus críticos, notadamente a cientista política Elinor Ostrom, recursos comuns equivaleriam a recursos de livre acesso, desprovidos de instituições reguladoras. Esse teria sido o equívoco fundamental de Hardin, daí o apelo que ele fez à intervenção de agentes coatores externos ou, então, ao estabelecimento de direitos de propriedade privada, diante da impossibilidade de pessoas ou grupos utilizarem bens comuns livremente, regulando suas ações com vistas à sustentabilidade em longo prazo. Ao contrário, em busca de ganhos individuais e na incerteza do comportamento de outros usuários daquele bem que está aberto ao uso de muitos, eles tenderiam a sobreutilizá-los, até seu esgotamento.

Ostrom, seguindo a discussão de Olson e Garret, avança teorizando sobre uma terceira via – a gestão comunitária dos bens comuns. Instituições locais de regulação, ou gestão, de lagos, de águas costeiras, de pastagens naturais, por exemplo, muitas vezes foram confundidas com acesso livre pelo fato de serem próprias de comunidades sem poder ou visibilidade política e, portanto, não eram reconhecidas por Estados ou elites locais. Nesses contextos,

intervenções do tipo políticas de reforma agrária, ocupações, programas de desenvolvimento e, sobretudo, políticas de conservação ambiental, puderam ser feitas sob o pressuposto de que se tratava de recursos de livre acesso, sobre os quais não havia grupos que historicamente haviam instituído direitos de uso e formas de gestão coletiva. E, portanto, sem considerar os direitos de comunidades tradicionais locais e sem compreender a lógica subjacente aos seus conhecimentos e práticas ambientais.

A perspectiva de Ostrom considera experiências bem sucedidas, de longa duração, com gestão comunitária baseadas na institucionalização de regras que permitem que todos cooperem e se beneficiem dos bens comuns. Partidária do neoinstitucionalismo, Ostrom dedicou-se ao estudo de muitos casos de instituições locais de uso de recursos comuns, isto é, recursos cuja característica inviabiliza sua divisão em parcelas e, a exclusão *a priori* de usuários, como é possível fazer, por exemplo, na agricultura ou na pecuária. Tal como definido por ela: “instituição é um conjunto de regras de trabalho que determinam, entre outros, os participantes, as ações permitidas ou proibidas, as informações necessárias e a distribuição de benefícios” (OSTROM, 1990, p. 51).

A autora mostrou que é possível criar novas instituições para gerir os bens comuns com a participação dos envolvidos. Em seus estudos, analisa a gestão comunitária de pastos, florestas, terras não cultivadas, sistemas de irrigação, trilhas e estradas. A gestão comunitária exige regras definidas e conhecidas por todos e inclui também sanções para quem descumpre essas regras e exige, acima de tudo, a discussão constante dos participantes para acompanhar, manter e aperfeiçoar o processo da gestão. As instituições devem “fazer sentido” para os membros da coletividade, caso contrário os custos da adesão serão altos, ou seja, o monitoramento, a fiscalização e o controle, diante do perigo sempre presente do *free rider*. Daí que no “desenho institucional”, conforme a expressão da autora, a participação e as instâncias de resolução de conflitos tenham grande relevância.

Pode-se afirmar que a institucionalização de territórios em Unidades de Conservação, em particular as Reservas Extrativistas, segue um modelo que pode ser identificado como híbrido ou conjugado dentre os três propostos pelos autores referidos. Contudo, estão mais próximos da proposta de Ostrom pelos princípios de instituição de sistemas duradouros e da prevalência de uma compreensão ampliada de direitos de propriedade, que dá relevo às formas comunais, ou comunitárias, de apropriação de recursos comuns. Explica-se: no primeiro princípio considerado por Ostrom, que trata da “Definição clara do sistema de recursos e suas fronteiras, assim como, dos participantes”, pode-se dizer que a RESEX se

inclui, pois é juridicamente instituída, suas fronteiras são delimitadas e o sistema de uso dos recursos definido entre usuários e beneficiários.

O segundo princípio “Adequação entre condições locais, regras de apropriação e regras de provisão do sistema de recursos” inclui-se também no desenho institucional da RESEX, particularmente com o plano de manejo, instrumento legal sobre o estudo do sistema de recursos, a base extrativista, os meios de seu uso e sustentação e por meio do qual deve ser realizada a ordenação do uso sustentável. O terceiro princípio “A possibilidade de determinar as regras para a sua própria gestão de bens comuns e da participação da maioria dos indivíduos afetados” também é pertinente, pois se institui nova gestão formada pelo conselho deliberativo, de caráter paritário, cujos integrantes têm direito a voz e a voto. É paritário considerando que está assegurada a representação do governo federal, do estado, do município, da iniciativa privada, dos cientistas, e dos usuários e beneficiários, organizados necessariamente em associação. Entretanto, a paridade, embora assegurada no plano de manejo⁷, na prática se mostra frágil, com a ausência sucessiva de várias representações às reuniões, descaracterizando o princípio da paridade. Além disso, os representantes das instituições estatais têm geralmente atuação mais destacada nas reuniões do conselho deliberativo. Conforme afirma Silva Junior, “[...] os representantes dos órgãos públicos, em especial, ICMBio, UFPA e PMB, que embora em menor número, têm presença e participação mais efetiva, expondo suas ideias, discutindo e propondo” (SILVA JUNIOR, 2013, p. 111).

O quarto princípio das instituições de gestão de recursos naturais comuns que se mostram sustentáveis, segundo Ostrom, é: “Monitoramento regular através de monitores que são os próprios apropriadores, ou que lhes prestam conta”. Este se aplica à RESEX e é executado principalmente pelo órgão gestor governamental, o Instituto Chico Mendes de Biodiversidade (ICMBio), assim como pelos próprios moradores que encaminham denúncias de “desviantes” para as instâncias gestoras. O quinto princípio de Ostrom, “Sanções gradativas contra desviantes” está presente no projeto da RESEX na medida em que há sanções que são aplicadas aqueles que violam as regras. O sexto princípio “Instâncias de fácil acesso e baixos custos para a resolução de conflitos”, o sétimo “Direito de se organizar minimamente garantido e não contestado por autoridades governamentais externos” e o oitavo

⁷ “A partir de 2010 o Conselho foi reativado e foi aprovado o seu Regimento Interno. Em 2011, iniciou-se o processo de revisão e renovação das instituições e representantes componentes de tal Conselho, onde das 23 instituições componentes iniciais foram reduzidas para 21 instituições [...] Trata-se de um importante instrumento de gestão compartilhada e instância de decisão, presidido pelo ICMBio, e contando com a representação de atores governamentais e da sociedade organizada, que de alguma forma estejam relacionados com a RESEX” (ABDALA et al., 2012, p. 14). Ainda no plano de manejo, constam 8 (oito) organizações governamentais, 12 (doze) organizações da sociedade civil e 1(um) Conselho Nacional (das Populações Extrativistas) componentes do Conselho Deliberativo.

“Em caso de sistemas maiores, organização dos participantes em vários níveis adequados, cada um com seus próprios arranjos institucionais adequados” se incluem na RESEX na organização política do território, constituído em polos, que reúnem várias comunidades representadas por comitês dos moradores/beneficiários/usuários no Conselho Deliberativo. Portanto, o acesso ao representante comunitário no Comitê tende a ser mais acessível e com custo baixo. A participação na Associação é garantida e assegurada juridicamente. Esse sistema, porém, não garante a resolução fácil de conflitos, que podem envolver várias instâncias, dependendo de sua natureza.

Assim, é possível considerar que Reservas Extrativistas são instituições que representam respostas possíveis à “tragédia dos bens comuns”, de Hardin. Em se tratando das Reservas Extrativistas Marinhas, reconhecem-se às comunidades litorâneas, de pescadores artesanais, seu papel no uso e na conservação dos recursos pesqueiros, que se encontram sob forte pressão de captura e, em muitos contextos, em condições próximas à da “tragédia”, haja vista a proporção de espécies sob ameaça, como por exemplo, o caranguejo-uçá nos manguezais. As RESEX situam-se entre as possibilidades apontadas por Olson e Ostrom para a gestão de recursos naturais de uso comum, desde que se garanta efetivamente a participação da comunidade, incluindo os jovens.

Segundo Luis Henrique Cunha (2002), o “[...] manejo comunitário de recursos naturais” não significa necessariamente que haverá sustentabilidade, tampouco seu oposto, pois se trata de uma questão que requer a gerência de, pelo menos, três fatores – “[...] interações complexas entre as características do recurso, o regime de propriedade e outros arranjos institucionais, de um lado e o contexto socioeconômico, de outro” (CUNHA, 2002, p. 54). Portanto, além das características do desenho institucional do manejo dos recursos, parte fundamental da gestão, o autor chama a atenção para a sensibilidade do arranjo institucional às características do ambiente, natural e social. No primeiro aspecto, sensibilidade às características do recurso, Ostrom valoriza um elemento importante da instituição, que é a flexibilidade para ajustar e, mesmo, mudar as regras, dada a complexidade inerente ao ambiente e a seus recursos.

Assim, na perspectiva de proteger os recursos comuns, ao mesmo tempo promovendo a população que dele faz uso, criaram-se as Reservas Extrativistas, na confluência de vários movimentos, seguindo a linha do desenvolvimento sustentável que se formou na perspectiva do uso sustentável conforme explica Diegues:

A grande aceitação desse enfoque reside na ideia de que se deve procurar o maior bem para o benefício da maioria, incluindo as gerações futuras,

mediante a redução dos dejetos e da ineficiência na exploração e consumo dos recursos naturais não renováveis, assegurando a produção máxima sustentável (DIEGUES, 2008, p. 31).

No entanto, até se tornar uma política pública, a institucionalização das comunidades extrativistas em RESEX teve um longo caminho a percorrer. Esse caminho passa pelo reforço a uma participação efetiva dos moradores e usuários dos recursos do território. O que está em jogo aqui se aproxima do que ocorre na institucionalização de assentamentos rurais no Brasil. A propósito, Eric Sabourin assinala as iniciativas governamentais para a lógica coletiva na política pública ao afirmar:

[...] a política pública de reforma agrária no Brasil, inclusive nas recentes tentativas de assentamento pelo mercado da terra, continua dando prioridade à forma de organização coletiva do assentamento, dos serviços e até da produção agrícola. Essa lógica coletiva está sendo promovida e até institucionalizada (SABOURIN, 2006, p. 23).

1.2 Reservas Extrativistas na perspectiva de territórios sustentáveis

As Reservas Extrativistas foram criadas no Brasil a partir da Constituição Federal de 1988, que define em seu Artigo 225 – Sobre o meio ambiente – o estabelecimento de condições para o meio ambiente ecologicamente equilibrado, exigindo por parte do Estado sua defesa e preservação. A partir de então, inicia-se um longo processo para a instituição do Sistema Nacional de Unidades de Conservação da Natureza (SNUC) aprovado pela Lei nº9.985/2000. O SNUC define duas categorias de Unidades de Conservação (UC): a) as de Proteção Integral e; b) as de Uso Sustentável. As Reservas Extrativistas encontram-se neste segundo grupo de UC, asseguradas no Artigo 4º do SNUC, inciso XIII com o objetivo de “[...] proteger os recursos naturais necessários à subsistência de populações tradicionais, respeitando e valorizando seu conhecimento e sua cultura e promovendo-as social e economicamente”. Assim, a Reserva Extrativista foi criada para promover “[...] o desenvolvimento sustentável das populações tradicionais e a conservação dos recursos naturais, isto é, desenvolvimento socioambiental” (MMA/SBF/GBA, 2010). É um território de proteção socioambiental com fronteiras geopolíticas demarcadas e é definido como:

[...] uma área utilizada por populações extrativistas tradicionais, cuja subsistência baseia-se no extrativismo e, complementarmente, na agricultura de subsistência e na criação de animais de pequeno porte, e tem como objetivos básicos proteger os meios de vida e a cultura dessas populações, e assegurar o uso sustentável dos recursos naturais da unidade (Art. 18 da Lei 9.985/2000 – SNUC).

A criação de RESEX no Brasil é uma experiência recente que requer estudos, muito particularmente, para a mudança de cultura política ao se pensar o território em bases sustentáveis. A produção de conhecimento nessa área tem sido fértil em âmbito local, regional e nacional⁸. Almeida (2004, p. 34) refere-se ao processo social da luta dos seringueiros que resultou na criação das Reservas Extrativistas:

Com efeito, em um contexto de expansão agressiva do capitalismo não é possível prever o que ocorrerá em um local particular, em uma luta particular que envolva um sujeito histórico específico. Surgem, assim, espaços de relativa liberdade para conduzir conflitos em direções historicamente criativas, construídas como resultado de discussões e choques entre vozes, representadas por grupos de explorados e poderes externos.

Esses estudos mostram que a RESEX é resultado de um processo de reivindicação da sociedade civil relacionada à proteção ambiental, mas não somente isso. É também consequência de um movimento mais global de ambientalização, que coloca em seu cerne de debate a proposta de um novo modo de vida – o desenvolvimento sustentável. “A ambientalização dos movimentos sociais tem como efeito propor um novo esquema e análise da ação, preocupado com o impacto democrático desses novos movimentos sobre as estruturas políticas”, afirma Pierre Teisserenc (2010, p. 159). A ambientalização permite não somente este novo pensar, mas uma nova perspectiva de encarar o desenvolvimento a partir do território e dos atores sociais em processos interdependentes de ambientalização e territorialização, conforme discute esse autor. De acordo com essa premissa, a participação dos atores na ação pública local é imprescindível para a formação dessa nova sociedade sustentável, em um processo de “concertação” que inclui pluralidade e diversidade: Estado, organizações não governamentais, organizações sociais, iniciativa privada, movimentos sociais, igrejas, entre outros.

Este processo foi se construindo na Amazônia brasileira na convergência de movimentos globais como as ações pela preservação da natureza, lideradas principalmente por organizações internacionais como WWF⁹, Greenpeace, entre outros. E, no âmbito interno, movimentos sociais dos seringueiros¹⁰, agricultores, pescadores para a preservação de seu território em um contexto de crescimento econômico sem o equivalente desenvolvimento

⁸ Mauro Almeida, Alfredo Wagner, Walter Porto Gonçalves, Edna Castro, Maria José Silva-Teisserenc, Pierre Teisserenc, F. Pinton; Maria Cristina Maneschy, Heribert Schmitz, Tânia Ribeiro, entre outros.

⁹ “WWF-Brasil”, também denominado “Fundo Mundial para a Natureza”, é uma pessoa jurídica de direito privado, constituída sob a forma de associação sem fins lucrativos ou de fins não econômicos, e regida por este e pelas disposições legais aplicáveis”(Estatuto WWF, Art. 1º).

¹⁰ Em 1985 ocorreu o I Encontro Nacional dos Seringueiros em Brasília, marco decisivo para instituição das Reservas, baseados na experiência das reservas indígenas com a apropriação coletiva da terra e uso de métodos tradicionais.

social que caracterizou a fase do capitalismo industrial tardio do Brasil, na primeira metade do século XX. Portanto, uma experiência forjada na luta de classes na tensão de um modelo capitalista e o desejo emancipatório de classes subalternas (ALMEIDA, 2004).

Com efeito, a instituição das Reservas Extrativistas gera novos desafios para aliar a preservação ambiental e social respeitando os modos de vida, a cultura das comunidades envolvidas e a relação com as dinâmicas mais gerais da sociedade. Isso implica em uma extraordinária mudança de paradigma de gestão do bem público, com a participação dos usuários e moradores da RESEX nas várias instâncias da gestão do território e com o compartilhamento de poder entre os diversos atores sociais que compõem o cenário político local. Instituem-se os instrumentos para a cogestão do território, o que inclui o plano de manejo¹¹ e as demais regulamentações de uso sustentável. Esse esforço conjunto agrega forças políticas contraditórias, mas, por outro lado, agrega também um processo de mobilização pela manutenção e preservação do bem comum.

Um dos autores de referência deste estudo agrega à análise, a perspectiva ambientalista que anima os movimentos sociais envolvidos nessa construção, a qual se traduz em demandas territoriais, conforme ele ressalta:

As reivindicações que acompanham essas mudanças colocam de antemão uma concepção participativa de tomada de decisão, que questiona as estruturas de poder e sua capacidade de conferir direito a tais reivindicações. Elas integram qualidades e ressonâncias fortemente ambientalistas, que se traduzem em justificativas de demandas concretas de reapropriação e de gestão dos recursos naturais. E, desse modo, por exemplo, a reivindicação pela apropriação da terra tende a tornar-se uma apropriação do modo de produção do qual depende as condições de vida das populações (TEISSERENC, P., 2010, p. 159).

Trata-se de uma nova forma de governar, que inclui, necessariamente, a participação popular. O que não significa que, na prática, essa participação ocorra sem conflitos, sem contradições, manipulações e retrocessos. Os dados disponíveis para identificar os principais atores sociais no território da RESEX de Caeté-Taperaçu mostram que há ambiguidades, conflitos, concorrências e orquestração nessa teia de relações. Isto porque, conforme Zhouri e Oliveira “na sociedade, os sujeitos sociais apresentam-se como portadores de relações e interações diferenciadas com o meio ambiente, considerado como uma construção ao mesmo tempo simbólica, social e material” (2010, p. 444). Esse processo envolve uma diversidade de atores dentre os quais os jovens, que, nos documentos legais da política de criação das

¹¹ Plano de manejo: documento técnico mediante o qual, com fundamento nos objetivos gerais de uma Unidade de Conservação, se estabelece o seu zoneamento e as normas que devem presidir o uso da área e o manejo dos recursos naturais, inclusive a implantação das estruturas físicas necessárias à gestão da unidade (SNUC - Art. 2º, Inciso XVII).

Unidades de Conservação, são dotados de força política para participar da gestão de seu território. Porém, é pertinente notar que nem a RESEX nem os jovens que nela habitam estão fora da dinâmica do mundo capitalista e da cultura neoliberal que cultua a busca individual por sucesso e conquistas de bens pessoais em detrimento de bens coletivos. Essa onerosa influência atinge os modos de vida tradicionais, dificultando, em parte, a implementação da cogestão da RESEX com a participação dos jovens. Esse problema se acentua diante das limitações de ação do órgão gestor principal - o ICMBio/MMA - de criar mecanismos para fomentar essa participação, de acordo com o que consta nos documentos oficiais.

1.3 Nova forma de gerir o território: o Estado e a sociedade civil em regime de cogestão

A Constituição Federal de 1988 é um marco histórico na mudança da relação entre Estado e sociedade civil no Brasil, pois inaugura a participação cidadã na gestão de políticas públicas. Essa nova fase do Estado, após um período de intensa violência da ditadura militar e repressão dos canais de expressão da população, tende a consolidar-se em uma pluralidade de práticas condicionadas pelo nível de desenvolvimento da organização política de cada contexto social. No entanto, não significa que essa participação da sociedade civil em conjunto com o Estado tenha eliminado o conflito e as correlações de forças, fundamentalmente porque conflito e correlação de forças são intrínsecos aos processos em curso na sociedade. E, em parte, porque se desmantelou as forças aglutinadoras de luta por direitos em vários níveis, atingindo os movimentos sociais na cidade e no campo.

A passagem de um Estado repressor e clientelista para um Estado democrático e de direitos teve e, está tendo, um percurso extremamente difícil na medida em que se perderam significativas lideranças políticas¹² e os custos para formação de novas para assumir os espaços de participação como os conselhos gestores, os conselhos de direitos, os conselhos tutelares, entre outros, são altos. Essa nova forma de gestão necessita de formação constante para que o cidadão possa conhecer e atuar nos espaços gestores e na interlocução com o Estado, muitas vezes, clivados de interesses partidários e de classe social que comprometem a sua execução plena.

É possível considerar o Estado brasileiro atual como Estado Ampliado, tal como definido por Gramsci ao elaborar um sentido de Estado mais amplo do que a noção defendida por Marx e Engels, do Estado defensor dos interesses da classe dominante em nome do interesse público, ao que chamaram de “Comitê da Burguesia”. Gramsci traz uma noção mais

¹² Entre elas, o assassinato de Chico Mendes, em 22 de dezembro de 1988.

contemporânea de Estado que inclui a participação de sindicatos e partidos políticos, com potencial de atores sociais capazes de promover a transformação da sociedade (KOLODY; ROSA; LUIZ, 2011). Nesse novo Estado criam-se espaços para a participação da sociedade, a gestão compartilhada, o controle social, a descentralização do poder em escala federal, estadual e municipal, colocando o cidadão mais próximo ao poder público, em especial no nível municipal, e para o qual as demandas tendem a fluir com mais facilidade. Em que medida essa estratégia do Estado corresponde ao que Gramsci pensava do momento de superação da coerção para o consenso? A pergunta se justifica uma vez que se abrem espaços para que cidadãos possam se organizar para gerir e se responsabilizar conjuntamente pelos seus territórios, como ocorre nas RESEX, cujos benefícios sociais se fazem por meio de associações e não individualmente.

Coutinho (1994) apresenta uma definição precisa do conceito de sociedade civil, inspirada em Gramsci, que é útil para a problemática desta pesquisa:

[...] o conjunto das instituições responsáveis pela representação dos interesses de diferentes grupos sociais, bem como pela elaboração e/ou difusão de valores simbólicos e de ideologias; ela compreende assim o sistema escolar, as Igrejas, os partidos políticos, as organizações profissionais, os meios de comunicação, as instituições de caráter científico e artístico etc. (COUTINHO, 1994, p. 53, 54).

Trazer este conceito para a contemporaneidade implica em ampliar o leque de instituições para incluir novos atores que conquistaram espaços de reivindicação e luta como indígenas, ambientalistas, idosos, afrodescendentes, crianças, adolescentes, jovens, pescadores, extrativistas, entre outros, seja no âmbito dos movimentos sociais, dos sindicatos e das associações. O que essa nova forma de cogestão do território vem trazendo no sentido de formação de uma nova sociedade na qual se privilegia o coletivo, a cooperação e o sentido de pertencimento?

Os instrumentos institucionais de participação encontram-se assegurados na Constituição Cidadã e nos decretos e leis que a seguiram, como os fóruns, as conferências, os comitês, os conselhos, contudo a apropriação desse processo de participação ainda se mostra frágil. A existência desses mecanismos por si só não assegura a participação da sociedade na cogestão. Os espaços de participação da sociedade civil com direito a representação paritária e poder deliberativo - “[...] embora evidencie uma ruptura com o Estado autoritário, não garante por si só a democratização das relações sociais [...] os espaços de associativismo, convivem com uma cultura política marcada pelo corporativismo e particularismo de interesse” (KOLODY; ROSA; LUIZ, 2011, p. 41).

Segundo Baquero (2001), o poder político na sociedade brasileira se institucionalizou via abordagem culturalista, inculcada no plano simbólico-ideológico. Para esse autor:

O fator preponderante desta linha de análise é a influência do clientelismo, o personalismo e a incapacidade do povo na suposta incapacidade da sociedade em se mobilizar autonomamente para fiscalizar e modificar o processo político. A forma de evolução do Estado teria propiciado a socialização de valores de distanciamento e apatia tornando sua influência na política improvável. Essa tendência não participativa era consequência de governos e de uma estrutura social que favoreciam muito mais a desmobilização e a inércia do que a participação cidadã (BAQUERO, 2001, p. 99).

As reflexões de Baquero podem explicar, em parte, o processo de participação em curso nas Unidades de Conservação. Em se tratando da Reserva Extrativista em estudo, há um hiato entre a política e a sua efetivação, demandando aos moradores e usuários um longo caminho a percorrer na apropriação desse espaço de participação que se abriu com a cogestão de bens coletivos. Essa cogestão pressupõe uma extensa agenda de discussão, de negociação e correlação de forças entre Estado e sociedade civil.

Há que se indagar, em que medida a partilha de poder no Estado pós-constituente se efetiva na prática. A população conseguiu assimilar essa nova prática de participação política, rompendo com o clientelismo?

Na Reserva Extrativista Marinha de Caeté-Taperaçu os achados deste estudo da cogestão apontam para numerosos desafios na implementação dessa política. Primeiro porque a política estimula a associação formal, uma vez que as RESEX devem gerir recursos e benefícios sociais por meio de uma associação, conhecida como “associação-mãe”. Na reserva estudada foi criada a Associação dos Moradores e Usuários da Reserva Extrativista Marinha de Caeté-Taperaçu (ASSUREMACATA) à qual os moradores e usuários são filiados (SILVA JUNIOR, 2013), o que, no entanto, não garante o conhecimento das políticas para a RESEX nem as instâncias e formas de gestão. O depoimento do jovem da Vila do Bonifácio, a seguir ilustra essa situação:

[ASSUREMACATA] *Não, num é uma associação, é uma cooperativa que eles tem, tem um certo número de assinatura que eles tem do pessoal da Vila que, quando esses órgãos vêm, que eles querem alguma coisa, algum projeto que eles querem a assinatura do pessoal eles vão lá, recorrem lá, porque já tem um certo número de assinatura do pessoal da Vila, mas é assim, a gente num sabe, num esclarecem bem o que é, a gente num entende bem o projeto e é assim, fica por conta própria (C. G. A. B., 26 anos).*

De um modo geral, há desconhecimento do que cabe à associação e o que cabe ao ICMBio como gestor principal e os órgãos respectivos que deliberam os benefícios. A fala a seguir mostra esse distanciamento em relação à cogestão:

Esse processo veio devido um cadastro na Vila [Vila Que Era], da RESEX que pessoas como caranguejeiro, pescadores e lavradores iam pagar uma taxa pra futuramente ganhar uma casa pra sua família [...] São financiadas pela RESEX, tem uma taxa por mês que algumas pessoas pagam pra RESEX, agora eu não sei falar, porque tinha ocorrido alguma coisa lá com os coordenadores da RESEX, das organizações da Vila Que Era que, até o momento, eles não estavam pagando essa taxa, mas eu não sei lhe falar o que ocorreu, se tão pagando ou se não tão pagando essa taxa. A pessoa é dona da casa porque é tipo assim, a taxa que é paga é pela, não sei lhe explicar diretamente por que essa taxa, porque tem pessoas que ainda não ganharam nada, mas pagam essa taxa e tem pessoas que já ganharam mas pagam essa taxa, eu não sei lhe explicar se é para sempre, se tem um prazo de validade, isso aí eu não sei (G. A., 20 anos).

Como se vê, não está claro para os moradores e usuários da RESEX a instituição da associação formal e os seus trâmites. Cabe então destacar a distinção que Jean Hébert (2010, p. 64) faz entre associação formal e associativismo, argumentando que um não necessariamente implica o outro:

[...] a diversidade de formas de associações ligada à diversidade de regimes institucionais e de culturas ao longo da conturbada história moderna não pode escurecer a distinção conceitual entre o que é o fato social e concreto das associações e o espírito que, supostamente, embora nem sempre, as anima: o associativismo, caracterizado, por definição, pela espontaneidade, a liberdade e a solidariedade – pela gratuidade e pelo dom [...].

É esse associativismo espontâneo que se encontra presente, em âmbito local, alicerçado em relações de parentesco, de vizinhança, de laços de amizade e expresso por atitudes de ajuda mútua, de solidariedade, de companheirismo e de cooperação, conforme aparece na fala de uma das entrevistadas da Vila Que Era: *[...] se tiver uma pessoa necessitada, doente, se ajunta todo mundo, faz uma reunião, faz um bingo, arrecada e vai ajudar aquela família, eles são muito assim, nessa parte, graças a Deus que todos nos se ajunta e vai ajudar aquela pessoa (L. M. S., 28 anos).*

Como se verá adiante, os dados desta pesquisa indicam que, por um lado há desconhecimento dos instrumentos formais de participação na política da RESEX como a cogestão, o plano de manejo, o conselho deliberativo, as instâncias representativas. Mas, por outro lado, problemas sociais do cotidiano são tratados com a prática do associativismo espontâneo e não pela via do acesso a essa política pública.

Outro desafio é conjugar o processo organizativo da comunidade em relação às várias esferas de poder público para as quais se encaminham as demandas, ou seja, tanto as que se referem ao âmbito do processo formal de institucionalização da cogestão na sua instância mais elevada – o conselho deliberativo – quanto aquelas mais direcionadas ao poder local, o município e o estado, que embora estejam representados no conselho, devem ser acessados

por meios mais diretos.

Em estudo recente, Silva Junior (2013) constatou que no conselho deliberativo são mais frequentes as demandas por bens pessoais, em forma de benefícios, em especial, moradia e apetrechos de pesca. A discussão sobre a sustentabilidade e socioambientalismo é menos frequente, por exemplo, sobre usos e cuidados com recursos naturais.

Quanto aos temas mais discutidos, isto é, aqueles que estiveram na pauta em várias reuniões, segundo os conselheiros, observou-se que a maioria se referia aos benefícios advindos do Programa Nacional da Reforma Agrária (PNRA), tais como, crédito habitação, crédito fomento [...] (2013, p. 75).

Essa informação é confirmada por um jovem entrevistado ao afirmar que:

[...] tinha algumas reuniões todo mês sobre, representando a RESEX, mas tá fazendo mais ou menos 1 ano ou mais que não teve mais essa reunião. Nessas reunião o que se debatia era, mais ou menos, não era debatido o que a comunidade precisava, essas reuniões eram feitas devido as casas novas que tinham acabado de chegar. Foi essa primeira e segunda remessa que chegaram. Disso tinha reunião, mas sobre o que precisava a comunidade não tinha reunião. Eram as casas, isso (G. A., 20 anos).

As demandas por bens sociais – escolas, postos de saúde, saneamento, transporte, estradas, emprego, cultura, lazer – requerem uma forma organizativa mais contundente frente ao município e ao estado. Contudo, o grau de organização da comunidade é ainda insuficiente para fazer frente à demanda por esses bens sociais. A moradora entrevistada da Vila de Bonifácio foi clara a esse respeito [...] *muito pouco, muito pouco, por isso que algumas coisas aquina praia deixam muito a desejar, porque a comunidade em geral numse une pra que reivindicasseus direitos (N. M., 29 anos).*

Mesmo com uma incipiente mobilização para buscar o direito, constatou-se que há conhecimento das instâncias que os levam ao poder público, isto é, sabem a quem devem recorrer, como é expresso pela mesma entrevistada: [...] *que o prefeito da nossa cidade se voltasse um pouco mais pra cá, principalmente com a questão da água, que abala muito a comunidade. Então, o nosso prefeito ainda não voltou o olhar pra cá, pra que se resolvesse a situação (N. M., 29 anos).* Entretanto, há um tratamento personalista no encaminhamento da demanda presente na fala da jovem moradora que se refere ao prefeito – pessoa e não à prefeitura – o órgão público municipal. Esse dado é corroborado no Capítulo 5, item 5.8.1 e item 5.8.2. Parece estar claro para os moradores a necessidade de organização para reivindicar essas demandas, contudo, falta a mobilização, conforme explica o morador a seguir, sobre a prática de mutirão:

[mutirão] não, é muito difícil, num ano talvez tenha uma participação desta forma, porque o povo, por mais que queira fazer esse tipo de negócio -

mutirão-, mas num vem ajuda de nossos líderes políticos. Precisamos da ajuda de nossos líderes políticos. Já pensou fazer um mutirão? Vai precisar de carro pra colocar lixo que geralmente é isso que eles fazem, mas quem faz isso é o pessoal da escola (G. M. B., 28 anos).

Na ausência da atuação do poder público, os moradores ligados a uma agência local - a escola- se mobilizaram para tentar resolver o problema citado acima. Nesse ponto se identifica a contradição no processo de formulação da política pública que envolve a cogestão, ou seja, a falta de uma “concertação” entre os diversos atores do Estado e da sociedade civil para a consecução do que é definido na política e, no que está assegurado na Constituição Cidadã para gerir o bem público.

Em síntese, dois aspectos ressaltam no que tange à institucionalização de RESEX como mecanismo de participação em cogestão do território. De um lado o desafio da conjugação ou combinação entre o processo de associação formal nas instâncias da RESEX e o associativismo, de caráter informal, na busca de resolução de problemas práticos do cotidiano via ajuda mútua etc. De outro lado, as particularidades do processo organizativo local. O encaminhamento de demandas por bens pessoais no âmbito do conselho deliberativo é espaço e tempo marcado por disputas e debates mais acirrados. E, de outro o encaminhamento de demandas por bens sociais, que embora apresente limitações na participação, tende a ser menos conflitivo internamente, ao contrário, pode aglutinar forças em torno de um equipamento social que será acessado por todos, como a mobilização da Vila Que Era em torno da reforma da única escola, que se encontra imprópria para o atendimento as crianças e tem sido objeto de mobilização da comunidade.

Vale dizer que não se trata de um julgamento de valor sobre a premência de demandas por bens pessoais sobre os coletivos, especialmente em se tratando de comunidades inseridas em um município, Bragança, que, conforme Silva Junior (2013) tem “[...] cerca de 52% da população, segundo o IBGE (2010), vivendo dentro da linha de pobreza” (p. 76, 77). A pergunta sociológica refere-se a: como uma política pública prevista para vigorar por 50 anos está sendo implementada para que atinja seus objetivos de preservação e sustentabilidade social e de recursos naturais em benefício das gerações atuais e futuras?

Contudo, nada disso invalida o caminho de construção de participação coletiva via cogestão de bens comuns.

1.4 As Reservas Extrativistas como campo social: contribuições de Bourdieu

Diante dos embates que se estabelecem entre sociedade civil e Estado, é pertinente buscar nas discussões de Bourdieu a compreensão da ação dos sujeitos em um determinado campo social com os diversos tipos e pesos de seus capitais acumulados, ocupando posições hierárquicas desiguais, em constante correlação de forças e poder, neste caso a RESEX em estudo.

Como já foi dito, a incipiente participação de jovens na cogestão é um fato constatado em pesquisa anterior e, o intento neste novo estudo é buscar identificar os múltiplos fatores que estão contribuindo para essa baixa participação. A teoria de campo social de Bourdieu é um farol para conhecer esses fatores.

Para Bourdieu (2007, p. 135), o campo social é:

[...] um espaço multidimensional de posições tal que qualquer posição actual pode ser definida em função de um sistema multidimensional de coordenadas cujos valores das diferentes variáveis pertinentes: os agentes distribuem-se nele, na primeira dimensão, segundo o volume global do capital que possuem e, na segunda dimensão, segundo a composição do seu capital – quer dizer, segundo o peso relativo das diferentes espécies no conjunto das suas posses.

Nessa perspectiva, pode-se considerar a RESEX como um campo social, isto é, um espaço social multidimensional, dotado de relações sociais e se expressa de modo tão objetivo quanto o espaço geográfico. Um campo de poder no qual coexistem tensões e conflitos com relações de forças entre as posições ocupadas pelos agentes sociais, hierarquizadas a partir da composição dos seus diferentes capitais – econômico, social, cultural e simbólico –, que, em conjunto, influirão na participação dos indivíduos na cogestão do território. Ainda para Bourdieu:

A posição de um determinado agente no espaço social pode assim ser definida pela posição que ele ocupa nos diferentes campos, quer dizer, na distribuição dos poderes que actuam em cada um deles, seja, sobretudo, ao capital econômico – nas suas diferentes espécies –, o capital cultural e o capital social e também o capital simbólico, geralmente chamado prestígio, reputação, fama, etc. que é a forma percebida e reconhecida como legítima das diferentes espécies de capital (BOURDIEU, 2007, p. 134, 135).

Para Bourdieu, o campo social não é dado, é um espaço construído a partir das relações que se travam entre os agentes sociais “[...] na base de princípios de diferenciação ou de distribuição constituídos pelo conjunto das propriedades que actuam no universo social considerado” (BOURDIEU, 2007, p. 133). Isto significa que ao agente social detentor dessas propriedades é instituído “[...] força e poder. Os agentes e grupos de agentes são assim

definidos pelas suas posições relativas neste espaço” (BOURDIEU, 2007, p. 134). Tratam-se, portanto, de posições relacionais entre agentes definidas pelo peso e volume de seu capital.

Trazendo essa forma de analisar o espaço social para a RESEX significa considerá-la como um campo social com regras específicas instituídas nos instrumentos da cogestão, “[...] no qual estão inseridos os agentes e as instituições que produzem, reproduzem ou difundem” a RESEX (BOURDIEU, 2004, p. 20). Entretanto, esse campo social obedece também às leis do mundo social em geral, da sociedade da qual faz parte. Isto, para não deixar dúvidas quanto à concepção de que a RESEX possa parecer um mundo à parte, mas como um subcampo que, por sua vez possui seus subcampos, conforme dita a noção apresentada por Bourdieu:

A noção de campo está aí para designar este espaço relativamente autônomo, esse microcosmo dotado de suas leis próprias. Se, como o macrocosmo, ele é submetido a leis sociais, essas não são as mesmas. Se jamais escapa às imposições do macrocosmo, ele dispõe, com relação a este, de uma autonomia parcial mais ou menos acentuada (BOURDIEU, 2004, p. 20, 21).

Seguindo essa linha de raciocínio os jovens, como agentes sociais, se movem nesse campo social e circulam em diversos subcampos nos quais ocupam posições diferentes entre si e, entre os demais atores sociais. Em suas vilas possuem tipos de capital diferentes. Como estudantes acumulam variados volumes e peso de capital cultural em diferentes níveis de escolaridade, deflagrando certas distinções perante aqueles que não possuem esse capital. Como pescadores ocupam posições diversificadas definindo seu capital econômico e capital simbólico na medida em que atuam em várias modalidades - pesca familiar, pesca por comissão, pesca industrial. Como resultado dessas diversas formas de inserção no trabalho da pesca ocupam posições definidas pelas propriedades dessas modalidades que variam desde aquele jovem pescador que é filho e neto de pescador e trabalha por conta própria na pesca familiar, até o que trabalha na pesca industrial. A posição no campo social do primeiro é distinta por ter liberdade para definir o tempo que passa no mar e, o trabalho por conta própria exige que domine a arte da pesca incorporada em sua história de vida, resultando em um volume de saberes do universo da pesca que o distingue entre seus pares. Para Maneschy (1990, p. 96) trata-se de uma *arte*, a *arte de pescar*:

Essa arte compreende um conjunto amplo e diversificado de conhecimentos, técnicas e habilidades necessárias para explorar os recursos pesqueiros litorâneos. As diversas modalidades de captura aí praticadas expressam uma riqueza de formas de relacionamento com a natureza, à base de um complexo conhecimento do mar, dos movimentos dos cardumes, incluindo também a confecção de parte dos instrumentos de trabalho [...] o ser pescador envolve um longo aprendizado, um processo de socialização desde a infância, o que o torna um trabalhador altamente qualificado.

Contudo, seu rendimento é variável e menor em relação aos empregados das empresas de pesca industrial, com menor liberdade para controlar o tempo em que passam no mar, em geral, dois a três meses embarcados. Ambos têm posições diferenciadas nesse campo social a partir da perspectiva que o peso e o volume de seus capitais são reconhecidos pelo campo social.

Outras disposições também demarcam posições diferenciadas: são solteiros ou casados, filhos/filhas ou pais/mães, provedores familiares ou dependentes dos pais, participantes de grupos na comunidade ou não. Essas disposições no campo social comportam determinado peso de capital social, cultural e simbólico. No campo social da RESEX são usuários/beneficiários/moradores em correlação de forças com os diversos representantes do governo federal, estadual e municipal, de confissões religiosas, de empresas, de organizações não governamentais, da associação-mãe, do órgão gestor – ICMBio e de cientistas de diversas áreas acadêmicas.

Nesse campo social de cogestão da RESEX – como a participação no conselho deliberativo, por exemplo, cujos agentes detém propriedades distintas de capital econômico, cultural, social e simbólico, que peso terá a habilidade de enfrentar o mar para pescar, a destreza manual, o senso de direção no mar e no mangue, o conhecimento das condições do vento, a arte de tecer a rede de pesca? A resposta parece apontar para a necessidade do jovem acumular um maior volume de capital que lhe permita dialogar com a tecnocracia presente na relação dessa importante instância de cogestão da RESEX.

Dados da pesquisa de campo mostram algumas situações que podem jogar luzes no entendimento dessa correlação de forças no campo social da RESEX. O jovem C. G. A. B., de 26 anos, pescador por conta própria, não estudante, com escolaridade em nível de ensino fundamental incompleto respondeu: *Se for um projeto de negócio da Vila, eu acho que participar, a pessoa tem que dar um pouco de ideia, participar pelo menos um pouco, uma ideia, uma opinião, um conselho para que seja feito mesmo a sua participação, não só apenas está fazendo um número lá, um dígito só.* Significa dizer que, sem capital social, cultural, simbólico a participação se limita à presença física, insuficiente para promover a participação social (BORDENAVE, 1983) na cogestão da RESEX.

Outras formas de capital são observadas no campo social da RESEX na perspectiva da cogestão. Segundo o jovem M. J., de 28 anos, com nível médio completo, sua família é discriminada pelas lideranças da Vila uma vez que não é convocada a participar de reuniões ou ações da RESEX. Este fato denuncia a correlação de forças que envolvem as diferentes posições hierarquizadas no campo social. Assim afirma o jovem sobre convite para participar

das reuniões da comunidade: [...] *nunca, é difícil, eles [as lideranças] avisam assim por cara. Em casa eles num vão avisar.*

É perceptível a identificação de tensões e conflitos entre atores sociais na RESEX em razão de maior ou menor acumulação de capital social, cultural e simbólico. Para Bourdieu:

O campo de produção simbólica é um microcosmos da luta simbólica entre as classes: é ao servirem os seus interesses na luta interna do campo de produção (e só nesta medida) que os produtores servem os interesses dos grupos exteriores ao campo de produção (BOURDIEU, 2007, p. 12).

Com efeito, no microcosmo da RESEX ocorrem lutas simbólicas no âmbito da cogestão, descortinadas na medida em que se apura elementos que mostram a ainda frágil implementação do processo na comunidade. Na Vila do Bonifácio, 82,3% dos jovens entrevistados desconhecem o plano de manejo, instrumento legal que ordena as atividades socioambientais na RESEX. A afirmação do jovem C. D. F. G., de 23 anos, que não estuda, tem escolaridade em nível de ensino médio e trabalha com o pai na pesca ilustra a informação quantitativa: *Plano de manejo não, só conheço as coisas da pesca mesmo.* Ele acessa o conhecimento das regras da pesca advindas do plano de manejo na interação com os demais pescadores no exercício do trabalho e nas conversas informais entre eles, não pela participação direta nas reuniões.

Na Vila Que Era, quase todos os jovens, 95,7%, não conhecem o plano de manejo. A não apropriação de informações relevantes para a participação na cogestão implica na baixa acumulação de capitais para concorrer, de forma mais igualitária, na arena dessa cogestão. Nessa perspectiva teórica, outros fatores serão analisados ao longo do texto para identificar a incipiente participação dos jovens na cogestão da RESEX.

CAPÍTULO 2 – A RESERVA EXTRATIVISTA MARINHA DE CAETÉ-TAPERACU

Este capítulo contextualiza a RESEX Marinha de Caeté-Taperaçu no município de Bragança na costa norte do estado do Pará, enfocando sua estrutura organizacional, política, cultural, social e demográfica. Apresenta a instituição do território em RESEX com seus limites, zonas de amortecimento, usuários, beneficiário, gestor federal – ICMbio, a estrutura formal de gestão com os polos, comitês, associação-mãe, conselho deliberativo.

2.1 A Reserva Extrativista Marinha de Caeté-Taperaçu

Retomando a análise olsoniana, é possível compreender a complexidade da ação coletiva na preservação dos recursos comuns na institucionalização de comunidades em RESEX. Ele aponta uma das estratégias em processos dessa natureza quando afirma que “[...] existe, contudo, outra estratégia que os grupos poderão adotar e que é a de convencerem o governo da necessidade que este legisle no sentido de tornar a filiação na organização obrigatória [...] A filiação compulsiva é apenas uma das formas por meio das quais os governos podem levar ao incentivo da ação coletiva (OLSON, 1998, p. xiii).

As Reservas Extrativistas podem se constituir uma forma estimulada de realizar a ação coletiva no sentido de preservação dos recursos em comum e, os modos de vida das populações associando a coerção legal advinda do reconhecimento de sua autoridade na jurisdição, com a participação dos moradores e usuários.

Em trabalho realizado sobre os manguezais da costa norte brasileira, a socióloga Cristina Maneschy chama a atenção para o crescente interesse sobre o estudo dos recursos comuns - os mangues e seus usos sociais. Conforme ressalta:

No que se refere aos manguezais da costa norte, tem crescido o interesse de cientistas sociais sobre a temática dos usos sociais desse ecossistema, procurando-se conhecer as modalidades e os fatores de ocupação humana, suas transformações, assim como caracterizar as populações que deles dependem (MANESCHY, 2003, p. 135).

Isto significa que, na região Norte, em especial, na região costeira, a instituição de Reservas Extrativistas exige um esforço de investigação sobre os efeitos da institucionalização desses territórios na confluência dos interesses das comunidades que neles vivem e a preservação dos meios de vida - o ambiente.

A RESEX pode ser incluída como experiência de gestão de bens comuns a partir dessa linha argumentativa. Criada em 2005, a Reserva Extrativista Marinha de Caeté-Taperaçu

abrange 42.068,17¹³ hectares da área costeira do município de Bragança (PA), no litoral nordeste do estado, cuja sede é a referência administrativa e de equipamentos sociais para as comunidades da RESEX.

Na economia paraense o município de Bragança destaca-se pela produção pesqueira, incluindo o extrativismo do caranguejo, e cultivo da farinha de mandioca. O turismo é também um dos elementos de destaque de Bragança ancorados no patrimônio cultural e praias do litoral. Contudo, é um dos municípios com menor Índice de Desenvolvimento Humano Municipal (IDHM) do país, 0,600 figurando na 4.144^a posição do *ranking* brasileiro, em 2010¹⁴, abaixo de municípios do nordeste paraense como Marituba (0,676), Castanhal (0,673), Benevides (0,665) e incluindo a capital do estado, Belém, cuja posição é a 628^a, com IDHM de 0,746. Sobre o município há vasta produção documental e literária¹⁵.

A RESEX é composta de manguezais em sua maior parte, 24 mil hectares e, outra parte por estuários, praias, ilhas, dunas, restingas, campos naturais salinos e outros ambientes costeiros.¹⁶ A RESEX envolve tanto os habitantes que se encontram dentro dos seus limites quanto os que vivem em seu entorno, mais especificamente, na área de amortecimento e dela fazem seus meios de vida, por isso, os habitantes dessa área são denominados de moradores e usuários. A seguir apresenta-se um mapa da RESEX, com limites e a localização das duas vilas estudadas (Figura 3).

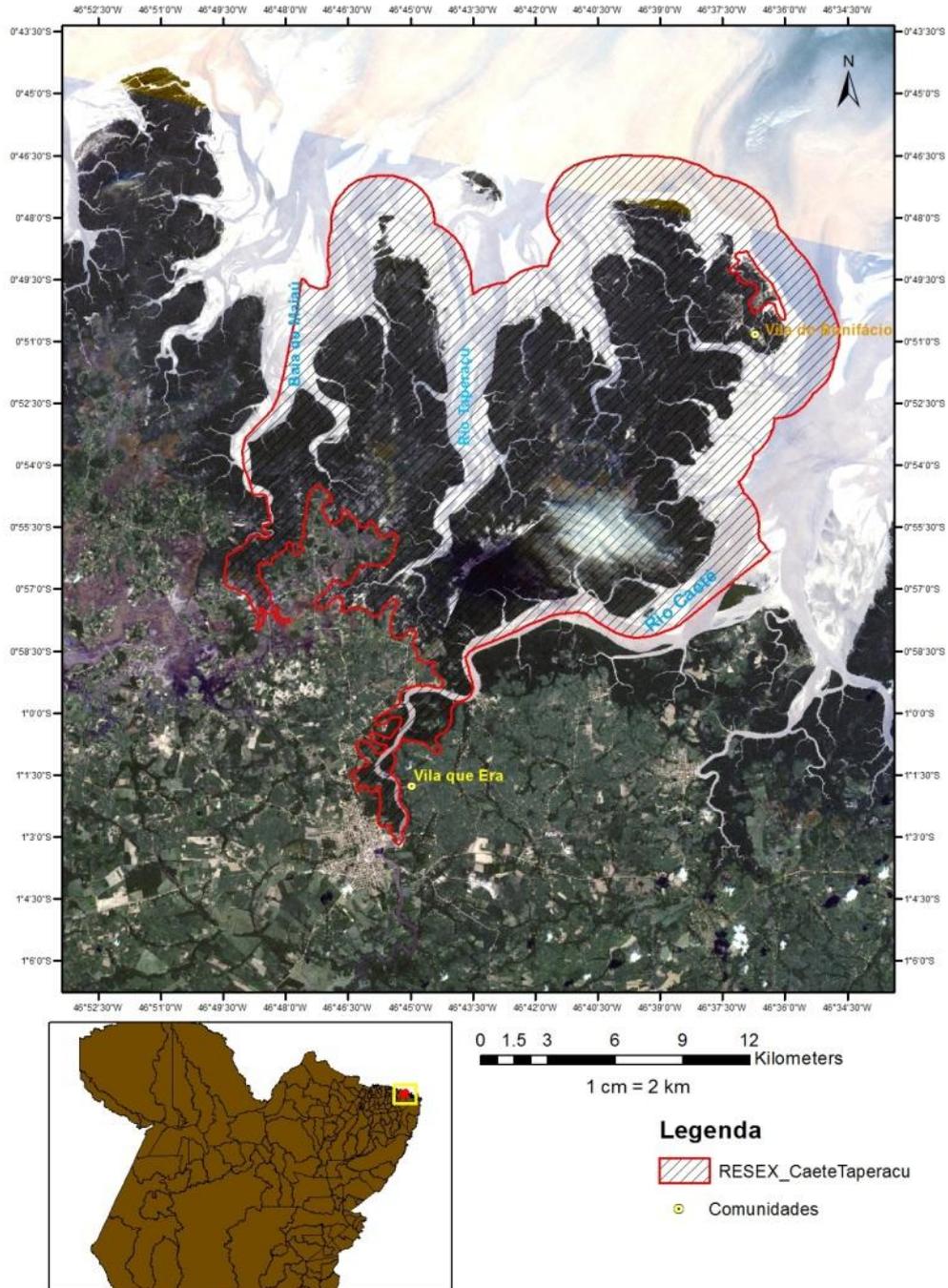
¹³ Decreto de Criação da RESEX. Art. 1º, de 25.05.2005.

¹⁴ Disponível em: <http://www.pnud.org.br/atlas/ranking/Ranking-IDHM-Municipios-2010.aspx>. Acesso em: 20 jul. 2016.

¹⁵ Sobre Bragança consultar: Armando Bordallo da Silva (1981); Benedito César Pereira (1963); Dário Benedito Rodrigues Nonato da Silva (2006); <http://profdariobenedito.blogspot.com.br/2010/07/braganca-uma-historia-da-terra-de-cao-y.html> entre outros igualmente importantes.

¹⁶ MMA/SPF/DAP/CADASTRO. Disponível em: [http://sistemas.mma.gov.br/cnuc/index.php?ido=relatorio parametrizado.exibeRelatorio&relatorioPadrao=true&idUc=248](http://sistemas.mma.gov.br/cnuc/index.php?ido=relatorio%20parametrizado.exibeRelatorio&relatorioPadrao=true&idUc=248)

Figura 3 – Mapa com os limites da RESEX e localização das duas vilas estudadas



Elaboração: Willian Fernandes (jun. 2016)

Segundo o Relatório Parametrizado no Cadastro de Unidades de Conservação¹⁷ a RESEX possui, aproximadamente, 5.000 (cinco mil) famílias extrativistas¹⁸, cujos meios de vida são os recursos naturais dos manguezais, em especial o caranguejo-uçá, incluindo o seu beneficiamento. Existem também diversas espécies de peixes marinhos e estuarinos, camarões, moluscos, além de frutas e outros recursos do manguezal. Ainda segundo esse relatório, apenas três comunidades localizam-se no interior da RESEX, ocupando uma área em torno de 80 ha, com aproximadamente 700 famílias. São elas: Castelo, Vila dos Pescadores e Vila do Bonifácio.

O Relatório ainda destaca:

[...] a diversidade no uso dos recursos naturais e nos padrões de ocupação nas comunidades rurais no entorno dos manguezais, assim como a expressiva presença de aves costeiras, marinhas e limícolas, grandes faixas com exuberantes manguezais ainda bem conservados, presença de fauna de dezenas de mamíferos e reptéis de pequeno e médio porte nas áreas da RESEX. Há ainda processo de identificação do Sítio Arqueológico do Jabuti, com evidências de Terra Preta Arqueológica (TPA) e restos de cerâmica com datação estimada em 2300 anos (Relatório Parametrizado - Unidade de Conservação)¹⁹.

Corroborando esses dados, Maneschy acrescenta que a RESEX é classificada como bioma marinho, contudo é constituída por uma floresta de mangue da qual se extrai principalmente o caranguejo. É formada por comunidades que mantêm relações diversificadas com os recursos naturais, praticando uma “[...] economia polivalente baseada na agricultura, pesca e coleta” (MANESCHY, 2003, p. 134). As comunidades praticam tanto a pesca quanto a agricultura de subsistência - pequenos roçados, cultivo da mandioca e fabrico da farinha. A pesca se realiza nos rios e furos, mas principalmente no mar. A coleta de caranguejo é feita no mangue, de forma rudimentar, com o uso do braço para retirada do caranguejo. No extrativismo do caranguejo, os apropriadores “são chamados localmente de ‘tiradores’ de caranguejos, ‘caranguejeiros’, ‘catadores’ e ‘catadoras’ ou ‘catadeiras’. São homens e mulheres que desenvolveram formas de ajustamento ao meio para dele extraírem seus meios de vida e responderem às solicitações dos mercados” (MANESCHY, 2003, p. 136).

Mesmo antes da instituição do território em RESEX - diante da crescente escassez do caranguejo no mangue - instituíram-se medidas de ordenamento, que se caracterizam na linha proposta por Olson e Ostrom, conforme explica Maneschy:

¹⁷ MMA/SPF/DAP/CADASTRO.<http://sistemas.mma.gov.br/cnuc/index.php?ido=relatorioparametrizado.exibeRelatorio&relatorioPadrao=true&idUc=248>

¹⁸ Segundo a analista ambiental e gestora atual do ICMBio, a RESEX possui 4.500 famílias de acordo com Cadastro realizado e, pessoas, em torno de 20.000.

¹⁹ MMA/SPF/DAP/CADASTRO.<http://sistemas.mma.gov.br/cnuc/index.php?ido=relatorioparametrizado.exibeRelatorio&relatorioPadrao=true&idUc=248>

Ao longo da última década, assiste-se a uma crescente preocupação quanto à sustentabilidade dos estoques de caranguejos, que estariam sendo comprometidos pela acentuada pressão. No Pará, em resposta ao problema, instituiu-se desde o ano de 2003 um período de paralisação da captura de caranguejos, o defeso. A efetiva aplicação dessa medida de ordenamento requer, de um lado, que as várias categorias sociais envolvidas participem das discussões e proposições, ou seja, desde os técnicos, pesquisadores, organizações profissionais e comunitárias, até os que trabalham nos manguezais e nas atividades pré - e pós captura (MANESCHY, 2003, p. 136).

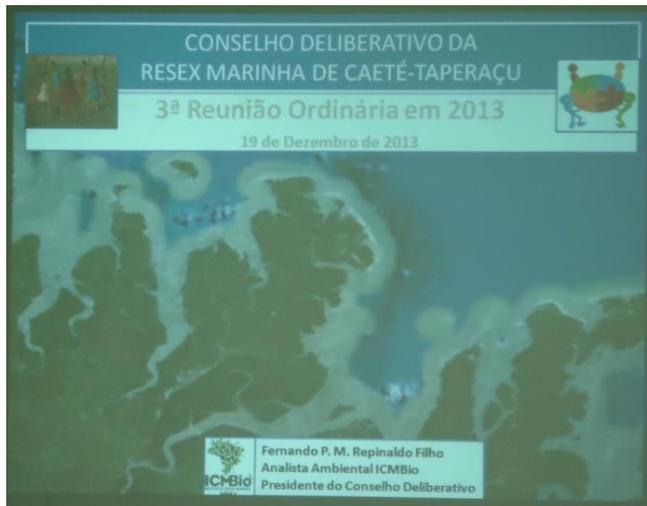
Com a instituição do território em RESEX, um novo conjunto de medidas de ordenamento passou a definir regras de gestão. A mola mestra desse novo ordenamento é a cogestão envolvendo atores sociais em âmbito local, municipal, estadual e federal. Usuários e moradores, ou seja, os habitantes tradicionais passam a ser beneficiários da política pública. Esse novo estatuto lhes confere uma identidade de atores sociais que podem influenciar nos destinos do seu território. Assim, é imprescindível a participação nas instâncias de decisão da RESEX, tendo como referência interna e coletiva o plano de manejo, que lhes garante o direito de uso como pescadores artesanais, extrativistas, pequenos agricultores e criadores, processadores de produtos da pesca e apicultores. Fazem parte também desse conjunto de atores da RESEX os cientistas, as ONG, políticos e administradores governamentais, todos com assento no Conselho Deliberativo da RESEX.

O plano de manejo é um instrumento imprescindível para a instituição da cogestão da RESEX. Na reserva em estudo foi elaborado com a participação de representantes das comunidades envolvidas e de consultoria técnica especializada – a Cooperativa de Ideias Ambientais e Tecnologias Sociais (ECOOIDEIA) e a coordenação do órgão gestor ICMBio. Segundo esse documento:

Como características gerais, as RESEX representam áreas de domínio público com uso concedido à populações tradicionais extrativistas, são geridas por um Conselho Deliberativo, permitem o uso sustentável dos recursos naturais e a implantação de estruturas voltadas para a melhoria da qualidade de vida das comunidades, e possuem Planos de Manejo onde são definidas as normas de uso, o zoneamento das áreas e os programas de sustentabilidade ambiental e socioeconômica, entre outros aspectos (ABDALA et al., 2012, p. 1).

O plano de manejo da RESEX Marinha de Caeté-Taperaçu foi aprovado em reunião do Conselho Deliberativo realizada em 19 de dezembro de 2013 (Figura 4), na qual o coordenador do ICMBio apresentou o plano e contou com a aprovação dos conselheiros (Figura 5). Na Figura 6, detalhe da imagem do representante comunitário de Vila do Bonifácio presente na reunião.

Figura 4 – Apresentação do plano de manejo na reunião do conselho deliberativo (dez. 2013)



Fonte: Acervo da autora (2013)

Figuras 5 e 6 – Reunião do conselho deliberativo (dez. 2013)



Fonte: Acervo da autora (2013)

A estrutura de representação política da gestão da RESEX é feita por meio da organização das comunidades em comitês e polos, com representantes que, por sua vez fazem parte do conselho deliberativo. Sobre os polos, o documento afirma: “[...] representação política de extrativistas moradores de comunidades próximas geograficamente, em um total de oito polos, como representação de base comunitária/extrativista no Conselho Deliberativo da RESEX” (ABDALA et al., 2012, p. 5). O comitê comunitário é a “[...] organização representativa dos extrativistas da RESEX Marinha de Caeté-Taperaçu” (ABDALA et al., 2012, p. 5). A Figura 7 mostra a placa indicativa do limite da RESEX, na Vila Que Era, às margens do rio Caeté.

Figura 7 – Placa do ICMBio indicativa da Área de RESEX na Vila Que Era



Fonte: Pesquisa de campo (abr. 2015)

O Quadro 1 apresenta a distribuição de 68 (sessenta e oito) comunidades da RESEX por polos, segundo dados do plano de manejo (ABDALA et al., 2012, p. 5). Há, contudo, diferenças desse quantitativo no mesmo documento nas páginas 12 e 13, nas quais consta a tabela 1 apresentando os oito polos, porém com um número menor de comunidades, totalizando 57 (cinquenta e sete) comunidades. Segundo informações da gestora do ICMBio são 52 (cinquenta e duas) comunidades. As comunidades grafadas em *itálico* identificam aquelas que não constam na tabela do plano de manejo, citada acima, mas constam no texto do mesmo documento. As comunidades grafadas em **negrito** são as duas vilas objetos deste estudo.

Quadro 1 – Comunidades da RESEX Marinha de Caeté-Taperaçu por polos

Nº	NOME DO POLO	COMUNIDADES	
1	Cidade (13)	Aldeia	Perpétuo Socorro
		Alegre	Riozinho
		<i>Centro</i>	<i>Samaumapara</i>
		Cereja	<i>Taira</i>
		<i>Jiquiri</i>	<i>Vila Nova</i>
		Morro	Vila Sinhá
		<i>Padre Luiz</i>	
2	Caratateua (11)	Camutá	Rio Grande
		Caratateua	Sítio Grande
		Cháu	Taquandêua
		<i>Cipoara</i>	Vila dos Lucas
		<i>Jundiá</i>	Vila Que Era
		<i>Montenegro</i>	
3	Bacuriteua (6)	América	Pontinha do Bacuriteua
		Bacuriteua	Taperaçu-Porto
		Castelo	Vila do Meio
4	Tamatateua (8)	Patalino	Serraria
		Porto da Mangueira	Tamatateua
		<i>Porto dos Milagres</i>	Taperaçu-Campo/Acarpará
		Retiro	<i>Trapeval</i>
5	Treme (7)	Aciteua	São Domingos
		El Dorado	Treme
		Jandiá	Vila Nova
		Pimenteira	
6	Acarajó (6)	Acarajó Grande	
		Acarajozinho	
		Inambucuí	
		Piçarreira	
		São Benedito	
		Vila Verde	
7	Campos (14)	Abacateiro	Lago do Povo
		Bom Jardim	Maçarico
		Cafezal	Ponta da Areia
		Cajueiro	São Bento
		Cariambá	São José
		Ferreira	São Tomé
		Lago	Urubuquara
8	Ajuruteua (3)	Bonifácio	
		Campo do Meio	
		Vila dos Pescadores	

Fonte: Elaborado pela autora, a partir dos dados constantes em Abdalla et al. (2012)

Dentre essas comunidades, apenas três encontram-se dentro dos limites da RESEX: Castelo, Vila dos Pescadores e Vila do Bonifácio, esta última objeto desta pesquisa. As demais se encontram no entorno, cuja população extrativista usufrui da RESEX, sendo por isso denominados de beneficiários nas modalidades: moradores e/ou usuários. Para efeito desta pesquisa referir-se-á à RESEX envolvendo essas duas modalidades – moradores e usuários. Na medida em que se tratar de demarcar diferenças entre ser de dentro dos limites da RESEX ou do entorno, haverá a respectiva particularização.

Esse ordenamento passou a vigorar e influenciar o modo de vida dos habitantes que podem ter motivado a adesão ao projeto de RESEX por vislumbrarem um meio de ter mais segurança, trabalho e garantia de sobrevivência em um momento de forte pressão da pesca industrial na região, o que dificulta o trabalho da pesca no mar (MANESCHY, 2012). Nesse sentido, as reflexões teóricas de Ostrom são pertinentes no estudo da RESEX com a ótica institucionalista – apropriação de recursos comuns, não privados, em regime de cogestão com comunidades viáveis (MANESCHY, 2011).

Nessa linha de interpretação, a relação se dá com as comunidades e não com indivíduos, comunidade entendida como grupo em relação ao qual há “[...] noção de pertencimento e identidade comum. Portanto, tende a gerar confiança, expectativas recíprocas de comportamento e redução de incertezas” (MANESCHY, 2011). Dá-se também em uso restrito a essas comunidades devidamente identificadas em oposição ao acesso livre, acrescentando um elemento a mais para evitar a ocorrência da “tragédia dos comuns”, de Hardin. A citação de Berkes et al. argumenta nesse sentido:

A principal razão pela qual a literatura sobre recursos comuns se refere tanto à gestão baseada na comunidade é o fato de que, quando os usuários se organizam como uma ‘comunidade’, há tendência de se reduzir os custos de transação e a aumentar a probabilidade de sucesso na organização que visa à ação coletiva (BERKES et al., 2006, p. 250).

Como recurso para evitar a “tragédia dos comuns”, a institucionalização é uma alternativa viável, e a transformação dos habitantes em usuários e beneficiários da RESEX não significa, necessariamente, a mudança na sua identidade como habitante da comunidade. Talvez essa identidade se torne até mais consciente, com a noção de apropriadores legítimos dos bens comuns, com a responsabilidade por cuidar e utilizar racionalmente esses recursos comuns. Há, evidentemente, mudanças na forma de se organizar para gerir o território, como um jovem pescador que também se torna líder comunitário e representante da comunidade no Comitê, por exemplo. Essa nova posição na gestão estimulou-o a retomar os estudos para melhor acompanhar os processos e discussões travados na cogestão. Atualmente, trabalha em

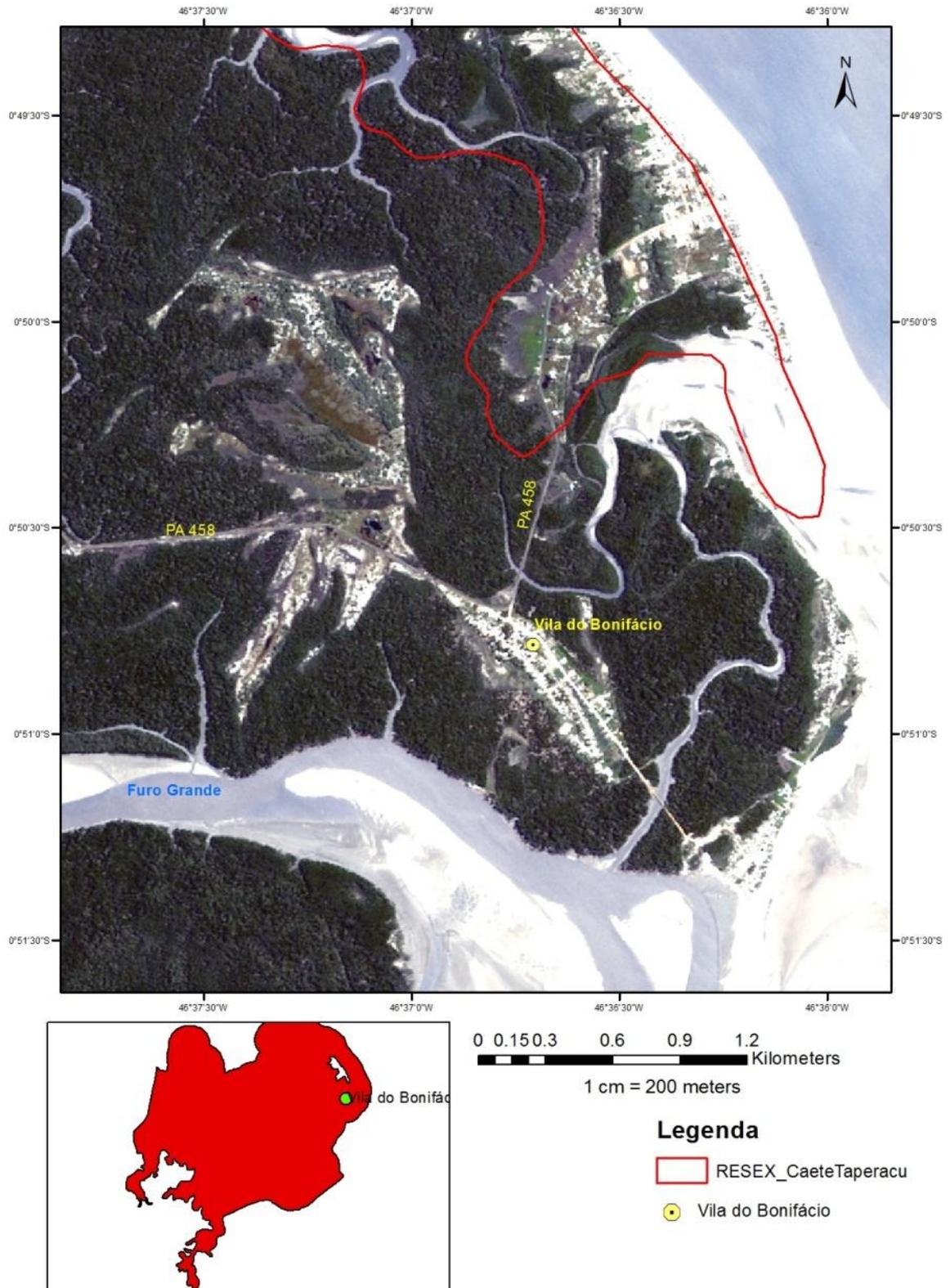
uma das secretarias municipais na sede do município e pesca eventualmente. A seguir um fragmento de sua fala: *Eu queria dizer que quanto mais eu trabalho pela minha comunidade eu me sinto mais feliz e um novo sonho realizado e uma nova esperança dos filhos e filhas dos moradores da Vila Que Era* (D. B. S, 28 anos).

2.2 As duas áreas de estudo: Vila do Bonifácio e Vila Que Era

a) Vila do Bonifácio

A Vila do Bonifácio localiza-se a 30 km de Bragança, com acesso por via terrestre, pela PA-458 que liga Bragança à Praia de Ajuruteua, na Comunidade Campo do Meio. Bonifácio é uma das três comunidades nessa área. As demais são Campo do Meio e Vila dos Pescadores. A vila faz parte do polo Ajuruteua na estrutura da cogestão da RESEX. A seguir, um mapa da vila com a sua localização na RESEX (Figura 8).

Figura 8 – Mapa da Vila do Bonifácio e sua localização na RESEX



Elaboração: Willian Fernandes (jun. 2016)

Nota-se no alto da imagem (Figura 8) o trecho da PA-458, que segue para o norte, em direção à comunidade de Campo do Meio, na praia de Ajuruteua. A via que segue em direção sudeste, atravessa a vila do Bonifácio (centro da imagem), termina na Vila dos Pescadores, às margens do Atlântico. Essa via é a única rua de terra firme, denominada de Rua Principal (Figura 9), as demais são de areia, incluindo áreas alagáveis (Figura 10).

Figura 9 – Rua Principal



Fonte: Pesquisa de campo (ago. 2015)

Figura 10 – Rua paralela à Principal



Fonte: Pesquisa de campo (ago. 2015)

Segundo os moradores antigos, as primeiras famílias a ocupar a área vieram da Vila dos Pescadores, cujas moradias estavam sendo afetadas pela erosão marinha. Houve então um movimento para ocupar uma fazenda para o assentamento dessas famílias. Maneschy (1995) documentou em sua dissertação de mestrado (1988), com o título “Ajuruteua, uma comunidade Pesqueira Ameaçada” a vida dos pescadores dessa comunidade, na qual “[...] chama a atenção para os impactos de fatores que estão ameaçando a permanência da comunidade”, segundo Lourdes Gonçalves Furtado no prefácio do livro citado.

Maneschy (1995) afirma:

Levanta-se, pois, entre os moradores, sugestões de um novo local, para onde poderiam ser transferidos, com a ajuda do poder público. Cogitam em uma área chamada Ilha do Bonifácio, localizada na própria ilha de Ajuruteua, a cerca de 4 quilômetros da vila. Porém, esbarram num fato novo: o lugar para onde pretendem ir já mudou de estatuto jurídico e fugiu às normas tradicionais de apropriação. Ele foi ocupado por uma empresa imobiliária, que aí desenvolve um projeto de loteamento. Existe alguma mobilização dos moradores para que o Estado desapropriar a área ou promova algum acordo com os ocupantes, visando garantir a transferência (1995, p. 8 e 9).

O trabalho da pesquisadora se reverte de fundamental importância para este estudo uma vez que documenta a história da formação da vila atual e permite a elaboração de análises na perspectiva histórico-social das transformações no modo de vida dessa comunidade de pescadores. Ainda, segundo a autora, na ilha do Bonifácio, décadas antes, havia a produção de sal, onde funcionava uma espécie de salina pertencente aos proprietários

da ilha e considerados fundadores da comunidade, a família Melo. Há atualmente, marcas identitárias da família Melo na Vila do Bonifácio. O sobrenome Melo é o segundo mais frequente na comunidade, apenas atrás dos Silva. A escola da comunidade se chama Domingos de Souza Melo, provavelmente descendente da família proprietária. Assim, muitas relações poderão ser encontradas nessa perspectiva.

Corroborando esses dados, um dos moradores antigos narra sua experiência na ocupação da vila:

Nasci na Vila dos Pescadores, de Ajuruteua e, eu tenho parte na fundação dessa vila aqui. A gente invadiu essa ilha e eu, conseqüentemente, estava presente nessa invasão. Foi liderada por um rapaz, inclusive, ele quase foi preso. É um processo de erosão muito comum nas praias, como tá acontecendo ali na praia de Ajuruteua, isso há muito tempo atrás começou na Vila dos Pescadores que é uma vila, por sinal, muito linda e a gente sofreu esse processo, essa degradação lá e a gente foi obrigado a se transferir pra cá, pra essa ilha, era até então abandonada. Primeiro a gente procurou os recursos que a gente achava que seriam possíveis pra adquirir a ilha pra se transformar numa Vila, e a gente conseguiu invadir ela. Fomos pra justiça, na época era o Sr. M. P., dono de uma imobiliária – Araçari Florestal, ele tinha comprado essa ilha e do Campo do Meio, depois ele vendeu o Campo do Meio, largou, mas a gente teve que ganhar na justiça (M. S. R., 45 anos).

Ainda sobre a fundação da Vila do Bonifácio, o morador acrescenta:

A família Melo, eles vieram da cidade de Sobral – CE e fundaram a primeira praia de Ajuruteua. Essas duas famílias, a Souza e a Melo vieram na época de uma grande seca no Ceará e eles acabaram por fundar essa comunidade pesqueira aqui. Uma parte que era pescador, outra parte que gostava de agricultura foi trabalhar na agricultura na área de Tijoca, Peritoró, por aí. Eu sei que deu origem a família dos Monteiro, que hoje, inclusive, tem o vice-prefeito de Bragança, é dessa família também. Esse Domingos de Souza Melo criou gado aqui há muito tempo atrás. Ele e o irmão dele, o G. M., têm um gado ainda aí que é do filho do G. M., do tio L. M. e depois eles deixaram aqui, eu num sei, era pouco o gado, o gado morreu, teve um tempo que teve uma invasão de morcegos e matou esses gado. Eu era um rapaz de uns 14 anos [...] Tinha muita cabra na Vila dos Pescadores e morreu muita cabra por causa desses morcegos. Isso fez com que eles abandonassem a cultura do gado e o que remanesceu foi esse aí do tio L. M. (M. S. R., 45 anos).

A Vila do Bonifácio conta com equipamentos sociais como a Escola Municipal Domingos de Souza Melo (Figura 14), o Posto de Saúde (Figura 15), a praça na entrada da vila, o centro comunitário, uma igreja Católica, duas igrejas Evangélicas, açougue, bares, pequenos casas de comércio de variedades.

Figura 11 – Praça da vila e pavimentação da PA-458 antes das férias escolares



Fonte: Pesquisa de campo (abr. 2015)

Figura 12 – Praça da vila revitalizada pós-período de férias escolares



Fonte: Pesquisa de campo (ago. 2015)

Vale uma ressalva para destacar a importância do turismo para a vila, expresso, entre outras, pela maneira como essa se prepara para receber os turistas nas férias. A Figura 11 mostra a praça da comunidade em abril de 2015, período em que se encontrava sem nenhum equipamento de lazer e sem manutenção. Mostra também um fragmento da pavimentação da PA-458, sem manutenção. Um dos pontos críticos dessa PA encontrava-se no perímetro da Vila de Bacuriteua, que dá acesso à Vila do Bonifácio, inviável ao tráfego de veículos, obrigando os motoristas a fazerem um desvio por dentro de Bacuriteua. A Figura 12 mostra a praça em agosto de 2015, um mês após o período de férias escolares quando o fluxo de turistas é maior para as praias oceânicas da região. As mesmas ocorrências foram observadas em melhorias na pavimentação asfáltica da PA-458, em agosto de 2015, conforme mostra a Figura 13.

Figura 13 – Revitalização da PA-458 período pós-férias escolares



Fonte: Pesquisa de campo (ago. 2015)

Figura 14 – Vista parcial da Escola Domingos de Souza Melo



Fonte: Pesquisa de campo (abr. 2015)

Figura 15 – Posto de saúde de Ajuruteua na Vila do Bonifácio



Fonte: Pesquisa de campo (abr. 2015)

Possui também projetos sociais como o PROJOVEM, que funciona no centro comunitário (Figura 16), e o projeto Arca das Letras alojado na casa da representante comunitária (Figura 17).

Figura 16 – Centro comunitário/PROJOVEM



Fonte: Pesquisa de campo (ago. 2015)

Figura 17 – Projeto Arca das Letras



Fonte: Pesquisa de campo (ago. 2015)

Faz parte da infraestrutura da Vila do Bonifácio o fornecimento de energia elétrica pela rede pública. Dentre os jovens entrevistados esse serviço atende 100% das moradias, com instalação de medidor individual. Em duas casas, a energia elétrica é uma extensão feita da casa dos pais ou dos sogros, ambas ficam no mesmo terreno da família. Esse tipo de arranjo na infraestrutura doméstica reflete a rede de apoio que a família representa para o jovem casal (Tabela 1).

Tabela 1 – Energia elétrica na Vila do Bonifácio

ENERGIA ELÉTRICA	FREQ.	%
Sim	57	100,0
Não	0	00,0
TOTAL	57	100

Fonte: Pesquisa de campo (2015)

A Vila do Bonifácio não possui água potável, em razão do solo arenoso, situação considerada entre os jovens como o principal problema da comunidade. A vila localiza-se em área marinha, com terreno arenoso dificultando a captação de água potável. De acordo com a Tabela 2 os moradores usam duas modalidades de captação de água: a) 80,7% utilizam a água encanada de poço artesiano com bomba para uso geral e para beber compram água potável; b) 19,3% usam o poço artesanal conhecido como “boca aberta” (Figura 18) que fornece água para afazeres domésticos, porém imprópria para o consumo humano e compram água potável para beber. A água potável é comprada em garrações de um fornecedor local ou em Bragança. Assim como a energia elétrica, em alguns casos a água é compartilhada entre familiares, que utilizam o poço da mãe, do pai e da avó, de parentes e de vizinhos.

Tabela 2 – Água potável na Vila do Bonifácio

ÁGUA POTÁVEL	FREQ.	%
Água encanada de poço artesiano para uso geral e água para beber comprada	46	80,7
Água de poço artesanal para afazeres domésticos e água para beber comprada	11	19,3
TOTAL	57	100

Fonte: Pesquisa de campo (2015)

Alguns moradores recorrem ao uso alternativo de coleta da água da chuva (Figura 19).

Figura 18 – Poço artesanal

Fonte: Pesquisa de campo (mar. 2015)

Figura 19 – Captação de água da chuva

Fonte: Pesquisa de campo (mar. 2015)

Existe uma armação para instalação de uma caixa d'água comunitária (Figura 20), que não está concluída. Segundo um dos moradores, houve problemas de gestão e de dificuldade em encontrar água potável no solo. Houve também mobilização da comunidade junto ao poder público municipal, considerando que o maior problema apontado pelos entrevistados é a falta de água potável na vila, porém, até o momento da pesquisa de campo, sem resultados. O custo social para os moradores é alto, pois necessitam comprar água potável, o que torna consideravelmente oneroso para as famílias com crianças e idosos, mais vulneráveis a doenças. Um dos moradores deixou a pesca para se dedicar a venda de água potável (Figura 21).

Figura 20 - Armação para instalação de uma caixa d'água comunitária



Fonte: Pesquisa de campo (ago. 2015)

Figura 21 – Venda domiciliar de água potável



Fonte: Pesquisa de campo (ago. 2015)

Segundo um dos moradores antigos, o maior problema da falha no funcionamento da caixa d'água foi a escolha do local, inadequado para a captação de água potável. Para outro morador, existe solução para o tratamento da água, a partir de uma experiência que vem sendo implementada na escola local. Ele afirma:

Isso aí foi desviado todo o recurso que veio pra fazer isso aí e, infelizmente não chegou até nós ainda essa água [...] Aqui na escola os técnicos da FUNASA instalaram um filtro, muito bom o filtro, muito boa a ideia, só que a Secretaria de Saúde ficou de arcar com o cloro e com o material pra tirar o odor da água, sulfato de alumínio, eu acho, que é pra tirar o ferro da água. E quando tratada, fica boa, até de beber água daqui da escola, mas agora infelizmente [...] No dia que eles vieram fazer o teste a Secretaria de Saúde trouxe um pouco de sulfato de alumínio e cloro, mas agora infelizmente [...] (M. S. R., 45 anos).

Na Vila do Bonifácio as instalações sanitárias, segundo os jovens entrevistados, são de três tipos: a) 89,5% é fossa externa; b) 7% possui fossa com instalação até o interior da casa, com equipamentos de sanitário e banho, mais comum nas casas construídas pelo Crédito Moradia, INCRA; c) 3,5% são buracos no solo com proteção de madeira, plásticos e similares. Tal como a energia elétrica e a água, há 5,3% de jovens que usam as instalações sanitárias da casa dos pais, sogros, parentes (Tabela 3).

Tabela 3 – Instalações sanitárias na Vila do Bonifácio

SANITÁRIO	FREQ.	%
Fossa externa	51	89,5
Fossa externa – banheiro na casa	4	7,0
Fossa comum – casinha	2	3,5
TOTAL	57	100

Fonte: Pesquisa de campo (2015)

O destino do lixo na Vila do Bonifácio varia desde a coleta pública até a queima. Em 56,2% dos domicílios dos jovens entrevistados, o lixo doméstico é recolhido pela coleta pública, contudo, segundo os entrevistados, essa coleta é irregular. Para alguns, o carro da coleta de lixo passa duas vezes por semana, para outros, passa uma vez e ou não tem regularidade o que torna difícil despojar o lixo na frente da casa para coleta. Assim explica o jovem: *O lixo a gente ajunta e o carro só passa dia de sábado, a gente bota ai na frente e o carro leva* (R. M. S., 25 anos).

Outra dificuldade é que o carro da coleta trafega apenas na rua Principal, nas demais, que são de areia, os moradores devem levar o lixo até essa rua, no dia da coleta, conforme explica o jovem: *A gente guarda aqui porque o carro passa, acho que duas vezes na semana, às vezes uma. A gente fica aguardando aí quando passa pra lá, a gente coloca ali na estrada que ele não entra aqui* (C. W. C. M., 22 anos). Assim também confirma a jovem: *A gente vai amontoando e, quando ele passa, ele leva. Só que é difícil ele passar, mas quando ele passa é lixo que num acaba mais* (T. R., 20 anos).

O correspondente a 15,8% queima o lixo no próprio quintal, utilizando várias técnicas desde a separação de resíduos orgânicos que servem para alimentar os animais de estimação e criação, os materiais com potencial de reutilização e as folhas que são colocadas ao redor das plantas. O que sobra é queimado em pequenos buracos no solo. Em 3,5% o lixo é jogado no manguezal e também para 3,5% usam duas modalidades: coleta pública e queima, como mostra a jovem: *O de ferro a gente bota pro carro levar, o de folhas a gente bota nos pés das plantas, as vezes queimamos e o saco plástico eu mesmo faço questão de queimar* (L. F. M., 20 anos). A parcela de 21% não forneceu esse dado (Tabela 4).

Tabela 4 – Destino do lixo na Vila do Bonifácio

DESTINO DO LIXO	FREQ.	%
Coleta pública	32	56,2
Queima no próprio quintal	9	15,8
Joga no mangal	2	3,5
Queima e/ou coleta pública	2	3,5
Sem informação	12	21,0
TOTAL	57	100

Fonte: Pesquisa de campo (2015)

O solo arenoso, bem visível na Figura 22, também não permite a prática da agricultura, o que mantém a vocação pesqueira no mar, nos rios e lagos.

Figura 22 – Vista parcial da rua do Meio – Vila do Bonifácio

Fonte: Pesquisa de campo (ago. 2015)

Contudo, para as mulheres a atividade pesqueira é restrita à “pesca na pancada”, realizada na praia e nos rios, à coleta de mariscos (marisqueiras), à coleta do caranguejo, atividade que faz acompanhada de um parceiro(a) nas áreas mais próximas à vila e, ao trabalho pós-captura, ou seja, preparar o peixe para o consumo doméstico e, na catação do caranguejo (massa do caranguejo). Essas atividades são realizadas paralelamente ao cuidado com os filhos e as tarefas domésticas. Pode-se dizer que como extensão do trabalho doméstico são chamadas a realizar atividades também “domésticas” nas pousadas, restaurantes e bares na praia de Ajuruteua como auxiliares de cozinha, bandejeiras (arrumam os pratos nas bandejas) e garçonetes.

Embora o trabalho da mulher ainda seja, na sua maior parte, considerado como de “ajuda” ao trabalho do homem – marido, pai, irmão, filho pescador ou coletador de caranguejo –, o pescador não consegue realizar todo esse trabalho sem a presença da mulher.

Em evento²⁰ realizado em 6 de julho de 2016 com moradores e usuários de toda a RESEX, essa situação veio à tona, conforme explica um dos participantes:

Eu acho mais bonito o casal se reunir e ir pro manguezal porque tem mulher que num vai e num sabe o 'couro' que o homem passa, o trabalho é pesado. Então, a mulher que vai ela sabe '- Meu marido, ele lutou pra nós criar os filho!'. É uma coisa triste, o homem passar por uma dificuldade o dia inteiro, pega uma furada, uma coisa, olha aí o que vai passar sema mulher? Eu que trabalhei 33 anos nesse serviço e, naquele tempo não tinha o que tem hoje - sapato, calça comprida, luva, a gente ia nuzinho mesmo, arriscado muitas das vezes o mandii no saco da gente ...[risos](Sr. A.).

Ainda sobre a participação da mulher, uma das participantes narra sua trajetória e o lugar que ela ocupou ao lado do marido pescador:

O meu esposo, ele era, agora ele não está mais exercendo porque ele tá com 65 anos e ele não tem mais saúde pra trabalhar no manguezal. Vocês sabem que o manguezal traz dificuldade pro trabalhador. Ele fez parte do trabalho do manguezal desde os 12 anos, criei meus filhos tudo na luta lá junto com ele, ao lado dele e lutando na tiração do caranguejo [...] a luta que nós enfrentamo, tanto as esposas e os marido. Ele trabalhava lá no caranguejo e eu trabalhava em casa, mas trabalhava também no arrozal, lá dentro do manguezal [...] Criamos os nosso filhos lutando, com o suor do dia a dia. Hoje os nossos filhos sabem as dificuldades que tivemos pra criar eles [...]. Em 77 eu cheguei aqui nessa Bragança, eu não morava aqui, eu trabalhava de roça quando eu era pequena, com idade de 7 anos comecei a ajudar meus pais na colônia e de lá com 13 anos eu casei e vim embora pra cá e desde 77 eu enfrento dificuldade com meu esposo no manguezal. [Mulheres vão ao manguezal?] Vão, vão! (M. F., 56 anos – Acarajó – Comitê Piçarreira).

As falas das mulheres participantes do encontro atestam a presença da mulher não somente como apoio ao homem pescador, mas também envolvida na pesca. Assim uma delas se expressa: *A gente tira caranguejo, amoré, pesca siri, tira turu, tudo isso a gente faz lá [no manguezal] [...] Nós mulheres, acho que a gente vive inserida dentro desse trabalho (Sra. E., moradora da RESEX).*

As falas mostram que se subtraísse a mulher desse trabalho, ele não aconteceria. A mulher está presente antes, durante e depois da ida ao manguezal. Antes, a mulher, entre outras, confecciona o vestuário do caranguejeiro – a roupa, tece o sapato, a luva e prepara os apetrechos. Durante, acompanha o homem e também coleta mariscos, tira o caranguejo, carrega os apetrechos e ajuda no transporte do que foi coletado. Depois, a preparação do marisco, na catação da massa do caranguejo para venda, nos cuidados com a casa e com os filhos. A mulher também participa no gerenciamento dos recursos da família e trabalha nos pequenos roçados e na criação de pequenos animais.

²⁰ Marco Regulatório do Caranguejo. Oficina Região Bragantina. Sede da ASSUREMACATA – Bragança (PA).

É possível também identificar que quando os adultos levam as crianças para o manguezal para “ajudar” está ocorrendo uma socialização para o trabalho. A criança é então inserida nas atividades que os pais realizam. Dessa forma aprendem desde cedo como atuar nesse campo de trabalho e, como será apresentado nos capítulos seguintes, terminam por instituir o *habitus* do pescador e/ou caranguejeiro.

Cultura na Vila do Bonifácio

A cultura, “[...] espaço de criação humana e marca de sua distinção em relação aos demais seres, foi o campo fértil de constituição das ciências do social” (MANESCHY, 2003, p. 137), é um traço marcante nas duas vilas estudadas e reconhecida pelos jovens. De fato, para 61,4% dos jovens moradores da Vila do Bonifácio, a cultura é bastante expressiva na comunidade. Apenas 7% dizem não ter cultura e, 31,6% não souberam informar (Tabela 5).

Tabela 5 - Cultura na Vila do Bonifácio

CULTURA NA VILA DO BONIFÁCIO	FREQ.	%
Tem	35	61,4
Não tem	4	7,0
Sem informação	18	31,6
TOTAL	57	100

Fonte: Pesquisa de campo (ago. 2015)

Segundo os jovens há um leque de manifestações culturais que incluem as festas religiosas frequentes e envolvem a população católica, estimada em 80% dos moradores, segundo o líder comunitário. Considerada uma tradição, a festividade de Nossa Senhora de Fátima ocorre no terceiro domingo de maio, conforme explica o jovem: *Eu sou da frente, participo da Igreja, sou vice coordenador da comunidade católica e aí a gente comemora aqui a festividade de Nossa Senhora de Fátima* (L. F. L., 28 anos). Segundo um dos entrevistados essa festividade é um evento que atrai turistas para a vila.

Outra festividade igualmente importante é a de São Pedro. Segundo os moradores é uma das festas religiosas mais antigas e mais importantes na vila, em razão de São Pedro ser padroeiro e protetor dos pescadores. É realizada na Vila dos Pescadores em 29 de junho, com procissão fluvial. Contudo, vem ocorrendo mudanças nessa cultura religiosa, conforme explica o jovem a seguir:

A cultura pode se dizer que é pessoal, tamo perdendo a cultura daqui da vila. Antes os moradores acho que 90% eram católicos e eles davam valor à cultura das procissões fluviais, que sempre existia lá na outra praia [Vila dos Pescadores] e de uns tempos pra cá, justamente esse ano que passou, agora a procissão fluvial de São Pedro eu fui acompanhar, tinha poucas pessoas da vila, só umas conhecidas, pouca gente. O pessoal perderam o

valor pela cultura da vila, justamente era isso, é a festa religiosa o povo se reunia pra comemorar aquela data, hoje tá difícil (C. G. A. B., 26 anos).

Uma das jovens entrevistadas atribui a perda da tradição em razão da Vila dos Pescadores ter tido uma enorme erosão que fez com que os moradores mudassem, ela explica: *Tem a festa de São Pedro, num tá tão organizada assim porque a praia tá um pouco assim acabada e a tradição fica um pouco [...], mas ainda tá tendo* (M. D. S. B., 23 anos).

As festas folclóricas também fazem parte da cultura da Vila do Bonifácio. Tem a quadra junina com dança de quadrilha, a dança do “boi buiado”²¹ que é diferente, porque [...] *tem que amarrar um dinheiro no chifre dele e fazer um pedido* (D. P. S., 19 anos). Tem a dança do carimbó, a dança da lambada, músicas e ritmos regionais.

Segundo os entrevistados, a cultura da vila é fortemente caracterizada por sua vocação pesqueira que eles denominam de praiana - a cultura litorânea, a pesca e os eventos que a acompanham, segundo a fala de um dos jovens: *Acho que a cultura como você pode ver é a parte litorânea, pesca, vem artesanal, porque é a parte que envolve pesca* (L. F. L., 28 anos).

Há celebrações em forma de “festival”. Foi citado o festival da Pescada Gó (*Macrodon ancylodon Schn.*), uma espécie de peixe muito apreciado pelos moradores. Ocorre no mês de junho, quando são servidos aos visitantes iguarias baseadas no pescado, no marisco, em especial o caranguejo e o mexilhão. A jovem a seguir explica: *Ah, tem o Festival da Gó, em junho, tem festa, eles servem a gó frita de tira-gosto na festa* (M. J., 28 anos).

Ocorre também a tradicional “Festa dos Barraqueiros”, eles se reúnem na praia e festejam todos os anos, conforme explica um dos jovens: *É, a cultura aqui é baseada na região do meio de pesca, pratos, caranguejos, mexilhão. É aquela cultura tradicional dentro da região* (P. N. A. A., 23 anos). Ainda segundo os entrevistados, tem a tradicional “Festa da Mulherada”, organizada por um grupo de mulheres da vila que promove esse evento para arrecadar recursos para construir uma sede para o grupo. Foi citada também uma festa tradicional do Clube da Vila, a “Festa do ABC”, que acontece todos os anos no mês de maio. Um evento que mobiliza muitos jovens na comunidade é o Torneio Esportivo, que ocorre em maio, levando em conta que o maior divertimento dos jovens é jogar futebol, tanto feminino quanto masculino.

As lendas também fazem parte da cultura da Vila do Bonifácio. Segundo os jovens, são os mais velhos – pais, avós – que contam as lendas para a geração atual como explica a jovem:

²¹ O termo buiado refere-se “a estar cheio de grana”, segundo o Dicionário Informal. Disponível em: <http://www.dicionarioinformal.com.br/buiado>. Acesso em: 17 nov. 2015.

O que mais tem aqui é história. O meu avô tá com 70 anos, o meu bisavô morreu há cinco anos atrás, com 96 anos. Tem muitas histórias, que dizem que é história de pescador. É papo furado, é mentira, existe sim, todo tipo de história! Já aconteceu até comigo mesma, existem coisas boas e coisas más. Então assim como existe Deus no céu, existem pessoas que são ateus, existe como nós dizemos, 'o diabo varre até o buzó'. Acho que existe sim porque o mundo é uma caixinha de surpresa então, existe tudo assim como eu estou falando com você, existem outras coisas sobrenaturais que nós não podemos ver, mas podemos sentir (L. F. M., 20 anos).

Lenda sobre a origem da vila

Caracterizada como uma lenda, os jovens que não viveram esse início da comunidade convergem nas explicações dadas pelos pais, avós e moradores antigos. Um deles afirma: [...] *a história daqui, que eles contavam, que era cheio de mato, tinha porco, era um lugar selvagem* (E. M. B, 26 anos). Outro jovem complementa: *Essa ilha era deserta, como foi quebrando pra lá [Vila dos Pescadores] a gente veio pra cá. Era só um mato mesmo, agora é uma vila* (J. B. M., 20 anos). A mudança da Vila dos Pescadores para a Vila do Bonifácio faz parte das memórias da infância de uma das jovens entrevistadas, que diz: [...] *a lenda aqui é como o Bonifácio surgiu, é que a gente morava lá na outra vila, aí foi caindo lá e foi o jeito a gente vim pra cá, aí o meu avô, eu era pequeninha* (N. M. B., 23 anos).

Lenda do Ataíde

Na Vila do Bonifácio é corrente a lenda do Ataíde. Dentre todas as lendas citadas a do Ataíde foi a mais frequente. Uma jovem afirma: [...] *o Ataíde é um homem grande, forte, moreno, passa de noite pelas beiras. Eu nunca vi, só ouvi relato mesmo* (V. S. B., 26 anos).

Lenda do Curupira

Tem também a lenda do Curupira, muito presente na região, contudo, um aspecto chamou atenção, uma jovem se refere ao Curupira no feminino, ela diz: *Ah, daqui, tem a da Curupira que eles falam que existe a Curupira, e até hoje a minha avó contava, e conta até hoje* (V. C. A., 27 anos). Outras lendas também foram citadas como a lenda da “Mãe d’água”, a lenda da “Mulher Bomba” explicada como [...] *uma mulher que disse que tinha uma bomba junto com ela, se mexesse com ela, ia explodir Bragança todinha e várias histórias que ele contou* (A. C. S. B., 24 anos).

Lenda do Pistoleiro ou da Barca de Ferro

A Lenda do Pistoleiro ou Barca de Ferro foi referida por vários entrevistados que

afirmaram que durante algumas noites surgem no céu, acima do mar, luzes semelhantes a fogos de artifícios e estouram feito uma bomba. A seguir o relato de um jovem:

[...] tem até um do pistoleiro. Isso é verdade porque eu vejo e muitos pescadores e o pessoal da Vila também. É umas bombas que estouram no alto, tipo uma bomba, uma luz que abre e estoura no alto e faz bummmmm! Dá pra escutar longe, é no mar, é interessante, é no mar e a gente pensa até que é pistola, eu digo que é pistoleiro [risos] (C. D. F. G., 23 anos).

Outro jovem corrobora o relato anterior: *[...] o que eu ouvia, uma lenda que tem aqui é que apareciam aqui, era uma visagem que aparecia acolá, que solta foguete pra cima assim, mas num faz zoadá não, fica só soltando aquele fogo pra cima e depois para, só isso mesmo, durante eu morar aqui eu vi (E. F. R., 21 anos).*

O jovem M. C. S., de 19 anos disse já ter ido ao local, conforme relata: *[...] só a barca de ferro que dizem que aparece coisas lá, na praia de Ajuruteua. Diz que aparece fogo à noite. Eu já fui lá pra tirar foto mas nunca tomei banho lá.*

Ainda sobre a barca de ferro um jovem comenta: *[...] meu avô era daqui, isso aqui tudo era dele, só o Campo do Meio que era dele e do M. P., a barca de ferro entrou pelo Furo da Estiva e secou e num saiu mais. Eles falam que aparece visagem, eu nunca vi [...] meu avô também falava que uma vez ele viu uma família de pretinho dentro do mangal (M. J., 28 anos).*

Lenda sobre pessoas que viram bicho

Foram citadas também lendas de metamorfose de pessoas em bicho. Esse fenômeno tem referência entre muitas culturas da Amazônia e outras regiões brasileiras. Os índios Apiaká, do Mato Grosso e Pará explicam que qualquer pessoa, homem ou mulher, pode se transformar em “bicho” (sinônimo de espírito), bastando para isso despir sua “roupa” humana, pois o avesso de todas as pessoas é animal (Povos Indígenas no Brasil, 2015)²². Assim, na Vila do Bonifácio há também referência a esse fenômeno, segundo relata o jovem D. P. S., de 19 anos: *[...] a lenda, era que tinha muita gente que virava bicho, dona [risos]. Aqui diz que, agora não, mas antigamente, era respeitado, davam em nego essas visagens, dona. Outro jovem acrescenta: [...] a gente conhece de gente que os mais velhos viravam Matinta Perera, casos passados que os mais velhos contam (M. J. M. F., 25 anos).*

²² Disponível em: <http://pib.socioambiental.org/pt/povo/apiaka/58>. Acesso em 09 nov. 2015.

Lenda do Calça Molhada

Uma lenda que também foi citada é a do Calça Molhada:[...] *oxi, sim, várias, a do Ataíde, do Curupira, tem por aqui também o Calça Molhada, ah tem muitas lendas [risos]* (L. S. G., 19 anos).

Lenda do Finado Cachorrinha

O jovem M. C. S., de 24 anos citou a lenda do finado Cachorrinha, ele assim contou: [...] *eles falam que um homem matou o finado Cachorrinha e que esse homem carregava ele na costa. Agora eu num sei se é verdade, sempre eu escuto, né?*

Lenda da Mulher com o filho na boca

Uma jovem contou a lenda da “Mulher com o filho na boca”. Ela assim se expressou: *Tem a lenda de uma mulher que aparecia na Vila dos Pescadores, antigamente, que aparecia na beira da pancada, pescadores iam pescar, diz que ela aparecia carregando o filho na boca, as histórias que ela conta que existiam aqui, lá em Ajuruteua e na Vila do Bonifácio* (V. C. A., 27 anos).

As “visagens” da praça

Por fim, vários jovens se referiram a um evento recente que está ocorrendo na Praça da Vila. Segundo os jovens o fenômeno já foi visto por várias pessoas da vila e turistas e foi documentado em registro fotográfico, conforme afirma um deles:

Dizem que batem foto aqui da praça e sai uma imagem atrás. Num dá de ver, como se fosse uma pessoa passando. Aqui já morreu muita gente. No final de ano morreu um casal numa moto e a mulher tava grávida. Teve muitos acidentes nessas estradas que eles falam que são assombradas. Tem o relato de uma amiga nossa que veio de uma festa e, tem aquela curva que passa nas salinas, e aí passou um carro branco e capotou. Ela disse, tu viu? Ele disse: eu vi. Tu vai voltar? Ele disse: não. Aí ele ficou com medo e voltou só de manhã. Até os taxistas de Bragança têm medo de vir pra cá por causa disso e até hoje os taxistas contam essas histórias (R. A. R., 20 anos).

Participação dos jovens na cultura local

A participação dos jovens na cultura da comunidade e suas manifestações é relativamente baixa, somente 24,6% dos jovens concordam que os jovens participam. Para 10,5% os jovens não participam. E, 64,9% não opinaram sobre essa questão. Ver Tabela 6.

Tabela 6 – Participação dos jovens nas atividades culturais na Vila do Bonifácio

PARTICIPA	FREQ.	%
Sim	14	24,6
Não	6	10,5
Sem informação	37	64,9
TOTAL	57	100

Fonte: Pesquisa de campo (ago. 2015)

Contudo, a jovem V. C. A. afirma que além dos jovens participarem, eles disseminam e reafirmam a cultura na região:

Hoje em dia, tem grupo de pessoas jovens, inclusive aqui da N. S. de Fátima, que vão pra Bragança, trazem um pouco da cultura de lá, do desenvolvimento, das festividades de lá e tem os daqui que já levam a cultura um pouco mais adiante da nossa comunidade. Tem sim a nova geração que tá surgindo, que tá levando isso adiante que, se Deus quiser, vai levando pras gerações e gerações de pessoas mais novas que estão surgindo (V. C. A., 27 anos).

A atualização da cultura com as novas tecnologias pode ser o caminho para manter os laços do jovem com a cultura do lugar. Um exemplo é a fala de um jovem que destaca a presença dos jovens quando há o uso de música de aparelhagem, ele diz: *Eu venho, eu gosto. O jovem participa mais quando a festa é de aparelhagem, muitos jovens participam, eles gostam (M. J., 28 anos).*

A interação com moradores de comunidades vizinhas também é um elemento importante para a participação dos jovens na cultura, como mostra o jovem a seguir: *[jovens] participam, convidamos os jovens das comunidades vizinhas aqui, o pessoal de Bragança, vem alguns guardas de Santa Terezinha e outra comunidades vizinhas que venham prestar homenagens aqui com a gente (L. F. L., 28 anos).*

A participação implica certo grau de identificação. Já foi visto que quando se inserem elementos da dinâmica cultural dos jovens, como as aparelhagens, eles participam mais. Assim, 28% disseram que se identificam com as atividades culturais da comunidade, 8,8% não se identificam e 63,2% não opinaram. Ver Tabela 7.

Tabela 7 – Identificação dos jovens com as atividades culturais na Vila do Bonifácio

IDENTIFICA	FREQ.	%
Sim	16	28,0
Não	5	8,8
Sem informação	36	63,2
TOTAL	57	100

Fonte: Pesquisa de campo (ago. 2015)

A identificação com a cultura ocorre no reconhecimento da identidade como pescador, pescadora e marisqueira, inclusive com registro oficial atestado em documento conforme afirma a jovem: *Me identifico, tanto que meus documentos tudo é como marisqueira* (T. R., 20 anos). Essa identidade também está inscrita na história familiar, no movimento geracional como demonstra a jovem que diz: *Sim, me identifico porque nasci e me criei aqui na praia. Sou filha de pescadora e neta de pescador* (E. M. B., 26 anos).

A identificação com a cultura praiana e pesqueira não significa se limitar as dificuldades típicas da atividade. Buscar melhorar o bem estar de si e da família não significa negar essa identidade, como mostra a jovem a seguir:

Sim porque meus princípios são daqui. Meus pais, meus avós são daqui e, assim, eu estudo pra obter coisa melhor porque eu vejo a situação do meu pai. Eu num quero trabalhar braçal como ele trabalha, porque ele num teve oportunidade. No tempo que ele estudou na vila só tinha até a 4ª série, e naquele tempo - eu acho que uns 20 anos atrás-, quem tinha o segundo ano já era doutor. Hoje em dia tem que fazer faculdade, tudo, né, pra chegar. Aí era muito atrasado, hoje em dia não, melhorou muito. A estrada, meu avô conta, que era de barco que eles passavam pra cá e depois que fizeram a estrada, construíram as pontes, ficou muito desenvolvido. Aí já começou a sair daquela pré-história pra vim pra atualidade (L. F. M., 20 anos).

Contudo, a relação com o urbano, principalmente por causa dos estudos e de trabalho na sede do município marca uma dualidade nessa relação de rural e urbano. A fala do jovem, a seguir, mostra claramente esse aspecto:

Eu mesmo, eu posso me identificar nos dois lados. Eu me criei pescando aqui neste lugar, hoje em dia eu já não pesco. Tá mais ou menos com 5 anos que eu parei de pescar, aonde durante esse tempo passado eu aprendi a pescar, fazer material de pescaria, todo tipo de pescaria eu sei pescar. Mas hoje eu me considero mais urbano, porque? Porque eu deixei a pescaria e eu me envolvi na área urbana e aprendi muitas coisas que hoje em dia eu num sinto mais vontade de voltar a pescar porque o que eu ganho hoje é muito mais de que quando eu pescava. Então eu posso me identificar mais urbano, entendeu, mais urbano (G. M. B., 28 anos).

É importante observar que deixar de pescar por si só não descaracteriza essa identidade de pescador porque o conhecimento acumulado sobre a arte de pescar continua potencialmente no capital cultural do jovem, contudo, como trabalhador urbano autônomo, ele aufera maior rendimento e se identifica como tal. Esse jovem contou que deixou a pesca por ter adquirido uma hérnia de disco na coluna lombar em razão do esforço dispendido na pesca. Com seis meses de tratamento e sem trabalho, realizou vários cursos técnicos e se estabeleceu como vendedor, articulador, intermediador de produtos da sede do município para a vila.

A trajetória do jovem P. N. A. A. (23 anos) é semelhante. Ele é filho e neto de pescador, aprendeu o ofício desde a infância, contudo, ao avançar nos estudos, se apropriou

de tecnologias que utiliza em suas atividades atuais. Deseja iniciar negócio como pequeno comerciante e depois ampliar. A pesca, pra ele nesse novo patamar, seria pura diversão. Assim ele explica: *É, eu me identifico 50% com essa cultura pelo fato da minha família vim há muito tempo trabalhando na profissão de pesca e, 50% da minha família já ter uma parte, já morar mais na cidade. Aí, eu já tenho um gosto, fico puxado pelo gosto da tecnologia na cidade, do aprendizado. Aqui, eu me sinto acomodado, a pesca pode ser divertida também* (P. N. A. A., 23 anos).

Ir para a sede do município estudar não necessariamente desconstrói a identidade cultural do jovem com sua comunidade, como mostra a expressão do jovem a seguir: *Eu gosto muito sim da comunidade pesqueira, da natureza, a questão da urbana eu tô em Bragança só por tá por causa do estudo, mas não gosto muito de barulho, sou mais tranquilo* (L. S. G., 19 anos).

Quanto à cultura religiosa da vila, a identificação é grande, como demonstra a jovem:

Sim, me identifico, porque eu gosto. Eu sou bem religiosa, graças a Deus. É uma cultura bastante grande, antiga que eu acho que fala de Deus, é uma coisa que você se sente feliz, que tem dentro da nossa comunidade, apesar de ser pequena, né, mas é uma comunidade bem desenvolvida. Aqui dentro da cultura vem pessoas de novos lugares, de novas comunidades, que vem conhecer um pouco da cultura que tem que é a Nossa Senhora de Fátima, a festividade de São Pedro (V. C. A., 27 anos).

A reprodução da cultura pela juventude atual parece estar mais distante, na ótica dos próprios jovens, se não houver estímulo para incluir elementos que os atraiam. A seguir, um fragmento da fala de um jovem sobre os jovens e a cultura da vila:

Olha, a vontade dos líderes, principalmente dos professores - de vez em quando eu vou lá [escola] e participo de reunião-, é que essa cultura permaneça, nunca se acabe, mas os alunos, os jovens da comunidade não participam não. Tem aquela questão de vergonha, num querer tá envolvido com isso. É por isso que a juventude hoje em dia tá, infelizmente, tá uma tristeza porque a gente vê um jovem de 13, 14 anos que ainda tá adolescente já envolvido na droga porque não tem algo que chame a atenção dele, entendeu?! Não tem, por exemplo, alguém que dê um curso pra tirar mais a atenção dele, desse jovem. Ali no colégio tem a sala de computação, poderia muito bem colocar esse jovem pra aprender computação, mas fica fechado lá. Aqui não tem nada que chame a atenção desse jovem para que ele saísse do mundo da criminalidade, que é a droga, a cachaça, que também é uma droga. Eles ficam sem fazer nada, ficam sem fazer nada, pra falar a verdade, a não ser que alguns vão pescar, em casa num tem nada pra fazer (G. M. B., 28 anos).

A Vila do Bonifácio na estrutura organizacional da RESEX

Na estrutura organizacional da RESEX a Vila do Bonifácio faz parte do polo Ajuruteua. Possui três representantes da comunidade que compõem o Comitê Comunitário com representação na ASSUREMACATA. No período da coleta dos dados desta pesquisa (2015) os representantes eram: Sra. M. S. R. B., seu irmão Sr. V. P. R. B. e Sr. A. M. S. Perante o conselho deliberativo, o representante da comunidade é o Sr. U. A. S.

No entendimento da Sra. M. S. R. B. (52 anos), a função do representante [...] *é mais pra fiscalização e trazer as notícias assim pra comunidade*. Ainda, segundo ela, o processo de escolha é feito por meio de eleição pela comunidade. Não há um prazo para esgotar o mandato do representante, ela diz: [...] *enquanto a gente tiver dando êxito a gente continua, porque ainda não aconteceu da comunidade tirar e se a comunidade não se agradar pode tirar esses e colocar outros*.

Segundo a gestora do ICMBio, a escolha dos representantes comunitários é responsabilidade dos moradores. Há, contudo, apoio do órgão para organização do processo.

b) Vila Que Era

Vila Que Era se localiza a 8 km da sede do município de Bragança. O acesso pode ser feito por via terrestre, estrada de terra, sem asfalto em uma viagem de 15 a 20 minutos de automóvel, e por via fluvial saindo do porto de Bragança. Segundo um dos representantes comunitários, a população residente da Vila gira em torno de 600 (seiscentas) pessoas distribuídas em 149 famílias. Contudo, segundo o Sr. J. A., representante no Comitê Comunitário há 98 (noventa e oito) famílias cadastradas, entretanto, existem famílias que não estão cadastradas. A Figura 23 mostra a entrada da vila pelo rio Caeté.

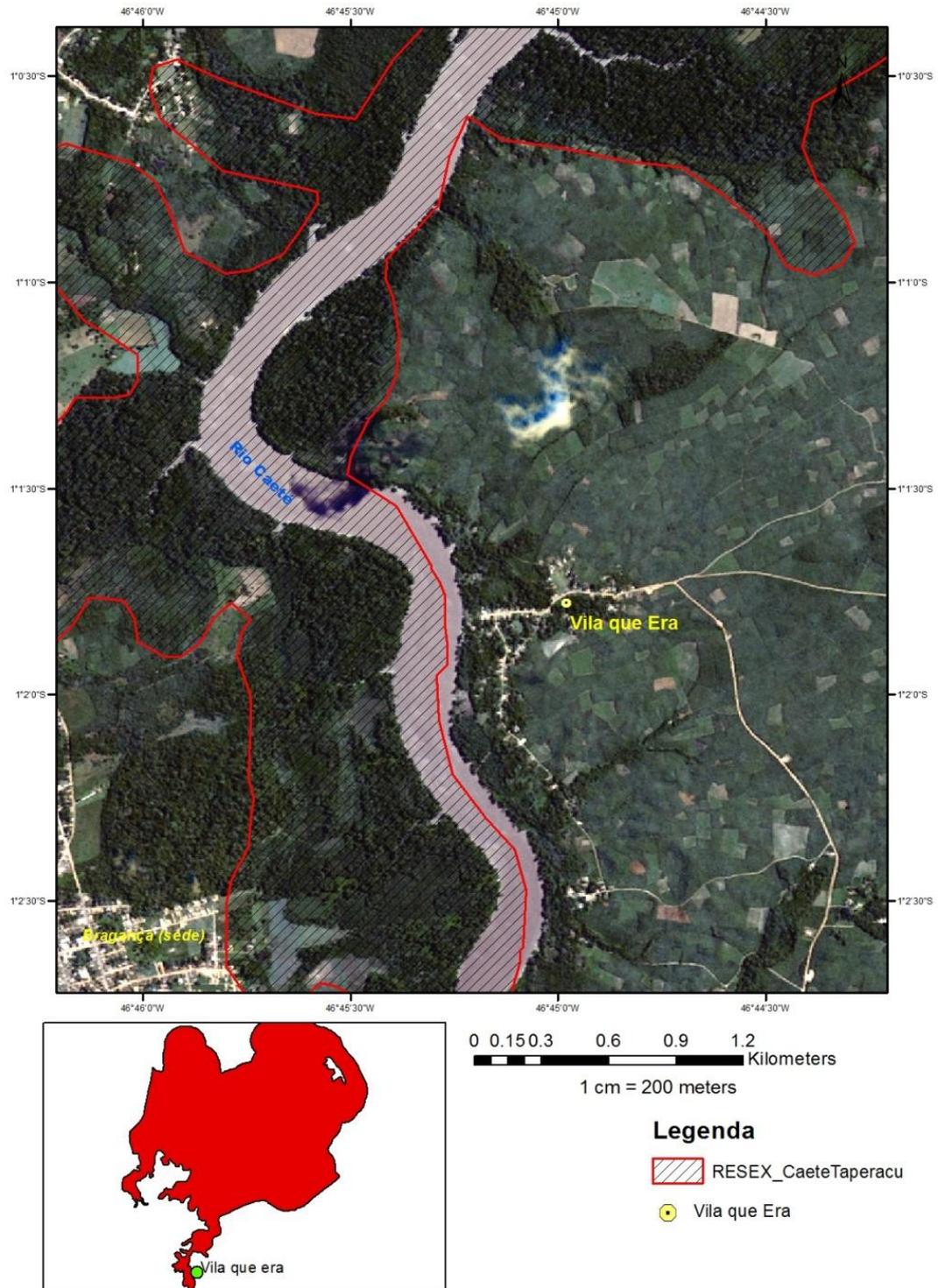
Figura 23 – Entrada da Vila pelo rio Caeté com Placa indicativa



Fonte: Pesquisa de campo (2015)

O mapa a seguir (Figura 24) mostra os contornos da vila e sua localização na RESEX.

Figura 24 – Mapa da Vila Que Era com limites e localização na RESEX



Elaboração: Willian Fernandes (jun. 2016)

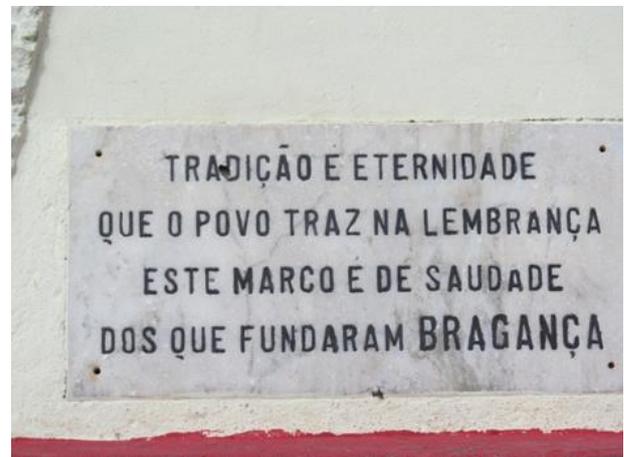
O nome da vila aparece grafado também como “Vila Coera”, “Vila Quiera”, porém, historicamente o nome está relacionado com o fato de ter sido o local da fundação de Bragança e que, posteriormente, foi mudada para a margem esquerda do rio Caeté. Então, a vila ficou com o nome de Vila Que Era²³. A jovem entrevistada confirma a informação quando diz: *É aqui temo marco que marca isso como sendo um ponto turístico* (J. S. R. C., 28 anos). O jovem a seguir complementa: *Porque foi lá que deu início Bragança. Porque a Vila Que Era, que, tem essa origem que aqui que era pra ser Bragança. Todo mundo sabe dessa história* (J. F. C., 23 anos) (Figura 25 e 26).

Figura 25 - Marco da fundação de Bragança, em Vila Que Era



Fonte: Pesquisa de campo (2015)

Figura 26 – Detalhe do marco da fundação de Bragança



Fonte: Pesquisa de campo (2015)

As comemorações do aniversário de Bragança iniciam em Vila Que Era. Em 2014, por ocasião dos 401 anos da cidade, a celebração iniciou ainda de madrugada, com a tradicional “alvorada”, missa na igreja Nossa Senhora do Rosário e cerimonial no Centro Comunitário de Vila Que Era, com a presença do prefeito municipal Padre Nelson Magalhães²⁴.

A Vila Que Era na estrutura organizacional da RESEX

Na estrutura organizacional da RESEX Vila Que Era faz parte do polo Caratateua. Segundo o Sr. J. A., o Comitê de representantes comunitários foi formado via eleição pela comunidade na qual foram escolhidas três pessoas que desistiram imediatamente. Então, ele e o Sr. D. S. foram escolhidos em eleição e começaram a representar a comunidade na cogestão. O Sr. D. S. deixou a função e, atualmente, trabalha em Bragança. Ainda segundo o Sr. J. A. o

²³ Sobre a origem de Vila Que Era consultar: Armando Bordallo da Silva (1981).

²⁴ <http://www.braganca.pa.gov.br/index.php/welcome/item/564-vila-que-era-bragan%C3%A7a-401-anos>

Sr. A. S. é também membro do Comitê. Além de representante comunitário de Vila Que Era, o Sr. J. A. é representante do polo Caratateua no Conselho Deliberativo. Há dois Agentes Comunitários de Saúde (ACS) na comunidade – o Sr. A. M. A. e a Sra. A. R.. Há também outras lideranças como o Sr. J. M. S., 39 anos, coordenador da Pastoral do Cursilho, da igreja Católica.

Ainda segundo o Sr. J. A., o Instituto de Desenvolvimento e Assistência Técnica da Amazônia (IDATAM) realiza uma ação junto a 23 (vinte e três) famílias com foco para o desenvolvimento de atividades para mulheres como crochê, tricô e costura.

As principais atividades extrativistas são: a pesca no rio e no mar e a coleta de caranguejo. A agricultura da mandioca destina-se ao fabrico da farinha tanto para a sobrevivência familiar quanto para a comercialização.

No que concerne a equipamentos sociais, Vila Que Era dispõe de um único estabelecimento de ensino, a Escola Estadual de Ensino Fundamental César Pereira (Figura 27), que atende até a 4ª série do ensino fundamental, meio período. Segundo informações disponibilizadas pelo guia escolar²⁵ a escola não tem biblioteca, nem laboratório de informática e de ciências. Não tem sala de leitura, nem quadra de esporte. Embora seja uma escola da zona rural não possui educação indígena, nem organização por ciclos. Sua construção segundo um líder comunitário, é antiga e se constitui em patrimônio histórico. Atualmente se encontra com a estrutura danificada e sem condições de abrigar os alunos que estão tendo as aulas no Centro Comunitário ao lado da escola. A jovem J. A., 18 anos, refere-se à escola da seguinte forma: [...] *o que tá sendo prioridade é a escola, que a escola tá caindo. Já fomos muitas vezes, mas ninguém pode fazer nada porque é do Estado. As paredes estão tudo com rachadura, já caiu a parede do banheiro.* Outra jovem diz: [...] *a escola está caindo aos pedaços, os alunos num querem mais nem ir. As telhas, quando dá ventania levam tudinho pra cima* (T. B. S., 19 anos).

²⁵ Disponível em: <http://guia-para.escolasecreches.com.br/escolas-e-creches/ESCOLA-ESTADUAL-CESAR-PEREIRA-braganca-braganca-para-i15058840.htm>

Figura 27 – Centro comunitário (à esquerda) e Escola Estadual de Ensino Fundamental Cesar Pereira



Fonte: Pesquisa de campo (2015)

A vila é abastecida pela rede pública de energia elétrica. Em 100% das moradias dos jovens entrevistados há fornecimento de energia elétrica, com medidor individual conforme consta na Tabela 8.

Tabela 8 – Energia elétrica na Vila Que Era

ENERGIA ELÉTRICA	FREQ.	%
Sim	23	100
TOTAL	23	100

Fonte: Pesquisa de campo (2015)

A vila dispõe de água potável distribuídas em duas caixas d'águas comunitárias administradas por um dos moradores. Isto resulta que 78,3% das moradias dos jovens entrevistados recebem água potável, assim refere o jovem: *Sim, vem da caixa d'água da vila* (J. F. C., 23 anos). Entretanto, 21,7% usam água de poço artesanal no próprio quintal (Tabela 9).

Tabela 9 – Água potável na Vila Que Era

ÁGUA POTÁVEL	FREQ.	%
Encanada da caixa d'água da vila	18	78,3
Poço	5	21,7
TOTAL	23	100

Fonte: Pesquisa de campo (2015)

Quanto às instalações sanitárias a maior parte das moradias, 73,9% possui fossa cavada na área externa da casa. Apenas uma parcela de 17,5% possui sanitário interno com

fossa externa e tubulação interna. O correspondente a 4,3% possui fossa externa aberta e, 4,3% também não possuem instalações sanitárias (Tabela 10).

Tabela 10 – Instalações sanitárias na Vila Que Era

SANITÁRIO	FREQ.	%
Fossa externa (cavada)	17	73,9
Fossa externa (sanitário interno)	4	17,5
Fossa externa (aberta)	1	4,3
Não tem	1	4,3
TOTAL	23	100

Fonte: Pesquisa de campo (2015)

Na Vila Que Era não há coleta pública de lixo. No geral é 100% queimado, seguindo as seguintes etapas: - o lixo é coletado pelo próprio morador que junta em montes pequenos, seleciona o que pode ser reutilizados como latas, garrafas, vidros. As folhas e outros resíduos vegetais são colocados nos troncos das plantas. O restante, em geral, é colocado em um buraco e, depois de certo tempo, é queimado. Os depoimentos a seguir mostram essa situação: *A gente joga ali, junta, queima e colocamos nos pés da planta* (P. J. S. S., 23 anos); *Botamos no buraco, coloca, quando for um tempo que já tá acumulado, queima o lixo* (L. M. S., 28 anos); *No inverno eu só coiso a terra e, no verão é tudo queimado* (J. C. S., 26 anos). Ver Tabela 11.

Tabela 11 – Destino do lixo na Vila Que Era

DESTINO DO LIXO	FREQ.	%
Queima	23	100
TOTAL	23	100

Fonte: Pesquisa de campo (2015)

No que concerne ao lazer, não há nenhum equipamento social dessa natureza como cinema, um local para realizar atividades culturais. Há um campo de futebol rústico onde ocorrem campeonatos entre os times das vilas. As crianças usam os entornos das casas para a prática do futebol, brincadeiras de bola, entre outras. Há uma praça na entrada da Vila por via fluvial também utilizada como área aberta de lazer.

No campo religioso a vila dispõe de uma igreja católica, a Igreja de Nossa Senhora do Rosário, que se localiza ao lado da escola, na praça. No âmbito da igreja Católica existe a Pastoral do Cursilho que desenvolve a evangelização dentro da comunidade. Há também a Pastoral da Juventude. Existe também uma igreja evangélica que abriga em torno de 20% dos moradores, segundo o líder comunitário. Identificou-se em uma das casas da Vila, a imagem de uma entidade – “Zé Raimundo”, cuja família pratica culto afro religioso. Portanto, a vila, embora pequena, convive com uma pluralidade de expressões religiosas.

Vila Que Era tem uma identidade cultural que se expressa no campo religioso, nas manifestações culturais e, principalmente, na posição histórica que ocupa em relação ao município de Bragança, cujo nome marca a tradição de sua origem conforme apresentado no texto acima.

Segundo os jovens entrevistados as festas religiosas são frequentes e ocorrem todos os anos [...] *a nossa cultura aqui é assim participar das coisas religiosas que acontecem na nossa comunidade. Eu sou católico e participo da igreja católica, os acontecimentos que tem, as missas, os encontros, reuniões* (L. F., 20 anos). A jovem a seguir complementa: *[A Vila] é tipo uma comunidade tradicional, vem o círio e suas tradições que eles tenho muita crenças pelos santos, essas coisas de devoções acho que é por aí* (L. M. S., 28 anos).

Essas festividades incluem uma das principais festas religiosas da comunidade que é o círio de Nossa Senhora do Rosário, padroeira da vila, que começa com as romarias e novenas nas casas dos moradores que aceitam participar da festividade, durante todo o mês de maio, culminando com a coroação realizada na Igreja da Vila. Assim confirma o jovem: *Festividade tem a da Nossa Senhora do Rosário, tradição que todo ano tem* (M. A. F., 23 anos). O jovem A. M. F. F., 27 anos complementa: *Tem, é o círio, a festividade Nossa Senhora do Rosário, no momento tá tendo as reza nas casas né, do mês de maio, tá percorrendo as casas, até chegar no final pra fazer a coroação que a gente faz ali na frente.*

O Círio de Nossa Senhora de Nazaré é também comemorado na Vila durante o mês de novembro, após o Círio na capital paraense, em outubro. No mês de dezembro ocorre a festividade de São Benedito, quando a imagem do santo visita a comunidade, cuja culminância é na sede Bragança, conforme afirma o jovem *Tem a festa de São Benedito, no mês de novembro que ele passa aqui* (J. C. S., 26 anos).

A Vila é rica em festas folclóricas como os jovens costumam denominá-las. A festa junina acontece todos os anos no mês de junho, acompanhado de quadrilha junina, boi-bumbá, pássaro, dança do índio, dança do carimbó. É um evento que reúne grande parte dos jovens da vila e culmina com a “morte do boi”, momento em que várias comunidades se reúnem para a festa. O jovem G. A., 20 anos explica:

Tem, hoje aqui na região de Bragança, Vila Que Era fica centralizada num ambiente onde a gente acha mais a cultura como o carimbó que é muito frequente, tem a [pausa] esqueci. A dança de quadrilha, boi bumbá, tudo isso muito frequentemente. É uma vila exatamente bem cultural. E tem a no meio das danças dos pássaros, dança do índio, danças que são demonstrado durante alguma data comemorativa na comunidade.

A seguir, imagens de um grupo de jovens de Vila Que Era apresentando a dança do carimbó em seminário sobre juventude (Figuras 28 e 29).

Figura 28 – Jovens de Vila Que Era apresentando dança do carimbó em evento



Fonte: Pesquisa de campo (jul. 2016)

Figura 29 – Jovens de Vila Que Era apresentando dança do carimbó em evento



Fonte: Pesquisa de campo (jul. 2016)

Dentre as datas comemorativas da comunidade destaca-se o aniversário de Bragança cuja comemoração inicia em Vila Que Era, envolvendo toda a comunidade. É o evento que expressa a força da tradição da vila da qual os moradores demonstram ter orgulho desse legado histórico, conforme se expressa o jovem: [...] *tem dia 8 o aniversário de Bragança. Eles comemoram primeiro aqui porque aqui que era pra ser Bragança, como eu vi na história* (J. F. C., 23 anos). De forma crítica, uma jovem se expressa sobre a presença de representantes do poder público somente nessas ocasiões: *Tem aonde envolve toda a comunidade, é quando tem o aniversário de Bragança, quando fazem a semana comemorativa, quando alguém se interessa, fazer né, e o prefeito só vai no dia mesmo, só pra fazer o “H”, como sempre* [risos] (L. M. S., 28 anos).

Ainda como parte da cultura da vila, os jovens referiram-se às manifestações que expressam a vocação da comunidade, conferindo sua identidade cultural como população ribeirinha e comunidade tradicional – a pesca nos rios, igarapés e no mar e a coleta de caranguejo no manguezal. Identidade cultural que marca a trajetória de seus pais, avós, bisavós. Entretanto, há preocupação com o destino dessa cultura. O depoimento a seguir expressa esse fato:

Tem a cultura da pesca, do caranguejo que eles tiram pra sobreviver, mas eu acho que ainda falta muito investimento, do prefeito. Falta investir em muitas coisas e nós não estamos tendo esse investimento da parte do prefeito. Estão esquecendo, como sempre esqueceram daqui. Aí é difícil crescer (L. M. S., 28 anos).

Outro aspecto da cultura mencionado pelos jovens é a produção de objetos em cerâmica, considerada de excelente qualidade pelos compradores e revendedores. Trata-se de uma atividade tradicional, repassada de geração a geração por uma única família que mantém uma pequena olaria com produção de utensílios domésticos (Figuras 30 e 31). Segundo seu proprietário, nesse local foram encontrados objetos cerâmicos antigos como cachimbos e moedas da época do Império, que ele guarda como tesouros históricos. A jovem a seguir trabalha com o acabamento dos produtos de cerâmica, ela diz: *Tem sim, principalmente essa que a gente trabalha que é de panela de barro, que vem tem muito dos antigos, minha sogra, que a mãe dela trabalhava, o modo de falar também, tudo isso vem de antigamente* (L. S. R. 29 anos). Segundo a entrevistada, há uma tentativa de expandir a cultura da cerâmica artesanal, que ainda é familiar, para a comunidade com o envolvimento de crianças por meio do projeto Mais Educação.

Figura 30 - Olaria de objetos artesanais



Fonte: Pesquisa de campo (mar. 2015)

Figura 31 - Objetos artesanais de cerâmica



Fonte: Pesquisa de campo (mar. 2015)

Outra atividade cultural e econômica da vila é a construção de embarcações, cujo conhecimento é também repassado de geração a geração, envolvendo poucas famílias. Não há exatamente um estaleiro, as embarcações são feitas artesanalmente, usando mão de obra familiar. Segundo um dos líderes comunitários houve um aumento nessa produção, com a injeção de benefícios aos pescadores, com o fornecimento do motor de pequeno porte conhecido como rabeta (Figuras 32 e 33).

Figura 32 – Local de construção de barcos

Fonte: Pesquisa de campo (mar. 2015)

Figura 33 – Embarcações em construção

Fonte: Pesquisa de campo (mar. 2015)

Em síntese, os jovens não são alheios às expressões culturais locais, parecem se conectar com essas manifestações culturais representando a vinculação com a cultura de seus antepassados e, mesmo clivados pelas novidades tecnológicas do mundo moderno, demonstram o sentimento de pertencimento ao seu lugar, conforme se expressa o jovem a seguir:

[...] nós comemoramos um folclore, mas, tipo assim, a gente quer demonstrar que todo o tempo aquela cultura está bem ativa pras pessoas que chegam. As pessoas querem ver muito, vêm visitantes. Teve um momento muito grande de pessoas das universidades que trazem os alunos pra pesquisar, estudar e tem também os turistas. Hoje em dia tá bem frequentado mesmo (G. A., 20 anos).

Assim, 52,3% dos jovens participam das manifestações culturais, conforme afirma esta jovem: *Olha são a comunidade no caso, vamos dizer, né. Eu gosto muito de dançar quadrilha, meu irmão boi, a minha sobrinha já é na quadrilha. No círio é a comunidade toda, é o povo da comunidade toda (A. C. A., 29 anos).* O equivalente a 21,7% não participam das manifestações culturais da vila, conforme explica a jovem: *Os antigos que participam, os jovens tão meio por fora, são mais os antigos (E. S. S., 24 anos).* Outro jovem expressa a sua posição: *Não participo, só fico observando (J. F. C., 23 anos).* O correspondente a 8,6% participam eventualmente, conforme explica a jovem: *Muitos sim e, muitos não, que não gostam (M. L. P. S., 23 anos).* Por fim, 17,4% não informaram (Tabela 12).

Tabela 12 – Participação dos jovens em manifestações culturais na Vila Que Era

PARTICIPAÇÃO	FREQ.	%
Sim	12	52,3
Não	5	21,7
Às vezes	2	8,6
Sem informação	4	17,4
TOTAL	23	100

Fonte: Pesquisa de campo (ago. 2015)

Nessa perspectiva, a cultura poderá ser mantida pelos jovens na medida em que houver incentivo das agências locais, do poder público municipal, estadual e federal para fomentar essas matrizes culturais que expressam a cultura do lugar. A Tabela 13 mostra que 95,7% dos jovens se identificam com a cultura de Vila Que Era, conforme eles mesmos expressam: *Sim, me sinto um vilacoerense, me orgulho mesmo* (D. R. J., 21 anos); *Me identifico com o povo daqui* (F. J. G., 24 anos); *Identifico, sempre por onde eu ando me identifico, defendo como morando aqui, em qualquer lugar* (J. S. R. C., 28 anos); *Sim, sim, nasci aqui, né. Fui pra Belém, mas eu me identifico* (J. F. C., 23 anos); *Nasci, me criei aqui e vou morrer aqui mesmo* (M. A. F., 23 anos); *Sou vilacoerense, acho que por eu ter nascido aqui. Até agora o que a gente identifica mais é a catação do caranguejo que a gente cata* (J. C. S., 26 anos).

O correspondente a 4,3% disseram não se identificar porque não nasceram na vila e morou algum tempo fora. Moram na vila, mantêm laços com seus familiares, mas pretende viver fora. Ela assim se explica: *Não porque eu não nasci aqui. Eu nasci no sítio da minha avó, eu já fui pra Vila eu já tinha uns sete anos. Depois vim pra Bragança estudar. Tudo mais, mas sempre eu tô aqui. Num esqueço meu lugar* [risos] (L. M. S., 28 anos).

Tabela 13 – Identificação dos jovens com a cultura de Vila Que Era

IDENTIFICAÇÃO	FREQ.	%
Sim	22	95,7
Não	1	4,3
Total	23	100

Fonte: Pesquisa de campo (ago. 2015)

Embora 52,3% dos jovens participem das manifestações culturais da vila (Tabela 12) a questão da manutenção dessas tradições é mais complexa de inferir no contexto atual. Na opinião dos jovens há uma pequena diferença entre o sim e o não. A maior parte, 26,1% (Tabela 14) disse que sim, os jovens estão mantendo a cultura da vila, porém menos do que tempos atrás como afirma o jovem: *Acho que se interessa, de vez em quando eu vejo eles, de vez em quando eu vejo eles indo. De primeiro tinha, agora se acabou mais, tão tudo se afastando, agora num tem mais, de primeiro tinha* (A. C. S., 19 anos). Há também a atração por um tipo de atividade e por outras não, conforme explica a jovem: *Negócio de boi é mais dos antigos, aí quadrilha já é mais dos jovens, já se metem* (M. L. P. S., 23 anos). Essa percepção é reforçada pela fala da jovem: *As meninas sempre incentivam: – ‘vamo na quadrilha’. Ano passado ela me perguntou se eu queria participar da quadrilha. Eu até falei pra ela que a gente podia fazer uma quadrilha só de mulher e as mulheres se vestir de homem* (A. C. A., 29 anos).

A proporção dos entrevistados que creem que os jovens não estão mantendo as tradições culturais da vila é de 21,7% e, assim eles explicam: *Pra falar a verdade não, estão bastante afastados em torno de tudo, de igreja. Eu acho que estão afastados e eu vejo que estão afastados* (J. S. R. C., 28 anos); *Porque a gente vai crescendo e a gente quer outras coisas, atividades novas e aqui não tem isso. Olha tinha, aí cada jovem vai saindo, sai um aqui, sai dois ali e acabou o grupo de jovens. Eu acho que, eu tô vendo assim do meu ponto de vista eu acho que vai acabar* (F. J. G., 19 anos); *Não, mas eu gosto de quadrilha, não pra mim participar, mas pra ficar olhando* (E. S. S., 24 anos); *Tinha o grupo de jovem e agora num tem mais, acabou. Porque num levaram mais pra frente, pouco a pouco terminou* (J. S. M., 18 anos); *Não, aqui os jovens não se envolvem com essas manifestações* (J. F. C., 23 anos).

E o correspondente a 8,7% disseram que talvez sim, talvez não (Tabela 14). O jovem G. A., 20 anos explica muito bem a complexidade dessa questão:

A cultura, hoje em dia os jovens, principalmente, tão abandonando um pouco a cultura. Mas tem muitos jovens que tão pegando a frente disso pra resgatar, pra não deixar a uma cultura ficar morta, pra uma cultura todo o tempo tá viva, bem adaptada na comunidade. Pra ela não sofrer uma, tipo assim, se for uma visita de algumas pessoas a gente pode demonstrar que ainda existe cultura, que todo o tempo vai ter essa cultura [...]. Nesse meio estão bem divididos, porque tem muitos jovens que ainda querem saber da cultura, mas tem os jovens que querem estar mais no mundo virtual. Hoje em dia é muito frequente isso. O jovem não quer saber mais, tipo assim, de andar de canoa, porque tem vergonha de chegar no porto de Bragança de canoa. Quer andar só de carro. Mas outros não, outros já querem chegar de canoa, pra chegar, pra dizer que existe ainda aquilo que foi criado há tanto tempo. Só que não existe mais os remos, hoje passou pra facilitar mais, a rabeta. Nós tem muita facilidade com ele de que a gente tinha com o remo, a gente deixemos o remo um pouco guardado num canto (G. A., 20 anos).

Tabela 14 – Manutenção das tradições culturais pelos jovens de Vila Que Era

MANUTENÇÃO DA CULTURA	FREQ.	%
Sim	6	26,1
Não	5	21,7
Talvez	2	8,7
Sem informação	10	43,5
TOTAL	23	100

Fonte: Pesquisa de campo (ago. 2015)

Ainda como parte da cultura de Vila Que Era, identificou-se a existência de variadas lendas, entretanto é um tema, atribuído pelos jovens, aos mais velhos da comunidade, como pais, avós, bisavós, conforme relata o jovem a seguir: *Os meus pais contavam, meus avós contavam, quando num tinha luz, criança, meu avô contavam bastante. Visagem, curupira. Criança ficava com medo* (F. J. G., 24 anos). Para eles, as lendas fazem parte de um passado,

quando na vila se vivia sem a energia elétrica, e as crianças ouviam as histórias dos mais velhos. Os jovens dizem que depois que “chegou a luz elétrica” ficou menos comum a expressão dessas lendas. Com a eletricidade chegou a programação das emissoras de TV, com conteúdos e imagens variadas, aos poucos as contações de histórias foram ficando de lado. São raros os jovens cujos pais e/ou avós continuam contando essas histórias.

As lendas têm função social na medida em que participam na socialização primária da criança, como parte do modo de criação dos pais, instituindo comportamentos, valores e princípios éticos. Não se trata apenas de uma explicação para as ações da natureza, mas particularmente, usando fenômenos da natureza como barulho de trovões acompanhados de relâmpagos, mas, de elementos constitutivos na socialização da criança. Assim, nesses fenômenos são embutidas mensagens como *papai do céu está ralhando*, dando suporte a autoridade materna e paterna para manter as crianças em casa evitando a rua, o igarapé e as matas. São utilizadas também no aprendizado do respeito ao meio ambiente, como as lendas do Curupira e do Ataíde, protetores da floresta. Os relatos a seguir expressam essa prática social: *O papai falava que tinha o Curupira que ia pegar a gente pelo mato. Aí a gente não saía* (R. T. C., 20 anos); *Tem coisa de Yemanjá, Zé Raimundo, tudo tem. Visage nós vê muito. Calça Molhada, passava aí toda noite. As galera que falava, eu nunca vi. Passava com uma baciona na cabeça. Depois que botaram luz, parou mais* (D. R. J., 21 anos).

Os jovens entrevistados mostraram conhecer as lendas da vila, conforme será apresentado.

Lenda do Ataíde

Segundo a lenda contada pelos jovens moradores, o Ataíde é um ser que vive no manguezal com características físicas semelhantes às de um ser humano, porém com dimensões acima da média, compleição física grande, com destaque para os pés enormes. Segundo a jovem J. A. (18 anos), Ataíde [...] *é que ele anda no mangal e quando têm pessoas que estão sozinhas no mangal ele sempre persegue essas pessoas*. Não é um ser ligado à água: igarapés, rio, mar, mas à floresta, em especial, ao manguezal.

Lenda da Cobra Grande

Esta lenda é bastante comum em regiões da Amazônia, na vila ela também aparece no relato dos jovens que dizem existir uma enorme cobra no rio Caeté. Assim se refere um deles: *Num dá pra lhe explicar se existe mesmo, porque fizeram essa lenda, num tenho uma explicação pra dar nesse sentido assim, não sei qual foi o motivo não* (L. F., 20 anos).

Lenda do Curupira

O Curupira é uma figura folclórica muito conhecida no interior do Brasil. Sua lenda está relacionada a um ser que protege a floresta de predadores humanos. Na Vila Que Era foi citado pelos jovens como protetor da floresta, muito particularmente da flora e da fauna. Não é um ser do mar ou do rio e sim da floresta.

Lenda da Pedra

Trata-se de uma lenda relacionada com a religiosidade da comunidade. No rio Caeté apareceu uma pedra com a imagem de uma santa. Assim relata um dos jovens: *Aqui nessa baixada dizem que tinha uma pedra e acharam uma santa lá e ficou a imagem dela lá. Sei que tem uma pedra lá, tem uma imagem lá. É uma lenda, não sei se é verdade* (J. F. C., 23 anos).

Lenda da igreja e do colégio

Na praça, às margens do rio Caeté ficam localizados atualmente a igreja, a escola e o centro comunitário de Vila Que Era. É o lugar também do marco da fundação da cidade. Segundo o relato de uma jovem, há uma lenda de que nos tempos antigos a igreja e a escola eram fisicamente unidas. Ela diz: [...] *muitos viram a igreja com o colégio pregado um com o outro, eles queriam passar e não conseguiam passar porque os dois estavam pregados* (J. S. R. C., 28 anos).

Lenda de Nossa Senhora do Rosário

Conta uma lenda que a imagem de Nossa Senhora do Rosário foi encontrada na Vila Que Era e atravessou o rio Caeté. Os moradores voltaram com a imagem da Santa para a Vila, contudo, ela desapareceu e foi encontrada em Bragança e ficou lá onde é atualmente a igreja de Nossa Senhora do Rosário (J. C. S., 26 anos).

Lenda dos índios

Esta lenda parece estar relacionada à origem da vila antes da chegada dos colonizadores. Refere-se aos índios que habitavam o lugar, com sua cultura e suas tribos. Os moradores dizem que existe uma grande barreira de pedras no rio Caeté que é um lugar encantado e para quem passa à noite ouve barulhos incomuns vindos das pedras: *Já passei por lá, mas não encostei, diz que tem uns negócios, faz zoada a noite lá* (P. J. S. S., 23 anos).

Dias santos

Faz parte da cultura local “guardar” os dias santos, como o dia de Santo Antônio, o dia de Nossa Senhora de Fátima, o dia de Nossa Senhora do Rosário, nos quais não se pode fazer determinadas atividades lúdicas e/ou barulhos.

Serra-a-Velha

A jovem L. S. R., 29 anos, relatou uma manifestação cultural praticada na Vila, a “Serra Velha”. Segundo ela é uma encenação, uma peça ao ar livre e itinerante que ocorre na véspera da Semana Santa, no dia de São José, quando um grupo de pessoas, principalmente idosos, faz um cortejo, iniciando de madrugada, pela vila, percorrendo todas as casas e parando em frente as casas onde tem avô e avó. O grupo faz muito barulho, utiliza gatos, que são puxados pelo rabo fazendo-os miar. Ao mesmo tempo, imitam pessoas chorando como em velório. No final dividem todos os bens que trazem e, para o filho ou a filha caçula da casa entregam um penico. Ainda, segundo a mesma jovem, essa cerimônia foi alterada no que concerne ao uso de animais - os gatos.

Essa manifestação cultural é confirmada por um morador da Vila Que Era - Sr. J. M. S. A., de 39 anos-, que fazia parte do grupo brincante. Segundo ele a Serra Velha era uma manifestação cultural que acontecia no dia de São José – 19 de março. Era uma brincadeira na qual um grupo de pessoas saía de madrugada e chegava em frente a casas que moravam avó ou avô. O grupo utilizava vários instrumentos confeccionados dois ou três dias antes da data: a mão de pilão, um serrote velho, uma lata de tinta vazia, um corrupio feito de madeira, uma buzina feita de bambu, uma enxada. Dentre os participantes havia: uma pessoa que “anunciava” a chegada da Serra Velha chamando o avô ou avó e começava a repartição dos bens, começando pelos mais velhos até o caçula que deveria receber um penico. Uma segunda pessoa que fazia toda a lamentação, o choro [...] *como se uma pessoa tivesse morrido de verdade* e, a terceira pessoa encarregada de “cavar a sepultura” Os demais do grupo atuavam com os instrumentos. Assim ele explica:

Se eu fosse na sua casa, chegasse lá lhe chamasse a senhora ia responder. Se a pessoa respondesse, eu ia falar assim: - olha dona Maria eu vim lhe avisar que hoje é o seu último dia! Aí quando eu falasse assim o nosso pessoal começava pela buzina – oinuéeee. O corrupio fazia vuuuuuuuummmm, o serrote numa lata velha fazia rap rap rap e a mão de pilão direto no chão – tum, tum, tum. Nós somos descendente de índio e quando se usa os instrumentos na terra dá um som jamais ouvido hoje. Era muita zoada, pra quem nunca viu e tava dormindo se acorda apavorada e aí imagina: ‘ - O que tá acontecendo? - É o final do mundo?’ E a pessoa que lamenta faz uma criatividade que quem presencia fica pasma. Depois que termina esse momento, é feita a repartição dos bens ficando pro filho ou

filha caçula o penico, último bem repartido. E tinha a parte de “serrar as doenças” aí uma pessoa do grupo perguntava: - Ei seu Fulano, onde é pra serrar? Aí a pessoa respondia: - ‘Serra aqui na minha perna onde tá a dor, serra aqui no meu braço’. E continuava: -Ainda tá vivo? Aí a pessoa falava: ‘- Tô!’ Então mete-lhe a serra. Enfim, aí enquanto a pessoa tivesse falando ia metendo-lhe a serra. Aí quando se calasse aí: - já morreu! Aí fazia uma sepulturazinha de mato lá. Então o povo, os antigos gostavo disso porque a Serra Velha chega com uma tradição e onde tinha reumatismo no braço, uma dor na perna, no joelho, enfim onde fosse tava serrando. Mas era legal, era bacana, era gostoso, na época deixamos de fazer isso devido a energia chegou e aí ficou tudo claro e aí a gente já num faz mais. Tá fazendo uns 17 anos que nós num fizemos mais isso. E tinha pessoas dos antigos que na véspera já falava: ó, vou esperar vocês lá em casa. E quando a gente chegava, a lamparina tava lá, o café tava lá, o mingau tava lá. Outros não, não gostavam, jogavam urina na pessoa. Mas era legal!

As duas narrativas são corroboradas na historiografia do folclore de Bragança por Armando Bordallo da Silva (1981). Para esse pesquisador trata-se de um folguedo popular chamado de “Serra-a-velha”, assim ele explica: “[...] diversão promovida durante a noite nas três últimas quartas-feiras da Quaresma [...] Rapazes estouvados postam-se à porta da casa de uma pessoa encanecida a fim de procederem ao inventário dos bens que possui ou dos que forem imaginados na ocasião” (SILVA, 1981, p. 36). A narrativa do autor segue com elementos similares aos já citados acima. Em sua obra Bordallo da Silva cita a descrição da “Serra-a-velha” elaborada por Benedito César Pereira que afirma:

A “Serra-a-velha” é uma brincadeira quem vem acompanhando pari-passu, o evoluir bragantino, desde a data de sua fundação, talvez [...]. Há blocos, como sempre houve, de elementos somente de nossa sociedade, únicos que podem, impunemente, provocar as iras ou galhofas dos velhos e velhas da sociedade bragantina (SILVA, 1981, p. 37).

O relato de Pereira também corrobora o que já foi referido acima. Parece haver adaptações de acordo com a tradição local da comunidade, contudo, há ênfase no caráter irreverente dos brincantes e o direcionamento para os idosos.

Na Vila Que Era essa manifestação cultural encerra vários elementos da sociabilidade dos moradores. De um lado, agregadora identificada naquelas famílias que aceitam e até demandam o evento acolhendo o grupo, oferecendo uma celebração ao final com alimentos: café, mingau. E de outro, denunciando conflitos ou a demonstração de não concordar e não aceitar a brincadeira e agridem o grupo com “urina armazenada por dias”. Outro dado interessante é a demarcação da entrada da eletricidade na vida dos moradores, alterando a cultura na qual afluíam as lendas, os mitos e manifestações culturais dessa natureza. A presença de elementos religiosos – ocorre no dia de um santo da igreja católica, São José, então que relação pode haver com esse santo e os avós? Ao mesmo tempo, usa instrumentos e

técnicas da cultura indígena encerrando a diversidade cultural. Ao que parece, a lenda celebra a morte não do avô ou avó, mas a cura das doenças que podem estar sofrendo na medida em que vão “serrando” a dor do reumatismo em determinadas partes do corpo. Provavelmente podem incluir outras doenças, mas o reumatismo está, em geral, ligado aos idosos. Contudo, neste estudo, o reumatismo foi citado como uma das doenças que ocorrem com frequência entre os tiradores de caranguejo no manguezal, então há relação direta com o modo de vida dos habitantes.

A intenção de registrar com detalhes essa manifestação cultural não é propriamente a de explicar sua função social, mas de contribuir para que possa ser conhecida e analisada por estudiosos da área.

Toda essa riqueza de manifestações culturais rompeu as fronteiras da comunidade e tornou-se objeto de poesia transformada em música por um grupo chamado Arraial do Pavulagem, da cidade de Belém. A seguir, a letra da música²⁶.

<p><i>Sou de Vila Que Era ô ô</i> <i>Sou de São Benedito ô ô</i> <i>Sou de Vila Que Era</i> <i>ô ôôôô</i></p> <p><i>Eu vim do Camutá pra rezar, pra rezar</i> <i>Eu vim do Camutá com a comitiva</i> <i>Eu vim lá do riozinho</i> <i>Eu vim lá da aldeia</i> <i>Eu vim lá do remanso com a comitiva.</i></p>	<p><i>Eu vim do Camutá pra rezar, pra rezar</i> <i>Eu vim do Camutá com a comitiva</i> <i>Eu vim lá do Sinhá</i> <i>Eu vim lá do Ferreira</i> <i>Subindo pelo morro com a comitiva.</i></p> <p><i>Eu vim do Camutá pra rezar, pra rezar</i> <i>Eu vim do Camutá com a comitiva</i> <i>Eu vim lá do Taíra</i> <i>vim descendo a ladeira</i> <i>Vamu pra Ajuruteua com a comitiva.</i></p>
---	--

2.3 Atores sociais e ação coletiva na RESEX

Segundo Sabourin (2006), Olson compreende ação coletiva como “[...] toda ação de um grupo para a produção ou obtenção de um bem público ou coletivo”. Nesses termos, a RESEX expressa uma ação coletiva, como dito acima. Pode ser caracterizada também, pela perspectiva de Feeny, Berkes, McCay e Acheson (2001) como uma das quatro categorias de direito de propriedade sobre recursos comuns – a propriedade estatal, que segundo esses autores existe quando:

Os direitos aos recursos são alocados exclusivamente no governo que, por sua vez toma decisões em relação ao acesso aos recursos ao nível e natureza

²⁶ Disponível em: <http://www.letrasdemusicas.fm/arraial-do-pavulagem/comitiva-de-sao-benedito#sou-de-vila-que-era>. Acesso em: 02 out. 2015.

da exploração [...] A natureza do regime de propriedade estatal também difere dos demais regimes pelo fato de que o Estado, em geral, possui poderes coercitivos de imposição, ao contrário de grupos privados (FEENY et al., 2001, p. 21).

Outra categoria destacada por esses autores é a propriedade comunal, em que “[...] os recursos são manejados por uma comunidade identificável de usuários interdependentes. Esses usuários excluem a ação de indivíduos externos, ao mesmo tempo em que regulam o uso por membros da comunidade local” (p. 21).

Por essa perspectiva, a RESEX é, portanto uma ação coletiva que se efetiva na combinação dessas duas categorias de direitos de propriedade e de gestão de bens comuns e públicos, a estatal e a comunal. A RESEX se constitui em uma área de preservação estatal, com cessão de direito de usufruto a quem nela habita ou dela retira seus meios de vida, isto é, os moradores e os usuários. Uma vez instituída, a RESEX objetiva-se pelo plano de manejo, no regime de cogestão.

Como esse processo ocorre em comunidades tradicionais que vem desenvolvendo modos de vida baseados no uso tradicional? Em primeiro lugar, há uma consulta prévia dentre os habitantes desses territórios e em seguida a solicitação para a institucionalização como RESEX. Implementam-se as instâncias de gestão e os estudos técnicos para elaboração do plano de manejo.

Considerando que ação coletiva implica a existência de conflito, de relações de poder e de cooperação entre os atores, esses elementos fazem parte do jogo na medida em que poder, na perspectiva de Crozier e Friedberg (1993) significa a possibilidade disponível de indivíduos ou grupos de influenciar outros indivíduos ou grupos. Segundo esses autores, apenas numa relação entre uma pessoa A e uma pessoa B pode-se desenvolver o poder, representando, assim, uma relação e não a qualidade de uma pessoa. Uma condição é que os interesses pessoais dos atores se dirijem ao alcance de um objetivo comum, o que os torna dependentes um ao outro. O poder é uma relação mútua, mas não equilibrada que, no entanto, pode existir apenas se há algo para trocar. Assim, é relacionado a um processo de negociação. Permite a um dos atores tirar mais vantagem que o outro, mas nunca entrega totalmente um ao outro (CROZIER; FRIEDBERG, 1993). Para que haja cooperação é necessário medidas de ordenamento ou um elevado altruísmo muito difícil de ocorrer na prática (SABOURIN, 2006).

Na RESEX esse processo não é diferente, conforme observado nas diversas instâncias de poder entre seus atores, que passaram de habitantes a usuários ou beneficiários. Essa nova identidade reflete diferenças entre si talvez não existentes antes da institucionalização. Por

exemplo, o Sr. D. S. que antes da institucionalização era pescador, tornou-se representante comunitário e, imbuído dessa nova identidade, tem relações mais estreitas com o ICMBio e com os próprios moradores. Isso resulta em agregação de conflitos e simpatia entre os moradores de sua comunidade. Outro exemplo é o Sr. A. L. que era pescador e com a RESEX tornou-se auxiliar do ICMBio. Segundo sua mãe, é visto como “fiscal” do órgão, pois realiza constantes expedições pelas vias para identificar os “desviantes”. Nessa nova identidade, é tido por uns como “inimigo” e por outros como um canal de acesso ao instituto.

Conseguir que indivíduos cooperem é difícil, a menos que a própria cultura institucional sustente um tipo de socialização para a cooperação. Assim, frente a recursos escassos, a cooperação tende a ocorrer por meio de pressão, com a instituição de normas para a gestão.

Em artigo publicado sobre o Projeto Lumiar²⁷, Schmitz e Magalhães (1999) mostram a complexidade da gestão de uma ação coletiva envolvendo atores em diferentes níveis e com posições diversificadas mesclando conflito, cooperação e reciprocidade. Segundo eles:

[...] as relações institucionais foram dificultadas pela falta de diálogo entre os envolvidos, pela ausência de regras claras quanto à solução de problemas cotidianos, a falta de preparação anterior das equipes dos escritórios locais da CEPLAC que acolheram os técnicos do projeto Lumiar e por problemas de natureza institucional como a incompatibilidade da proposta com uma estrutura hierárquica sendo o serviço contratado pelos clientes, os assentados, executado por técnicos, contratados por uma outra instituição, a FADESP, e orientado por supervisores externos. Os fatores decisivos para o bom funcionamento foram as relações pessoais entre os técnicos da CEPLAC e do Projeto Lumiar no nível local (SCHMITZ; MAGALHÃES, 1999, p. 1).

A referência à experiência do Projeto Lumiar permite sinalizar os nós críticos que dificultam o sucesso de uma ação coletiva. Com as devidas ressalvas por se tratar de situações diferentes, as reflexões dessa experiência merecem ser conhecidas pelos atores sociais da RESEX, uma vez que ambas – RESEX e Lumiar – demandam estratégias de gestão de bens comuns, enfrentando as relações de poder entre as partes, a definição da competência de cada um dos atores envolvidos e o monitoramento da experiência. Esse conhecimento aumentaria as possibilidades de qualificar a cogestão, buscando ancoragem nos aspectos positivos de outras experiências de ação coletiva.

O jovem rural como ator político no Brasil, segundo Elisa Guaraná de Castro (2009),

²⁷ O projeto Lumiar, do Instituto Nacional de Reforma Agrária (INCRA) atua na descentralização da assistência técnica (SCHMITZ; MAGALHÃES, 1999, p. 2).

vem se reordenando como categoria, conforme ela explica: “Esse ‘jovem rural’ se apresenta longe do isolamento, dialoga com o mundo globalizado e reafirma sua identidade como trabalhador, agricultor familiar, camponês lutando por terra e por seus direitos como trabalhadores e jovens” (CASTRO, 2009, p. 62). Ainda segundo Castro, nos anos 2000 houve efervescente organização dos jovens nos movimentos sindicais (CONTAG²⁸/FETRAF²⁹), na Via Campesina no Brasil³⁰ e, em movimentos historicamente reconhecidos como a Pastoral da Juventude Rural, criada em 1983, com atuação voltada para a organização do jovem rural em seus locais de origem com representações microrregionais, estaduais e nacional (CASTRO, 2009, p.64). Essa estrutura organizativa promove eventos em vários níveis – municipais, estaduais e nacional – que reúnem jovens para debater e propor ações como acesso à educação e à terra e “[...] demandas no contexto de transformações sociais da própria realidade do campo e da sociedade brasileira” (CASTRO, 2009, p. 64).

Castro conclui que uma das ações marcantes dos jovens engajados no movimento social rural é a mobilização em eventos nacionais e/ou regionais. Para ela:

Os eventos geram duplo movimento: por um lado, consistem em um espaço de aproximação e consolidação individual de trajetórias de militância, de sociabilidade e de construção de laços de afetividade e confiança. Por outro, permitem um processo de construção/consolidação da juventude como ator político para dentro dos movimentos sociais e no cenário nacional [...] É também nesse espaço que a categoria juventude busca legitimidade como ator político, sujeito de suas ações, discutindo não só questões relativas a ela, mas integrando as questões gerais do movimento às suas discussões (CASTRO, 2009, p. 179).

O jovem como ator social na RESEX ainda é um tema em construção como objeto de estudo na academia, nos institutos de pesquisas e órgãos similares. Contudo, os dados obtidos nesta pesquisa na RESEX Marinha de Caeté-Taperaçu corroboram que há incipiente participação do jovem na cogestão. Mostram atores sociais em uma cogestão permeada de ambiguidades, de conflitos, de concorrências, mas também de “orquestração” que se expressa mais recentemente, nos eventos que envolvem seus membros tais como: o Marco Regulatório do Caranguejo, ocorrido em 6 de julho de 2016 com lideranças e usuários da RESEX de Caeté-Taperaçu no qual os debates em grupo e na plenária convergiram para objetivos comuns em favor do homem e da mulher no trabalho da coleta do caranguejo. Outro evento

²⁸ A Confederação Nacional dos Trabalhadores na Agricultura (CONTAG) inclui as Comissões Municipais de Jovens, as Comissões Estaduais e as Federais. Nacionalmente é organizada na Comissão Nacional de Jovens Trabalhadores e Trabalhadoras Rurais (CNJTTR) (CASTRO, 2009, p. 63).

²⁹ A Federação dos Trabalhadores na Agricultura Familiar (FETRAF)/Brasil possuem Secretarias de Juventude e nacionalmente a Coordenação Nacional da Juventude (CASTRO, 2009, p. 63).

³⁰ A Via Campesina Brasil congrega Coletivos de Juventude e um Coletivo Nacional de Juventude da Via Campesina. Há também um Programa de Formação para a Juventude (CASTRO, 2009, p. 63).

recente foi o Seminário “Juventude, democracia e meio ambiente”, realizado em 10.07.2016, sob a coordenação da RESEX de Tracuateua, envolvendo jovens de cinco Reservas da região incluindo a de Caeté-Taperaçu. Nesse evento, a participação dos jovens mostrou-se proativa desde a organização até as proposições relacionadas com a sustentabilidade e o meio ambiente.

Observou-se o empenho das lideranças locais para organizar um evento dessa magnitude, tanto no aspecto da logística quanto na do estímulo para a participação dos jovens. Nos trabalhos em grupo, emergiram jovens com potencial de liderança, buscando estimular a participação dos demais (Figuras 34 e 35).

**Figura 34 – Plenária do seminário
“Juventude, democracia e meio ambiente”**



Fonte: Pesquisa de campo (jul. 2016)

**Figura 35 – Participação de jovens em
trabalho de grupo**



Fonte: Pesquisa de campo (jul. 2016)

Na apresentação dos resultados dos subgrupos emergiu a criatividade juvenil, com linguagens de comunicação artísticas como: “*talk show* ambiental”; encenação sobre a exploração predatória por empresários da madeira; elaboração de pintura do ecossistema em tela; elaboração de textos e cartazes. Ver Figuras 36 e 37.

Figura 36 – Apresentação dos resultados de trabalho de grupo com dramatização



Fonte: Pesquisa de campo (jul.2016)

Figura 37 – Apresentação dos resultados de trabalho de grupo com cartaz



Fonte: Pesquisa de campo (jul.2016)

Os dois eventos citados acima atestam formas possíveis de participação na cogestão, com destaque para o seminário “Juventude, democracia e meio ambiente”, no qual os jovens foram os protagonistas, indicando o potencial da juventude engajada na cogestão dos recursos do seu território. Além disso, como bem concluiu Castro (2009, p. 179), foi possível identificar o que ela classifica de duplo movimento desse tipo de evento: o primeiro de aproximação entre os jovens das diversas RESEX, vivenciando momentos de ampliação da sociabilidade e “construção de laços de afetividade e confiança”. O segundo também foi observado nesse evento: formação do jovem como ator político uma vez que fizeram parte do evento jovens que o coordenaram, com capital social, cultural e de ação política mais consolidada e, também, jovens que foram ao evento pela primeira vez. Nos trabalhos em grupo, emergiu a curiosidade por conhecer termos e conceitos relacionados à reserva, que contou com a colaboração dos gestores das diversas RESEX, técnicos do ICMBio e lideranças. Isto reflete que, na medida em que esses jovens respondem a um chamado para dialogar sobre o território em que moram, abre-se um caminho para o exercício da participação na cogestão de sua comunidade.

Uma vez estimulados e apoiados, os jovens iniciam um processo de instituição de novos papéis como atores sociais engajados transformando o que está “assegurado nas leis” em presença viva na busca de reinventar seu local. A participação dos jovens está assegurada em instrumentos legais³¹ no processo de produção e reprodução material e social de seu território. Segundo o SNUC, a conservação da natureza implica em uma visão ampliada de preservação e proteção integral de modo a garantir sua sustentabilidade com o uso racional dos bens comuns de forma sustentável.

Em resumo, a cogestão de Reservas Extrativistas é um processo complexo que exige

³¹ Constituição Federal (1988); SNUC (2000); Estatuto da Juventude (2013).

da comunidade e dos órgãos oficiais esforços conjuntos de construção social permanente. Esse processo todo se reflete na RESEX. Nas duas áreas estudadas foi possível identificar inúmeros processos de participação na cogestão que envolvem uma multiplicidade de relações contraditórias, conflituosas entre diversos grupos, ao mesmo tempo relações de cooperação, de cumplicidade, de organização, o que é próprio das relações sociais. Por exemplo, algumas pessoas da comunidade são identificadas pelos jovens como representantes ou lideranças, mas, na realidade, não fazem parte de nenhuma instância formal da gestão atual da reserva. No sentido apontado por Zhouri e Oliveira (2010), são atores sociais ativos e agregam em suas práticas sociais e políticas sentidos concernentes ao que é definido coletivamente.

Ao contrário, representantes oficiais na cogestão chegam a ser descredenciados na visão dos jovens como seus representantes efetivos. Nesses termos, um ator social que não faz parte da gestão formal da RESEX, pois não é membro de comitê local, pode carrear para si um título de representante. Encaixam-se nessa condição de reconhecimento de liderança professores, membros de igrejas e de outros conselhos municipais. Reconhecimento no sentido de ser apontado como liderança pelos jovens como será detalhado no Capítulo 5.

Nessa configuração coletiva de gestão de bens comuns, esses diversos atores travam conflitos entre si e a comunidade, especialmente no que concerne à gestão da concessão de benefícios como as casas, por exemplo, objeto de inúmeras críticas pelos jovens moradores.

CAPÍTULO 3 – JOVENS DA RESEX DE CAETÉ-TAPERAÇU

Este capítulo inicia com a apresentação da contagem dos jovens moradores das duas vilas estudadas – 147 (cento e quarenta e sete) jovens de Vila do Bonifácio e 58 (cinquenta e oito) jovens de Vila Que Era.

A partir da contagem dos jovens procedeu-se à caracterização detalhada daqueles que compuseram a amostra desta pesquisa – 57 (cinquenta e sete) jovens na Vila do Bonifácio e 23 (vinte e três) jovens da Vila Que Era.

3.1 Contagem dos jovens moradores da Vila do Bonifácio e da Vila Que Era

a) Contagem dos jovens da Vila do Bonifácio

A contagem da população de jovens de 18 a 29 anos residentes na Vila do Bonifácio, foi realizada em março e abril de 2015, totalizando 147 jovens, por meio do instrumental 1 (Apêndice 1) que abordou 8 (oito) variáveis: nome completo (para identificar a relação de parentesco nas duas comunidades), sexo, idade, data do nascimento, endereço, situação escolar, frequência à escola no momento do levantamento, última série cursada ou em curso e o nome da escola.

Segundo dados do IBGE (Censo 2010), a distribuição de homens e mulheres no Brasil é desigual. São 97.348.809 mulheres que representam 51,03% da população brasileira em contraste com 93.406.990 homens representando 48,97%. Portanto, há prevalência do sexo feminino na população total. Essa assimetria se mantém com ligeiro aumento na composição da população urbana com 83.215.618 mulheres correspondendo a 51,71% e os homens 77.710.174 representando 48,29%. Entretanto, na composição da população rural essa correlação é inversa – os homens são maioria com 15.696.816 pessoas representando 52,62% da população enquanto que as mulheres no campo são 14.133.191 pessoas correspondendo a 47,38%.

Entre os jovens de 18 a 29 anos, essa assimetria é semelhante, com um total de 40.982.604 pessoas (21,48% da população total), são 20.555.988 jovens do sexo feminino representando 50,96% e 20.426.616 jovens do sexo masculino correspondendo a 49,84%. Entretanto, tal como na população total, a relação se inverte na correlação urbano e rural, na qual os homens são maioria também entre os jovens, somando 3.167.111 pessoas correspondendo a 53,16% e as jovens mulheres rurais são 2.790.584 representando 46,84% da população de jovens na faixa de 18 a 29 anos no meio rural.

Segundo Castro (2009), a PNAD 2006 também apontava a participação numérica maior na população rural dos homens 53% e 47% das mulheres jovens. Neste estudo, também há prevalência dos jovens do sexo masculino em relação às do sexo feminino. A Tabela 15 mostra que os jovens do sexo masculino representam mais da metade da população de jovens da Vila do Bonifácio, correspondendo a 53% e do sexo feminino 47%. As razões para esse fenômeno, segundo Castro (2009, p. 103) são:

[...] pode estar na inserção das mulheres em trabalhos urbanos e na continuidade da escolarização, que é mais frequente entre as mulheres que entre os homens. Essa realidade também pode ser lida como resultado da divisão sexual do trabalho. A tendência à concentração dos afazeres domésticos como tarefa das jovens e sua baixa inserção nas demais atividades ligadas à terra, e especialmente nos espaços de decisão, colabora para a saída maior de jovens mulheres que dos homens.

De fato, a atividade extrativista principal na Vila do Bonifácio é a pesca e a extração do caranguejo praticada majoritariamente pelos homens. O trabalho doméstico na sede do município e na capital do estado é atrativo para as jovens que se envolvem menos que os homens na pesca e na coleta de caranguejo. Assim, a explicação de Castro faz sentido também no contexto estudado.

Tabela 15 – Jovens da Vila do Bonifácio, por sexo

SEXO	FREQ.	%
Masculino	78	53,0
Feminino	69	47,0
TOTAL	147	100

Pesquisa de campo (2015)

A população jovem no Brasil tem uma distribuição por idade muito homogênea, com destaque para os jovens de 28 anos, com 3.515.646 pessoas representando 8,58% da população total de jovens. O segundo grupo mais populoso é o de jovens de 22 anos com 3.510.497 pessoas correspondendo a 8,56% dessa população. Inversamente, o grupo menos populoso é o de jovens de 19 anos com 3.265.826 pessoas representando 7,97%, seguido pelo grupo de jovens de 26 anos com 3.298.218 correspondendo a 8,05%. O recorte por faixa etária apresenta proporções muito próximas numericamente: a faixa etária de 18 a 20 anos representa 24,46%, a de 21 a 23 anos 25,26%, a de 24 a 26 anos 25,02% e a de 27 a 29 anos 25,26%. Portanto, a maior proporção está em duas faixas etárias, igualmente com 25,26% de 21 a 23 anos e de 27 a 29 anos. A menor proporção está na faixa de 18 a 20 anos com 24,46% seguida pela de 24 a 26 anos, com 25,02%. Portanto, não há uma concentração significativa em nenhuma faixa de idade (IBGE, 2010).

Na população rural de jovens de 18 a 29 anos, também não há concentrações significativas por idade. O grupo majoritário é o de 18 anos com 565.622 jovens e o minoritário é o de 29 anos, com 449.402 jovens, portanto, são os dois extremos que apresentam a maior diferença – 25,86% entre si. Ao se recortar por faixa etária, essa assimetria se mantém com a maioria dos jovens na faixa de 18 a 20 anos, correspondendo a 27,08% do total de jovens rurais e a minoria na faixa de 27 a 29 anos, com 23,31% perfazendo uma diferença de 3,77%. As faixas intermediárias de 21 a 23 anos e de 24 a 26 anos seguem a ordem decrescente, respectivamente, 25,46% e 24,15%.

Na Vila do Bonifácio esse comportamento da população de jovens rurais se mantém. A faixa que concentra o maior número é a de 18 a 20 anos com 31,3% e a menor é a de 27 a 29 anos com 18,3%. As duas faixas intermediárias seguem a ordem decrescente com 29,9% para a faixa de 21 a 23 anos e 19,1% para a de 24 a 26 anos, conforme mostra a Tabela 16.

Tabela 16 – Jovens da Vila do Bonifácio por faixa etária

FAIXA ETÁRIA	FREQ.	%
De 18 a 20 anos	46	31,3
De 21 a 23 anos	44	29,9
De 24 a 26 anos	28	19,1
De 27 a 29 anos	27	18,3
Sem informação	2	1,4
TOTAL	147	100

Pesquisa de campo (2015)

Quanto à situação escolar, a maioria dos jovens na Vila do Bonifácio 72,1% não estavam estudando na época da pesquisa de campo. Apenas 38 jovens, correspondendo a 25,8% do total, estavam frequentando a escola e 2,1% não informaram. É o que mostra a Tabela 17.

Tabela 17 – Jovens da Vila do Vila Bonifácio por situação escolar

ESTUDAM	FREQ.	%
Sim	38	25,8
Não	106	72,1
Sem informação	3	2,1
TOTAL	147	100

Pesquisa de campo (2015)

Entre os 38 jovens que estavam frequentando a escola, a maioria, 62,6% cursavam o ensino médio, cuja maior parte no 3º ano desse nível escolar. O correspondente a 10,6%, tendo concluído o ensino médio dedicava-se a um curso técnico e curso preparatório ao vestibular. Na mesma proporção, 10,6%, a pequena, porém notável, presença de jovens em formação universitária. Dois deles cursando nível superior a distância, em faculdade privada,

enquanto os outros dois no Campus de Bragança, da UFPA. A menor proporção, 8,1% encontravam-se no ensino fundamental e, nessa mesma proporção não informaram a série frequentada. Ver Tabela 18.

Tabela 18 – Jovens da Vila do Bonifácio por série entre os que estudam

SÉRIE	FREQ.	%
3 ^a e 4 ^a série ensino fundamental	1	2,7
7 ^a e 8 ^a séries ensino fundamental	1	2,7
8 ^a série ensino fundamental	1	2,7
Subtotal I - Ensino fundamental	3	8,1
1 ^o ano ensino médio	2	5,2
1 ^o e 2 ^o ano ensino médio	1	2,7
2 ^o ano ensino médio	2	5,2
3 ^o ano ensino médio	12	31,3
Ensino médio	7	18,2
Subtotal II - Ensino médio	24	62,6
Curso superior	4	10,6
Subtotal III - Ensino superior	4	10,6
SENAI	1	2,7
Cursinho vestibular	2	5,2
Curso técnico de Enfermagem	1	2,7
Subtotal IV - Outros	4	10,6
Sem informação	3	8,1
TOTAL	38	100

Pesquisa de campo (2015)

Dentre os 106 jovens que interromperam os estudos, a maior parte, 49,9%, pararam no ensino fundamental, o que corresponde quase à metade dos jovens. A segunda maior proporção, 22,7%, inclui aqueles que concluíram o ensino médio e não ingressaram no ensino superior por múltiplos fatores que serão apresentados na caracterização dos jovens entrevistados na segunda parte deste capítulo. Bem próximos a essa proporção, estão aqueles que interromperam os estudos durante o ensino médio, são 18,9%. Esse quadro reflete que 41,6% dos jovens moradores de Bonifácio alcançaram a escolaridade de ensino médio.

É lícito supor que há um potencial de capital cultural favorável para ser desenvolvido e para promover a participação dos jovens na cogestão da RESEX. De fato, como se verá na caracterização dos jovens a seguir, boa parte dos que interromperam os estudos, fizeram-no por dificuldades de transporte até a sede municipal, necessidade de trabalhar, casamento e/ou maternidade/paternidade, entre outros. Uma pequena parcela 0,9% nunca estudou. Na mesma proporção, 0,9% não lembra a série em que parou de estudar e 6,7% não forneceu esse dado. Ver Tabela 19.

Tabela 19 – Jovens da Vila Bonifácio, por série em que parou de estudar

SÉRIE	FREQ.	%
1ª série ensino fundamental	1	0,9
2ª série ensino fundamental	3	2,8
3ª série ensino fundamental	3	2,8
4ª série ensino fundamental	4	3,8
5ª série ensino fundamental	10	9,4
6ª série ensino fundamental	10	9,4
7ª série ensino fundamental	1	0,9
7ª e 8ª série ensino fundamental (EJA)	2	1,9
8ª série ensino fundamental	10	9,5
Ensino fundamental incompleto	9	8,5
Subtotal I - Ensino fundamental	53	49,9
1º ano ensino médio	6	5,6
2º ano ensino médio	2	1,9
3º ano EM	2	1,9
Ensino médio incompleto	10	9,5
Subtotal II – Ensino médio	20	18,9
Concluiu ensino médio	24	22,7
Nunca estudou	1	0,9
Não lembra	1	0,9
Sem informação	7	6,7
TOTAL	106	100

Pesquisa de campo (2015)

Ainda com dados obtidos nessa contagem dos jovens da Vila do Bonifácio, elaborou-se a correlação dos sobrenomes de cada jovem para identificar possíveis relações de parentesco, considerando a história da vila que teve sua formação por famílias moradoras da Vila dos Pescadores (MANESCHY, 1995), cuja maioria mantinha relações de parentesco. A Tabela 20 apresenta 251 (duzentos e cinquenta e um) sobrenomes em razão da maioria dos jovens ter dois sobrenomes. O sobrenome Silva é o mais frequente, representando 10,7% do total de sobrenomes e 18,4% em relação ao universo de jovens. Compartilhar o mesmo sobrenome não significa necessariamente que haja uma relação de parentesco, em se tratando do sobrenome Silva, essa relação é menos provável considerando o seu uso indiscriminadamente, conforme atesta a informação a seguir:

Um estudo realizado com amostragem de 30.400 pessoas no Brasil, mostra que 9,9% dos brasileiros contemplam “Silva” em seu sobrenome, seguido por 6,1% com sobrenome “Santos”, 5,8% com sobrenome “Oliveira” e 4,9% com sobrenome “Sousa” (ou na grafia arcaica “Souza”).³²

³² Wikipedia. Disponível em: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Silva_\(apelido\)](https://pt.wikipedia.org/wiki/Silva_(apelido)). Acesso em: 3 out. 2015.

Tabela 20 – Sobrenomes de jovens da Vila do Bonifácio

Nº	SOBRENOME	FREQ.	% EM RELAÇÃO AOS SOBRENOMES	% EM RELAÇÃO AOS JOVENS
1.	Silva	27	10,7	18,4
2.	Melo	20	7,9	13,6
3.	Santos	19	7,5	12,9
4.	Assis	16	6,4	10,9
5.	Pinheiro	14	5,5	9,5
6.	Ferreira	12	4,7	8,1
7.	Brito	10	4	6,8
8.	Costa	9	3,6	6,1
9.	Gomes	9	3,6	6,1
10.	Sousa/Souza	9	3,6	6,1
11.	Matos	7	2,7	4,7
12.	Cardoso	6	2,4	4,1
13.	Carmo	6	2,4	4,1
14.	Mescouto	6	2,4	4,1
15.	Reis	6	2,4	4,1
16.	Barbosa	5	2	3,4
17.	Martins	5	2	3,4
18.	Miranda	5	2	3,4
19.	Oliveira	5	2	3,4
20.	Amorim	4	1,6	2,7
21.	Aquino	4	1,6	2,7
22.	Araújo	4	1,6	2,7
23.	Rosário	4	1,6	2,7
24.	Borges	3	1,2	2,0
25.	Lisboa	3	1,2	2,0
26.	Padilha	3	1,2	2,0
27.	Quadros	3	1,2	2,0
28.	Ramos	3	1,2	2,0
29.	Fernandes	2	0,8	1,3
30.	Furtado	2	0,8	1,3
31.	Gonçalves	2	0,8	1,3
32.	Queiroz	2	0,8	1,3
33.	Tavares	2	0,8	1,3
34.	Alves	1	0,4	0,7
35.	Angeline	1	0,4	0,7
36.	Correa	1	0,4	0,7
37.	Dores	1	0,4	0,7
38.	Freitas	1	0,4	0,7
39.	Gama	1	0,4	0,7
40.	Leite	1	0,4	0,7
41.	Lopes	1	0,4	0,7
42.	Mota	1	0,4	0,7
43.	Pereira	1	0,4	0,7
44.	Remédios	1	0,4	0,7
45.	Renau	1	0,4	0,7
46.	Ribeiro	1	0,4	0,7
47.	Siqueira	1	0,4	0,7
	TOTAL	251	100	

Fonte: Pesquisa de campo (2015)

Um dado a destacar é a presença do sobrenome Melo logo após o Silva, com 7,9% de frequência entre os sobrenomes e 13,6% em relação aos jovens. Trata-se do sobrenome da família que, como mostrado no Capítulo 2 deste estudo, fundou a Vila de Ajuruteua, da qual se originou a Vila do Bonifácio. Conclui-se, portanto, que os jovens com sobrenome Melo mantêm laços de parentesco e, ao mesmo tempo, detêm um peso de capital cultural, uma vez que fazem parte da história da vila, história que institui marcas identitárias ao ser incorporada nos monumentos (BOURDIEU, 2007), como ocorre com a denominação da escola local: Domingos de Sousa Melo.

[...] toda a ação histórica põe em presença dois estados da história (ou do social): a história no seu estado objetivado, quer dizer, a história que se acumulou ao longo do tempo nas coisas, máquinas, edifícios, monumentos, livros, teorias, costumes, direito etc., e a história no seu estado incorporado, que se tornou habitus (BOURDIEU, 2007, p. 82. Grifo da autora).

Outros sobrenomes que também tiveram maior frequência foram: Santos, com 7,5%, Assis, com 6,4% e Pinheiro, com 5,5%. Abaixo de 5% existe uma variedade de sobrenomes, conforme mostra a Tabela 20.

De forma sucinta, a partir dos dados desta contagem, os jovens da Vila do Bonifácio eram predominantemente do sexo masculino (53%), com idade entre 18 a 23 anos (61,1%), não estavam frequentando a escola (72,1%) no período da pesquisa, mas, dentre os que estavam estudando, a maioria frequentava o ensino médio (62,8%) e, entre os que interromperam os estudos, o fizeram no ensino fundamental (49,9%). Entretanto, no geral têm uma escolaridade de ensino médio (41,6%) e, têm laços de parentesco na comunidade.

Considerou-se relevante apresentar os dados desta contagem mesmo com um número reduzido de variáveis, em razão do alcance da informação a todos os jovens de 18 a 29 anos moradores na Vila do Bonifácio no período de coleta de dados agregando informações àquelas obtidas na amostra para compreender o *ethos* desse jovem morador de uma Vila que faz parte de uma Reserva Extrativista. As informações detalhadas que compõem a caracterização desse jovem constam no item 3.2.1 deste capítulo.

b) Contagem dos jovens identificados na Vila Que Era

Da mesma forma que na Vila do Bonifácio houve a contagem da população de jovens de 18 a 29 anos, residentes na Vila Que Era, em março de 2015, totalizando 58 jovens.

Em relação à variável sexo, a mesma correlação encontrada na população rural total e de jovens no Brasil e, na Vila do Bonifácio, se apresenta também na população de jovens na Vila Que Era. A maioria é constituída por jovens do sexo masculino, 54%, 1% a mais do que

na Vila do Bonifácio. As jovens representam 46%, conforme se verifica na Tabela 21.

Tabela 21 – Jovens de Vila Que Era, por sexo

SEXO	FREQ.	%
Masculino	31	54
Feminino	27	46
TOTAL	58	100

Fonte: Pesquisa de campo (2015)

No que concerne à idade, os jovens de Vila Que Era têm a mesma configuração da população jovem rural do Brasil, e da Vila do Bonifácio, conforme dados apresentados para esta variável no item 3.1.1, ou seja, não há uma concentração expressiva em uma determinada faixa etária. Há uma variação em torno de 10% para a faixa com maior frequência em relação à faixa com menor frequência, distribuídas em ordem decrescente a partir da primeira faixa, isto é, de 18 a 20 anos, com 32,7%, seguida pela faixa de 21 a 23 anos, com 25,8% e as duas faixas seguintes, de 24 a 26 anos e de 27 a 29 anos, com o mesmo percentual, 20,7%. No entanto, se somar as duas primeiras faixas tem-se 58,5% maior, portanto que as duas últimas faixas. É o que mostra a Tabela 22.

Tabela 22 – Jovens de Vila Que Era por faixa etária

FAIXA ETÁRIA	FREQ.	%
De 18 a 20 anos	19	32,7
De 21 a 23 anos	15	25,8
De 24 a 26 anos	12	20,7
De 27 a 29 anos	12	20,7
TOTAL	58	100

Fonte: Pesquisa de campo (2015)

A situação escolar dos jovens de Vila Que Era segue a mesma tendência da Vila do Bonifácio, com maioria, 67,3%, que não estudava no momento em que a contagem foi realizada. Há, porém, uma variação para menos, em torno de 5% em relação à Vila do Bonifácio. Os jovens que estudavam somam apenas 32,7%, como demonstrado na Tabela 23.

Tabela 23 – Jovens de Vila Que Era por situação escolar

ESTUDAM	FREQ.	%
Sim	19	32,7
Não	39	67,3
TOTAL	58	100

Fonte: Pesquisa de campo (2015)

Entre os que estudavam, a Tabela 24 mostra que a maior parte, 41,9% se encontravam no ensino médio, seguida pela proporção de 36,6% que estavam cursando o ensino

fundamental. No ensino superior encontravam-se 10,5% cursando os primeiros anos da faculdade. Na proporção de 10,5% não foi possível se obter esta informação.

Tabela 24 – Jovens de Vila Que Era por série que estudam

SÉRIE	FREQ.	%
5 ^a série ensino fundamental	2	10,5
5 ^a e 6 ^a séries ensino fundamental	1	5,2
6 ^a série ensino fundamental	2	10,5
7 ^a e 8 ^a séries ensino fundamental	1	5,2
8 ^a série ensino fundamental	1	5,2
Subtotal I - Ensino fundamental	7	36,6
1 ^o ano ensino médio	1	5,2
1 ^o e 2 ^o ano ensino médio	2	10,5
3 ^o ano ensino médio	4	21
Concluiu ensino médio - SENAI	1	5,2
Subtotal II - Ensino médio	8	41,9
1 ^o ano ensino superior	1	5,2
2 ^o ano ensino superior	1	5,2
Subtotal III - Ensino superior	2	10,5
Sem informação	2	10,5
TOTAL	19	100

Fonte: Pesquisa de campo (2015)

Entre os que interromperam os estudos, a maior parte, 48,5%, o fez durante o ensino fundamental, especialmente nas primeiras séries – 1^a a 5^a. A proporção dos que abandonaram os estudos no ensino médio é de 38,3%, dentre os quais se encontravam 23% que concluíram o ensino médio e não acessaram o ensino superior, seja porque consideram que já “concluíram” os estudos, ou por dificuldades de adentrar em uma Universidade, bem como pela necessidade de trabalhar, entre outras que serão apresentadas na caracterização dos jovens entrevistados neste estudo.

Essa consideração, pelos entrevistados, de que haviam “concluído” os estudos, ao terminarem o ensino médio remete à concepção de *habitus* de Bourdieu. Esse conceito compreende os agentes sociais tomando decisões cuja racionalidade própria deve ser entendida na inter-relação entre condições objetivas de vida, ligadas à classe, à história social, e às expectativas subjetivas que eles desenvolvem, enfim, o que se pode chamar de plano de vida. É como se houvesse um ajuste entre possibilidades efetivas e desejos – a distância com que o estudo universitário aparece a eles – o que aponta para os mecanismos sociais sutis pelos quais se reproduz a desigualdade social (BOURDIEU, 2009).

Os demais, 7,7% nunca estudaram, 2,5% abandonaram os estudos durante curso na Escola Agrícola e em 2,5% não foi possível obter essa informação. Ver Tabela 25.

Tabela 25 – Jovens de Vila Que Era por série que parou de estudar

SÉRIE	FREQ	%
1 ^a série ensino fundamental	2	5,1
3 ^a série ensino fundamental	1	2,5
4 ^a série ensino fundamental	4	10,3
5 ^a série ensino fundamental	4	10,3
6 ^a série ensino fundamental	2	5,1
7 ^a série ensino fundamental	1	2,5
7 ^a e 8 ^a ensino fundamental	2	5,1
8 ^a série ensino fundamental	2	5,1
Ensino fundamental incompleto	1	2,5
Subtotal I - Ensino fundamental	19	48,5
1 ^o ano ensino médio	5	12,8
2 ^o ano ensino médio	1	2,5
Concluiu ensino médio	9	23
Subtotal II - Ensino médio	15	38,3
Escola agrícola	1	2,5
Nunca estudou	3	7,7
Sem informação	1	2,5
TOTAL	39	100

Fonte: Pesquisa de campo (2015)

Da mesma forma que na Vila do Bonifácio, procedeu-se à listagem dos sobrenomes dos jovens da Vila Que Era totalizando 112 (cento e doze), o que representa quase o dobro do número de jovens, indicando que a maioria possui dois sobrenomes. A Tabela 26 mostra a frequência dos sobrenomes comuns o que indica laços de parentesco. Com efeito, na segunda etapa de campo, as entrevistas realizadas com os jovens que compuseram a amostra confirmaram haver uma relação de parentesco que envolve quase todas as famílias da vila. É o que explica o jovem: *Esse parentesco, pra falar a verdade, a comunidade na Vila Que Era é formada apenas por familiares, se não forem tio, é primo, se não for primo é sobrinho e assim vai...* (G. A., 20 anos). Outra entrevistada complementa: *É, quase todo mundo é parente aqui, acho que tem duas famílias só que não são nossos parentes* (J. B. A., 18 anos).

Em Vila Que Era também o sobrenome Silva aparece com maior frequência, 25,9% no universo dos sobrenomes e 50% no universo dos jovens, ou seja, a metade dos jovens tem o sobrenome Silva. Como já foi explicado, ter o mesmo sobrenome não significa que haja necessariamente relação de parentesco, especialmente em se tratando de Silva, o mais comum em todo o país. O sobrenome Costa é o segundo mais frequente com 9,8% entre os sobrenomes e 19% entre os jovens. Os sobrenomes Aviz, Ferreira, Rosário e Santos aparecem com a mesma frequência, 6,2% entre os sobrenomes e 12% entre os jovens. Os demais aparecem em torno de 5,3% e seguem em ordem decrescente.

Tabela 26 – Lista de sobrenomes do universo de jovens de Vila Que Era

Nº	SOBRENOME	FREQ.	% EM RELAÇÃO AOS SOBRENOMES	% EM RELAÇÃO AOS JOVENS
1.	Silva	29	25,9	50
2.	Costa	11	9,8	19
3.	Aviz	7	6,2	12
4.	Ferreira	7	6,2	12
5.	Rosário	7	6,2	12
6.	Santos	7	6,2	12
7.	Brito	6	5,3	10
8.	De Jesus	6	5,3	10
9.	Matos	6	5,3	10
10.	Furtado	5	4,5	10
11.	Barbosa	4	3,6	6,9
12.	Souza	3	2,7	5,2
13.	Guimarães	2	1,8	3,4
14.	Miranda	2	1,8	3,4
15.	Teixeira	2	1,8	3,4
16.	Cardoso	1	0,9	1,7
17.	Carmo	1	0,9	1,7
18.	Chermont	1	0,9	1,7
19.	Correa	1	0,9	1,7
20.	Formento	1	0,9	1,7
21.	Maciel	1	0,9	1,7
22.	Paixão	1	0,9	1,7
23.	Ribeiro	1	0,9	1,7
	TOTAL	112	100	

Fonte: Pesquisa de campo (2015)

A partir dos dados desta contagem, mesmo com número reduzido de variáveis, identificou-se na Vila Que Era a predominância de jovens do sexo masculino (54%), com idade entre 18 a 23 anos (58,5%), não frequentando a escola (67,3%) no período da coleta de dados, porém, aqueles que frequentavam encontravam-se no ensino médio (41,9%) e, os que interromperam os estudos o fizeram no ensino fundamental (48,5%), contudo, no geral tinham uma escolaridade de ensino médio e superior (52,4%) e, tinham vínculo de parentesco na comunidade.

A contagem dos jovens das duas vilas mostram similitudes, com a ressalva de que corresponde a apenas 8 (oito) variáveis. As particularidades serão apresentadas com as informações coletadas nas entrevistas realizadas com a amostra desses dois universos, no item a seguir.

3.2 Caracterização dos jovens da Vila do Bonifácio e da Vila Que Era

Este item apresenta a caracterização detalhada de 57 (cinquenta e sete) jovens da Vila do Bonifácio e 23 (vinte e três) de Vila Que Era selecionados para compor a amostra desta pesquisa, conforme critérios apresentados na metodologia, totalizando 80 (oitenta) jovens, por meio do instrumental 2 (Apêndice 2). Esta caracterização abrange 38 (trinta e oito) variáveis

sobre os jovens da Vila do Bonifácio e 35 (trinta e cinco) sobre os jovens da Vila Que Era.

a) Caracterização dos jovens da Vila do Bonifácio

Jovens da Vila de Bonifácio por sexo

Como demonstrado nos dados da contagem do universo de jovens na Vila do Bonifácio³³, a proporção de homens é maior que a de mulheres embora, na composição da amostra, a variável sexo tenha sido intencionalmente proporcional. Na semana da coleta de dados muitos jovens do sexo masculino encontravam-se pescando em localidades distantes da vila ou em alto mar. Optou-se pela substituição procurando-se manter, na medida do possível, a proporção aproximada para ambos os sexos, com uma diferença de 1,8% maior para as jovens. O dado privilegiado, portanto, é o de que nesta pesquisa se confirma a predominância de jovens do sexo masculino no meio rural, conforme já foi apresentado neste Capítulo, item 3.1.1, corroborando uma tendência mais geral de presença de homens no campo, superior ao número de mulheres, cujas razões também já foram expostas no item citado. A Tabela 27 apresenta os dados referenciados.

Tabela 27 – Jovens da Vila do Bonifácio, por sexo

SEXO	FREQ.	%
Feminino	29	50,9
Masculino	28	49,1
TOTAL	57	100

Fonte: Pesquisa de campo (2015)

Jovens da Vila de Bonifácio por idade

A idade dos jovens entrevistados na amostra deste estudo também foi intencionalmente proporcional ao universo dos jovens da Vila. Houve pequena variação nessa proporção em relação ao universo, contudo, assegurou-se a mesma tendência, ou seja, maior frequência nas duas primeiras faixas de 18 a 20 anos e de 21 a 23 anos (Tabela 28).

Tabela 28 – Jovens da Vila de Bonifácio por faixa etária

FAIXA ETÁRIA	FREQ.	%
De 18 a 20 anos	19	33,4
De 21 a 23 anos	13	22,8
De 24 a 26 anos	13	22,8
De 27 a 29 anos	12	21,0
TOTAL	57	100

Fonte: Pesquisa de campo (2015)

³³ Conforme item 3.1.1 deste capítulo.

Jovens da Vila de Bonifácio por situação de escolaridade

A escolaridade do jovem rural no Brasil ainda é marcada por uma presença não desprezível de não alfabetizados. Segundo dados do IBGE (2010), existiam 9,1% de jovens entre 18 a 29 anos no meio rural não alfabetizados, o que reflete o difícil acesso à escola. De fato, a parcela que frequenta a escola é de 18,7% e a que não frequenta é de 81,3%.

Na Vila do Bonifácio os jovens que frequentam a escola somam 31,6%, ou seja, quase o dobro dos jovens do Brasil rural em 2010. E os que não frequentam são 68,4%, proporção abaixo da dos jovens do Brasil rural, indicando um nível de frequência escolar maior na Vila. Correlacionando com os dados da contagem, na qual 72,1%, dos jovens não estudam, essa proporção diminui em 3,7% entre os jovens selecionados nesta amostra (Tabela 29).

Tabela 29 – Jovens da Vila de Bonifácio e do Brasil rural por situação de escolaridade

ESTUDA	VILA DO BONIFÁCIO		BRASIL	
	FREQ.	%	FREQ.	%
Sim	18	31,6	1.113.425	18,7
Não	39	68,4	4.844.270	81,3
TOTAL	57	100	5.957.695	100

Fontes: Pesquisa de campo (2015) e IBGE (2010)

Jovens da Vila de Bonifácio por série que estudam

Os jovens de 18 a 29 anos da área rural do Brasil, segundo dados do IBGE (2010), que frequentam a escola somam 1.113.425 alunos, representando 18,7% do total da população rural nessa faixa etária, distribuídos em 34% no ensino fundamental, incluindo 6,4% no Educação de Jovens e Adultos (EJA), 45,8% no ensino médio, também incluindo os alunos do EJA com 9,5%. No ensino superior são 14,6% e na pós-graduação somam 1,29% distribuídos em 1,1% em especialização, 0,15% em mestrado e 0,04% em doutorado. Na alfabetização de jovens e adultos são 4,4%.

Na Vila do Bonifácio, dentre a minoria que estuda, mais da metade, 55,5% encontra-se no ensino médio, 22,2% concluíram o ensino médio e realizam cursos para vestibular e curso técnico, 11,1% frequentam curso de nível superior e, apenas 11,1% encontram-se no ensino fundamental, especificamente nas duas últimas séries.

Conclui-se que há, entre os que continuavam os estudos, concentração nos níveis de ensino médio e superior, somando 88,8%, indicando que a escolarização dos jovens de Vila do Bonifácio está acima da dos jovens da área rural do Brasil, dados de 2010, que é de 60,4% para esses dois níveis. A proporção dos jovens da Vila do Bonifácio no ensino fundamental é menor, 11,1% em relação à dos jovens do Brasil na área rural, 34% indicando também um

patamar maior de escolarização nessa correlação. A Tabela 30 mostra a série e o nível de escolaridade dos jovens da Vila de Bonifácio.

Tabela 30 – Jovens da Vila de Bonifácio por Série que estudam

ESTUDA	FREQ.	%
7 ^a e 8 ^a série do ensino fundamental	1	5,5
8 ^a série do ensino fundamental	1	5,5
Subtotal I - Ensino fundamental	2	11,1
1 ^o ano do ensino médio	1	5,5
1 ^o e 2 ^o ano do ensino médio	2	11,1
2 ^o ano do ensino médio	1	5,5
3 ^o ano do ensino médio	5	27,9
Ensino médio	1	5,5
Subtotal II - Ensino médio	10	55,5
Curso pré-vestibular	2	11,1
Curso de Enfermagem	2	11,1
Subtotal III - Outros	4	22,2
1 ^o ano ensino superior- Pedagogia	2	11,1
Subtotal IV - Ensino superior	2	11,1
Total	18	100

Fonte: Pesquisa de campo (2015)

Jovens da Vila de Bonifácio por distorção idade \times série

Considerando que todos os entrevistados são pessoas acima de 18 anos e que, nessa idade, já deveriam ter concluído o ensino médio³⁴, a distorção série \times idade, entre os jovens da Vila do Bonifácio é, em média, de 5,8 anos. A maior distorção idade \times série é de 12 anos. Trata-se de uma jovem de 29 anos que interrompeu seus estudos aos 14 anos quando cursava a 5^a série. Deixou os estudos porque engravidou aos 14 anos. Passou 12 anos sem estudar, retomou os estudos aos 26 anos e cursa atualmente o 3^o ano do ensino médio. Ela mesma explica [...] *eu engravidei cedo com 14 anos, aí pronto eu num tive mais, só cuidar de filho, de marido. O meu filho tá com 16 anos, e a minha filha tá com 12 anos* (M. L., 29 anos).

A menor distorção é de 1 ano. É uma jovem de 18 anos e está cursando o 3^o ano do ensino médio. Fez o Ensino Fundamental e o Médio na escola da Vila – Domingos de Souza Melo. Não teve nenhuma repetência e considera sua escola ótima. Segundo ela, seu êxito escolar está relacionado por morar próximo à escola e não depender da inconstância e dos custos de transporte para a sede do município. Ela assim se expressa: *Aqui num tem muito recurso, mas é melhor do que sair pra estudar em Bragança. É longe, às vezes num tem*

³⁴ Conforme http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/passos_a_passo_versao_atual_16_setembro.pdf

dinheiro pra levar, às vezes falta, num tem ônibus. Aqui tem o ensino médio, mas nem todas as pessoas querem estudar aqui, querem ir pra Bragança (C. S. F., 18 anos).

A maior frequência ocorre para 2 e 3 anos de distorção, com 22,2% cada. Seguido por 10 anos de distorção com 16,6%. Com 11,1%, figura 8 anos de distorção e, na proporção de 5,6%, igualmente, estão: 12, 11, 9, 6 e 1 ano de distorção. Ver Tabela 31.

Tabela 31 – Distorção idade x série entre os jovens da Vila do Bonifácio

DISTORÇÃO	FREQ.	%
2 anos	4	22,2
3 anos	4	22,2
10 anos	3	16,5
8 anos	2	11,1
12 anos	1	5,6
11 anos	1	5,6
9 anos	1	5,6
6 anos	1	5,6
1 ano	1	5,6
TOTAL	18	100

Fonte: Pesquisa de campo (2015)

Agregando esses dados por faixa de frequência, a metade encontra-se entre 1 a 4 anos de distorção série x idade. Em segundo lugar vem os maiores anos de distorção – faixa de 9 a 12 anos e representa 33,3% do total. A menor frequência é para a faixa de 5 a 8 anos de distorção, com 16,7%, conforme mostra a Tabela 32.

Tabela 32 – Distorção idade x série entre os jovens da Vila do Bonifácio por faixa de frequência

DISTORÇÃO	FREQ.	%
De 1 a 4 anos	9	50,0
De 9 a 12anos	6	33,3
De 5 a 8 anos	3	16,7
TOTAL	18	100

Fonte: Pesquisa de campo (2015)

Os jovens que apresentam menor distorção idade x série – de 1 a 4 anos –, e representam 50%, têm em comum as seguintes características: - são de ambos os sexos 55% do masculino e 45% do feminino;- são os mais jovem do grupo pesquisado – 18 a 21 anos; - estão no ensino médio, em curso preparatório para o vestibular e na universidade; - 55% têm registro de repetência escolar; - não têm emprego, ajudam os pais na pesca, fazem serviço de garçom/garçonete nas pousadas da praia de Ajuruteua durante as férias; - são solteiros, apenas uma jovem é casada sem filhos e, uma jovem não é casada e tem 3 filhos; - desejam continuar os estudos fazendo faculdade de Direito, Engenharia, Educação Física, Biologia, Medicina, Pedagogia, e Enfermagem. Uma jovem, além de pretender cursar Psicologia, Biologia ou

Pedagogia, deseja também fazer mestrado, seguir a carreira acadêmica e ter seu consultório de Psicologia. Em síntese, são os mais jovens da faixa etária pesquisada, ainda não arcam com os custos de uma família, são solteiros, não trabalham e têm projetos de chegar a uma faculdade.

O grupo com maior distorção idade x série escolar – de 9 a 12 anos –, e somam 33,4% têm em comum: - a maior parte é do sexo feminino; - estão na faixa etária de 24 a 29 anos, portanto, é a parcela mais velha do grupo pesquisado; - a maioria está no ensino médio, uma jovem ainda está no ensino fundamental e outro concluiu o ensino médio e está cursando Enfermagem; - a maior parte tem histórico de repetição de série e, para as mulheres desse grupo, a interrupção dos estudos ocorreu em virtude de, ainda meninas, ficarem grávidas e/ou formarem nova família. Outras ingressaram precocemente no trabalho na pesca e no trabalho doméstico, conforme explica uma delas: [...] *quando eu tinha 9 anos, minha mãe adoeceu. Eu já pescava com 9 anos e a minha irmã mais velha tinha 13, 14 anos. Nós duas ia pescar com o meu pai pra adquirir o pão de cada dia, ou seja, o camarão que dava na rede, os peixes pequenos que eram vendidos* (V. C. A., 27 anos). Para os homens desse grupo houve interrupção dos estudos e repetências de séries escolares. Para um deles (L. F. L., 28 anos), o envolvimento com o trabalho na pesca e a falta de condições financeiras para custear os estudos em Bragança contribuíram para o distanciamento dos estudos. O acesso aos estudos se limitou à oferta de ensino de nível médio na escola local – Domingos de Souza Melo. Além disso, a responsabilidade do casamento e da criação dos filhos podem ter contribuído para a frequência irregular à escola, uma vez que além da pesca, ele trabalha em serviços de pintura, reparos de imóveis e similares. O outro jovem é solteiro, sem filhos e mora com os pais. Saiu um período da Vila de Bonifácio para morar no Rio de Janeiro e trabalhar como atendente. Retornou para a vila e está cursando Enfermagem, em Bragança.

A faixa intermediária – de 5 a 8 anos, que corresponde a 16,7%, é formada por jovens do sexo feminino, com idade entre 20 a 26 anos, portanto a faixa etária também intermediária dos entrevistados. Essas jovens estão cursando o ensino fundamental, o médio e o superior. Todas têm histórico de repetência escolar e interromperam os estudos porque engravidaram e, nessa circunstância, tornou-se difícil conjugar a maternidade, os afazeres domésticos com a frequência à escola, conforme explica uma delas: *Ele [marido] pesca e eu fico em casa, queria trabalhar também pra dar um futuro melhor pros nossos filhos. Queria fazer um curso pra mim poder ser assim [pausa], trabalhar ao menos em casa de família, estudar* (M. A. M., 20 anos). Seu cônjuge trabalha na pesca e passa longo período pescando concentrando nela todas as responsabilidades da casa. O cônjuge da segunda jovem trabalha com carpintaria na própria vila e a terceira jovem é solteira, tem três filhos e mora com a mãe.

Em síntese, não é possível afirmar que um único fator tenha determinação sobre a frequência irregular dos jovens à escola. Há, conforme mostram os dados, uma confluência de fatores mais comuns como: a inserção precoce no trabalho, a formação de família em idade escolar incluindo a gravidez. E, por fim, as condições sociais precárias do município em oferecer aos jovens ensino de qualidade e de nível médio na escola local compatível com a demanda da Vila, ou oferecer transporte para a frequência às escolas na sede do município – Bragança. Como mostrado, há também as modalidades de estudo a distância.

Levando em conta que se tratam de pequenas vilas em um contexto rural, no qual coexistem inúmeras dificuldades para a frequência à escola, pode-se considerar, de um lado, que os jovens das duas comunidades pesquisadas que estão frequentando a escola, buscaram reverter essas dificuldades e chegar até o ensino médio e o superior, mesmo com uma média de 5,5 anos de distorção escolar. Isso significa que o nível escolar dos jovens pesquisados está aquém do que estabelece a Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB)³⁵. Por outro lado, em contextos mais favoráveis à frequência regular à escola, como na área urbana, jovens na mesma faixa de idade já se encontram em faculdades e na pós-graduação. Conforme dados do IBGE (2010), 48,2% dos jovens da área urbana que estudam encontram-se no nível superior de ensino em contraposição aos 14,6% da área rural.

Jovens da Vila de Bonifácio por série em que pararam de estudar

Essa distorção série x idade se reflete também entre os jovens que interromperam os estudos, na proporção de 68,4%, portanto, superior à dos que estão estudando. Dentre essa proporção, 41,1% concluíram o ensino médio e, sem perspectivas de ingressar em uma universidade, consideram ter “terminado” os estudos. Ou seja, é o limite dentro do real possível da posição hierarquizada em que ocupam dentro desse campo social, conforme discutido no item 3.1. O correspondente a 7,6% parou os estudos sem concluir o ensino médio. Assim, somam-se 48,7% aqueles que interromperam os estudos no ensino médio. A outra parte, 51,3% deixou de estudar ainda no ensino fundamental, majoritariamente nas últimas séries – 5^a a 8^a, correspondendo a 48,8%. Apenas 2,5% pararam na 1^a série do ensino fundamental. Conclui-se que todos os entrevistados são pessoas alfabetizadas e já frequentaram a escola. A Tabela 33 apresenta os dados relativos aos jovens que pararam de estudar.

³⁵ Lei nº 11.274, de 6 de fevereiro de 2006. Disponível em: <http://www.escolaparalelo.com/idadexserie.html>

Tabela 33 – Jovens da Vila de Bonifácio por série em que pararam de estudar

SÉRIE EM QUE PAROU DE ESTUDAR	FREQ.	%	%	%
1 ^a série do ensino fundamental	1	2,5		2,5
4 ^a série do ensino fundamental	1	2,5		48,8
5 ^a série do ensino fundamental	8	20,6		
6 ^a série do ensino fundamental	5	12,9		
7 ^a série do ensino fundamental	1	2,5		
8 ^a série do ensino fundamental	4	10,3		
Subtotal I - Ensino fundamental	20	51,3		51,3
1 ^o ano do ensino médio	2	5,1		7,6
Ensino médio incompleto	1	2,5		
Concluiu o ensino médio	16	41,1		41,1
Subtotal II - Ensino médio	19	48,7		48,7
Subtotal	39	100	68,4	100
Não se aplica	18		31,60	
TOTAL	57		100	

Fonte: Pesquisa de campo (2015)

Jovens da Vila de Bonifácio por distorção entre os que não frequentam a escola

Entre os jovens que não estão frequentando a escola, a média de anos de distorção série x idade é de 9,5. Essa média é 3,7 anos mais elevada do que a dos jovens que estudam. A maior distorção é de 18 anos. É um jovem de 29 anos que interrompeu os estudos na 5^a série do ensino fundamental na escola da vila – Domingos de Souza Melo. Desde menino pescava com o pai e o avô e seu envolvimento na pesca contribuiu para inúmeras repetições de série, tornando o avanço nos estudos mais difícil e precisou fazer uma escolha, segundo explica: *Repetia por causa que eu faltava muito, deixava de estudar pra pescar. Eu gostava mais de pescar de que estudar, num me interessava muito. A vovó disse assim: – Tu escolhe ou a pesca ou o estudo! Aí eu escolhi a pesca e até hoje meu trabalho é esse – a pesca* (C. C. M., 29 anos). Ainda, segundo suas palavras, ele sabe ler e escrever o suficiente para viver no mundo da pesca. Não tem expectativa de ter outra atividade, se considera um pescador e domina todos os conhecimentos que são exigidos para esse campo de trabalho. É casado, tem três filhos e mora nos fundos da casa dos pais, dos quais depende em energia elétrica, água, e apoio familiar. Sua esposa não trabalha fora, teve uma experiência no trabalho doméstico em Belém, mas voltou para Vila do Bonifácio e hoje cuida da casa e dos filhos. Ela também interrompeu os estudos na 8^a série do ensino fundamental por causa do trabalho.

A menor distorção é de 2 anos e corresponde a 10,3% dos jovens desse grupo. São majoritariamente do sexo feminino, têm 19 anos de idade, concluíram o ensino médio e, sem perspectivas concretas de entrar em uma faculdade, buscam realizar um curso técnico, um curso de operador de caixa de supermercado ou similar. A fala da jovem de 19 anos mostra a

vontade de cursar uma faculdade, mas busca um trabalho para garantir esse objetivo conforme ela explica: *Quero estar num lugar assim diferente, trabalhando, um trabalho bom [...] Eu num sei, num faço ideia, porque o que eu queria mesmo é fazer faculdade. Quero poder ir mais fundo e conseguir ir em busca de coisas melhores* [Faculdade de Biologia] (A. P. A. S., 19 anos). Outra jovem, desse grupo afirma: *Ah, eu quero trabalhar, quero sair daqui, que aqui num tem trabalho. Eu num sei, eu nunca parei pra pensar no que eu quero trabalhar* (A. C. R. P., 19 anos).

E, para a jovem R. F. B., também com 19 anos, a expectativa, embora difícil, é de estudar desde que encontre um trabalho, ela diz: *Penso trabalhar primeiro pra me estabilizar e, assim que der, voltar a estudar também [...] É pra fora, porque aqui a gente num tem o que fazer, como todo mundo diz: – Aqui é um local pra passeio, pra trabalhar tem que procurar fora daqui.* Como mostram os dados, da mesma forma que no grupo dos jovens que estudam, também entre os que não estudam são os mais jovens entre os entrevistados que têm menor distorção.

Em uma sequência de 1 a 18 anos de distorção série x idade, a maior frequência encontra-se entre 6 e 9 anos de distorção, correspondendo a 12,8%, igualmente. Em seguida, com 10,3%, igualmente, estão 2, 11 e 12 anos de distorção. Correspondendo a 7,7% estão os que têm 14 anos de distorção. Com 5,1%, igualmente, estão os que têm 5, 8, 10, 13, 15 e 16 anos de distorção e, com 2,6% aparecem 3 e 18 anos de distorção. Ver Tabela 34.

Tabela 34 – Anos de distorção série x idade entre os jovens da Vila do Bonifácio que pararam de estudar

DISTORÇÃO	FREQ	%
6 anos	5	12,8
9 anos	5	12,8
2 anos	4	10,3
11 anos	4	10,3
12 anos	4	10,3
14 anos	3	7,7
5 anos	2	5,1
8 anos	2	5,1
10 anos	2	5,1
13 anos	2	5,1
15 anos	2	5,1
16 anos	2	5,1
3 anos	1	2,6
18 anos	1	2,6
TOTAL	39	100

Fonte: Pesquisa de campo (2015)

Agregando esses dados por faixa de 4 anos de intervalo, a maior proporção encontra-se entre 9 a 12 anos de distorção correspondendo a 38,4%. Em segundo lugar, aparecem as faixas de 5 a 8 anos e, de 13 a de 16 anos, com 23,1% cada. Em terceiro lugar, vem a faixa com os menores anos de distorção – de 1 a 4 anos, com 12,8% e, a faixa com o maior ano de distorção – de 17 a 18 anos – é o menor percentual, 2,6%, conforme mostra a Tabela 35.

Tabela 35 – Distorção idade x série por agregação intervalo de 4 anos de frequência entre os que pararam os estudos

DISTORÇÃO	FREQ.	%
9 a 12 anos	15	38,4
5a 8 anos	9	23,1
13 a 16 anos	9	23,1
1a 4 anos	5	12,8
17 a 18 anos	1	2,6
TOTAL	39	100

Fonte: Pesquisa de campo (2015)

Razões para interromper os estudos

Esses altos níveis nos anos de distorção refletem as dificuldades dos jovens em prosseguir os estudos em uma comunidade na área rural do município, a Vila do Bonifácio. Para eles, parar de frequentar a escola não parece ser uma decisão de âmbito pessoal, mas de circunstâncias relacionadas a fatores externos, na ordem do social. A Tabela 36 mostra que a parcela mais significativa, 38,6% refere-se aos jovens que pararam de estudar porque concluíram o ensino médio e, não puderam ingressar em uma faculdade. Isso representa um “gargalo” na conclusão do ensino médio, na medida em que os jovens enfrentam maiores dificuldades para preparação ao ingresso em uma universidade. O relato do jovem a seguir ilustra essa situação: *Terminei o ensino médio e num quis continuar porque num dá pra pagar ainda um curso, num tô conseguindo trabalho* (F. O. T., 21 anos). Frequentar um curso preparatório para o exame de acesso à universidade requer recursos financeiros para custear transporte, material escolar, alimentação e a mensalidade do curso. Sem apoio, o jovem busca um trabalho que permita cobrir esses custos e, não encontrando, retorna à atividade da pesca que, sozinha, não supre essa necessidade.

Outra saída encontrada pelos jovens que concluem o ensino médio é a busca por um curso técnico, conforme explica o jovem a seguir:

Depois que eu fiz o ensino médio, eu fiz o PROJOVEM que foi o Curso de Construções e Reparos, construção Civil, aonde ali aprendi a parte de construção, parte e moldagem de gesso, eletricidade, forro PVC. Depois desse curso eu passei a trabalhar com a eletricidade, foi que eu me interessei mesmo porque eu tava pescando, mas a pescaria num dava pra

mim sobreviver, tava muito difícil, eu adoeci e parei de pescar (G. M. B., 28 anos).

Da mesma forma ocorreu com o jovem P. N. A. A., de 23 anos, que concluiu o ensino médio e fez dois cursos técnicos pelo PRONATEC, um de processamento de pescado, e outro de informática na Nacional Informática, ambos em Bragança, contudo encontra-se sem trabalho e sem condições de custear seus estudos. Duas jovens relataram que concluíram o ensino médio e interromperam os estudos porque engravidaram o que tornou ainda mais difícil sair da vila para frequentar uma universidade e obter os recursos para custear os estudos.

A necessidade de trabalhar foi o segundo motivo mais frequente apontado pelos jovens para interromper os estudos, correspondendo a 28,2%. O trabalho concorre diretamente com a frequência à escola, porém em uma comunidade pesqueira a inserção ocorre ainda na infância, e os estudos são uma opção secundária diante da necessidade premente de sobreviver, conforme mostra o depoimento a seguir:

Na época, eu como sendo o irmão mais velho da família, antes de ter mulher, eu achava muita dificuldade meu pai trabalhar sozinho pra sustentar o resto do pessoal. Somos 7 irmãos, quando vi a dificuldade que tinha pra criar a gente eu passei a trabalhar com ele e achei uma melhoria, então as vezes eu ia pescar. Passei 2 anos pescando. As vezes eu vinha, ia pro colégio, e ia ajudar ele [pai] aí chegou um tempo assim eu num dei mais conta de trabalhar e estudar ao mesmo tempo, porque quando eu chegava da pesca ou do mangal eu estava muito cansado pra fazer trabalho de escola. Foi o motivo d'eu parar de estudar, parei pra ajudar o papai (G. M., 27 anos).

Essa necessidade está também relacionada ao fato de não haver a oferta do ensino na comunidade, o que exige o deslocamento para a sede do município e/ou outros centros urbanos que oferecem opções de estudo. A necessidade de trabalhar para custear os estudos se torna imprescindível. A jovem a seguir mostra em sua fala essa dificuldade:

Quando passei o 1º ano do Ensino Médio pra Bragança eu já achei meio difícil. Assim, eu queria era trabalhar. Eu estudava e não tinha dinheiro pra ir lá pra Bragança à custas dos meus pais. Tinha dia que num tinha dinheiro pro transporte aí eu disse: - 'Mãe, quer saber, eu acho que vou parar de estudar pra mim trabalhar'. Aí eu parei, agora tô trabalhando de pesca (E. F. R., 21 anos).

A constituição de família, a chegada dos filhos aumenta a necessidade de dar ênfase ao trabalho em detrimento dos estudos. Assim ocorreu com o jovem cujo relato se apresenta a seguir: *Parei [de estudar] pra trabalhar na pesca. Arrumei família, aí o estudo num dava pra manter a família. Aí eu parei com o estudo, agora eu trabalho na pesca e vou levando a vida como Deus quer, o ramo da pesca é esse (T. A. M., 26 anos).*

A reprodução da atividade da pesca fica clara na experiência do jovem W. P. S. que ao trabalhar com o pai no carregamento do pescado no porto tomou o seu lugar na medida em que seu pai não reunia mais as condições físicas para lidar com essa atividade. Assim, o filho substituiu o pai na mesma atividade para garantir o sustento da família. A seguir sua fala: *Eu parei mesmo por causa do papai. A gente trabalhava no porto - as canoas chegam e a gente carrega o peixe pra gelar. O papai num tinha mais condições de carregar o peixe e ele teve que deixar o serviço e eu fiquei no lugar dele. Por isso que eu parei de estudar* (W. P. S., 23 anos).

Outras razões, apontadas por 17,9%, é uma categoria mais particularmente relacionada com as jovens do sexo feminino, pois se referem à maternidade e à constituição da sua própria família. A mulher ainda é mais afetada que o homem em relação à chegada dos filhos, conforme mostram os dados desta pesquisa. Apenas um homem disse que a gravidez da mulher o fez parar os estudos: *É, foi família. Eu estava namorando e a namorada ficou grávida, aí a opção foi de ter. A gente é pobre, teve que deixar os estudos e decidimos ficar junto mesmo novos ainda e decidir criar a minha filha. É essa a razão da gente ter deixado os estudos e trabalhar* (C. G. A. B., 26 anos).

Para a jovem T. R., a gravidez ocorreu precocemente – com 14 anos, e, ainda menina, teve muitos problemas, o pai da criança não assumiu e ela contou com a ajuda dos pais que registraram a criança em seus nomes. Essa experiência foi dolorosa para ela, conforme seu próprio relato: *[...] porque eu engravidei, aí eu tive que parar [os estudos] porque eu num me sentia muito bem. Eu sentia muito enjoo e, ao mesmo tempo, eu desmaiava. Meus pais me tiraram do colégio porque num dava pra estudar, era muito cansativo* (T. R., 20 anos).

As dificuldades de transporte foi o motivo para 10,2% dos jovens que estudam na sede do município interromper seus estudos, pois a Vila está distante 30 km de Bragança, portanto, os jovens dependem da condução escolar, segundo eles, bastante instável, ou do transporte privado que, além de precário, exige o custo da passagem. A frequência à escola fora da Vila torna-se um entrave para o prosseguimento dos estudos, conforme mostram os relatos a seguir:

Parei de estudar devido o transporte daqui. Na época que eu estudava era muito ruim. As vez vinha, as vez num vinha, aí pra gente pagar passagem num dava porque meu pai num tinha condições de tá todo dia dando R\$ 5,00, R\$ 4,00, aí eu parei de estudar (I. Q. C., 21 anos).

Foi devido ao transporte que era pago e, às vezes, era a minha mãe que pagava, dava o dinheiro pra mim ir. Às vezes ela não tinha e ficava ruim d'eu ir também. Às vezes num tinha ônibus dos estudantes, ou seja, ônibus

escolar, tinha que pagar R\$ 4,00 e ficava difícil pra gente ir. Eu desisti depois de 1 ano (C. W. C. M., 22 anos).

Parei porque faltei muita aula. O ônibus não vinha, tinha que ter dinheiro pra ir pra Bragança, num tinha, é difícil (E. F. R., 18 anos).

O referente a 5,1% não informaram os motivos porque interromperam os estudos.

Tabela 36 – Motivo porque jovens da Vila do Bonifácio não estudam

MOTIVO	FREQ.	%
Concluiu o ensino médio	15	38,6
Necessidade de trabalhar	11	28,2
Gravidez, constituição de família	7	17,9
Dificuldade de transporte	4	10,2
Sem informação	2	5,1
TOTAL	39	100

Fonte: Pesquisa de campo (2015)

Escolas frequentadas pelos jovens de Vila do Bonifácio

Para melhor compreensão da situação escolar dos jovens, identificou-se o conjunto de instituições de ensino frequentadas por eles tanto daqueles que estão estudando quanto dos que interromperam os estudos.

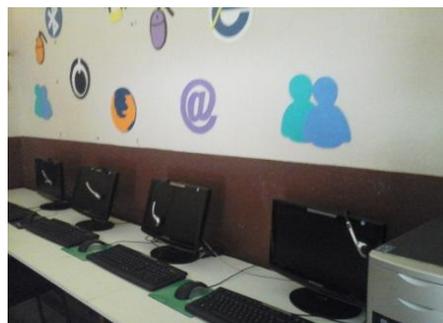
Apenas uma escola localiza-se na vila, é a Escola Municipal de Ensino Fundamental Domingos de Souza Melo (Figura 38), frequentada por apenas 7,1% dos jovens. Essa escola oferece educação infantil e ensino fundamental e, em regime especial, o ensino médio. Segundo o Censo Escolar (2014)³⁶, a infraestrutura da escola não possui água potável, a energia é da rede pública, as instalações sanitárias são fossa e o lixo é destinado à coleta periódica. Quanto as dependências, a escola possui 9 salas de aulas, 40 funcionários, sala da diretoria, sala da secretaria, laboratório de informática, alimentação escolar para os alunos, cozinha, despensa, almoxarifado e pátio coberto. Quanto aos equipamentos possui: 1 computador administrativo, 7 computadores para alunos, 2 televisores, 1 copiadora, 1 equipamento de som, 1 impressora, 1 equipamento de multimídia, aparelho de TV com DVD, projetor multimídia (*datashow*) (Figura 39).

A logomarca da escola (Figura 40) faz alusão ao meio ambiente com destaque para a flora e fauna, representadas pelas garças e guarás, atrativos turísticos da vila.

³⁶ Censo Escolar 2014 - INEP <http://portal.inep.gov.br/basica-censo>

Figura 38 – Vista frontal da escola

Fonte: Pesquisa de campo (2016)

Figura 39 – Laboratório de informática

Fonte: Pesquisa de campo (2016)

Figura 40 – Logomarca da escola

Fonte: Pesquisa de campo (2016)

Para o jovem entrevistado houve considerável melhoria na escola:

No tempo que eu estudava tava um pouco mais difícil o ensino aqui na Vila, o colégio era pequeno, os professores vinham numa vanzinha, dormiam nas casas dos conhecidos daqui. Hoje já tá mais fácil, aumentaram o colégio, tem vários professores e tão mais preparados. Tá melhor o ensino, tem internet para os alunos e facilidade. Melhorou muito, até os horários de ensino, tem o da noite que nesse tempo não existia (C. G. A. B., 26 anos).

Com efeito, houve reforma e ampliação da Escola em 2010, conforme mostra a imagem da placa (Figura 41).

Figura 41 – Placa de reforma e ampliação da escola

Fonte: Pesquisa de campo (2016)

Destacam também a importância de ter uma escola onde moram e com isso dispensar o transporte para chegar à escola. Com essa proximidade geográfica com a escola também, segundo eles, é mais fácil conciliar os estudos com o trabalho e com as responsabilidades familiares, é o que afirma o jovem:

[...] Pra pessoas como eu que trabalho ficaria fácil tentar voltar aos estudo porque num me falta vontade, mas eu tenho que conciliar meu trabalho também porque a gente ter um filho, uma família tem que sustentar a família em primeiro lugar, mas se desse pra encaixar as aulas com o trabalho, principalmente à noite eu faria, como tá tendo ainda aí (C. S. F., 18 anos).

Além disso, essa proximidade se exprime no campo das relações sociais, com possibilidade dos professores manterem uma relação mais estreita com os alunos, permitindo fluir a sociabilidade não somente em termos de acompanhamento, como também de apoio nas necessidades, conforme se exprime o jovem:

Achava boa, era perto, num precisava pegar carro, os professores vinham em casa, quando adoecia [...] achava bom porque ali a gente aprende a ler e escrever, a gente aprende respeitar os outros, a gente aprende muitas coisas na escola (M. S. R., 20 anos).

Mesmo reconhecendo todas essas melhorias, a maior parte dos jovens, 80,6% opta por frequentar escolas na sede do município – Bragança. Dentre elas, destaca-se a Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Prof. Bolívar Bordallo da Silva, congregando 28,2% dos alunos da Vila do Bonifácio estudantes em Bragança. Para esses alunos a escola é: [...] *boa, tem biblioteca, os professores são bons. Estou satisfeito com a escola (D. M. Q., 18 anos); A escola tem um bom ensino, é bacana, gostei de estudar lá, estudei 3 anos lá (N. M. B., 23 anos).*

Em segundo lugar os alunos frequentam a Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Profa. Yolanda Chaves, com 21,2% na preferência dos alunos que a avaliam como uma escola com um bom ensino, e com um corpo docente que corresponde à expectativa dos alunos conforme eles explicam: *A escola que eu estudei era boa. A direção do colégio era muito boa, os professores eram muito bons. A classe que eu estudava era muito boa, eu considerava a melhor classe do colégio, nós era muito unido na nossa classe e, quando terminei fiquei com saudade [risos] (G. M. B., 28 anos); Outra jovem se expressa: É legal lá, eu gostei. Tem os professores que explicam bem, melhor de que outros colégios que os professores são ruins, são duros e lá não, eles explicam direitinho, tem professor que só escreve e o aluno tem que se virar pra aprender, lá não eles explicam direitinho (M. L., 29 anos).*

Em terceiro lugar encontra-se a Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Padre Luiz Gonzaga que recebe 7,1% dos jovens entrevistados. É uma escola bem avaliada pelos alunos que a consideram a infraestrutura boa, o corpo docente também. Assim eles se exprimem: *O ensino médio é bem evoluído, os professores são atenciosos. Aprendi muita coisa, aprendi bastante coisas* (E. F. A., 20 anos); *É boa, uma boa escola, bom entrosamento dos alunos com os professores, a infraestrutura é boa, tem biblioteca* (A. P. A. S., 19 anos); *É uma boa escola porque o tempo que eu passei lá eu gostei muito. Eu fui um dos alunos não muito [pausa], prejudicava muito as professoras. Gostava do incentivo deles e eu gostei muito da escola até porque eles dão muito apoio para os alunos que precisam da sabedoria dos professores* (C. D. F. G., 23 anos).

Em quarto e em quinto lugar, figuram a Escola Estadual de Ensino Fundamental Leandro Lobão da Silveira, com 5,3% dos jovens de Vila do Bonifácio, e a Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Rio Caeté, com 3,5%.

A Escola Leandro Lobão tem em sua infraestrutura, segundo dados do Censo/2014, água filtrada, água de poço artesiano, energia elétrica da rede pública, fossa, o lixo é destinado à coleta periódica e queimado. Tem acesso à internet. Possui 7 salas de aula, sala de diretoria, da secretaria, dos professores, cozinha, banheiro dentro do prédio, alimentação escolar e refeitório. Os recursos humanos são compostos por 37 funcionários. Em termos de equipamentos tem TV com DVD, equipamento multimídia e impressora. A escola abriga o Projeto Mais Educação³⁷ e os professores estão se preparando para a implantação do ensino de tempo integral.

A Escola Rio Caeté dispõe de água filtrada, poço artesiano, energia elétrica da rede pública, fossa, banheiro dentro do prédio, banheiro adequado a alunos com deficiência ou mobilidade reduzida, lixo coletado periodicamente, acesso à internet. Dispõe de 13 salas de aula, sala da diretoria, da secretaria, sala dos professores, laboratório de informática, laboratório de ciências, biblioteca, sala de leitura, refeitório, cozinha, alimentação escolar e almoxarifado. Os recursos humanos são formados por 91 funcionários. Possui quadra de esporte coberta. Em termos de equipamentos tem 3 computadores administrativos, 9 computadores para alunos, 1 televisor e 1 DVD, 2 impressoras e 1 equipamento multimídia.

³⁷ O Programa Mais Educação (Portaria Interministerial nº 17/2007) é um programa federal para contribuir com a formação integral de crianças, adolescente e jovens, por meio do apoio a atividades socioeducativas (campo das Artes, Cultura, do Esporte, do Lazer, da Inclusão Digital, das Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC), Tecnologia de Aprendizagem e Convivência (TAC), da Saúde etc.) no contra turno escolar, articulando diferentes ações, projetos e programas do estado, do Distrito Federal e dos municípios, em consonância com o Projeto Político Pedagógico da escola. Disponível em: <http://escolaleandrolobao.blogspot.com.br/>

As demais escolas agregam apenas 1,7% dos alunos cada, são elas: 1) Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Mário Queiróz do Rosário; 2) CAIC – Escola Municipal de Educação Infantil e Ensino Fundamental Rio Caeté; 3) Sistema de Ensino Liceu; 4) Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará (IFPA)/Campus Bragança.

Também correspondendo a 1,7% da preferência dos alunos estão as instituições de ensino que oferecem educação à distância. São elas: 1) SERB – Sistema Educativo Radiofônico de Bragança; 2) UNIFOR com sede no IST – Instituto Santa Terezinha; 3) UNINTER – Centro Universitário Internacional.

Os jovens que frequentaram a escola em outras cidades são minoria correspondendo também a 1,7%. São elas: Escola Estadual de Ensino Médio Raimunda Sena da Silva, em Curuçá; Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Cidade de Emaús, e Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Ruy Paranatinga Barata, ambas em Belém. A Tabela 37 a seguir apresenta os dados referenciados.

Tabela 37 – Escolas frequentadas pelos jovens da Vila do Bonifácio por local

ESCOLA	LOCAL	FREQ.	%
Escola Municipal de Ensino Fundamental Domingos de Souza Melo	V.Bonifácio	4	7,1
Subtotal		4	7,1
Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Prof. Bolívar Bordallo da Silva	Bragança	16	28,2
Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Profa. Yolanda Chaves		12	21,2
Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Padre Luiz Gonzaga		4	7,1
Escola Estadual de Ensino Fundamental Leandro Lobão da Silveira		3	5,3
Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Rio Caeté		2	3,5
Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Mário Queiróz do Rosário		1	1,7
Escola Estadual de Ensino Fundamental Monsenhor Mâncio Ribeiro		1	1,7
CAIC – Escola Municipal de Educação Infantil e Fundamental Rio Caeté		1	1,7
Sistema de Ensino Liceu		1	1,7
SERB – Sistema Educativo Radiofônico de Bragança		1	1,7
IFPA – Instituto Federal do Pará		1	1,7
UNINTER – Centro Universitário Internacional		1	1,7
UNIFOR- IST – Instituto Santa Terezinha		1	1,7
Bragança		1	1,7
Subtotal		46	80,6
Escola Estadual de Ensino Médio Raimunda Sena da Silva	Curuçá	1	1,7
Subtotal		1	1,7
Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Cidade de Emaús	Belém	1	1,7
Em Belém		1	1,7
Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Ruy Paranatinga Barata		1	1,7
Subtotal		3	5,3
Sem informação		3	5,3
TOTAL		57	100

Fonte: Pesquisa de campo (2015)

Turno frequentado pelos jovens de Vila do Bonifácio

O turno mais frequentado pelos alunos é o da tarde, congregando 29,8% dos alunos dos quais, a maioria, 26,3% nas escolas em Bragança. Apenas 3,5% estudam nesse mesmo turno na escola local - Domingos de Souza Melo. Somente 1,7% frequentam a escola pela manhã, em Bragança e, 12,3% frequentam no turno da noite, na própria escola da Vila e, na educação a distancia, quando têm aula presencial em Bragança, preferencialmente aos finais de semana. Na proporção de 56,2% não se obteve essa informação (Ver Tabela 38).

Tabela 38 – Turno que os jovens da Vila do Bonifácio estudam

TURNO	ESCOLA	FREQ.	%
Manhã	Raimunda Sena	1	1,7
Subtotal		1	1,7
Tarde	Yolanda Chaves	7	12,4
	Padre Luiz	3	5,3
	Bordallo	2	3,5
	Domingos de S. Melo	2	3,5
	Bragança	1	1,7
	Leandro Lobão	1	1,7
	Rio Caeté	1	1,7
Subtotal		17	29,8
Noite	Domingos de S. Melo	5	8,9
	UNINTER	1	1,7
	UNIFOR-IST - Instituto Santa Terezinha	1	1,7
Subtotal		7	12,3
Sem informação		32	56,2
TOTAL		57	100

Fonte: Pesquisa de campo (2015)

Meio de transporte para frequentar a escola

O meio de transporte para ir à escola está relacionado à sua localização em relação à vila. Os alunos da escola local - Domingos de Souza Melo, seguem a pé devido a proximidade da casa com a escola. Esse segmento representa 31,6%. Para aqueles que frequentam a escola na sede do município, Bragança, o meio de transporte utilizado é o ônibus da linha ou o ônibus escolar, dependendo das circunstâncias da oferta desse último. No período de coleta dos dados, o ônibus escolar não estava circulando devido, segundo os entrevistados, um conflito entre o município e o estado sobre a competência do transporte. Os alunos estavam pagando R\$2,50 em cada passagem. Esse contingente de alunos representa a maioria, 54,4%. Para 3,5%, o meio de transporte é carro particular na forma de carona. Trata-se de estudantes de ensino a distância, cujas aulas presenciais ocorrem no turno da noite durante os finais de semana. Eles se articularam com um amigo que os levam até Bragança. Há um caso, 1,7% em que o meio de transporte é a bicicleta. Trata-se de aluno que foi morar temporariamente com o

pai em Bragança e, usava a bicicleta para chegar à escola. O correspondente 8,8% não informaram o meio de transporte para ir à escola (Tabela 39).

Tabela 39 – Meio de transporte dos alunos da Vila do Bonifácio para ir à escola

TRANSPORTE	FREQ.	%
Ônibus da linha ou ônibus escolar	31	54,4
À pé	18	31,6
Carona de amigo	2	3,5
Bicicleta	1	1,7
Sem informação	5	8,8
TOTAL	57	100

Fonte: Pesquisa de campo (2015)

Repetência escolar entre os jovens de Vila do Bonifácio

Ainda sobre a caracterização pelo volume de capital cultural acumulado via escolarização, identificou-se que mais da metade dos jovens entrevistados em Vila do Bonifácio, 64,9% têm registro de repetência em seu histórico escolar. Aproximadamente 1/3, ou seja, 31,6% não tiveram nenhuma reprovação. O correspondente a 3,5% não informou esse dado (Tabela 40).

Tabela 40 – Repetência entre os jovens de Vila do Bonifácio

REPETÊNCIA	FREQ.	%
Sim	37	64,9
Não	18	31,6
Sem informação	2	3,5
TOTAL	57	100

Fonte: Pesquisa de campo (2015)

Séries repetidas entre os jovens da Vila do Bonifácio

As séries mais repetidas pelos jovens entrevistados são a 5^a e a 6^a série do ensino fundamental correspondendo a 21,1% igualmente para os dois casos. A 1^a série do ensino fundamental também aparece com maior frequência, 15,8%, seguida da 2^a série, da 4^a série e da 7^a série do ensino fundamental com 13,1% cada. A 3^a Série do Ensino Fundamental foi a menos repetida pelos alunos com 2,7%. Não há registro de repetições das séries do ensino médio (Tabela 41).

Tabela 41 – Séries repetidas, por número de citações, entre os jovens de Vila do Bonifácio

SÉRIE REPETIDA	FREQ.	%
5ª série do ensino fundamental	8	21,1
6ª série do ensino fundamental	8	21,1
1ª série do ensino fundamental	6	15,8
2ª série do ensino fundamental	5	13,1
4ª série do ensino fundamental	5	13,1
7ª série do ensino fundamental	5	13,1
3ª série do ensino fundamental	1	2,7
Total	38	100

Fonte: Pesquisa de campo (2015)

Contudo, cruzando esses dados com o número de vezes em que essas séries foram repetidas pelo mesmo aluno, identifica-se que a 2ª série do ensino fundamental foi a repetida mais vezes por um aluno, seguida pela 1ª série também repetida mais de uma vez pelo mesmo aluno(a). As demais séries repetidas ocorreram uma única vez e, em três casos, a informação é imprecisa – “muitas”, “várias” vezes (Tabela 42).

Tabela 42 – Séries repetidas por aluno e número de vezes – Vila do Bonifácio

SÉRIE REPETIDA	FREQ.	VEZES
1ª série do ensino fundamental	5	1
1ª e 2ª série do ensino fundamental	1	1
1ª e 2ª série do ensino fundamental	1	2
2ª série do ensino fundamental	1	1
2ª série do ensino fundamental	1	2
2ª série do ensino fundamental	1	3
3ª série do ensino fundamental	1	2
4ª série do ensino fundamental	4	1
4ª e 6ª série do ensino fundamental	1	1
5ª série do ensino fundamental	4	1
5ª, 6ª e 7ª série do ensino fundamental	1	1
5ª e 6ª série do ensino fundamental	2	1
5ª e 7ª série do ensino fundamental	1	1
6ª série do ensino fundamental	4	1
7ª série do ensino fundamental	4	1
Começo das 1ªs etapas	1	Várias
Muitas	1	Muitas
Várias	1	Várias
Sem informação	2	
Total	37	

Fonte: Pesquisa de campo (2015)

Razões para repetir a série

Segundo a visão dos jovens entrevistados, as motivações apresentadas relacionam-se, em parte, a uma responsabilização mais individual do que coletiva. Uma espécie de culpabilização na qual o sujeito é autor exclusivo de sua condição social, conforme declara a jovem: *Eu num era boa na escola mesmo, tirava nota baixa e repetia, devia de tá vadiando*

(A. C. B. S., 24 anos). Outra fala mostra também esse fator: *Acho que foi d’eu não prestava atenção, não gravava muita coisa, num estudava em casa a matéria* (C. W. C. M., 22 anos). Um jovem se expressa assim: *Ah porque eu num ia muito pro colégio. A professora me coisou por causa de falta. Era preguiça* (D. P. S., 19 anos). E mais: *Ah, porque eu era muito desinteressada* (S. P. C., 23 anos). Outro jovem: *Eu num prestava atenção nas aulas, fazia um bocado de coisa errada e num passei* (P. V., 19 anos).

Da mesma forma, a jovem a seguir atribui seu comportamento à juventude: *Ia pra escola só pra [...] Nesse tempo eu era mais nova, não queria nada na vida. O pai colocava a gente na escola mesmo, mas agora já penso diferente* (A. S. F. S., 26 anos). Outro jovem também atribui esse fato à juventude: *Acho porque eu era muito novinho não tinha muito [...]* (M. C. S., 19 anos).

Também emergem nas falas certo estranhamento com a escolarização, como algo incompatível com seus conhecimentos no campo social em que vive, conforme expressa a fala do jovem: *Eu não sabia quase nada* (A. C. M. S., 28 anos). Filho e neto de pescador, para ele a escola se constituía um sub-universo afastado do seu modo de vida, portanto, a justificativa de que “não sabia quase nada”, ou seja, a escola com suas regras, instituições, códigos faziam parte de um campo social ao qual ele não se sentia pertencer, uma vez que “[...] cada campo é o lugar de uma forma específica de capital”(BOURDIEU, 2004, p. 26). Pode-se inferir que o *habitus* desse jovem formado no sub-universo da pesca é incompatível com o sub-universo da escola, ou seja, as regras desse campo social não fazem sentido para ele ao ponto de dizer que “não sabia nada”. Bourdieu é preciso em esclarecer teoricamente essa situação, quando afirma:

Aqueles que adquirem, longe do campo em que se inscrevem, as disposições que não são aquelas que esse campo exige, arriscam-se, por exemplo, a estar sempre defasados, deslocados, mal colocados, mal em sua própria pele, na contramão e na hora errada, com todas as consequências que se possa imaginar (BOURDIEU, 2004, p. 29).

São essas configurações do campo escolar que se impõem estranhas ao jovem que o fazem se sentir “deslocado”, “fora do lugar”, uma vez que seu capital acumulado – conhecimento tradicional do mundo da pesca, não tem peso nesse campo, isto é, não tem sentido e, portanto, não é reconhecido. Se, a escola que se lhes apresentasse fosse estruturada na perspectiva da inclusão de saberes locais, esse jovem teria maiores probabilidades de “[...] lutar com as forças do campo, resistir-lhes e, em vez de submeter suas disposições às estruturas, tentar modificar as estruturas em razão de suas disposições, para conformá-las às suas disposições” (BOURDIEU, 2004, p. 29).

Há, por outro lado, aspectos que levam jovens de áreas rurais a nutrir um desejo de conhecer o “mundo urbano”, conforme explica Lamarão (2008) sobre a migração de meninas de áreas rurais para a cidade de Belém (PA), via trabalho doméstico:

[...] não é somente o capital econômico a mola movedora desse processo. A sedução da cidade, com as possibilidades de saída de um lugar extremamente isolado, pode desencadear mecanismos que inserem a menina no trabalho doméstico, especialmente quando a menina vivencia reflexos da vida urbana (LAMARÃO, 2008, p. 113).

É a sedução da cidade para os jovens ávidos por novidades. Nesse sentido, a frequência à escola é uma possibilidade de acessar esse mundo da celeridade, multicultural e multacentralizado” (BAUMAN, 2013, p. 9) que contrasta com a comunidade de sua vila “um lugar ‘cálido’, um lugar confortável e aconchegante” (BAUMAN, 2013, p. 7), mas ainda sem essa pulsão que a cidade oferece. A fala do jovem a seguir expressa isso: *Eu saía - como todos os jovens-, saía do interior e ia pra cidade. Vi as maravilhas que tinha na cidade, diferente, e num era acostumado. Saía da aula, ia jogar bola, ia jogar vídeo game e, com isso, resultou que eu fiquei em recuperação. Num passei e repeti a 5^a série* (L. F. L., 28 anos). Outra fala: *É, [risos] sacanagem, gazetava muita aula* (D. M. Q., 18 anos). Nesse sentido, a frequência à escola não é atrativa para esse jovem que busca o prazer nas diversões que lhes são disponíveis nesses breves momentos de contato com a cidade.

Outro aspecto interessante a ser analisado é apresentado pela jovem quando se refere à hierarquia entre o ensino da vila e da cidade. Ela diz:

Eu repeti a 5^a série porque eu estudava aqui [na Vila do Bonifácio] e fui fazer a 5^a em Bragança. Pra lá o estudo já era mais avançado e eu num tinha a mínima ideia de como era. Aí eu fiquei em matemática, que eu era fraca. E na 7^a série foi porque eu gazetava aula com as minhas colegas (E. M. B., 26 anos).

Contudo, os dados mostram uma tendência contextual relacionada a, pelo menos, três fatores importantes para os alunos: a necessidade de trabalhar, a falta de transporte para aqueles que estudam na sede do município e, as responsabilidades da maternidade e/ou paternidade precoce.

A necessidade de trabalhar, em particular, no universo da pesca, se apresentou como um fator importante para as repetições de séries. Criou-se para esses jovens um dilema: pescar ou estudar. E muitos ainda conseguiram conciliar, outros não, conforme o jovem C. C. M., 29 anos, [depoimento já citado] que escolheu pescar e tomou gosto pela pesca e, a escolarização, na forma em que ela se apresenta – homogeneizada - não o atraiu, ao ponto de ter optado pela pesca ainda jovem, quando cursava a 5^a série e, não conseguiu mais compatibilizar os estudos

com a pesca. Para ele, saber ler e escrever é suficiente para seguir no mundo social em que vive. Não tem expectativas para voltar a estudar e pensa seu futuro como pescador. Esse jovem expressa em sua *hexis corporal* o *habitus* do pescador – a pele queimada de sol, estrutura corporal compatível com quem dispense força física e, suas mãos calejadas, revelam o domínio do conhecimento do campo da pesca, resultado da opção feita em tenra idade. Em síntese, em sua vida não cabe o *habitus* do estudante formal (Figura 42).

Figura 42 – Detalhe da mão do jovem pescador C. C. M., 29 anos



Fonte: Pesquisa de campo (ago. 2015)

Outra fala de um jovem pescador mostra situação semelhante: *Parei na 7ª série pra ajudar o papai na pesca* (W. P. S., 23 anos). Ele também deixou os estudos para se dedicar à pesca, neste caso, o carregamento do pescado no porto. Até a 7ª série conseguiu conciliar o trabalho na pesca e os estudos. O desgaste do pai no trabalho de carregamento do pescado, tirou-o do trabalho e o jovem passou a assumir integralmente o trabalho do pai. Essa situação fez a frequência à escola mais escassa, resultando em sua reprovação na 7ª série. Depois disso, ele abandonou os estudos. Atualmente com 23 anos não pensa em estudar, acredita que seu destino é se manter no ramo da pesca.

Ainda no fator trabalho, mesmo fora da pesca, a conciliação entre as duas atividades não ocorreu, prejudicando o aproveitamento escolar conforme explica o jovem:

Devido ao trabalho, que nessa época, eu já trabalhava em Belém, e às vezes eu chegava atrasado na escola e perdia muitos assuntos da matéria. Às vezes nem conseguia ir pro colégio porque era um pouco longe. Eu chegava tarde do trabalho, era por esse motivo que eu repeti (F. S. B., 28 anos).

A dificuldade no transporte da Vila do Bonifácio para a sede do município também emergiu como um dos fatores para a repetência escolar. O jovem a seguir explica:

É porque eu ia pra lá [escola em Bacuriteua], eu estudava de manhã, tinha 6 horas de aula e o ônibus passava antes de dar o meio dia e num tinha como eu vim de lá e ficava lá. Aí, por exemplo, assim, quando batia o recreio pra

mim num ficar lá, eu saía da escola pra vim m'embora por isso não assistia as duas últimas aulas. Foi por isso que eu repeti (E. F. R., 21 anos).

A maternidade e/ou paternidade precoce com ou sem casamento é apontada como um dos fatores para a repetência escolar. Por exemplo: *Foi o marido né, arrumei, namorando, me ajuntei com ele, parei de estudar, retornei depois de 12 anos atrás* (M. L., 29 anos). Para a jovem D. K. F. G., a maternidade foi um fator determinante para repetição de série e interrupção dos estudos que, segundo ela, se deu pela sedução das diversões na cidade contrastando com a não atratividade das aulas provocando a repetência da 6^a série. Ela diz: [...] *Foi rua!* [risos] *Eu num prestava atenção na aula. Na verdade eu num queria nem saber de aula.* Contudo, no caso desta jovem há um desfecho que a faz retornar aos estudos não mais na sede do município e sim na escola da vila, poupando maiores esforços com deslocamento e tempo. Ela complementa: [...] *Depois eu engravidei também e depois voltei no outro ano e voltei na escola aqui na Domingos de Souza Melo e não parei mais, graças a Deus* (D. K. F. G., 26 anos). Atualmente estuda em regime de educação a distância, o nível superior em Pedagogia.

Para o jovem T. A. M., 26 anos, houve uma confluência de fatores: a necessidade de trabalhar e a formação da família própria. Ele diz:

Eu repeti umas duas vezes. A minha infância foi pouca de estudo por causa que eu comecei a pegar dinheiro e deixei o estudo de mão. A maioria aqui na praia, larga o estudo por causa da pesca, por causa do dinheiro. A maioria começa a arrumar família, aí pra sobreviver tem que trabalhar. O estudo é bom porque tu num vai pegar no pesado, né. A pesca não, tu pega no pesado, tem que sustentar a família, entendeu como é?

Características de descendência, cor, etnia

Segundo dados do IBGE (2010), a caracterização pela cor ou raça da população jovem rural no Brasil, de 18 a 29 anos, é composta por 56,3% da cor parda, 33,6% da cor branca, 7,3% da cor preta, 1,7% de indígenas e 1% da cor amarela.

Na Vila do Bonifácio, por meio da auto declaração da descendência, cor ou etnia a maior parte, 22,9% se autodeclarou indígena, bem diferente da posição dos indígenas – penúltima, na caracterização da população de jovens rurais no país, conforme dados acima. Os pardos na Vila do Bonifácio somam 17,5% também bastante diverso dessa parcela na apresentada para essa população. Já os que se declararam negros são 15,8%, acima da parcela correspondente na população geral de jovens rural. A parcela que se declarou branco corresponde a 12,3% também bem abaixo daquela apresentada na população total de jovens rurais. Houve aqueles que optaram pela combinação como: - negro/indígena correspondendo

a 3,5%; -negro/moreno, branco/moreno e morena clara, com 1,7% cada. O correspondente a 22,9%, teve dificuldade em se autodeclarar (Tabela 43).

Tabela 43 – Descendência/cor/etnia dos jovens de Vila do Bonifácio

DESCENDÊNCIA	FREQ.	%
Indígena	13	22,9
Pardo	10	17,5
Negro	9	15,8
Branco	7	12,3
Negro e índio	2	3,5
Morena clara	1	1,7
Negro/moreno	1	1,7
Branco/moreno	1	1,7
Não sabe definir	13	22,9
TOTAL	57	100

Fonte: Pesquisa de campo (2015)

A dificuldade de se auto definir é mais geral em uma sociedade com alta miscigenação. A região onde se localiza a Vila do Bonifácio é caracterizada por movimentos migratórios do Nordeste brasileiro que confluíram com os indígenas do lugar e os afrodescendentes. Esse elemento se reflete na cor da pele, na cor dos olhos e na cor dos cabelos dos jovens. A jovem a seguir expressa a combinação desses elementos: *É um pouco de cada, né. Eu sou descendente de índio, a minha avó era índia, e tenho a pele negra. Na minha família tem a minha irmã que é branca, que é pai diferente, a mãe é a mesma* (L. C., 29 anos). Outra jovem também expressa essa diversidade: *Acho que de indígena. A minha avó é descendente de indígena, o avô dela, ou sei lá. Tudo estranho assim* (T. R., 20 anos).

A intenção de abordar este item se relaciona com a expressão da identidade cultural. Neste grupo de jovens de Vila do Bonifácio, a maior parte, 22,9% reconhece sua raiz indígena, na reconstituição da herança familiar, conforme expressam os depoimentos a seguir: *Acho que todos nós somos descendentes de índios, né* (C. S. F., 18 anos); *Minha avó falava que ela era descendente de índio e eu acho que nós somos também* (E. M. B., 26 anos); *Eu acho que sou indígena, meus parentes da parte dos meus pais, no passado, bisavó era índia, então sou descendente de índio* (L. F. L., 28 anos); *Ah, tem gente que fala que eu sou descendente de índio. Eu concordo* (M. J. 28 anos); *Minha avó era índia* (N. M. B., 23 anos).

Sobre a participação dos índios na formação da população da região bragantina vale recorrer ao trabalho de Maneschy sobre os manguezais, ela afirma:

A mão-de-obra principal era indígena, como de resto nas demais atividades pesqueiras e extrativista na Amazônia colonial. Ao longo do período, foram constantes as dificuldades encontradas pelos administradores e colonos para controlar esse trabalho servil na exploração do pescado, recursos móveis e públicos, para cuja captura os indígenas – já então destrabalizados e reunidos

em aldeias missionárias ou estatais – detinham aquela que era então a principal força produtiva: os conhecimentos e a experiência no acesso aos territórios de pesca no mar, nos rios e baías, assim como nos manguezais (MANESCHY, 2003, p. 143).

De forma mais detalhada, foi solicitado aos entrevistados a identificação sobre sua constituição étnica como a cor da pele, dos olhos, dos cabelos. Assim, houve alteração na forma autodeclarada acima. Quase a metade, 49,2% considera a cor da pele parda, bem mais próxima dos dados do IBGE para essa faixa etária. O correspondente a 26,3% disseram ter a pele branca, situando-se também mais próxima dos dados do IBGE. Aqueles que consideram a pele morena somam 21% e 3,5% negra, bem próximo do que apresenta a população total dos jovens da área rural para essa faixa etária (Tabela 44).

Tabela 44 – Cor da pele dos jovens da Vila do Bonifácio

COR DA PELE	FREQ.	%
Parda	28	49,2
Branca	15	26,3
Morena	12	21,0
Negra	2	3,5
TOTAL	57	100

Fonte: Pesquisa de campo (2015)

Houve referências à exposição constante ao sol que altera a cor da pele: *Eu acho que eu era branco, eu comecei a pescar, queima tudinho a pele da gente, é com o sol* (C. C. M., 29 anos); *É branca, pego sol e fico dessa cor* (V. S. S., 24 anos).

A referência à cor da pele suscitou na entrevistada a seguir sua visão sobre a cor da pele e discriminação, conforme ela explica: *É parda a minha cor, eu num discrimino nenhuma cor, negro, preto, os brancos eu num discrimino não. A minha cor é parda e eu gosto dessa cor mesma. Eu num gosto daquelas pessoas que são brancos e ficam desfazendo – ‘ah, aquela menina é preta, pinchaim’ . Eu num gosto disso não* (M. L., 29 anos).

A cor dos olhos também reflete o detalhamento do seu auto reconhecimento. A maioria, 72%, disse ter os olhos castanhos, variando de castanho claro a castanho escuro. O correspondente a 21% consideram ter olhos pretos e 7% olhos verdes, conforme mostra a Tabela 45.

Tabela 45 – Cor dos olhos dos jovens da Vila do Bonifácio

COR DOS OLHOS	FREQ.	%
Castanhos	41	72,0
Preto	12	21,0
Verdes	4	7,0
TOTAL	57	100

Fonte: Pesquisa de campo (2015)

A cor do cabelo vem completar o conjunto dessas características. A maioria, 63,2%, disse ter os cabelos pretos, 26,3% cabelos castanhos e 10,5% cabelos louros. Ver Tabela 46.

Tabela 46 – Cor dos cabelos dos jovens da Vila do Bonifácio

COR DOS CABELOS	FREQ.	%
Pretos	36	63,2
Castanhos	15	26,3
Louros	6	10,5
TOTAL	57	100

Fonte: Pesquisa de campo (2015)

O tipo de cabelo também foi perguntado e o cabelo liso correspondeu à maioria, 71,9%, os demais variaram entre: encaracolado, 8,8%, crespo e enrolados 7%, igualmente, e ondulado 5,3% (Tabela 47).

Tabela 47 – Tipo de cabelo dos jovens da Vila do Bonifácio

TIPO DE CABELO	FREQ.	%
Liso	41	71,9
Encaracolado	5	8,8
Crespo	4	7,0
Enrolados	4	7,0
Ondulados	3	5,3
TOTAL	57	100

Fonte: Pesquisa de campo (2015)

Na Vila do Bonifácio, a caracterização dos jovens pela cor ou raça/etnia é de descendência indígena (22,9%), com a cor da pele parda (49,2%), de olhos castanhos (72%) e cabelos pretos (63,2%) e lisos (71,9%).

Religião

No cenário nacional, dados do IBGE (2010) mostram uma diversidade de confissões religiosas entre os jovens de 18 a 29 anos, da área rural. A maioria, 77,9% se declarou católico, incluindo a Católica Apostólica Romana (77,4%), a Católica Apostólica Brasileira (0,4%) e a Católica Ortodoxa (0,06%). O segundo segmento mais expressivo é formado pelos Evangélicos com 14,7% englobando as igrejas Evangélicas de Missão (Luterana, Presbiteriana, Metodista, Batista, Congregacional, Adventista, Outras), as de origem Pentecostal (Assembleia de Deus, Congregação Cristã do Brasil, O Brasil para Cristo, Evangelho Quadrangular, Universal do Reino de Deus, Casa da Bênção, Deus é Amor, Maranata, Nova Vida, Evangélica Renovada não determinada, Comunidade Evangélica, Outras), Outras Religiões Evangélicas, Evangélicas Não determinadas. Outras religiões cristãs somaram 0,33% de adeptos, seguidos pelos que são Testemunhas de Jeová 0,2%, e os

Espíritas 0,2%. Os que seguem as Tradições Indígenas somam 0,1%, os que seguem a Umbanda e Candomblé somam 0,05% e os Budistas 0,01% e, na mesma proporção estão os que são da Igreja de Jesus Cristo dos Últimos Dias e os de Tradições Esotéricas. Na proporção com mais de duas casas decimais aparecem: Espiritualistas; Outras declarações de religiosidades afro-brasileiras; Judaísmo; Islamismo; Outras religiosidades; Novas Religiões Orientais que inclui a Igreja Messiânica Oriental e Outras Novas Religiões orientais; Hinduísmo. O correspondente a 6,7% se declararam “Sem religião” e, na proporção de 0,1% não tem uma religião determinada. Para 0,1% não sabem e/ou não declararam.

Na Vila do Bonifácio, a opção por uma religião é de quase 100%, apenas 1,7% disseram não ter religião, conforme a fala a seguir: *Tem duas religião, né. Pra mim eu tenho fé mesmo é em Deus. Eu num vou na igreja, quando o meu coração dá vontade de ir a gente vai, o objetivo mesmo é só Deus mesmo* (T. A. M., 26 anos). Na Tabela 48, verifica-se que entre os que têm religião, 75,5% são católicos, seguindo a mesma tendência da nacional e, 10,5% são evangélicos também se aproximando da nacional. O referente a 7% deixaram de frequentar a igreja conforme explica o jovem: *Ah, tipo assim, eu já fui da Assembleia de Deus, hoje eu num sou. Sou desviado, mas pra mim eu continuo*” (M. J., 28 anos). O correspondente a 5,3% não forneceu esse dado (Tabela 48). No perfil de jovens realizado por Castro (2009) aparece também essa mesma tendência.

Tabela 48 – Religião dos jovens de Vila do Bonifácio

RELIGIÃO	FREQ.	%
Católica	43	75,5
Evangélica	6	10,5
Deixou de frequentar	4	7,0
Não tem religião	1	1,7
Sem informação	3	5,3
TOTAL	57	100

Fonte: Pesquisa de campo (2015)

Sociabilidade - meios para se informar

A sociabilidade dos jovens também se expressa pelos meios que utilizam para se informar. Entre os 57 jovens entrevistados em Vila do Bonifácio, o meio de informação mais utilizado é a emissora de televisão citada 40 (quarenta) vezes correspondendo a 38,9% das citações. Isoladamente, como único meio para se informar foi citada 12 (doze) vezes, e associada a outro meio, 28 (vinte e oito) vezes. Com mais frequência, a informação é obtida nos telejornais que obteve 11 (onze) citações. O depoimento a seguir expressa o lugar social da emissora de televisão como meio de informação: *Televisão, hoje em dia, ela ensina e mostra muitas coisas boas e ruins, coisas positivas e negativas. Cabe a nós captar o que*

queremos. Então, o meio da gente se informar muito é a televisão (L. F. L., 28 anos). Esse lugar social tem um peso na conexão desse jovem com um mundo para além dos limites de sua vila. O conteúdo da emissora de televisão não fala desse jovem, de seu modo de vida, do seu cotidiano, fala de outro mundo, urbanizado, multicolorido, multifacetado planejado para forjar estilos de vida, criar necessidades, consumir. Não possuir esse meio de informação é estar apartado do mundo dito “civilizado”, o que, em última análise, consagra a necessidade da conexão. Bauman (2013) discute o papel desse meio de comunicação para os jovens:

A forma de vida em que a geração jovem de hoje nasceu, de modo que não conhece nenhuma outra, é uma sociedade de consumidores e uma cultura “agorista” – inquieta e em perpétua mudança – que promove o culto da novidade e da contingência aleatória [...] A ressonância entre as agendas da TV (um redemoinho de trajes sumários e strip-teases emocionais) e o modo como nossa forma de vida nos treinou e adestrou a sentir e desejar é medida pelo ranking das emissoras. Ver TV, afinal, não é obrigatório, e mudar de canal não é motivo de punição [...] Não desligar o aparelho é uma decisão, da mesma forma que o ligar (BAUMAN, 2013, p. 34).

Figura 43 – Antenas de TV na Vila do Bonifácio



Fonte: Pesquisa de campo (ago. 2015)

As observações de Bauman fazem sentido com o depoimento do jovem acima, denotando que não se está livre e nem obrigado a acessar o conteúdo da emissora, mas ainda tem-se a possibilidade de ligar ou desligar. O destaque, neste sentido, é para a descontextualização do mundo do jovem rural e o mundo mostrado na TV que, em última análise, tende a provocar novas necessidades e desejos bem diversos do cotidiano da vila (Figura 43).

Não obstante a eletricidade, as inovações tecnológicas sejam bens sociais e de direitos à coletividade, conforme já mencionado, inaugura um novo modo de ser na comunidade, alterando em variados níveis, o modo de vida tradicional, trazendo do “urbano/moderno” talvez o lado mais perverso - a cultura do espetáculo midiático e a cultura do consumo

exacerbado, do “estilo ostentação”, da “sociedade do espetáculo”, da qual se refere Guy Debord (1997) na qual as expressões singulares da cultura, das tradições tendem a desaparecer.

O celular é o segundo meio de informação mais utilizado pelos jovens da Vila do Bonifácio, referido 30 (trinta) vezes, correspondendo a 29,1% das citações. Isoladamente como meio para se informar foi citado 17 (dezessete) vezes e associado a outros meios como a internet, redes sociais, mensagens instantâneas (*WhatsApp*) foi lembrado 13 (treze) vezes, o que resulta em 30 referências. Segundo dados da PNAD/IBGE no Brasil, em 2014, 136.567 mil pessoas possuíam celular, das quais 90,1% na área urbana e 9,9% na área rural. As mulheres são as que mais possuem celular 52,4% em relação aos homens que somam 47,6%. Na relação urbano-rural, as mulheres da área urbana também são as que mais possuem celular, 53% e os homens 47%. No meio rural a situação se inverte são os homens que mais possuem celular, 51,8% homens e as mulheres 48,2%. Essa tendência acompanha a distribuição, por sexo, nas duas áreas, conforme já apresentado. Em relação à faixa etária os jovens de 18 a 29 anos que possuem celular somam 25,1% (34.149 mil) pessoas. A faixa dos que mais possuem celular é a de 30 a 44 anos, com 29,1%. As menores faixas que possuem celular são a de 60 anos e mais, com 11,3%, crianças e adolescentes de 10 a 17 anos, com 12,6%. A faixa intermediária é a de pessoas de 45 a 59 anos que soma 21,5%. Com efeito, o celular é um meio muito frequente de se informar, inclusive na Vila do Bonifácio entre os jovens.

Também como meio de acessar informações a internet foi citada 17 (dezessete) vezes equivalendo a 16,6% das citações. A comunicação via internet na Vila é precária, contudo, está sendo utilizada pelos jovens conforme explica um deles: *Hoje em dia é a internet. Hoje em dia o celular tá na mão de quase todo mundo e o celular traz a internet mais próximo da gente é aonde a gente tem mais a facilidade de ficar mais informado das coisas do mundo: internet, rádio, televisão* (G. M. B., 28 anos). Ainda com base nos dados da PNAD/IBGE, no ano de 2014 a metade da população do país utilizou a internet nos três últimos meses de referência da PNAD. A maioria na área urbana, 93,8% e na área rural somente 6,2%. De fato, na Vila do Bonifácio a dificuldade de captação do sinal é grande. Os jovens acessam a internet com maior facilidade na sede do município por meio de inclusão digital de acesso livre do “Programa Navega Pará³⁸” na orla da cidade e na Praça da Bandeira, em Bragança.

³⁸ <http://www.navegapara.pa.gov.br/>

O rádio foi citado 11 (onze) vezes como forma de obter informações correspondendo a 10,8% das citações. Isoladamente foi citado apenas 4 (quatro) vezes, as demais associadas a outro meio de informação como a internet, jornal e TV. O jornal impresso foi citado apenas 2 (duas) vezes, ou seja, 1,9%, quando há oportunidade de ser comprado na capital do município.

Três agências sociais foram também citadas uma vez cada, correspondendo a 0,9% como forma de obter informações: – a família, a escola e a igreja, por meio de conversas com a mãe e com os avós. Na escola com os professores e na igreja com os padres e os pastores. Isso reflete a permanência da circulação da informação por meio da sociabilidade, em se tratando de uma comunidade. Não há emissora de rádio na vila, contudo, é mais frequente a circulação de carros de propaganda com autofalante para comunicar sobre algum evento, vender produtos ou anunciar (Tabela 49).

Tabela 49 – Meios que os jovens da Vila do Bonifácio utilizam para se informar

MEIOS PARA SE INFORMAR	FREQ.	%
Televisão	40	38,9
Celular	30	29,1
Internet	17	16,6
Rádio	11	10,8
Jornal impresso	2	1,9
Na escola com os professores	1	0,9
Na igreja	1	0,9
Com a mãe e avós	1	0,9
TOTAL	103	100

Fonte: Pesquisa de campo (2015)

Sociabilidade - meios para se comunicar

Para se comunicar os jovens utilizam preferencialmente o celular, citado 53 (cinquenta e três) vezes, correspondendo a 81,6% do total de citações, tanto por meio de ligações ou de acesso a redes sociais tais como *Facebook*, mensagens instantâneas (*WhatsApp*) e mensagens convencionais, o que é expresso na fala do jovem a seguir: *É o celular. De primeiro a gente num tinha o celular era só o orelhão, quando não era por carta, mas hoje não, nós temos celular, apesar que os meus parentes num moram aqui a gente se comunica por celular* (L. F. L., 28 anos). A internet foi citada 6 (seis) vezes, isto é, 9,2% como meio de se comunicar. A comunicação presencial foi citada também 6 (seis) vezes, com 9,2% seja em visita aos amigos e parentes da própria Vila do Bonifácio, seja para aqueles que moram em outras localidades. Na Vila do Bonifácio existe um estabelecimento comercial de venda de *chips* de operadoras e venda de créditos para celulares pré-pagos (Tabela 50).

Tabela 50 – Meios que os jovens da Vila do Bonifácio utilizam para se comunicar

MEIOS PARA SE COMUNICAR	FREQ.	%
Celular	53	81,6
Internet	6	9,2
Presencial	6	9,2
TOTAL	65	100

Fonte: Pesquisa de campo (2015)

Situação de trabalho dos jovens da Vila do Bonifácio

Uma dimensão especial deste estudo diz respeito à situação de trabalho dos jovens no território da RESEX. Ela importa para que se conheça o tipo de vinculação dos jovens ao território, a relação com os recursos naturais, levando-se em conta que se trata de uma área pesqueira e os principais objetivos da RESEX em relação aos recursos pesqueiros. Por outro lado, o trabalho também interfere nos usos do tempo, na sociabilidade e, enfim, nos planos que alimentam para suas vidas. A Tabela 51 mostra que a maioria dos 57 jovens –70,2% - trabalham, em contraposição a 29,8% que afirmaram não trabalhar.

Tabela 51 – Situação de trabalho dos jovens da Vila do Bonifácio

SITUAÇÃO DE TRABALHO	FREQ	%
Sim	40	70,2
Não	17	29,8
TOTAL	57	100

Fonte: Pesquisa de campo (2015)

Os homens estão mais envolvidos com o trabalho, representam 82,2% em contraposição aos que não trabalham que somam 17,8%. Dentre as mulheres também a maioria trabalha, embora em uma proporção menor que a dos homens 58,6% e as que não trabalham somam 41,4% (Tabela 52).

Tabela 52 – Situação de trabalho dos jovens da Vila do Bonifácio por sexo

TRABALHA/SEXO	FREQ.	FREQ.	%
Homens	Sim	23	82,2
	Não	5	17,8
Subtotal I		28	100
Mulheres	Sim	17	58,6
	Não	12	41,4
Subtotal II		29	100
TOTAL		57	

Fonte: Pesquisa de campo (2015)

Modalidades de trabalho entre os jovens da Vila do Bonifácio

Dentre os jovens que estão trabalhando, o fazem prioritariamente na pesca, conforme mostra a Tabela 53.

Tabela 53-Modalidades de trabalho dos jovens de Vila do Bonifácio

MODALIDADES DE TRABALHO	FREQ.	%
Pesca familiar e por conta própria	14	35,0
Pesca por comissão	4	10,0
Pesca industrial	1	2,5
Carregador de pescado no porto	1	2,5
Marisqueira	1	2,5
Subtotal I	21	52,5
Pousadas	9	22,5
Comércio de variedades	3	7,5
Trabalho doméstico	1	2,5
Trabalha em loja	1	2,5
Administra açougue	1	2,5
Carpinteiro/pedreiro	1	2,5
Dono de pizzaria e grafite em camisetas	1	2,5
Vendedor de água, eletricitista, cabeleireiro	1	2,5
Projeto Mais Educação	1	2,5
Subtotal II	19	47,5
TOTAL	40	100

Fonte: Pesquisa de campo (2015)

Coerente com uma vila pesqueira, um pouco mais que a metade dos jovens, 52,5%, desenvolvem atividade relacionada com a pesca. A outra parte, 47,5%, desenvolve atividades no setor de serviços, em atividades relacionadas com o turismo nas praias da região e no comércio.

As modalidades de pesca merecem atenção. Predominam os pescadores familiares, que atuam junto com parentes ou sozinhos nas expedições de pesca, conforme indica a fala do jovem a seguir:

Ajudo meu pai na pesca dentro do rio. A gente pesca pescada, dourada, arraia, vendemos pro atravessador, os marreteiros. Eles ficam na ponte, no porto velho da praia dos pescadores, recebem o peixe e o peixe é repassado pra eles. Pescamos a semana toda, aí no sábado a gente presta conta, aí só que eles passam de um preço e revendem de outro. Eles jogam o deles em cima, dependendo da qualidade do peixe que vareia de R\$1,00 a R\$5,00 de quilo de peixe. Olha, só um exemplo, a pescada aqui é passada de R\$12,00 passada da mão do marreteiro ela sai de R\$15,00 a R\$17,00 pra sair do mercado é de R\$25,00 ou 27,00. Uma grande diferença (P. N. A. A., 23 anos).

O pescador por conta própria trabalha sozinho, em sua própria embarcação, atuando em águas próximas da vila, como informa o jovem pescador: *Sou pescador autônomo, eu trabalho sozinho na minha canoinha no mar. Vou só eu e Deus! Cheguei inda'gorinha da maré (M. J. M. F., 25 anos).*

Há casos em que o pescador por conta própria complementa a pesca com outras atividades como é o caso do jovem G. M., 27 anos que tem uma lanchonete e, também faz

estágio para trabalhar como vigia. A pesca, então, para esse jovem, é um complemento de renda enquanto se prepara para outra ocupação.

Há ainda as mulheres que trabalham na coleta de marisco, denominadas de marisqueiras e, podem conjugar com outras atividades como o trabalho nas pousadas da praia de Ajuruteua. A jovem assim explica: *Às vezes, trabalho às vez não, quando eu vou ajudar meu pai na pesca, da pancada*³⁹. *Lá pra fora eu num vou não, ajudo aqui na beira* (M. C. S., 26 anos). Há também o trabalho em torno da pesca como o carregamento de pescado no porto para os atravessadores.

A pesca por comissão é uma modalidade que se caracteriza pelo uso de embarcações de terceiros para se deslocarem aos pontos de pesca. O pagamento ao dono da embarcação é em proporção ao volume de capturas, conforme explica o informante:

Tem um cara que tem 4 barcos só de uma firma. A gente trabalha pra ele, dono do barco. A gente num tem barco próprio, a gente ganha pouco. Divide, por exemplo, se der R\$2.000,00 R\$1.000,00 é pra ele, já 1.000,00 vai repartir com os parceiros e aí dá poquinho coisa. A gente num ganha quase nada. Quando a gente vamo pra pesca a gente passa 5 dias no mar, trabalha o dia inteiro, tem descanso só a noite. Pescando 5 dias é só trabalho, aí nós vamos descansar só a noite. É muito cansativo, num tem quase descanso, não. Por isso que nós vem embora, passa uma semana e volta de novo. Assim é o nosso serviço (E. F. R., 21 anos).

Quanto à pesca industrial, o pescador atua na frota empresarial existente no município de Bragança. Trabalha em alto mar, para além das fronteiras do Pará, chegando à costa do Amapá, mais precisamente nos municípios de Calçoene e Oiapoque. Esse tipo de trabalho implica em expedições de dois a três meses, conforme explica o jovem: *Sim, sou pescador no norte em alto mar, pro lado de Calçoene e Oiapoque* [AP]. *Passo 3 mês pescando ou 2 mês. Pescamo pescada, gurijuba, camorim, corvina, uritinga* (B. C. S. C., 19 anos).

No que se refere ao trabalho nas pousadas, vale ressaltar que essa atividade está relacionada com o turismo, e, por isso, geralmente realizada de maneira temporária. Tende a se concentrar nos períodos de férias escolares, meses de julho, dezembro e janeiro, assim como nos feriados prolongados, quando a praia de Ajuruteua recebe fluxos maiores de turistas.

Razões por que não trabalha

Dentre os 17 jovens que não trabalham, 70,6% são mulheres e 29,4% são homens. Vale notar a situação de jovens mulheres com filhos dedicadas aos serviços domésticos na

³⁹ O termo *pancada* refere-se às águas rasas, próximo à praia, onde as ondas batem.

própria casa, o que impede o exercício de um trabalho fora. Essas jovens mulheres conjugam as tarefas da casa com atividades de pesca próxima – de mexilhões e de caranguejos. Assim se expressa a jovem L. C., 29 anos [...] *só em casa, quando eu tô em casa eu vou fazer um serviço por aqui mesmo, vou tirar um mexilhão, um caranguejo que é o serviço que as mulheres fazem.*

Na mesma proporção, 11,7% estão: a) Desempregados, aguardando uma oportunidade de trabalho e esperando renovar contrato em um programa público conforme explica a jovem a seguir: *Olha, no momento a gente tá parado, mas parece que vai começar terça-feira de novo no Mais Educação que deu um tempo esses dias e vai começar de novo* (D. K. F. G., 26 anos). A jovem N. S. L., 21 anos também expressa sua situação: *Ah, eu quero tá só no meu trabalho casa de família ou comércio, loja, só isso*; b) Dependem da renda dos pais: - aposentadoria do pai, tem três filhas e estuda. Outro jovem também depende de renda dos pais, neste caso o Benefício Social da mãe; c) Realizando curso profissionalizante; d) Estudam. Ver Tabela 54.

Tabela 54 – Razões por que os jovens de Vila do Bonifácio não trabalham

RAZÕES POR QUE NÃO TRABALHA	FREQ.	%
Cuida da casa e dos filhos/ajuda a mãe em casa	9	53,2
Vive da aposentadoria/benefício do pai/mãe	2	11,7
Desempregado	2	11,7
Fazendo curso profissionalizante	2	11,7
Estuda	2	11,7
TOTAL	17	100

Fonte: Pesquisa de campo (2015)

Socialização para a pesca

Foram levantados, também, dados sobre como se deu o início dos jovens na vida laboral. Vale ressaltar no caso dos pescadores, que sua prática corrobora o que tem sido ressaltado na literatura como característica dos povos pescadores, ou seja, o início já na infância ou adolescência, evidenciando que o envolvimento na atividade passa por um processo de socialização, no sentido de ir muito além do aprendizado técnico. Isso fica claro nos cinco depoimentos a seguir, dentre os quais o de uma jovem que, aos 14 anos trabalhava em porto. Nos depoimentos, há ênfase na importância da prática da pesca familiar, referida no item anterior. Inclusive, para os jovens, a participação como “ajudantes” do pai pescador, pode ser entremeada com embarques em outras tripulações, como indica a fala de dois irmãos E. F. R., 20 anos que diz: *Desde pequeno eu pesco com o papai* e E. F. R., 21 anos:

Eu comecei a pescar, acho que eu tinha assim uns cinco anos. Eu comecei a pescar criança, ainda com meu pai, aí eu fui me acostumando, estudava, aí num tinha aula, eu ia pescar. Até que um tempo resolvi parar, aí tô

ajudando meu pai agora, as vez pesco com ele, quando não, saio em embarcação (E. F. R., 21 anos).

O aprendizado da arte de pescar iniciou para o jovem M. S. R. com um membro de sua família com tradição na pesca - seu avô e, após o falecimento deste, continuou com o tio. Essa socialização para a pesca, neste caso, foi envolvida por relações subjetivas de confiança e afeto típicas da socialização primária, conforme analisam Berger e Luckmann (2004), na medida em que essas relações são carregadas de emoções diversas, por exemplo, da socialização secundária. Daí, pode-se conjecturar que ele “tomou o gosto pela pesca” por ter sido introduzido nessa atividade laboral por seus familiares, ao ponto de interromper os estudos. Isto não significa que o ganho imediato de um valor monetário não tenha tido peso nessa escolha, no sentido da racionalização do ator que dá sentido a suas ações. A seguir, a fala do jovem:

[...] com 13 anos eu comecei a trabalha na pescaria com meu avô, tive que parar [os estudos], aí eu tomei gosto pelo trabalho e pra ganhar dinheiro, e comecei a pescar. Meu avô faleceu e pesco com o meu tio e até hoje eu tô nesse ramo. Trabalho pra mim mesmo pesco aqui perto nessa parte aqui do mar, vou e volto todo dia [pesca na barra] (M. S. R., 20 anos).

O envolvimento da pesca desde a infância não atinge somente os meninos, mas também as meninas, conforme explica a jovem: *Já trabalhei no porto, com 14 anos* (V. S. S., 24 anos).

Merece também ser registrado casos de jovens que saíram da pesca e depois retornaram a essa atividade laboral. Deixaram de pescar para se dedicar aos estudos. O exemplo do jovem F. O. T. mostra bem esse movimento, pois deixou de pescar, concluiu o Ensino Médio. Após isso, sem perspectiva de continuar os estudos, retornou à pesca. Assim ele se expressa: *Concluí o ensino médio e não deu pra continuar porque eu num tinha como pagar um curso. Então voltei pra pesca* (F. O. T., 21 anos).

Trabalho anterior

No intuito de verificar atividades laborais anteriores indagou-se aos entrevistados sobre trabalhos realizados. A maioria, 66,6%, responderam afirmativamente em contraposição a uma minoria, 8,8% que disseram não ter trabalhado anteriormente. O correspondente a 24,6% não forneceram esta informação. Esse quadro mostra que o trabalho é parte integrante do modo de vida do jovem da Vila do Bonifácio, conforme mostra a Tabela 55.

Tabela 55 – Exercício de trabalho anterior dos jovens da Vila do Bonifácio

TRABALHO ANTERIOR	FREQ.	%
Sim	38	66,6
Não	5	8,8
Sem informação	14	24,6
TOTAL	57	100

Fonte: Pesquisa de campo (2015)

A Tabela 56 identifica o tipo de trabalho que o entrevistado tinha exercido no passado. Aqui também se confirma a predominância de atividades ligadas com a pesca: 25 jovens, mais duas jovens que trabalharam como marisqueiras e uma jovem que trabalhara em porto com carregamento de pescado. Isto é, 66,7% haviam se ocupado nesses trabalhos. Em atividades fora da pesca aparecem o trabalho nas pousadas da praia de Ajuruteua, ligadas ao turismo, o trabalho doméstico, ações em programas governamentais, atividades do setor de serviços, e no setor do comércio totalizando 33,3%.

Tabela 56 - Tipo de trabalho anterior da Vila do Bonifácio

TRABALHO ANTERIOR	FREQ.	%
Pesca	25	59,6
Marisqueira	2	4,7
Porto	1	2,4
Subtotal I	28	66,7
Pousada	4	9,5
Trabalho doméstico	4	9,5
Projeto Governo Mais Educação	2	4,7
Atendente	1	2,4
Loja	1	2,4
Malharia	1	2,4
Carpinteiro/pedreiro	1	2,4
Subtotal II	14	33,3
Subtotal III	42	100
Não	7	
Sem informação	11	
TOTAL	60	

Fonte: Pesquisa de campo (2015)

Identificação documental

Segundo analista ambiental do ICMBio, uma das dificuldades para que os beneficiários tenham acesso aos programas sociais é a falta de documentos pessoais, ele diz:

Em Santarém Novo teve dificuldade de documentação, porque exigem uma série de documentos e a gente chega lá e, às vezes, os jovens não têm. Só tem mais o título e RG [...] As 20 (vinte) vagas pra esse PRONATEC lá foram muito difíceis de serem preenchidas por causa [da falta] de documentos (W. F., analista do ICMBio).

No entanto, dentre os jovens da Vila do Bonifácio, a maioria tem os documentos básicos para a sua circulação pela burocracia da sociedade com uma média de 75,4%. A

Carteira de Identidade ou RG (Registro Geral) é o documento mais frequente entre eles, representando 84,2%, seguida de perto pela Certidão de Nascimento na proporção de 82,5%. O CPF (Cadastro de Pessoa Física) é o terceiro documento mais frequente entre os jovens representando 75,4%, seguido pelo Título de Eleitor com 71,9% e a Carteira de Trabalho com 63,1%. Do total de jovens do sexo masculino, 57,1% têm Carteira de Reservista. E, do total de jovens que estudam 66,7% têm Carteira de Estudante (Tabela 57).

Tabela 57 – Documentos que os jovens de Vila do Bonifácio possuem

DOCUMENTOS	SIM		NÃO		TOTAL	
	FREQ.	%	FREQ.	%	FREQ.	%
Carteira de Identidade	48	84,2	9	15,8	57	100
Certidão de Nascimento	47	82,5	10	17,5	57	100
CPF	43	75,4	14	24,6	57	100
Título de Eleitor	41	71,9	16	28,1	57	100
Carteira de Trabalho	36	63,1	21	36,9	57	100
Carteira de Reservista*	16	57,1	12	42,9	28	100
Carteira de Estudante**	12	66,7	6	33,3	18	100

*Percentual em relação aos homens

** Percentual em relação aos que estudam

Fonte: Pesquisa de campo (2015)

Equipamentos de saúde e rede de apoio

Buscando identificar a rede social de apoio e os equipamentos sociais acessados pelos jovens da Vila do Bonifácio, perguntou-se a eles quem e o que procuram quando estão doentes. A primeira opção é o tratamento com remédio caseiro no âmbito familiar, citado 35,4% vezes. Assim explica o jovem: *É, a gente, quando eu tô doente, é remédio caseiro. Quando não, vou ao Posto de Saúde* (G. M. B., 28 anos).

O Posto de Saúde da Vila foi o segundo suporte mais citado, com 28,3%, mesmo com críticas, é um equipamento social que vem sendo acessado pela comunidade conforme explica a jovem: *Posto de Saúde, dependendo da doença né, a gente faz muito remédio caseiro. Se for coisa mais grave vai no hospital* (A. S. F. S., 26 anos).

O apoio de um membro da família foi citado na proporção de 19,5%. Destaque para a mãe e, em seguida, para o pai, conforme afirma o jovem: *Eu recorro ao meu pai, ele manda comprar remédio. Não vou no Posto porque tenho medo de injeção, uso remédio caseiro* (F. O. T., 21 anos).

Há também a opção de suportes conjugados e por grau de necessidade: remédio caseiro, posto de saúde, hospital em Bragança público ou particular. Se a doença for mais

grave procuram a rede de serviço público de saúde - o posto de saúde, que, por sua vez, encaminha para Bragança.

Primeiro nós procura o caseiro, eu mesma. Depois se num resolve nada, eu procuro o da farmácia, e se num resolve também o da farmácia eu procuro o hospital em Bragança. No Posto não. Às vezes que venho de manhã, chega lá pra tomar vacina, num tem. Passa mês e mês pra pessoa tomar vacina. Pra se consultar tem que ser de 'cara escolhida', aí nem bem chegam já vão embora. À tarde tem gente que pesca, se fura de anzol e num tem ninguém, tá fechado. Só funciona 24h as vez nas férias, mês de julho (M. L., 29 anos).

Foi citado também, com 11,5% a opção de se encaminhar diretamente a Bragança, pois são críticos com o atendimento do posto de saúde local, que não funciona 24 horas, conforme explica um jovem: *Eu num recorro a ninguém não, é só o pouco que eu tenho a gente recorre por aqui mesmo. Eu vou no Posto é mesmo que num ir, mas ante ir a Bragança pagar uma consulta de que a gente ir no Posto que eles num dão jeito. Remédio caseiro é o que mais a gente usa (R. M. S., 25 anos).*

Buscar recursos diretamente na farmácia foi citado na proporção de 4,4% e, por último, com 0,9% das citações os recursos de uma benzedeira com seus conhecimentos sobre propriedades curativas de ervas e unguentos.

Em resumo, a comunidade recorre as opções disponíveis e de acordo com as possibilidades de cada um. O posto de saúde encontra-se revitalizado e é dirigido por um profissional da área de Saúde. Realiza medicina preventiva, por meio de vacinas e exames clínicos, segundo explicou uma das enfermeiras. O posto também é procurado para fazer curativos e atendimentos de primeiros socorros. A fala a seguir expressa a situação do suporte à saúde dos moradores da Vila: *É um pouco de cada porque somos pescador, somos pobre. Procura um pouco a ajuda do governo. Às vezes, é boa e as vezes num é lá essas coisas. Um pouco a família, um pouco do remédio caseiro que é provado que é bem feito (C. G. A. B., 26 anos).* Ver Tabela 58.

Tabela 58 – Suportes para doenças a que recorrem na Vila do Bonifácio

SUPORTE NA DOENÇA	FREQ.	%
Remédio caseiro	40	35,4
Posto de saúde da vila	32	28,3
Membros da família	22	19,5
Hospital em Bragança	13	11,5
Farmácia	5	4,4
Benzedeira	1	0,9
TOTAL	113	100

Fonte: Pesquisa de campo (2015)

Composição familiar dos jovens de Vila do Bonifácio

A composição da família dos jovens entrevistados na Vila do Bonifácio é, em sua maior parte, 41,5%, de 4,4 pessoas, em média. É a parcela de jovens que ainda mora com os pais e outros familiares, no papel de filho ou filha e sem filhos. Dentre esses, 24,4% têm família biparental e, com média de números de membros de 5,6 pessoas. Ainda nesse grupo, 5,1% vivem em famílias monoparentais masculinas, com média de número de membros de 4 pessoas. E, 3,5% vivem em famílias monoparentais femininas com média de número de membros de 4,5 pessoas. Há ainda nesse grupo, 5,1% de jovens que vivem em famílias recompostas, incluindo a figura do padrasto. O jovem se mantém ainda no papel de filho ou filha e sem filhos, com média de número de membros de 5 pessoas. E, completando esse grupo, há os jovens que vivem também na família de origem, somente com avós, no papel de neto ou neta, ainda sem filhos e representam 3,5%, com média de número de membros de 3 pessoas.

O segundo grupo é composto por jovens que já têm filhos e representam 12,1% e têm em média, 5 pessoas no núcleo familiar. Dentre esse grupo, encontram-se 5,1% que já têm filhos e moram com o pai, a mãe, irmãos, e, em um caso, com o marido. Vivem simultaneamente o papel de filho(a) e de pai (mãe). Nesse grupo a média do número de membros familiares é 6,7 pessoas. O correspondente a 3,5% vivem também na família de origem, somente com a mãe, os irmãos e os sobrinhos e já têm filhos. A média do número de membros é de 3,5 pessoas. Também nessa mesma proporção, 3,5% encontra-se o grupo que continua na família de origem, – mãe, padrasto e irmãos, tem filhos e a média do número de membros é 5 pessoas.

O terceiro grupo é caracterizado por morar separado da família de origem, com a família própria. É biparental e com filhos e representa 36,8%, com média de membros de 4 pessoas. E, o quarto grupo é também composto por família própria biparental sem filhos e representa 8,7% com média de 2 pessoas (Tabela 59).

Tabela 59 – Composição familiar dos Jovens da Vila do Bonifácio

MEMBROS DA FAMÍLIA	FREQ.	%	Subcategoria
Pai, mãe	1	1,7	
Pai, mãe, irmãos(ãs)	13	22,8	
Subtotal	14	24,5	
Pai, irmãos, tias, avós	3	5,3	
Subtotal	3	5,3	
Mãe, irmão, cunhado/a	2	3,5	
Subtotal	2	3,5	
Mãe, padrasto, irmão(ã), sobrinho	3	5,3	
Subtotal	3	5,3	
Avô, avó, primos	2	3,5	
Subtotal	2	3,5	42,2
Pai, mãe, irmãos(ãs), esposo, filhos(as), sobrinho	3	5,3	
Subtotal	3	5,3	
Mãe, filhos(as)	2	3,5	
Subtotal	2	3,5	
Mãe, padrasto, irmãos(ãs), filhos	2	3,5	
Subtotal	2	3,5	12,3
Marido, filhos(as), enteado	14	24,4	
Esposa, filhos(as)	7	12,3	
Subtotal	21	36,8	
Marido/esposa sem filhos	5	8,7	
Subtotal	5	8,7	45,5
TOTAL	57	100	100

Fonte: Pesquisa de campo (2015)

Configuração familiar dos jovens de Vila do Bonifácio

A configuração familiar mostra que a maioria, 49,1% é composta de jovens casados com filhos e solteiros com filhos. Os solteiros sem filhos somam 42,2% e os casados sem filhos 8,7%. Se somar os casados – com ou sem filhos e os solteiros com filhos têm-se 57,8% (Tabela 60). Esse dado será importante para compreender o peso do casamento e da maternidade ou paternidade sobre a juventude (Capítulo 4).

Tabela 60 – Configuração familiar dos jovens de Vila do Bonifácio

CONFIGURAÇÃO FAMILIAR	FREQ.	%
Solteiros(as) sem filhos	24	42,2
Casados(as) com filhos(as), solteiros(as) com filhos(as)	28	49,1
Casados(as) sem filhos	5	8,7
TOTAL	57	100

Fonte: Pesquisa de campo (2015)

Trabalho dos membros familiares

Entre os membros da família que trabalham, o pai e o padrasto representam 30,5%, com atividade majoritariamente na pesca. A pesca perpassa por todas as famílias dos jovens entrevistados, às vezes envolvendo somente um membro da família e, às vezes, envolvendo o grupo ou parte dele, conforme explica a jovem:

Meu pai trabalha na pesca e nós ajudamos ele. Eu e minhas irmãs vamos pro mar. Aqui em casa é a casa das 5 mulheres [risos] eu ajudo meu pai, porque meu pai num tem filho homens e só somos nós e, como gastamos muito, ai eu num tô estudando e ajudo ele, de curral, de pesca aqui no rio mesmo, camarão, caíca, essas pescarias (L. F. M., 20 anos).

A mãe aparece em segundo lugar com 25,9%, conjugando as tarefas domésticas e o trabalho como marisqueira. O marido representa 17,7% no total dos membros que trabalham. A dedicação maior também é na pesca. A irmã representa 9,4% e se dedicam a trabalhos em pousadas na praia de Ajuruteua. O irmão, na proporção de 8,3% se dedica majoritariamente na atividade de pesca. A esposa representa 7% e se dedicam a atividades em casa, em pequenos comércio e venda de variedades. Conjugam suas tarefas com a atividade de marisqueira e serviços gerais nas pousadas da praia de Ajuruteua. Por último aparece a figura do avô com 1,2% dedicado a atividade na pesca (Tabela 61).

Tabela 61– Trabalho dos membros da família dos jovens da Vila de Bonifácio

PARENTESCO	TRABALHO	FREQ.	%
Pai/padrasto	- Pescador	19	22,4
	- Marreteiro	2	2,3
	- Benefício	2	2,3
	- Comércio em casa	1	1,2
	- Aposentado da pesca/pedreiro	2	2,3
	Subtotal Pai/Padrasto	26	30,5
Mãe	- Em casa e marisqueira	17	20,0
	- Costureira	2	2,3
	- Servente no posto de saúde	1	1,2
	- Lava roupa para terceiros	1	1,2
	- Benefício	1	1,2
	Subtotal Mãe	22	25,9
Marido	- Pescador	9	10,6
	- Pedreiro, carpinteiro	3	3,5
	- Benefício (doente)	1	1,2
	- Vendedor de água, carpinteiro, outros	1	1,2
	- Conserta redes de pesca	1	1,2
	Subtotal Marido	15	17,7
Irmã	- Serviço gerais em pousada	5	5,8
	- Venda de variedades	1	1,2
	- Vendedora em um mercadinho	1	1,2
	- Marisqueira	1	1,2
	Subtotal Irmã	8	9,4
Irmão	- Pescador	6	7,1
	- Grafite em roupas	1	1,2
	Subtotal Irmão	7	8,3
Esposa	- Atividades domésticas e marisqueira	3	3,5
	- Venda de variedades/lanchonete	2	2,3
	- Pousada	1	1,2
	Subtotal Esposa	6	7,0
Avô	- Pescador	1	1,2
	Subtotal Avô	1	1,2
	TOTAL	85	100

Fonte: Pesquisa de campo (2015)

Situação da casa

Entre os benefícios concedidos para os moradores e usuários da RESEX, encontra-se o Crédito Moradia, destinado à aquisição da casa própria por meio do INCRA. A maior parte das casas, 49,2%, foram construídas com recursos próprios da família, o que parece, na fala dos entrevistados, ser motivo de orgulho como comenta o jovem: *A nossa casa é própria mesma, nós que fiz, com suor* (E. F. A., 20 anos), assim também se manifesta outro jovem: *A nossa casa é própria, foi suor dos meus pais* (L. S. G., 19 anos). Nestes casos, parece haver certo sentimento de empoderamento por não ter sido necessário depender do benefício. Isso pode significar que eles não o veem como um direito, no âmbito de uma política pública, mas como uma “dáviva”.

A segunda situação que corresponde a 45,6% diz respeito às casas que foram adquiridas pelo Crédito Moradia, administrado pelo INCRA e, aos poucos, foram sofrendo modificações com recursos próprios da família. Essas modificações ocorreram principalmente nas casas que ainda foram construídas via INCRA na antiga Vila dos Pescadores, cujos moradores, em razão do assoreamento da praia, mudaram-se para a atual Vila do Bonifácio. Nessa mudança, as casas foram demolidas e parte da madeira se deteriorou sendo necessário complementar com recursos próprios a nova construção. Então, existem casas com parte construída pelo benefício do INCRA e parte pelo próprio morador, conforme explica o jovem: *A nossa casa é própria. A da praia era do INCRA e, quando a gente se mudou pra cá, trouxemos parte do material pra construir esta* (M. C. S., 19 anos).

Já no modo inverso, aparecem aqueles que criticam a concessão do benefício por não terem sido contemplados com a casa, passando a ideia de terem sido excluídos como expressa o jovem: *Uma vez eu coisei esse negócio do INCRA, mas nunca chegou a minha casa* (C. C. M., 29 anos).

Um aspecto interessante a destacar é a existência de jovens que, já casados e com filhos, vivem no mesmo terreno que os pais ou sogros, em sua moradia própria, compartilhando energia elétrica, água, instalações sanitárias e rede de apoio que a casa dos pais proporciona. *Nós moramos aqui mesmo, nessa casinha atrás da casa do meu sogro* (A. C. B. S., 24 anos). Apenas 1,7% moram em casa alugada e 3,5% não forneceram este dado (Tabela 62).

Tabela 62 – Situação da casa dos jovens de Vila do Bonifácio

SITUAÇÃO DA CASA	FREQ.	%
Própria com recursos da família	28	49,2
Própria pelo projeto do INCRA	26	45,6
Alugada	1	1,7
Sem informação	2	3,5
TOTAL	57	100

Fonte: Pesquisa de campo (2015)

b) Caracterização dos jovens de Vila Que Era

Jovens de Vila Que Era por sexo

Conforme foi apresentado na contagem e na caracterização dos jovens de Vila do Bonifácio, também em Vila Que Era há prevalência do sexo masculino, segundo consta na contagem dos jovens de Vila Que Era, item 3.1.2. Contudo, entre os 23 (vinte e três) jovens entrevistados para elaboração desta caracterização, as mulheres são maioria, 56,5% em relação aos homens, 43,5%. Isso ocorreu porque no momento da coleta, alguns jovens incluídos na amostra não se encontravam na vila, sendo substituídos por aqueles que estavam presentes, não sendo possível manter a proporção de homens e mulheres inicialmente prevista (Tabela 63).

Tabela 63 – Jovens da Vila Que Era por sexo

SEXO	FREQ.	%
Feminino	13	56,5
Masculino	10	43,5
TOTAL	23	100

Fonte: Pesquisa de campo (2015)

Jovens de Vila Que Era por idade

Quanto à idade, a faixa etária com o maior número de jovens, 39,2%, é a de 18 a 20 anos. A segunda faixa mais frequente é a de 21 a 23 anos, com 21,7%. Essas duas faixas concentram a maior parte dos jovens somando 60,9%, seguindo a mesma tendência dos dados da contagem dos jovens de Vila Que Era, apresentada no item 3.1.2. A faixa etária de 27 a 29 anos corresponde a 21,7% e, a terceira faixa – de 24 a 26 anos 17,4%. Ver Tabela 64.

Tabela 64 – Jovens de Vila Que Era por faixa etária

FAIXA ETÁRIA	FREQ.	%
De 18 a 20 anos	9	39,2
De 21 a 23 anos	5	21,7
De 24 a 26 anos	4	17,4
De 27 a 29 anos	5	21,7
TOTAL	23	100

Fonte: Pesquisa de campo (2015)

Jovens de Vila Que Era por situação de estudo

Quanto à frequência à escola a maioria dos jovens de Vila Que Era, 60,9% não estava indo à escola no período da pesquisa de campo. Apenas 39,1% frequentavam. Esse quadro está muito próximo da situação dos jovens da Vila do Bonifácio, respectivamente 68,4% e 31,6% havendo, contudo, maior frequência à escola na Vila Que Era.

Pela Tabela 65, nota-se a correlação com os jovens da área rural do país (dados de 2010) que frequentam a escola há a mesma tendência que a encontrada na Vila do Bonifácio, ou seja, a frequência à escola na Vila Que Era é maior, com a ressalva de que são dados de períodos diferentes.

Tabela 65 – Jovens da Vila Que Era e do Brasil rural por situação de escolaridade

ESTUDA	VILA QUE ERA		BRASIL	
	FREQ.	%	FREQ.	%
Sim	9	39,1	1.113.425	18,7
Não	14	60,9	4.844.270	81,3
TOTAL	23	100	5.957.695	100

Fontes: Pesquisa de campo (2015) e IBGE (2010)

Dentre os que não frequentavam a escola a maior parte, 64,3% concluiu o ensino médio e ainda não ingressou em uma universidade. Esse é o maior “gargalo” para os jovens em relação à continuação dos estudos. Deve-se considerar que, para uma parcela desses jovens, concluir o ensino médio representa ter chegado ao final dos estudos escolares. Neste sentido, é o que representa de maior alcance dentro de suas “expectativas de classe” conforme já foi abordado no item 3.2.1.

Jovens de Vila Que Era por série que estuda

A maior parte dos jovens, 33,3%, encontram-se cursando as últimas séries do ensino fundamental, precisamente a 7^a e a 8^a séries e, na mesma proporção, o ensino médio. Esse quadro local segue a mesma tendência nacional que concentra 34% de jovens da área rural no Ensino Fundamental. Já os alunos que cursam o ensino médio em Vila Que Era somam também 33,3%, abaixo daqueles que cursam esse nível de ensino em âmbito nacional que é de 45,8%. No ensino superior em Vila Que Era são 22,2%, especificamente nos cursos de Matemática e Pedagogia no *Campus* da Universidade Federal do Pará, em Bragança e, em regime de educação a distância, na FAPEDE. Essa proporção de jovens no Ensino Superior de Vila Que Era está acima da parcela de jovens da área rural que é de 14,6%, conforme apresentado no item 3.2.1. Completando o quadro do nível de escolaridade dos jovens de Vila

Que Era, o equivalente a 11,1% frequenta um curso técnico de Enfermagem. O correspondente a 60,9% não estavam estudando no momento da pesquisa (Tabela 66).

Tabela 66 – Jovens de Vila Que Era por série que estudam

SERIE ESTUDADA	FREQ.	% Relativo	% Total
7 ^a série do ensino fundamental	1	11,1	
8 ^a série do ensino fundamental	1	11,1	
7 ^a e 8 ^a série do ensino fundamental	1	11,1	
Subtotal Ensino fundamental	3	33,3	
1 ^a e 2 ^a série ensino médio - EJA	1	11,1	
3 ^a série ensino médio completo	2	22,2	
Subtotal Ensino médio	3	33,3	
1 ^o ano do ensino superior	2	22,2	
Subtotal Ensino superior	2	22,2	
Curso técnico de Enfermagem	1	11,1	
Subtotal Curso técnico	1	11,1	
Subtotal	9	100	39,1
Não se aplica	14		60,9
TOTAL	23		100

Fonte: Pesquisa de campo (2015)

Distorção idade \times série dentre os jovens de Vila Que Era que estudam

Considerando que todos os entrevistados são pessoas acima de 18 anos e que, nessa idade, já deveriam ter concluído o ensino médio⁴⁰, a distorção série \times idade dentre os jovens de Vila Que era que estudam é, em média, de 5,5 anos, um pouco menor do que a da Vila do Bonifácio, que é de 5,8 anos. A maior distorção idade \times série é de 10 anos, também menor do que a da Vila do Bonifácio, que é de 12 anos. Trata-se de duas jovens. A primeira uma jovem de 29 anos que interrompeu seus estudos porque constituiu família. Ela tem marido e duas filhas. Não perdeu as esperanças de retornar os estudos, o que ocorreu com o ensino a distância estudando Pedagogia. A outra jovem tem 28 anos, nasceu no sítio da avó. Com sete anos foi para Vila Que Era, estudou na escola da Vila – Escola Estadual de Ensino Fundamental César Pereira. Em seguida foi morar com uma tia em Bragança. Viveu em casa de terceiros como trabalhadora doméstica, passou por várias escolas, repetiu séries e, por fim, concluiu o ensino médio. Encontra-se frequentando um curso técnico de Enfermagem.

A menor distorção é de 2 anos, maior do que na Vila do Bonifácio, que é de 1 ano. É uma jovem de 19 anos, solteira, sem filhos e mora com os pais. Está cursando o 3^o ano do ensino médio na Escola Estadual de Ensino Fundamental Argentina Pereira, em Bragança.

⁴⁰ Disponível em: http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/passos_a_passos_versao_atual_16_setembro.pdf

Essa distorção deveu-se a duas repetências da 8ª série, que, segundo ela, lhe faltava o conhecimento necessário para acompanhar os estudos (Tabela 67).

Tabela 67 – Distorção idade x série dentre os jovens de Vila Que Era que estudam

DISTORÇÃO	FREQ.	%
2 anos	1	11,2
3 anos	2	22,2
5 anos	2	22,2
6 anos	2	22,2
10 anos	2	22,2
TOTAL	9	100

Fonte: Pesquisa de campo (2015)

Jovens de Vila Que Era por série que pararam de estudar

A distorção série x idade ocorre também entre os jovens que interromperam os estudos. A maioria, 57,2% o fez no ensino médio, dos quais, 42,8% concluindo esse nível escolar. É comum a referência de que com o término desse nível já “concluíram” os estudos. Trata-se de situação semelhante abordada no item 3.2.1, explicada pela noção de *habitus* em Bourdieu, e expectativa de classe. O correspondente a 42,8% deixou os estudos ainda no ensino fundamental, como se observa na Tabela 68.

Tabela 68 – Jovens de Vila Que Era por série que pararam de estudar

SÉRIE QUE PAROU DE ESTUDAR	FREQ.	%	% Relativo
4ª série do ensino fundamental	1	4,3	7,1
5ª série do ensino fundamental	1	4,3	7,1
6ª série do ensino fundamental	2	8,9	14,4
8ª série do ensino fundamental	1	4,3	7,1
Escola agrícola - Ensino fundamental	1	4,3	7,1
Subtotal Ensino fundamental	6	26,1	42,8
1º ano do ensino médio	2	8,9	14,4
Concluiu o ensino médio	6	26,1	42,8
Subtotal Ensino médio	8	35,0	57,2
Total dos que pararam de estudar	14		100
Não se aplica	9	38,9	
TOTAL	23	100	

Fonte: Pesquisa de campo (2015)

Distorção idade x serie dentre os jovens de Vila Que Era em que pararam os estudos

Entre os jovens que interromperam os estudos a menor distorção é de 3 anos, maior do que a dos jovens da Vila do Bonifácio, que é de 2 anos. A maior é de 15 anos, menor do que a dos jovens da Vila do Bonifácio, que é de 18 anos. A média é de 9,5 anos de distorção, situando-se na mesma proporção da dos jovens da Vila do Bonifácio (Tabela 69).

Tabela 69 – Distorção idade x série entre os que não estudam

DISTORÇÃO	FREQ.	%
3 anos	2	14,3
5 anos	1	7,1
8 anos	2	14,3
9 anos	2	14,3
10 anos	1	7,1
11 anos	1	7,1
12 anos	3	21,6
13 anos	1	7,1
15 anos	1	7,1
TOTAL	14	100

Fonte: Pesquisa de campo (2015)

Em uma escala de 5 em 5 anos, a maior incidência ocorre na faixa de 10 a 15 anos, com 42,9%. Seguida pela faixa de 6 a 10 anos com 35,7% e, por fim, a faixa de 1 a 5 anos, com 21,4%. Neste grupo de jovens de Vila Que Era, dos que interromperam os estudos a distorção é maior do que entre os que ainda estudam, situação semelhante aos jovens da Vila do Bonifácio (Tabela 70).

Tabela 70 – Distorção idade x série entre os jovens de Vila Que Era que não estudam por faixa de distorção

FAIXA DE DISTORÇÃO	FREQ.	%
De 10 a 15 anos	6	42,9
De 6 a 10 anos	5	35,7
De 1 a 5 anos	3	21,4
TOTAL	14	100

Fonte: Pesquisa de campo (2015)

Os jovens com menor distorção, 3 anos, são aqueles com menor idade nesse grupo, 20 anos, do sexo masculino. O perfil de um deles é: tem 20 anos, é solteiro sem filhos e vive com os pais. Repetiu uma vez a 5ª e a 6ª séries, o que atribuiu às dificuldades no transporte da Vila para Bragança e à sua atração por jogos de futebol e vídeo game, subtraindo as horas para o estudo. Desde criança ajuda os pais na roça da família que produzem para o consumo próprio. Atualmente trabalha como caseiro de um sítio em Juquiri para pagar um cursinho de vestibular (G. A., 20 anos). O outro jovem, L. F. M. M., também tem 20 anos e é casado na expectativa de nascer o primeiro filho. Nasceu em um sítio que pertence à avó, trabalhou na roça e na pesca somente para o consumo da família. Atualmente trabalha com vendedor na feira de Bragança. Não tem expectativa de voltar a estudar, seu objetivo é conseguir um trabalho melhor para sustentar a família.

Jovens com maior distorção 11 a 15 anos são os que têm maior idade entre o grupo: 23, 24, 27, 26 e 28 anos. Os de 23 e 24 anos pararam de estudar muito cedo, ainda no ensino fundamental e os de 26, 27 e 28 anos também nos ensinos fundamental e médio. A jovem

com maior distorção parou de estudar na 4^a série do ensino fundamental, e assim ela se expressa: *Eu parei porque num deu mais pra mim estudar, meu pai não conseguiu mais trabalhar pra dar os estudos pra gente* (L. F. R., 24 anos). As dificuldades, como ela mesma diz “foram tantas” que ela repetiu três vezes a 3^a série do ensino fundamental. Com 12 anos foi para o trabalho doméstico em Bragança que perdurou por 10 anos. Atualmente é casada, o marido é pescador e o casal tem três filhas.

Motivos para interromper os estudos entre os jovens de Vila Que Era

Esses níveis de distorção refletem inúmeras dificuldades para a interrupção dos estudos. A maior dificuldade apresentada entre os jovens de Vila Que Era, com 23,8%, foi a impossibilidade financeira de custear a frequência a um curso preparativo ao vestibular, conforme afirma a jovem: *Porque não tinha condição, meu pai tem roça. A gente num tinha condições de tá na faculdade, cursinho, essas coisas. Aí no interior, né, negócio de ônibus é mais difícil pra gente* (A. C. A., 29 anos). Da mesma forma o jovem afirma: *Concluí o 3^o ano [ensino médio] e não estou estudando pro vestibular. No momento é o meu trabalho e, a minha expectativa, é de conseguir um trabalho melhor porque você sabe hoje em dia as coisa tão muito difícil pra gente sobreviver, agora eu tenho uma família e, se a gente não tiver um bom trabalho, né* (L. F. M. M., 20 anos). Ainda sobre a dificuldade de fazer um curso preparatório ao vestibular outro jovem afirma: *Porque tava muito ruim aqui, tava muito difícil as coisas pra fazer o vestibular* (D. R. J., 21 anos).

Em seguida aparece a dificuldade de transporte coletivo para a frequência à escola na sede do município, com 19% das citações como pode ser confirmado na fala da jovem a seguir: *Parei porque encontrei dificuldade pra estudar devido o transporte. O primeiro semestre carregava[transportava] e, no segundo semestre, não carregava mais. A gente tinha que ir pra casa de alguém pra ficar [em Bragança]. Eu achei dificultoso e parei* (J. S. R. C., 28 anos).

Outra jovem acrescenta: *Muitas das vezes problemas de transporte que, as vez, num tinha. Dia de prova o ônibus não vinha buscar. Aquilo complicava a gente tanto no transporte quanto nos nossos estudos* (T. B. S., 19 anos). Na mesma proporção aparece o trabalho se superpondo aos estudos, conforme afirma o jovem: *Deixei de estudar pra poder trabalhar* (A. M. F. F., 27 anos). Ainda, na mesma proporção, 19%, encontra-se a dificuldade de acompanhar os estudos, marcados por sucessivas repetições de séries até a desistência. Assim, a jovem afirma: *Porque [risos] o mais difícil era a Matemática e todo tempo eu ficava* (J. C. S., 26 anos). A gravidez e a constituição de família também aparecem como fatores que

levaram à interrupção dos estudos, com 14,3% das citações, conforme afirma a jovem: *Eu engravidei, então eu num pude mais estudar porque tenho meu filho para cuidar* (E. S. S., 24 anos) (Tabela 71).

Todas essas razões são semelhantes às apresentadas pelos jovens da Vila do Bonifácio para interromper os estudos, podendo-se inferir que as dificuldades não são de âmbito pessoal, mas na esfera do social que envolve os jovens da RESEX.

Tabela 71 – Motivo para não estudar entre os jovens de Vila Que Era

MOTIVO QUE PAROU	FREQ.	%
Impossibilidade de custear curso para vestibular	5	23,8
Falta de transporte	4	19,0
Trabalho	4	19,0
Sucessivas repetências	4	19,0
Gravidez e cuidados com a família	3	14,3
Dificuldade financeira dos pais	1	4,8
TOTAL	21	100

Fonte: Pesquisa de campo (2015)

Escolas frequentadas pelos jovens de Vila Que Era

De forma a compreender melhor essas dificuldades, identificaram-se as instituições de ensino frequentadas pelos jovens que estudam e os que não estudam.

A escola mais frequentada pelos alunos de Vila Que Era é a Escola de Ensino Fundamental e Médio Profa. Yolanda Chaves, em Bragança, congregando 26,2% dos alunos. É considerada uma escola boa, mas com algumas dificuldades, conforme atestam os depoimentos a seguir: *Uma ótima escola* (J. A., 18 anos); *Mais ou menos, não adequadamente devido as greves. Nós alunos somos muito prejudicado, atrasa muito os estudos. Quando voltava aula normal era muita correria. Tinha muitas dificuldades mesmo. Querer estudar tinha que ter boa vontade. Os professores são ótimos, a estrutura do colégio maravilhosa* (G. A., 20 anos); *Pra falar que 100% não é, mas 80% por aí assim. Algumas coisas deixava a desejar dentro do ensino escolar. Sobre outras partes é uma escola boa, tinha bons professores, se davam bem com os alunos, então uma boa escola* (L. F. M. M., 20 anos); *Feia, feinha, num tinha salas certas, estudava em salas rachadas, telhados em pedaços, aí ajeitaram. Num é 100%, mas melhorou um pouco* (F. J. G., 24 anos).

A jovem T. B. S., 19 anos faz uma crítica mais detalhada, ela diz:

Ela era um pouco boa e também um pouco ruim. Os professores, a maioria eram bons e o resto era corruptos que chamavam, muitas das vez, a gente de burro, gritavam em cima da gente, queriam ser mais do que os nossos pais, mas a gente tinha que respeitar porque estava na escola, não era na casa da gente. Em termos de infraestrutura era tudo normal, só a água que não,

vinha da cor de barro e, às vezes, tinha que tomar a água só um dedo, tinha que deixar pros outros. Às vezes nem chegava a água. Tinha biblioteca.

A Escola Estadual de Ensino Fundamental Argentina Pereira absorve 17,5% dos alunos de Vila Que Era, também em Bragança. Na opinião dos alunos é uma boa escola, eles dizem: *Era boa, muito boa, agora ficou melhor* (M. A. F., 23 anos); *Era boa, foi lá que eu aprendi a ler* (P. J. S. S., 23 anos); *Eu acho assim que eles deveriam ajeitar, né, porque a condição que ela está, não é uma condição para os alunos que ela oferece. Aí eu queria que o governo pudesse assim é tomar uma atitude assim de ajeitar o colégio, reformar* (R. T. C., 20 anos).

A Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Albino Cardoso, localizada na Vila do Caratateua, Bragança congrega 8,8% dos alunos de Vila Que Era. Na opinião dos alunos essa escola é: *Era simples. Antes não tinha asfalto, num tinha lajota, não tinha nada, agora já tem. Agora tem sete salas, quando eu estudava tinha só três* (L. F. R., 24 anos); *Gostava, era legal os professores uns eram legal outros não. A gente ia levando, nem todas às vezes tinha lanche, tinha a biblioteca, tinha as salas bem mesmo bacana, tinha a sala da leitura* (E. S. S., 24 anos).

Nessa mesma proporção, 8,8%, aparece a Escola Estadual de 1º Ensino Fundamental Augusto Corrêa, próxima de Vila Que Era. Para os alunos que a frequentaram consideram: *Eu acho bacana a escola* (J. M. S., 20 anos); *Foi melhor do que as outras, não era puxado que nem as outras* (D. R. J., 21 anos).

Com 4,3% aparecem igualmente as escolas: - Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Prof. Bolívar Bordallo da Silva, que na opinião de L. M. S., 28 anos é: *Escola muito boa, professores muito bons*; Casa da Amizade que, conforme a aluna A. C. S., 19 anos é: *Como é que eu vou dizer, é ótimo a escola, os professores são bacanas*; Escola Estadual de Ensino Fundamental César Pereira, na Vila Que Era referida pelo aluno A. M. F. F., 27 anos como: *Quando eu estudava era bom. Tinha que trabalhar*; Escola Agrícola segundo J. C. S., 26 anos: *Boa, acho que os professores eram legais para explicar a matéria*; Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Padre Luiz Gonzaga que, segundo a aluna J. S. R. C., 28 anos: *Num era muito bom, mas era legal em questão de educação*; Paulino Marques na opinião de A. C. A., 29 anos: *Paulino, lá eu achava bom, os professores sabiam explicar, eu gostei demais, era bom*; o Campus da UFPA, em Bragança também foi avaliado pelo aluno J. F. C., 23 anos, que assim se refere: *Boa, estou só no começo, mas a universidade está muito boa mesmo e porque era um sonho entrar na UFPA, no momento está correspondendo as minhas expectativas*. Uma aluna, L. S. R., 29 anos, refere-se a sua faculdade na qual estuda a

distância: *Boa, porque as aulas são presencial, os professores estão lá. Como a gente trabalha na área de artesanato tem que trabalhar a semana pra gente se manter e manter a faculdade.* O correspondente a 4,3% não informou a escola (Tabela 72).

Tabela 72 – Estabelecimentos escolares frequentados pelos jovens da Vila Que Era

ESCOLA	FREQ.	%
Escola de Ensino Fundamental e Médio Profa. Yolanda Chaves	6	26,2
Escola Estadual de Ensino Fundamental Argentina Pereira	4	17,5
Escola Albino Cardoso	2	8,8
Escola Estadual de 1º Grau Augusto Corrêa	2	8,8
Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Prof. Bolívar Bordallo da Silva	1	4,3
Casa da Amizade	1	4,3
Escola Estadual de Ensino Fundamental César Pereira	1	4,3
Escola Agrícola	1	4,3
Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Padre Luiz Gonzaga	1	4,3
Escola Paulino Marques	1	4,3
UFPA- Campus Bragança	1	4,3
FAPEDE - a distância	1	4,3
Sem informação	1	4,3
TOTAL	23	100

Fonte: Pesquisa de campo (2015)

A maioria das escolas frequentadas pelos alunos, 73,8% localizam-se em Bragança. Outras localizam-se em municípios próximos: 8,8%, em Caratateua e, 8,8%, em Augusto Corrêa. Na escola da vila apenas 4,3%. Não informou a localidade 4,3%. As escolas frequentadas pelos jovens de Vila Que Era, com exceção da escola local são, em média, as mesmas frequentadas pelos alunos de Vila do Bonifácio, em Bragança, apenas com diferenças na distribuição dos alunos por escola (Tabela 73).

Tabela 73 – Escolas frequentados pelos jovens da Vila Que Era por local

ESCOLA	LOCAL	FREQ.	%
E. E. F. M. Yolanda Chaves	Bragança	6	26,2
E. E. E. F. Argentina Pereira		4	17,5
E. E. E. F. M. Prof. Bolívar Bordallo da Silva		1	4,3
E. E. E. F. M. Padre Luiz Gonzaga		1	4,3
FAPEDE (a distância)		1	4,3
UFPA- Campus Bragança		1	4,3
Casa da Amizade		1	4,3
Escola Agrícola		1	4,3
Escola Paulino Marques		1	4,3
Subtotal			17
Escola Albino Cardoso	Caratateua	2	8,8
Subtotal		2	8,8
Escola Estadual de 1º Grau Augusto Correa	Augusto Correa	2	8,8
Subtotal		2	8,8
E. E. F. César Pereira	Vila Que Era	1	4,3
Subtotal		1	4,3
Sem Informação		1	4,3
TOTAL		23	100

Fonte: Pesquisa de campo (2015)

Turno frequentado pelos jovens de Vila Que Era

O turno mais frequentado pelos alunos de Vila Que Era é o da tarde, com 78,3%. Essa predominância está relacionada à oferta de transporte escolar somente nesse turno. Pela manhã o transporte é particular, o aluno teria que arcar com as despesas desse transporte, assim, nenhum aluno estuda pela manhã. O turno da noite agrega 8,7% e o final de semana 4,3%. Há diferença em relação aos turnos frequentados pelos alunos de Vila do Bonifácio que estudam também pela manhã e à noite na escola da vila (Tabela 74).

Tabela 74 – Turno frequentado pelos alunos de Vila Que Era

TURNO	FREQ.	%
Tarde	18	78,3
Noite	2	8,7
Fim de semana	1	4,3
Sem informação	2	8,7
TOTAL	23	100

Fonte: Pesquisa de campo (2015)

Meio de transporte utilizado pelos Jovens de Vila Que Era para ir à escola

Os meios de transporte dos jovens de Vila Que Era para ir à escola são três: à pé; de bicicleta e de ônibus. Para aqueles que estudaram na escola da vila, em regime especial, o acesso é ir andando. Da mesma forma para os que estudam em escolas próximas como Caratateua e, de bicicleta para Bragança, como afirma o jovem: *No momento vô de bicicleta e venho à tarde de bicicleta* (J. F. C., 23 anos). Esse jovem pedala 8 km de Vila Que Era para Bragança para ter acesso à escola. A estrada é sinuosa e sem asfalto em sua maior parte, com poeira na época da estiagem e lama na invernada amazônica.

Os demais utilizam o ônibus escolar ou da linha para ir à escola em Bragança, com muita precariedade, conforme atestam os depoimentos a seguir: *De ônibus pra lá, tinha dia de dificuldade, chovia o ônibus não vinha* (P. J. S. S., 23 anos); *Ônibus escolar, era ruim porque a gente ia misturado com passageiro e tudo mais* (J. S. R. C., 28 anos); *Vinha de ônibus, ônibus pagado pelo governo que aí também tinha algumas precariedades, ônibus velho, ficava no prego, às vezes chegava no colégio tarde, já tinha perdido algumas aulas já, enfrentava muitas dificuldades pra gente estudar* (G. A., 20 anos); *Ônibus, mas num era escolar* (J. S. M., 18 anos).

Repetência entre os jovens de Vila Que Era

A repetência de série é um fator presente na vida escolar dos jovens de Vila Que Era, 82,6% já passaram por essa experiência na época em que não havia o sistema de dependência.

Essa proporção é maior do que entre os alunos da Vila do Bonifácio, que é de 64,9%. Apenas 13% não passaram pela experiência da repetência e 4,3% não informaram (Tabela 75).

Tabela 75 – Repetência de série escolar entre alunos de Vila Que Era

REPETÊNCIA	FREQ.	%
Sim	19	82,6
Não	3	13,0
Sem informação	1	4,3
TOTAL	23	99,9

Fonte: Pesquisa de campo (2015)

Série e número de vezes repetidas entre os Jovens de Vila Que Era

A série mais repetida, com 42,1%, foi a 5ª série, com número de vezes que variam de uma a três vezes. Seguida pela 6ª e a 8ª séries, igualmente, na proporção de 15,8%. A 6ª série repetida uma vez e a 8ª série até duas vezes. A 2ª série foi repetida na proporção de 10,5% com número de vezes até duas vezes. Igualmente a 7ª série com até duas vezes de repetição. A alfabetização, a 1ª série, a 3ª série e a 4ª foram repetidas na mesma proporção, 5,2%, variando de uma até quatro vezes.

Destaque para a 3ª série que teve o maior número de vezes repetidas por um único aluno (4), a 5ª série que, além da maior frequência teve o primeiro maior número de vezes repetidas (7) na soma dos alunos que repetiram essa série e a 8ª série que foi a segunda mais repetida pelos alunos e, teve o segundo número maior de vezes repetidas (6). Ver Tabela 76.

Tabela 76 - Série e número de vezes repetidas pelos alunos de Vila Que Era

SÉRIE REPETIDA	FREQ.	%	VEZES
Alfabetização	1	5,2	1
1ª série do ensino fundamental	1	5,2	1
2ª série do ensino fundamental	2	10,5	2/2
3ª série do ensino fundamental	1	5,2	4
4ª série do ensino fundamental	1	5,2	2
5ª série do ensino fundamental	8	42,1	1/2/3/1
6ª série do ensino fundamental	3	15,8	1/1/1
7ª série do ensino fundamental	2	10,5	1/2
8ª série do ensino fundamental	3	15,8	2/2/2
Sem informação	2	10,5	-
TOTAL	19	100	

Fonte: Pesquisa de campo (2015)

Segundo aqueles que repetiram, as razões decorreram de vários fatores conjugados, dentre eles a falta de interesse em acompanhar as aulas, como afirma a jovem: *Por falta de interesse mesmo, não interessava mesmo. Tive que recuperar. Vim pra cá fiz o supletivo e passei direto. Me interessei mais* (A. C. A., 29 anos). Essa falta de interesse do aluno pode estar associada à baixa atratividade da escola para o jovem nessa fase da vida aliada ao descompasso no acúmulo de conhecimentos necessários para acompanhar os conteúdos, como

afirma a jovem: *Por falta de conhecimento* (F. J. G., 19 anos). Provavelmente um capital cultural mais baixo que o exigido na escola na sede do município. Na mesma direção complementa a jovem: *É porque tinha vez que, assim eu fiquei em matéria que eu num sabia quase nada, muitas vezes e eu fiquei* (J. S. M., 18 anos). O jovem a seguir também argumenta na mesma linha: *Eu acho que é por causa da matéria, meio dificuldade de passar na matéria. Eu achei assim muito, assim, porque eu não passei na matéria* (J. M. S., 20 anos). O exemplo a seguir mostra a dificuldade da leitura para um jovem pescador diante das exigências da escola. Ele repetiu a 4^a série duas vezes e atribui a dificuldade da leitura. Ele afirma: *Porque era assim num sabia muito a ler, eu estudava no Santa Terezinha* (A. C. S., 19 anos).

Outros fatores interferem na repetição de série como a jovem que repetiu a alfabetização explica que o motivo foi ter ficado doente e não pode frequentar as aulas. Fatores estruturais como as precárias condições das escolas e os salários inadequados dos professores provocaram a deflagração de greves, o que comprometeu substancialmente o aproveitamento de alunos que já trazem consigo um baixo capital cultural, com exprime o jovem: *Porque a dificuldade, tinha vez que num tinha aula, era greve dos professores. Isso empatava muito os estudos* (F. J. G., 24 anos). Para o jovem G. A., 20 anos, houve uma fase na vida em que a atração por jogos de vídeo game e futebol foi maior que a frequência à escola. Ele então atribui a esse fator a ocorrência de repetição de série. Para outros, o sistema de dependência não resolve as dificuldade de acompanhar o conteúdo da série cursada e preferem repetir, como o fez a jovem: *Eu fiquei em dependência em Matemática, e eu preferir repetir a série. Aí eu fiz sétima e oitava* (M. L. P. S., 23 anos).

Cabe também para o quadro apresentado em Vila Que Era as argumentações apresentadas para este mesmo item em Vila do Bonifácio, considerando as razões que levam à repetência são semelhantes.

Descendência, cor, etnia dos jovens de Vila Que Era

Para identificar essa característica, optou-se pela autodeclaração da descendência, cor ou etnia. A maior parte, 34,9% se autodeclarou indígena, conforme atestam os depoimentos a seguir: *Acho que é indiano mesmo que aqui é coisa de índio, que como foi fundado Bragança, acho que é coisa de índio mesmo* (A. C. A., 29 anos); *Olha, eu me considero pardo. Mas, teve um levantamento que fizeram quando eu estudava no Rio Caeté, em Bragança, me classificaram como indígena também* (J. F. C., 23 anos); *Índios, que a gente tem, a gente tava dando uma aula que nós temos sangue, tem sangue dos negros, dos brancos, tudo só uma única raça* (L. S. R., 29 anos). Essa proporção está acima da dos jovens da Vila do Bonifácio

(22,9%) e muito acima da dos jovens do Brasil da área rural (1,7%) caracterizando a raiz étnico-cultural dos moradores da Vila pela presença de povos indígenas no local.

Aqueles que se autodeclararam brancos representam 26,1% e argumentam: *De branco, né. Eu num, como é que se diz, eu num sou filho de índio, né. No momento é branco* (A. M. F. F., 27 anos); *Bom, a minha família, a maioria são brancos do meu pai e da minha mãe. Eu sou parda, mas a maioria, eles são brancos* (L. M. S., 28 anos). Esse grupo é mais que o dobro do grupo que se declarou branco em Vila do Bonifácio (12,3%) e abaixo dos jovens rurais no Brasil (33,6%).

Os autodeclarados pardos somam 13%. Segue uma autodeclaração: *É porque nos documentos quando a gente vai tirar num tá nem preto nem coisa, é pardo. Então é como eu me descrevo, como a minha cor, pardo* (L. F. M. M., 20 anos). Essa proporção está abaixo da dos jovens da Vila do Bonifácio (17,5%) e muito abaixo da dos jovens do Brasil rural (56,3%).

A parcela que se declarou negro corresponde a 8,7%. Houve quem se considerou descendente de combinações como a de indígena com alemão e, corresponde a 4,3%. Assim o jovem explica: *Eu me considero pardo, porque a gente viemos, meus pais, minha mãe vieram perto de indígena. A minha bisavó, minha tataravó era indígena e meu tataravô era descendente de alemão. Lá tivemos uma mistura misturado, pardo. A gente veio sair pardo* (G. A., 20 anos). A proporção de negros em Vila Que Era está abaixo da Vila do Bonifácio (15,8%) e muito próxima da dos jovens do Brasil rural (7,3%).

A proporção de 4,3% teve dificuldade em se auto declarar e 8,7% afirmaram que *Tanto faz* (D. R. J., 21 anos) ou *Não sei, não tenho nem ideia* (M. L. P. S., 23 anos) ou ainda, *Depende. Negro ou branco. Pra mim qualquer cor não tem problema nenhum* (L. F. R., 24 anos). Ver Tabela 77.

Tabela 77 – Descendência/cor/etnia dos jovens de Vila Que Era

DESCENDÊNCIA	FREQ.	%
Indígena	8	34,9
Branco	6	26,1
Pardo	3	13,0
Negro	2	8,7
Índio e alemão	1	4,3
Tanto faz	2	8,7
Não sabe definir	1	4,3
TOTAL	23	100

Fonte: Pesquisa de campo (2015)

Ainda sobre a constituição étnica, buscou-se identificar alguns aspectos como a cor da pele, dos olhos e dos cabelos. Assim, a autodeclaração ficou mais detalhada. Mais da metade,

56,5% considera a cor da pele parda, o correspondente a 26,1% disseram ter a pele morena, 8,7% disseram ter a pele clara, 8,7% também disseram ter a pele branca. Ver Tabela 78.

Tabela 78 – Cor da pele dos jovens de Vila Que Era

DESCENDÊNCIA	FREQ.	%
Pardo	13	56,5
Morena	6	26,1
Clara	2	8,7
Branca	2	8,7
TOTAL	23	100

Fonte: Pesquisa de campo (2015)

Da mesma maneira que na Vila do Bonifácio, houve alteração na autodeclaração a partir do detalhamento dos aspectos físicos que compõem a identidade étnica. A proporção de pardos aumentou consideravelmente, de 13% para 56,5%, ou seja, mais da metade, que se assemelha à proporção para os jovens do Brasil rural (56,3%). A cor da pele morena também aumentou consideravelmente, de 8,7% para 26,1%. Já a cor da pele clara e branca (17,4%) ficou abaixo da declarada no item anterior (26,1%).

A cor dos olhos também reflete aspectos do autorreconhecimento. A maioria, 56,6% disse ter os olhos castanhos, variando de castanho claro a castanho escuro. O correspondente a 34,8% consideram ter olhos pretos e 4,3% olhos verdes. O correspondente a 4,3% disse que tem os olhos “normal”, conforme mostra a Tabela 79.

Tabela 79 – Cor dos olhos dos jovens de Vila Que Era

COR DOS OLHOS	FREQ.	%
Castanhos	13	56,6
Pretos	8	34,8
Normal	1	4,3
Verdes	1	4,3
TOTAL	23	100

Fonte: Pesquisa de campo (2015)

Quanto à cor dos cabelos, a maioria, 74% disse ter os cabelos pretos, 21,7% castanhos e 4,3% os cabelos louros. Ver Tabela 80.

Tabela 80 – Cor dos cabelos dos jovens de Vila Que Era

COR DOS CABELOS	FREQ.	%
Pretos	17	74,0
Castanhos	5	21,7
Louro	1	4,3
TOTAL	23	100

Fonte: Pesquisa de campo (2015)

O tipo de cabelo da maioria, 82,7% é liso, 8,7% é encaracolado, 4,3% é crespo e também 4,3% é cacheado. Ver Tabela 81.

Tabela 81 – Tipo de cabelo dos Jovens de Vila Que Era

TIPO DE CABELO	FREQ.	%
Liso	19	82,7
Encaracolado	2	8,7
Crespo	1	4,3
Cacheado	1	4,3
TOTAL	23	100

Fonte: Pesquisa de campo (2015)

O perfil, portanto, da maioria se reflete em jovens de descendência indígena, 34,9%, com a cor da pele parda, 56,6%, de olhos castanhos, 56,6% e cabelos pretos, 74% e lisos, 82,7%.

Religião dos jovens de Vila Que Era

A religião católica é predominante entre os jovens, 82,6%. Essa proporção está acima da dos jovens da Vila do Bonifácio (75,5%) e dos jovens rurais do Brasil (77,9%), o que significa que o catolicismo é muito forte na Vila. O jovem a seguir reafirma sua opção religiosa, ele diz: *Sou católico, o catolicismo que veio desde o batismo e, tem gente que, isso não vem o caso, estão deixando o catolicismo, eu pretendo ficar no catolicismo* (G. A., 20 anos). Os jovens evangélicos representam 13,1% na vila, parcela maior do que a dos jovens da Vila do Bonifácio (10,5%) e menor da dos jovens do Brasil rural (14,7%). Alguns jovens saíram da Igreja Católica para a Evangélica, conforme mostra a jovem: *Eu era católica e, como os jovens foram saindo, eu sai também. Agora sou evangélica* (F. J. G., 19 anos). O correspondente a 4,3% não forneceu essa informação, como demonstra a Tabela 82.

Tabela 82 – Religião dos jovens de Vila Que Era

RELIGIÃO	FREQ.	%
Católica	19	82,6
Evangélica	3	13,1
Sem informação	1	4,3
TOTAL	23	100

Fonte: Pesquisa de campo (2015)

Meios para se informar dos jovens de Vila Que Era

O principal meio para se informar é a televisão, citada na proporção de 43,5%, um pouco acima da parcela de jovens da Vila do Bonifácio (38,9%), o que sugere a forte presença desse meio de informação para a população da vila. Diferentemente da população rural de jovens no Brasil e dos jovens de Vila do Bonifácio, o rádio é muito popular entre os jovens de Vila Que Era e figura como o segundo meio mais frequente para se informar, com 26,1% das citações. Assim explica a jovem: *A gente liga o radinho assim na cozinha todo dia a gente*

liga (E. S. S., 24 anos); *O rádio passa as informações e nós repassa pras pessoas* (F. J. G., 24 anos); *Aqui mesmo só tem o rádio que a televisão tá queimada. Ligo o rádio pra mim saber de notícia* (P. J. S. S., 23 anos). A internet foi citada com 10,8% e figura em terceiro lugar como meio para se informar. O jovem a seguir comenta: *Como um adolescente, um jovem adulto-adolescente bem dizer, eu sou mais internet, sou um pouco ligado nisso* (G. A., 20 anos). O jornal impresso aparece em quarto lugar com 6,5% de citações. Destaque para o celular que aparece em quarto lugar como meio de se informar, com 6,5%. Com 2,2% aparecem: a conversa com os amigos, o e-mail e os livros (Tabela 83).

Tabela 83 – Meios para se informar entre os jovens de Vila Que Era

MEIOS PARA SE INFORMAR	CITAÇÕES	%
Televisão	20	43,5
Rádio	12	26,1
Internet	5	10,8
Jornal	3	6,5
Telefone celular	3	6,5
Conversas com amigos	1	2,2
E-mail	1	2,2
Livros	1	2,2
TOTAL	46	100

Fonte: Pesquisa de campo (2015)

Meios para se comunicar dos jovens de Vila Que Era

Quando se trata de se comunicar, o celular e o aplicativo *WhatsApp* são os meios mais citados pelos jovens, representando 74,4%, um pouco abaixo do que entre os jovens da Vila do Bonifácio (81,6%), porém, muito popular entre os jovens, e, associado à internet permite o acesso às redes sociais como o *Facebook*, com 6,4%, conforme explica um deles: *Sinal só no celular, Facebook, WhatsApp. Até agora iam botar sinal, mas não tem. Geralmente, mais ou menos está tomando conta da caneta, então vamos deixando a caneta um pouco de lado* (G. A., 20 anos). A fala desse jovem é muito simbólica para corroborar o que se discute sobre esse novo estilo de vida no mundo digital no qual a caneta, a escrita no papel está dando espaço para o digital. Cabem aqui as reflexões de Bauman apresentadas no item 3.2.1 deste capítulo.

A conversa presencial aparece com baixa citação, 6,4% apenas ao lado de formas mais atuais de se comunicar conforme explica o jovem: *Me comunico via verbal mesmo e, me comunico conforme o nível cultural das pessoas, celular e internet* (J. F. C., 23 anos). A visita a amigos e parentes aparece em 3,2% mostrando que ainda é uma prática presente na sociabilidade dos jovens de Vila Que Era, como se pode verificar na Tabela 84.

Tabela 84 – Meios para se comunicar entre os jovens de Vila Que Era

MEIOS PARA SE COMUNICAR	CITAÇÕES	%
Celular, <i>WhatsApp</i>	23	74,4
Internet, <i>Facebook</i>	2	6,4
Conversa	2	6,4
E-mail	1	3,2
Visita	1	3,2
Sem informação	2	6,4
TOTAL	31	100

Fonte: Pesquisa de campo (2015)

Situação de trabalho dos jovens de Vila Que Era

A maioria dos jovens de Vila Que Era, 60,9%, trabalham. Essa proporção está abaixo da dos jovens de Vila do Bonifácio (70,2%). A parcela que não trabalha corresponde a 39,1%, de acordo com a Tabela 85.

Tabela 85 – Situação de trabalho dos jovens de Vila Que Era

TRABALHA	FREQ.	%
Sim	14	60,9
Não	9	39,1
TOTAL	23	100

Fonte: Pesquisa de campo (2015)

O trabalho envolve mais os homens do que as mulheres, conforme mostra a Tabela 86.

Tabela 86 – Situação de trabalho dos jovens de Vila Que Era por sexo

TRABALHA	FREQ.	FREQ.
Homens	Sim	9
	Não	1
Subtotal I		10
Mulheres	Sim	5
	Não	8
Subtotal II		13
TOTAL		23

Fonte: Pesquisa de campo (2015)

Modalidades de trabalho de jovens de Vila Que Era

Dentre a maioria que trabalha a maior parte, 35,9% está relacionada ao trabalho na roça, no cultivo de farinha, frutas e leguminosas. Esse trabalho é feito mais especificamente para o consumo próprio e está associado a outras atividades como a catação de caranguejo. A seguir as falas de alguns jovens: *Trabalho na roça da minha sogra. A gente vai pra capinar. A gente planta quiabo, maxixe, macaxeira, jurumum que chamam que é a abóbora e o abacaxi que vai beirando a roça. A gente planta a maniva pra primeiro amadurecer a mandioca* (E. S. S., 24 anos); *Sim, trabalho como lavrador na roça* (J. M. S., 20 anos); *Na roça. A gente planta maniva, agora a gente tá capinando as roças. A gente colhe, quando a*

gente planta feijão a gente colhe, o milho, mas a gente num plantou este ano. É mais para o consumo, difícil vender (J. C. S., 26 anos); Trabalho com meus pais na roça. A gente planta maniva. E aí colhe para fazer farinha. É só pra consumo próprio (R. T. C., 20 anos).

A pesca associada à roça e à coleta de caranguejo é a segunda atividade mais frequente entre os jovens na vila e representa 28,4%. A vila se localiza as margens do rio Caeté e muitas famílias vivem da pesca e da coleta de caranguejo. O jovem assim se refere a essa atividade:

Eu pesco em barco pequeno, barquinho, por aí mesmo, [rio] Caeté, [praia] Ajuruteua. De vez em quando vou na roça. Trabalho com outras pessoas, uns 3 ou 4, passamos 10 dias. Levo gelo, 5 urna, 4 urna. Pego pescada e esses outros peixes aí. E quando dá certo, dá bom, mas tem vez que num dá. A gente vende lá em Bragança. Pescava no mar, mas num vou pra fora (P. J. S. S., 23 anos).

A pesca é considerada uma atividade mais difícil e arriscada do que a roça, conforme explica o jovem:

Eu tô pescando e quando tô parado trabalho na roça. Na pesca é assim: - a gente passava 20 dias pro mar e na terra 5 dias, 6 dias, 7 dias e depois saía de novo. É assim o mundo da pesca, a gente passa mais pra fora do que em terra. A gente sobrevive da pesca, em pegar o peixe, o caranguejo, o siri, o camarão pra poder vender pra ganhar o dinheiro pra sobreviver. É muito arriscado, mas tem que ir, né. Na roça não, a gente passa 2, 3 horas, sai 7 horas de manhã chega 10 horas, 11 horas, à tarde sai 2 horas volta 5 horas, 4 horas, conforme a preguiça vem embora. Da farinha é a mesma coisa, a gente vende a farinha, a gente vende a mandioca, só que a mandioca é mais pro consumo. A sobrevivência da gente é mais na pesca. Eu tava trabalhando numa empresa, a gente ganhava por comissão, quando chegasse na terra prestava conta. Dava pra tirar R\$ 500,00; R\$ 600,00; R\$300,00; R\$ 400,00, do lucro da gente pra poder pagar a despesa, o que sobrasse a gente ia prestar conta pra ver o que sobrasse, mas dava pra sobreviver assim (A. M. F. F., 27 anos).

Outros trabalhos com 7,1% são: cerâmica artesanal, carpinteiro e vendedor de loja. Destaque para o trabalho de cerâmica na confecção de utensílios domésticos em regime de produção familiar. Assim a jovem explica:

Trabalho aqui dentro da nossa cerâmica. A gente trabalha com painéis de barro, começa com as painéis. Hoje em dia a gente tá trabalhando com conjunto de chá e travessas. O barro a gente tira da margem do rio Caeté. Toda a produção é feita aqui, só que tem mais duas pessoas que trabalha com cerâmica também que é São Mateus com painéis de barro e uma pra decoração que é vaso, fica na Fazendinha e em Tamatateua é filiada daqui. Foi daqui, é da prima do meu marido. Na verdade eu só fico na parte de acabamento, comecei fazendo, a mãe dele fazia, mas fazer mesmo é só ele [marido] e eu ajudo e também na parte de venda (L. S. R., 29 anos).

O trabalho de carpinteiro também tem relação com a vocação da vila, pois refere-se à confecção de barcos. Assim explica o jovem: *Sim, carpinteiro. Das 7 às 10 horas; Das 2 as 5*

horas. Trabalho por conta própria, quando ligam e vou trabalhar no beiradão [beirada da orla] com eles. Conserto barco, faço urna de barco, faço beliche (M. A. F., 23 anos).

O correspondente a 14,4% trabalham como “babá” (trabalho doméstico) e designer gráfico, mas no momento da entrevista encontravam-se desempregados conforme atesta o depoimento a seguir: *Estou com seguro desemprego. Trabalhava na parte de design gráfico em Belém. Fazia edição de vídeos, convite de aniversário e casamento. Eu trabalhava mais com Photoshop* (J. F. C., 23 anos).

Diferentemente da Vila do Bonifácio, na Vila Que Era há atividade de agricultura, mais particularmente na modalidade de roça para consumo familiar. Já a pesca é menos frequente do que na Vila do Bonifácio (52,5%), o que demarca uma das diferenças entre as duas comunidades – Vila Que Era – agropesqueira e Vila do Bonifácio – pesqueira (Tabela 87).

Tabela 87 – Modalidades de trabalho entre os jovens de Vila Que Era

TIPOS DE TRABALHO	FREQ.	%
Roça/caseiro de sítio/catação de caranguejo	6	35,9
Pesca, roça e coleta de caranguejo	4	28,4
Cerâmica artesanal	1	7,1
Carpinteiro/roça	1	7,1
Vendedor em loja	1	7,1
Desempregado (babá/designer gráfico)	2	14,4
TOTAL	14	100

Fonte: Pesquisa de campo (2015)

Razões porque jovens de Vila Que Era não trabalham

Entre os jovens de Vila Que Era que não trabalham, encontram-se jovens que cuidam da casa e dos filhos sem possibilidade de ter um trabalho fora, assim como as jovens que ajudam os pais na roça da família. De acordo com a jovem: *Já trabalhei com meu pai na roça, ele me convidava e eu ia com ele* (A. C. S., 19 anos). Há também jovens que nunca trabalharam. Entre os jovens, apenas um deles nunca trabalhou, e esporadicamente ajuda o pai na pesca.

O casamento também contribuiu para a interrupção do trabalho fora de casa. A jovem a seguir atesta isso ao deixar o trabalho doméstico realizado em Belém e Bragança: *Trabalhei morando com outras pessoas fora de casa, tipo trabalho doméstico em Bragança, Belém, quando eu era solteira. Depois eu casei e parei* (J. S. R. C., 23 anos). O trabalho doméstico é o mais comum entre as mulheres que não estavam trabalhando, conforme mostra a fala a seguir: *Já trabalhei em casa de família, uns 10 anos atrás, em Bragança. Comecei com uns 12 anos mais ou menos* (L. F. R., 24 anos). Outra jovem que também já realizou trabalho

doméstico relata: *Não, agora não, mas já trabalhei em casa de família. Também trabalhei no comércio em Bragança e, eu quero trabalhar na área do meu curso de técnica de Enfermagem, se Deus quiser, estou lutando por isso* (L. M. S., 28 anos).

Identificação documental dos jovens de Vila Que Era

Quase a totalidade dos jovens de Vila Que Era possui os documentos básicos. Todos têm Certidão de Nascimento (100%), proporção maior do que em Vila do Bonifácio (82,5%). A maioria, 95,6% possui a Carteira de Identidade, também, maior do que os jovens da Vila do Bonifácio (84,2%). O CPF é um documento que faz parte da vida de 91,3% dos jovens, bem acima da proporção dos que tem esse documento na Vila do Bonifácio (75,4%). O Título de Eleitor também faz parte da documentação dos jovens, 86,9% e, a Carteira de Trabalho é um documento presente em 73,9%, ambos acima da parcela que os tem na Vila do Bonifácio, respectivamente 71,9% e 63,1%. A Carteira de Estudante é prerrogativa apenas para os que estudam que somam nove jovens e todos possuem esse documento. A Carteira de Reservista é um documento apenas para o sexo masculino, 10 jovens, e entre esses, 70% têm esse documento.

No geral, o porte da documentação básica dos jovens da Vila Que Era é maior do que na Vila do Bonifácio, talvez pela proximidade com a sede do município e, a relação com atividades que exigem essa documentação básica. Pode contribuir também para demarcar essa diferença a menor participação na atividade pesqueira, exigindo dos jovens a “adequação” a um mundo mais burocratizado na sede do município. Outra possibilidade pode estar ligada aos condicionantes das políticas sociais que exigem que o beneficiário seja identificado por meio de documentação.

Na relação com o número de documentos tem-se a seguinte leitura. O documento mais frequente entre os jovens é a Certidão de Nascimento, com 19,3% do total de documentos. A Carteira de Identidade é o segundo documento mais frequente com 18,5% e o CPF é o terceiro com 17,6% do total de documentos. O Título de Eleitor é o quarto documento mais frequente entre os jovens e representa 16,8% seguido da Carteira de Trabalho com 14,3%. Dois documentos – a Carteira de Estudante e a Carteira de Reservista, como foi dito, são relativos a categorias específicas e, devem ser analisados como tal. No universo de documentos aparecem, como é de se esperar, com um número menor de frequência, 7,6% e 5,9%, respectivamente (Tabela 88).

Tabela 88 – Documentos dos jovens de Vila Que Era

DOCUMENTOS	FREQ.	%TOTAL JOVENS	%TOTAL DOCUMENTOS
Certidão de Nascimento	23	100	19,3
Carteira de Identidade	22	95,6	18,5
CPF	21	91,3	17,6
Título de Eleitor	20	86,9	16,8
Carteira de Trabalho	17	73,9	14,3
Carteira de Estudante	9	100	7,6
Carteira de Reservista	7	70,0	5,9
TOTAL	119		100

Fonte: Pesquisa de campo (2015)

Equipamentos de saúde e rede de apoio de jovens de Vila Que Era

Para identificar os equipamentos sociais na área de saúde e a rede de apoio que os jovens possuem, perguntou-se: *A quem você recorre quando está doente?* As respostas se agrupam em dois sentidos – a pessoas e a equipamentos de saúde. A maior parte, 32,7% buscam auxílio nos remédios caseiros dentro da própria família. Em uma comunidade tradicional o uso de remédio extraído da natureza com base no uso tradicional ainda é praticado e repassado de geração a geração, conforme mostra a fala do jovem a seguir:

Uso bastante, muito remédio caseiro que, pra mim, hoje ainda é o melhor remédio do que o que vem do farmacêutico. O farmacêutico ajuda bastante, mas não confio muito. Pra mim fazendo o remédio caseiro, que eu tenho, sei algumas receitas pra febre, dor de cabeça, eu prefiro fazer do que tomar um remédio da farmácia. Eu aprendi a fazer com a minha finada avó, que Deus a tenha. Ela me ensinou tudo isso e a minha outra avó que ainda está viva, graças a Deus. Ela tem uma horta cheia de remédio caseiro. O que a gente precisar a gente tem lá (G. A., 20 anos).

O hospital em Bragança é o equipamento social de saúde mais procurado, 25,1%, principalmente nos casos mais graves e que necessitam de um profissional especialista, levando-se em conta que na Vila Que Era não tem posto de saúde e o mais próximo encontra-se na Vila do Juquiri, a caminho de Bragança. O posto de saúde de Juquiri é a terceira opção, com 17,3% na preferência dos jovens. O correspondente a 5,8% preferem recorrer diretamente à farmácia, muito especialmente quando já conhecem os sintomas costumeiros e compram o remédio já utilizado em situações análogas. Um recurso também utilizado na Vila Que Era, utilizado por 5,8% é procurar o Agente Comunitário de Saúde (ACS), que acompanha todos os moradores e orienta em situações específicas.

No que concerne à rede social de apoio, a família é a primeira a ser acessada, principalmente a mãe, com 7,7% da preferência dos jovens, em segundo lugar o pai, 1,9% e avó também 1,9%. Destaque para a procura pela benzedeira, moradora antiga da vila que

detém um vasto conhecimento tradicional no uso de plantas medicinais e encontra-se com 3,8% na opção dos jovens em caso de doenças. O uso de “garrafadas” é muito comum, principalmente entre as mulheres. Trata-se de um composto preparado à base de ervas medicinais com fins preventivos e curativos. A fala a seguir mostra a presença desse recurso: *Eu uso remédio caseiro, a minha sogra faz garrafada e eu tomo* (E. S. S., 24 anos).

Em resumo, parece haver uma sequência de procedimentos mais comuns: - primeiro procuram auxílio no âmbito familiar com remédios caseiros, em casos mais corriqueiros. Com a ajuda de um familiar, em geral, a mãe, avaliam a gravidade do caso que pode ser levado diretamente ao hospital em Bragança ou ao Posto de Saúde no Juquiri. A farmácia é uma opção para casos de recidivas ou recaídas quando já conhecem os sintomas. A benzedeira é acionada não somente quando estão doentes, é procurada como forma preventiva para evitar adoecer. O jovem, a seguir, mostra essa sequência: *Adoeceu fica em casa e toma remédios caseiros e fica bom. Se num ficar, conforme for a gente procura o Posto e, quando tá muito grave a gente procura o hospital para poder se internar* (A. M. F. F., 27 anos). Outra jovem complementa: *Eu uso mais remédio caseiro, hospital é nos últimos casos* (J. S. R. C., 28 anos); *Se for uma doença que eu já conheço eu mesma procuro alguns remédios que eu já conheço e também remédio caseiro pra mim me tratar. Só se for uma doença muito grave que eu procuro um médico especialista* (L. M. S., 28 anos) (Tabela 89).

Tabela 89 – Equipamentos de saúde e rede de apoio entre os jovens de Vila Que Era

APOIO NA DOENÇA	FREQ.	%
Usa remédio caseiro	17	32,7
Hospital	13	25,1
Posto de saúde do Juquiri	9	17,3
Mãe	4	7,7
Farmácia	3	5,8
Benzedeira	2	3,8
Agente comunitário de saúde	2	3,8
Pai	1	1,9
Avó	1	1,9
TOTAL	52	100

Fonte: Pesquisa de campo (2015)

Composição familiar dos jovens da Vila Que Era

A composição da família dos jovens na Vila Que Era é, em sua maior parte, 56,6%, de jovens que ainda moram com os pais e outros familiares e possuem, em média, 5,7 pessoas. São famílias cujo menor número de membros são três pessoas e maior nove pessoas. Dentre esses, 43,6% têm família biparental, com irmãos e outros parentes. Ainda nesse grupo, 13%

vivem em famílias monoparentais femininas que incluem além de irmãos, outros parentes. Nesse primeiro grupo, o jovem se mantém ainda no papel de filho ou filha e, sem filhos.

O segundo grupo é composto por jovens que já possuem filhos e representa 43,4% e têm em média, 4 pessoas no núcleo familiar, com famílias cujo menor número de membros são duas pessoas e maior sete pessoas. Dentre esse grupo encontram-se 4,3% que já têm filhos e moram com o pai, a mãe e irmãos. Vivem simultaneamente o papel de filho(a) e de pai (mãe). Outra parcela, 39,1%, refere-se àqueles que moram separados da família de origem, e já constituíram família própria. São famílias biparental, com ou sem filhos e, em alguns casos, agregam parentes de um dos cônjuges (Tabela 90).

Tabela 90 – Composição familiar dos jovens de Vila Que Era

MEMBROS DA FAMÍLIA	FREQ.	%	SUBCATEGORIA
Pai, mãe, irmãos(ãs)	8	34,9	
Pai, mãe irmãos, tias, sobrinhos, avós	2	8,7	
Subtotal (pai e mãe)	10	43,6	
Mãe, irmão(ã), avós e tios, cunhado	3	13,0	
Subtotal	3	13,0	
Subtotal sem filhos	13	56,6	56,6
Pai, mãe, irmãos(ãs), filho	1	4,3	
Subtotal	1	4,3	
Esposo, filhos(as)	6	26,1	
Esposa, filhos(as)	2	8,7	
Esposo, filhos e parentes do marido	1	4,3	
Subtotal com filhos	9	39,1	
TOTAL	23	100	100

Fonte: Pesquisa de campo (2015)

Configuração familiar dos jovens de Vila Que Era

A configuração familiar dos jovens de Vila Que Era mostra que 56,6% são jovens solteiros(as) sem filhos. Os(as) solteiros (as) com filhos somam apenas 4,3% e, casados com filhos são 39,1%. Não houve registro de casados(as) sem filhos (Tabela 91).

Tabela 91 – Configuração familiar dos jovens de Vila Que Era

CONFIGURAÇÃO FAMILIAR	FREQ.	%
Solteiros(as) sem filhos	13	56,6
Solteiros(as) com filhos(as)	1	4,3
Casados(as) com filhos(as)	9	39,1
TOTAL	23	100

Fonte: Pesquisa de campo (2015)

Trabalho dos membros da família dos jovens de Vila Que Era

Dentre os membros da família dos jovens de Vila Que Era que trabalham, o pai representa 39,6%, com atividade majoritariamente na pesca, 15,2%. A segunda atividade mais frequente entre os pais, com 9,2%, é o trabalho de lavrador em roça da própria família. A

maior parte para o consumo da família. Nessa mesma proporção, 9,2% encontram-se os pais que trabalham como tirador de caranguejo. Com 3% estão, igualmente, um agente comunitário de saúde e um vendedor de farinha, comprada na vila e revendida nas feiras em Bragança e Belém.

A mãe aparece em segundo lugar com 21,1% que, em sua maior parte, 12,1% trabalhando como lavradora na roça familiar. Com 3%, igualmente, encontram-se: catadora de caranguejo em casa, trabalhadora doméstica em Bragança e dona de casa.

O irmão aparece na mesma proporção da mãe entre os membros da família que trabalham. A maior parte, 12,1% trabalha como lavrador em roça da família. Outros 3% são pescadores e, na mesma proporção, trabalho em mercadinho em Bragança e capinador de quintal.

O marido representa 12,1% como membro da família que trabalha divididos na mesma proporção, 3% em atividades como: pescador, artesão em cerâmica, serviços gerais e vendedor de loja. Outros membros como tio e avô representam também igualmente 3% no total dos membros da família que trabalham. Ambos relacionados com a pesca. O avô é pescador e o tio trabalha como pintor de nomes de barcos (Tabela 92).

Tabela 92 – Trabalho dos membros da família dos jovens de Vila Que Era

MEMBRO DA FAMÍLIA	TRABALHO	FREQ.	%
Pai/padrasto	- Pescador	5	15,2
	- Lavrador na roça	3	9,2
	- Tirador de caranguejo	3	9,2
	- Compra e revende farinha	1	3,0
	- Agente comunitário de saúde	1	3,0
Subtotal Pai/padrasto		13	39,6
Mãe	- Lavradora/roça	4	12,1
	- Catação de caranguejo	1	3,0
	- Trabalhadora doméstica	1	3,0
	- Dona de casa	1	3,0
Subtotal Mãe		7	21,1
Irmão	- Lavrador/roça	4	12,1
	- Pescador	1	3,0
	- Capinador de quintal	1	3,0
	- Vendedor em mercadinho	1	3,0
Subtotal Irmão		7	21,1
Marido	- Pescador	1	3,0
	- Artesão de cerâmica	1	3,0
	- Serviços gerais	1	3,0
	- Vendedor de loja	1	3,0
Subtotal Marido		4	12,1
Tio	- Pinta nome de barcos	1	3,0
Subtotal Esposa		1	3,0
Avô	- Pescador	1	3,0
	Subtotal Avô	1	3,0
TOTAL		33	100

Fonte: Pesquisa de campo (2015)

Situação da casa dos jovens da Vila Que Era

A situação da moradia em Vila Que Era faz parte dos benefícios concedidos pela política da RESEX via Crédito Moradia, sob a responsabilidade do INCRA. No entanto, nem todas as famílias foram contempladas com esse benefício. Assim, segundo os jovens entrevistados, 56,6% moram em casa própria construída com recursos da família. Não precisar acessar o benefício parece ser motivo de orgulho como mostra o jovem: *Não é do INCRA, é nossa, é particular mesmo, nosso suor* (G. A., 20 anos). A parcela de 34,8% acessou o benefício, contudo existem muitas dúvidas em relação à legalização da propriedade ou da posse, como explica o jovem:

A casa é própria, só que é do INCRA, que deu pra gente. A gente tá morando, a gente num sabe se é da gente mesmo ou se é INCRA. Eles falaram porque tinha uma Associação [ASSUREMACATA] aqui e se acabou. Aí essas casa eram pagas todo mês era R\$30,00 ou R\$ 20,00 por mês e ninguém pagou mais. Não foi só a gente, foi todo mundo que parou de pagar. A Associação acabou e, no momento, ninguém tá pagando a casa. Ai o pessoal dizem que essa casa num é da gente. A gente num sabe se é nossa ou é do INCRA. Num tem como pagar porque acabou tanto na Vila quanto de Bragança. Tamo morando enquanto num continuar de novo pra frente só que o terreno é meu mesmo, agora a casa?! (A. M. F. F., 27 anos).

A política da RESEX envolve todos os moradores e usuários como beneficiários, no entanto isso não significa que todos acessem os benefícios que são diversos e no âmbito de vários órgãos governamentais. A concessão do Crédito Moradia ainda é realizada pelo INCRA, porém é acessada via Programa Minha Casa Minha Vida. Para ter direito ao benefício o morador/usuário deve estar associado. Como sócio, ele contribui com uma taxa, neste caso para a ASSUREMACATA que realiza todo o processo de identificação dos moradores/usuários prioritários a receber o benefício. Na prática, esse processo ocorre não sem conflitos de diversas naturezas, havendo, inclusive, processo de interdição da associação, como é o caso da ASSUREMACATA que encontra *sub judice*.

O equivalente a 4,3% mora em casa tomada emprestada de um membro familiar. Assim ele se expressa: *Não é nossa, é de uma tia. Ela mora pra Bragança. Ela construiu com recursos dela, não é do INCRA, só que ela tem o trabalho lá e emprestou pra nós morar aqui até fazer a nossa, mas, por descuido num fizemos ainda a nossa* (L. F., 20 anos). O correspondente a 4,3% não responderam a esta pergunta. Ver Tabela 93.

Tabela 93 – Situação da casa dos jovens de Vila Que Era

SITUAÇÃO DA CASA	FREQ.	%
Própria	13	56,6
Projeto Crédito Moradia - INCRA	8	34,8
Emprestada	1	4,3
Sem informação	1	4,3
TOTAL	23	100

Fonte: Pesquisa de campo (2015)

Em resumo, considerou-se importante elaborar a caracterização dos jovens das duas vilas para melhor compreender as razões da incipiente participação na cogestão. Há similitudes entre os jovens das duas vilas. Os jovens apresentam dificuldades semelhantes para o acesso aos estudos, a oportunidades de profissionalização e de trabalho. Há diferenças em termos das atividades desenvolvidas, as do Bonifácio mais pesqueira e de Vila Que Era em menor escala. Na Vila do Bonifácio, a proximidade de uma área turística dá uma feição diferente para acesso a trabalho nessa área, assim como para o contato com o mundo urbano que adentra a comunidade. Vila Que Era, embora mais próxima geograficamente a Bragança, parece ser uma comunidade menor e mais “isolada” do ponto de vista do mundo urbano.

CAPÍTULO 4 – JUVENTUDE E PARTICIPAÇÃO: JOVENS NA RESEX MARINHA DE CAETÉ-TAPERACU

4.1 Juventude como categoria sociológica

Uma categoria sociológica se constrói socialmente e como tal é passível de múltiplas formulações. Assim ocorre com a categoria juventude, discutida por estudiosos das Ciências Sociais, autores clássicos desde Karl Mannheim (1893-1947), Philippe Ariès (1914-1984), Pierre Bourdieu (1930-2002), e contemporâneos como Wivian Weller (2007), José Machado Pais (1990), Elisa Guaraná de Castro (2009), Martín-Barbero (2008), Janine Ribeiro (2004) Regina Novaes (2004) Vannuchi (2004) dentre tantos outros igualmente importantes.

Uma nota inicial é pertinente no que concerne à formulação teórica da categoria e o sujeito ao qual ela se refere, neste caso, o jovem. Nesse sentido, considera-se oportuno tal distinção para não se cair em um viés de confundir o que comporta a categoria e o que comporta ao sujeito. Daí, pensar teoricamente juventude exige levar em conta as feições como se apresenta em diferentes contextos sociais, políticos, culturais, isto é, como os sujeitos jovens se inscrevem no mundo social. Contudo, sem ancoragem em uma perspectiva epistemológica dessa categoria perder-se-ia em uma plasticidade conceitual genérica que tenderia, por fim, a descaracterizar o objeto de estudo. Por isso é importante recorrer a suas múltiplas construções teóricas.

Wivian Weller (2007) aborda o pioneirismo de Karl Mannheim na Sociologia da Juventude na medida em que esse autor discute em sua obra “O problema das gerações”, de 1927, três conceitos que colaboram na formulação da categoria juventude: posição geracional, conexão geracional e unidade geracional.

O autor de “História social da criança e da família”, o francês Philippe Ariès, obra de 1960, discute a construção da categoria enfatizando as diversas representações que a sociedade elabora para sujeitos sociais que extrapolam fronteiras etárias. Como precursor da categoria infância, esse autor mostra com clareza a construção da categoria e o sujeito ao qual ela se refere mostrando que na Idade Média existiam crianças, mas não necessariamente a noção de infância. Do mesmo modo a noção de juventude, ainda muito esparsa.

Para José Machado Pais (1990), a categoria juventude é socialmente manipulada na medida em que, “[...] nas representações correntes da juventude, os jovens são tomados como fazendo parte de uma cultura juvenil ‘unitária’” (p. 140). Para ele, essa unificação da cultura juvenil, reduz-se às similaridades desse grupo geracional em prejuízo das diferenças que, se fossem consideradas tenderiam a descaracterizar essa unidade, como a diferença de classe

social, por exemplo. Ainda, segundo Pais, a Sociologia da Juventude oscila entre duas tendências, tanto a que considera o conjunto social de coetâneos, em uma determinada fase da vida, dando relevância às similaridades, quanto a que considera esse conjunto social em sua diversidade - cultura, classe, situação econômica, poder, interesses e oportunidades ocupacionais, o que para ele “[...] seria, de facto, um abuso de linguagem subsumir sob o mesmo conceito de juventude universos sociais que não têm entre si praticamente nada em comum” (PAIS, 1990, p. 140). Trata-se, então, de elaborar um constructo social que dê conta da categoria em si.

Para Elisa Guaraná de Castro (2009), compreender juventude como fase transitória para a vida adulta “[...] reforça relações de poder e hierarquia social” (p. 41). Segundo ela, a definição de juventude pelo recorte etário tornou-se mais comum em pesquisa da década de 1960. Alerta também para a utilização do recorte etário pelos organismos internacionais (OMS, UNESCO) como reguladores de entradas no mundo do trabalho e término da escolarização formal. Critica essa forma de homogeneização usada como padrão internacional, cujo marco foi a Conferência Internacional sobre Juventude, a Conferência de Grenoble, em 1964.

Essa autora destaca também a categoria juventude substantiva e adjetivada: “[...] vanguarda, transformadora, questionadora [...] subentende papéis sociais privilegiados para os indivíduos identificados como jovens e juventude, principalmente como agentes de transformação social” (CASTRO, 2009, p. 42). Essa adjetivação também recai sobre perspectivas negativas, segundo ela, como: “[...] em formação, inexperiente, sensível [...] ou, ainda, associado à delinquência, violência, comportamento desviante” (CASTRO, 2009, p. 42).

Nessa perspectiva de transitoriedade, Castro afirma que:

Juventude é percebida, assim, como uma categoria social que, via de regra, relega aqueles assim identificados a um espaço de subalternidade nas relações sociais. Paradoxalmente, jovem é associado a futuro e a transformação social. Privilegiar a característica de transitoriedade nas percepções sobre juventude transfere, para aqueles assim identificados, a imagem de pessoas em formação, incompletas, sem vivência, sem experiência, indivíduos, ou grupos de indivíduos que precisam ser regulados, encaminhados. Juventude seria pouco levada a sério, tratando-se jovens como adultos em potencial. Isso tem implicações desde a dificuldade de se conseguir o primeiro emprego, até a deslegitimação da sua participação em espaços de decisão (CASTRO, 2009, p. 43).

A autora busca também a reflexão de Bourdieu sobre a categoria. Para, ela esse autor não se atém a atributos específicos para definir a categoria e sim “[...] as relações de

dominação e de hierarquia que estruturam as posições sociais. Assim, a juventude como ‘apenas uma palavra’ estaria desprovida de conteúdo se abordada separadamente das relações sociais nas quais é significativa” (CASTRO, 2009, p. 43).

Com efeito, Bourdieu (1983) argumenta na perspectiva da arbitrariedade de quem pode manipular o que compete a essa categoria. Baseado em material consultado e em autores que estudam o assunto, mostra que, na Florença do século XVI, os velhos propunham que aos jovens coubessem a virilidade, a violência e aos velhos a sabedoria e o poder. Outro exemplo dado vem da Idade Média quando os detentores do patrimônio manipulavam os limites da juventude “[...] cujo objetivo era manter em estado de juventude, isto é, de irresponsabilidade, os jovens nobres que poderiam pretender à sucessão” (BOURDIEU, 1983, p. 112-121).

Ainda para Bourdieu:

Esta estrutura, que é reencontrada em outros lugares (por exemplo, na relação entre os sexos) lembra que na divisão lógica entre os jovens e os velhos, trata-se do poder, da divisão (no sentido de repartição) dos poderes. As classificações por idade (mas também por sexo, ou, é claro, por classe...) acabam sempre por impor limites e produzir uma ordem onde cada um deve se manter em relação à qual cada um deve se manter em seu lugar (BOURDIEU, 1983, p. 112).

Como, de fato lembra Bourdieu, “Cada campo [...] possui suas leis específicas de envelhecimento: para saber como se recortam as gerações é preciso conhecer as leis específicas do funcionamento do campo, os objetos de luta e as divisões operadas por esta luta” (BOURDIEU, 1983, p. 121).

O recorte etário é para esse autor:

[...] um dado biológico socialmente manipulado e manipulável; e que o fato de falar dos jovens como se fossem uma unidade social, um grupo constituído, dotado de interesses comuns, e relacionar estes interesses a uma idade definida biologicamente já constitui uma manipulação evidente. Seria preciso pelo menos analisar as diferenças entre as juventudes, ou, para encurtar, entre as duas juventudes (BOURDIEU, 1983, p. 122).

Essa posição de Bourdieu não é isolada, os autores referenciados acima compartilham dessa visão, o que parece pertinente diante das diferentes formas que a juventude se apresenta nos diversos contextos sociais. E, concordando com Bourdieu “[...] o que quero lembrar é simplesmente que a juventude e a velhice não são dados, mas construídos socialmente na luta entre os jovens e os velhos. As relações entre a idade social e a idade biológica são muito complexas” (BOURDIEU, 1983, p. 122).

As teorizações avançam sem esgotar o assunto. Neste estudo, considera-se importante destacar o que concerne à categoria Juventude, comumente usada na vida prática para

caracterizar outros sujeitos sociais. O intento de demarcar, em certa medida, o que compete à juventude serve para que, na vida prática, os sujeitos sociais que a ela correspondem possam ter um olhar especial das Políticas Sociais em seu favor. Por isso, corroboramos o que não pertence à categoria juventude e sim a um “espírito de juventude” que uma pessoa possa ter até a velhice, por exemplo. Ou, a jovialidade, que é diversa da juventude, isto é, uma pessoa pode não estar mais na juventude e ter jovialidade.

O artigo da jornalista Maria Carmem de Oliveira (2015) mostra de forma simples essa distinção:

Juventude e jovialidade são coisas totalmente distintas! Numa determinada fase de nossas vidas, todos nós somos jovens! Essa fase passa. A jovialidade fica! [...] A juventude que mostramos é unicamente física (aparência). A jovialidade é uma coisa mais profunda e por isso dura toda a nossa vida, se assim quisermos! Ela nasce no espírito, na cabeça, na maneira de viver, de transpor dificuldades, de sorrir com os lábios e também com os olhos; de rir às gargalhadas, de por pra fora seus grilos, de ter prazer no que se faz, de ser feliz com o que se têm! Está no jeito de se vestir, de falar, de sorrir, de se comunicar e também de confortar! Ser jovial é rir de coisas banais, se emocionar com coisas simples, valorizar a si mesmo e aos outros, sem menosprezar ninguém! É ter sempre um sorriso, uma palavra de carinho ou de esperança a quem precisar! É acordar feliz pela manhã, independentemente de ser segunda-feira ou domingo. Ser jovial é cuidar do espírito, do corpo e da aparência como um todo, mas sem exageros! Ser jovial é ter o poder de parecer sempre bem mais jovem do que se é! Em resumo: somos jovens só uma vez na vida! Joviais podemos ser para sempre! (JCNET.com.br/ Opinião- 2015).

Quer dizer, reafirma-se a delimitação da categoria juventude pelo indicativo do recorte etário, reconhecendo, todavia, as múltiplas expressões do viver essa etapa da vida. Ou seja, as formas como os sujeitos sociais se apresentam em determinadas condições materiais de reprodução vão expressar as feições que a juventude vivencia nesse contexto. Daí porque se tem as “entradas secundárias” para a categoria nas bases bibliográficas: juventude urbana, juventude rural, juventude ribeirinha, juventude de diferentes classes sociais e assim por diante. Nesse sentido, pode-se falar de juventudes.

4.2 Juventude e jovem na contemporaneidade

Um tema recorrente na atualidade diz respeito às imagens associadas ao jovem. De um lado, a juventude como valor, por seu dinamismo, beleza, ou fonte de inovação. De outro lado, em uma abordagem comum na grande mídia quando enfoca violência ou rebeldia de jovens, especialmente de periferias, como “incômodo”. Segundo Martín-Barbero (2008), foi em seu país, a Colômbia, que o termo descartável foi designado para se referir a jovens, na verdade, à parcela mais visibilizada deles – os jovens infratores. Uma denominação corrente

no senso comum em vários países para se referir no sentido que o termo denota do “[...] descarte de tudo aquilo de que uma sociedade quer se desvencilhar porque a incomoda ou perturba” (p. 10). Por que os jovens, em seu complexo universo contemporâneo, tornaram-se visíveis por meio de uma representação negativa ao ponto de se querer extirpar da sociedade? Como se chegou a essa representação social do jovem na contemporaneidade? Como pensar o jovem sujeito-ator social com essa referência? Esse olhar sobre o jovem não é impessoal, está direcionado ao jovem da classe social empobrecida. Contém elementos subjetivos de uma visão estigmatizante e classista que é produzida e reproduzida de forma a rotular o jovem. Criou-se essa imagem negativa do jovem em grande parte, se não na maior parte, pelo tratamento que a mídia destina a eles. Há um abismo entre os jovens das classes economicamente favorecidas, que estendem sua dependência familiar e os jovens da classe empobrecida que, não raro, trocam a frequência à escola pelo trabalho. Pouco se fala do jovem engajado em um movimento social, em um grupo ou associação, incluído os jovens organizados que participam de mobilização nacional como a 1ª Conferência Nacional da Juventude, em 2008 e a 2ª em 2011. São quase invisíveis os jovens que superaram, não sem esforço, as barreiras da exclusão e, aqueles que compõem as estatísticas dos homicídios, cuja taxa no Brasil, em 2014 foi de 61,0 por 100 mil jovens (IBGE, 2016).

Assim, inúmeras elaborações sobre o jovem na contemporaneidade têm sido buscadas por estudiosos da área conforme indicam Martín-Barbero (2008), Alonso Salazar (1990), Mario Margulis (1994), José Antonio Perez Islas (2000), Rossana Reguillo (1991 e 2000), Carlos Feixa (1994), Pesquisa da CEPAL coordenada por Martin Hoppenhayn (2004), segunda Pesquisa Nacional da Juventude no México, realizada por Néstor García Canclini (2006), Ulrick Berck (2002), entre outros.

No estudo de Hoppenhayn (2004), segundo Martín-Barbero, a caracterização da juventude contemporânea é elaborada em termos de um paradoxo. Ele destaca a difícil inserção do jovem no mundo do trabalho e do poder, embora esteja na fase da vida em que a própria condição de jovem permitiria, em tese, adaptação às mudanças do mundo atual. É o que expressa, por exemplo, sua familiaridade inédita com as tecnologias de comunicação virtual.

Estamos diante de uma juventude que possui mais oportunidade de alcançar a educação e a informação, porém, muito menos acesso ao emprego e ao poder; dotada de maior aptidão para as mudanças produtivas, mas que acaba sendo, no entanto, a mais excluída; com maior afluência ao consumo simbólico, mas com forte restrição ao consumo material; com grande senso de protagonismo e autodeterminação, enquanto a vida da maioria se desenvolve na precariedade e na desmobilização; e, por fim, uma juventude

mais objeto de políticas do que sujeito-ator de mudanças (MARTÍN-BARBERO, 2008, p. 12).

Com efeito, trata-se de um paradoxo, contudo é necessário pensar seus elementos. Estariam estes jovens tendo mais oportunidade para alcançar a educação e a informação? Se a resposta for positiva, a que tipo de educação e que tipo de informação os jovens estão tendo acesso? Qual a qualidade dessas informações e que dispositivos elas detêm para provocar um pensar reflexivo nos jovens que os instituem como sujeito-ator? De quais protagonismos esses jovens estão sendo sujeitos? As políticas das quais estão sendo objeto estão favorecendo a participação social e política em seus territórios?

As respostas para todas essas questões são mais difíceis de serem elaboradas levando em conta a diversidade dos contextos políticos, econômicos e sociais de cada país, região e comunidade. Daí a necessidade de apurar o olhar não somente para as similitudes de uma sociedade mundialmente conectada no século XXI, mas também para as particularidades que os jovens adquirem em suas construções locais, considerando a cultura e a classe social.

No Brasil, segundo Castro (2009, p. 43) destarte os enfoques na diversidade da juventude “[...] o foco está na juventude que se encontra no espaço urbano, de preferência nas grandes metrópoles brasileiras [...]. Apesar de um aumento considerável no volume de estudos e ações, ainda hoje a juventude rural brasileira é pouco conhecida” (2009, p. 44).

Na medida em que se atenta para a não homogeneização da juventude, a compreensão da feição com que ela se apresenta em cada contexto social, cultural e, seguindo a lógica teórica deste estudo – o campo social ao qual ela faz parte, exige considerar os elementos constitutivos de sua construção sócio histórica e, a relação com um campo social mais geral.

4.3 Juventude rural

Segundo Sposito (2010, p. 99), “uma das fragilidades da pesquisa sobre juventude no Brasil reside na pouca ênfase dada ao estudo dos jovens rurais e sua emergência recentíssima na arena pública (cf. Stropasolas, 2006; Carneiro; Guaraná, 2007)”. Com base em estudo realizado sobre o II estado da arte da produção discente na pós-graduação brasileira sobre juventude, em 2009, abrangendo o período de 1999 a 2006, Sposito (2010, p. 99) afirma que “[...] os estudos sobre jovens rurais e indígenas são escassos atingindo apenas 4% do total da produção das áreas da Educação, Ciências Sociais e Serviço Social”.

Com efeito, em 1998, a partir de um estudo no município de Santana, oeste de Santa Catarina, Ricardo Abramovay et al. chamam a atenção para esse segmento da juventude. Os autores apresentam resultados que corroboram as estatísticas do IBGE sobre a crescente

diminuição da população rural, muito particularmente, pela saída do jovem para o meio urbano. Esses autores chamam a atenção para a necessidade de investimento no desenvolvimento rural, muito especialmente, para a juventude de modo que os programas sociais devam buscar alternativas para a manutenção dos jovens em atividades agrícolas e outras que possam motivá-los e atender suas expectativas.

Para Abramovay et al. (1998), a saída compulsória do jovem tende a criar, pelo menos, dois problemas sociais: o envelhecimento e a masculinização da população rural uma vez que são as mulheres jovens que mais migram para a cidade, ele afirma:

As moças deixam o campo antes e numa proporção muito maior que os rapazes. Este viés de gênero no êxodo rural não parece estar ligado a oportunidades particularmente favoráveis no mercado de trabalho urbano, mas à precariedade das perspectivas assim como ao papel subalterno que continuam a ter as moças no interior das famílias de agricultores (ABRAMOVAY et al, 1998, p. 16).

Abramovay et al. (1998) denominam esse fenômeno de migração seletiva e apontam que a mola mestra do problema encontra-se não na atração do mercado urbano, mas, fundamentalmente, “[...] nas perspectivas que se oferecem no interior das unidades familiares de produção, respectivamente para rapazes e moças”. Para eles, trata-se também de uma questão de poder “[...] embora as mulheres participem do trabalho na propriedade, no mínimo em condições iguais às dos homens, elas não têm qualquer acesso a tarefas que envolvam algum grau de responsabilidade ou de tomada de decisão” (ABRAMOVAY et al., 1998, p. 74).

Outra questão sobre a juventude rural também é abordada: - a inserção precoce da criança na atividade rural familiar tenderia a subtrair a juventude? Abramovay et al. tocam nessa questão:

[...] Este ambiente explica em grande parte a própria dúvida a respeito da existência de uma juventude rural neste período: se é verdade, como diz Mannheim (1968, p. 74), que a puberdade nas sociedades modernas caracteriza-se antes de tudo pelo “caos das valorizações antagônicas”, então têm razão os sociólogos alemães dos anos 1920 e 1930 que discutiam a própria existência de uma juventude no meio rural [...] Seu argumento é que há uma transição direta da infância à vida adulta pela incorporação precoce do indivíduo no mundo do trabalho e, sobretudo, pela intensidade da ligação à ordem social comunitária – o que já não existe entre jovens urbanos (ABRAMOVAY et al., 1998, p. 35).

Não há consenso sobre esse fenômeno entre autores que estudam a questão, pode-se, entretanto, constatar que a juventude rural tem feições diferentes da juventude urbana até mesmo na forma como ela se constitui e se reproduz – “espécie de automatismo”: reprodução do modo de vida desde cedo, diferente do meio urbano. Nesse sentido, Abramovay et al.

(1998, p. 36) destacam a pressão do grupo sobre os comportamentos do indivíduo desembocando em uma forma naturalizada de continuidade do modo de vida familiar. Quando essa naturalidade começa a se desconstruir cria-se o que ele designa de questão sucessória, objeto de seus estudos sobre agricultura familiar em Santa Catarina, nos quais mostra a dupla ruptura ocorrida a partir dos anos 1970:

A partir dos anos 70 a agricultura familiar do sul do país expõe-se a uma dupla ruptura: por um lado, as possibilidades objetivas de formação de novas unidades produtivas encontram-se cada vez mais limitadas, por outro, a ideia de que, na sua grande maioria, os jovens no campo destinavam-se a reproduzir os papéis de seus pais é cada vez menos verdadeira no interior das próprias famílias [...] é quando a formação de uma nova geração de agricultores perde a naturalidade com que era vivida até então pelas famílias, pelos indivíduos envolvidos nos processos sucessórios e pela própria sociedade (ABRAMOVAY et al, 1998, p. 36).

Segundo estudo coordenado por Castro (2009) a juventude rural não pode ser identificada apenas com a ideia da migração – saída do jovem do campo. Esse estudo comprovou a existência “[...] de uma juventude rural organizada a partir da diversidade de situações que hoje se apresenta no cenário da pequena produção familiar e trabalhadora rural brasileira” (CASTRO, 2009, p. 19). A recorrente associação da ausência de perspectivas de trabalho e estudo no meio rural e a atração da cidade formando um jovem desinteressado pelo mundo rural instigou a pesquisadora a problematizar a juventude rural na atualidade.

Para essa autora, o jovem rural é alvo do duplo enquadramento. Na cidade é reconhecido como do “meio rural” carregado de rotulações: atrasado, inferior. No mundo rural são identificados pelos pais/adultos como ‘muito urbanos’, isto é:

[...] jovem rural carrega o peso de uma posição hierárquica de subalternidade, ou seja, uma categoria percebida como inferior nas relações de hierarquia estabelecidas na família, bem como na sociedade. Esta posição está ainda marcada por um contexto nacional de difíceis condições econômicas e sociais para a pequena produção familiar (CASTRO, 2009, p. 39).

Entretanto, ainda segundo Castro, “[...] a categoria “jovem” é fortemente valorizada e constantemente acionada nos discursos dos pais e dos movimentos sociais rurais, associada à renovação e ao futuro, ou seja, como categoria-chave na reprodução da produção familiar” (CASTRO, 2009, p. 39).

Trazendo essa reflexão para a RESEX, a categoria juventude e o sujeito jovem são enfatizados como categorias-chave na perspectiva de sustentabilidade da Reserva nos documentos concernentes à cogestão – SNUC, Plano de Manejo. Entretanto, os dados obtidos nesta pesquisa mostram a ausência dos jovens na efetivação do projeto de RESEX. Iniciativas

de discutir com os jovens sobre a relação com o meio ambiente vêm se apresentando recentemente como o seminário “Juventude democracia e meio ambiente”, na RESEX de Tracuateua, já citado, envolvendo jovens de cinco RESEX da região incluindo a de Caeté-Taperaçu. Nesse evento, a participação dos jovens mostrou-se proativa desde a organização até as proposições relacionadas com o meio ambiente.

Segundo o estudo sobre jovens e o mundo rural de Stropasolas (2006), a saída de jovens do campo não se restringe a fatores econômicos, envolve uma multiplicidade de fenômenos, incluindo aqueles que limitam o desenvolvimento das potencialidades desses jovens no plano pessoal. Stropasolas põe em questão a causalidade da “[...] destruição do tecido social nas comunidades rurais” com “[...] a desagregação do ambiente cultural ao esvaziamento demográfico, particularmente de jovens, sendo o processo migratório visto como um movimento de via única e determinado, sobretudo, por causas externas” (2006, p. 22). Para esse autor, no contexto da agricultura familiar:

[...] a migração de jovens não é a causa imediata do possível comprometimento social da agricultura familiar, mas coloca em relevo as contradições e os conflitos, externos e internos, que resultam da forma singular e desigual de interação do rural com a sociedade global, expressando, também, a busca por mudanças que não se restringem apenas aos aspectos econômicos, mas que visam a redefinir o próprio sistema cultural que reproduz a agricultura familiar (STROPASOLAS, 2006, p. 23)

Ainda sobre juventude rural, os estudos de Carneiro (2007) discutem essa mobilidade campo e cidade na perspectiva que ela denomina de “novas mentalidades” no cenário rural. Ela diz:

Entendo que a intensificação da comunicação com a cidade, na atual conjuntura, nos coloca como importante desafio entender os valores e novos anseios dos jovens de residência rural em face não apenas da atração que a cidade e seus bens materiais e imateriais exercem sobre eles como também, na direção oposta, em face da revalorização do meio rural por segmentos da população urbana (CARNEIRO, 2007, p. 53).

Carneiro enfatiza que as mudanças em curso na sociedade repercutem na maneira como os jovens “percebem a si próprios e os outros” (p. 53). Ao mesmo tempo chama a atenção para o debate que se vem travando sobre a dualidade rural-urbano. Para ela, na medida em que se identifica um movimento de aproximação entre esses espaços sociais e/ou modos de vida tende-se a partir para a ruptura com a dualidade e, correr novos riscos de, mais do que clarificar a compreensão desses espaços, obscurecê-la.

Com efeito, é extremamente delicado em uma sociedade conectada atualmente, conceber fronteiras formalmente delimitadas nesses dois espaços sociais. Os dados desta

pesquisa ajudam a compreender, em parte, essa perspectiva de um rural com pinceladas de urbanidade. Como foi mostrado no Capítulo 3, a presença de emissoras de TV, dos aparelhos de celulares e da internet, mesmo de forma menos intensa que no meio urbano, são os principais meios para se informar e se comunicar entre os jovens da RESEX. As novidades e a chamada “notícia quente” na linguagem jornalística chega aos moradores da RESEX na mesma velocidade que chega à capital do estado, Belém. No entanto, esses elementos associados a outros na mesma linha, seriam realmente suficientes para o desaparecimento dessa dualidade? Acredita-se que não. Para alterar o modo de vida das populações rurais há que haver um longo processo de mudança não somente na base produtiva – agricultura, pecuária, extrativismo, entre outros, como nas manifestações culturais que dão suporte ao modo de vida do agricultor, do caboclo, do indígena, do pescador etc.

Compreende-se, entretanto, que novos elementos surgem nesse “novo rural” e que, de formas diversas alteram, em alguns casos mais que em outros, o contexto do que se é denominado de rural. Por isso, Carneiro (2007) atenta para a complexidade dessa definição e de seus critérios classificatórios, ou seja, no seu dizer, “mais rural” e “mais urbano”. Ela então recorre a diversos autores que buscam compreender essa questão como José Eli da Veiga (2004) que argumenta por uma “reclassificação da população e dos municípios brasileiros” (p. 55) e Nazareth Wanderley (2007) que opta pela ambiguidade do universo de pequenas cidades – “[...] que é formalmente definido como urbano, se acionarmos os critérios oficiais de classificação vigente, mas que guarda também algo que o distingue de uma verdadeira “experiência urbana”, como chama a atenção, muito apropriadamente, a autora” (CARNEIRO, 2007, p. 57).

Anita Brumer (2007) destaca no estudo da juventude rural dois aspectos recorrentes: “[...] a tendência emigratória dos jovens, em grande parte justificada por uma visão relativamente negativa da atividade agrícola e dos benefícios que ela propicia; e as características ou problemas existentes na transferência dos estabelecimentos agrícolas familiares à nova geração” (BRUMER, 2007, p. 37). Essa autora reitera o que os dados demográficos vêm apresentando sobre a “continuidade do processo migratório campo-cidade” (p. 36). Reitera também os fatores de “atração” – em particular, as opções de trabalho remunerado e, os de “expulsão” – “as dificuldades da vida no meio rural e da atividade agrícola” (p. 36). Para ela:

Apesar do peso dos fatores estruturais, as decisões sobre a migração são tomadas por indivíduos, que variam na avaliação de fatores de atração ou de expulsão. Ademais, na decisão de migrar, provavelmente os fatores de expulsão são anteriores aos de atração, na medida em que os indivíduos

fazem um balanço entre a situação vivida e a expectativa sobre a nova situação (BRUMER, 2007, p. 37).

Freire e Castro (2007) compreendem juventude rural no contexto amazônico como:

[...] grupos cambiantes, situados em espaços sociais e temporalidades que lhes atribuem múltiplos significados [...] Propor-se a investigar a juventude do campo na Amazônia exige recortes num universo material, simbólico e cultural marcado pela diversidade. São jovens ribeirinhos, quilombolas, indígenas, pescadores, extrativistas, agricultores familiares, assentados (FREIRE, CASTRO, 2007, p. 218-219).

Com enfoque nos jovens assentados da reforma agrária, as autoras buscaram compreender as “tessituras das identidades” desses jovens que concebem o campo como um lugar paradoxal: de um lado a vida harmônica com a exuberância da natureza e de outro “a penosidade do trabalho agrícola” (FREIRE; CASTRO, 2007, p. 226). Entretanto, “[...] os jovens predominantemente são afirmativos, orgulham-se de ser do campo, processo identitário esse mediado pela relação com a natureza, cultura camponesa, família, comunidade, elementos fundantes nas representações dos(as) jovens” (FREIRE; CASTRO, 2007, p. 226). Entretanto, afirmam as autoras, “[...] há jovens que expressam infelicidade na sua condição de agricultores(as), que internalizam as discriminações e preconceitos de que são vítimas” (FREIRE; CASTRO, 2007, p. 229).

As autoras destacam a distinção entre a agricultura do norte “[...] que utiliza poucos insumos externos em relação à agricultura do sul do Brasil, mais capitalizada” (FREIRE; CASTRO, 2007, p. 228).

Este breve apanhado sobre juventude rural no Brasil revela que, do Norte passando pelo Nordeste até o Sul a juventude rural se apresenta em suas particularidades, contudo é marcada pela invisibilidade social, muito particularmente na região Norte, e, destarte as políticas propostas para o campo, sofre as consequências da ausência de políticas de Estado que possibilitem desenvolver o meio rural ao ponto em que a migração para a cidade se torne, de fato uma opção e não uma imposição.

4.4 Juventude e participação

Ao se tomar a categoria juventude de forma polissêmica e não como um todo homogêneo, a participação de jovens deve levar em conta esses dois fatores. Da mesma forma deve contemplar e respeitar a condição da etapa de desenvolvimento do ciclo vital nos seus aspectos biológicos, psíquicos, sociais, culturais e sociais. O jovem é gregário, busca a contestação do estabelecido e a criação de novas práticas socioculturais. Por outro lado, está mais vulnerável às ingerências da sociedade de consumo. Como envolvê-lo em uma ação

coletiva pública local? Em primeiro lugar, é preciso conhecer esse jovem em todas as suas dimensões humanas. Entendê-lo em seu contexto e pensar ações que potencializem a sua energia catalizadora de mudanças, pois, conforme Zhoure e Oliveira (2010) “[...] a defesa do lugar, do enraizamento e da memória destaca a procura por autodeterminação, a fuga da sujeição aos movimentos hegemônicos do capital e a reapropriação da capacidade de definir seu próprio destino” (p. 445). E mais, definem o lugar como “esteio da identidade”, como ‘suporte do ser no mundo’, como ‘referenciais que tornam os homens sujeitos de seu tempo’ (ZHOURE; OLIVEIRA, 2010, p. 445).

Historicamente, os jovens destacam-se por seu protagonismo nos processos sociais de seus territórios. Na Grécia, Aristóteles já destacava a força empreendida pelos jovens para “abrir caminho”. Eram os primeiros a participarem das guerras, defendendo suas vilas e cidades. O protagonismo dos jovens para a preservação de sua comunidade e conquista de novos territórios era, assim, sublinhado (ARIÈS, 2006).

Contudo, é na modernidade que a participação dos jovens emerge com mais significância social, cujo marco histórico é a Revolução Francesa, que teve maciça participação da juventude. Destarte os avanços e retrocessos pós-Revolução, “[...] a sensação ao longo do século XIX é que cada vez mais há uma oposição entre o novo – que é liberdade, vida, democracia – e o antigo, que é servidão, preconceito, mentira. Desde então, a juventude tem sido um valor importante” (RIBEIRO, 2004, p. 19).

Na contemporaneidade, os jovens enfrentaram o conflito de gerações e demarcaram espaços sociais na busca de direitos como os movimentos de jovens por reivindicações estudantis, moradia e participação política. Historicamente, os jovens guardam uma força de mudança do estabelecido, cujo dinamismo deve ser canalizado para um objetivo social e coletivo, o que em muitas sociedades é expressa de forma difusa e autodestrutiva.

Mais recentemente, a juventude vem sendo representada socialmente por um viés da nossa “civilização dos descartáveis”. De um lado, a expressão engloba aqueles dos quais a sociedade quer se desvencilhar, o que é especialmente visível na restrita oferta do mercado de trabalho para os jovens sem experiência. Mas, tais representações também parecem contradizer a sobrevalorização do novo e, por conseguinte, do jovem, do ser aberto a mudanças, paralelamente com a desvalorização do velho, do apegado ao passado etc. (MARTÍN-BARBERO, 2008). Nesse sentido, muitos jovens estão à deriva (SENNETT, 2009), sem perspectivas e disposições que os estimulem a participar ativamente da vida de sua comunidade, e, em alguns casos, envolvendo-se com uso de álcool, drogas e exploração sexual.

A partir do marco legal do Estatuto da Juventude (2013), que garante aos jovens, entre outros, o direito a “[...] valorização e promoção da participação social e política, de forma direta e por meio de suas representações”, torna-se imprescindível pensar a participação desses jovens em seus territórios.

Bordenave (1983) argumenta que a participação na sociedade moderna pode ser entendida como:

[...] se a civilização moderna, com seus enormes complexos industriais e empresariais e com seus meios eletrônicos de comunicação massiva, tivesse levado os homens primeiro a um individualismo massificador e atomizador e, mais tarde como reação defensiva frente à alienação crescente, os levasse cada vez mais à participação coletiva (BORDENAVE, 1983, p. 7).

Para esse autor a participação tem crescido em vários setores desde as mais triviais como os programas de rádios que inseriram a participação do ouvinte até as chamadas dos partidos políticos e do crescimento do associativismo, ele então conclui “[...] estamos entrando na era da participação” (BORDENAVE, 1983, p. 8). Ocorre que a participação, segundo esse autor, dá-se tanto pelos setores que são a favor da liberdade, democracia, de avanços nas condições de vida material e social da população quanto de segmentos retrógrados que preferem frear as conquistas dos setores populares. Ele afirma: “Do ponto de vista dos setores progressistas, a participação facilita o crescimento da consciência crítica da população, fortalece seu poder de reivindicação e a prepara para adquirir mais poder na sociedade” (BORDENAVE, 1983, p. 12).

O autor destaca duas bases da participação – a participação afetiva e a meramente instrumental ou consumatória. Na afetiva participa-se espontaneamente pelo prazer de estar com os outros, ou na perspectiva de Simmel, pela socialidade (SIMMEL, 1983). A participação com base instrumental ou consumatória, ocorre pela racionalização dos resultados a serem obtidos pela ação de mais de um indivíduo, tender-se a ser “mais eficaz e eficiente”. Destaca também o sentido etimológico da palavra – “parte”, em três níveis crescentes de participação: a) Fazer parte; b) Tomar parte; c) Ter parte. Portanto, “[...] é possível fazer parte sem tomar parte” e tomar parte “[...] representa um nível mais intenso de participação. Eis a diferença entre a participação passiva e a participação ativa, a distância entre o cidadão inerte e o cidadão engajado” (BORDENAVE, 1983, p. 32). Além disso, complementa o autor, a qualidade da participação dentre os que são mais ativos, ou seja, dentre os que tomam parte varia: “A prova de fogo da participação não é o quanto se toma parte, mas como se toma parte” (BORDENAVE, 1983, p. 23).

Outro aspecto abordado por esse autor diz respeito à micro participação e a macro

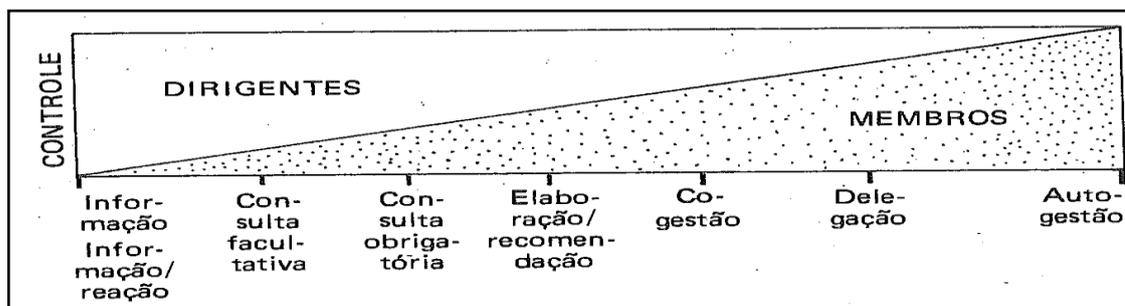
participação. “O cidadão, além de participar em nível micro na família e nas associações, também participa em nível macro quando intervém nas lutas sociais, econômicas e políticas de seu tempo” (BORDENAVE, 1983, p. 24). Esta última “[...] compreende a intervenção das pessoas nos processos dinâmicos que constituem ou modificam a sociedade. Sua conceitualização, por conseguinte, deve incidir no que é mais básico na sociedade, que é a produção dos bens materiais e culturais, bem como sua administração e seu usufruto” (BORDENAVE, 1983, p. 24 e 25).

Baseado em Satira Bezerra Ammann, o autor define participação social como “[...] o processo mediante o qual as diversas camadas sociais têm parte na produção, na gestão e no usufruto dos bens de uma sociedade historicamente determinada” (BORDENAVE, 1983, p. 25). Daí, segundo ele, a importância da participação – família, escola, vizinhança -, como exercício para se chegar a uma sociedade participativa. Nesse processo, ainda segundo Bordenave, as agências sociais mais próximas ao cidadão caberiam o papel do exercício da participação.

Por outra perspectiva, Bordenave destaca seis maneiras de participar: a participação de fato, a espontânea, a imposta, a voluntária, a dirigida ou manipulada, a concedida. A participação de fato pode ser entendida como aquela que leva o homem a buscar seus meios de subsistência – produção de alimentos e cultos religiosos, no âmbito da família e dos grupos primário. A espontânea relaciona-se aos grupos que se formam sem objetivos claros a não ser o desejo de satisfazer necessidades psicológicas de pertencer, expressar-se, dar e receber afeto, obter reconhecimento e prestígio, também ocorre nos grupos primários (p. 27). Na participação imposta o indivíduo é “obrigado a fazer parte do grupo e realizar atividades indispensáveis”, como exemplo – os rituais de passagens em sociedades indígenas, o voto obrigatório, o serviço militar obrigatório. Já a participação voluntária são os próprios participantes que criam o grupo, definem sua organização, a exemplo: cooperativas, associações profissionais, sindicatos livres, partidos políticos (p. 28). A participação dirigida ou manipulada é aquela que parece ser espontânea, mas, de fato, é provocada por agentes externos cujos objetivos já se encontram delineados e os “participantes” são manipulados para executá-los. Na linguagem bourdesiana, esse tipo de participação parece se assemelhar ao que ele denomina de dominação simbólica. A extensão rural é um exemplo dado pelo autor para esse tipo de participação. E, a participação concedida é aquela que “[...] viria a ser a parte de poder ou de influência exercida pelos subordinados e considerada como legítima por eles mesmos e seus superiores. A participação nos lucros outorgadas por certas empresas a seus trabalhadores, cairia nesta categoria” (BORDENAVE, 1983, p. 29).

Muito importante para este estudo é o esquema elaborado por Bordenave que considera como questões-chave os graus e níveis de participação, baseados no controle. A Figura 44 expõe a linha crescente de graus de participação, cujo primeiro é o do acesso à informação e o último é o da autogestão.

Figura 44 – Graus de participação



Fonte: Extraído de Bordenave (1983, p. 31)

O autor explica que no primeiro grau – Informação/reação, o participante é informado da decisão tomada. Pode ocorrer que os dirigentes levem ou não em conta a reação dos participantes e, por vezes possam reverter a decisão. No segundo grau – Consulta facultativa/obrigatória, o participante é consultado sobre sugestões e críticas para resolver uma situação, contudo, a decisão não lhes cabe. Nesse grau entra também a consulta obrigatória, mas a decisão fica também no âmbito dos dirigentes. O exemplo dado é o da negociação entre patrões e trabalhadores. No terceiro grau – Elaboração/recomendação o autor chama a atenção para um patamar no qual a participação começa ser mais efetiva, ou seja, os participantes “[...] elaboram propostas e recomendam medidas que a administração aceita ou rejeita, mas sempre se obrigando a justificar sua posição” (p. 32). Um nível ainda maior de participação é a cogestão cuja administração é “compartilhada mediante mecanismos de codecisão e colegialidade”. Os participantes atuam coletivamente na gestão por meio de instrumentos como comitês e conselhos. Este grau de participação é a que contempla as Reservas Extrativistas que, no caso estudado, envolve os comitês de representantes das comunidades que compõem a RESEX e o órgão máximo de decisão é o conselho deliberativo. Esse grau de participação exige o exercício da participação em vários níveis para que a cogestão não seja apenas uma letra morta nos documentos legais. Outro grau de participação mais efetiva é o da Delegação no qual os membros tem “certa autonomia” com poder de decisão e, que necessitam que os delegados tenham autoridade para exercer esse poder de decisão. O mais elevado grau de participação definido por Bordenave e, também o mais complexo, é o da autogestão “[...] no qual o grupo determina seus objetivos,

escolhe seus meios e estabelece os controles pertinentes sem referência a uma autoridade externa. Na autogestão desaparece a diferença entre administradores e administrados, visto que nela ocorre a autogestão da administração” (BORDENAVE, 1983, p. 32, 33).

As contribuições de Bordenave trazem elementos importantes para compreensão do processo participativo na RESEX em estudo. No que concerne à participação de jovens buscou-se nos estudos da OEA, da organização *Save the Children* e do UNICEF (VICTOR, 2010) o que vem sendo discutido como participação juvenil, conforme enunciado a seguir:

La participación es un derecho que se logra a través de un proceso de construcción y lucha individual y colectiva con responsabilidad y organización, para garantizar que la opinión y expresión de los niños, adolescentes y adultos (sin distinción de raza, religión, capacidades físicas, sexo, opinión política ni de ningún tipo) incidan en forma prepositiva en la toma de decisiones en todos los ámbitos. Este proceso de construcción debe fundamentarse en relaciones horizontales, con respeto, solidaridad, excelencia, dejando de lado las formas decorativas, enunciativas y de manipulación (CUENCA, 2004).

Na sua proposta Nacional de Participação Infantil e Adolescente no Plano Peru de 2009 a participação juvenil é definida como:

[...] un derecho inherente a la persona y a su condición ciudadana y es un proceso que posibilita que los niños, niñas y adolescentes se empoderen, jueguen un rol en la definición de rumbos de acción en espacios propios y colectivos de la sociedad, opinen libremente y de manera informada, tomen decisiones individuales y colectivas, asuman compromisos, generen propuestas alternativas en los aspectos de su interés, convirtiéndose en protagonistas de su propio desarrollo, el de sus familias, de sus comunidades y nación.

O UNICEF, em conjunto com diversas entidades de proteção ao jovem, identificou uma escala de participação de jovens em diversos empreendimentos sociais. Nesse documento, a participação é definida em oito níveis que vão desde o não participativo até a participação efetiva, conforme o Quadro 2.

Quadro 2 – Escala de participação juvenil em empreendimentos sociais

NÍVEIS	ESCALA DE PARTICIPAÇÃO
1.	Manipulación consiste en aquellos proyectos en los que los niños no entienden los temas que se tratan y, por lo tanto, no comprenden el sentido de sus propias acciones.
2.	Decoración se refiere a aquellos eventos en los que los niños participan únicamente para reforzar una causa que defienden adultos.
3.	Simbólica se refiere a aquellas instancias en las que los niños son aparentemente instados a participar pero que en realidad tienen poca o ninguna opción sobre los temas tratados o el modo en que estos serán comunicados. Están sometidos al discurso adulto.
4.	Asignados pero Informados, el proyecto habrá de cumplir con una serie de requisitos: a) el niño debe entender las intenciones del proyecto; b) debe entender quien toma las decisiones en cuanto a su participación y por qué; c) debe tener un rol significativo y no “decorativo”; y d) debe haberse ofrecido a participar en el proyecto voluntariamente después de que el proyecto le fuera explicado con claridad.
5.	Consultados e Informados, el proyecto es enteramente manejado por adultos pero los niños operan como consultores. Los niños entienden los propósitos del proyecto y sus opiniones son tomadas en serio.
6.	Proyectos Iniciados por Adultos con Decisiones Compartidas con Niños, este sexto niveles donde se alcanza una participación plena; el niño deja de ser simplemente consultado para pasar a compartir la toma de decisiones con los adultos.
7.	Proyectos Iniciados y Dirigidos por Niños, es difícil encontrar ejemplos en los que estos proyectos se desarrollen adecuadamente. En una primera instancia porque los adultos no responden bien a las iniciativas propias de los niños. En segunda instancia porque incluso en aquellos casos en que los adultos si acepten la iniciativa proveniente de los niños se torna difícil para aquellos no adoptar un rol directriz.
8.	Proyectos Iniciados por Niños con Decisiones Compartidas con Adultos, este último niveles generalmente alcanzado por aquellos que se encuentran en las últimas etapas de la adolescencia y consiste en incorporar a los adultos en proyectos que ellos mismos han concebido y desarrollado.

Fonte: Victor (2010)

O mesmo documento do UNICEF adverte que essa escala de participação é condicionada por múltiplos fatores. Estes incluem o grau de autonomia dos jovens, aprendizados e vivências de experiências de participação e as tradições participativas da comunidade na qual estão inseridos e, por último, a disposição dos adultos da comunidade em produzirem condições adequadas à formação dos jovens para a participação efetiva.

Sem esses fatores, os jovens podem sentir-se à deriva, sem perspectivas e disposições que os estimulem a participar da vida de sua comunidade. Achados desta pesquisa permitiram identificar participação de jovens em ações ligadas a igrejas, escolas e atividades culturais e esportivas. Esses dados sugerem que, se estimulados por meio de “aprendizados e vivências de experiências de participação”, os jovens também poderão vir a ter participação significativa na gestão da RESEX.

A partir dos níveis seis, sete e oito da escala de participação do UNICEF, pode-se perguntar: em que medida os jovens da RESEX, estariam se apropriando das múltiplas dimensões e representações do território como um “[...] espaço sobre o qual um certo grupo garante aos seus membros direitos estáveis de acesso, de uso e de controle sobre os recursos e sua disponibilidade no tempo” (CASTRO, 1997, p. 223)? Espaço social que envolve também

“[...] uma integração entre a vida econômica e social do grupo, onde a produção faz parte da cadeia de sociabilidade e a ela é indissociavelmente ligada, facilitando encontros interfamiliares, realizações de festas, perpetuação de rituais e outras modalidades de trocas não-econômicas” (CASTRO, 1997, p. 224).

Dessa forma, é importante observar em que bases a participação dos jovens na RESEX está fundamentada, se em relações horizontais ou, ao contrário, efetivadas em participações meramente decorativas, enunciativas e manipuladoras conforme discute o documento do UNICEF (VICTOR, 2010).

Com base nesse conjunto de reflexões sobre juventude e participação, apresenta-se a seguir a visão dos jovens das duas Vilas pesquisadas sobre o tema.

4.5 Juventude segundo os jovens das duas vilas

a) Juventude segundo os jovens de Vila do Bonifácio

Com o intuito de identificar a noção que os jovens da Vila do Bonifácio têm sobre juventude, foi formulada a pergunta: *O que vem à sua cabeça quando falo a palavra Juventude?* Essa pergunta foi inspirada na pesquisa “Sociedades sul-americanas: o que dizem os jovens e adultos sobre juventudes” (IBASE; PÓLIS, 2009) que entrevistou 14 mil jovens e adultos da América Latina e que citaram 1.851 palavras sobre juventude, com maior frequência: diversão, alegria, liberdade, independência, responsabilidade, futuro, perda, esperança, falta de esperança, falta de responsabilidade. Na Vila do Bonifácio, dos 57 jovens entrevistados 54,4% responderam a pergunta, 29,8% não souberam responder e em 15,8% não obtivemos essa informação. Ver Tabela 94.

Tabela 94 – Dimensionamento das respostas dos jovens da Vila do Bonifácio

JUVENTUDE	FREQ.	%
Respondeu	31	54,4
Não soube responder	17	29,8
Sem informação	9	15,8
TOTAL	57	100

Fonte: Pesquisa de campo (2015)

Sistematizando as respostas dos jovens, juventude é, em primeiro lugar, para 26,8%, liberdade: ser livre, aproveitar a vida, a adolescência, fazer o que pensa, mas com sabedoria e ser dono da sua vida. Em segundo lugar, para 19,5%, juventude está relacionada a uma adjetivação positiva como: alegria, maravilhosa, uma coisa boa, centro da humanidade, ter uma juventude boa, ser jovem, vitalidade e força. Em terceiro lugar, para 17,2% é lazer: diversão, sair para passear, encontrar os amigos, brincar, pular, jogar futebol e curtir. Em

quarto lugar, para 12,2% é também ter responsabilidade: não fazer coisa errada, ter respeito, ter consciência do que faz, ter sonhos e fazer planos. Em quinto lugar, juventude para 9,7% é momento de aprendizagem e obtenção de conhecimento, estudar, fazer algo diferente, inovar, aprender para além dos antepassados. Para 7,3% juventude é futuro, é uma fase que vem depois da adolescência, é uma fase de pessoas que estão em formação, e um meio como o futuro vai ser visto. Para 4,9% juventude é engajamento em grupos de jovens, movimentos de jovens, é participar na igreja, na escola. O correspondente a 2,4% disse que juventude é “várias coisas”. Ver Tabela 95.

Tabela 95 – Juventude segundo os jovens da Vila do Bonifácio

JUVENTUDE	FREQ.	%
Liberdade	11	26,8
Adjetivação positiva	8	19,5
Lazer	7	17,2
Responsabilidade	5	12,2
Aprendizagem, conhecimento	4	9,7
Futuro	3	7,3
Engajamento	2	4,9
Várias coisas	1	2,4
TOTAL	41	100

Fonte: Pesquisa de campo (2015)

A noção de juventude dos jovens da Vila do Bonifácio se aproxima das noções apresentadas, com maior frequência, na pesquisa entre os jovens da América Latina acima citada: diversão, alegria, liberdade, independência, responsabilidade e futuro. Entre os jovens do Bonifácio não aparecem adjetivação negativa para a noção de juventude, como aparece na pesquisa referida.

Em síntese, nas falas dos jovens aparecem aspectos relevantes para compreender o que pensam sobre juventude. Uma delas refere-se a uma força de inspiração e mudança que avança sobre o passado em direção ao futuro. Juventude não apenas como uma “mercadoria de consumo”, uma “Coca-Cola”. Uma geração que não aceita rótulos, que busca conhecer para além do que seus pais e avós sabiam. Essa noção de juventude é crítica e ativa na expectativa de mudança do estabelecido, uma juventude que sabe onde está e, para onde vai e que precisa ser visibilizada. É o que contempla a fala do jovem a seguir:

Como uma frase de Renato Russo - É geração Coca-Cola! Como muitos dizem que nós somos o futuro da humanidade, então a juventude em si ela tem que se apresentar pro mundo, ela tem que parar de mostrar esse - como é que se pode dizer - esse rótulo de uma juventude preguiçosa, de uma juventude que não quer nada, mas sim tem de mostrar essa juventude que sabe o que quer pra vida, essa juventude que busca conhecimentos muito além dos nossos antepassados que não tiveram. Então, é essa juventude que eu acredito na minha consciência (L. S. G., 19 anos).

A relação da juventude com uma fase da vida em que se tem vitalidade tanto para o lazer quanto para o trabalho também foi referenciada entre os jovens. Pode-se dizer que essa noção está intimamente ligada com o sentido de força, disposição – inverso à indisposição e, jovialidade no sentido de alegria, de prazer, de descontração. A fala a seguir mostra essa relação:

Juventude é uma parte da vida que você tem que saber curtir aquilo que vai ser no futuro, que vai dar resultado, que vai te satisfazer, no modo de dizer – feliz. Poxa isso é bom? É, num é se acabar, é você saber aproveitar seu lazer [...] Mana, a minha juventude é muito boa. Tô com saúde, graças a Deus, tenho força de correr, de brincar, de perder sono e de me comunicar com os outros (L. F. M., 20 anos).

Faz parte também da noção de juventude, apontada pelos jovens entrevistados, a relação de juventude com momento da vida em que se começa a participar na sociedade, no mundo público que ultrapassa os muros da família. O jovem inicia um caminho gradativo de tomar parte nesse mundo público, participando de grupos de artes, músicas, leituras, teatro, esporte, grêmios, equipes de trabalho na escola, na igreja e na comunidade. Esse exercício de participação organizada, conforme Bordenave advoga, é importante para que o jovem experimente sentimentos de pertencimento e de aprendizado para a participação mais efetiva como a cogestão. O jovem é gregário, busca os pares para se relacionar e desenvolver a sua sociabilidade. Os grupos organizados permitem esse exercício. A fala seguinte enfatiza esta situação: *Pra mim, hoje juventude é aqueles jovens que participam da Igreja. Pra mim isso é juventude, é um movimento, é um grupo de jovem que procura algo melhor pra vida (L. F. L., 28 anos).* Outra jovem concorda: *Juventude acho que é mais quando estão participando da igreja, da escola (M. A. M., 20 anos).*

Para os jovens entrevistados, a noção de juventude também encerra o tempo de sonhar, fazer planos. É a fase de projetar o que se pretende na vida. Elaborar sonhos é fundamental para manter a expectativa de continuação da vida, especialmente em uma fase em que o terreno das relações sociais, emocionais, das certezas formadas pelo ancoramento da família, da escola parecem menos firme. A elaboração de sonhos permite dar sentido ao que virá. O jovem a seguir relata: *Quando a gente tá jovem a gente sonha fazer um bocado de coisa, planeja, nem toda vez dá certo e os sonhos fica lá pra trás (M. C. S., 24 anos).*

O sentido de juventude relacionado ao novo, às coisas novas, inovação é recorrente entre as concepções de juventude presentes em vários estudos referenciados anteriormente. Aqui também, os jovens elaboraram essa relação conforme enfatiza a fala seguinte: *Juventude*

são os jovens que inovam as coisas, que querem, digamos, progredir na vida, fazer algo diferente. Acho que isso pra mim é juventude (M. C. S., 19 anos).

A noção de que o jovem é o futuro que deve ser reconhecido em uma sociedade também foi referida pelos entrevistados. Essa noção implica responsabilidade dos adultos dessa sociedade em conhecer e fortalecer essa juventude que, mais a frente, será a parcela dos homens e mulheres que estarão à frente das ações da sociedade. A qualidade da formação da juventude atual vai determinar a ação que irão desempenhar no futuro. Em se tratando de RESEX, essa noção de juventude é bem propícia para compreender a importância de envolver os jovens em ações de sustentabilidade do território em questão. A seguir a fala do jovem que encerra essa noção: *A juventude é meio para o futuro que precisa ser mais visto pela sociedade. A juventude aqui é pouco vista pela sociedade, muito pouco* (P. N. A. A., 23 anos).

Os jovens também relacionaram juventude com projeto de vida, com etapas definidas de amadurecimento, cujo período é propício aos estudos e após essa preparação para a vida adulta se segue a formação de sua própria família. Assim se expressa o jovem: *“Juventude é crescer, estudar e construir uma família depois”* (R. A. R., 20 anos).

A maternidade precoce implica, em alguns casos, a subtração da vivência da juventude na sua plenitude. As jovens mulheres, em especial, referem-se a essa condição na medida em que, no momento em que deveriam estar usufruindo da liberdade, do lazer, do estudo já estavam assumindo responsabilidades maternas. Daí que, algumas expressaram “não ter tido juventude”. As condições materiais na concretude da vida prática definem, em boa medida, a elaboração de um conceito como, neste caso – a juventude, como algo que está fora, como algo não vivido, embora tenha uma ideia do conceito. Ela diz: *Num sei nem lhe explicar o que é juventude porque eu num tive juventude, porque a minha juventude já foi criar filho. Juventude pra mim é brincar, pular, essas coisas assim* (A. C. B. S., 27 anos).

Ainda no campo do gênero, as jovens mulheres mesmo sem ter ainda passado pela maternidade assumem tarefas domésticas em detrimento do usufruto de uma vivência mais livre, na qual possam usufruir da sociabilidade e da socialidade (SIMMEL, 1983), como demonstra a fala da jovem a seguir: *Eu acho que é alguém que tem uma juventude boa. Mas quase eu num tive isso, porque sei lá, logo assim cedo nós queria mais fazer as coisas de casa. As vez nos brincava de casinha, de boneca, mas a gente logo tinha de aprender a fazer uma comida, varrer uma casa, lavar uma louça, era isso* (I. Q. C., 21 anos).

Houve também referência a noção de juventude e como ela se apresenta na comunidade, incluindo o perigo dos jovens estarem sujeitos à violência, à ameaça das drogas. As duas falas das jovens são críticas nesse sentido:

Juventude? Passa tanta coisa. Juventude é uma palavra muito bonita, mas muitos jovens não sabem realmente o que significa juventude. Eles pensam que juventude é só se divertir, é brincar, é fazer festa e muitas vezes num é isso. Eu participo de um grupo e a nossa questão é sempre esta. O nosso grupo de jovens começou muito grande e, com o tempo, foi ficando pequeno. Esses jovens daqui num procuram nada, só querem saber de festa, de farrear, essas coisas. Nunca procuram fazer outras coisas a não ser isso. Pensam só em diversão, brincadeira. Se eles procurassem a igreja eles vão ver que eles vão aprender muito mais que nessa vida de festa, de beber, de fumar, entendeu. Então a gente debate muito sobre a juventude, porque hoje em dia tá tão difícil as coisas. Então você tem que ter consciência do que você faz, ainda mais agora que o mundo tá tão perigoso, né. Tanta violência que o ser humano já esqueceu o que é amor, amor ao próximo, porque agora do jeito que tá, tão se matando por R\$ 0,50 (M. D. S. B., 23 anos). Juventude é boa né, mas tem muitos que estão indo pro caminho errado. Tem muitos jovens que num vai pro lado certo, né. Umbora torcer que as crianças de hoje em dia, pensem mais e avancem na frente pra ser alguém na vida. Ter um bom emprego, que hoje em dia só tem um bom emprego se tiver um bom estudo (L. C., 29 anos).

b) Juventude segundo os jovens de Vila Que Era

Dos 23 jovens entrevistados em Vila Que Era, 87% responderam a pergunta e 13% não souberam dizer o que é juventude (Tabela 96).

Tabela 96 – Dimensionamento das respostas dos jovens da Vila Que Era

JUVENTUDE	FREQ.	%
Respondeu	20	87,0
Não sei	3	13,0
TOTAL	23	100

Fonte: Pesquisa de campo (2015)

Para os 87% que responderam, juventude é definida desde um sentimento de felicidade e alegria até a um período etário da vida, de crescimento e amadurecimento. Com maior frequência, 33,4% juventude é lazer: diversão, sair para passear, encontrar os amigos, jogar bola, conhecer lugares novos e viajar. Para 19,4% é o modo de viver do jovem: a fase que vem depois da adolescência, jovem de 16 a 21 anos, pessoa que está crescendo, modo de viver jovem, juventude mesmo, são os jovens, união dos jovens. Juventude relacionada à adjetivação positiva foi a resposta de 19,4% também: é alegria, é felicidade, é uma coisa boa, muito legal, viver coisas boas, força, viver em uma sociedade dignamente e, como adjetivação negativa, 8,3%: não levar nada a sério, violência, mexer e bagunçar. Nessa mesma proporção 8,3% relacionaram juventude com responsabilidade: trabalho, ajudar os pais, respeitar os mais velhos. Também, nessa mesma proporção, 8,3% a noção de juventude é de liberdade: fazer o que quer, o que gosta, escolher amizade. Correspondendo a 2,9% relacionaram juventude ao momento de aprendizagem e obtenção de conhecimento, dos estudos. Ver Tabela 97.

Tabela 97 – Noção de juventude para os jovens de Vila Que Era

JUVENTUDE	FREQ.	%
Lazer	12	33,4
Modo de viver do jovem	7	19,4
Adjetivação positiva	7	19,4
Adjetivação negativa	3	8,3
Responsabilidade	3	8,3
Liberdade	3	8,3
Aprendizagem	1	2,9
TOTAL	36	100

Fonte: Pesquisa de campo (2015)

A riqueza dos depoimentos dos jovens sobre juventude realçam sentidos como força, vitalidade, trabalho: *Pra mim, o idoso já numa idade meia avançada, já viveu muito, já trabalhou muito, aí o jovem não, a juventude já é outra. Aquela pessoa idosa já vai ficar na casa, o jovem já vai sair pra trabalhar e já vem, o jovem já vai o idoso fica* (D. R. J., 21 anos).

Ressaltam também sentimentos contraditórios como: alegria, felicidade e violência: *Alegria, felicidade hoje e, levando um pouco e, muita violência. Na juventude essas três coisas. Ser feliz é o remédio, alegria, melhor ainda, mas hoje a violência tá tomando de conta* (G. A., 20 anos). O sentido de crescimento, amadurecimento: *A juventude é quando tá começando assim a crescer, a ter os pensamentos. Tá crescendo na vida. Hoje a maior parte nas nossas comunidades, na sociedade, mais é a juventude. Então, a juventude tem assim a crescer na mentalidade, no conhecimento, em tudo. Isso pra mim é juventude* (L. F. M. M., 20 anos).

O depoimento do jovem destaca uma preocupação em relação aos jovens – o uso de drogas:

Juventude são os jovens que vem trazendo a juventude. As crianças tão no começo. A juventude já tá numa parte dela, até chegar na idade dos 60 anos aprende um bocado de juventude. Agora, tem muitas que num tem a sua juventude, tão na rua, tão nas drogas e nas outras coisas que não devem. Muitos nas cidades que se mete mais rápido aos 12 anos, tão nas drogas, aos 10 anos. Já no interior não, porque tem o acompanhamento dos pais, das mães. Tem mais recurso no interior do que na cidade na parte da educação dos pais (F. J. G., 24 anos).

4.6 Ser jovem para os jovens das duas vilas

a) Ser jovem para os jovens de Vila de Bonifácio

Saindo do âmbito da categoria juventude e, adentrando no campo do sujeito, o jovem, os entrevistados foram estimulados a responder: *Para você o que é ser jovem?* Dentre os 57

jovens, 73,7% responderam, 14% não souberam responder e 7% não informaram. Ver Tabela 98.

Tabela 98 – Dimensionamento das respostas dos jovens da Vila do Bonifácio

SER JOVEM	FREQ.	%
Responderam	42	73,7
Não sabe responder	8	14,0
Sem informação	7	12,3
TOTAL	57	100

Fonte: Pesquisa de campo (2015)

Para os jovens de Vila do Bonifácio juventude e ser jovem andam de mãos dadas. Dentre os 73,7% que responderam, elegeram o lazer, com 41,2% como a principal definição de ser jovem: aproveitar a vida, sair, se divertir, passear, curtir, brincar, ir à festa, jogar bola, vôlei, viajar e namorar. Em segundo lugar, com 20,5% vem a responsabilidade: trabalhar, ter um emprego, ter respeito pelas pessoas, ter limites. Para 13,7%, ser jovem faz parte de uma adjetivação positiva: ser feliz, ser alegre, ter disposição, ter força, ser bom, ter coisa bacana na vida. A aprendizagem para 8,2% faz parte do ser jovem: estudos, saber lidar com as pessoas, assim como a liberdade e fazer o que gosta. Para 4,1% ser jovem é ter jovialidade: ter um espírito jovem e ser novo. A afetividade também faz parte de ser jovem para 2,7%, como: ter carinho pela família e conversar. Por fim, ter direitos é parte de ser jovem para 1,4% como: o direito ao transporte escolar (Tabela 99).

Tabela 99 – Ser jovem para os jovens da Vila do Bonifácio

SER JOVEM	FREQ.	%
Lazer	30	41,2
Responsabilidade	15	20,5
Adjetivação positiva	10	13,7
Aprendizagem	6	8,2
Liberdade	6	8,2
Jovialidade	3	4,1
Afetividade	2	2,7
Ter direitos	1	1,4
TOTAL	73	100

Fonte: Pesquisa de campo (2015)

As falas dos jovens mostram que as referências para o sujeito – ser jovem, são semelhantes às referidas para a categoria – juventude com algumas variações. O usufruto do lazer prevalece e está interligado à liberdade de desfrutá-lo. É interessante a referência ao namoro e não ao casamento nessa fase da vida, segundo os entrevistados, ser jovem é viver sem as preocupações e responsabilidades do casamento e da maternidade, conforme explica o jovem: *Ser jovem é tudo!* [risos] *Ser jovem é tudo! Se diverte, num tem mulher pra tá tendo*

preocupação, é bom ser jovem. (M. S. R., 20 anos). Nessa mesma direção refere-se o jovem: “*Ser jovem é poder se divertir quando ainda tá novo, estudar, viajar* (R. A. R., 20 anos).

A noção de liberdade se repete também: *Ser jovem, no meu ponto de vista, é poder ser livre, é poder fazer aquilo que você gosta, tipo assim, fazer aquilo que a gente gosta de fazer* (F. S. B., 28 anos). Para a jovem a seguir, ser jovem é:

Na minha opinião ser jovem é ser livre pra você aprender coisas novas. É você assim poder sair. Por mais que você já tenha uma idade, mas você se sente jovem, se sente uma criança. Quando tiver vontade você brinca, você conversa, no dia a dia. Eu, por exemplo, tô com 27 anos, mas ainda sou jovem. Eu brinco de boneca com a minha filha que ela não tem parceira, a gente senta brinca. Então eu acho que isso é ser jovem, é ser livre pra gente ser (V. C. A., 27 anos).

A responsabilidade também faz parte do ser jovem da Vila do Bonifácio, as preocupações com o trabalho, com um emprego estável, e, no campo do comportamento ser uma pessoa com limites e respeitosa. A noção de ser jovem é referenciada com adjetivação positiva, como afirma o jovem: *Ser jovem é a melhor fase da vida do ser humano* [risos] *né, poxa, é o tempo que você tem mais disposição pra qualquer coisa,* [risos]. *A juventude hoje em dia se todos pensassem direito é o período, é o tempo que poderia se dedicar mais aos estudos pra um futuro melhor*” (G. M. B., 28 anos). Essa ideia é confirmada por outro jovem que diz: *Ser jovem é ser novo, poder fazer tudo, sem dificuldade* (J. B. M., 20 anos); Outra jovem também confirma: *Ser jovem é uma fase muito boa da vida, e que acaba. Hoje você tem força, você pode fazer isso, você pode fazer aquilo. Então é uma fase, a nossa vida são várias fases e em cada fase você aprende muito com seus erros e seus acertos, então isso contribui* (L. F. M., 20 anos).

A aprendizagem é ressaltada na fala do jovem: *Ser jovem pra mim é ter uma oportunidade de estudo melhor, garantia de que lá na frente, depois do seu estudo, ele vai ter um bom emprego, um bom transporte escolar* (C. G. A. B., 26 anos).

Outra noção de ser jovem refere a um movimento de saída, de deslocamento para uma realidade maior, uma fase de descoberta de novos horizontes, conforme afirma o jovem: *Ser jovem é ter a oportunidade de conhecer o mundo, conhecer a sociedade onde a gente vive, aprender várias coisas e adquirir tudo isso pra tentar ser um ser humano melhor no decorrer do tempo* (P. N. A. A., 23 anos). É também, segundo os entrevistados, o tempo da jovialidade, um “estado de espírito”, conforme mostra o jovem: *Ser jovem é o espírito da gente ser. É juventude, aquele espírito que a gente tem. Cada um tem o seu espírito jovem, eu sou jovem* (G. M., 27 anos).

b) Ser jovem para os jovens de Vila Que Era

Os jovens de Vila Que Era expressaram variadas noções de ser jovem. A mais frequente foi o lazer: 26,9% ou seja, poder se divertir, sair, dançar, namorar. Uma parcela de 19,7% considerou ser jovem com adjetivação positiva como: é bom, é ter alegria, ser feliz, ter ânimo, ter garra, ter determinação, ter força. Com 10,7% aparecem as noções de aprendizagem tais como: estudar, desenvolver seu potencial, aprender um pouco da vida, saber o que é o bem e o mal; o certo e o errado, amadurecer, ter mentalidade das coisas. Também nessa mesma proporção aparece o sentido de responsabilidade: ter responsabilidade, respeitar as pessoas, os mais velhos, ouvir conselhos dos pais, trabalhar e ser uma pessoa digna. Com 8,9%, surgem a expressão da afetividade e solidariedade: ser amigo, ter amigos, não brigar, ajudar as pessoas e compartilhar conhecimento. O equivalente a 7,1% aparece o sentido de liberdade, ou seja, ser desimpedido, fazer o que quer, ainda não tem a sua família própria e não ter que pensar nos problemas. Para 5,3% aparecem o ser jovem associado ao sentido de jovialidade: ser novo e também, na mesma proporção associado também a construção do futuro, isto é, ser alguma coisa na vida, conquistar as coisas, sonhar. Aparecem também sentidos de adjetivação negativa como: ter pouca responsabilidade, fazer bagunça. E, por fim, com 1,8% o sentido de participação, ou seja, participar de eventos (Tabela 100).

Tabela 100 – Ser jovem para os jovens de Vila Que Era

SER JOVEM	FREQ.	%
Lazer	15	26,9
Adjetivação positiva	11	19,7
Aprendizagem	6	10,7
Responsabilidade	6	10,7
Afetividade e solidariedade	5	8,9
Liberdade	4	7,1
Jovialidade	3	5,3
Futuro	3	5,3
Adjetivação negativa	2	3,6
Participação	1	1,8
TOTAL	56	100

Fonte: Pesquisa de campo (2015)

A noção de ser jovem como uma fase em que predomina o lazer, a diversão, a alegria é expressa pelo jovem a seguir:

É porque o adulto, pra ele, é ter responsabilidade. O adulto tem que ter mais responsabilidade, tem que ter o trabalho, tudo, o jovem não, ele não pensa nisso, ele pensa mais na parte de diversão, ele quer se divertir, pra ele tudo é lazer. Então quando falava que o jovem é isso é a parte da alegria pra ele, então ele não pensa assim nos problemas que vem acontecer, né, na

família dele, eles num tão nem aí, eles querem saber de se divertir (L. F. M. M., 20 anos).

Para J. F. C., 23 anos, ser jovem é *Além de estar nessa faixa etária, tem aquele ânimo, aquela garra que sempre mais conquista, tem mais determinação tanto é que o pessoal fala que: - 'Tem que aproveitar tua juventude pra fazer teus estudos, tua vida'. Quando fala ser jovem eu defino isso (J. F. C., 23 anos).*

Nessa mesma perspectiva o jovem é também definido como aquela pessoa que está na fase de maior vitalidade, tem mais força e está mais apta para o trabalho. Assim se expressa outro jovem:

Ser jovem é bom. A pessoa tá jovem, aí depois já vai com uma idade avançada. Enquanto ele tá jovem, ele tem toda a força pra ele fazer as coisas dele, as brincadeiras dele. Agora depois que ele vai pra uma idade, ele perde as forças dele já, quer ficar mais sossegado, trabalha, mas num é um trabalho efetivo, porque vai sentir dores nas costas, todo o corpo (M. A. F., 23 anos).

c) Idade em que uma pessoa é jovem segundo os jovens da Vila do Bonifácio

Pela perspectiva etária o Estatuto da Juventude considera jovem a pessoa com idade entre 15 e 29 anos. O Estatuto da Criança e do Adolescente, por sua vez, considera criança a pessoa com idade de 0 a 11 anos e adolescente de 12 a 17 anos. Há, portanto, uma superposição de instrumento legal na faixa de 15 a 18 anos em que a pessoa pode ser considerada adolescente ou jovem para fins da aplicação da lei. Buscou-se identificar também como os jovens entrevistados concebem a relação do jovem em termos de faixa etária.

Na Vila do Bonifácio, a maior parte, 22,7% indicou que a juventude começa aos 18 anos e 23,9% que termina aos 30 anos. Essa indicação se aproxima ao que preconiza o Estatuto da Juventude com uma diferença de 3 anos para o início e 1 ano para o término da juventude. Com menos frequência, 16,9% foi indicada a faixa de 15 anos para o início da juventude e com 19,6% os 20 anos para o término. Mais abaixo, com 13,3% os 12 anos para o início da juventude e 15,1% os 25 anos para o término. Em seguida, com 11,4% os 13 anos para o início da juventude e com 8,6% os 18 anos para o término. Também com 11,4% os 14 anos para iniciar e com 4,3% os 17 anos para terminar a juventude. Na sequência com 9,4% os 16 anos para iniciar a juventude e com 4,3% a juventude vai *até o fim da vida*. Em seguida, 5,6% indicaram os 10 anos para o início da juventude e 2,2% os 19 anos para terminar. Para 3,7% os 11 anos dá início à juventude e para 2,2% os 21 anos finda. Na mesma proporção com 3,7% a juventude começa aos 17 anos e termina, para 2,2% aos 22 anos. E, para 1,9% começa aos 8 anos e, igualmente com 2,2% não tem idade pra terminar: - *depende de cada*

peessoa; - ocorre por muito tempo; - Quem sabe lidar com a vida nunca deixa de ser jovem; - Não tem idade; - termina quando não tem mais força pra fazer nada; - Depende do coração pode ir até os 100 anos; - a pessoa sendo alegre e feliz é jovem;- Não é idade, vai da consciência. (Tabela 101).

Tabela 101 – Idade em que uma pessoa é jovem segundo os jovens da Vila do Bonifácio

COMEÇA	FREQ.	%	TERMINA	FREQ.	%
18 anos	12	22,7	30 anos	11	23,9
15 anos	9	16,9	20 anos	9	19,6
12 anos	7	13,3	25 anos	7	15,1
13 anos	6	11,4	18 anos	4	8,6
14 anos	6	11,4	17 anos	2	4,3
16 anos	5	9,4	19 anos	1	2,2
10 anos	3	5,6	21 anos	1	2,2
11 anos	2	3,7	22 anos	1	2,2
17 anos	2	3,7			
8 anos	1	1,9	Outros*	10	21,9
TOTAL	53	100	TOTAL	46	100

*Até o fim da vida; Depende da pessoa; Muito tempo; Quem sabe lidar com a vida nunca deixa de ser jovem; Não tem idade; Quando não tem mais força pra fazer nada; Depende do coração, pode ir até os 100 anos; A pessoa sendo alegre e feliz é jovem; Não é idade, vai da consciência.

Fonte: Pesquisa de campo (2015)

À juventude também são associados fatores que marcam o “estar na juventude ou não”, tais como a maternidade precoce. Para uma jovem que casou aos 15 anos, a juventude passou sem que ela pudesse usufruí-la. Em suas palavras: *É porque eu arranjei marido com 15 anos, então tipo assim, eu não aproveitei a minha juventude e, tem muitas meninas que num aproveitam também porque tem filho cedo* (A. S. F. S., 26 anos).

Outro fator que pode marcar o “estar na juventude” é o acelerado processo de disseminação de novas tecnologias, expondo crianças, adolescentes e jovens ao mundo público sem filtros: TV, internet e celular. Não há mais separação da criança em sua infância, nem do adolescente, nem do jovem, tal qual é discutido por Ariès, em “O sentimento da infância” (2006). Na medida em que não há um mundo específico para a infância, para a adolescência e para a juventude, abrem-se as portas do mundo público e, já não se consegue mais discernir o que é próprio para a criança, para o adolescente e para o jovem. A fala do jovem a seguir aborda essa questão:

Eu acredito que o tempo está muito avançado, a tecnologia muito perto. Antes eu achava que a juventude era de 18 anos pra frente, de 18 a 25 anos. Hoje em dia, pra mim, o jovem já é de 14 a 18 anos, ele já se considera jovem, já não é mais adolescente porque já conhece até mais coisas de que um próprio adulto. Hoje em dia você vê uma criança de 10 anos, 12 anos com celular na mão, com internet e tudo o que ela imaginar ela pode puxar

e fica por dentro de tudo. Então tá muito sábio hoje em dia, o jovem de 13, 18 anos já é jovem (G. M. B., 28 anos).

Outra noção de juventude abordada pelos jovens entrevistados diz respeito a um autorreconhecimento, ou seja, da capacidade que a pessoa tem de se auto conhecer e identificar seu grau de maturidade. Esse autorreconhecimento não depende da visão do outro ou de quaisquer paradigmas impostos pela sociedade, mas depende de seu auto reconhecimento enquanto ser em desenvolvimento. O entrevistado afirma:

Pra mim, no momento em que eu me identifiquei como uma pessoa que num quero mais isso, já saí dessa fase de criança. Eu sei como o mundo trabalha então vou tentar me adaptar. Então, da maneira que a pessoa se conhece no mundo, se identifica no mundo, creio que daí ela tendo uma maturidade, uma mente bem evoluída, ela já começa a se tornar como jovem mesmo que num seja na visão de outros. Mas, ela tende a se adaptar a isso (L. S. G., 19 anos).

Nessa mesma perspectiva encontra-se a posição da jovem a seguir:

Bom, eu na minha maturidade, desde os meus 17 anos eu já tenho uma maturidade do que eu quero. Porque a sua concepção vai da sua educação de vida, você vai amadurecendo com as suas experiências e com a vida mesmo [...] Mana, eu acho que a juventude termina só quando você num tem mais força pra fazer nada (L. F. M., 20 anos).

d) Idade em que uma pessoa é jovem segundo os jovens da Vila Que Era

Em Vila Que Era a maior parte, 25,1% dos jovens indicaram que a juventude começa aos 15 anos e, 25,1% que termina aos 30 anos. Com menos frequência, 20,8% foi indicada a faixa de 12 anos para o início da juventude e, com 16,7% os 25 anos para o término. Também na mesma proporção, 20,8% indicaram os 18 anos para o início da juventude e, em uma proporção menor 12,5% que ela termina aos 18 anos. Em seguida, com 12,5% a juventude começa aos 10 anos de idade e, para 8,3% termina aos 20 anos. Para 12,5% a juventude começa aos 14 anos e para 4,1% termina aos 16 anos. A menor proporção 8,3% afirma que a juventude começa aos 16 anos e, para 4,1%, igualmente, a juventude termina: 17 anos; 21 anos; 22 anos; 26 anos; 28 anos; 29 anos; 60 anos; - *Vai até morrer*. Ver Tabela 102.

Tabela 102 – Idade em que uma pessoa é jovem segundo os jovens de Vila Que Era

COMEÇA	FREQ.	%	TERMINA	FREQ.	%
15 anos	6	25,1	30 anos	6	25,1
12 anos	5	20,8	25 anos	4	16,7
18 anos	5	20,8	18 anos	3	12,5
10 anos	3	12,5	20 anos	2	8,3
14 anos	3	12,5	28 anos	2	8,3
16 anos	2	8,3	29 anos	2	8,3
			Outros*	5	20,8
TOTAL	24	100	TOTAL	24	100

*Outros: 16 anos; 21 anos; 26 anos; 60 anos; Até morrer.

Fonte: Pesquisa de campo (2015)

O depoimento a seguir ilustra a elasticidade que a juventude pode ter: *Acho que pra isso num tem idade não, num tem idade não, se quiser começa dos 10 começa e se quiser findar com os 60 finda* [risos] (A. C. A., 29 anos). O jovem G. A., 20 anos também advoga nesse sentido, ele diz:

Eu, pra mim, juventude não depende de idade. Hoje uma pessoa de 60, 70 anos pra mim é jovem. Basta ele ter aquele cabimento, mas hoje em dia, com a minha juventude vem dos, começa aos 12 anos se não me engano 11 anos até os 18 anos, essa é uma base, tipo assim, só que aí até os 18 anos, passando vai ter a própria responsabilidade, antes disso não, jovem é bem dizer como tá acontecendo, faz sem pensar porque não vai ter consequência pra eles, mas pessoas que já tem mais de 18 anos pensam antes de fazer certos tipos de coisas porque pode ter uma consequência grave pra ele (G. A., 20 anos).

A juventude “interrompida” pela maternidade é novamente referenciada, por uma jovem, que assim relata: *Ah quando começa e quando termina fica chato. De 14 anos a nossa juventude da gente brincar, sair, aí, de 14 anos pra frente a gente já é jovem. Ah, pra mim acabou cedo porque arrumei marido cedo, a minha juventude de jovem acabou rapidinho* (E. S. S., 24 anos).

e) Peculiaridade do jovem segundo os jovens da Vila do Bonifácio

Ainda para caracterizar o universo vivido pelo jovem perguntou-se: *Para você o que é típico do jovem?* Foram citadas 28 características específicas dos jovens e, com maior frequência, 50,1% o lazer, tais como: jogar bola; frequentar festas, fazer farra; se divertir; sair para passear; brincar e ir à praia. Em segundo lugar foi citado com 10,7% a atitude do jovem, isto é, o jeito de viver, a maneira de levar a vida. Também com 10,7% foi citada a força do jovem. Com 7,1% foi citada como típico do jovem a alegria. Nessa mesma proporção, 7,1% foi dito que o jovem “apronta” e também com essa proporção que é típico do jovem o estudo.

Com 3,6%, igualmente, foram citados o uso de bebida alcoólica e o trabalho como típicos do jovem (Tabela 103).

Tabela 103 – Peculiaridade do jovem segundo os jovens da Vila do Bonifácio

PECULIARIDADE DO JOVEM	FREQ.	%
Lazer	14	50,1
Atitude	3	10,7
Força	3	10,7
Alegria	2	7,1
“Apronta”	2	7,1
Estuda	2	7,1
Usa bebida alcoólica	1	3,6
Trabalha	1	3,6
TOTAL	28	100

Fonte: Pesquisa de campo (2015)

f) Peculiaridades do jovem segundo os jovens da Vila Que Era

Na Vila Que Era o lazer obteve quase a metade, 48,4% das citações para o que é específico dos jovens, ou seja: se divertir; frequentar festas, baladas; sair com amigos, passear, gostar de estar na rua; jogar bola; namorar. A dependência dos pais foi citada na proporção de 10,4% tais como: o jovem ainda não tem mentalidade das coisas, tem uma mente de criança; Ainda depende dos pais. Com essa mesma proporção, 10,4% aparece o uso de bebida alcoólica, o fumo e o uso de drogas. Com 7% das citações aparece que o jovem tem pouca responsabilidade. E, com o menor número de citações, 3,4% estão: a determinação; o jeito de ser do jovem; tem pouca experiência; a força; o trabalho; o estudo; a frequência à igreja (Tabela 104).

Tabela 104 – Peculiaridade do jovem segundo os jovens de Vila Que Era

PECULIARIDADE DO JOVEM	FREQ.	%
Lazer	14	48,4
Dependência dos pais	3	10,4
Beber, fumar, usar drogas	3	10,4
Pouca responsabilidade	2	7,0
Determinação	1	3,4
Jeito de ser	1	3,4
Pouca experiência	1	3,4
Força	1	3,4
Trabalhar	1	3,4
Estudar	1	3,4
Ir à igreja	1	3,4
TOTAL	29	100

Fonte: Pesquisa de campo (2015)

Sobre o lazer os jovens assim se expressam: *A característica típica do jovem [risos] é mais a parte do lazer, porque o jovem gosta muito do lazer, de se divertir assim, nem todos,*

mas a maioria, no meu entender (L. F. M. M., 20 anos); Ah, porque, ele vai passear, vai pra uma festa, vai prum [...]. Ele tem que se divertir, ele tem que jogar assim (L. F. R., 24 anos).

Sobre a dependência dos pais o jovem a seguir afirma: *Vem tudo misturado, junto misturado porque a pessoa que sai da adolescência, tem que depender muito do pai dele, tem que assumir a responsabilidade dele, mas o pai dele tem que dar o incentivo: – ‘Não faz aquilo que tu vai te prejudicar ou tu vai te prejudicar ainda mais’ (G. A., 20 anos).*

O uso de drogas, o fumo e a bebida alcoólica aparecem na fala do jovem: *Hum, ir pra uma festa, beber, fumar, usar drogas (F. J. G., 19 anos).*

A determinação é expressa na fala da jovem: *Se o jovem pensa uma coisa, ele vai lá e faz (A. C. A., 29 anos). O jeito de ser está assim expresso: O jovem tem um jeito próprio de falar, de se vestir (F. J. G., 19 anos). A pouca responsabilidade é identificada como uma característica típica do jovem nessa fase da vida conforme mostram as falas a seguir: O jovem mais novo faz muita coisa sem pensar no amanhã (G. A., 20 anos); O jovem tem pouca responsabilidade (J. S. R. C., 28 anos). A falta de experiência é assim referida: O jovem ainda não tem experiência (L. S. R., 29 anos); Sobre a força do jovem as falas expressão: O jovem tem força pra fazer as coisas, jogar bola (M. A. F., 23 anos); O jovem tem força pra trabalhar, ir pra roça, ir de bicicleta pra Bragança (T. B. S., 19 anos).*

4.7 Maternidade/paternidade e/ou casamento na juventude

Qual o peso que a maternidade, a paternidade e o casamento podem ter sobre a juventude? Essa foi uma das questões abordadas junto aos jovens.

Na Vila do Bonifácio são 33 jovens que se encontram na condição de casado(a), solteiros(a) ou separados com filhos. Essa parcela corresponde a 57,8% do total de jovens, conforme dados constantes no Capítulo 3. Dentre eles, 13 (oito mulheres e cinco homens) não forneceram as respostas, portanto, os dados a seguir referem-se a 20 jovens.

Entre esses 20 jovens, 70% disseram que a maternidade, a paternidade e o casamento alteram a juventude. Analisando pelo recorte de gênero, a maior parte, 85,7% são mulheres e somente 14,3% são homens, o que indica que esses fatores atingem mais a mulher do que o homem. Dentre os que disseram que não altera, a proporção é igual, 50%. Os depoimentos a seguir demonstram a situação: *Pra mim alterou porque eu num sei o que é juventude, eu não tive juventude foi já só criar os filho (A. C. B. S., 27 anos, mulher); Outra jovem também complementa: Sim, mudou sim. Porque eu saía e agora com elas não saio mais, num posso*

sair. Hum, cuidar de três crianças [...] tem dias que eu fico lesa aqui (S. P. C., 23 anos, mulher).

Para a jovem T. R., 20 anos, a gravidez chegou precocemente, quando ela tinha 14 anos. Segundo ela, foi uma situação difícil para si e para a família, pois não houve o reconhecimento da criança pelo pai biológico. Isso resultou na decisão de os avós maternos o registrarem como filho, o que não isentou a jovem dos cuidados com a criança no início de sua adolescência. A seguir a fala da jovem: *Acho que pra mim sim, alterou muito porque eu tive filho com 14 anos. Eu acho que amadureci mais rápido com essa responsabilidade. Foi a minha mãe que registrou, mas a responsabilidade é toda minha até hoje* (T. R., 20 anos, mulher).

Ao se expressarem sobre a noção de juventude os jovens apontaram com maior frequência a liberdade. Na fala seguinte, a jovem afirma que foi esse valor que ela perdeu em sua juventude, ela diz: *Sim, acho que sim, tira porque o jovem eles saem pra se divertir e, quando a gente arranja família num tem mais essa liberdade que a gente tinha, fica em casa cuidando dos filhos, da casa. Aí num tem essa liberdade que o jovem tem de passear* (M. C. S., 26 anos, mulher). No mesmo sentido, a jovem a seguir se manifesta: *Interrompe porque quando a gente tem filho, arranja marido nem toda vez a gente vai ter a liberdade de quando a gente era jovem* (M. C. S., 24 anos, mulher). A liberdade da juventude também parece ter sido ameaçada na vida da jovem, ela diz: *É assim porque num é como era antes. Tinha liberdade para sair, agora não, porque eu tenho filho, tenho que sair tenho que levar a filha* (N. M. B., 23 anos, mulher).

Outro aspecto ressaltado na noção de juventude é a diversão. O cuidado com os filhos por sua vez altera as possibilidades da jovem se divertir. Nas palavras dela: *Porque num é mais como a gente quer, num pode sair mais, se divertir. As coisas que tem por aí a gente num pode ir, fica cuidando de filho* (V. S. S., 24 anos, mulher).

O casamento ainda na adolescência acarretou um leque de responsabilidades e tarefas domésticas para a jovem que diz: *A gravidez porque eu engravidei cedo, com 14 anos, aí pronto eu num tive mais [...] foi só cuidar de filho, de marido. O meu filho tá com 16 anos e a minha filha tá com 12 anos* (M. L., 29 anos, mulher). Da mesma forma ocorreu com a jovem M. S. C. M., 24 anos, casou ainda na adolescência, ela afirma: *Eu me ajuntei muito novinha, com 15 anos, num pensava né. Ela [mãe] me dava muito conselho, mas eu num segui [risos]*. Um jovem assim se expressa: *Ih, aí o cara quer sair [...] Tira, tira, [risos]* (D. P. S., 19 anos, homem).

Para 30% a maternidade, a paternidade e o casamento não alteram a juventude (50% homens e 50% mulheres), pelas seguintes razões: – a diversão pode acontecer reunindo toda a família conforme afirma o jovem: *Não, acho que não. Tudo depende da pessoa, se a pessoa quiser se divertir nada impede que a família esteja do lado, vai junto. Tem que aproveitar estar junto. Eu num me queixo disso, até agora* (C. G. A. B., 26 anos, homem). A jovem a seguir afirma que soube lidar bem com a nova situação. Ela afirma: *Não, de alguns sim, de outros não. Porque tem uns que se trancam na casa, vivem triste, tem outros que não, que ter filho novo é normal, acho que é isso* (E. M. B., 26 anos, mulher). Nessa mesma perspectiva a jovem a seguir comenta: *Não, quando a pessoa sabe levar a vida no caminho certo o casamento num tem nada a ver não. Quando a pessoa tem um marido que dá apoio pra mulher e a mulher dá apoio pro homem num tem problema não* (L. C., 29 anos, mulher).

Para o jovem R. M. S., 25 anos, ser pai na juventude não é nenhum problema, ele diz: *Não, rapaz acho que não, é plano que todo mundo tem. Rapaz pra muitos tem, pra mim num interrompeu, ainda mais que é uma coisa que a gente não planeja*. Ele é marido da jovem S. P. C., 23 anos, com a qual tem três filhas. A perspectiva dela difere frontalmente da dele [ver citação anterior] na medida em que sua resposta foi de que o cuidado com as três filhas é muito desgastante para ela. Aqui parece incidir uma questão muito forte de gênero no qual a mulher acaba por assumir os cuidados com as crianças e a casa quase que integralmente, como ficou claro na contradição da fala do homem e na fala da mulher. Ver Tabela 105.

Tabela 105 – Maternidade/paternidade e/ou casamento na juventude segundo os jovens de Vila do Bonifácio

MATERNIDADE/PATERNIDADE CASAMENTO NA JUVENTUDE	MULHERES		HOMENS		TOTAL	
	FREQ.	%	FREQ.	%	FREQ.	%
Sim	12	85,7	2	14,3	14	70,0
Não	3	50,0	3	50,0	6	30,0
Total	15	75,0	5	25,0	20	100

Fonte: Pesquisa de campo (2015)

Na Vila Que Era os jovens que são casados com ou sem filhos e solteiros com filhos participantes da pesquisa somam 10 pessoas. Dentre elas, a metade, 50% disse que o casamento, a maternidade e/ou paternidade alteram a juventude na medida em que os cônjuges e os filhos requerem responsabilidades. Assim se expressa a jovem: *Ah pra mim acabou cedo [juventude] porque arrumei marido cedo. A minha juventude de jovem acabou rapidinho [...] Eu engravidei, então eu num pude mais estudar porque tenho meu filho para cuidar* (E. S. S., 24 anos). Essa alteração na vivência da juventude ocorre com mais frequência entre as mulheres, 40%, como pode ser ilustrado na fala seguinte: *Eu acho que*

muitos acabam [juventude] antes dos 16 anos como as meninas de 16 anos que engravidam, as pessoas que começam a entrar na vida, aquilo ali para (L. S. R., 29 anos). Outra jovem assim se expressa: Parei de estudar pra cuidar da família (M. L. P. S., 23 anos). Há jovens que relativizam essas responsabilidades, contudo refere-se a interrupção do trabalho após o casamento e dos estudos. Assim uma delas se expressa:

A minha juventude foi boa e vai continuar sendo boa que eu ainda tô na juventude. Foi muito bom, apesar de eu ter casado [...] Trabalhei morando com outras pessoas fora de casa, tipo trabalho doméstico em Bragança, Belém, quando eu era solteira e depois eu casei e parei [...] a minha mãe me briga muito que eu num terminei os meus estudos, até hoje ela briga [risos] (J. R. S. C., 28 anos).

O correspondente a 50% não responderam a essa pergunta (Tabela 106).

Tabela 106 – Maternidade/paternidade e/ou casamento na juventude segundo os jovens de Vila Que Era

MATERNIDADE/PATERNIDADE CASAMENTO NA JUVENTUDE	MULHERES		HOMENS		TOTAL	
	FREQ.	%	FREQ.	%	FREQ.	%
Sim	4	40,0	1	10,0	5	50,0
Não	0	0,0	0	0,0	0	0,0
Não respondeu	4	40,0	1	10,0	5	50,0
Total	8	80,0	2	20,0	10	100

Fonte: Pesquisa de campo (2015)

a) Os jovens das duas Vilas: se consideram jovem?

Na Vila do Bonifácio, a maior parte dos jovens, 35,1% disseram que se considera jovem, apenas 3,5% disseram que não. O correspondente a 61,4% não opinou sobre esta questão. O jovem pescador T. A. M., 26 anos diz porque se considera jovem:

Sim, eu me considero, ainda sou novo, né. Eu tenho cabeça, tenho 26 anos, eu num bebo, nem por esporte, num fumo, meu esporte é só trabalhar e de vez em quando jogar uma bola. Sou totalmente diferente de muitos aqui. Num desejo mal pra ninguém, mas às vezes as pessoas bebe e já passa dos sentidos. Eu sou mais reservado.

Outro jovem não se considera jovem em razão do casamento e dos filhos: *Assim, jovem, jovem não, porque tive família né, aí tem muita responsabilidade (M. J. M. F., 25 anos).*

Na Vila Que Era a maioria dos jovens também se consideram jovens, 78,3% em contraposição a 21,7%, que não se consideram mais jovens. Esses últimos são casados e com filhos que assumiram a responsabilidade com o casamento, cuidados da casa e dos filhos. Nesse sentido, o casamento e a maternidade/paternidade tornam-se marcos definidores também da condição de ser ou não jovem (Tabela 107).

Tabela 107 – Os jovens das duas vilas: se consideram jovem

SE CONSIDERAM JOVEM	BONIFÁCIO		VILA QUE ERA	
	FREQ.	%	FREQ.	%
Sim	20	35,1	18	78,3
Não	2	3,5	5	21,7
Não respondeu	35	61,4	0	0,0
TOTAL	57	100	23	100

Fonte: Pesquisa de campo (2015)

b) Conhecimento do Estatuto da Juventude pelos jovens das duas vilas

Os entrevistados foram também indagados se conhecem o Estatuto da Juventude – Lei 12.852, promulgado em 5 de agosto de 2013. Entre os jovens de Vila do Bonifácio, a maioria, 79% não conhecem e 21% não forneceram essa informação. Na Vila Que Era o Estatuto da Juventude é desconhecido por 100% dos jovens. Entre as lideranças é desconhecido também e, ainda é confundido com o Estatuto da Criança e do Adolescente, mais antigo e mais conhecido. Ver Tabela 108.

Tabela 108 – Conhecimento do Estatuto da Juventude pelos jovens das duas vilas

CONHECE O ESTATUTO DA JUVENTUDE	BONIFÁCIO		VILA QUE ERA	
	FREQ.	%	FREQ.	%
Não	45	79,0	23	100,0
Sim	0	0,0	0	0,0
Sem informação	12	21,0	0	0,0
TOTAL	57	100	23	100

Fonte: Pesquisa de campo (2015)

4.8 Principais problemas enfrentados segundo os jovens das duas vilas

a) Principais problemas enfrentados segundo os jovens da Vila do Bonifácio

Segundo os jovens da Vila do Bonifácio, o principal problema enfrentado por eles é o uso de drogas, representando quase a metade das citações, com 40,5% no universo de 74 menções de problemas enfrentados por jovens na comunidade, conforme atesta a fala do jovem:

Aqui é a droga, infelizmente é uma realidade que, como dizem os mais velhos, a gente num pode tapar o sol com a peneira. É uma coisa que acontece muito hoje. Muitos jovens - não são todos-, mas tem muitos que já tão no caminho das drogas, até adolescentes que a gente conhece que poderiam ter um caminho melhor já tão querendo se envolver nas drogas. É uma tristeza (L. F. L., 28 anos).

A fala de outra jovem atesta essa preocupação: *É a droga, é o tráfico, tem muito aí. A gente passa, tem criança fumando, na droga. A gente conversa, eles num querem nem saber, só querem fumo. Aqui tem muito, antigamente num tinha, tinha, mas num era público. Agora*

não, tem criança, adolescente. A gente passa ali na praça tem um bocado fumando (M. L., 29 anos).

A introdução da droga na Vila do Bonifácio tem dois caminhos. O primeiro vem pelos traficantes que trazem de Bragança e de Belém até a Vila e vendem para os jovens em “bocas”, são os chamados “boqueiros”, segundo informa o jovem: *Hoje em dia, em todo canto, todo lugar tem os vendedores (L. F. L., 28 anos).* Outra jovem complementa: *A droga vem de Bragança, vem de Belém, vem de todo canto, tem boqueiro, bocado aí pra frente (J. N. S. C., 18 anos).* O segundo caminho é por meio do contato direto dos jovens em Bragança na ida para a escola, conforme esclarece o jovem: *Alguns jovens estudam lá pra Bragança. Dependo dos parceiros, dos amigos que eles dizem que é amigo, alguns levam pro mal caminho e alguns pro caminho melhor, vê esses jovens que vão pro mal caminho é onde eles encontram essas drogas (L. F. L., 28 anos).*

O uso de drogas como um problema que atinge o jovem da Vila foi citado com uma diferença de 26,9% para o segundo problema, parecendo se constituir em preocupação muito grande dentre os jovens, assim se verifica na fala da jovem: *A droga, a droga porque olha porque tem jovem de 13, 14, 16 anos pra cima que já pratica droga. Isso me choca muito porque o papai falava muito, falava assim pra gente num se meter com gente assim. Mas muito jovem aqui fuma droga, em geral, bebida, tudo (T. R. , 20 anos).*

Um aspecto que chama a atenção é a idade precoce dos jovens no uso de drogas, conforme explica a jovem: *Principais problemas é a droga. Aqui tem muito menino novo que está começando agora, entrando, menino novinho mesmo de 13, 14 anos (A. P. A. S., 19 anos).* Segundo este jovem: *Tem criança de 10 anos que usa droga (J. N. S. C., 18 anos).* Outra jovem confirma: *O que está acabando com os jovens aqui é a droga. A droga tá rolando direto. Essa praça aí, dia de sábado, domingo, tem criança de 10, 11 anos até meia noite, 1 hora na rua e, a mãe não tem mais como dominar e, não tem conselho, não tem nada. Aí a droga tá rolando solto aí, direto (M. D. S. B., 23 anos).* Os jovens mais velhos se surpreendem com o envolvimento dos menores com a droga, presenciando situações que podem levar até ao óbito, como mostra a fala do jovem a seguir:

Os principais problemas são, tem uns assim que desde novo começam a entrar no vício. Aqui na Praia tem muito menino novo que tá no vício, de 13 anos, de 14 anos. Tem um menino que até um dia desses ele falou comigo, ele é estudante, ele estuda lá no Padre Luiz, ele falou assim pra mim: ‘- Égua M. J. inda agora eu pensei que eu ia morrer, me deu um vácuo que eu pensei que ia cair, só que eu parei assim porque a minha vista escureceu’. Aí eu falei: ‘- olha tu pára, porque isso é do que tu tá fazendo, se não tu vai morrer, pode te dar uma parada cardíaca a qualquer momento’. Tão novinho e a mãe dele já bateu nele, o pai, mas num deu jeito (M. J, 28 anos).

Essas drogas incluem o “crack”, a “noia”, a “maconha” e a “birra”. Uma vez envolvidos com a droga muitos jovens se envolvem também com roubo (2,7%) e criminalidade (1,3%) para sustentar o “vício”. O uso de drogas, segundo eles, leva também ao desenvolvimento de comportamentos agressivos como discussões e brigas. Assim afirma a jovem: *Negócio de droga que eles fumam, que eles começam a brigar, discutir* (A. C. B. S., 24 anos). Na fala da jovem o consumo de drogas pode levar a atitudes mais graves, ela diz: *Eu acho, primeiramente, são as drogas. Aqui na comunidade é porque tem muitos pré-adolescentes que se envolvem no mundo das drogas e começam a roubar, até matar* (N. R. F. G., 21 anos).

A família e, principalmente, os pais têm conhecimento do envolvimento do filho(a) com as drogas, mas tem sido inútil evitar o uso pelos filhos, conforme afirma o jovem: *Os pais sabem, infelizmente muitos sabem. Muitos não ou muitos fingem que não vê. Esse é o problema* (L. F. L., 28 anos). O envolvimento dos filhos com drogas parece contrastar com a paisagem calma e tranquila descrita por uma parte dos jovens no item anterior. Para os pais pode ser uma dificuldade de enxergar um problema que não está muito claro para eles, e, que não está isolado de outras situações que atinge os jovens como a prostituição. Uma jovem explica:

Principal é a prostituição e as drogas que eu acho que um modo geral que os adolescente devido a família num chamar a atenção. Porque eu acho assim, se tem uma religião, independente do que você faça, o seu pai deve ensinar ao filho o certo e o errado. Mas os pais não tão nem aí pros filhos. Depois que viram que num presta aí estão nos vícios, aí só Jesus na vida! Ah, mas existe muita coisa porque o jovem depois da tecnologia, dessa internet, o jovem num quer saber de trabalhar, ajudar seus pais, é vergonhoso (L. F. M., 20 anos).

Há uma particularidade na vila que deve ser considerada. Trata-se de uma comunidade que tem relações com o turismo de praia de mar. Durante as férias escolares e os feriados a região é muito procurada pelos turistas regionais e internacionais. Nessas ocasiões há promoção de eventos, festas de aparelhagem que atraem principalmente os jovens. O contato com esse mundo urbano que adentra o rural traz consequências para os jovens. Assim a jovem explica:

Eu acho que [pausa] as drogas hoje em dia tem muitos traficantes trazendo droga pra cá pra dentro e os jovens vão naquela coisa. Hoje em dia o jovem querem saber mais de curtir, quando eles vejo uma coisa nova eles querem experimentar, é beber, é fumar. Então eu acho que se tivesse mais fiscalizações da polícia aqui na área, não só mês de julho [férias escolares], eles pensam que só acontece mês de julho, não é só mês de julho, é o ano todo. Então eu acho que se eles dessem mais em cima desses traficantes

seria uma boa causa pros jovens não caírem nesse vício, porque é muito difícil (V. S. B., 26 anos).

Na relação com os estudos o uso de droga está subtraindo os jovens da escola, conforme afirma a jovem: *São as drogas, que eles se envolve mais porque aqui tem muito jovem que tem uma base de 13, 15 anos que já tá se envolvendo na droga. Eu conheço uns por aqui que num tão nem estudando e estão se envolvendo nas drogas, mas cada um tem sua vida, cada um faz o quer (M. C. S., 24 anos).*

O segundo problema enfrentado pelos jovens, com 13,6% das citações é a educação, mais precisamente, a falta de uma escola de ensino médio na vila, equipada com as ferramentas necessárias para o desenvolvimento da educação adequadamente. A jovem assinala: *Aqui não tem o Ensino Médio. Os jovens têm que se deslocar daqui pra Bragança. As vez quando não tem o ônibus escolar eles tem que pagar passagem pra poder ir pra escola (E. M. B., 26 anos).*

Se a escola é uma demanda e a sua ausência de forma adequada é um problema, o desinteresse pelos estudos por parte dos jovens também deve ser considerado em suas múltiplas dimensões. O abandono escolar não pode ser associado apenas pelo desinteresse do aluno e sim de todos os fatores relacionados a isso, inclusive o fascínio e sedução da cidade para o jovem que vive em uma pequena vila. Há uma crítica unilateral na fala do jovem, a seguir, sobre a inserção e permanência do jovem na escola, ele diz:

O desinteresse pra estudar tá aumentando muito sem o ônibus escolar. Tem muito jovem que repete de ano - 2, 3 anos-, porque aqui na comunidade eles querem estudar mas, chega em Bragança eles vão pra praça, pra cyber, pra festa, pra orla, pra rio e, assim vai e muitos acabam repetindo de ano e tomando a vaga de outros que querem estudar, ir pra frente. Todo ano o ônibus escolar vão cheio. Se passa 10 alunos é muito, a maioria repete de ano [...] No colégio Padre Luiz num querem aceitar aluno aqui da praia por causa disso (R. A. R., 20 anos).

A bebida alcoólica foi o terceiro problema citado na proporção de 10,9%. Tal como o uso de drogas, a bebida alcoólica também é usada por jovens em idade precoce tal como afirma a jovem: *Aqui nessa praia tem uma bebedeira que é jovem, é menina, principalmente as meninas, que estão se metendo com bebida. Na praça mesmo eles vão beber [...] eles querem mais rua, curtidão, aí se metem nessas coisas, num procuram nada, só procuram beber, beber, beber (D. K. F. G., 26 anos).* Outro jovem relata:

[...] a juventude daqui tá sofrendo muito com a questão das drogas, o alcoolismo, está sendo um grande problema também, uma coisa interessante é que eles num querem saber de estudo, eles querem mesmo é viver da pesca, mesmo sabendo que a pesca tá indo muito longe, muito fora do nosso

litoral mas eles continuam com essa ideologia de que eles querem ser pescadores (L. S. G., 19 anos).

A bebida alcoólica é usada pelos jovens principalmente nos fins de semana quando estão no bar, conforme mostra a jovem: *Eu acho eles muito novo pra se colocarem na cachaça, na cerveja. Tem menino de 12, 13 anos. Dia de domingo vá passar na frente do bar que tá a casa lotada (I. Q. C., 21 anos).* A mesma informação é corroborada por um jovem mais experiente, ele diz: *É, o problema deles é beber, o problema deles é esse (T. A. M., 26 anos).*

O quarto problema é a falta de trabalho, de emprego de oportunidade para capacitação para o trabalho para os jovens, citado em 9,4% das menções. Mesmo concluindo o Ensino fundamental ou o médio o jovem não encontra uma colocação no mercado de trabalho. E, na Vila do Bonifácio não há nenhuma opção de trabalho além da pesca e da coleta de caranguejo. O que vem sendo recorrente, segundo os jovens, é o retorno para a pesca depois de avançar nos estudos sem uma capacitação técnica compatível com o mercado de trabalho. As falas seguintes atestam essa situação:

É o emprego, a falta de oportunidade de trabalho. Num tem uma empresa aqui como acabamos de falar sobre essa firma de filetagem de peixe que está parada. Eu tenho parente que tem o Ensino Fundamental completo, já tá formado, mas por falta de emprego voltou pra pesca de novo. A cidade mais próxima que é Bragança o emprego assim de carteira assinada é raro, é difícil devido as empresas num ter as próprias empresas aí em Bragança. Mas o comércio particular é assim, então é essa a dificuldade do jovem (C. G. A. B., 26 anos).

A inexistência de curso de capacitação na Vila do Bonifácio para os jovens voltados para o mercado de trabalho da região desfavorece a capacidade de empregabilidade para o jovem e a pesca se transforma em uma imposição das condições de existência e não como uma profissão, conforme expressa o jovem: *É a falta de emprego. A maioria dos jovens aqui só a vida deles é pescar. Então acho que o principal problema é a falta de trabalho, oportunidade também de fazer um curso, alguma coisa, que é difícil também (F. S. B., 28 anos).* A fala seguinte corrobora essa situação: *Eu acho que um curso que num tem. Aqui num tem um desenvolvimento melhor pro jovem, esse desempenho pro jovem se desenvolver além da pescaria (V. C. A., 27 anos).* Ainda sobre esta mesma situação o jovem a seguir confirma:

O principal problema dos jovens aqui, além das drogas, é emprego, pelo fato de ser um pouco longe e, Bragança não oferecer tantos empregos. Então é uma dificuldade pro pessoal e, a maioria dos jovens acabam se tornando pescadores por não ter uma educação, o incentivo da educação. Num tem emprego, então o jovem estuda seu ensino fundamental, quando conclui, a maioria se torna pescador por num ter o incentivo da família, por não ter condições de manter os estudos mais além e, a principal dificuldade

dos jovens aqui é de conseguir se tornar um profissional (P. N. N. A., 23 anos).

Pela visão de gênero, a falta de oportunidade de se engajar no mercado de trabalho para as meninas acaba levando à opção por “casar” cedo e ter filhos, conforme explica uma delas: *Trabalho porque o jovem aqui num tem nada é só pescar e a jovem daqui estudar e ter filho, porque o que eu vejo é isso* (N. S. L., 21 anos).

O quinto problema apresentado é o transporte escolar, com 8,2% das citações. A ausência do transporte escolar nos três turnos, a precariedade dos veículos, aliada à irregularidade do fluxo, concorrem majoritariamente para o abandono escolar, o desempenho abaixo da linha de adequação, entre outros problemas relacionados à frequência à escola. As falas seguintes demonstram essa situação: *Transporte é um problema também. É mais por isso que tem alunos que deixam de estudar. Enquanto tem a série deles aqui eles ficam aqui, mas depois que passa pra Bragança é difícil o transporte é por isso que eles deixam* (A. P. A. S., 19 anos). Outra jovem complementa: *É o transporte escolar. Num tem Ensino Médio e tem que ir no ônibus apertado. Num tá tendo agora porque a greve que teve e tiraram o ônibus, só tá o do horário [linha particular], um ônibus pra um monte de aluno, tá uma dificuldade mesmo* (N. M. B., 23 anos).

A falta de participação na comunidade e na igreja foi citada como um problema na proporção de 6,8% que, por sua vez, daria aos jovens um “porto seguro”, para não cair nas drogas, nas bebidas e na prostituição. Estar organizados em grupo, conhecendo e praticando valores dentro de instituição religiosa ou moral, como a igreja, se constituiria em um meio de ancoragem para não sucumbir. Para C. C. M., 29 anos: *Os jovens num frequentam muito as igrejas pra ouvi a palavra de Deus. Tem que frequentar mais.* Nessa perspectiva a igreja torna-se uma instituição de ancoragem não somente da fé, mas da formação moral. A participação comunitária também daria a esses jovens uma forma de ancoragem pela visão desta jovem: *É que eles têm que frequentar e num tão nem aí pra comunidade* (M. S. C. M., 24 anos).

O envolvimento com roubo apareceu na proporção de 4% das citações, associado ao uso de drogas. Assim se expressa o jovem: *É, deixa eu dizer [pausa] aqui dona, aqui, é tipo assim tem muito jovem da minha idade que usa droga. Mas tem muita gente nova que num querem trabalhar, querem só roubar pra fumar. Se quer fumar nem do suor dele, rouba pra fumar* (D. P. S., 19 anos).

A prostituição de jovens do sexo feminino também apareceu como um problema com 2,7% das citações. Esse fenômeno aparece aqui relacionado com o uso de drogas, como

explica a jovem: *Drogas, prostituição aqui também tem, tem muita menina que se prostitui direto. Só aquelas que são mesmo malucas que usam drogas, essas sim* (A. C. R. P., 19 anos).

A falta de apoio ao esporte apareceu também como um problema para os jovens na proporção de 1,3% das citações. Na Vila não há quadra de esporte e projeto que incentive a sua prática, embora as crianças, os adolescentes, os jovens e os adultos homens e mulheres têm como principal diversão o jogo de bola, seja futebol, vôlei e similar. Contudo, não há nenhuma iniciativa para fortalecer o esporte na Vila. Há, um jovem voluntário que desempenha a função de treinador informal para o time local. O jovem a seguir comenta a situação: *Eu acho que é o esporte. Tem muita criança que, às vezes, vão pra Bragança devido num ter um time formado em futsal, em vôlei porque num tem uma quadra, num tem um campo de futebol, num tem uma escolinha de jogador. Aqui a única coisa que tem é mais o esporte que incentiva os jovens* (C. W. C. M., 22 anos).

Ainda, entre os problemas que enfrentam foi citado igualmente com 1,3% a falta de saúde na Vila do Bonifácio e os problemas de saúde provocados pelo trabalho na pesca, como dores lombares, desvio de coluna e hérnia de disco. Há um posto de saúde com enfermagem e medicina preventiva conforme foi apresentado em item anterior, mas não funciona 24 horas e seu atendimento é limitado diante das necessidades da população local (Tabela 109).

Tabela 109 – Principais problemas enfrentados segundo os jovens da Vila do Bonifácio

PRINCIPAIS PROBLEMA DOS JOVENS	FREQ.	%
Uso de droga	30	40,5
Educação	10	13,6
Bebida alcoólica	8	10,9
Trabalho-emprego	7	9,4
Transporte escolar	6	8,2
Falta de participação na comunidade, na Igreja	5	6,8
Envolvimento com roubo, criminalidade	3	4,0
Prostituição	2	2,7
Esporte	1	1,3
Doença da pescaria	1	1,3
Saúde	1	1,3
TOTAL	74	100

Fonte: Pesquisa de campo (2015)

b) Principais problemas enfrentados segundo os jovens da Vila Que Era

Segundo os jovens da Vila Que Era o problema mais citado, 23,1% que atinge os jovens é o uso de drogas, entre elas a maconha, a “noia” e a “birra”. O mundo aparentemente calmo e tranquilo da Vila esconde aspectos não percebidos à primeira vista. A jovem fala: *Eu acho assim o mundo das drogas, tem muitos que [...] não todos, num é falando com todos, mas tem muitos que querem entrar. Os jovens novos que querem já entrar no mundo das*

drogas. Durante festas, finais de semana que eles querem ir, pensando que aquilo tá bom pra eles, mas num é todos (J. S. R. C., 28 anos). Outro depoimento confirma: Acho que é droga, muitos que se metem em drogas, mas tem muitos [...], tem uns que, misericórdia de Deus, se metem em drogas, faz besteira, roubam, mas tem, tem muitos jovens metido na droga, eles faço muita besteira (L. M. S., 28 anos).

As drogas são usadas principalmente em festas nos finais de semana. Há também o consumo durante a semana, em bares, por exemplo. A fala a seguir explica:

A maioria é vício de droga, de bebida. Vão, geralmente, quase todas as noites que a gente vê, eles passam por ai fumando. Tem um bar ali que funciona até altas horas. Falam que quem vai lá é noiero, maconheiro. Ontem eu foi na igreja, a gente passou, um cheiro de birra, sei lá, de nóia, a modo coisando assim e nós olhemo tinha um monte de galera fumando lá, na cara de pau mesmo, no meio da rua mesmo, num respeito ninguém não (T. B. S., 19 anos).

A circulação da droga na Vila Que Era passa por uma rede que percorre várias localidades, incluindo Bragança. Assim explica uma jovem: *Olha porque é um [...] é uma coisa que ninguém num sabe explicar. Porque tem uns da Vila que vem pra Bragança comprar nos boqueiros, quando não, vão pra outras localidades e, existem, e, tem boqueiro na Vila, esse que é o maior problema. Inacreditável, mas existe (L. M. S., 28 anos).*

Uma jovem informa sobre o envolvimento de crianças nas drogas, ela diz: *Problema pra eles é o meio das drogas. Porque é o que eles estão consumindo aqui. Aquelas crianças assim quando estão entrando dos oito para os dez anos aí já vão começando. Tem muitos aqui [...] É nas festas e, até quando não tem festas, eles consomem do mesmo jeito (R. T. C., 20 anos).*

Outro jovem fala da circulação da droga na Vila Que Era: *É uma coisa que, tipo assim, eu não sei porque algumas pessoas falam que vem da cidade, ou de outros lugares. Assim, ninguém sabe certamente de onde vem. Na comunidade não vende, mas tem outras comunidades aqui perto que vende e eles vão até a comunidade pra comprar (G. A., 20 anos).*

Sobre a atitude dos pais em relação aos filhos há divergência de opiniões. Para alguns os pais não sabem que os filhos usam drogas, para outros os pais sabem e até fumam com os jovens. Assim explicam os jovens: *A maioria dos pais não sabem (R. T. C., 20 anos); Tem uns que sabem, outros não. Bastante complicado, jovem hoje em dia é complicado. A pessoa que trabalha com jovem [...] é por isso que os professores estão pedindo aumento salarial todo ano (G. A., 20 anos); Os pais sabem, as vez, os pais fumam com os filhos, a maioria fumo (T. B. S., 19 anos).*

Há também problemas associados às drogas como, agressividade e roubo. Assim explica o jovem: *Muitos ficam mais agressivos. Quando num tem dinheiro ficam roubando dos outros, vende criação dos outros pra comprar droga* (T. B. S., 19 anos).

O segundo problema que os jovens enfrentam na Vila, citado com 20,5%, é a falta de trabalho. A falta do trabalho contribui para o desalento do jovem e, conseqüentemente, seu envolvimento com as drogas, conforme sugere o jovem: *Olha, o que eu vejo é a falta de emprego que é grande. Se não é o emprego vão pra outros caminhos. Se o jovem não se interessar ele [...]* (J. F. C., 23 anos).

O trabalho exclusivo na pesca não é reconhecido nem valorizado, ficando com o pescador na base da cadeia produtiva, auferindo rendimentos muito baixos, conforme explica o jovem:

Muitas coisas, emprego, pessoas que querem trabalhar vão pra Bragança. É muitos problemas. Tem uns que já trabalham embarcados pra fora, [pesca industrial] mas tem muitos que estão parado. O salário é conforme. Tem embarcação que dá R\$ 600,00 tem as que dá R\$ 120,00, R\$ 200,00, R\$300,00 vai do ritmo da pescaria. Tem esses barcos pequeno passam dez dias, quinze no mar, os grandes, de 22 e até 1 mês pode passar. Os donos de barco são de Bragança. Aí vão, pagam, ficam em terra e, depois vai de novo. Tem muito jovem nessa atividade (M. A. F., 23 anos).

A falta de trabalho também é apontada como fator para a saída do jovem da Vila para outras cidades, conforme mostra o jovem: *Trabalho que não tem e procuram fora, pra outros lugares, Belém, Capanema, tem muito outros* (P. J. S. S., 23 anos).

O terceiro problema enfrentado pelos jovens em Vila Que Era, citado com 15,5% é a dificuldade de frequentar a escola. Inexistindo escola na vila, na série compatível com os jovens, eles buscam a sede do município, Bragança para frequentar a escola e se deparam com inúmeras dificuldades. A jovem a seguir explica: *Aqui é a falta de colégio pros jovens. É muito dificultoso o estudo, tem que ir pra Bragança* (L. S. R., 29 anos). A jovem a seguir reforça: *Aqui os jovens que vão estudar pra Bragança deviam estudar aqui, fazer uma creche, aí tinha um [...] pros adultos, primeiro, segundo, terceiro ano. Aqui num tem nada disso* (L. F. R., 24 anos).

Aliado à falta de escola na vila, para os jovens aparecem outros problemas como a precariedade do transporte até a sede do município citado na proporção de 7,8%. A jovem a seguir demonstra essa situação: *Num tem um bom transporte. Eles carregam a gente num transporte tudo esbandalhado, tudo feio. A maioria dos alunos reclama. Podia ter um transporte escolar pra ir pro colégio. Eles fico com maior ignorância pro nosso lado, tanto o motorista quanto o cobrador* (J. S. M., 18 anos).

O uso de álcool pelos jovens também aparece como um problema enfrentado pelos jovens na proporção de 7,8%, geralmente usado nas festas e durante o final de semana, conforme explicam os jovens: *Álcool também, bastante. Mais é álcool nos fim de semana* (A. C. S., 19 anos).

Com o mesmo percentual de citações, 7,8% foi citada a falta de participação do jovem na comunidade. Esse fato implica em que os jovens não se engajem em ações dentro da comunidade. Por isso, é necessário propor formação para eles. Assim um deles explica:

De ter mais participação dentro desses movimentos, porque o que eu vejo é que o jovem, tão assim né. Eu sou parte deles. Chamasse o jovem pra participar. É sim parte de desinteresse dos jovens porque tem muito jovem que não querem nada de participação desse movimento. Então ele fica largado, mas se tivesse um pouco de participação deles nesse movimento seria bom (L. F. M. M., 20 anos).

Com a menor proporção de citações, 2,5% figuram como principais problemas dos jovens em Vila Que Era: violência; gravidez na adolescência; prostituição; falta de autoridade, principalmente dos pais; não frequentam a igreja; não há nenhum problema; não sabe dizer (Tabela 110).

Tabela 110 – Principais problemas enfrentados segundo os jovens da Vila Que Era

PRINCIPAIS PROBLEMAS DOS JOVENS	FREQ.	%
Drogas	9	23,1
Trabalho	8	20,5
Escola	6	15,5
Transporte	3	7,8
Álcool	3	7,8
Falta participação	3	7,8
Violência	1	2,5
Gravidez na adolescência	1	2,5
Prostituição	1	2,5
Falta autoridade	1	2,5
Não frequentam a igreja	1	2,5
Nenhum	1	2,5
Não sabe dizer	1	2,5
TOTAL	39	100

Fonte: Pesquisa de campo (2015)

4.9 Propostas dos jovens das duas vilas voltadas para os jovens

a) Propostas dos jovens da Vila do Bonifácio voltadas para os jovens

Na Vila do Bonifácio a proposta com maior número de citações foi resolver o problema da água, com 22,2%. As três falas seguintes expressam essa necessidade: *Eu botava água, porque aqui o maior sofrimento é água pra beber. Pra gastar nem tanto, pode ser suja, pode ser amarela, mas o negócio é pra beber* (I. Q. C., 21 anos); *Primeiro lugar é a água que*

falta pra gente que num tem uma água boa, a gente bebe e num é uma água bem branquinha não, tem que comprar (C. C. M., 29 anos); Primeiramente eu ia botar um poço com água boa porque aqui num tem, a água é amarela e assim mesmo a gente bebe ou então compra pra beber (C. S. F., 18 anos).

A pavimentação da estrada e das ruas da vila foi a segunda proposta mais citada, com 13,9%. A estrada Bragança – Ajuruteua (PA-458) recebe tráfego intenso, principalmente, durante as férias escolares e feriados. Vive constantemente em situação precária conforme demonstrado no capítulo 2. As ruas da vila são de terra e areia, com ligações de pontes de madeira e áreas alagáveis impossibilitando um deslocamento adequado de pessoas e conduções. A terceira proposição é destinada aos jovens, com 11,1% de citações, em forma de um projeto que lhes permitissem adquirir conhecimentos seja em forma de cursos de capacitação, seja em forma de curso de preparação para o mercado de trabalho como um curso de computação por exemplo. A ideia é também formar esse jovem para evitar que enverede pelo caminho das drogas e, para aqueles que já são usuários seria um meio de trazê-los para uma atividade lúdica e produtiva. A fala da jovem ilustra uma parte dessa proposta: *Ajudava os jovens que se metem nas drogas, muitos jovens que se metem em coisas erradas, ficam bebendo (N. S. L., 21 anos).* Outro jovem propõe: *Projeto de artesanato tipo o PROJOVEM que tem, mas nem todos os dias tem. Mais oportunidade pros jovens que num tem. Acho que ajudaria muito aqui um projeto (E. F. A., 20 anos).*

Seguindo essa mesma linha direcionada para os jovens foi proposto, com 8,3% das citações, trabalho para os jovens no sentido de dar oportunidades de emprego e renda como enfatiza a jovem: *Se tivesse alguma coisa assim que botasse assim um trabalho pra eles fazer, tipo uma associaçõzinha só pra jovens e desse um trabalho pra eles fazer, tipo artesanato. Desse uma atividade pra eles se ocuparem, acho que melhoraria muito (D. K. F. G., 26 anos).*

Uma quadra de esporte foi citada na proporção de 6,9% enfatizada pela jovem: *Uma quadra, que a única diversão que tem é a praça, mas hoje em dia eles fumam muita droga lá, então num é uma diversão (A. S. F. S., 26 anos).* Outra jovem reafirma a importância da quadra para a saúde das crianças que estudam e a escola não dispõe de espaço adequado para a realização de educação física e, segundo ela, é feita na rua. Ela diz:

Uma quadra pros jovens, pros alunos terem um momento de descontração, pra num tarem naquele muito jogado. Então uma quadra seria muito bom pros jovens e pras crianças que estudam porque as crianças ficam doente porque quando tem física eles vão fazer na rua. Tem muitas crianças que as mães num querem que façam física porque é na rua, não tem quadra e tem criança que fica gripada, fica doente (V. S. B., 26 anos).

Uma escola de ensino médio também aparece como proposta dos jovens na proporção de 5,5%, uma vez que a escola local não dispõe desse nível de ensino. O jovem propõe:

Um colégio grande que vá da 1ª série até o 3º ano do ensino médio porque aqui vai até a 5ª série e, depois o aluno tem que ir pra Bragança estudar. Aí quem vai pra Bragança são os que num passam porque mente pra mãe que vai estudar e fica gazetando a aula pela orla, pela praça. Eu acho que se eu estudasse assim num ia nem um dia pro colégio [risos] (D. P. S., 19 anos).

Nessa mesma proporção foi citada a proposta de projetos sociais de organização da comunidade, envolvendo de forma coletiva as necessidades e as demandas da comunidade, conforme explica o jovem: *Faria alguns projetos sociais que englobasse toda a comunidade, a consciência de preservação, a consciência de que todos devem ajudar a comunidade em prol dela mesma (L. S. G., 19 anos).*

Foi proposto também com 4,2% das citações um projeto voltado para as mulheres que as capacitasse para alguma atividade produtiva, como crochê, costura, artesanato, conforme explica a jovem: *Acho que tem que ter um projeto assim de alguma coisa prática, um projeto de artesanato [...] geralmente as mulheres dependem mais do marido e esse projeto ia ajudar muito na renda familiar, já ia vender, ia ganhar muito mais (M. D. S. B., 23 anos).*

A segurança também foi um aspecto citado na proporção de 4,2% também. A demanda por policiamento em razão de necessidade de proteção. Nessa mesma proporção foi proposta ações para preservar o meio ambiente e aterro de áreas alagadas que, durante o inverno inviabiliza a passagem de veículos e pedestres. São utilizadas pontes de madeira para ligar uma rua à outra. Segundo os moradores, a água acumulada debaixo das casas provoca mal cheiro e é prejudicial para a saúde dos moradores, em especial de crianças e idosos.

A Vila do Bonifácio dispõe de um posto de saúde, mas funciona em condições precárias conforme assinalado em item anterior. Daí a necessidade de melhorar os equipamentos sociais de saúde na vila citada na proporção de 2,8%.

Os jovens também propuseram melhorar a coleta de lixo na vila que ainda é muito irregular. Essa proposição foi citada 2,8%. Nessa mesma proporção foi proposta a criação de uma área de lazer para a comunidade que promova a sociabilidade uma vez que a única área de lazer – a pracinha fica ao lado da estrada e muitas vezes se torna imprópria para a frequência de crianças. Com a menor frequência de citação 1,4% apareceu a proposição de criar um abrigo para idosos com atividades lúdicas e culturais. O jovem proponente assim explica: *Fazia alguns asilos tipo de idosos, porque muitos idosos ficam aqui, eles envelhecem, ficam só dentro de casa, uma vida chata. Então daria pra eles levarem pra esses locais e*

tivesse atividades físicas como a gente pode ver em algumas cidades (L. S. G., 19 anos). Ver Tabela 111.

Tabela 111 – Propostas dos jovens da Vila do Bonifácio para os jovens

PROPOSTAS PARA A COMUNIDADE SE FOSSE PREFEITO	FREQ.	%
Resolução do problema da água	16	22,2
Pavimentação da estrada e de ruas da vila	10	13,9
Projeto para os jovens	8	11,1
Trabalho para jovens	6	8,3
Quadra de esporte	5	6,9
Escola de ensino médio	4	5,5
Projetos sociais de organização da comunidade	4	5,5
Projeto para as mulheres: costura, crochê, artesanato	3	4,2
Segurança (policimento)	3	4,2
Preservar o ambiente	3	4,2
Aterrizar as partes alagadas	3	4,2
Melhorar o posto de saúde	2	2,8
Coleta de lixo regular	2	2,8
Área de lazer	2	2,8
Asilo pra idosos com atividades físicas	1	1,4
TOTAL	72	100

Fonte: Pesquisa de campo (2015)

b) Propostas dos jovens para a Vila Que Era voltadas para os jovens

Na Vila Que Era, diante dos problemas citados, os jovens foram indagados a elencar ações para enfrentar esses problemas. A principal ação, com 21,8% das citações foi a construção de uma escola para os jovens na comunidade e a reconstrução da escola das crianças. Assim se expressa o jovem: *Uma escola porque tem que ir de ônibus pra Bragança* (A. C. S., 19 anos). Outro jovem refere-se à escola da comunidade para crianças que se encontra em estado precário:

Educação, isso ai, seria bom de ter. A escola só funciona do Ensino Fundamental até a 5ª série, aí passou, já tem que ir pra Bragança pra estudar, ter uma educação já mais avançada. Se tivesse aqui dentro da comunidade uma escola que tivesse um ensino superior seria melhor. Essa nossa escola, hum, tá péssima. Tá até coisa pra cair porque a idade do colégio é a idade que tem aqui o lugar, 400 anos. Então, recebeu assim uma reforma só que o governo – isso é parte do governo – e que fala que não pode derrubar pra construir outra porque isso é um patrimônio histórico, porque é antigo, aí iam fazer outro, mas até agora num vi nada ainda. Ai está nessa situação, as crianças que estudam lá é um risco (L. F. M. M., 20 anos).

A segunda ação citada com 13% é um trabalho para os jovens o que corrobora as respostas apresentadas em itens anteriores. Com 8,7% das citações, aparece a formação para os jovens como meio de estimulá-los a participar de ações na comunidade, de orientá-los para a vida e evitar que se envolvam em situações adversas. A sugestão do jovem aponta nessa

direção: *Eu pensaria em algum projeto que pudesse coisar os jovens né. A parte dos jovens que estão mais desviados, a parte pra estar assim dentro da comunidade. Então não sei bem o que seria, mas uma coisa que pudesse tá pegando esses jovens pra tá participando, envolvidos nesses projetos* (L. F. M. M., 20 anos). Nessa mesma perspectiva foi sugerida, na proporção de 6,5%, uma atividade que pudesse atrair os jovens de modo a tirá-lo das drogas e do alcoolismo. A proposta da jovem aponta nesse sentido:

Ah, eu acho assim que poderia ter um projeto que incluísse os jovens, que os jovens poderia fazer alguma coisa. Que tivesse uma atividade pra eles fazer, pra se ocuparem naquilo, pra num tarem se envolvendo em outras coisas. Atividade tipo pintura, artesanato, qualquer coisa que envolvesse, que desse pra se ocupar, pra sair de uma fase e entrar em outra fase melhor (J. S. R. C., 28 anos).

Na mesma perspectiva e na mesma proporção, 6,5% propuseram uma ação em forma de curso profissionalizante para formar os jovens para o mercado de trabalho e/ou empreendedorismo. Os jovens também sugeriram, com 6,5% a construção de um ginásio de esportes com uma quadra e campo de futebol. Já, com 4,3% sugeriram a formação de uma associação que produzisse artesanato, envolvendo os jovens com atividades criativas e que pudessem proporcionar conhecimento, desenvolver habilidades e produzir renda, conforme sugere o jovem: *A ideia que a gente tem, não sou eu, todo mundo, uma ideia pra poder melhorar que ninguém tem assim, como é que se diz tipo uma Associação, pra fazer alguma coisa ou artesanato, esses negócio assim pra poder trabalhar, tipo assim pra poder ter, como é que se diz, uma melhora mais de vida né* (A. M. F. F., 27 anos).

Ações de infraestrutura também foram citadas, igualmente na proporção de 4,3%: - posto de saúde; - asfaltamento da estrada e das ruas da vila; - reconstrução do centro comunitário. Ainda sobre a infraestrutura da Vila Que Era, mas com menor frequência, 2,2% foram citados: - reforma da igreja; - construção de um trapiche novo; - melhorar o meio de transporte; - executar projetos para as pessoas que precisam de casa, roupas e alimentos; - montar um comércio na vila que gere desenvolvimento; - montar uma fábrica de roupas aproveitando as pessoas da vila que sabem costurar, conforme sugere a jovem: *O que eu implantaria na comunidade, eu acho que, uma fábrica pra dar trabalho* [risos], *sei lá, uma fábrica de roupa, de costura. O povo gosta muito de costurar, a minha mãe tem essa máquina, eu adoro costurar também. Uma fábrica uma coisa boa pra comunidade* (A. C. A. 29 anos); - fazer uma horta com os conhecimentos adquiridos nos cursos de agricultura familiar, conforme propõe a jovem: *Acho que assim, na Escola Agrícola eles ensinaram a gente fazer um bocado de coisas. Eu acho que uma das principais que tivesse assim, uma*

peessoa assim, pra fazer negócio de horta, assim essas coisas, é uma boa coisa (J. C. S., 26 anos); - realizar atividades sobre o meio ambiente e preservação da natureza. O correspondente a 2,2% não soube responder. Ver Tabela 112.

Tabela 112 – Propostas dos jovens de Vila Que Era para os jovens

PROPOSTAS	FREQ.	%
Escola	10	21,8
Trabalho	6	13,0
Formação para participação	4	8,7
Atividade para tirar os jovens das drogas	3	6,5
Curso para os jovens	3	6,5
Ginásio, quadra de esporte, campo de futebol	3	6,5
Associação artesanato	2	4,3
Posto de saúde	2	4,3
Pavimentação da estrada e das ruas	2	4,3
Reconstrução do centro comunitário	2	4,3
Meio ambiente - preservação da natureza	1	2,2
Horta	1	2,2
*Outras ações de infraestrutura	6	13,0
Não sabe dizer	1	2,2
TOTAL	46	100

* Reforma da igreja; trapiche novo; melhorar o transporte; projeto de casas, roupa, alimento pra quem precisa; comércio; fábrica de roupa.

Fonte: Pesquisa de campo (2015)

4.10 Relação da Vila do Bonifácio com o turismo segundo os jovens

Considerando que a Vila do Bonifácio localiza-se ao lado de um balneário com afluxo de turistas da região, do país e do mundo por sua praia de mar, buscou-se averiguar se há alguma relação com a atividade turística e em que medida influencia a vida do jovem na Vila. Já foi visto no item “situação de trabalho” que jovens – homens e mulheres trabalham nas pousadas, bares e na praia de Ajuruteua durante as férias escolares, feriados, Ano Novo como garçons, garçonetes, bandejeiras, cozinheiras e serviços gerais. Portanto, há uma relação da atividade turística sobre a vida do jovem da Vila do Bonifácio. De fato há influência do turismo na Vila, muito especialmente pela oportunidade de trabalho que cresce na época de vinda dos turistas, como expressa o jovem: *O trabalho porque os turistas vem e algumas pessoas faz coisas pra vender e naquele período ganha dinheiro* (M. C. S., 24 anos).

Por outro lado, a relação com o turismo também tem influência “negativa” do ponto de vista dos jovens com a promoção de eventos festivos na praça principal da vila – as margens da estrada para Ajuruteua, momento em que ocorre com mais intensidade o uso de bebidas alcoólicas, drogas e prostituição envolvendo turistas. A fala seguinte afirma: *Tem festa na praça e tem droga, prostituição. É mais o pessoal de fora, o pessoal daqui é mais tranquilo* (V. S. B., 26 anos). Outra jovem acrescenta: *Lá na vila tem muitas festas, principalmente mês*

de julho, negócio de reggae, traz muita droga, se veste de um jeito. Eu acredito que tudo isso vai, de uma certa forma, vai trazendo muitos jovens pra aquele lado lá (A. S. F. S., 26 anos).

Além de novas oportunidades de trabalho, segundo o jovem G. M. B., 28 anos, a presença de turista influencia o comportamento do jovem para vislumbrar novos horizontes, ele diz:

Influencia, turismo é grande aqui, é especialmente no mês de férias, julho, que é bom de passar. Influencio na parte financeira, todo jovem quer trabalhar, é o tempo que eles tiram pra arranjar um dinheirinho, aonde a gente tem a expectativa maior de conseguir um recurso financeiro, até também o turismo ele traz benefício pra nossa comunidade. Então pro jovem olhando a vida dos outros assim com uma condição maior, todos querem ter uma condição boa, mas pra isso tem que estudar, e nosso estudo aqui é aquela coisa.

Nesse momento de fricção rural/urbano pode ocorrer alterações nas disposições dos comportamentos dos jovens no que concerne ao modo de vestir, falar, se pentear. O jovem a seguir enfatiza: *Eu acho que o comportamento, né - corte de cabelo, modo de vestir, falar* (C. W. C. M., 22 anos). Já a jovem D. K. F. G., 26 anos é mais enfática:

Influencia e muito e muito mesmo porque esses meninos daqui só querem roupa de marca. Eles perguntam: - Teu pai faz o que? Eles num querem falar que o pai é pescador. Eles num falam de jeito nenhum, eles falam: - ah meu pai faz isso, mas num falam que é pescador. Então eu acho que isso, ainda mais quando vem gente de fora, turista aí começa a se interessar por outros daqui e esses daqui se interessando por eles também aí eles num vão dizer que são filhos de pescador? Eles vão dizer outras coisas. Eu acho que isso justifica muito esse negócio deles quererem ser outras pessoas, principalmente esses que num querem vestir roupinha assim não, eles querem ser chique[risos] e num tem nada, tá.

Contudo, há que considerar a influência forte dos conteúdos transmitidos pelas redes de televisão de forma massificada que dita comportamentos e maneiras de ser. A fala seguinte expressa bem essa situação: *Eu creio que influencia o comportamento de jovens e crianças que seja mais absolvido pela televisão, a mídia consegue manipular a mente das pessoas. É incrível isso, aqueles que tem a mente fraca vão querer fazer o mesmo que o Neymar faz, tipo o que o Ronaldinho gaúcho fazia, então enfim, são influenciados a fazer isso* (L. S. G., 19 anos). Outro jovem reforça o papel de outro meio de comunicação - a internet mais que o turismo. Ele diz:

Hoje em dia o que influencia o jovem é a internet, é a pessoa ter uma facilidade de mostrar, tá com o celular na mão. Eu tiro por mim, quando a gente tá se comunicando, a gente conhece todo mundo aqui da Vila, mas sobre esses grupos de internet a gente num tinha isso ainda não, não vivia nesse mundo e hoje começando a gente o quanto a pessoa tem as informações que tem no mundo pode ter no celular em poucos segundo e tirar dali uma ferramenta de proveito ou pro bem ou pro mal. Então hoje em

dia a televisão está em segundo ou em terceiro plano, o celular pra mim hoje em dia é uma mina que ou ela é de ouro ou ela é de...”(C. G. A. B., 26 anos).

Mas na relação com o turista há essa possibilidade de ser influenciado com a “moda” como expressa o jovem: *Tem uns aí querem pegar a moda desses uns que vem, que o turista vem com um jeito diferente eles querem também, muda sim* (R. M. .S., 25 anos). A jovem a seguir mostra os dois lados da relação com o turismo, ela diz: *Influencia sim porque eles venham ostentando coisas e pensam que tudo é fácil e, tem pessoas que conseguem pular do ilícito com drogas e essas coisas. Mas a sociedade, ao contrário, não é assim. É bom, o turismo traz desenvolvimento à praia, mas traz muitas coisas erradas* (L. F. M., 20 anos).

A presença do turista encerra, portanto, uma contradição, de um lado oportunidade de trabalho mesmo que temporário e, por outro, as consequências negativas para o ambiente, conforme explica a jovem:

Ela é boa porque traz trabalho pra gente aqui na comunidade como nós mulheres que num pode pescar tem um bom trabalho. Eles chamam a gente pra trabalhar na casa deles, na pousada. Se num fosse os turistas a pousada num funcionaria e não teria trabalho pra tantas mulheres que tem hoje, eu acho bom [...] É que eles trazem lixo e deixam lixo. A rua fica empastada de lixo. Eu acho que cada um deixasse o lixo pro carro levar, mas eles deixam tudo espalhado [...] É porque é muito barulho, eles vem com carro de som horrível, é muito alto e também tem muitos que vem de fora só pra fazer maldade pra cá com os turistas - é roubar, matar, já teve muitos casos que teve que vem de fora só pra fazer o mal (V. S. B., 26 anos).

Por outro lado, há o turista que age de outra forma – preserva o ambiente-, conforme o relato:

Tem uns que gostam de preservar, trazem os seus alimentos, trazem uma sacolinha pra botar o lixo e, tem outro que não, que jogam mesmo na beira da praia. Mas o jovem, ele tem que ter a consciência, já que ele mora aqui que aqui é uma comunidade turística, ele tem a consciência de manter o ambiente dele limpo. Então isso ele deve mostrar pras outras pessoas que é errado jogar lixo na beira da praia, isso vai causar consequências desastrosas no ecossistema marinho (L. S. G., 19 anos).

Para L. F. L., 28 anos, a influência do turismo na vila é relativizada pela capacidade de cada jovem de discernir o que quer para si. Ele diz:

Acho que não porque cada qual tem a sua própria vida, sabe o que quer. Os jovens são pessoas que tá bem amadurecida, ele tem a capacidade de mentalizar o bom e o errado. O que é bom e o que num é, então se vem alguém de Bragança ou de Belém trazer algo de ruim pra cá nós somos obrigados a receber deles? Não, por mim eles levava tudo de volta. Então o jovem, a pessoa tem que ter a sua consciência própria, eu vou pegar aquilo que me faz mal? Não, eu num vou querer, então eu acho que depende de cada um.

4.11 O modo de vida dos jovens nas duas vilas

a) O modo de vida dos jovens na Vila do Bonifácio

O modo de vida dos jovens da Vila do Bonifácio, segundo os entrevistados gira em torno de três fatores: o trabalho na pesca, o estudo e o lazer. Esses fatores se complementam ou se opõem, como em casos nos quais o estudo é preterido diante da necessidade de pescar. Destacam a presença ainda pacata do lugar, a tranquilidade e ao mesmo tempo evocam as limitações de opções para os jovens.

A circunscrição da vida em torno da pesca é enfatizada pelo jovem quando afirma: [...] *o que o jovem faz mesmo é começar a pescaria desde cedo, desde criança. Eles começam já ali pela beira e depois, quando já aguenta já mais uma forcinha, já vão pro mar grande mesmo. Eles ficam já numa brincadeira por aí, mas trabalha também pra [...]* (C. D. F. G., 23 anos). Essa visão é corroborada por outro jovem que afirma:

A vida de um jovem aqui, pelo que eu vejo, é pescar. Como eu lhe falei que as vezes assim que eu vejo é pescar, jogar um futebol, é mais ou menos, a vida daqui é isso. Como eles venham do trabalho gostam de jogar um futebol, uma bola, ou quando tem um passeio mais ou menos é isso assim, o principal é isso o futebol (F. S. B., 28 anos).

Há ainda um elemento presente no cotidiano dos jovens, já citado, que é o envolvimento com consumo de drogas, bebidas e fumo. A entrevistada expressa essa preocupação: *Como eu tô lhe falando: - a vida do jovem aqui, hoje em dia, é beber, é fumar, fazer outras coisas que num deve [...] aqui num tem nada, aqui num tem trabalho, num tem nada que tire a atenção do jovem daquela coisa pra ele procurar outro meio* (M. D. S. B., 23 anos).

A perspectiva da vida cotidiana do jovem na Vila do Bonifácio foi expressa de forma clara na fala a seguir, demonstrando a existência do enraizamento desses jovens ao lugar de origem, de pertencimento, de sua cultura:

Eu acho que assim, é bom, porque tem muito jovem hoje na comunidade que, poxa, quer é ser feliz. É uma comunidade que não tem muito. É um lugar bem de se viver porque num tem coisas que acontecem aí pra fora. Existem sim pessoas que praticam, mas num é uma coisa atual que você possa dizer: - ah, o jovem não é feliz porque hoje em dia tem muitos jovens que ainda participam das coisas de antigamente, então eu acredito que seja isso. É bom pro jovem viver aprendendo coisas boas que tem na comunidade, então ele vai crescer e lembrar (V. C. A., 27 anos).

O modo de vida também se traduz no grau de satisfação sobre o morar na Vila do Bonifácio. Nenhum deles disse estar insatisfeito, 31,6% disse estar satisfeito e 7% estar mais ou menos satisfeito. A maior parte não se manifestou sobre o assunto, 61,4% (Tabela 113).

Tabela 113 – Grau de satisfação em morar na Vila do Bonifácio

SATISFAÇÃO	FREQ.	%
Sim	18	31,6
Mais ou menos	4	7,0
Sem informação	35	61,4
TOTAL	57	100

Fonte: Pesquisa de campo (2015)

Dentre os que se encontram satisfeitos em morar na vila, o destaque é para a tranquilidade e a liberdade que o lugar oferece, sem os perigos da cidade. Outro aspecto é o fato de ser uma praia, com suas belezas e atrativos em contato mais direto com a natureza. Assim se expressa o jovem:

Eu gosto da praia porque é um lugar tranquilo, mas eu penso, eu acho muito legal, muito bom aqui - um vento, praia do lado aí. Mas eu fico pensando em sair daqui e ir pra um lugar que é perigoso, que é a cidade. Aqui é super tranquilo, a gente pode andar, deixar as coisas e num levo. É ruim a gente ir prum lugar que a gente nem pode sair da casa, nem olhar na janela (C. W. C. M., 22 anos).

A sensação de estar perto da família, ter como se manter, provoca sentimento de felicidade, conforme afirma o jovem: *Sim, satisfeito. É a família, os amigos, a pesca. Você pesca quatro dias, depois já volta, pode ir pra sua casa, sou feliz aqui assim*” (E. F. A., 20 anos).

As relações de proximidade e de sociabilidade entre vizinhos é também um dos pontos de satisfação entre os jovens: *Sou sim, porque aqui eu me dou bem com os vizinhos, os vizinhos se dão bem comigo, eu num sou de tá brigando com os outros* (L. C., 29 anos).

Para aqueles que se sentem “mais ou menos” satisfeitos, as principais razões são a falta de trabalho, de oportunidade para os jovens, conforme afirma a jovem: *Eu um pouco sim e outro não, porque o trabalho que num tem* (N. S. L., 21 anos). Outra jovem refere-se aos cuidados que deve ter em relação à mãe: [risos] *É né. Tem que tá, né. Tem que tá satisfeita né, devido muitas coisas, mas tem que tá. Eu sou acostumada a morar aqui. Eu gosto de morar aqui ainda mais que a minha mãe mora aqui eu num penso deixar ela assim, ainda mais é só ela, meu irmão e meu pai* (I. Q. C., 21 anos).

Esse nível de satisfação fica ainda mais claro na medida em que os jovens detalham as razões relacionadas. Reconhecem e ressaltam que a comunidade é um lugar muito bom para se viver, pela tranquilidade, calma e contato com a natureza, como exprime a jovem: *Morar aqui [riso] dos anos que eu nasci, aqui é bacana, é legal, eu gosto, eu gosto muito daqui. Num tem briga, pode dormir à vontade, é bacana* (A. C. B. S., 27 anos). Para quem vive intensamente a vida praiana, se identifica com a vida no mar, na praia e sobrevive da pesca, o

nível de satisfação é alto, como demonstra o jovem: *Clima né. A vida é muito boa, é uma praia, é muito tranquilo, num tem muita confusão, porrada, polícia, muito bom, muito bom mesmo, comer um peixe fresquinho. Eu quero morrer aqui nessa praia, eu tô acostumado* (T. A. M., 26 anos).

Por outro lado, identificam nas dificuldades os condicionantes de não estarem satisfeitos. Dentre esses condicionantes aparece com muita ênfase a falta de água potável como assinala a jovem: *Porque o que falta aqui é água, que tem que tá comprando, isso que é ruim aqui. Se fosse por mim eu nem tava mais morando aqui, por causa disso* (A. C. B. S., 24 anos). Outro condicionante é a falta de trabalho, apontada como um fator de insatisfação, como explica a jovem: *Por uma parte é tranquilo, mas por outra parte é ruim porque aqui num tem trabalho pra ninguém, a gente tem que buscar pra fora que aqui num tem nada* (A. C. R. P., 19 anos).

A dualidade - tranquilidade \times falta de oportunidades está presente em várias falas dos jovens:

Pois é, né, tô querendo sair daqui [risos]. É porque eu acho muito bom morar aqui na vila, mas pra mim mesmo é só de férias porque aqui num tem muita coisa pra fazer, negócio de futuro, trabalho. Então eu acho que na minha opinião só em férias. Mas é legal morar aqui, é tranquilo num tem negócio de vandalismo (D. K. F. G., 26 anos).

É uma vida normal mesmo só de casa pra rua [risos] que num tem nada pra fazer. Num tem um curso assim, a gente num tem oportunidade, a gente fica assim não só como eu, mas outras jovens também (E. M. B., 26 anos).

O transporte precário para a sede do município em busca de estudo e trabalho aparece com destaque na fala dos jovens como fator de insatisfação:

É uma dificuldade pra gente, quando estamos estudando pra Bragança. Agora o ônibus de lá num quer vim mais, o governo num tá pagando e num vamo mais pra escola. Meu irmão num vai que a gente num tem dinheiro pra tá pagando todo dia R\$ 5,00 ida e vinda R\$ 10,00. Aí num tá indo não (J. B. M., 20 anos).

A relação com a baixa escolaridade e o destino exclusivo na pesca soa como um condicionante de insatisfação para o jovem: *É dona, como eu estou aqui. Quem tem estudo vai pra cidade e arruma um emprego e, eu como não estudei, o único jeito é trabalhar de pedreiro e a pesca* (D. P. S., 19 anos). Do mesmo modo se exprime o jovem: *Gosto, por enquanto a gente vamo levando a vida devagar como pode. A gente entende mesmo só é pescaria, né, se tivesse um outro meio de viver assim sem ser da maré era bom pra nós porque a pescaria maltrata muito a gente - é sol, é chuva, tudo a gente vamo levando aqui na cara* (M. J. M. F., 25 anos).

A falta de perspectivas de futuro, de buscar novas oportunidades, especialmente quando se é jovem, se reveste em fator de insatisfação, como mostra a jovem: *Na minha opinião acho que é legal, mas às vezes uma jovem vai crescendo e tem vontade de ir pra outro lugar. Eu tenho vontade de ir pra outro lugar, num ficar aqui todo o tempo* (M. C. S., 24 anos).

Para os jovens que estão casados e com filhos, com poucas perspectivas de migrar para a cidade, a vida na Vila se reveste de um alto grau de satisfação em face da tranquilidade em que podem criar os filhos e seguir a vida. As falas de duas jovens mostram isso:

É bom porque aqui na Vila é muito tranquilo. A gente cria os nossos filhos não com a agitação da cidade. Por exemplo, aqui a nossa casa fica assim aberta o dia todo, na cidade não, tem que ser gradeada, é como se os ladrões estivessem fora e a gente dentro. E aqui não, a gente dorme com a porta aberta, entendeu. É uma tranquilidade com as crianças, que elas brincam ali fora. É mais de carro, que as vezes passam, mas num é aquela movimentação toda (V. S. B., 26 anos).

É como tá no paraíso, como se diz. Porque aqui, graças a Deus, é uma comunidade pequena, mas é assim o pessoal da comunidade muitas das vezes se impõe bastante. É um lugar limpo, as áreas que a gente pode ver é limpa, as pessoas tem cuidado em alimpar a comunidade. Agora tem o carro do lixo que deixa a comunidade limpa. Então pra mim é um paraíso, num quero sair, só pro cemitério, num quero ir embora nunca [risos] (V. C. A., 27 anos).

Há, contudo, aqueles que percebem mudanças na comunidade que, em pequena proporção, começa a se assemelhar à vida na cidade, como explica o jovem: *Aqui é bom, assim num é como na cidade que a gente tem que sair e trancar as portas, trancar tudo não. Só que agora tá ficando assim igual a cidade e, antes a gente num reclamava porque tinha peixe pra gente comer, agora não, tá igual cidade, tem que comprar* (T. R., 20 anos).

b) O modo de vida dos jovens na Vila Que Era

A maioria dos jovens, 69,7%, gostam de morar em Vila Que Era por ser um lugar tranquilo, sem a movimentação e os perigos da cidade, com uma boa vizinhança e com a facilidade de obter o alimento da roça e do rio. Ressaltaram também o ambiente refrescante da vila, com a brisa que vem do rio e o contato com a floresta. As brincadeiras ao ar livre também foram citadas como fatores que fazem a vida ser boa na vila. Outro fator citado foi a relação com a família e a ajuda mútua que dão e recebem. Assim se expressam: *É eu tô satisfeito. Eu me criei aqui, já me acostumei. Se eu for sair daqui pra outro lugar não me acostumarei mais, porque nasci e me criei aqui. Pra mim, não só pra mim, acho que pra todo mundo eles são acostumados a morar aqui* (A. M. F. F., 27 anos); *É bom. É sossegado, num*

tem movimento. É perto do rio ali, quando tá meio ruim de comida a gente vamo ali, já bota um espinhel, vai no mangal pega um caranguejo. É bom por isso, porque tem um modo mais rápido pra gente se ajeitar no modo da maré (D. R. J., 21 anos); É porque aqui é um lugar silencioso, é um lugar que não tem briga, num tem muito coiso, só quando os outros de fora já venho, que já venho fazer a confusão né, a gente do lugar num faz nada disso. É um lugar que num esquenta a cabeça, é um lugar muito bom de se viver aqui (L. F. R., 24 anos).

Por outro lado, uma parcela dos jovens de 12,9% moram na vila, mas com restrições seja porque já moraram e buscam trabalho em outras cidades, seja porque não nasceram na vila e estão nela por razões de casamento e por relações fortes com a família. Ver Tabela 114.

No primeiro caso a jovem explica: *Não me acostumo, sou mais de viajar, trabalhar fora (L. M. S., 28 anos).* Outra jovem compartilha do mesmo pensamento:

Ah, eu não me encontro morar aqui, porque depois dos meus 16 anos eu não fiquei dependente do meu pai, porque queria uma coisa e eles num tinham condições de me dar. Eu tô há dois meses aqui e já tô agoniada pra viajar, eu tô mesmo. A mamãe mesmo fala, então pra mim, eu não me encontro morando diretamente aqui na comunidade. Eu gosto, é minha família, nasci aqui, me criei, mas eu não me encontro morando aqui (A. C. A., 29 anos).

No segundo caso, a jovem é de outro município e casou com um jovem de Vila Que Era, então passou a viver na vila e tem relações mais próximas com a família do cônjuge. Assim ela se expressa: *Às vezes as pessoas me perguntam: - 'E. como é pra ti se acostumar naquele lugar que tu é uma jovem gosta de bastante coisa? Eu digo: - rapaz. da feita que a gente se casa, a gente se acostuma com aquilo, aí eu tô acostumada (E. S. S., 24 anos).*

No terceiro caso, o jovem é muito grato a sua mãe que o criou sozinho sem o pai, embora já tenha tido experiência de trabalho em Belém e estudar em Bragança, o jovem mora com a mãe, mas pretende viver na cidade. Assim ele se expressa:

Eu particularmente gosto de morar aqui, mas eu tô me limitando aqui porque eu quero estudar, entendeu. Eu quero ficar aqui mesmo, perto da minha mãe, vou e venho, faço menos gastos do que estar morando em Bragança pagando aluguel. Pra mim não tem dificuldade não, vou de bicicleta. Agora eu comprei uma moto e depois que eu tirar a minha carteira vou de moto. Mas é passageiro porque eu quero me formar, eu quero mudar de vida né, algo melhor, porque aqui a comunidade é pequena só pra quem gosta mesmo de uma vida pacata que vive aqui, mas é passageiro (J. F. C., 23 anos).

Tabela 114 – Modo de vida dos jovens na Vila Que Era

COMO É MORAR NA VILA	FREQ.	%
É bom, sossegado	16	69,7
Estou acostumado	2	8,7
Gosta de morar	2	8,7
Subtotal I	20	87,1
Não me encontro morando aqui	1	4,3
É passageiro	1	4,3
Não me acostumo, sou mais de viajar	1	4,3
Subtotal II	3	12,9
TOTAL	23	100

Fonte: Pesquisa de campo (2015)

O modo de vida também se reflete no grau de satisfação em morar na Vila Que Era . O resultado apontou para uma maioria, 78,3% que respondeu sim, estão satisfeito em morar na vila, conforme afirma a jovem: *Muito bom, bem satisfeita* (L. S. R., 29 anos). Outro jovem complementa: *Tô, graças a Deus. É um lazer morar aqui. Outras coisas assim. É bom de morar* (P. J. S. S., 23 anos). O jovem L. F. M. M., 20 anos complementa: *É [risos] eu tô né, porque, por enquanto, tá tudo bem comigo, então não tem do que reclamar.*

A parcela de 17,4% disse não estar satisfeita e as razões estão relacionadas à falta de oportunidade e de estudos. Assim se expressa a jovem: *Ainda não. Falta realizar os meus sonhos de uma vida melhor pros meus pais, isso que falta* (F. J. G., 19 anos).

Para 4,3% o grau de satisfação é “mais ou menos”, ou seja, tem o lado bom relacionado com a família, a tranquilidade do local e tem o lado ruim que é a falta de trabalho e de condições para avançar nos estudos. Assim o jovem se expressa: *Mais ou menos, falta trabalho pros jovens* (A. C. S., 19 anos). Ver Tabela 115.

Tabela 115 – Grau de satisfação em morar na Vila Que Era

SATISFAÇÃO	FREQ.	%
Sim	18	78,3
Não	4	17,4
Mais ou menos	1	4,3
TOTAL	23	100

Fonte: Pesquisa de campo (2015)

Segundo a opinião dos jovens entrevistados o modo de vida do jovem de Vila Que Era é, durante a semana trabalhar e, aos finais de semana se divertir, de dia em um jogo de bola, principalmente o futebol e à noite frequentar um bar, uma festa. O futebol atrai mais os homens, as mulheres ficam mais em casa, visitam um parente, vão à igreja e cuidam das crianças. Havia um grupo de jovens na igreja católica local, mas esse grupo foi se dissolvendo e atualmente não existe mais. A participação em eventos é esporádica e incentivada pelos adultos. A falta de trabalho para o jovem atrapalha muito, eles ficam na dependência dos pais.

4.12 Projeto de vida dos jovens das duas vilas

Segundo Alves e Dayrell (2015, p. 377), a elaboração de projetos de vida extrapola o âmbito profissional. Assim, eles afirmam: “Afim, a vida não se resume a trabalho. Falar em projetos de vida é mais amplo, porque, além da vida profissional, também é preciso problematizar outras dimensões da condição humana, como as escolhas afetivas, os projetos coletivos e as orientações subjetivas da vida individual”.

Com efeito, ao serem questionados sobre seus projetos de vida, os jovens das duas vilas estudadas expressaram seus objetivos, desejos e sonhos não somente para a vida profissional, embora esse setor da vida seja bastante elucidado por eles, mas falaram também sobre casamento, projetos para a família, para a comunidade e lazer.

Construir projetos de vida é intrínseco ao ser social, não necessariamente nos termos formais. A grafia no plural pressupõe a existência de várias dimensões que irão indicar e organizar as ações cotidianas e as condutas individuais. Os projetos de vida estão fundamentados nos valores que a criança vai internalizando em sua socialização primária e, em seguida, aglutinando elementos de suas seguidas socializações, o que permite alterações constantes nesses projetos e reelaboração na medida em que se delineia o amadurecimento do ser social. O jovem, quando pensa seu projeto de vida, o faz baseado em possibilidades que vislumbra a partir de sua identidade na confluência com a diversidade de opções que se lhes apresenta o mundo em sua dinâmica atual, ou, ao contrário, nas limitações dessas opções. Portanto, a elaboração de projetos de vida podem se constituir a partir de diversos fatores que colaboram para que o jovem possa projetar seus objetivos, desejos e sonhos.

Nessa perspectiva, os jovens das duas vilas estudadas expressam a seguir seus projetos de vida.

a) Projeto de vida dos jovens da Vila do Bonifácio

Os projetos de vida dos jovens entrevistados da Vila do Bonifácio estão ligados, principalmente, a três fatores: a) trabalho, b) estudo e c) família. O trabalho é o elemento mais frequente, 91,2% nos projetos de vida dos jovens. Na correlação entre os sexos figura com mais frequência no universo masculino, 92,8% contra 89,6% entre as mulheres. Os estudos ocupam um lugar menor, um pouco mais que a metade, 56,2%, com presença maior entre as mulheres, 68,9% e menor entre os homens, 42,8%. A família completa o tripé no âmbito do projeto de vida dos jovens da Vila do Bonifácio. Aqueles que mencionaram a ajuda à família ou a constituição de sua própria família representam 78,9%. As mulheres colocaram a família

com mais frequência em seus projetos de vida, 89,6% que os homens, 67,9%. Grande parte relaciona essa preocupação com a criação dos filhos e a ajuda ao marido no sustento da casa. A preocupação em dar conforto aos pais também faz parte da preocupação com a família (Tabela 116).

Tabela 116 – Projeto de vida dos jovens de Vila do Bonifácio por sexo

SEXO	PROJETO DE VIDA																	
	TRABALHO						ESTUDO						FAMÍLIA					
	SIM		NÃO		TOTAL		SIM		NÃO		TOTAL		SIM		NÃO		TOTAL	
	F.	%	F.	%	F.	%	F.	%	F.	%	F.	%	F.	%	F.	%	F.	%
FEM.	26	89,6	3	10,4	29	100	20	68,9	9	31,1	29	100	26	89,6	3	10,4	29	100
MAS.	26	92,8	*2	7,2	28	100	12	42,8	**16	57,2	28	100	19	67,9	9	32,1	28	100
TOTAL	52	91,2	*5	8,8	57	100	32	56,2	**25	43,8	57	100	45	78,9	12	21,1	57	100

Fonte: Pesquisa de campo (2015)

*1 Não sabe

**1 Talvez

O trabalho aparece então como principal projeção a ser alcançado, seja por meio de cursos profissionalizantes, seja pela formação em nível superior. Um emprego com estabilidade (carteira assinada) é a grande expectativa que inclui desde o trabalho de atendente em loja, operador de caixa em supermercado, trabalho doméstico e trabalho na própria vila. Há aqueles que desejam montar um negócio por conta própria como uma academia de ginástica, um negócio de comunicação visual (*designer*). O trabalho advindo de uma formação superior é também o desejo dos jovens tais como: Engenharia Civil, Psicologia, Educação Física, Direito, Biologia Medicina; Artes, Letras - Língua Inglesa e Veterinária. Uma jovem deseja ser marinheira.

Há uma parcela que deseja permanecer no trabalho da pesca, são aqueles que vivem exclusivamente dessa atividade. O projeto de vida é continuar na pesca, conforme explica o jovem pescador:

Rapaz, eu num sei muito da leitura porque eu estudei pouco, pouquinho, pouquinho. Eu penso assim, de um tempo comprar um barco, comprar uma rede, uma canoa, investir na pesca. Eu só penso assim, num adianta tu querer pensar em querer ser o que não é. Não, eu só quero o que Deus me der pra mim viver, mas eu num penso em crescer, ter muito dinheiro (T. A. M., 26 anos).

Porém, há os que vivem da pesca e estudam e querem deixar a pesca e conseguir outros trabalhos, conforme se expressa o jovem: *Meu futuro - eu queria sair da vida de pescador. Queria ir pra outro lugar que arranjasse um serviço, que desse viver minha vida melhor, pra arranjar mais um trocadinho. Viver minha vida mais leve (E. F. R., 21 anos).* Os dois depoimentos a seguir apontam também nessa linha:

Daqui a 5 anos, mais na frente, eu quero ter uma melhoria de vida. Meu sonho é melhorar a minha casa e montar um negócio próprio pra mim, pra num tá só pescando que é um trabalho dificultoso, acaba com a gente, o jovem fico mais velho mais rápido, por causa do sol. Então, se eu tivesse uma condição melhor eu investiria em algo que beneficiasse mais pra mim estar mais em casa com a minha família (L. F. L., 28 anos).

Olha, tipo nesse tempo que eu trabalho de pescaria, mais na frente eu tenho vontade de parar e investir em outra coisa assim e mudar esse rumo porque em pescaria fica velho rápido, envelhece porque a pessoa pega sol direto, exige força. Eu tenho vontade de um dia parar, mas num pensei o que fazer (M. S. R., 20 anos).

Uma jovem mulher é marisqueira e estuda. Ela pretende se formar e trabalhar na escola local da vila e deixar de ser marisqueira. Assim ela se expressa: *Eu daqui com uns tempos eu pretendo trabalhar aqui, no colégio, mas se num tiver vaga eu pretendo trabalhar em outros lugares sem ser de marisqueira (N. R. F. G., 21 anos).*

Há os que pretendem retornar aos estudos e permanecer na Vila do Bonifácio como explica o jovem:

Eu queria voltar a estudar porque aqui quase assim eles num pego pessoa assim que pararam na 6^a, na 7^a, tem que ir tudo pra Bragança. As vez o prefeito manda tipo um ônibus pra pegar os estudantes, mas é uma vez na vida e outra na morte. As vez eles num pagam o salário dos motoristas e ficam naquela greve. É isso, mas se eu pudesse eu voltava a estudar (I. Q. C., 21 anos).

Há os que vivem da pesca, mas pensam em migrar para a cidade, pensando em dar um futuro melhor para os(as) filhos(as). Os dois depoimentos seguem nessa linha:

Se eu conseguir esse objetivo de dois, três anos que você falou vai ser bom pra gente, porque na verdade a gente tem um plano de ter uma vida melhor, dar um tempo da pesca porque é uma pesca que maltrata muito o pescador, principalmente na minha pescaria, que eu trabalho só, a gente tá com um projeto de, tamo com esse projeto de ir pra cidade pra melhorar mais o estudo dela [filha], facilitar o estudo dela, justamente esse que é um dos nossos objetivos de trabalhar, tentar juntar um dinheiro qualquer pra gente vê o que é que faz aí, pra gente conseguir em prol dela, porque pra gente, quem sabe pra frente, mas pensando na minha filha estamos com esse projeto aí (C. G. A. B., 26 anos).

Eu botei na minha cabeça que eu queria me formar, arranjar um emprego porque aqui o único ganho é a pesca e tem dia que dá, tem dia que num dá. Num tem pra comer do bom e do melhor. Então eu penso um dia estudar, arranjar um emprego bom, de carteira assinada e dar do bom e do melhor pra minha filha (A. S. F. S., 26 anos).

Entre os que estudam e não vivem da pesca a expectativa de projeto de vida é fora da RESEX como mostra o depoimento a seguir: *Estudo fora, quero fazer um curso de Engenharia. Olha qualquer um: - Bragança, outro lugar, Belém (J. B. M., 20 anos).*

Há também jovens que pretendem sair para fazer um curso superior e retornar para contribuir no desenvolvimento local de sua comunidade:

Daqui a dois anos eu pretendo muito mesmo estar dentro da universidade fazendo biologia, que eu amo biologia e, quem sabe até entrar na área da saúde, questão de medicina e tudo mais que eu acho o máximo, tanto é que eu vou fazer agora enfermagem na FEPE. Então eu tô querendo logo me adaptar a isso - ser médico pra trabalhar aqui porque a minha comunidade é carente nessa questão de saúde, mas quem sabe o que vai acontecer na minha vida (L. S. G., 19 anos).

As jovens mulheres desejam compartilhar com o marido o sustento da casa, como expressa a jovem a seguir:

Eu planejo trabalhar, eu quero ajudar meu marido dentro de casa, porque a pescaria hoje em dia, por mais que dê pouco, dois trabalhando a vida fica bem melhor dentro da casa. Posso trabalhar em casa de família, posso fazer um curso para trabalhar em outro lugar também, possibilidade eu tenho, um pouco mais de esforço (N. M., 29 anos).

Outra jovem também acredita que ainda pode recomeçar os estudos interrompidos e fazer faculdade, antes sonhada de enfermagem e hoje de artes para ensinar as crianças da vila:

Eu queria tá acabando meus estudos, é meu sonho. Fazer uma faculdade, arrumar um trabalho, ajudar o meu marido, ainda mais agora que ele tá doente. Eu tinha vontade de fazer Enfermagem, agora num tenho mais coragem, agora eu tenho vontade de ensinar as crianças a fazer arte, tenho vontade de estudar arte, porque eu gosto muito de arte (M. L., 29 anos).

Há jovens que não conseguiram expressar seus projetos de vida, disseram estar sem expectativa, ou que ainda não haviam pensado em seu futuro. Essa proporção é baixa, 5,2%.

Ainda no âmbito do projeto de vida destacam-se duas situações que se apresentam na relação com a atividade principal da Vila do Bonifácio - a pesca: a) Deixar a pesca e ter outro trabalho; b) Permanecer na pesca. A maioria, 89,5% expressou em seu projeto de vida desejo de ter uma atividade fora da pesca. Essa proporção é maior entre as mulheres, 96,5%. Entre os homens é menor, 82,1% (Tabela 117).

Tabela 117 – Inclusão da pesca nos projetos de vida dos jovens da Vila do Bonifácio por sexo

SEXO	PESCA					
	SIM		NÃO		TOTAL	
	F.	%	F.	%	F.	%
Feminino	1	3,5	28	93,5	29	100
Masculino	5	17,9	23	82,1	28	100
TOTAL	6	10,5	51	89,5	57	100

Fonte: Pesquisa de campo (2015)

Outro elemento em destaque no projeto de vida dos jovens é a projeção sobre a permanência na Vila do Bonifácio ou a saída. Há quase paridade entre os que elaboram seus projetos de vida para fora da vila e os que projetam permanecendo na vila. Um pouco mais da metade, 59,6% deseja sair da vila e 40,3% pretende permanecer. Na relação por sexo, há também paridade. Dentre a parcela que deseja sair 50% (mulheres) e 50% (homens). Dentre os que desejam ficar 52,2% são mulheres e 47,8% são homens. No geral, tanto entre as 29 mulheres e os 28 homens da pesquisa, mais da metade quer partir, 58,6% e, 60,7%, respectivamente. Ver Tabela 118.

Tabela 118 – Permanecer ou sair nos projetos de vida dos jovens da Vila do Bonifácio por sexo

SEXO	FICAR		SAIR		TOTAL SEXO	
	FREQ.	%	FREQ.	%	FREQ.	%
Mulheres	12	41,4	17	58,6	29	100
Homens	11	39,3	17	60,7	28	100
TOTAL	23	40,4	34	59,6	57	100
Mulheres	12	52,2	17	50,0		
Homens	11	47,8	17	50,0		

Fonte: Pesquisa de campo (2015)

Entre o real possível e o sonho, a realidade que se impõe em uma comunidade com raras opções de estudo e trabalho leva o jovem a criar estratégias para atingir seu sonho. Primeiro fazer um curso técnico ou uma capacitação para uma profissão de nível médio e, em seguida, fazer uma faculdade. Há dois casos relatados pelos próprios jovens que ilustram bem essa situação. O primeiro está cursando Enfermagem, a nível técnico, e pretende trabalhar na área da saúde com esse curso, mas seu sonho é fazer faculdade de Educação Física. Assim ele se expressa: *Eu quero trabalhar tipo assim - eu tô fazendo o curso técnico e acaba agora em novembro, então eu vou trabalhar na área da saúde. Mas eu quero fazer a minha faculdade particular porque o meu sonho é a Educação Física, aí eu quero ir pra Educação Física* (M. J., 28 anos). O segundo caso é de um jovem que está frequentando um curso técnico de operador de caixa de supermercado. Com o curso pretende conseguir um emprego e custear seus estudos na Faculdade de Letras e Comunicação, com habilidade para a língua inglesa, pois seu sonho é ser professor de inglês. Assim ele se expressa:

[...] eu depois que terminar o curso de operador de caixa pretendo arranjar emprego, pretendo estudar pra fazer uma faculdade fora.[Morar] fora, mas pretendo vir pra passar férias [...] Daqui a 5 anos pretendo estar ingressando em uma profissão tipo professor de inglês que é o que eu mais quero (M. C. S., 19 anos).

As tabelas a seguir mostram os objetivos imediatos – um e dois anos e, a médio prazo – 5 anos. Os projetos para um ano à frente, mantém-se entre os estudos e o trabalho, entretanto, o trabalho aparece com maior frequência, 49,2% em relação aos estudos, 35,1%. Os demais, 5,2% pretendem ficar na vila criando os filhos e cuidando da casa, 1,7% ainda não pensou sobre o assunto e 8,8% ainda não sabem (Tabela 119).

Tabela 119 – Projetos de vida dos jovens da Vila do Bonifácio para 1 ano

PROJETOS DE VIDA – DAQUI A 1 ANO	FREQ.	%
Voltar a estudar	8	14,2
Entrar numa faculdade **	4	7,0
Terminar o ensino médio	4	7,0
Continuar na faculdade *	2	3,5
Cursar o 2º ano do ensino médio	1	1,7
Deixar a pesca e estudar	1	1,7
Subtotal I – Estudo	20	35,1
Trabalho ***	16	28,2
Trabalhando fora da pescaria	5	8,8
Continuar na pesca (comprar barco; pesca industrial)	4	7,0
Ficar na vila trabalhando e perto da família	2	3,5
Trabalhar, estabilizar e voltar a estudar	1	1,7
Subtotal II – Trabalho	28	49,2
Ficar aqui na vila (casa, marido, filho)	3	5,2
Não pensou	1	1,7
Não sabe	5	8,8
TOTAL	57	100

* Pedagogia;

**Biologia; Educação Física. Psicologia, Pedagogia, Engenharia Civil, Medicina

***Pedreiro; carpinteiro; carregador de caminhão; loja de variedades; empresa de comunicação visual; operador de caixa de supermercado; trabalho doméstico; trabalho em pousada.

Fonte: Pesquisa de campo (2015)

Para objetivos também mais próximos - dois anos, a tendência segue a anterior, porém na mesma proporção, 42% tanto para os estudos quanto para o trabalho. Os demais seguem a mesma tendência da Tabela anterior. Ver Tabela 120.

Tabela 120 – Projeto de vida dos jovens da Vila do Bonifácio para 2 anos

PROJETO DE VIDA - DAQUI A 2 ANOS	FREQ.	%
Cursando a faculdade ***	12	21,0
Voltar a estudar	7	12,3
Concluir o ensino médio	3	5,2
Continuar a faculdade **	2	3,5
Subtotal I - Estudo	24	42,0
Trabalhando*	18	31,6
Continuar trabalhando na pesca	3	5,2
Trabalhando fora da pesca	2	3,5
Ter uma vida legal	1	1,7
Subtotal II - Trabalho	24	42,0
Não pensei	1	1,7
Ficar na vila	3	5,2
Não sabe	5	8,8
Total	57	100

*Operador de máquina; loja de variedades; pousadas; lecionando; empresa de comunicação visual; pedreiro, carpinteiro, carregador de caminhão.

** Pedagogia;

*** Educação Física; Veterinária; Biologia; Artes; Engenharia Civil; Enfermagem; Psicologia; Pedagogia.

Fonte: Pesquisa de campo (2015)

Projetando seus objetivos para 5 anos, os jovens mantiveram a lógica da continuidade dos projetos iniciais como a conclusão da faculdade e obtendo uma profissão de nível superior, desembocando em trabalhos na sua área de formação e até mesmo na continuidade dos estudos a nível de mestrado. Aqueles que optaram pelo trabalho mantêm-se na mesma proporção. Também mantendo a mesma tendência aqueles que “não sabem”; “não pensaram”; “ficar na Vila”. Ver Tabela 121.

Tabela 121 – Projeto de vida dos jovens da Vila do Bonifácio para 5 anos

PROJETO DE VIDA - 5 ANOS	FREQ.	%
Trabalhando	19	33,5
Continuando na pescaria	3	5,3
Fazendo curso para ter um trabalho	1	1,7
Trabalhando fora da pesca	1	1,7
Trabalhando na minha empresa de comum. visual	1	1,7
Trabalhando na minha lojinha e faculdade	1	1,7
Trabalhando como professor de inglês	1	1,7
Subtotal I - Trabalho	27	47,3
Talvez voltar a estudar, mas poucas chances	1	1,7
Fazendo faculdade	2	3,5
Jogando futebol no Rio de Janeiro	1	1,7
Formado em uma profissão de nível superior	15	26,5
Subtotal II - Estudo	19	33,4
Não sabe	6	10,6
Casada	1	1,7
Na vila (marido e filhos)	3	5,3
Não pensei	1	1,7
Total	57	100

Fonte: Pesquisa de campo (2015)

b) Projeto de vida dos jovens da Vila Que Era

O projeto de vida, mesmo sem uma elaboração formal, encontra-se delineado para os jovens de Vila Que Era. Assim, perguntados se já haviam pensado o que querem para a sua vida, a maioria absoluta, 100% respondeu que sim, já pensaram. Ver Tabela 122.

Tabela 122 – Já pensou o que quer para a sua vida de adulto?

PROJETO DE VIDA	FREQ.	%
Sim	23	100,0
Não	0	0,0
TOTAL	23	100

Fonte: Pesquisa de campo (2015)

Também no projeto de vida dos jovens de Vila Que Era o trabalho aparece como elemento central para 91,3%, seja um trabalho com estabilidade com carteira assinada (concurso público e setor privado), um trabalho de nível técnico (cursos profissionalizantes e Eletrônica), um trabalho de nível superior (advogada, engenheira de pesca, Medicina, Enfermagem, Pedagogia, Artes, delegado, policial e engenheiro civil) e no setor de serviços (loja e supermercado). Na relação por sexo, o trabalho está presente no projeto de vida de todos os jovens do sexo masculino enquanto que para as mulheres o trabalho aparece em 84,6% delas.

O estudo faz parte do projeto de vida de 69,6% dos jovens de Vila Que Era, seja retomando os estudos interrompidos, seja cursando uma faculdade (Informática, Matemática, Engenharia Civil, Engenharia de Pesca, Pedagogia, Enfermagem, Artes, Direito e Medicina). O depoimento do jovem, a seguir, mostra a vontade de prosseguir os estudos mesmo diante de dificuldades.

Eu fiquei 4 anos [em Belém] e fazia cursinho. Queria estudar, meu sonho era UFPA, eu não queria outra universidade. Eu cheguei a pagar uma particular lá [em Belém] mas não enchia meus olhos, a minha era UFPA. Meu sonho desde criança era a UFPA. Aí eu passei e larguei tudo lá. Eu morava sozinho, tinha minhas coisas, vivia de aluguel, não ganhava mal não, eu ganhava quase R\$2.000,00 no emprego e larguei tudo e vim estudar na UFPA [Campus de Bragança] e morar pra cá, era meu sonho (J. F. C., 23 anos).

Entre os que desejam continuar os estudos há a intenção de fazer mestrado ou fazer um curso profissionalizante para se qualificar para um bom trabalho. Na relação por sexo, o estudo está mais presente no universo feminino com 84,6%, enquanto que para os homens aparece com 50%.

Ajudar a família também faz parte do projeto de vida dos jovens na medida em que pretendem ultrapassar as condições materiais de vida dos pais e poder ajudá-los futuramente.

Da mesma forma a preocupação com a própria família, cônjuge e os filhos. Há também a preocupação com a manutenção afetiva dessa família. Na relação por sexo, a preocupação com a família de origem ou com a sua própria família é um pouco maior entre os homens, 60% e entre as mulheres 53,8%. Ver Tabela 123.

Tabela 123 – Projeto de Vida dos Jovens de Vila Que Era por sexo

SEXO	PROJETO DE VIDA																	
	TRABALHO						ESTUDO						FAMÍLIA					
	SIM		NÃO		TOTAL		SIM		NÃO		TOTAL		SIM		NÃO		TOTAL	
	F.	%	F.	%	F.	%	F.	%	F.	%	F.	%	F.	%	F.	%	F.	%
FEM.	11	84,6	2	15,4	13	100	11	84,6	2	15,4	13	100	7	53,8	6	46,2	13	100
MASC.	10	100	0	0,0	10	100	5	50,0	5	50,0	10	100	6	60,0	4	40,0	10	100
TOTAL	21	91,3	2	8,7	23	100	16	69,6	7	30,4	23	100	13	56,5	10	43,5	23	100

Fonte: Pesquisa de campo (2015)

De forma mais detalhada, por uma previsão cronológica, perguntou-se onde e como gostariam de estar após um ano. As respostas foram diversificadas, mas a maioria 37,8% gostaria de trabalhar, com carteira assinada, fora da Vila, em uma loja ou supermercado, no porto de Bragança, continuar como carpinteiro ou no trabalho na roça e, fazer concurso público. Mais uma vez se confirma a centralidade do trabalho na vida dos jovens. Assim a jovem se exprime: *Eu penso muitas coisas, trabalhar, ter minhas coisas, dar pra minha mãe, minha irmã, eu penso isso, em alguma loja* (J. S. M., 18 anos). Outro jovem assim se expressa: *Já quero tá aí pra fora, pra dar um futuro melhor pra nós* (A. C. S., 19 anos).

A segunda opção com 30,8% gira em torno dos estudos: continuar os estudos, voltar a estudar, cursar Medicina, concluir os estudos, concluir a faculdade de Pedagogia, mudar o curso para Engenharia Civil, fazer curso preparatório ao vestibular, cursar Faculdade de Artes. A jovem assim se expressa *É poder ajudar meus pais daqui para frente e, poder ajudar a comunidade. Eu quero estar no primeiro ano do Curso de Artes quero ser professora de Artes* (R. T. C., 20 anos). O jovem J. F. C., 23 anos que já cursa faculdade de Matemática no Campus da UFPA, em Bragança pretende mudar de curso, mas dentro das Ciências Exatas, ele diz: *Eu tô na universidade, mas o meu principal objetivo é trocar de curso, é fazer um curso grande em Belém e voltar de novo, é fazer mobilidade interna, quero Engenharia Civil, agora existem duas possibilidades pra mim que é o vestibular de novo ou o MOBIN, a mobilidade interna da UFPA*. Os planos da jovem J. S. R. C., 28 anos, casada e com filhos é de ficar na vila e retornar seus estudos para se qualificar e ajudar a família, ela diz: *Eu pretendo ficar aqui e dar o melhor pros meus filhos - questão de educação-. Pretendo voltar a estudar, inclusive eu tentei, mas num deu pra mim voltar. Quando eu fui num consegui mais vaga e já fiquei de fora, mas eu pretendo estudar*.

A terceira opção com 24,2% recai sobre a família, principalmente ajudar a família tanto a de origem quanto a sua própria família, conseguir um casamento também faz parte do projeto de vida. Assim a jovem se exprime: *Eu quero, em nome de Jesus, tá trabalhando, pra ter o que é meu e ajudar a minha família, porque eles já me ajudaram muito e, eu quero ajudar eles. Eu pretendo isso* (L. M. S., 28 anos).

Com a menor proporção 3,4%, igualmente, encontram-se fazer um curso profissionalizante com vistas a se qualificar para um emprego e sair da pescaria para um emprego. Assim esse jovem se exprime: *Um trabalho pra mim sair da pescaria. Trabalhar numa loja, supermercado* (P. J. S. S., 23 anos). O correspondente a 34,8% não responderam esta pergunta. Ver Tabela 124.

Tabela 124 – Projeto de vida para os jovens de Vila Que Era para 1 ano

ÁREAS	DAQUI A 1 ANO	FREQ.	%
Trabalho (37,8%)	Trabalho com carteira assinada	3	10,4
	Trabalhar em uma loja, supermercado	3	10,4
	Fazer concurso público	1	3,4
	Trabalho fora de Vila Que Era	1	3,4
	Trabalhar no porto de Bragança	1	3,4
	Trabalhar como carpinteiro	1	3,4
	Trabalhar na roça	1	3,4
Estudo (30,8%)	Estudando	2	7,0
	Estudando Medicina	1	3,4
	Terminar os estudos	1	3,4
	Terminar a faculdade (Pedagogia)	1	3,4
	Fazendo cursinho de vestibular	1	3,4
	Voltar a estudar	1	3,4
	Trocar de curso para Engenharia Civil	1	3,4
	Estar na faculdade de Artes	1	3,4
Família (24,2%)	Ajudar a família	6	20,8
	Casada	1	3,4
Curso (3,4%)	Curso profissionalizante	1	3,4
Outros (3,4%)	Sair da pescaria	1	3,4
TOTAL		29	100

Fonte: Pesquisa de campo (2015)

Na sequência, apresenta-se o que os jovens gostariam de fazer em dois anos à frente. As respostas confirmam a forte presença do trabalho na linha da vida dos jovens. Mais da metade, 55% desejam trabalhar.

Estudar é a preferência de 30% dos jovens, mantendo quase a mesma proporção do que desejam há 1 ano. Constituir sua própria família é o desejo de 10% e 5% desejam fazer um curso. O correspondente a 43,4% não responderam a esta pergunta, aumentando o grau de abstenção em relação à pergunta anterior. Ver Tabela 125.

Tabela 125 – Projeto de Vida para os jovens de Vila Que Era para 2 anos

ÁREA	DAQUI A 2 ANOS	FREQ.	%
Trabalho (55%)	Trabalhar	7	35,0
	Trabalhar como diretora de escola	1	5,0
	Trabalhar no porto de Bragança	1	5,0
	Trabalhar como carpinteiro	1	5,0
	Trabalhar na roça	1	5,0
	Fazer faculdade	3	15,0
Estudo (30%)	Estudar	1	5,0
	Fazer Enfermagem	1	5,0
	Fazer uma pós-graduação	1	5,0
Família (10%)	Constituir a própria família	2	10,0
Curso (5%)	Fazer um curso	1	5,0
TOTAL		20	100

Fonte: Pesquisa de campo (2015)

Em uma perspectiva mais a longo prazo, perguntou-se o que gostariam de fazer 5 anos à frente. Trabalhar foi a resposta da maioria, 38,2%, tanto na vila quanto fora dela. Na Vila a ressalva foi para a falta de oportunidades e a conformação com o que a realidade se apresenta. Nesse sentido aparece a fala do jovem:

Acho que o projeto que a gente tem, que a gente pode se conformar é com isso mesmo. O projeto da gente é o trabalho da gente, que a gente se sustenta, a gente trabalha pra gente mesmo. O projeto da gente é esse, é como eu falei, se tivesse um projeto aqui, tipo uma associação aqui na vila seria melhor pra gente poder discutir alguma pra poder continuar crescendo mais, ter algum projeto pra fazer (A. M. F. F., 27 anos).

Em segundo lugar vem o estudo, com 33,3% incluindo a conclusão da faculdade e cursos de pós-graduação, como mestrado. O correspondente a 19,1% recaem sobre a família, constituindo a sua própria família e ajudando os pais. Outros, 9,4% querem estar “curtindo a vida” e, não sabem dizer o farão. O correspondente a 30,4% não forneceu resposta a esta pergunta. Ver Tabela 126.

Tabela 126 – Projeto de Vida para os jovens de Vila Que Era para 5 anos

	DAQUI A 5 ANOS	FREQ.	%
Trabalho (38,2%)	Trabalhar	5	24,1
	Trabalhar como delegado ou policial	1	4,7
	Trabalhar como professora de Artes	1	4,7
	Trabalhar em Mato Grosso	1	4,7
Estudo (33,3%)	Terminar os estudos	2	9,6
	Ter concluído a faculdade	2	9,6
	Estudar inglês fora da Vila	1	4,7
	Fazer mestrado	1	4,7
	Estudar Engenharia de Pesca	1	4,7
Família (19,1%)	Constituir uma família	3	14,4
	Ajudar a família	1	4,7
Outros (9,4%)	Curtir a vida	1	4,7
	Não sabe	1	4,7
	TOTAL	21	100

Fonte: Pesquisa de campo (2015)

Dois aspectos no projeto de vida dos jovens também foram enfatizados: Ficar na Vila ou sair em busca de oportunidades. Na Vila Que Era um pouco mais da metade, 56,5% desejam permanecer na vila e 43,5% pretendem sair. Na relação por sexo, são as mulheres, 61,5% que desejam permanecer contra 50% dos homens. Consequentemente, são os homens que desejam sair, 50% contrastando com 38,5% das mulheres que desejam sair. Em resumo, a metade dos homens deseja ficar e a outra metade deseja sair. Entre as mulheres, 61,5% desejam ficar e 38,5% desejam sair (Tabela 127).

Tabela 127 – Permanecer ou sair nos projetos de vida dos jovens de Vila Que Era por sexo

SEXO	PERMANECER OU SAIR					
	FICAR		SAIR		TOTAL	
	F.	%	F.	%	F.	%
Feminino	8	61,5	5	38,5	13	100
Masculino	5	50,0	5	50,0	10	100
TOTAL	13	56,5*	10	43,5*	23	100

Fonte: Pesquisa de campo (2015)

*Em relação aos 23 jovens

Esses dados expressos nos projetos de vida dos jovens mostram a particularidade do lugar no que concerne ao fenômeno da migração dos jovens para a cidade, em especial as mulheres. Esse fato pode ser explicado pela forte relação com a família e a posição da mulher como principal cuidadora dos filhos e da casa enquanto o marido se ocupa em prover o sustento. Há, contudo contradições nos próprios desejos, por exemplo, a jovem que trabalha com o marido em uma olaria com artesanato de cerâmica, com potencial de crescimento em curso de pedagogia. Apesar das raízes no lugar pelo trabalho da família nessa atividade tradicional, ela deseja continuar os estudos e projeta para si e para as filhas o caminho dos

estudos, que ocorrem para além das fronteiras da vila. Outra jovem expressa o desejo de sair, cursar uma faculdade e retornar para ajudar a família e a comunidade. Uma terceira jovem quer fazer Faculdade de Engenharia de Pesca, fora da vila, mas enfrenta o dilema de acompanhar o marido que pretende trabalhar no estado do Mato Grosso.

Um segundo aspecto observado no projeto de vida dos jovens de Vila Que Era diz respeito à relação com as atividades extrativistas locais. A maioria, 91,3% não incluiu em seu projeto de vida a atividade extrativista: roça, pesca e coleta de caranguejo. Apenas 8,7% pretendem permanecer na pesca, na roça e na coleta de caranguejo. Na relação por sexo, 100% das mulheres não incluíram as atividades extrativistas em seus projetos de vida. Entre os homens, 20% incluíram as atividades de roça, pesca e coleta de caranguejo. Ver Tabela 128.

Tabela 128 – Inclusão das atividades extrativistas nos projetos de vida dos jovens de Vila Que Era por sexo

SEXO	ATIVIDADES EXTRATIVISTAS					
	SIM		NÃO		TOTAL	
	F.	%	F.	%	F.	%
Feminino	0	0,0	13	100,0	13	100
Masculino	2	20,0	8	80,0	10	100
TOTAL	2	8,7	21	91,3	23	100

Fonte: Pesquisa de campo (2015)

O perfil dos jovens que desejam permanecer nas atividades extrativistas é de pescadores e agricultores desde a infância. Um é casado, interrompeu os estudos para pescar ainda na infância. Ele diz:

A gente sobrevive da pesca, em pegar o peixe, o caranguejo, o siri, o camarão pra poder vender, pra poder ganhar o dinheiro pra poder sobreviver. Da farinha é a mesma coisa, a gente vende a farinha, a gente vende a mandioca, só que a mandioca é mais pro consumo da farinha a gente num vende quase é como eu tô falando a sobrevivência da gente é mais na pesca [...] (A. M. F. F., 27 anos).

O outro jovem é solteiro, concluiu o ensino médio e parou os estudos. Toda a família trabalha com a pesca e com a roça. Ele assim se expressa:

Trabalho na pesca. A gente pega caranguejo. Agora no inverno fica ruim pra gente ir, mas a gente passa uma semana, no rio, as vezes desce na segunda chega na sexta. Leva isopor, gelo, espinel. Pega panderado, cangatam, piramutaba. Vende mais no rio Itaperaçu. Como diz o papai desde que, só num nascemo na maré,[risos] mas, já de 5 ano pra frente, que a gente num ía fazer nada, mas ía empastelar. Mas de 10 anos em diante já fomos pegando a prática na maré. Aí agora o papai já num vai mais só vai só a gente, só os filhos é que já vamo (D. R. J., 21 anos).

Os projetos de vida refletem desejos de passagem do jovem para um mundo do trabalho, da constituição de família. Não sem conflito, essa “passagem” desencadeia impasses e dilemas. Pais (2009, p. 371) discute em sua obra como na sociedade moderna os ritos de passagem deram lugar aos ritos de impasses:

No que respeita à juventude é certo que continuam a ser valorizados os marcadores de passagem para a chamada idade adulta, como é o caso da obtenção de um emprego, do casamento ou do nascimento do primeiro filho [...]. Entretanto, as trajetórias de vida bloqueiam frequentemente encruzilhadas de impasse, determinadas por variáveis sociais, apesar dos arranjos de transição cada vez mais se alinharem com estratégias de autonomização, na esteira das *teses da individualização*. Em sociedades de outrora, existiam *ritos de passagem* que demarcavam, de modo preciso, a transição dos jovens para a idade adulta. Hoje em dia, muitos desses ritos desapareceram embora alguns ainda sobrevivam.

Como se vê, os projetos dos jovens de Vila Que Era estão ancorados no tripé: trabalho, estudo e família, como a maioria dos jovens. Contudo, as condições de viabilizar esses projetos são díspares em se tratando de um local com poucas oportunidades de trabalho e estudo.

CAPÍTULO 5 – PARTICIPAÇÃO E SUSTENTABILIDADE NA RESEX CAETÉ-TAPERAÇU: VILA DO BONIFÁCIO E VILA QUE ERA

Este capítulo apresenta os sentidos de participação para os jovens, as formas de participação na comunidade, o conhecimento e a participação nas instâncias da cogestão da RESEX. Analisa a socialização e sua relação com a participação e as características da sociabilidade dos jovens. Discute a sustentabilidade do território com base na percepção pelos jovens das mudanças pós-institucionalização em RESEX, no envolvimento com atividades extrativistas e as vulnerabilidades e potencialidades da comunidade em que habitam.

Finaliza com a análise do dilema dos jovens em permanecer ou sair da RESEX e a projeção que fazem sobre a vila para 20 anos.

5.1 Sentidos de participação para os jovens das duas vilas

Visando identificar as concepções que os jovens têm sobre participação, indagou-se aos entrevistados: *Quando eu falo a palavra participação o que vem à sua cabeça?*

A maior parte das respostas dos jovens da Vila do Bonifácio destacam o sentido de envolvimento grupal, comunitário e coletivo. Duas outras ordens de ideias também se destacam: colaboração e expressão de voz. Destaca-se também a relação de cuidado com as crianças, com o meio ambiente, com a escola e a igreja, ou, ainda, com a pesca. Merece destaque uma menção associando o sentido de participação ao campo lúdico – esporte e lazer – o que é coerente com a sua condição de jovem e, com o grande interesse que o futebol desperta neles. Finalmente, dois jovens destacaram a característica do aprendizado. Os depoimentos a seguir são ilustrativos a respeito. O primeiro, de G. M. B., 28 anos, associa diversos sentidos em sua fala: *É tá envolvido, é, por exemplo, na comunidade, no colégio, na igreja. Tá envolvido na participação é tá envolvido naquela área, entendeu, se envolver com a comunidade, é tá presente na escola com as crianças* (G. M. B., 28 anos).

L. S. G., jovem de 19 anos, chama a atenção ao seu envolvimento em um grupo de jovens, no qual assume funções de administração dos assuntos comuns. Ele diz: *É a inclusão que eu tenho aqui dentro da comunidade, como eu faço parte do grupo de jovens, então eu tô incluído aqui na administração de algumas coisas da área* (L. S. G., 19 anos).

A jovem M. D. S. B., de 23 anos, também faz parte de um grupo de jovens, ligado à prática religiosa. Assim, considera-se que a religiosidade mobiliza no jovem o sentido de pertencimento comunitário, expresso na filiação em um grupo organizado. Em seu caso, o Grupo Unidos Pela Fé, da Igreja Católica, no qual ela atua. Essa modalidade de participação, conforme a escala apresentada pelo UNICEF (VICTOR, 2010), é do tipo protagônica, pois

transcende as formas manipuladoras, ou figurativas, que também compõem a escala de níveis de participação. Na perspectiva apresentada por Bordenave (1983), esse tipo de participação aproxima-se do que ele denomina de exercícios da participação. Nota-se a fala da jovem, os sentidos de colaboração, ajuda, envolvimento na promoção de eventos e em ações de solidariedade. Assim, ela se expressa:

Em relação à comunidade é sempre tentar ajudar, aqui eu frequento um grupo de jovem, então, todo evento que tem a gente sempre ajuda, época de círio a gente ajuda, quando tem festinhas. Às vezes também a gente já se organizou, a ajudar alguém que tá precisando de alguma coisa. Pra mim é isso participação - Grupo Unidos Pela Fé (M. D. S. B., 23 anos).

Considerando que a comunidade em estudo está dentro da área da RESEX, o sentido de participação dado pela entrevistada a seguir, deve ser destacado, pois conecta participação com a defesa do meio ambiente, juntamente com o bem-estar das pessoas, e não a natureza separada dos seres humanos. Para ela, participar: *É fazer parte de alguma coisa que possa ajudar no meio ambiente, no bem estar das pessoas, no bem-estar da comunidade é ter uma boa participação* (N. M., 29 anos).

Com efeito, a política pública que sustenta a RESEX, bem como o SNUC, enfatizam o princípio socioambiental, que essa fala expressa, contrariamente ao sentido apartado de natureza e homens. Além disso, mostra o potencial latente que os jovens têm de participação ativa na gestão de seu território em prol de sua sustentabilidade, desde que sejam acolhidos e estimulados por meio de ações de formação e apoio. A Tabela 129 apresenta um resumo das concepções expressas nas entrevistas.

Tabela 129 – Sentidos de participação segundo os jovens de Vila Bonifácio

SENTIDOS DE PARTICIPAÇÃO PARA OS JOVENS DE VILA DO BONIFÁCIO	FREQ.	%
Envolvimento social: grupos ou comunidades	18	31,7
Colaboração; ajuda; partilha	8	14,0
Expressão de opinião e ideias em sociedade; diálogo	6	10,6
Inserção; inserção em grupo de jovens	4	6,9
Aprendizado	2	3,5
Atuação em prol de meio ambiente e comunidade	1	1,7
Envolver-se com o universo da pesca	1	1,7
Comportamento de cuidado com os filhos na comunidade	1	1,7
Lazer e/ou esporte em grupos	1	1,7
Não sabe	6	10,6
Não respondeu	9	15,9
TOTAL	57	100

Fonte: Pesquisa de campo (2015)

Para os jovens de Vila Que Era as concepções de participação são diversas. Destas, 56,8% a definem como envolvimento comunitário e social em atividades coletivas tais como:

grupos, atividades na igreja e na escola, projetos na comunidade, convênios, eventos, cultura. Foi citada também a reunião como um meio para concretizar essa participação. A fala do jovem, a seguir, mostra uma parte desses sentidos: *Participar dos projetos pra comunidade porque vem muitos projetos e a gente num participa. Eles faço o convite, mas mesmo assim a gente num vai, não todo o tempo porque a gente num para, mas a gente olha, dá nossa opinião e vai levando* (F. J. G., 24 anos). No mesmo sentido o jovem complementa: *É a gente participar de algum movimento influente, alguma coisa dentro da comunidade, da sociedade. Quando a gente é participativo dentro de alguma coisa que tem assim dentro de nossa sociedade, que a gente participa de algum movimento* (L. F. M. M., 20 anos). A jovem T. B. S., de 19 anos complementa: *É participar das coisas que interessa, eu acho que, as vez, tem uma coisa pra gente fazer e a gente não vai. Se a gente tem aquela responsabilidade a gente tem que cumprir, comparecer no momento exato*. Fica claro, nas falas, o sentido da participação em coletivos em prol do lugar.

A participação também tem o sentido mais próximo ao âmbito familiar, com 10,8% das citações, mais especificamente no sentido de envolvimento como ações de ajuda e partilha entre o núcleo familiar, conforme a jovem: *Eu participo com ele [marido], com a minha família. Eu participo de tudo, em questão de tudo o que acontece a gente participa junto se for uma dor, se for uma doença, tudo a gente participa junto. A nossa família é assim tudo que acontece a gente tá junto, um está em volta do outro* (J. S. R. C., 28 anos).

Na proporção de 10,8% também a participação tem o sentido de estar informado sobre atividades que têm interesse para quem desenvolve alguma ação, por exemplo, a jovem explica:

É tipo assim eu tá por dentro de alguma coisa que me interesse, tipo aqui no nosso trabalho [cerâmica artesanal] se eu não participar como é que a gente vamos evoluir? Se a gente num tiver participando de outros grupos, tipo em Bragança? A gente participa do projeto Mãos Habilidosas, mas se a gente num tiver lá dentro, como a gente vamos evoluir? Participação tu tem que trabalhar dentro daquilo que tu quer, tipo assim, eu tenho que me formar pra mim ajudar a minha filha, então tenho que evoluir (L. S. R., 29 anos).

Na proporção de 5,4% aparece, respectivamente, a ajuda ao outro e a participação na sociedade. Há, na afirmação da jovem um sentido de participação notadamente relacionado aos princípios da igualdade, conforme ela explica: *Participar de um grupo, participar em uma sociedade onde a gente pode ser tudo iguais, ser respeitados de uma maneira que somos* (F. J. G., 19 anos). Com o correspondente a 2,7% encontram-se os sentidos de: animar; ser respeitado; convivência; se envolver no mundo (Tabela 130).

Tabela 130 – Sentidos de participação para os jovens da Vila Que Era

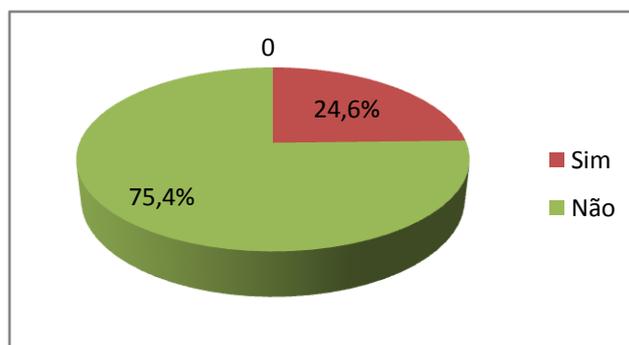
SENTIDOS DE PARTICIPAÇÃO JOVENS DE VILA QUE ERA	FREQ.	%
Envolvimento social: grupos, projetos, comunidade, cultura, igreja, escola, movimento influente	21	56,8
Envolvimento com a família (ajuda, partilha)	4	10,8
Se informar das coisas que interessam	4	10,8
Ajudar o outro	2	5,4
Participar da sociedade	2	5,4
Animar	1	2,7
Ser respeitado	1	2,7
Convivência	1	2,7
Se envolver no mundo	1	2,7
TOTAL	37	100

Fonte: Pesquisa de campo (2015)

Em síntese, emerge na expressão dos jovens das duas vilas o sentido da participação nas duas bases definidas por Bordenave – afetiva e a instrumental consumatória. Na afetiva pode-se considerar a participação nos grupos espontâneos, no lazer, na vida familiar, nas igrejas. A instrumental consumatória pode ser quando eles se referem à participação nas reuniões da comunidade, ter voz na comunidade, ou seja, racionaliza-se resultados. Ainda, conforme Bordenave, a participação compreendida pelos jovens incluem-se na micro participação (família) e na macro participação – reuniões. Ou seja, a noção que os jovens das duas vilas têm de participação são pertinentes na linha teórica dos autores deste estudo. Identificado o que os jovens entendem como participação procedeu-se à indagação sobre as formas de participação dentro de suas comunidades e na RESEX.

5.2 Formas de participação atual dos jovens nas duas vilas

Na Vila do Bonifácio, 75,4% dos jovens não estão envolvidos com uma ação na comunidade e apenas 24,6% participam de alguma atividade (Gráfico 8).

Gráfico 8 – Participação de jovens na Vila do Bonifácio

Fonte: Pesquisa de campo (2015)

A Tabela 131 mostra que dentre os 14 que participam na comunidade, a atividade mais frequente foi a participação religiosa. Desses, 35,8% participam em um grupo de jovens da Igreja Católica denominado Unidos Pela Fé e 21,5% participam da Igreja Evangélica, no ministério (diácono), coral dos jovens, e no projeto Escola Bíblica de Férias. O grupo de jovens Unidos pela Fé se reúne nos dias de quarta-feira e sábado. Realizam evangelização, dão apoio aos eventos da igreja, em especial no Círio e fazem atividades sociais de ajuda a pessoas necessitadas. Na Igreja Evangélica os jovens participam também da evangelização, na direção da igreja e no projeto da Escola Bíblica que ocorre durante as férias. O projeto acolhe as crianças com atividades lúdicas, de treinamento para pregação da palavra, com a leitura da Bíblia no púlpito da igreja, ensaios de cânticos religiosos. Todos os anos há uma marcha das crianças pela vila, marcando a presença da evangelização.

Saindo da participação no campo religioso, 14,3% disseram participar de projetos ligados à pesca. Trata-se de uma pesquisa sobre a pesca e uma no Instituto de Desenvolvimento e Assistência à Pesca na Amazônia (IDATAM), 7,1% participam de uma Associação de Mulheres, em fase de criação com o objetivo de captar recursos para a comunidade. Na proporção de 7,1% participam igualmente: do PROJOVEM, de atividades de artesanato, de um curso que está sendo oferecido na vila, como voluntário de técnico de futebol para um time da vila.

Tabela 131 - Participação de jovens na Vila do Bonifácio por atividade

ATIVIDADE DE QUE PARTICIPA	FREQ.	%
Igreja Católica: Grupo de jovens Unidos pela Fé	5	35,8
Igreja Evangélica: Ministério; Coral, Escola Bíblica	3	21,5
Pesquisa sobre pesca; IDATAM	2	14,3
Associação de Mulheres da Vila do Bonifácio	1	7,1
PROJOVEM e artesanato	1	7,1
Curso oferecido na vila	1	7,1
Apoio técnico ao time de futebol da vila	1	7,1
TOTAL	14	100

Fonte: Pesquisa de campo (2015)

Além de identificar sobre a participação atual na comunidade os jovens foram indagados se já haviam participado de atividades anteriormente. A resposta a essa questão consta na Tabela 132. Dos 14 jovens que participam de alguma atividade na comunidade, 5 disseram que também já participaram de outras atividades em grupos de jovens, em projetos do governo federal como o Mais Educação, de apresentações e eventos na escola, de coral de escola e do projeto Jovens Talentos, por meio da escola. Um deles disse que participava de ações na RESEX como “sócio”. Trata-se da Associação dos Usuários da RESEX Marinha de Caeté-Taperaçu (ASSUREMACATA). Segundo ele: *Tinha agora, num tem mais, que era a*

RESEX, tá de porta fechada. Eu era sócio, participava lá (L. F. L., 28 anos). Outro jovem comentou entusiasticamente sobre a sua participação em eventos públicos desde a infância, ressaltando sua desenvoltura para falar em público. Essa sociabilidade lhe rendeu um acúmulo de capital social em toda a vila, seja na diversidade de atividades laborais realizadas, seja como membro efetivo e ativo da Igreja Evangélica, assim ele se expressa: *Ah, quando eu estudava eu participava muito naquelas apresentações, eu sempre gostei de falar, nunca tive vergonha de falar, de me apresentar* (G. M. S. B., 28 anos).

Tabela 132 – Participação anterior dos jovens na Vila do Bonifácio

ATIVIDADES EM QUE JÁ PARTICIPARAM	FREQ.	%
Grupo de jovens e projeto Mais Educação	1	20
Na escola: eventos, orquestra, coral e projeto Jovens Talentos	2	40
Ações da RESEX	1	20
PRONATEC	1	20
TOTAL	5	100

Fonte: Pesquisa de campo (2015)

Dentre os 43 que não participam de nenhuma atividade atualmente, 28 já participaram de diversas atividades na comunidade, conforme mostra a Tabela 133.

Tabela 133 – Jovens da Vila do Bonifácio que não participam atualmente, por atividades de que já participaram

ATIVIDADES DE QUE JÁ PARTICIPARAM	FREQ.	%
Atividades na igreja	19	67,8
Projeto de artesanato	4	14,3
PRONATEC, PROJOVEM	4	14,3
Eventos na escola	1	3,6
TOTAL	28	100

Fonte: Pesquisa de campo (2015)

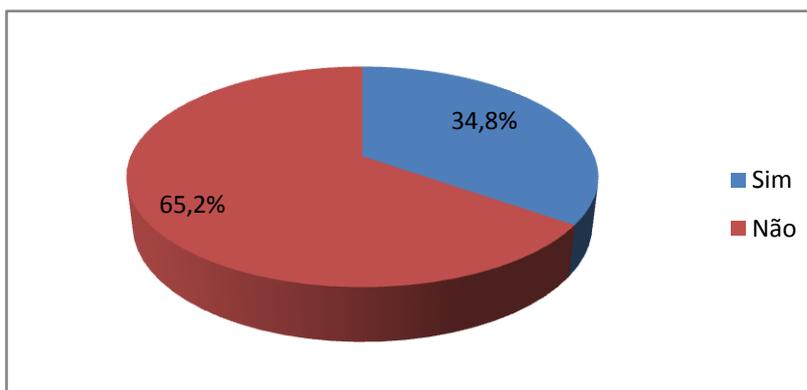
Vale destacar as participações relacionadas à igrejas Católica e Evangélica, particularmente em grupos e movimentos de jovens, de mulheres, em atividades de evangelização, produção de artesanato de crochê, atividades lúdicas como coral, passeios e viagens para encontros em outras comunidades, assim como em palestras, conforme expressa a jovem: [...] *já [participou], do Grupo de Jovens Coração de Jesus, da Vila dos Pescadores. Eu era suplente, fazia parte do grupo que organizava as palestras, que viajava pra outras comunidades, que organizava praticamente os passeios* (N. M., 29 anos). Esse depoimento revela a existência de outro grupo organizado de jovens relacionado à igreja indicando potencialidades de participação social entre os jovens e, em especial, o exercício da participação, conforme discute Bordenave (1983) para se chegar a uma sociedade participativa.

Participaram também em projetos do governo federal como o PROJOVEM/PRONATEC nos quais estudavam, realizavam atividades lúdicas, esportivas, reciclagem e estudo sobre a pesca. A jovem I. Q. C., de 21 anos, fala com entusiasmo dessa experiência de participação: [...] *quando eu estudava, eu participa do PROJOVEM. Era a maior coisa, a gente fazia assim tipo reciclagem, aqueles porta coisa, corta aqueles vasilhos. Tudo reciclado* (I. Q. C., 21 anos). Outra jovem também faz referência à participação no PRONATEC: [...] *já, do grupo de jovens, projeto que teve aqui no colégio que foi da pesca, do PRONATEC* (N. R. F. G., 21 anos).

Na escola participaram em eventos de datas comemorativas como a Semana da Pátria, de teatro e de festa junina. Outras participações também foram citadas como nas oficinas de artesanato, na Associação das Mulheres do Artesanato, assumindo competências de organização, mobilização, e estimulando a participação de outros jovens. Nessa associação, participam também pessoas do sexo masculino conforme afirma o jovem ao contar sua experiência de participação: *Já participei da Associação das Mulheres de Artesanato, já organizei, eu fui atrás do pessoal, das mulheres, dos pescadores. Peguei essas mulheres, algumas pra virem pro artesanato, pra ganhar um dinheirinho em cima* (P. N. A. A., 23 anos). É importante notar que este jovem encontra-se na parcela majoritária que não está participando de nenhuma atividade na Vila, tem uma experiência de participação, mobilização, organização social que foi interrompida. Ele concluiu o ensino médio, não possui condições objetivas materiais de frequentar um curso para preparação ao vestibular e, nesse sentido, pode-se dizer que se encontra à deriva, no sentido que Sennet atribui, isto é, sem perspectivas de estudo e trabalho na Vila (SENNET, 2009).

Uma questão forte que ressalta desses depoimentos é: como esse potencial de participação protagônica (VICTOR, 2010) tem sido canalizado para a sustentabilidade da RESEX? Como fazer o encontro das políticas públicas e seus destinatários mais jovens para promover o desenvolvimento do território? Conforme as contribuições de Bordenave (1983) no Capítulo 4, pode-se falar que há participação social dos jovens na comunidade na medida em que esses jovens estão exercitando a participação nas agências mais próximas – a família, a escola e a igreja. Esse caminho, se fomentado, pode chegar à participação social na cogestão da RESEX.

Na Vila Que Era, 65,2% dos jovens não participam em atividades coletivas na sua comunidade. A parcela que participa soma 34,8%, maior do que a parcela da Vila do Bonifácio (Gráfico 9).

Gráfico 9 – Participação de jovens na Vila Que Era em atividades na comunidade

Fonte: Pesquisa de campo (2015)

Semelhante ao que ocorre na Vila do Bonifácio essa participação está relacionada, em sua maior parte, a ações na Igreja Católica, como explicam as jovens: *Eu participo de reza, sou ajudante, num tenho coragem de sair pro 'meleu', sou tímida, num sei, eu num consigo. Mas pra organizar eu consigo, se alguém pedir uma ajuda eu ajudo* (A. C. A., 29 anos); *Eu participo, as vez, na igreja quando tem alguma coisa. Eu participo da Pastoral da Criança, os meninos são do peso a gente participa também. Quando tem alguma coisa assim eu sempre participo, eu sempre me coloco no meio pra participar* (J. S. R. C., 28 anos). A participação também está vinculada a projetos sociais que buscam aprimorar aptidões para desenvolver a produção artesanal local como é o caso da jovem que trabalha com cerâmica artesanal, ela diz: *Eu participo do Projeto Mãos Habilidosas. É um projeto da Secretaria Promoção Social, de Bragança, onde estamos criando um grupo de artesanato. Tem várias pessoas, a gente vamos pra feira, um monte de coisa. Outro projeto que eu participo é o "Mais Educação", com crianças aqui na área da cerâmica* (L. S. R., 29 anos).

A participação em grupos religiosos tem atraído os que encontram nesses grupos possibilidades de conhecer jovens de outras comunidades e alargar sua rede de sociabilidade, conforme explica a jovem:

Grupo da igreja, grupo de jovens. A gente brincava, dançava, ensinava as criancinhas a fazer o sinal da cruz. A gente saía por aí, ia em outra comunidade, se ajuntava com outros grupos, a gente ia se embolando tudinho com outros por aí. Com isso a gente tem vários amigos por aí espalhado. Chega por aí e a gente nem sabe, a gente passa por comunidade aí a gente: - 'Égua, onde a gente conheceu essa gente? Só que a gente foi na comunidade deles e a gente conheceu eles só por aquela hora e a modo depois esquece (T. B. S., 19 anos).

Os jovens também participam de atividades na comunidade, a exemplo de um jovem que participa ativamente, é o coordenador da Pastoral da Juventude e cursilista na igreja Católica:

No momento participo no catolicismo, sou uma pessoa bem católica, sou cursilhista - é um grupo de pessoas que se reúne dia de sábado pra compartilhar, falar nome de Deus. Eu assumi uma Pastoral da Juventude que estava se acabando. Eu durei três anos e meio, pra mim foi uma experiência maravilhosa. Nunca tinha tomado de conta de alguém, imagine de adolescente, que a gente tem que bater a cabeça todo o tempo e não perder a paciência e, posso dizer que, atualmente, nossa Pastoral da Juventude, pode-se dizer que tem um nome, mas não tão convivendo mais. Depois que eu entreguei ao nosso vigário não teve outra pessoa pra botar no meu lugar e, infelizmente está do jeito que tá, mas enquanto eu estive lá foi maravilhoso.

Esse tipo de participação na Pastoral da Juventude é voltada para os jovens e possibilita o alargamento das relações de sociabilidade não somente dentro da comunidade, mas em seu entorno. O jovem coordenador assim complementa:

A gente saímos pra várias comunidades pra nós se divertir, inclusivelmente em uma gincana formada pela comunidade do Caratateua, que tem um dos movimentos jovens bem formado, bem centralizado. Nós fomos lá e ficamos em primeiro lugar em alegria, diversão. Somos uma comunidade bem unida, num é uma comunidade extravasada. Todo mundo ajuda as pessoas, tipo assim, nós fazemos mutirão pra gente capinar a frente da igreja, num dava muito jovem, mas dava. Hoje em dia mudou muito, num tá mais aquela maravilha de 2013 que foi o melhor ano. Eu assumi em 2011, em 2012 ainda tava construindo, em 2013 tava formado um movimento jovem, em 2014 eu entreguei, se acabou infelizmente. Se acabou não, tá parado (G. A., 20 anos).

A participação em outros grupos que permite o alargamento da sociabilidade ocorre também no campo da profissionalização, como ocorreu neste curso sobre agricultura familiar: *Em Bragança já participei de movimento da igreja. Teve encontro com jovens, da agricultura familiar. A gente foi daqui pra participar pra lá, eu com outros jovens mais outras pessoas da agricultura familiar, pessoas com mais idades (L. F. M. M., 20 anos).*

Para uma jovem mãe e dona de casa não participar não significa estar alheia à dinâmica da comunidade, pois existe o desejo de participar, mas a responsabilidade com as tarefas domésticas impedem essa participação como ela mesma explica: *Não, no momento não, quando eu tô lá eu ajudo no grupo de cursilho, mas nem sempre eu estou por lá porque eu tenho que me virar nos 30 porque eu dependo de mim mesma [risos] (L. M. S., 28 anos).*

Em resumo, pode-se concluir que os jovens carregam um forte potencial de participação nos grupos primários de seu campo social, trilhando o exercício da participação, conforme Bordenave (1983). Essa participação, ainda segundo esse autor, pode também ser considerada: - de fato; - espontânea; - voluntária. E, a participação social por meio de organismos da sociedade civil como a Pastoral da Criança e a Pastoral da Juventude, assim como a participação na Associação das Mulheres e na ASSUREMACATA, expressões da

sociedade civil. Portanto, diante do que foi expresso pelos jovens advoga-se em favor da existência de potencialidades de participação do jovem em suas comunidades, que podem ser carreadas para participação protagônica (VICTOR, 2010) na cogestão da RESEX.

a) Participação de jovens nas duas vilas por sexo

Na correlação por sexo, na Vila do Bonifácio os jovens do sexo masculino são os que mais participam, representando 64,3% em relação às jovens, que correspondem a 35,7%. Na Vila Que Era tem-se 50% do sexo masculino e 50% do sexo feminino participando de alguma atividade na comunidade. Ver Tabela 134.

Tabela 134 – Participação de jovens nas duas vilas por sexo

SEXO	BONIFÁCIO		VILA QUE ERA	
	FREQ.	%	FREQ.	%
Masculino	9	64,3	4	50,0
Feminino	5	35,7	4	50,0
TOTAL	14	100	8	100

Fonte: Pesquisa de campo (2015)

b) Formas de participação de jovens nas duas vilas por idade

Na Vila do Bonifácio a faixa de idade mais expressiva de participação está entre os jovens que têm de 18 a 20 anos, correspondendo a 43%, seguida pela faixa de idade mais elevada do grupo etário estudado, composta de jovens de 27 a 29 anos, com 28,5%. Contudo, se somar as duas primeiras faixas – 18 a 20 anos com a de 21 a 23 anos, têm-se 64,4% de jovens de 18 a 23 anos que participam de alguma atividade na comunidade. E se somar as duas últimas faixas de 24 a 26 anos e a de 27 a 29 anos, têm-se 35,6% de participação de jovens com idade entre 24 a 29 anos. Portanto, são os mais jovens que participam das atividades de grupo de jovens nas igrejas Católica e Evangélica, no PROJOVEM e atividades de artesanato.

Correlacionando os jovens de Vila Que Era que participam de atividades na comunidade por faixa etária, tem-se 50% entre os mais jovens, na faixa etária de 18 a 20 anos e 50% entre os mais velhos, na faixa etária de 27 a 29 anos (Tabela 135).

Tabela 135 – Participação de jovens nas duas vilas por faixa etária

FAIXA ETÁRIA	BONIFÁCIO		VILA QUE ERA	
	FREQ.	%	FREQ.	%
18 a 20 anos	6	43,0	4	50,0
21 a 23 anos	3	21,4	0	0,0
Subtotal	9	64,4	4	50,0
24 a 26 anos	1	7,1	0	0,0
27 a 29 anos	4	28,5	4	50,0
Subtotal	5	35,6	4	50,0
TOTAL	14	100	8	100

Fonte: Pesquisa de campo (2015)

c) Participação de jovens na Vila do Bonifácio por escolaridade

Correlacionando a participação por escolaridade, dentre os jovens que participam de alguma atividade na Vila do Bonifácio, 50% estudam e 50% não estudam, ou seja, há um equilíbrio entre a variável frequência à escola. Entretanto, deve ser considerado que, entre a metade que não estuda, encontram-se 3 que concluíram o ensino médio e não ingressaram na Universidade e nem estão frequentando curso pré-vestibular ou outro curso de nível médio (Tabela 136).

Tabela 136 – Participação de jovens na Vila do Bonifácio segundo a escolaridade

ESTUDA	FREQ.	%
Sim	7	50,0
Não	7	50,0
TOTAL	14	100

Fonte: Pesquisa de campo (2015)

Ainda na Vila do Bonifácio, dentre os jovens que participam, identificou-se um nível escolar de ensino médio em sua maioria, correspondendo a 71,5% incluindo os que estudam e os que não estudam. Apenas 28,5% têm o ensino fundamental, conforme mostra a Tabela 137.

Tabela 137 – Participação dos jovens da Vila do Bonifácio segundo o nível de escolaridade

NÍVEL DE ESCOLARIDADE	ESTUDAM		NÃO ESTUDAM		TOTAL	
	FREQ	%	FREQ	%	FREQ	%
Ensino fundamental			4	28,5	4	28,5
Ensino médio	4	28,5	3	21,5	7	50,0
Curso pré-vestibular	2	14,3			2	14,3
Especialização em Enfermagem	1	7,2			1	7,2
TOTAL	7	50	7	50	14	100

Fonte: Pesquisa de campo (2015)

d) Participação de jovens na Vila Que Era por escolaridade

Correlacionando os jovens de Vila Que Era que participam de atividades na comunidade por situação de estudo verifica-se que 75% não estudam e 25% estudam. Ou seja, os que não estudam participam mais, diferente da Vila do Bonifácio em que há um equilíbrio nessa relação. Contudo, é preciso identificar a correlação com o nível de escolaridade, constante do item a seguir. Ver Tabela 138.

Tabela 138 – Participação de jovens na Vila Que Era por situação de estudo

PARTICIPAÇÃO POR SITUAÇÃO DE ESTUDO	FREQ.	%
Sim	2	25,0
Não	6	75,0
TOTAL	8	100

Fonte: Pesquisa de campo (2015)

Correlacionando a participação dos jovens de Vila Que Era por nível escolar, verifica-se que a maior parte, 62,5% têm escolaridade no nível de ensino médio e superior. No ensino fundamental são apenas 37,5%. Ver Tabela 139.

Tabela 139 – Participação dos jovens de Vila Que Era por série e nível de ensino

PARTICIPAÇÃO POR SÉRIE E NÍVEL DE ENSINO	FREQ.	%
Ensino fundamental (5 ^a , 7 ^a ; 8 ^a série)	3	37,5
Subtotal Ensino fundamental	3	37,5
Ensino médio (1 ^o ano)	1	12,5
Concluiu o ensino médio	3	37,5
Nível superior (Pedagogia)	1	12,5
Subtotal Ensino médio e superior	5	62,5
TOTAL	8	100

Fonte: Pesquisa de campo (2015)

e) Participação de jovens na Vila do Bonifácio por situação de trabalho

Ao correlacionar a participação dos jovens da Vila do Bonifácio com a situação de trabalho, verifica-se que dentre os jovens que participam, em sua maioria, 78,5%, trabalham, e apenas 21,5% não trabalham. O trabalho, portanto, não é elemento impeditivo para a participação social para esses jovens. Ver Tabela 140.

Tabela 140 – Participação de jovens na Vila do Bonifácio por situação de trabalho

TRABALHA	FREQ.	%
Sim	11	78,5
Não	3	21,5
TOTAL	14	100

Fonte: Pesquisa de campo (2015)

Da parcela que trabalha, 5 atuam no ramo da pesca em várias modalidades: pesca familiar, por conta própria e por comissão. A segunda maior parcela, 4, trabalham nas pousadas do Campo do Meio, em Ajuruteua, principalmente nas férias, nos fins de semana e nos feriados, quando o local recebe um número maior de turistas. Os demais trabalham como vendedor (Tabela 141).

Tabela 141 – Participação de jovens na Vila do Bonifácio segundo o ramo de trabalho

RAMO DE TRABALHO	FREQ.
Pesca familiar	3
Pesca por conta própria	1
Pesca por comissão	1
Subtotal I	5
Nas pousadas no Campo do Meio	4
Vendedor, eletricitista e serviços gerais	1
Comércio de variedades	1
Subtotal II	6
TOTAL	11

Fonte: Pesquisa de campo (2015)

f) Participação de jovens na Vila Que Era por situação de trabalho

Na Vila Que Era essa correlação é de 100%, isto é, todos os jovens que participam trabalham. Ver Tabela 142.

Tabela 142 – Participação de jovens na Vila Que Era por situação de trabalho

PARTICIPAÇÃO POR SITUAÇÃO DE TRABALHO	FREQ.
Sim	8
Não	0
TOTAL	8

Fonte: Pesquisa de campo (2015)

Correlacionando os jovens de Vila Que Era que participam de atividades na comunidade por ramo de trabalho, tem-se 2 que atuam no trabalho doméstico em Bragança; 2 trabalham na pesca; 1 trabalha, com a mesma proporção, nos seguintes ramos: caseiro de sítio; vendedor de loja; artesã em cerâmica; trabalho na roça (Tabela 143).

Tabela 143 – Participação de jovens na Vila Que Era por ramo de trabalho

PARTICIPAÇÃO POR RAMO DE TRABALHO	FREQ.
Trabalho doméstico	2
Pesca	2
Caseiro de sítio	1
Vendedor em loja	1
Artesã em cerâmica	1
Trabalho na roça	1
TOTAL	8

Fonte: Pesquisa de campo (2015)

g) Participação de jovens na Vila do Bonifácio em ações coletivas

Sobre a participação comunitária na Vila do Bonifácio, apenas 14% dos jovens informaram que a comunidade se reúne para promover ações coletivas, ao estilo mutirão, 31,6% disseram que não e 54,4% não souberam informar. Ver Tabela 144.

Tabela 144 – Realização de ações coletivas na Vila do Bonifácio

ATIVIDADES COLETIVAS	FREQ.	%
Sim	8	14,0
Não se reúne	18	31,6
Sem informação	31	54,4
TOTAL	57	100

Fonte: Pesquisa de campo (2015)

A participação do representante comunitário ou de outras lideranças aparece na fala dos jovens sobre a promoção de ações desse tipo, contudo, parece ser incipiente, conforme explica um dos jovens: *Muitas das vezes ele [líder comunitário] chama sim pra reunir quando tem alguma coisa assim. Chamava o pessoal quando tem alguma coisa ali, quando tem pra reunir, pra falar alguma coisa, mas muitas das vezes não* (E. F. R., 21anos). O jovem M. C. S., de 19 anos assim relata: *Só agora, mês passado, que teve, que estavam organizando a praça e deu várias pessoas da comunidade pra ajudar lá. A comunidade é unida sim, quando precisa todo mundo ajuda, tipo quando um senhor morreu, um parente dele passou por toda a praia pra coletar dinheiro pra trazer ele de lá. Para outra jovem é uma ação que já havia na comunidade, porém não ocorre atualmente, conforme ela explica: Sim, antes tinha, hoje em dia já num existe mais, num tá tendo mais essa união* (V. C. A., 27 anos).

Duas agências sociais - a igreja e a escola-, aparecem como protagonistas na promoção de atividades coletivas, conforme explica a jovem: *Se organizar todo mundo participa. Quando tem coisa da igreja todo mundo participa, todo mundo se ajuda*” (I. Q. C., 21 anos). A escola aparece na fala de outro jovem que critica a ausência do município e pontua o papel da escola ao afirmar:

Não, é muito difícil. Num ano talvez tenha uma participação desta forma, porque o povo, por mais que queiram fazer esse tipo de negócio - mutirão-, mas num vem ajuda de nossos líderes políticos. Precisamos da ajuda de nossos líderes políticos, já pensou fazer um mutirão, vai precisar de carro pra colocar lixo, que geralmente é isso que eles fazem. Mas quem faz isso é o pessoal da escola (G. M. B., 28 anos).

Outra ação que estimula a colaboração e a coletividade é o encontro de várias comunidades em torno de um objetivo, neste caso, a pesca, conforme explica o jovem: *Bom, eu posso citar mais ou menos um exemplo, o pessoal aqui tem o costume, uma tradição, eles*

chamam uma comunidade pra vir interagir aqui dentro da comunidade e fazem toda uma recepção com comida, bebida, voltada toda pra pesca (P. N. A. A., 23 anos).

Para os que afirmaram não haver esse tipo de ação, as razões estão relacionadas com a falta de apoio do município, conforme exprime a jovem:

Não, é muito raro, é muito raro. Às vezes que vem prefeitura aqui porque devido ser um lugar pequeno, não tem, vamos dizer assim uma criatividade dos outros. Temos aqui uma escola, às vezes eles fazem, mas é muito raro fazer mutirão e, também tem muitas participações de escola, tem festa junina, projetos, pesquisas. Mas, aqui na cidade num tem um representante que faça, entendeu?! (L. F. M., 20 anos).

Razões para não haver atividades coletivas, como mutirão, são apontadas por uma das jovens como um fator da própria comunidade que não tem sentido de coletividade. Ela ainda destaca o papel da Igreja Católica na promoção de eventos dessa natureza: *Não, é muito difícil porque a maioria do pessoal aqui num são tão unidos assim. É mais quando tem uma festa na igreja católica que eles fazem isso - limpam o terreno da igreja, fazem limpeza geral pra lá, mas num tem toda vez, é de ano em ano* (V. S. B., 26 anos). Outra jovem compartilha essa opinião quando afirma: *Não, pra mim não. Na minha opinião aqui é cada um por si. Algumas pessoas que, as vezes, num é todas as vezes, ajudam pessoas carentes que moram aqui* (M. C. S., 24 anos).

h) Participação de jovens na Vila Que Era em ações coletivas

No âmbito de ações coletivas em estilo mutirão e ajuda mútua, a maior parte dos jovens de Vila Que Era, 60,9% afirmaram que a comunidade realiza atividades dessa natureza. Assim expõe o jovem: *Sim, costuma fazer porque a gente faz o mutirão lá na frente pra poder capinar a igreja, a praça, pra num serrar a gente capina, roça, é unida a gente ajuda* (A. M. F. F., 27 anos). A jovem E. S. S., 24 anos, também confirma: *Eles faço, sempre lá na frente da igreja aquele mutirão pra capinar a frente da igreja, pra limpar e a gente vai todinho aquela galera e vai pra limpar e a gente capina e passo o dia inteiro lá, é animado, eles faço*. A seguir, o relato de outra jovem sobre mutirão: *Costuma, agora esses dias teve lá na frente da igreja, o coordenador convidou a comunidade toda pra ajudar lá, capinar o centro [Comunitário], a frente da igreja. Muita gente compareceram, mas muitas num compareceram* (T. B. S., 19 anos).

As ações cooperativadas também ocorrem em caso de ajuda a alguém necessitado, como complementa a mesma jovem: *Ajuda quando tem tipo assim pessoas tá doente, a gente faz mutirão com o pessoal da igreja. Vai nas casas, pede alimento, vai arrecadando numa*

cesta e ajudando aquela família. A gente é unido, cada um ajuda o outro, num é aquela Vila que cada um cuida pra si não (E. S. S., 24 anos).

Foi relatado pelo jovem F. J. G., de 24 anos, a participação da comunidade em ações relacionadas com a RESEX: *Costuma sim se reunir. Reunião pro projeto do ICMBio da RESEX, agora no momento porque tá parado, mas quando vem a comunidade se envolve, vai lá, ajuda. Tem o líder da comunidade, ele escreve os problemas. A comunidade se reúne.*

No entanto, os jovens ressaltam que esse tipo de ação já ocorreu com maior frequência e na fase atual são mais raras. Para 17,4% dos jovens essas ações não existem, conforme afirma o jovem: *Acho que é cada um por si, acho que, num sei, mas acho que num existe isso. De primeiro existia, mas agora num existe, cada um por si* (A. M. F. F., 27 anos).

Uma parcela de 4,3% afirma que essas ações são intermitentes, ocorrem “às vezes”, em situações de festividades religiosas, como o Círio. Assim a jovem se expressa: *Às vezes sim. Acho que sim. Uma cultura que o povo tá ali, ajudando juntamente com os jovens, crianças, pais, mães, avós, todo mundo* (F. J. G., 19 anos). Outra jovem confirma: *Às vezes sim, no colégio pra fazer limpeza. Eles convidam às vezes pra reunião da RESEX* (L. S. R., 29 anos). O correspondente a 17,4% não forneceu esta informação. Ver Tabela 145.

Tabela 145 – Realização de ações coletivas em Vila Que Era

AÇÕES COLETIVAS	FREQ.	%
Sim	14	60,9
Não	4	17,4
Às vezes	1	4,3
Sem informação	4	17,4
TOTAL	23	100

Fonte: Pesquisa de campo (2015)

Como apresentado, a partir da fala dos jovens e de lideranças das duas vilas, há ações coletivas em, pelo menos, duas esferas: a) Ações de ajuda mútua, no auxílio a um morador necessitado. A comunidade se mobiliza espontaneamente e realiza a ação que cessada a necessidade, se desfaz; b) Ações com vistas a um fim imediato, relacionada com um evento, por exemplo, o Círio, quando a comunidade, movida pelo sentimento da religiosidade, prepara o local para a celebração desse evento. Na Vila do Bonifácio houve a participação de membros da comunidade na revitalização da praça para “receber os turistas”.

5.3 Participação de jovens das duas vilas nas instâncias da cogestão da RESEX

a) Percepção dos jovens das duas vilas sobre RESEX

Para Bourdieu, as propriedades dos fenômenos “[...] são apreendidas através de esquemas de percepção cujo uso nos atos de avaliação depende da posição ocupada no espaço

social” (2007, p. 80). Para os jovens da RESEX essa percepção está então, nessa perspectiva analítica, mais próxima a um agente que está à parte desse campo social – a cogestão da RESEX, uma vez que consideram que esse “assunto” pertence aos pais, aos mais velhos e aos jovens casados. Ainda para Bourdieu, “[...] o olhar não é apenas um simples poder universal e abstrato de objetivação [...] é um poder simbólico cuja eficácia depende da posição relativa daquele que percebe e daquele que é percebido, e do grau em que os esquemas de percepção e de apreciação postos em ação são conhecidos e reconhecidos por aquele a quem se aplicam” (2007, p. 81).

Buscando identificar aspectos que envolvem a participação no território da RESEX, os jovens da Vila do Bonifácio foram indagados sobre o que compreendiam como Reserva Extrativista e RESEX. A Tabela 146 mostra que mais da metade, 59,6% disseram não saber o que é uma Reserva Extrativista ou uma RESEX. Em torno de 1/3 disse que sabe, correspondendo a 35,1% e 5,3% disseram saber mais ou menos. Dentre os 20 jovens que responderam afirmativamente, 7 não justificaram sua resposta. Os 13 que especificaram, definiram Reserva Extrativista e RESEX, em ordem decrescente, como: a) Preservação da natureza, da comunidade e do meio ambiente (7), conforme explica o jovem: *É preservar o ambiente, preservar onde nós mora, preservar bem, o nosso lugar* (E. F. R., 21 anos); b) Reserva da natureza (2), como afirma o jovem: *É uma reserva protegida pela marinha que envolve esse meio de pesca, essas áreas assim de manguezais onde a marinha protege, caso do caranguejo e essa área aqui que a gente mora também* (R. A. R., 20 anos); c) Preocupação com o futuro e com a sustentabilidade (1); d) É um órgão participativo na comunidade (1); e) É um polo demarcado pela Marinha (1); f) É a área em que estamos habitando (1), assim explica um entrevistado *Sei, do pouco que eu participei das reuniões, é a área que nós tamos habitando aqui no Bonifácio. RESEX é toda essa área que a gente mora* (L. F. L., 28 anos); g) É uma associação e um direito do cidadão (1) como explica o jovem: *RESEX é uma associação, é um direito que a gente tem na sociedade, a gente sendo associado ali a gente fica na esperança de vim algum projeto, alguma coisa pra gente, alguma ajuda assim, a gente espera, é isso* (M. J. M. F., 25 anos). A fala da jovem, a seguir, remete para o sentido da sustentabilidade por meio da cooperação, que, em termos formais seria a gestão compartilhada dos bens comuns.

Uma Reserva Extrativista é onde tem união, onde você preserva algumas coisas da nossa comunidade. Por exemplo, o lixo ser bem cuidado. Não cortar os paus do mangal pra fazer caieira, porque adiante, se cortar, num vai ter mais mangal, num vai ter mais comunidade, porque conforme eles forem cortando, vai se formando o lixo, vai se tornando uma coisa feia.

Algumas áreas da comunidade vai se acabando. Com o tempo num vai ter mais essa comunidade. A maré vai ser tão grande que num vai ter o mangal, vai empatar a vinda da maré pra cá (V. C. A., 27 anos).

Em suma, nas percepções estão presentes elementos que fazem parte da definição “oficial” da instituição: cuidado ambiental, futuro, participação e direitos.

Na Vila Que Era, a maioria dos jovens, 73,9% disseram não saber o que é uma Reserva Extrativista ou uma RESEX. É o que afirma o jovem J. F. C., 23 anos: *Uma RESEX Extrativista? Na minha opinião, olha eu não sei lhe responder porque eu estou desinformado desse assunto de RESEX.* A resposta do jovem exige refletir o que significa, no contexto da RESEX, a “desinformação”, ou seja, como os gestores estão promovendo o circuito da informação na comunidade? Não foi identificada na comunidade nenhuma ação sobre a RESEX na agenda das instituições locais. Apenas 26,1% sabem o que é uma Reserva Extrativista. Os jovens que responderam afirmativamente são ligados à família de lideranças e/ou representantes comunitários, ou são associados da ASSUREMACATA. Assim eles se expressam: *Sim. É uma associação. A RESEX ajuda prevenir aquela área. É que ajuda a natureza* (G. A., 20 anos). Outro jovem assim se expressa: *Sim, é que abrange o mangue todo, inclusive aqui tem, aqui na nossa região é uma RESEX* (J. S. R. C., 28 anos). A jovem L. S. R. 29 anos, define uma RESEX: *Eu tô lá como associada, como integrante de lá. É uma área de preservação onde a gente preserva para mais tarde as outras gerações que vem* (Tabela 146).

Tabela 146 – Conhecimento dos jovens das duas Vilas sobre RESEX

RESEX	BONIFÁCIO		VILA QUE ERA	
	FREQ.	%	FREQ.	%
Sim	20	35,1	6	26,1
Não	34	59,6	17	73,9
Mais ou menos	3	5,3	0	0,0
TOTAL	57	100	23	100

Fonte: Pesquisa de campo (2015)

b) Conhecimento dos jovens das duas Vilas de que moram em uma RESEX

Saindo de uma referência de conhecimento sobre o que é uma Reserva ou RESEX e entrando em uma situação mais concreta, foi perguntado aos jovens se sabem que moram em uma RESEX. Na Vila do Bonifácio as respostas afirmativas foram superiores as referentes do que é uma RESEX (questão anterior) que passaram de 20 para 42. Nesse sentido, há identificação da RESEX como uma área da Marinha e com um órgão público que concede o benefício da habitação e, com o qual a comunidade se relaciona – o INCRA. Portanto há, na imediatividade da vida cotidiana, a imperativa necessidade desse bem. Isso também concorre

para que eles atribuam a participação “para os mais velhos, os pais, os que são casados”. A jovem a seguir afirma: *Eu vejo eles falar que aqui todo mundo é tipo uma RESEX que é aquele negócio do INCRA, que tudo aqui é do INCRA* (I. Q. C., 24 anos).

Na Vila Que Era, ao serem perguntados se sabiam que moram em uma RESEX, os jovens que responderam afirmativamente foi maior em relação à pergunta sobre a noção de RESEX. Assim, 65,2% disseram que sabem que moram em uma RESEX, conforme mostra a fala do jovem: *É aqui tem uma RESEX* (A. M. F. F., 27 anos). Outro jovem complementa: *É, inclusive tinha até uma placa lá na frente lá que o pessoal dali de Bacuriteua colocaram lá* (L. F. M. M., 20 anos). A jovem também complementa: *Acho que sim. Não, eu só sei que, eu acho que não pode poluir o meio ambiente, se for isso. Também não destruir o manguezal* (T. B. S., 19 anos). Em síntese, se analisar pela perspectiva de Ostrom (1990) de que as instituições devem “fazer sentido” para os membros da coletividade, caso contrário os custos da adesão serão altos, ou seja, o monitoramento, a fiscalização e o controle, diante do perigo sempre presente do *free rider*. Daí que no “desenho institucional”, conforme a expressão da autora, a participação e as instâncias de resolução de conflitos tenham grande relevância. A RESEX, da forma em que está sendo instituída, não está fazendo muito sentido para os jovens, uma vez que “ver uma placa” ou “ouvir falar” não implica em reconhecimento e legitimidade da RESEX. Ver Tabela 147.

Tabela 147 – Conhecimento dos jovens das duas vilas de que moram em uma RESEX

RESEX	BONIFÁCIO		VILA QUE ERA	
	FREQ.	%	FREQ.	%
Sim	42	73,7	15	65,2
Não	11	19,3	4	17,4
Não respondeu	4	7,0	4	17,4
TOTAL	57	100	23	100

Fonte: Pesquisa de campo (2015)

c) Existência de formação para os jovens das duas Vilas sobre a RESEX

No plano de manejo da RESEX em estudo, os jovens são referidos como atores sociais em potencial que carregam os desafios da sustentabilidade. Isso exige a preparação desse jovem. Um dos objetivos da RESEX no plano de manejo é: “Promover o envolvimento e a participação comunitária nos processos de gestão, para que entendam e exerçam na plenitude seu papel socioambiental de corresponsáveis pela Unidade” (ABDALA et al., 2012, p. 12). Entretanto, no diagnóstico aparecem diversos problemas que atingem esses jovens como o consumo de drogas, o abandono dos estudos para dedicação à pesca, ou a frequência à escola concomitante com a pesca, assim como o desconhecimento por muitos jovens do trabalho da

pesca, conforme consta nesse documento: *Jovens não conhecem mais os peixes e as técnicas de pesca*” (ABDALA et al., 2012, p. 155). Em razão disso constam também no plano de manejo a necessidade de fortalecimento dos órgãos de apoio e proteção aos jovens como o conselho tutelar, por exemplo. Foi proposto também “[...] um censo e profissionalização da atividade do caranguejeiro, inclusive para os jovens (menor aprendiz)” (ABDALA et al., 2012, p. 134). Propõe também “Buscar a maior participação dos jovens nas organizações e movimentos da RESEX – formação de novas lideranças” (ABDALA et al., 2012, p. 15). Por fim, no item sobre visão de futuro constante no plano de manejo, os jovens também são referidos como atores sociais importantes para a sustentabilidade da RESEX, tal como:

No eixo cultural espera-se nos próximos anos haja uma ampliação no leque de estímulos à valorização da cultura e das práticas tradicionais da RESEX, tais como aumento no repasse intergeracional do conhecimento, estímulo e interesse dos jovens nas práticas tradicionais, identificação e fomento às festas, eventos e artesanato tradicionais, medicina tradicional, resgate das artes e petrechos de pesca artesanais, identificação das pessoas que detêm o conhecimento e fomento ao intercâmbio de trocas (ABDALA et al., 2012, p. 11).

Assim, considerou-se imprescindível indagar aos jovens se tinham conhecimento da existência de formação para jovens da vila sobre a RESEX. Conforme mostra a Tabela 148 a maioria dos jovens da Vila do Bonifácio, 73,7% não responderam. Houve silêncio prolongado, pausas e nenhuma resposta. Dentre os que responderam, apenas 10,5% disseram que já houve alguma formação para jovens sobre a RESEX. Para 12,3% não houve e 3,5% disseram desconhecer.

Em Vila Que Era, a maioria dos jovens, 52,2%, não sabem dizer se houve ou não formação para os jovens sobre a RESEX. A parcela de 39,1% afirmou que não houve formação para os jovens de Vila Que Era sobre a RESEX. O correspondente a 8,7% não responderam a esta pergunta.

Tabela 148 – Existência de formação para jovens das duas vilas sobre RESEX

FORMAÇÃO	BONIFÁCIO		VILA QUE ERA	
	FREQ.	%	FREQ.	%
Sim	6	10,5	0	0,0
Não	7	12,3	9	39,1
Não sabe	2	3,5	12	52,2
Não respondeu	42	73,7	2	8,7
TOTAL	57	100	23	100

Fonte: Pesquisa de campo (2015)

Os jovens da Vila do Bonifácio que afirmaram ter havido formação para os jovens sobre a RESEX referiram-se a: a) informações gerais; b) conhecimentos ambientais incluindo

o manejo da pesca; c) levantamento da situação dos moradores; d) presença do ICMBio na vila; e) conhecimento sobre a comunidade (Quadro 3).

Quadro 3 – Relato dos jovens da Vila do Bonifácio que afirmaram ter havido formação para os jovens sobre a RESEX

TIPO DE FORMAÇÃO	RELATO	JOVEM
Informações gerais	<i>Eles deram muita informação sobre isso pra quem tava na reunião. Eu nem fui porque eu tava trabalhando com o papai pro mar. O pessoal tava falando sobre isso, sobre esse apoio que podem dar pra gente.</i>	C. D. F. G., 23 anos
	<i>Uma vez teve uma reunião, mas faz muito tempo.</i>	M. D. S. B., 23 anos
Conhecimentos ambientais	<i>Eles venho explicar pra gente quando o peixe tá desovando que é pra gente parar de pescar</i>	C. C. M., 29 anos
	<i>Já teve reunião aqui sobre a RESEX e eles se preocupam muito com o meio ambiente</i>	A. S. F. S, 26 anos
Levantamento dos moradores	<i>Teve um tempo que eles vieram, aí num vieram mais. Nem sei explicar como foi, só sei que eles vieram, faziam tipo umas pesquisas nas casas</i>	I. Q. C., 21 anos
Presença do ICMBio na Vila	<i>Veio o pessoal do ICMBio fazer reunião</i>	D. M. Q., 18 anos
Conhecimento da comunidade	<i>Sim teve sim. Sempre eles vem e fazem reuniões. Também tem o PROJOVEM que ensina bastante coisa sobre a comunidade, sobre a vivência sobre a comunidade</i>	V.S. B., 26 anos

Fonte: Pesquisa de campo (2015)

Em Vila Que Era nenhum jovem afirmou ter havido formação para os jovens sobre a RESEX. Dentre a parcela majoritária que disse não saber se houve ou não, referem-se à participação dos pais, conforme as duas falas a seguir: *Eles conversaram só com o papai e a mamãe* (R. T. C., 20 anos); *Eu não sei, até porque quando começou a RESEX, eu num participava dela. Quem participava sempre era meus irmãos, a minha mãe, meu pai, sempre participaram, mas eu não* (J. A., 18 anos). Dentre os que afirmaram não ter havido formação para os jovens sobre a RESEX, um jovem justifica da seguinte forma:

Não, na minha presença se teve não sei lhe falar, mas que eu saiba não teve nenhuma formação. Se teve eu garanto que tenha sido com pessoas que tenham movimento do Conselho. Eu acho que foram essas pessoas que tiveram alguma formação, mas entre os jovens não tivemos nenhuma formação (G. A., 20 anos).

Outro jovem complementa: *Não, a gente que somos jovens não. Só foi chamado os pais, a gente viu que a gente foi excluído, num fomos chamados* (F. J. G., 19 anos). Outra jovem também afirma: *Não, não explicaram, nesses termos num vieram explicar não, só disseram que a comunidade é um polo da RESEX, num explicaram o que é, só disseram isso,*

mas trazer a informação sobre o significado, como funciona, num vieram dizer não (F. J. G., 24 anos).

d) A comunidade reúne para discutir seus problemas segundo os jovens das duas vilas

Sobre a organização da comunidade na Vila do Bonifácio, 7% disseram que a comunidade não costuma reunir para discutir seus problemas, 3,5% disseram que sim e 8,8% afirmaram que reúne, às vezes. O correspondente a 80,7% não responderam a esta questão. Dentre os que disseram que não reúnem, as razões referem-se à inexistência de uma liderança que mobilize a comunidade, conforme afirma o jovem: *Eu acho importante, seria importante ter um líder. Que viesse nas casas da gente, conversasse:- 'umbora fazer isso, aquilo outro, umbora reunir'. Aqui num tem, se tem a gente num vê* (G. M., 27 anos). Essa visão é reforçada pela fala da jovem: *Não, fica tudo solto, ninguém vai pra levar, pra fazer alguma coisa* (M. C. S., 24 anos). E, segundo outra jovem não existe noção de coletividade: *É cada um por si* (V. S. S., 24 anos). Os jovens refletem o processo social de uma comunidade em que a mobilização é baixa, o poder de organização também, por isso, eles enxergam a situação desta maneira: *A comunidade num se reúne pra discutir esse problema, coisarem. Eles aceitam, uns querem, mas os outros já num querem* (M. D. S. B., 23 anos).

Para os jovens de Vila Que Era a comunidade costuma se reunir para discutir seus problemas, foi o que afirmou mais da metade dos entrevistados, 56,5%. O jovem a seguir afirma: *A gente costuma fazer certas reuniões, mas mais por parte da religião, da igreja, do INCRA, que tem do movimento do INCRA* (J. F. C., 23 anos). Conforme já foi discutido, os jovens atribuem ao INCRA as relações com os assuntos do benefício da casa e, por conseguinte a relação com a RESEX (Tabela 149).

Tabela 149 – Comunidade costuma reunir segundo os jovens das duas vilas

COMUNIDADE REUNE	BONIFÁCIO		VILA QUE ERA	
	FREQ.	%	FREQ.	%
Sim	2	7,0	13	56,5
Não	4	3,5	0	0,0
Às vezes	5	8,8	0	0,0
Sem informação	46	80,7	10	43,5
TOTAL	57	100	23	100

Fonte: Pesquisa de campo (2015)

e) Convite aos jovens das duas Vilas para reunião ou ação da RESEX

A Tabela 150 apresenta os dados sobre a convocação aos jovens das duas vilas para participar de reuniões e/ou outras atividades na RESEX.

Tabela 150 – Convite aos jovens das duas vilas para participar de reunião ou ação da RESEX

CONVITE PARA REUNIR	BONIFÁCIO		VILA QUE ERA	
	FREQ.	%	FREQ.	%
Sim	17	29,8	8	34,8
Não	28	49,1	15	65,2
Sem informação	12	21,1	0	0,0
TOTAL	57	100	23	100

Fonte: Pesquisa de campo (2015)

Quase a metade dos jovens da Vila do Bonifácio, 49,1% responderam que nunca foram convidados a participar de reunião da RESEX ou de alguma atividade ligada a ela. Segundo eles as razões para isso estão relacionadas a seis fatores: a) 14,3% disseram que se trata de um ação que interessa aos seus pais e não aos jovens, conforme explica um deles: *Não, a minha mãe participa, eu num participo não* (M. D. S. B., 23 anos); b) 10,7% afirmaram que são discriminados e, por isso, não são convidados, como demonstra o entrevistado a seguir: *Nunca, é difícil, eles avisam assim por cara, em casa eles num vão avisar* (M. J., 28 anos); c) 3,6% referiram-se as reuniões com descrédito, segundo a expressão da jovem: *Eles convidam, mas é só coisa de político, só vem mentir pra cá, num fazem nada, só isso* (J. N. S. C, 18 anos); d) 3,6% relacionaram as reuniões ao INCRA, como afirma a jovem: *Não, porque a reunião que eles fazem muito aqui era esse negócio do INCRA* (E. M. B., 26 anos); e) 3,6% disseram que não há interesse em participar: *Não, não gosto mesmo* (A. C. M. S., 28 anos). E, 64,3% não justificaram a sua resposta.

Para a parcela de 29,8% que disse já ter sido convidado, 17,6% referiram-se a uma atividade direcionada aos seus pais, que entendem mais do assunto e que frequentam essas reuniões, é o que afirma o jovem: *Já, fui, numa duas, mas quem vai mais é a mamãe* (T. A. M., 26 anos). O correspondente a 11,8% disseram que já foram convidados e que frequentam as reuniões, como aponta a jovem a seguir: *A gente já foi convidada, várias vezes tem reunião aqui na comunidade pra falar sobre a área extrativista da comunidade. Tem o pessoal do ICMBio, do INCRA. Hoje em dia num existe mais, mas já teve, já existiu pra debater algumas coisas da comunidade* (V. C. A., 27 anos), é o que também afirma a jovem *Sempre eles vem convidar pra reunião, pra aquele negócio da RESEX. Eu ganho Bolsa Verde e eu fui pra essa reunião. Lá no papel tá dizendo tudinho* (V. S. S., 24 anos). O relativo a 5,9% disseram ter sido convidado, mas não participaram porque não têm interesse, é o que explica o jovem *Já fui convidado. Não, num tive interesse em participar de reunião, desse negócio* (C. C. M., 29 anos). A maior parte, 64,7% não justificou sua resposta. A menor parcela, 21,1% não respondeu se já foi convidado a participar de reunião ou outras ações da RESEX.

Em Vila Que Era a maioria, 65,2% disseram que nunca foram convidados para reunião sobre a RESEX e, 34,8% disseram que já foram convidados, mas são os pais, os irmãos ou o marido que participam dessa discussão. O jovem afirma: *Teve um tempo que a mamãe tava aqui, eu fui numa reunião ali, esse negócio de RESEX, fui umas duas vezes* (P. J. S. S., 23 anos).

5.4 Conhecimento dos jovens das duas vilas sobre a estrutura da cogestão da RESEX

a) Conhecimento dos jovens das duas vilas sobre: plano de manejo, comitê, conselho deliberativo, ICMBio

Na Vila do Bonifácio o Plano de Manejo da RESEX, é desconhecido da maioria dos jovens, 82,3%. Apenas 8,8% dizem conhecer e o correspondente a 3,5% conhece “mais ou menos”. A parcela correspondente a 5,4% não respondeu a esta questão. Ver Tabela 151.

Tabela 151 – Conhecimento da estrutura da cogestão da RESEX pelos jovens da Vila do Bonifácio

CONHECIMENTO DA COGESTÃO	PLANO DE MANEJO		COMITÊ		CONSELHO DELIBERATIVO		ICMBio	
	FREQ.	%	FREQ.	%	FREQ.	%	FREQ.	%
Sim	5	8,8	7	12,2	1	1,7	9	15,8
Não	47	82,3	45	79,0	48	84,3	43	75,4
Mais ou menos	2	3,5	0	0	0	0	0	0
Sem Informação	3	5,4	5	8,8	8	14,0	5	8,8
TOTAL	57	100	57	100	57	100	57	100

Fonte: Pesquisa de campo (2015)

Dentre a parcela que afirma conhecer o plano de manejo, somente um deles explicou como o entende:

Esse plano de manejo ainda estão elaborando esse projeto. Uma empresa que chegou está cadastrando o pessoal pra fazer o PLANO SAFRA que ainda não tem aqui na praia. A pescaria está muito escassa devido num ter o controle de pesca do defeso. Os pescadores daqui são poucos os que trabalham aqui ou são empregados em outra embarcação ou por conta própria. Pescam em embarcações pra outra cidade, passam dias pra fora pra poder vir depois com uma semana ou mais pra sua casa. Quer dizer, já num trabalham mais na área aqui da Vila, já tão migrando daqui por falta do pescado. Num tem uma pessoa, num tem um suporte porque se for um defeso de gó ou de qualquer outro peixe, até agora ainda num chegou um projeto concreto de assegurar a pessoa que fica aqui com sua família nesse período que dê pra superar esse período, então o pescador tem que ir atrás, seja onde for (C. G. A. B., 26 anos, não estuda, parou na 6ª série do ensino fundamental, é pescador).

Aqueles que afirmaram conhecer “mais ou menos” é porque já ouviram falar, mas não sabem do que se trata, conforme explica um deles: *Não, eu já ouvi falar, mas num sei* (V. C. A., 27 anos, estuda o 3º ano do ensino médio, trabalha em pousada).

Entre os que afirmaram conhecer o plano de manejo e conhecer “mais ou menos”, incluem dois jovens que são parentes próximos às lideranças da Vila do Bonifácio e, que talvez por isso, tenham mais contato com os assuntos da RESEX, via relação familiar. Essa ancoragem indica a ausência do tema da RESEX na agenda das organizações locais. Em termos de escolaridade, quatro estão cursando ou concluíram o ensino médio e dois não estudam, tem o ensino fundamental incompleto, indicando não haver correlação com escolaridade. Em termos de trabalho, dois não trabalham e quatro trabalham na pesca, nas pousadas do Campo do Meio e na lavagem de roupa. Em termos de sexo, são quatro do sexo masculino e dois do sexo feminino.

Na Vila do Bonifácio, o Comitê de Representantes da Comunidade é um pouco mais conhecido pelos jovens do que o plano de manejo, 12,2%, entretanto a maioria (79%) ainda desconhece. O correspondente a 8,8% não responderam.

Da mesma forma que em relação ao plano de manejo, os que afirmaram conhecer incluem parentes dos representantes. Outros apontaram nomes diversos, incluindo o conselheiro tutelar e outras pessoas que se destacam por seu protagonismo na comunidade. Vale destacar o sentido de “passado” constante nas falas, já identificado em outros quesitos das questões abordadas no estudo, tal como se refere a jovem: *Ah, comitê tinha, comitê mesmo, desse comitê desse negócio do INCRA, antes era o comitê, que passava uma senhora na casa, que dizia que tinha o comitê que vinha corte- costura pras mulher, aí se acabou. Até que entrou o negócio do INCRA e acabou até o do INCRA, num ouvi mais falar* (M. L., 29 anos).

Nesse sentido, é possível destacar alguns elementos. O primeiro diz respeito à relação que os jovens moradores fazem da RESEX com o INCRA, conforme foi indicado por eles. O segundo é de que parecem relacionar que a participação nas reuniões da RESEX é assunto para os pais, pois são os que estão mais preocupados com as “questões das casas”, assim como aqueles jovens que já constituíram família, como expressou o entrevistado: *Comecei a participar depois que tive família* (C. G. A. B., 26 anos). O terceiro é uma expressão recorrente entre os entrevistados sobre estarem vivendo um momento em que a RESEX não existe mais, já existiu e trouxe benefícios. Um exemplo é a fala de um dos entrevistados:

A RESEX já foi um órgão muito participativo com a comunidade, inclusive esses dias, eu tava conversando com o secretário da RESEX e eu perguntei pra ele se tinha acabado e porque. Ele disse que não, que tem alguma coisa pra se fazer. Mas a participação deles é muito pouca, é muito difícil com a comunidade. Na verdade hoje eu num sei nem se a RESEX tá funcionando. Antes eu num sabia nem o que significava RESEX porque quando eles vinham fazer reunião, eles faziam um monte de embolada, a gente saía sem

entender nada, num sabia nem o que era RESEX, hoje eu já sei porque eu pesquiso [...] Mas num é muito participativa a RESEX aqui na comunidade, apesar de ter trago muitos benefícios, as casas do INCRA, veio também através deles lá, mas num são muito participativo não, era pra ser mais (G. M. B., 28 anos).

E o quarto elemento refere-se às tensões e conflitos, explícitos ou não, existentes entre os moradores e os que eles consideram representantes da comunidade. Esse dado foi observado também no momento da entrevista, quando os pais se expressavam tentando contribuir com suas opiniões. O depoimento do jovem a seguir deixa clara essa situação:

[...] geralmente esse tipo de pessoa, no meu modo de ver, eles vem, mas nem sempre vem com clareza pra esclarecer alguma coisa de projeto pra comunidade. Chegam, falam alguma coisa em próprio deles mesmo lá, conforme o projeto que eles querem que o pessoal da Vila compareça, mas em certos momentos, passando o tempo, a gente vê que num era nada daquilo que eles falaram. São poucos os que vêm que mostram um projeto que ajuda a população (C. G. A. B., 26 anos).

Ainda na Vila do Bonifácio, o conselho deliberativo, instância importante da cogestão é desconhecido por 84,3% dos jovens. Apenas 1,7% disseram conhecê-lo e 14% não informaram.

Sobre o ICMBio, 75,4% dos jovens da Vila do Bonifácio não o conhecem, apenas 15,8% disseram conhecer e 8,8% não informaram. Dentre os que afirmam conhecer, encontram-se jovens da família de um dos coordenadores. Ainda entre os que conhecem, houve crítica sobre a atuação do órgão na vila, conforme é expresso a seguir:

ICMBio? Pra falar a verdade, é como diz a música da [...]. Mas na prática eles vem, justamente, fazem um projetozinho que a gente vê que num tem muito sentido. Eles num venho assim parece com [...] Eles num venho pra organizar a população porque, geralmente, em toda a comunidade, a população não é toda unida, cada um faz a sua parte, cada um é por si. Aí se a pessoa quiser que aconteça alguma coisa séria, que a coisa vá pra frente, o órgão tem que vir e ser organizado pra acontecer (C. G. A. B., 26 anos).

Em suma, entre os jovens da Vila do Bonifácio a instância mais conhecida da estrutura da cogestão da RESEX é o ICMBio (15,8%), seguida pelo comitê de representantes comunitários (12,2%), mais próxima aos moradores, em terceiro lugar o plano de manejo (8,8%) e, por último, o conselho deliberativo (1,7%). Isso demonstra a distância dos jovens com a cogestão da RESEX.

b) Conhecimento dos jovens da Vila Que Era sobre: plano de manejo, comitê de representantes, conselho deliberativo e ICMBio

Os jovens de Vila Que Era, em sua maioria, 95,7% não conhecem o plano de manejo da RESEX, apenas 4,3% conhece e refere-se a um jovem, filho do representante comunitário da vila e, foi coordenador da Pastoral da Juventude, portanto tem maior proximidade com os assuntos da gestão. Para a jovem E. S. S., 24 anos os assuntos relacionados à RESEX são do conhecimento do seu marido que participa das reuniões, ela diz: *Não, quem frequenta muito é o meu esposo. Essa casa é no nome dele, aí é ele que vai muito, sempre que tem ele vai.* Ver Tabela 152.

Tabela 152 – Conhecimento da estrutura da cogestão da RESEX pelos jovens de Vila Que Era

CONHECIMENTO DA COGESTÃO	PLANO DE MANEJO		COMITÊ		CONSELHO DELIBERATIVO		ICMBio	
	FREQ.	%	FREQ.	%	FREQ.	%	FREQ.	%
Sim	1	4,3	4	17,4	4	17,4	4	17,4
Não	22	95,7	19	82,6	19	82,6	19	82,6
TOTAL	23	100	23	100	23	100	23	100

Fonte: Pesquisa de campo (2015)

Em relação ao comitê de representantes da comunidade, a maioria, 82,6% não conhecem e apenas 17,4% conhecem. São os mesmos jovens citados na questão anterior.

O mesmo ocorre com o conhecimento sobre o conselho deliberativo da RESEX, a maioria, 82,6% também não conhecem. Apenas 17,4% disseram conhecer. São os jovens que tem parentesco com o coordenador da Vila e/ou que são cadastrados na associação. (F. J. G., 24 anos; G. A., 20 anos; J. S. R. C., 28 anos; L. S. R., 29 anos).

Da mesma forma que nas questões anteriores, 82,6% não conhecem o ICMBio, apenas 17,4% conhecem. E são os mesmos jovens referentes nas questões anteriores.

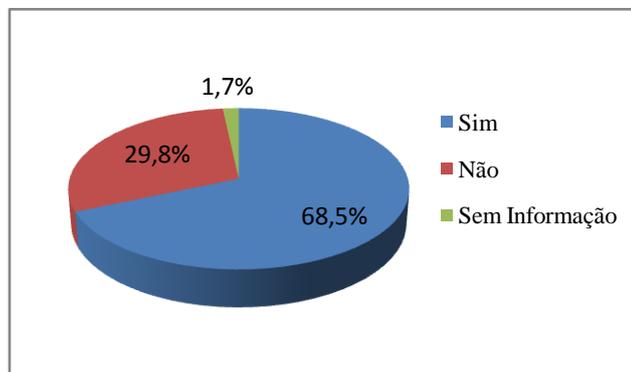
Diferentemente do que ocorre na Vila do Bonifácio, na Vila Que Era, as instâncias da cogestão da RESEX são mais conhecidas, com destaque para o comitê de representantes, o conselho deliberativo e o ICMBio (17,4%). O plano de manejo é o instrumento menos conhecido pelos jovens da Vila Que Era (4,3%). Contudo, destaca-se que se tratam das mesmas pessoas que estão ligadas por parentesco às lideranças da comunidade, o que corrobora não haver uma inclusão formal do tema da RESEX nas vias formais de cogestão.

c) Representação comunitária: jovens se sentem representados?

Na Vila do Bonifácio, a representação formal na cogestão está assim definida: três moradores eleitos para compor o comitê comunitário representando a comunidade perante a ASSUREMACATA. No conselho deliberativo, há um morador representando a comunidade.

Na Vila do Bonifácio, grande parte dos jovens, 68,5%, conhece os representantes comunitários. Desses, 29,8% não conhecem e 1,7% não informaram (Gráfico 10).

Gráfico 10 – Conhecimento dos representantes comunitários da Vila do Bonifácio



Fonte: Pesquisa de campo (2015)

Entre os jovens da Vila do Bonifácio que disseram conhecer as lideranças, o mais citado, com 28,3% foi um professor e ex-diretor da escola local e, atual membro do conselho tutelar, mas sem cargo atualmente na comunidade. Isso mostra a marcante presença desse ator social entre os jovens, que, mesmo sem ocupar cargo de liderança no momento, é reconhecido como liderança e representante comunitário. Aparece mais uma vez a importância da agência social escola como protagonista na comunidade. Na sequência aparece também um membro de outra agência social na comunidade - a igreja-, representando 15,2% das citações. Nessa mesma proporção aparece um dos representantes do comitê comunitário. O terceiro mais citado, com 10,8% é também do comitê comunitário. E, com 8,7% das citações aparece o representante da comunidade no conselho deliberativo e, na mesma proporção também um representante do comitê comunitário. Com a menor proporção foram citados outros nomes pelos jovens. Ver Tabela 153.

Tabela 153 – Lideranças citadas pelos jovens de Vila do Bonifácio

NOME DO LÍDER/REPRESENTANTE	FREQ.	%
Professor e conselheiro tutelar	13	28,3
Membro da igreja local	7	15,2
Representante do comitê	7	15,2
Representante do comitê	5	10,8
Representante no conselho deliberativo	4	8,7
Representante do comitê	4	8,7
Outras pessoas da comunidade	6	13,1
TOTAL	46	100

Fonte: Pesquisa de campo (2015)

Como se vê nos dados, outros atores sociais emergem como lideranças, mesmo sem estar ocupando cargo na cogestão, mostrando a importância das agências sociais, escola e

igreja, na comunidade. Contudo, mesmo com menor proporção aparecem os representantes oficiais tanto no comitê quanto no conselho deliberativo.

Por outro lado, há a parcela dos que dizem não haver liderança na comunidade, reconhecendo os representantes com certo grau de crítica, conforme explicita o jovem: *Líderes? Não, num tem, hoje num tem líder. Eu posso lhe afirmar que num tem um líder aqui na comunidade. Tem algumas pessoas, algum grupo de pessoas aí* (C. G. A. B., 26 anos).

A fragilidade da participação dos jovens na cogestão pode ser entendida por esse desconhecimento de quem os representa. Não conhecer gera distanciamento e descrédito, como demonstra a jovem a seguir:

Daqui, pra falar a verdade, nem conheço o líder comunitário. Falam que é um, que é outro, mas eu num vejo fazer nada. Num existe geralmente líder comunitário porque geralmente quando existe uma pessoa pra cuidar, chamar a atenção daqui, dali, você tem que ir com autoridade. Não, aqui os líderes comunitários, sinceramente, tinha que ter a pessoa, porque num resolve os seus problemas. Você quer uma coisa, fala, mas a pessoa num dá valor, num obedece (L. F. M., 20 anos).

O processo da cogestão que implica na participação da comunidade por meio de representação, não é apreendido em sua totalidade pelos jovens como a alternância da representação feita por meio de eleições. Assim explica a jovem: *Tipo assim, cada tempo tem um líder. Vai passando e tipo assim uma reunião vai mudando de líder. Agora eu num sei* (V. C. A., 27 anos).

As falas expressas tendem a descortinar a existência de conflitos entre as diversas lideranças que se sobrepõem na visão dos jovens, especialmente quando afirmam: *Não, aqui é tantos coordenador que tem é muita gente que se mete no meio, que eu num sei dizer quem é o coordenador* (E. M.B, 26 anos). Do mesmo modo se expressa outra jovem: *Não, porque tem vários que representam a coordenação e, num sei explicar qual deles* (M. C. S., 26 anos).

Há também um fator que se mostrou presente na fala dos jovens em muitos quesitos que é de um tempo no qual havia certo dinamismo na RESEX e que não há mais. Essa situação tem sido recorrente em vários aspectos apresentados ao longo das questões apresentadas. Neste caso, aparece a relação com o INCRA, como algo que havia e que não há mais. Assim, o jovem se exprime: *Não, tinha uma [liderança] do INCRA, mas já acabou o INCRA, fechou as portas* (E. F. A., 20 anos).

Ainda na Vila do Bonifácio, dentre os 39 jovens que disseram conhecer o líder e ou representante comunitário, 20,5% disseram que esses líderes lhes representam, 10,3% disseram que não representam e 5,1% que representam mais ou menos. O correspondente a 64,1% não responderam a pergunta (Tabela 154).

Tabela 154 – Reconhecimento da representação pelos jovens da Vila do Bonifácio

REPRESENTA	FREQ.	%
Sim	8	20,5
Não	4	10,3
Mais ou menos	2	5,1
Não respondeu	25	64,1
Subtotal	39	100
Não se aplica (não conhecem)	17	
Sem informação	1	
TOTAL	57	100

Fonte: Pesquisa de campo (2015)

Dentre os que reconheceram essa representação, justificam pela ação desenvolvida pelas lideranças para a comunidade, como afirma o jovem:

Eu acho que sim porque, as vezes, quando eles chegam aqui no Boni com as informações, eles falam: - 'eu tive lá, fiz isso, fiz aquilo'. Agora ninguém sabe se ele foi mesmo, se está só mentindo pra nós [risos], mas ele diz isso quando chega a fazer a reunião (C. D. F. G., 23 anos).

No caso acima, os nomes referidos não ocupam cargo de liderança na comunidade no momento. Da mesma forma, outra jovem se sente representada por um ator social que também não faz parte oficialmente da liderança da cogestão. Ela diz: *Representam, inclusive ele é presente, luta bastante, vai em busca de certas coisas. Às vezes num chega, mas ele vai em busca (V. C. A., 27 anos).*

Para os que não se reconhecem representados pelos líderes, as razões evocam novamente um tempo no qual as demandas eram atendidas e não são mais, como afirma a jovem: *Teve um tempo que sim. Hoje em dia não porque eu num sei o que aconteceu que eles pararam. Mas teve um tempo que eles tavam sempre em cima, conversando com a comunidade, fazendo reuniões, hoje em dia não (V. S. B., 26 anos).*

O Quadro 4 mostra os representantes da comunidade e a frequência relacionada ao reconhecimento dessa representação. Assim, esses dados mostram aspectos interessantes dessa relação, isto é, as pessoas que não são os representantes oficiais acarretam maior legitimidade de representação espontânea que os representantes oficiais. São pessoas de destaque de duas agências na vila – escola local e igreja.

Por outro lado, os dois representantes oficiais obtiveram menor número de menção para a legitimidade da representação espontânea. E o terceiro, teve a maior citação sobre não representar o entrevistado.

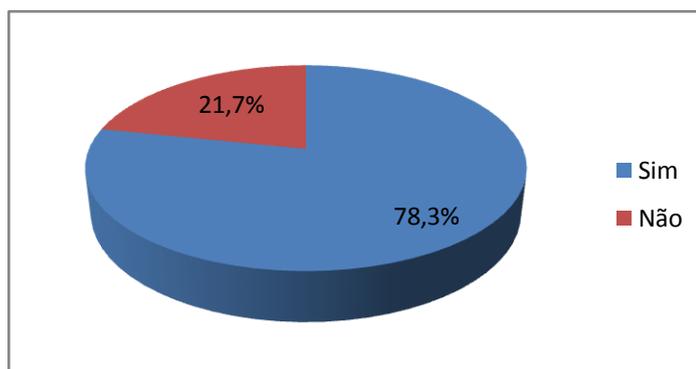
Quadro 4–Representação por citação – Vila do Bonifácio

REPRESENTAÇÃO	SIM	NÃO	MAIS OU MENOS	S.I.*	TOTAL
Representante no conselho deliberativo	2	1	1	1	5
Representante no comitê comunitário	2	1	-	1	4
Representante no comitê comunitário	2	3	-	2	7
Membro da escola	3	1	-	9	13
Membro da igreja	3	-	-	5	8
Representante no comitê comunitário	2	-	1	3	6
Pessoa da comunidade	-	-	-	2	2
Pessoa da comunidade	-	-	-	2	2
Pessoa da comunidade	-	-	-	2	2
Pessoa da comunidade	-	-	-	1	1
Pessoa da comunidade	-	-	-	1	1

*S.I.: Sem informação

Fonte: Pesquisa de campo (2015)

Na Vila Que Era a maioria, 78,3%, dos jovens conhecem o representante comunitário. Apenas 21,7% disseram não conhecer. Ver Gráfico 11.

Gráfico 11- Conhecimento dos representantes comunitários da Vila Que Era

Fonte: Pesquisa de campo (2015)

Dentre os jovens que afirmaram conhecer, incluem-se aqueles que identificam uma pessoa que não é o representante oficial, mas que tem influência e carisma na comunidade, conforme a jovem afirma: *Pra lhe falar a verdade eu num sei nem quem é, mas a gente se relaciona mais com seu X., que é o coordenador que, aliás é ele que resolve quase tudo que acontece* (J. S. R. C., 28 anos). Outra jovem assim se expressa: *Aqui na vila a gente não sabe quem é o líder, as vezes eles fazem uma eleição e o líder não cumpre com as suas obrigações, não tem um líder, as vezes é um, as vezes é outro* (L. S. R., 29 anos).

No que concerne a sentir-se representado, 60,9% dos jovens de Vila Que Era sentem-se representados. O correspondente a 17,4% disseram que o atual coordenador não lhes representa. A parcela de 21,7% não se aplica a esta pergunta, uma vez que disseram não conhecer o representante na questão anterior (Tabela 155).

Tabela 155 – Reconhecimento da representação pelos jovens da Vila Que Era

REPRESENTA	FREQ.	%
Sim	14	60,9
Não	4	17,4
Não se aplica	5	21,7
TOTAL	23	100

Fonte: Pesquisa de campo (2015)

Entre os jovens que se sentem representados assim justificaram: *Com certeza. Alguns problemas que ele pode ajudar ele ajuda. Ele leva, ele traz. Como agora a escola, diz que vão trazer os materiais. Ele ajuda o sistema de água que tem ali, através dele e do X. É bastante, o que ele poder fazer ele faz, mas o que ele alcança* (E. S. S., 24 anos). Outro jovem relata: *Nessa parte assim do meu conhecimento sim, porque quando tem alguma coisa assim ele conversa com o pessoal da comunidade, vai até lá e depois repassa pra gente* (L. F. M. M., 20 anos). Da mesma forma a jovem afirma: *Representa porque muitas das vezes é eles que faço tudo pra vim aí, uma festividade, um canto de louvor na igreja, é ele que organiza tudo* (L. F. R., 24 anos).

O relato do jovem a seguir mostra a rede de relações de parentesco e suas implicações na coordenação da vila:

Bastante. [risos] Até porque é meu pai que lidera a comunidade, tipo assim, todo o tempo foi nossa família que teve à frente, se não foi um tio, um primo, e agora o meu pai já tá, pela segunda vez à frente. Algumas pessoas entram, mas duram pouco, tipo assim, não firmam o tranco, porque uma liderança, hoje em dia, pra gente ter uma responsabilidade a gente tem que ter paciência e, se não tiver paciência, me desculpe, mas não ter responsabilidade nem dentro da casa dele. Hoje em dia eu não tenho o que reclamar da liderança comunitária, todo o tempo tá favorecendo a gente. Se tem alguém que não está se sentindo bem com a liderança deve ter algum motivo, mas que eu saiba na comunidade todo mundo gosta do que está sendo feito (G. A., 20 anos).

Em sentido contrário, um depoimento do grupo que afirma não se sentir representado: *Eu acho que não, porque as vezes quando tem reunião quem é o líder, ninguém num sabe que é o líder, um joga pra cima do outro* (L. S. R., 29 anos).

Ao que parece, há na percepção dos jovens de Vila Que Era desconhecimento da organização da representação da cogestão, uma vez que existem os representantes no comitê comunitário, no conselho deliberativo e no polo da RESEX. E, por fim, os atores sociais com destaque na escola e na igreja. Mais uma vez corrobora o fato do tema da RESEX estar distante dos jovens, o que vem a colaborar para que haja incipiente participação na cogestão.

d) Instâncias para discutir e implementar ideia/proposta/projeto

No intuito de identificar se os jovens tem percepção das instâncias políticas de gestão, perguntou-se com quem discutiriam uma ideia ou um projeto/proposta. Na Vila do Bonifácio foi uma questão com alto índice de abstenção, 70,2%. Dentre os que responderam, 7% procurariam um agente social da escola, repetindo o que ocorreu na questão anterior. Para 5,3% a ideia seria discutida com um membro familiar, em especial, o pai ou o irmão e, 3,5% procurariam o representante da comunidade. Também na proporção de 3,5% disseram que não procurariam ninguém. Com 1,7% aparece o prefeito do município e, nessa mesma proporção os próprios professores. Também com 1,7% aparece um agente social da igreja e, nessa mesma incidência - discutiriam com a comunidade toda. A parcela de 3,5% disse não saber a quem procurar. Ver Tabela 156.

Tabela 156 – Instância para discutir uma ideia/proposta/projeto para a Vila do Bonifácio

DISCUTIR IDEIA/PROJETO	FREQ	%
Agente social da escola	4	7,1
Familiar: pai, irmão	3	5,3
Representante da comunidade	2	3,5
Ninguém	2	3,5
Prefeito	1	1,7
Professores	1	1,7
Agente social da igreja	1	1,7
Comunidade toda	1	1,7
Não sabe	2	3,5
Sem informação	40	70,3
TOTAL	57	100

Fonte: Pesquisa de campo (2015)

A fala da jovem corrobora o que já foi assinalado no item anterior: *Era o Sr. X [agente social da escola]. A gente chega com ele, fala com ele, ele quer fazer as coisas, mas ninguém vai com ele, é ele* (A. C. B. S., 24 anos). Outra buscaria o prefeito: *Acho que procuraria os que estão mais em cima da gente, principalmente o prefeito. Ele veio aqui mês passado inaugurar a pracinha* (M. D. S. B., 23 anos). Outra jovem procuraria um agente social da igreja: *Eu procuraria o Sr. Y. Ele é uma pessoa muito presente, quando alguém da comunidade tem uma proposta vai com ele, aí ajunta o povo. Num é aquele povo unido, alguns participam e vão em busca de coisa melhor. Eu iria com ele das coisas da comunidade* (V. C. A., 27 anos). Há uma ideia de coletividade na resposta do jovem a seguir: *Eu proporia pra comunidade. Se eu tivesse dinheiro e oportunidade eu gerava uma empresa para todos. Eu acho que seria uma ótima ideia* (E. M. B., 26 anos).

A jovem a seguir tece críticas em relação à organização comunitária na vila: *Ah hoje em dia é difícil assim a gente ter uma relação com outras pessoas, porque eles num querem saber disso, eles querem saber de ganhar o deles, então num tem, dizer assim ah eles vão fazer um projeto pra cá* (V. S. B., 26 anos).

Novamente, o que se observa na fala dos jovens é um direcionamento para um agente que está fora da lógica da cogestão que é o representante comunitário, instância mais próxima dos comunitários. Além disso, aparece a pessoalidade e não propriamente a instância institucional, o que é compreensível em uma sociedade calcada no pessoalismo, como a sociedade brasileira.

Na sequência foi perguntado quem procurariam para implementar a ideia/projeto. Na Vila do Bonifácio houve novamente alto índice de abstenção, 79,1%. Entre os que responderam, 8,8% procurariam o prefeito em Bragança mesmo com a ressalva de que [...] *o prefeito só vem em tempo de eleição, que ele quer voto, tirando isso, ele não vem* (M. C. S., 24 anos). Um agente da escola foi o segundo mais procurado, com 3,5% e, o um agente da igreja, com 1,7%. Nessa mesma proporção foram citados: - os professores; - “gente de Brasília”. A fala do jovem a seguir ilustra o quadro: *Procuraria a gente lá de cima, os que entende mais disso. Essa gente que tem mais [...], os lá de Brasília num tem mais poder? Assim, acho que eu faria isso* (E. M. B., 26 anos). Ver Tabela 157.

Tabela 157 – Instância para implementar uma ideia/projeto – Vila do Bonifácio

IMPLEMENTAR IDEIA/PROJETO	FREQ	%
Prefeito	5	8,8
Agente social da escola	2	3,5
Agente social da igreja	1	1,7
Professores	1	1,7
Gente de Brasília	1	1,7
Não sabe	2	3,5
Sem informação	45	79,1
TOTAL	57	100

Fonte: Pesquisa de campo (2015)

Na Vila Que Era a maioria dos jovens, 34,8%, procurariam membros do comitê comunitário. O correspondente a 8,8% procurariam um agente social da escola. Nessa mesma proporção, 8,8%, procuraria a comunidade toda para discutir a proposta, ideia ou projeto, assim explica uma jovem: *Eu procuraria a comunidade toda pra ver se eles ajudava e, fazia alguma coisa. Conversava, chamava o coordenador pra fazer um baixo assinado e fazer o que a gente tá precisando pra comunidade* (T. B. S., 19 anos). Os demais, com a menor frequência, 4,3% procurariam: a ministra da eucaristia da igreja católica; o líder e os coordenadores das pastorais; os líderes e os professores; as autoridades; o dirigente da

cerâmica, pessoas da igreja e os professores; a mãe. 8,8% não souberam responder e 13% não prestaram esta informação (Tabela 158).

Tabela 158 – Instância para discutir uma ideia/projeto/proposta -Vila Que Era

DISCUTIR IDEIA/PROJETO/PROPOSTA	FREQ	%
Representantes do comitê comunitário	8	34,8
Agente social da escola	2	8,8
Comunidade	2	8,8
Ministra da eucaristia (Igreja Católica)	1	4,3
Líder e os coordenadores das pastorais	1	4,3
Líderes e professores	1	4,3
Autoridades	1	4,3
Dirigente da cerâmica, pessoas da igreja, professores	1	4,3
Mãe	1	4,3
Não sabe	2	8,8
Sem informação	3	13,0
TOTAL	23	100

Fonte: Pesquisa de campo (2015)

Na sequência foi perguntado quem procurariam para implementar essa ideia, projeto, proposta. Ainda na Vila Que Era a resposta mostra que mais da metade, 52,2%, procurariam os governantes, as autoridades, em especial, o prefeito e os vereadores. Assim afirma o jovem: *Primeiro eu procuraria o prefeito, vereadores, de alguma forma pra eles poderem ajudar a gente, se isso não se realizaria, então fica mais difícil porque se a gente não conta com eles fica mais difícil* (L. M. S., 28 anos).

O correspondente a 8,8% dos jovens procurariam os líderes da comunidade. Já com a menor frequência, 4,3% procurariam: o padre; a RESEX; o povo; o agente social da escola. A parcela de 8,8% não sabe quem procuraria e 13% não prestou essa informação. Ver Tabela 159.

Tabela 159 – Implementar ideia/projeto – Vila Que Era

IMPLEMENTAR IDEIA/PROJETO	FREQ.	%
Governantes: prefeito, vereadores, autoridades	12	52,2
Líderes da comunidade	2	8,8
Padre	1	4,3
RESEX	1	4,3
Povo	1	4,3
Agente social da escola	1	4,3
Não sabe	2	8,8
Sem informação	3	13,0
TOTAL	23	100

Fonte: Pesquisa de campo (2015)

5.5 Participação dos jovens na cogestão da RESEX

Na Vila do Bonifácio nenhum jovem entrevistado na pesquisa participa na cogestão da RESEX, conforme a Tabela 160.

Tabela 160 – Participação dos jovens da Vila do Bonifácio na cogestão da RESEX

PARTICIPAÇÃO NA COGESTÃO	FREQ.	%
Não	57	100
Sim	0	0,0
TOTAL	57	100

Fonte: Pesquisa de campo (2015)

O jovem L. F. L., 28 anos, que já participou como sócio da ASSUREMACATA, assim explica: *A participação dos jovens é fraca, é fraca*. Ele afirma ter participado de reuniões na comunidade sobre a RESEX, conforme relata:

Já participei sim, até que uns dia, uns meses atrás nós tava numa reunião, nós tava discutindo onde poderíamos preservar aqui na comunidade, algumas áreas que estão sendo decapitadas que a gente possa preservar e manter aquela área ali pra quando a gente possa manter e ter algo mais na frente pros nossos filhos e neto.

Uma jovem também disse já ter participado em reunião na comunidade sobre a RESEX: *Fui pra uma reunião eles falaram um bocado de coisa* (M. S. C. M., 24 anos).

Uma vez que não participam, foram perguntados se gostariam de participar. Desses, 21,1% disseram que gostariam de participar, 14% não gostariam e, 35,1% disseram que não sabem. O correspondente a 29,8% não informaram. Ver Tabela 161.

Tabela 161 – Jovens da Vila do Bonifácio participariam na cogestão da RESEX

PARTICIPARIAM NA COGESTÃO	FREQ.	%
Sim	12	21,1
Não	8	14,0
Não sabe	20	35,1
Sem informação	17	29,8
TOTAL	57	100

Fonte: Pesquisa de campo (2015)

As falas a seguir corroboram o desejo de participar da cogestão da RESEX: *É possível sim. É legal o jovem participando das coisas da RESEX. Achava bom mesmo, legal* (E. F. R., 21 anos). Outra jovem também concorda: *Eu acredito que sim, que daqui com o tempo, os jovens vão ter a competência de dirigir esse cargo. Vamos dizer assim, eu acredito que eles tenham, essa geração, eu acredito que eles vão continuar* (V. C. A., 27 anos).

Ressalte-se que a maior parte dos jovens desconhece as instâncias da cogestão da RESEX e que as questões ligadas a RESEX atribuem aos pais. Para um pouco mais da metade

dos jovens da Vila do Bonifácio, 51% os pais participam da RESEX, principalmente das reuniões. Há a participação também de avós, conforme explica o jovem: *Sim, em reunião da RESEX quem vai mais é meus pais, meu avô* (P. N. A. A., 23 anos). Para 14% os pais não participam. Em 5,2% não se aplica a pergunta uma vez que os pais não moram na vila e, 29,8% não responderam. Ver Tabela 162.

Tabela 162 – Participação dos pais na RESEX – Vila do Bonifácio

PARTICIPAÇÃO DOS PAIS NA RESEX	FREQ.	%
Sim	29	51,0
Não	8	14,0
Não se aplica	3	5,2
Sem informação	17	29,8
TOTAL	57	100

Fonte: Pesquisa de campo (2015)

Na Vila Que Era também a participação na cogestão merece duas reflexões. A primeira corrobora a questão básica deste estudo que é a incipiente participação dos jovens na cogestão. De fato, os jovens, em sua maioria, 69,6% responderam que não participam de nenhuma atividade na cogestão. Eles alegam que não são convidados, que não participam porque não estão cadastrados. Um jovem pescador diz não participar, mas se informa com os irmãos que participam sobre as deliberações.

Eles aí que estão cadastrados, [irmãos]. A gente conversa aí eles falo, as vez, a gente já fomo já, mas é eles que estão mais à frente. Eles vão e falo pra nós: - 'olha a proibição do caranguejo, a forma de pescar, não agredir muito a coisa do rio'. Aí eles vão passando pra nós e a gente vai procurando entender um pouco. Aí eles vem de lá e eles fazem isso, negócio de rede, aí tá fazendo muita coisa no rio, as vez, jogar lixo no rio, fazer muitas coisas, assim que nós num deve e, eles passo pra nós e a gente já vai espaçando, pelo que eles falam um pouco. Eles vem e conto pra nós e, a gente já se baseia um pouco pelos que eles tão dizendo (D. R. J., 21 anos).

A segunda diz respeito à participação em grupos de agências locais, a igreja e a escola e, não propriamente, da cogestão. Na igreja os grupos citados foram: a) grupo de jovens; b) grupo de Cursilhistas; c) pastoral da Juventude; d) Pastoral da Criança. Na escola: a) Projeto Arca das Letras; b) Projeto Mais Educação. Apenas 30,4% participam de alguma atividade relacionada com a cogestão, especificamente, a participação nas reuniões dos representantes do comitê comunitário, conforme as falas a seguir: *Sim quando tem reunião eu vou sempre com meu tio [representante no Comitê Comunitário] quando não, tem é reunião do Conselho Deliberativo da RESEX”* (F. J. G., 24 anos); *Sim, já, inclusive eu sou cadastrada na RESEX. É na reunião do povo geral, porque o Comitê, eles fazem a reunião deles e, depois é que eles vão repassar pra gente e, a gente já participa do povo geral. Da Associação eu faço parte, só que agora tá afun [...]. Tá parado né, mas, sou cadastrada* (J. S. R. C., 28 anos); *Sim, sempre*

tinha assim do Conselho, quando eles faziam lá no colégio. Num era em todas que eu ia, mas de vez em quando eu ia - da comunidade, era do Comitê” (J. C. S., 26 anos); Sim, das reuniões do pessoal do Comitê que vem trazer as informações. Sou do Bolsa Verde devido aqui ser uma área extrativista. Participei do projeto Mais Educação [governo federal] (L. S. R., 29 anos); Não, só participo da reunião, porque, as vez, quando tinha o Comitê da RESEX eu participava de reunião, agora no momento ninguém tá participando. Só tá participando quando é caso de que eles chamam pra alguma reunião a gente vai (A. M. F. F., 27 anos). Ver Tabela 163.

Tabela 163 – Participação dos jovens da Vila Que Era na cogestão

PARTICIPAÇÃO NA COGESTÃO	FREQ.	%
Sim	7	30,4
Não	16	69,6
TOTAL	23	100

Fonte: Pesquisa de campo (2015)

A participação de jovens requer ações especiais no âmbito da RESEX. Na Vila Que Era há iniciativas para a formação de lideranças juvenis com ações de formação de jovens e incentivos para participação em encontros mais amplos na RESEX. Segundo o representante Comunitário da Vila essa ação está em curso. Ele afirma:

Aqui dentro da Vila no nosso comitê de organização ninguém se manifestou ainda dos jovens. Mas na coordenação da igreja tem bastante 50% de catequistas, tem grupo de cursilho, tem grupo[...] é só jovem, eles já estão começando a se engajar. Cinco participante de reunião que já saíram pros Jovens Protagonistas eles já participaram de quase todas as palestras, tanto os homens quanto as mulheres. Estamos querendo formar pra depois a gente colocar, pra ter uma noção, tipo um norteamento básico, mas tem, no nosso Comitê de Organização fizemos palestras umas três vezes e convidamos, mas eles acharam que não tava na hora ainda, tipo um pouco de vergonha. Aí estudamos, não a gente vamos engajar eles nos encontros que tem de jovem, essas coisas, a gente vamo colocar eles e depois que eles pegarem a coragem a gente coloca eles no nosso comitê que aí vai substituindo os atuais (J. A., 35 anos).

Chama a atenção na fala do representante comunitário o destaque que ele dá para a presença de jovens em atividades coletivas na igreja e a articulação que faz entre essa presença e a preparação para atuar na gestão da RESEX.

Na RESEX estudada, ainda é incipiente a participação nos espaços formais de gestão do território. Entretanto, observa-se que há potencial de participação social e que os jovens, em proporção não desprezível, atuam em espaços coletivos notadamente nas igrejas. A fala do representante comunitário acima ressalta a compatibilidade a ser explorada, pois essas atuações, de certo modo, preparam os jovens para atuar em outros espaços públicos.

De fato, no Seminário na RESEX de Tracuateua, já citado, a presença dos jovens de Vila Que Era foi destaque tanto nas atividades culturais quanto no trabalho de grupos, conforme comprovam as Figuras 45 e 46.

Figura 45 – Participação de jovens de Vila Que Era em evento acompanhados do representante do comitê



Fonte: Pesquisa de campo (jul. 2016)

Figura 46 – Participação de jovens de Vila Que Era em evento acompanhados do representante do comitê



Fonte: Pesquisa de campo (jul. 2016)

a) Diálogo com os pais e adultos sobre a cogestão da RESEX

Na Vila do Bonifácio o diálogo intrafamiliar sobre a RESEX é baixo, quase inexistente, pois apenas 7% disseram conversar com os pais sobre a RESEX, 10,5% não conversam e 82,5% não responderam esta questão. Ver Tabela 164.

Tabela 164 – Diálogo com os pais sobre a RESEX- Vila do Bonifácio

DIÁLOGO COM OS PAIS SOBRE A RESEX	FREQ.	%
Não	6	10,5
Sim	4	7,0
Sem informação	47	82,5
TOTAL	57	100

Fonte: Pesquisa de campo (2015)

Na Vila Que Era a maior parte, 69,6%, disseram que sim, conversa com os pais e, 30,4% disseram que não conversam. Ver Tabela 165.

Tabela 165 – Diálogo com os pais sobre a RESEX – Vila Que Era

DIÁLOGO COM OS PAIS SOBRE A RESEX	FREQ.	%
Sim	16	69,6
Não	7	30,4
TOTAL	23	100

Fonte: Pesquisa de campo (2015)

Dentre os que disseram sim, o diálogo ocorre também com outros membros da família: marido; tio, irmão, que participam das reuniões ou que são cadastrados na associação. Mesmo

quando não há o diálogo formal, as informações acabam circulando entre os familiares e as pessoas da vila, conforme mostra a fala da jovem: *Eles vão, ficam comentando e eu fico só escutando* (J. S. M., 18 anos). Outra jovem diz que não participa, apenas o marido, com o qual conversa sobre a RESEX: *Converso com meu marido, ele explica o que aconteceu na reunião* (J. C. S., 26 anos).

Um jovem informou que não costuma conversar com os pais, mas conversa com o tio que é um dos líderes da comunidade: *Converso com meu tio que é um dos coordenadores daqui* (F. J. G., 24 anos). Outra jovem também conversa com um dos membros da família, uma vez que não convive com os pais: *Converso com meu marido* (J. S. R. C., 28 anos).

Em síntese, os dados apontam para um engajamento incipiente nos espaços institucionais de gestão da RESEX. Contudo, há participação de jovens em grupos ligados à Igreja Católica, atividades esportivas, atividades culturais e, ademais, em proporção que não se pode negligenciar, preocupam-se com a qualidade de vida do seu lugar e demonstram vontade de atuar nesse sentido. Situações de vulnerabilidade foram identificadas como o abandono escolar em razão da necessidade de trabalhar e/ou por situação de gravidez. A firmeza de muitos quanto ao que desejam para seu futuro indica a importância da promoção de canais de expressão desses desejos e de associá-los com os fortes anseios de melhoria local que eles manifestam. Outras situações de riscos emergiram na fala dos jovens como a preocupação com a vida em comunidade, com os problemas que entravam o desenvolvimento de seu território em aspectos que vão desde a falta de saneamento, falta de equipamentos de infraestrutura até as questões ligadas à cultura. Apresentaram com muita firmeza a preocupação com uma parcela de jovens que se encontra envolvida com uso de álcool, drogas e exploração sexual. Isto expressa o seu modo de pertencimento ao seu lugar, ao seu território.

Os laços familiares em primeiro lugar, seguidos pelos laços com as igrejas e com a vizinhança (comunidade) são as fontes principais de obtenção de informações sobre a cogestão da RESEX. Especialmente, no primeiro caso, das fontes familiares, atenta-se para a importância dessas redes primárias de relações, seja na transmissão dos conhecimentos ambientais, como visto anteriormente, quanto na transmissão e reflexão sobre questões que afetam o território. Este achado levanta a questão: como a gestão formal pode potencializar esses canais informais, esses fluxos informais, para se enraizar na comunidade?

Acredita-se que a resposta pode ser elaborada pela via da formação política de novas lideranças como a que vem ocorrendo, por exemplo, em Vila Que Era, com o estímulo à participação social e, muito recentemente, pelo evento na RESEX de Tracuateua, que reuniu jovens de várias comunidades para discutir temas do interesse do território, que inclui o

fortalecimento da identidade cultural do jovem rural, seu modo de vida, em meio às influências do mundo contemporâneo de modo a construir um quadro de referências da participação na gestão compartilhada da RESEX. Se prevalece o distanciamento até o presente, o campo de possibilidades demonstra-se fértil.

5.6 Socialização e sua relação com a participação

Berger e Luckmann (2004) explicam que a socialização é uma “[...] ampla e consistente introdução de um indivíduo no mundo objetivo de uma sociedade ou de um setor dela” (p. 175). Nesse sentido, a inscrição da criança no mundo dá-se na relação entre o seu ser biológico e social com o ambiente social e cultural no qual foi inserido. Essa noção de socialização reflete a condição essencialmente relacional do ser humano, que desde o seu nascimento biológico e social desenvolve a capacidade de manter relações com outras pessoas, especialmente os que estão mais próximos - a família. Esse processo não é linear nem passivo, ocorre na inter-relação pessoal em vários níveis. É dialético, estruturador e estruturante no qual a criança absorve a realidade ao seu redor com todos os seus conteúdos e formas e reage a elas. A socialização primária é a base sobre a qual as demais socializações serão constituídas, com um peso emocional forte, contudo não imutável. O processo constituidor ocorre na relação com os adultos e com as crianças com as quais ele irá se relacionar (BERGER, LUCKMAN, 2004).

Portanto, é pela socialização que os jovens se aproximam de aspectos vitais da cultura local, embora a socialização, em geral, institua no indivíduo representações universais de uma unidade mais ampla – sociedade moderna ocidental. Para Amanda Coffey socialização “[...] é um conceito que reconhece que identidades sociais, papéis e biografias pessoais são construídos por meio de um processo contínuo de transmissão cultural” (SCOTT, 2010, p. 192-193).

Assim, considera-se a socialização não como um processo instituidor sem ação e agência⁴¹, mas como um processo dinâmico estruturado e estruturante, não determinado unicamente pela estrutura, mas também “[...] em meio a relações, práticas e estruturas sociais” (SCOTT, 2010, p. 14), conforme explica Scott, por meio da perspectiva analítica com ênfase na estruturação discutida por Bourdieu ao propor “[...] uma concepção intermediária e cada vez mais sofisticada dos atores, da ação e da agência” (SCOTT, 2010, p. 14).

Nessa esteira de discussão, aparece em relevo a ação dos jovens mediante três

⁴¹ “Ação e agência são normalmente contrastadas com as estruturas sociais, que são as condições sociais restritivas e/ou permissoras em que ocorre a ação” (SCOTT, 2010, p. 13).

agências sociais: – a família, a igreja e a escola. Como os dados já demonstraram, essas agências têm um peso simbólico e real na socialização dos jovens para a participação em suas comunidades. Neste item, identificam-se os conteúdos presentes nesse processo de socialização.

a) Transmissão de valores familiares segundo os jovens de Vila do Bonifácio

Na Vila do Bonifácio o valor familiar mais frequente apontado pelos jovens foi o respeito com 21,9% das citações, revelando a matriz valorativa da comunidade em estudo, conforme expressa pelo jovem: *Respeitar as pessoas, não resolver as coisas com ignorância, resolver com uma conversa, com calma e ser humilde. Pra mim o segredo de conquistar qualquer outra coisa é ser humilde* (G. M. B., 28 anos). O respeito pelos mais velhos é, nessa comunidade, muito enfatizado, conforme aparece na fala da jovem a seguir:

Eu acho que o primeiro valor foi respeitar os mais velhos. Respeitar de modo geral as pessoas, saber respeitar cada um pelo que é, não pelo que a sociedade influi. Então, eu acho que a minha concepção de criança foi essa - ter educação com os mais velhos, com as pessoas, sexo, religiosidade, raça. Saber acolher todos nessa sociedade que a gente vive que é tão preconceituosa (L. F. M., 20 anos).

Seguindo essa matriz valorativa aparecem em segundo lugar com 21,1% a educação e os estudos, no seu sentido mais amplo, de visão do mundo, de estar no mundo e se relacionar com ele a partir dos valores recebidos nessa primeira socialização, conforme explica o jovem: *Educação - que é o mais importante-, tipo minha mãe passar o que ela aprendeu, o que a mãe dela passou pra ela e está passando pra gente* (E. F. A., 20 anos). Do mesmo modo, se expressa o jovem: *Educação em primeiro lugar, graças a Deus, a minha educação apesar de sermos pobres, mas minha educação, creio que é o meu primórdio, é o meu sustento, é onde eu me seguro e vou levar pra minha vida inteira* (L. S. G., 19 anos). Da mesma forma, a preocupação com os estudos aparece em grande medida como possível indicador de que os pais desejam que os filhos avancem na escolarização, como meio de escapar do determinismo do trabalho “penoso”, conforme expressa a jovem: *Era pra mim estudar, pra mim ser alguém na minha vida* (L. C., 29 anos).

A preocupação com o caráter, ser uma pessoa boa, honesta, digna, praticar o bem também é um valor frequente repassado pelos pais aos filhos, na proporção de 19,5% das citações. A honestidade, valor bastante enfatizado, principalmente no que tange a espaços de terceiro, à “casa dos outros”, a indicação de que “não se deve mexer nas coisas dos outros”, conforme o depoimento da jovem: *Ah, a minha mãe me criou que quando a gente ia pra casa dos outros, pra num mexer nada as coisas deles - negócio de dinheiro, qualquer coisa que*

tivesse-, pra mim num mexer (V. S. S., 24 anos). Esse tipo de recomendação é muito frequente em estudos sobre trabalho doméstico infantil, quando a “menina” é entregue pela família de origem para a família de terceiros nessa relação rural-urbano (LAMARÃO, 2008).

A preocupação para que os filhos não se envolvam com uso de bebidas alcoólicas, fumo e drogas, aparecem entre os valores repassados pelos pais na proporção de 12,5%. A fala a seguir mostra essa situação:

Ele [pai] me ensinou a respeitar as pessoas, a ser um filho obediente. Soube me criar muito bem, me educou muito bem e, hoje, graças a Deus, num tenho vício, num fumo, num bebo e me sinto muito feliz assim. Sou uma pessoa tranquila, sei respeitar as pessoas, desde criancinha até os mais velhos (M. J. M. F., 25 anos).

Quase nessa mesma medida, em 11,7% aparece a preocupação com a qualidade da rede de sociabilidade dos filhos para manter um bom comportamento.

O trabalho aparece com uma proporção baixa, 3,9%. Entretanto, em uma comunidade pequena de pescadores, é um valor relacionado como meio de sobrevivência. A fala do jovem é clara: *Meu pai falou que se eu quisesse alguma coisa tinha que trabalhar do meu suor. Aí eu pensei e fui logo trabalhar e, tô pescando do meu suor, trabalhando graças a Deus* (D. P. S., 19 anos). Nessa mesma proporção aparece a importância de se ter força de vontade, de confiar em si mesmo e de buscar seus sonhos. Um pouco mais abaixo, com 3,1% foi citada a transmissão de bons conselhos pelos pais. Outros valores, menos frequentes, citados na mesma proporção (0,8%) foram: cidadania, sabedoria, humildade. Ver Tabela 166.

Tabela 166 – Transmissão de valores familiares segundo os jovens de Vila do Bonifácio

VALORES FAMILIARES	FREQ.	%
Respeito	28	21,9
Educação e estudos	27	21,1
Caráter, honestidade	25	19,5
Não usar drogas, beber, fumar	16	12,5
Relações de amizades, comportamento	15	11,7
Trabalho	5	3,9
Força de vontade, confiança, sonhos	5	3,9
Bons conselhos	4	3,1
Cidadania	1	0,8
Sabedoria	1	0,8
Humildade	1	0,8
TOTAL	128	100

Fonte: Pesquisa de campo (2015)

Ainda no campo da socialização primária os jovens expressaram qual a principal lição recebida dos pais. As respostas corroboram os valores apresentados no item anterior, cujo tripé é: respeito, educação e estudos.

O respeito aparece na base da matriz dos valores e da lição de vida como herança familiar. Assim eles se referem: *Muito respeito, respeito às pessoas, não interessa a idade, o tamanho, classe social, que a gente tem que respeitar* (N. M., 29 anos). Outro jovem fala: *A lição mais importante é de amar o próximo, de se respeitar, que são os mais importantes que eles me passaram* (L. S. G., 19 anos) e ainda a jovem *Acho que o respeito, educação e amor é a lição que eu vou levar* (V. C. A. , 27 anos).

A fala da jovem, a seguir, expressa claramente o valor da educação que também quer transmitir para suas filhas:

Tem várias coisas que são importantes na vida da gente e que eu tento passar pras minhas filhas - é a educação, porque com a educação a gente conquista muitas coisas. A gente ser educada a gente respeita as pessoas. Faz amizade, conquista coisas novas. Acho que o principal de tudo é ter educação porque num adianta ter tudo, dinheiro, ser isso, ser aquilo e a educação é lá embaixo (A. S. F. S., 26 anos).

São heranças familiares que funcionam como ancoramento dos valores na transmissão geracional. Assim explica a jovem: *Eles me educaram, me educaram bem. Se eles num tivesse me educado, tem muitas pessoas que estão no caminho do crime, das drogas. Eu num tô não, graças a Deus que disso eu num tô não. Eu tô livre e isso daí vou passar pros meus filhos quando crescer* (C. C. M., 29 anos).

O estudo faz parte deste tripé e corrobora o que foi assinalado acima, da importância dos pais investirem nos estudos dos filhos como forma de vencer a pobreza: *Meu pai me diz pra estudar pra eu num passar pela vida que eles passaram, porque antigamente, os pais deles num puderam dar pra eles o estudo, uma vida melhor* (R. A. R., 20 anos). Outra jovem reforça: *Eu recebi dos meus pais o incentivo aos estudos e eu quero que os meus estudem, se formem, sejam na vida. Num quero que eles sejam pescadores porque vida de pescador é muito sofrida, num quero isso pra eles quero que eles estudem pra ser alguém na vida* (M. C. S., 26 anos).

Outras lições de vida dos pais referem-se à importância de buscar atingir seus objetivos como ressalta a jovem: *A maior lição acho que é batalhar na vida pra nós conseguir alguma coisa, então é isso, que a minha mãe sempre me apoia muito no que eu quero fazer pra mim poder fazer alguma coisa na minha vida* (N. R. F. G., 21 anos) e, *Acho que a gente tem que lutar por aquilo que a gente quer sem passar por cima de ninguém* (A. P. A. S., 19 anos).

A superação de problemas e adversidades também faz parte do leque de lições de vida familiar, como mostra o jovem: *A lição da minha família eu acho que é superação, porque*

antes minha mãe morava no interior, num tinha o que comer, passava dois, três dias com fome, e hoje ela tem o que é dela, dinheiro, comida, e o mais essencial que é amor. Isso sempre vai me dar força pra superar os obstáculos (M. C. S., 19 anos).

Nessa linha, a criação dos filhos se reveste desses valores e lições recebidas pela herança familiar. A criação dos pais foi marcada por uma disciplina que impunha regras rígidas a serem seguidas sem questionamento, conforme expressa o jovem: *A minha família é uma família bem tradicional em termos de comportamento de, assim, dos antigos, fui criado daquele modo antigo, então eles repassaram todos os conhecimentos deles pros filhos e netos, então em termos de educação familiar foi boa educação (P. N. A. A., 23 anos).* Havia muitas lacunas no diálogo com os pais, como aponta a jovem: [...] *antigamente os pais não chamavam os filhos pra conversar. Eles num falavam, a minha mãe num chamava pra explicar. Acho que ela tinha vergonha de falar e eu tinha vergonha de perguntar pra ela (M. L., 29 anos).* Contudo, havia a presença constante, a figura de referência. A fala seguinte mostra esse aspecto da criação dos filhos:

Minha mãe me ensinou muito a educação, aprender várias coisas. O que eu passo pro meus filhos hoje é isso, poder estudar pra ser alguém na vida, pra ter educação porque hoje em dia a gente vê tantas coisa. Mãe que dá ensinamento aos filhos e hoje em dia não querem aprender, não querem ter os ensinamentos do pai e da mãe. Existem muitos filhos rebeldes, que no meu tempo - eu tenho 27 anos - e até hoje respeito muito bem meu pai, minha mãe. Assim, eu tenho o apoio dela, eu sei respeitar ela muito bem e é isso que eu estou passando pros meus filhos - um bom entendimento, que eles possam me respeitar, que eles possam crescer sabendo alguma coisa da vida. Eu na minha opinião que ela me ensinou vários valores na minha vida, de amar pai, mãe, a família, é isso que eu prezo, ensinando pros meus filhos e se Deus quiser eles vão crescer e vão levar pra geração deles (V. C. A., 27 anos).

Essa forma de criação remete à transmissão de conhecimentos tradicionais pela família em primeiro lugar, via oralidade, na teia de informações produzidas pelas gerações anteriores dessa comunidade. A importância de aprender com os mais velhos da comunidade recebeu a aquiescência de todos os entrevistados, ressaltando aspectos tanto no sentido moral quanto no sentido do conhecimento prático, especialmente o da pesca. No sentido moral, os jovens expressam: *Aprendi muito com a minha avó, antes dela adoecer ela falava muito da geração passada, tudo que a minha mãe aprendeu, aprendeu com ela, eles tem mais experiência (V. C. A., 27 anos),* como também a fala da jovem: *Porque antigamente, os mais velhos tinham mais conselhos pra dar pros mais jovens. O que eles aprenderam podem passar para os mais jovens (E. M. B., 26 anos).* Assim, o conhecimento dos mais velhos soa como uma bússola para os mais jovens conforme mostra o jovem: *Até porque a nossa juventude de hoje trata*

tudo na brincadeira, num quer levar nada a sério. Mas se a gente aprender com os mais velhos, a saber lidar com certas ocasiões e certos acontecimentos da nossa vida a gente pode levar pra vida toda, isso é um grande aprendizado que a gente tem (L. S. G., 19 anos).

No sentido do conhecimento prático, a experiência dos mais velhos é notadamente reconhecida pelos jovens: *São mais velhos, vão ensinado os menor* (E. F. R., 21 anos). Outra jovem diz: *Uma coisa muito boa é a pessoa aprender com os mais velhos, que eles sabem muitas coisas e podem indicar coisas que a pessoa quer aprender* (L. C., 29 anos). *Os mais idosos são mais experientes, têm muito o que passar pra gente* (M. C. S., 24 anos).

b) Transmissão de valores familiares segundo os jovens de Vila Que Era

Na Vila Que Era a educação e o estudo foram os ensinamentos mais citados, na proporção de 34,4%. A jovem a seguir mostra como esse ensinamento repercute em sua vida:

Ah, eu acho que muitos [valores e ensinamentos], principalmente educação. Minha mãe ensinou muito, saber entrar e saber sair de algum lugar, pelo menos isso eu tiro de letra. Eu sou muito comunicativa, todo mundo fala. Eu agradeço muito isso à minha mãe [...] Sem dúvida a educação que ela deu pra gente - não deixava tá na casa de vizinho (L. M. S., 28 anos)

O incentivo aos estudos aparece como meio de obter uma condição de vida melhor daquela que os pais vivem, assim se expressa a jovem: *Meus pais trabalhavam na roça e sempre eles falavo: - 'estuda, porque hoje em dia, pra ti conseguir alguma coisa tu tens que estudar'. E eu tive essa chance de estudar Pedagogia* (L. S. R., 29 anos).

A formação para a instituição de um “bom comportamento”, sem envolvimento com drogas, bebidas aparece em segundo lugar com 18,8%. A transmissão de bons conselhos indicando a importância de distinguir o certo e o errado representam 12,6% na escala de valores recebidos das famílias dos jovens de Vila Que Era.

Na proporção de 6,2%, igualmente, aparecem: - Responsabilidade;- Respeito; - Trabalho; - Solidariedade; Realização do sonho, seguir em frente na vida e, a honestidade. (Tabela 167). Esse leque de ensinamentos e valores constitui a base valorativa dos jovens que orientam sua conduta no cotidiano, assim se expressa o jovem:

Se eu não tivesse essa estrutura familiar talvez, eu não estaria nesse caminho que eu estou, porque minha mãe me incentivou muito. Minha mãe, meus avós e a estrutura familiar é mais importante tanto é que é o eixo mais importante da vida do ser humano porque é ali que constrói a base para prosseguir na sua carreira, na sua vida (J. F. C., 23 anos).

Tabela 167 – Transmissão de valores familiares segundo os jovens de Vila Que Era

VALORES FAMILIARES	FREQ.	%
Educação e estudo	11	34,4
Bom comportamento, não usar drogas, não beber	6	18,8
Bons conselhos	4	12,6
Responsabilidade	2	6,2
Respeito	2	6,2
Trabalho	2	6,2
Solidariedade	2	6,2
Realização do sonho, seguir a vida	2	6,2
Honestidade	1	3,2
TOTAL	32	100

Fonte: Pesquisa de campo (2015)

Ainda sobre as bases de socialização os jovens de Vila Que Era se manifestaram sobre as principais lições aprendidas na família. Ter educação e estudo foi a principal lição, com 37,2% das citações. Uma educação que inclui o bom trato com as pessoas, como agir e como se comporta, também os estudos como forma de chegar ao trabalho. A fala seguinte é esclarecedora nesse sentido: *Educação, que a gente pode ser uns filhos de valor pra eles, ter um bom trabalho, dar uma vida melhor pra eles* (F. J. G., 19 anos).

O trabalho foi a segunda lição citada com 22,8%. Inclui desde o aprendizado de um trabalho na roça, de uma profissão, até o investimento para conseguir um meio de sobrevivência, um trabalho que garanta o sustento para si e para os pais. As falas dos jovens mostram essa lição: *Lição? Foi como nós poder trabalhar* (A. M. F. F., 27 anos); *Me deram conselho pra mim estudar, procurar um trabalho* (P. J. S. S., 23 anos); *Uma lição foi que a minha mãe me disse que é pra gente estudar e conseguir um trabalho e num consegui até agora, continuo na pesca* (D. R. J., 21 anos).

É possível identificar uma relação simétrica dos estudos com o trabalho, uma vez que o primeiro é condição preponderante para conseguir uma profissão e/ou uma colocação exitosa no mercado de trabalho.

A família ocupa o terceiro lugar, com 17,2% e envolve desde a união entre os membros familiares, a solidariedade, o apoio mútuo e a retribuição dos filhos aos pais e avós. Assim os jovens se expressam: *Acho que [pausa] é porque eu sou muito apegada à minha família. A gente nunca fomo uma família desunida. A família é grande, muito grande. Toda vez que a gente tenta viver longe não consegue, é a união* (A. C. A., 29 anos). *Ajudar meus pais, meu avô também, toda a minha família* (A. C. S., 19 anos).

A resiliência, a valorização de si mesmo, a esperança no futuro também foram lições aprendidas com a família, com 11,4%. O relato do jovem J. F. C., 23 anos, mostra esse ensinamento pelo exemplo da mãe:

Olha, a principal lição que a minha mãe passou é de ter me criado sozinha sem o meu pai porque no momento que ela morou em Belém, um tempo ele engravidou ela. Ele não quis nem saber, caiu fora. Então ela teve a atitude de: - Não, vou segurar essa barra e vou seguir e vou ser forte e sustentar. Tanto é que até hoje ela não depende de homem não. Trabalha pra sustentar. A maior lição foi isso.

O respeito pelas pessoas, a solidariedade e a generosidade foram lições aprendidas na família citados na proporção de 8,6%. E, com 2,9%, a lição de frequentar a igreja. Ver Tabela 168.

Tabela 168 – Lições aprendidas na família pelos jovens de Vila Que Era

LIÇÕES APRENDIDAS NA FAMÍLIA	FREQ.	%
Educação e estudo	13	37,2
Trabalho	8	22,8
Família	6	17,1
Resiliência, valor, futuro	4	11,4
Respeito	3	8,6
Frequentar a igreja	1	2,9
TOTAL	35	100

Fonte: Pesquisa de campo (2015)

Em resumo, valores transmitidos e o modo de criação dos filhos em Vila Que Era refletem o tipo de socialização dos jovens. No geral, parece ter havido dois tipos de criação: uma mais tradicional, severa, sem diálogo e com imposições de comportamentos, mais próxima à configuração da família tradicional nuclear. Outra mais aberta ao diálogo, sem uso de castigos físicos, com uma aproximação à família mononuclear feminina seja pelo abandono paterno ou por morte do cônjuge, seja pelas ausências sucessivas e prolongadas do pai envolvido na atividade da pesca em alto mar.

No primeiro caso, a criação dos pais recaía em dogmas morais e religiosos responsáveis pela instituição de condutas reconhecidas pela comunidade na qual vivem. Em geral, o diálogo era suprimido pelo exemplo austero dos pais. A autoridade paterna e materna eram ancoradas inclusive em fenômenos da natureza, muito especialmente em comunidades nas quais não se dispunha de equipamentos sociais, como energia elétrica, meios de comunicação, transporte. As crianças eram levadas a acreditar nos fenômenos da natureza como parte dos ensinamentos morais, como explica o jovem: *Eles diziam assim, quando chovia e tinha relâmpago não se podia sair. Diziam que estava trovejando por causa de alguma coisa que a gente fez* (A. C. A., 29 anos).

A vida, portanto, em uma comunidade pequena e coesa e, em alguns casos, em sítios, sem vizinhos por perto, recaía sobre a família como principal influência sobre a criança,

especialmente por não haver o contato com outras agências como a escola, a igreja, a vizinhança. Os pais e os mais velhos da família eram a referência primordial para aquela criança. Sem opções de alteridade a criança tendia a acreditar nas palavras dos pais e no que era instituído via estruturação (BERGER; LUCKMANN, 2004). Era o “tempo da lamparina”, conforme afirma o jovem: *No meu tempo a gente num morava aqui, era prum sítio mais pra dentro, num tinha energia, era lamparina, dormia cedo, a gente obedecia* (A. M. F. F., 27 anos). A obediência aos pais e aos mais velhos era valor instituído de forma consolidada na criança, de forma unilateral, possivelmente com escassas possibilidades de transgressão a essas normas, pois eram afirmadas e reafirmadas (MACIEL, 2006) por toda a comunidade, tal como relata a jovem: *Num era pra gente chamar ‘nome’, que num prestava. Era pra gente respeitar os mais velhos. Tudo que os outros falavam pra gente, num era pra gente responder, era pra gente respeitar* (L. F. R., 24 anos).

A utilização de castigos físicos era comum entre os pais, e, ainda é visto pelos jovens como fenômeno necessário a uma “boa” criação, a jovem diz: *A criação deles eram boa, [risos] eles só, às vezes, batiam, só quando a gente merecia, mas tirando disso eram, eram não, são uns ótimos pai até hoje* (J. C. S., 26 anos).

Outro aspecto na criação dos filhos apontado pelos jovens é a ausência de diálogo, de explicação sobre acontecimentos e fenômenos considerados tabus pelos pais, como a sexualidade, por exemplo.

No segundo caso, a ausência do pai, por morte, abandono ou trabalho ressalta a figura protagônica da mãe na educação dos filhos, como é mostrado na fala do jovem filho de pescador: *A criação, ele [pai] saía pra maré e ficava dias e ela [mãe] ficava aqui sozinha com a gente. Ela conversava no dia a dia, ela sempre conseguiu assim dá um bom comportamento pra gente né, ajudando a gente, era assim* (R. T. C., 20 anos).

A criação do jovem J. F. C., 23 anos mostra a relação de diálogo com a mãe. No seu caso a mãe assumiu os dois filhos sozinha. Trabalhava fora e conseguia manter uma relação saudável com os filhos sem imposição de castigos físicos. Ele diz: *Minha mãe me deu uma educação muito boa, tranquila. Uma excelente mãe, uma excelente pessoa que sempre me educou da melhor forma possível. Com diálogo, não na base da pancada, assim, só no diálogo. Tanto é que eu e o meu irmão, na minha opinião, somos filhos bons.*

5.7 Redes de sociabilidade dos jovens da RESEX

Sociabilidade entendida a partir de Simmel (1983) como a forma lúdica de sociação, de se relacionar, ou seja, quando os indivíduos interagem sem um objetivo previamente estabelecido, guiados pela espontaneidade, pelo prazer de estar em interação com o outro. Assim, considera-se sociabilidade entre os jovens como as relações criadas e mantidas por eles em seus grupos coetâneos em torno da casa, da vizinhança e entre parentes.

Como categoria sociológica, a sociabilidade foi estudada por Georg Simmel (1983) e se refere às capacidades de interação social dos indivíduos, suas múltiplas formas de viver em grupos, em associações. O ser humano constrói e mantém relações sociais constantemente, que se materializam em atitudes ao se expressarem na vida prática. A vida social é assim vista como uma rede formada de múltiplas relações, uma teia formada com os fios tecidos na capacidade dos indivíduos de buscar interações com outras pessoas e em grupos. Segundo Cetrulo (1999), a partir de Simmel a sociabilidade é “[...] o sentimento de estar se relacionando com outras pessoas e estar tendo prazer com esse relacionamento. Deve ser um sentimento de satisfação, de prazer, por estar integrado a um grupo com o objetivo exclusivo de gozar a relação com outras pessoas” (CETRULO, 1999, p. 17).

Simmel apresenta uma forma essencial de sociabilidade a que ele denomina de socialidade, que é a pura expressão da sociabilidade, livre de interesses, quando o indivíduo se entrega ao puro prazer anulando, nesse momento, as diferenças entre ambos. Isso significa que a sociabilidade se exprime mais intensamente em relações de igualdade, isto é, “[...] a desigualdade pode ser um fator impeditivo para que esta surja [...] Para que exista sociabilidade as diferenças devem ser colocadas de lado. À medida em que essas diferenças são muito profundas entre os indivíduos a possibilidade de existir sociabilidade entre eles será menor” (CETRULO, 1999, p. 17)

A sociabilidade então, nesse sentido, tende a ocorrer com mais intensidade em relações ditas primárias, como a família, o grupo de vizinhança, os coetâneos, a escola, a comunidade o que não significa que não possa ocorrer também “[...] em espaços sociais constituídos de relações impessoais como as instituições, desde que haja disposição para a neutralização das diferenças, de modo que a interação possa se realizar” (LAMARÃO; AMARAL, 2007, p. 26).

Ao ser relacionada com a análise dos processos de relações sociais interativos, a sociabilidade pode ser um atributo estimulado e dinamizado tanto na sua abrangência – uma rede de relações – quanto na sua qualidade – relações caracterizadas por vínculos. Na

perspectiva sociológica esse processo não é um atributo natural, é construído socialmente na relação com a cultura, os valores, as crenças e as configurações sociais, políticas e econômicas de cada campo social em que o ser social vai se construindo.

Na atualidade, na medida em que o mundo homogeneiza certos padrões de comportamento baseados na disseminação de ícones do mundo da comunicação e entretenimento, o tradicional e o novo se mesclam deixando fronteiras muito sutis entre si (SEGOVIA, 2009).

A partir da introdução das tecnologias de informação e comunicação o mundo ocidental passou por mudanças aceleradas que inaugura um período de relações sociais cada vez mais viabilizadas por meio digitais.

Nesse mesmo sentido de combinação entre tradição e inovação, também a chamada “tecnossociabilidade” (para usar um termo de Manuel Castells) convive com agências clássicas de socialização (tais como família, escola e igrejas). Ao constatar a importância do uso das novas tecnologias de comunicação (TICS) entre os jovens, é preciso levar em conta tanto as especificidades de cada país, quanto seus efeitos mais gerais sobre representações, práticas e possibilidades dos jovens de hoje (SEGOVIA, 2009, p. 15).

A socialização e a sociabilidade estão por assim dizer afetadas radicalmente nesta fase em que a tecnologia domina as populações de todas as classes sociais e de todas as idades. O desafio é desvendar quais as características de uma dada sociabilidade.

Para D’Incao (1992) a sociabilidade ocorre de forma ampla e restrita. O espaço público é o *locus* por excelência da sociabilidade ampla. A autora destaca a natureza da sociabilidade exercida nesse espaço público, da rua como local de interação entre irmãos, sobrinhos, primos, vizinhos, de encontro de grupos primários. A rua, incorporada aos espaços comuns, não é tomada como local de perigo, mas como ampliação de espaços protetivos, no qual todos conhecem todos, um toma conta do outro e onde existe alto grau de confiabilidade. Não há segregação de grupos nesse ambiente de sociabilidade.

a) Sociabilidade dos jovens de Vila do Bonifácio

Na Vila do Bonifácio ainda prevalece o tipo de sociabilidade ampla (D’INCAO, 1992), 71,1% utilizam o espaço público como forma de lazer e interação, jogando bola que envolve não somente os jogadores, mas também as torcidas. Para um jovem pescador, o jogo de bola é sua forma de relaxar depois de um dia de pesca no mar. Ele diz: *Quando as pessoas chegam da pesca a gente joga bola* (W. V. P. S., 23 anos). Nessa sociabilidade ampla incluem-se os passeios com amigos ou com as famílias para a praça ou para as praias, de mar

ou de rio, as brincadeiras de empinar pipas e de petecas (bola de gude) assim como a frequência à igreja. As festas de aparelhagem são momentos que reúnem os jovens para a diversão, principalmente aos finais de semana.

De modo inverso a sociabilidade restrita aparece com menor frequência, 28,9% limitando-se ao espaço da casa seja ajudando os pais em tarefas domésticas ou cuidando e brincando com os filhos. Em casa, o jovem dorme, lê, estuda, escuta hinos religiosos, cultivando um momento de privacidade e desfrute das horas livres, como bem descrito nas palavras do jovem: *Eu gosto de deitar na rede aqui na frente da casa e dormir com esse vento* (R. A. R., 20 anos).

Ainda no âmbito do privado, aparece o lazer associado ao equipamento eletrônico: celular, internet, jogos eletrônicos e TV. Para D’Incao (1992, p. 4) nesse tipo de lazer “[...]a interação humana pode ser dispensável”. Ainda para essa autora,

A televisão não só ocupa as pessoas em casa, empobrecendo as cidades à noite de outras formas de reunião e diversão, como também acaba com as reuniões e visitas domésticas. E é provavelmente o mais forte interlocutor doméstico, inovando assuntos e modos de ser de uma maneira inusitada para a nossa sociedade e estabelecendo, dentro da família, a solidão e um diálogo reduzido, um monólogo melhor dizendo. Trata-se, quase, de um tipo novo de interação, onde os objetos falantes são mesmo seres, agentes sociais.

Sobre a sociabilidade restrita, vale um destaque para o espaço privado, como uma construção livre, se moldando na estrutura arquitetônica da casa a estrutura das relações – espaços amplos para a convivência, a varanda na frentes da casa, o lugar para atar a rede. Pensa-se que, a padronização que vem com a concessão das casas do programa de moradia, pode desconstruir essa espontaneidade da arquitetura das casas (Tabela 169).

Contudo, mesmo nas casas do Programa do Crédito Moradia - INCRA, é comum os cômodos comunicarem-se entre si. As “portas” são de tecidos, em forma de cortinado, o que ainda demarca espaços mais livres e poucos privados no ambiente doméstico. Para D’Incao (1992, p. 2):

[...] nesse processo [do *ethos* valorizador da mudança e do progresso permeando a sociedade brasileira] ocorre a descaracterização das cidades como fenômenos históricos e a construção de cidades semelhantes entre si, porque a engenharia é sempre a do momento. Destroem-se assim a memória social e histórica e as raízes humanas de gerações sucessivas.

Tabela 169 – Sociabilidade dos jovens na Vila do Bonifácio

	HORAS VAGAS	FREQ.	%
Espaço público (71,1%)	Jogar bola: futebol, vôlei	26	26,8
	Passear: amigos, família	15	15,4
	Passear na praça	9	9,3
	Tomar banho de praia, rio	9	9,3
	Brincar: pipa, peteca	4	4,1
	Ir à festa de aparelhagem	4	4,1
	Ir à igreja	2	2,1
Espaço privado (28,9%)	Usar celular, internet, jogos eletrônicos, TV	11	11,3
	Ficar em casa	6	6,2
	Dormir, estudar, ler, escutar hinos religiosos	6	6,2
	Ajudar os pais em casa, cuidar de filhos	5	5,2
TOTAL		97	100

Fonte: Pesquisa de campo (2015)

Nos finais de semana as opções de lazer e sociabilidade são semelhantes as indicadas acima, com ênfase à festa de aparelhagem, passeio na praça e banho de praia.

Ainda sobre sociabilidade e a caracterização das redes de relações sociais dos jovens, apurou-se que 95,5% dos jovens têm amigos com os quais se reúnem com frequência. Apenas 3,5% disseram não ter amigos, um porque não gosta de “camaradagem”, contudo esse jovem participa de jogos de futebol, de outras atividades de lazer na comunidade, o outro disse que é muito caseiro. É possível que a ideia de “ter amigo” envolva subjetivamente relações de confiança, de lealdade e, neste caso, eles possam racionalizar que não têm pessoas na sua rede social com essas características, o que não o impede de se relacionar na comunidade. Ele diz: *Amigo, amigo mesmo eu num tenho não. Gosto de sair só eu mesmo, num gosto de camaradagem* (R. M. S., 25 anos). Ver Tabela 170.

Tabela 170 – Rede de amigos Vila do Bonifácio

TEM AMIGOS	FREQ.	%
Sim	55	96,5
Não	2	3,5
TOTAL	57	100

Fonte: Pesquisa de campo (2015)

b) Sociabilidade entre os jovens de Vila Que Era

Na Vila Que Era, tanto quanto na Vila do Bonifácio, prevalece a sociabilidade ampla, exercitada nos espaços públicos: a rua, os quintais, o campo de futebol, a praça, com 63,6%, proporção um pouco menor do que na Vila do Bonifácio. Destaca-se o jogo com bola nas modalidades: futebol, basquete, vôlei e queimada. O jovem a seguir assim se manifesta: *O lazer que a gente tem é o futebol, às vez, vamo no final de semana, porque no meio da semana*

a gente trabalha e não tem como sair (A. M. F. F., 27 anos). O jovem G. A., 20 anos complementa:

Está até melhor porque, hoje em dia, a gente pratica bem é o futebol. De primeiro a gente não tinha material adequado, hoje a gente já temos, graças a Deus. E o nosso igarapé, nessa ponte está precária, mas ainda serve pra gente pular de lá. Melhorou um pouco sobre a diversão muito, muito mesmo.

Ainda nessa sociabilidade para além do espaço doméstico encontram-se o banho de igarapé uma vez que a Vila fica às margens do rio Caeté e muito propício para a diversão na água. Outras modalidades de lazer são também praticadas em grupo: jogo de taco, baralho, peteca, empinar pipa.

No âmbito da sociabilidade restrita, praticada no âmbito privado da casa, a proporção é menor, 36,4%. São os jovens que aproveitam as horas livres para dormir, descansar na rede embaixo das árvores, realizar alguma atividade doméstica ou brincar com os filhos. Na relação com equipamentos eletrônicos, assistem TV e brincam com jogos eletrônicos. Aproveitam também para estudar (Tabela 171).

Tabela 171 – Sociabilidade dos jovens de Vila Que Era

	HORAS LIVRES	FREQ.	%
Espaço público (63,6%)	Jogar bola: futebol, basquete, queimada	12	27,3
	Tomar banho no igarapé	6	13,7
	Jogar taco, baralho, peteca, pipa, dominó	4	9,1
	Passear na praça	2	4,5
	Visitar parentes	2	4,5
	Ir à festa	1	2,3
	Ir à igreja	1	2,3
Espaço privado (36,4%)	Dormir, descansar na rede embaixo das árvores	5	11,4
	Ajudar em casa, brincar com filhos	4	9,1
	Assistir TV	4	9,1
	Estudo	2	4,5
	Jogar video game	1	2,3
	TOTAL	44	100

Fonte: Pesquisa de campo (2015)

Ainda no âmbito da sociabilidade, os jovens de Vila Que Era têm uma ampla rede de amigos, 95,6% disseram ter amigos. Apenas 4,4% disseram não ter amigos. É uma jovem de outra cidade casada com um morador da Vila, assim ela explica: *Não, daqui eu num conheço quase ninguém, a única pessoa ainda que eu converso é com a minha sogra, os pessoal dali, os meus cunhados* (E. S. S, 24 anos). Ver Tabela 172.

Tabela 172 – Rede de sociabilidade dos jovens de Vila Que Era

AMIGOS	FREQ.	%
Sim	22	95,6
Não	1	4,4
TOTAL	23	100

Fonte: Pesquisa de campo (2015)

Em síntese, nas duas vilas os jovens cultivam uma extensa rede de sociabilidade, particularmente em torno de atividades lúdicas como a prática de esporte, futebol, voleibol, queimada, taco e basquete. Na Vila do Bonifácio, um dos jovens é treinador voluntário do time local.

O banho de igarapé, principalmente na Vila Que Era é também parte importante dos momentos de interação e sociabilidade entre os jovens. Na Vila do Bonifácio, comunidade praiana, o banho de mar, tido por uma parcela dos jovens como não atrativo, de vez que já trabalham no mar e, por isso, no momento da sociabilidade, preferem outras atividades.

As festas de aparelhagem, mais frequentes na Vila do Bonifácio, são momentos de interação também com pessoas de outros locais, principalmente nos feriados e férias. Um morador que possui uma pequena venda na própria casa, em frente à praça, disse que durante as férias, as festas *viram a noite*, e os jovens participam ativamente, quando ocorre uso de bebidas alcoólicas e drogas, segundo ele.

Durante o dia, a praça é o passeio preferido das mães para levar os filhos, seja para um lanche, seja encontrar com amigos. Levando em conta a forte relação de parentesco entre os moradores, é comum as jovens casadas considerarem como diversão a visita à casa da mãe. Os jovens também expressaram essa prática, neste caso, na casa da avó.

Para os jovens cuja família atua no ramo da pesca, pode-se apontar que existe uma socialização para esse trabalho, ao mesmo tempo, em que se confronta com o desejo dos pais de que os filhos não tenham que seguir a pesca, com todos os riscos que a acompanham.

5.8 Sustentabilidade do território como RESEX

a) Mudanças após institucionalização em RESEX

No que concerne à percepção de mudanças após a institucionalização da RESEX, na Vila do Bonifácio, 29,9% afirmam que houve mudanças e 10,5% que não houve. O correspondente a 59,6% não forneceram essa informação. Os jovens, na sua maioria, desconhecem o tema RESEX (Tabela 173).

Tabela 173 - Mudanças após Institucionalização em RESEX segundo os jovens da Vila do Bonifácio

MUDANÇAS APÓS RESEX	FREQ.	%
Sim	17	29,9
Não	6	10,5
Sem informação	34	59,6
TOTAL	57	100

Fonte: Pesquisa de campo (2015)

Para a parcela que afirmou ter havido mudança com a RESEX, destaca-se a concessão das casas pelo INCRA. Foi a mudança mais citada. Mesmo com críticas, foi considerada um avanço para a comunidade, conforme os depoimentos: *Mudou muita coisa. O povoado daqui mesmo era muitas casinhas de palha antigamente, agora já é alvenaria, muitas coisas mudaram aqui na praia pra gente, muita coisa mesmo. Negócio de pesca que nós recebemos só foi a geladeira e o fogão que acabou, e essa casa* (E. F. R., 21 anos). Outro jovem afirma: *Teve, do INCRA, teve mudança sim, tipo pessoas que num tinham condições de ter uma casa e agora já tenha* (E. F. A., 20 anos). Ainda sobre as casas a jovem reforça: *Eu acho, melhorou porque depois que teve a RESEX eles deram casa pra muita gente que num tinha* (Z. Q. C., 22 anos). Mesmo reconhecendo limitações, o jovem destaca a concessão do benefício da casa. Ele diz: *No começo até melhorou, mas depois eles abandonaram, num veio mais esse projeto de casa mais, de nada* (M. D. S. B., 23 anos).

Além das casas, houve referência ao fortalecimento das atividades de pesca, com a concessão de apetrechos e utensílios, conforme explica o jovem:

Houve um pouco sim, porque graças a Deus, depois que houve essa RESEX muitos pescadores que num tinham, hoje tem. Num tinham sua canoinha própria, num tinha rede de pescar, até mesmo motor de rabeta e veio ter. Depois que entrou esse programa da RESEX ajudou muito, muitas famílias num tinham suas casas próprias e hoje tem graças a RESEX (L. F. L., 28 anos).

A concessão do benefício das casas e dos apetrechos da pesca não ocorreu sem conflitos. Em se tratando de um bem público, regras institucionais foram instituídas e nem todos os moradores/usuários tiveram condições de cumprir com a burocracia necessária. A jovem a seguir reflete sobre isso: *Muitos não receberam acho que por causa da documentação [...] porque depois que a RESEX entrou, muitos como eu ganhemo uma casa, geladeira, várias coisas. Então, se não fosse o INCRA, a RESEX muitas famílias estavam do mesmo jeito* (V. S. B., 26 anos).

A questão ambiental também foi lembrada: *Eu acho que é bom ser RESEX porque vem muita gente de fora pegar terreno pra fazer outras coisas. Eu acho bom porque a RESEX*

quando vê isso, dá em cima deles, aqui não pode por isso, isso, isso (V. S. B., 26 anos). Outra jovem fala sobre a proteção da área:

Eu acho que sim, porque antes de num ser reserva chegava gente de fora, marcava terreno, fazia casa da noite pro dia e já como é reserva deixar espaços pra pessoas que precisam fazer a sua casa. Tipo quando a gente veio da praia este terreno num era nosso, mas a gente fez, muita gente falou, mas a gente fez, num pode marcar terreno (M. C. S., 19 anos).

A jovem a seguir reflete sobre mudanças mais gerais:

Sim, eu acho que teve, teve sim porque antes como era só uma vila, uma comunidade, era pequena, num tinha desenvolvimento [...] Outras pessoas num tinham conhecimento, hoje em dia tem, já tem essa participação do INCRA, do ICMBio que já tem uma participação grande por aqui dentro da comunidade. Com essa reserva extrativista eu acho que agora conhecimento foi desenvolvido melhor (V. C. A., 27 anos).

Os que não identificam mudanças, criticam a concessão dos benefícios e da cogestão.

Assim se exprime um jovem:

Eu acho assim que num melhorou, continua a mesma coisa. E isso também eles só dão por cara, eles escolhem. Olha, quando veio essas casas do INCRA veio muita. Eles lá pegaram dinheiro das pessoas - uma prima minha aqui ó, a casa dela num tinha vindo, mas eles puxaram de outra pessoa e deram pra ela porque ela molhou a mão deles. Outro meu tio dali também, eles tiram dos que mais tem necessidades e pegam dos outros (M. J., 28 anos).

Na Vila Que Era para 78,3% houve mudança depois que a comunidade passou para RESEX. Essas mudanças referem-se principalmente à concessão do benefício das casas. Nesse sentido, vale lembrar a forte identificação do INCRA como RESEX. Assim, a moradia se apresenta como a principal mudança, como demonstram os depoimentos a seguir: *Percebi por causa daquele negócio de casa do INCRA, que veio muita casa pra comunidade e o povo se juntavam pra fazer o sorteio, conversar sobre as famílias e que não tinham casa (A. C. A., 29 anos); Mudou muitas coisas que eles fizeram da RESEX, as casas do INCRA. Na segunda remessa deram geladeira, redes, canoa, motor tudo eles deram (M. A. F., 23 anos).*

Outras mudanças são percebidas, além da concessão das casas, em questões de ordenamento da pesca, como o seguro defeso e a proteção dos peixes: *Houve, muitas mudanças, como é, o defeso do caranguejo, inclusive a gente nem sabia e agora a gente já sabe, a gente já respeita, tudo, a desova dos peixes, tudo agora a gente já tá mais informado que a gente num sabia (J. S. R. C., 28 anos).* Um pescador assim se expressa:

Mudou, principalmente do coisa da maré. Porque muitas vez a gente acoitava as rede, era isso e aquilo e quando chegou o coisa da RESEX, do coisa do INCRA, aí eles começaram vir aí e parou mais esse negócio de acoitamento de rede. E já fomos pra defeso do caranguejo, já fomos se

guiando por isso, já seguindo essa regras novas deles, que a gente num precisa também exagerar. Muitas das vez a gente tem hoje aí, já pro futuro, a gente num pode ter mais o que tinha no rio, o que tinha no mangue. Aí pra frente, aí já fomo seguindo as regra deles já (D. R. J., 21 anos).

Outro jovem complementa:

Eu percebi mudança sim além do defeso do caranguejo, que antes quando tava no defeso o pessoal pegava muitos e, depois que teve essa lei, que não pode pegar o caranguejo no defeso que é quando ele tá andando. Mudou também os problemas do governo que está relacionado com a RESEX, a Bolsa Verde, que não tinha, agora tem, então mudou a vida de muitas pessoas pelo menos aqui na comunidade (J. F. C., 23 anos).

A jovem também expressa a sua percepção sobre as mudanças com a RESEX:

Mudou, porque antes eles derrubavam muita árvore, depois que coisou eles pararam. Agora eles só derrubam se eles tiverem tudo de acordo, se não, ninguém derruba mais [...] Estamos na Semana Santa, tem pra mais de trinta barcos lá. Que antes era só aquelas canoinha, agora não. Eu acho que da pesca, tinha muitas pessoas que pescavam e tinham uma canoa, era gitinha e não dava pra ir tantas pessoas e, no decorrer disso, eles mandaram fazer barcos pra eles e agora, tem bastante (J. A., 18 anos).

Para 8,7% não houve nenhuma mudança. O correspondente a 4,3% não soube dizer se houve ou não mudança e, 8,7% não responderam a esta pergunta. Ver Tabela 174.

Tabela 174 – Mudanças após institucionalização em RESEX – Vila Que Era

MUDANÇA COM A RESEX	FREQ.	%
Sim	18	78,3
Não	2	8,7
Não sabe	1	4,3
Sem informação	2	8,7
TOTAL	23	100

Fonte: Pesquisa de campo (2015)

Em suma, nas duas vilas, embora a ênfase tenha sido nos benefícios materiais, sobretudo as casas, há também referência a mudanças no plano do uso dos recursos naturais.

b) Continuidade das atividades extrativistas pelos jovens

Na Vila do Bonifácio a frase de um jovem resume a questão da continuidade da pesca. Ele diz: *Se não estudar vai ser pescador* (M. C. S., 19 anos). Soa menos como opção e mais como imposição. Avançar nos estudos e buscar oportunidades fora da pesca é uma saída, mas não para todos, justamente aqueles que não conseguiram aumentar seus anos de escolaridade. Por isso, a maior parte, 35,1%, acredita que os jovens não vão continuar na pesca, por

considerá-la uma profissão com alto risco, esforços físicos, prejuízos à saúde e baixo retorno financeiro.

Sobre essa situação muitos já querem desistir, porque a pescaria cada vez já tá mais longe e é um serviço muito pesado. Já participei desse trabalho também e num quero mais. Falei pro papai que eu num quero mais pescar, por causa disso, faz muita força, prejudica muito a costa da gente e tem uns aqui que procuram se informar sobre emprego pra sair desse trabalho pesado e eu tô fazendo o mesmo, ver se tem alguma coisa pra mim (C. D. F. G., 23 anos).

Para 21,1% uma parte dos jovens vai continuar e outra vai sair em busca de estudo e trabalho. Essa posição fica clara na fala do jovem: *Eu acho que é assim - para os que gostam de estudar, pensam em prosseguir, progredir na vida, tipo estudar, arranjar um emprego melhor, porque pesca, não que seja algo ruim, mas é uma profissão meio arriscada e, pra quem quer estudar precisa arranjar um emprego bom (M. C. S., 19 anos).*

A menor parte, 17,5%, acredita que os jovens vão continuar na pesca. *Eu acho que aqui a pesca nunca acaba. Porque tem jovem pequenininho que já vão pescar. Acho que sempre vai ter a pesca, num vai acabar, os velhinhos já vão morrendo e os menores vão ficando (N. M. B., 23 anos).*

A proporção de 10,5% não soube opinar e em 15,8% não se obteve essa informação (Tabela 175).

Tabela 175 – Continuidade das atividades extrativistas pelos jovens da Vila do Bonifácio

CONTINUIDADE DAS ATIVIDADES EXTRATIVISTAS	FREQ.	%
Não	20	35,1
Uma parte sim outra não	12	21,1
Sim	10	17,5
Não sabe	6	10,5
Sem informação	9	15,8
TOTAL	57	100

Fonte: Pesquisa de campo (2015)

Na Vila Que Era a maior parte dos jovens, 65,2% acredita que uma parte dos jovens vai continuar nas atividades extrativistas e, outra parte vai sair da vila em busca de estudo de trabalho. Os depoimentos a seguir mostram com clareza: *Tem uns que vão pescar, outros vão ajudar na roça, vão tirar caranguejo, uns que vão pra escola (J. S. M., 18 anos); Tem uns as vez que fico, tem outros que quando pego, que completo já uma certa idade assim já vão saindo, já pego um serviço. Tem uns não, tem uns que continuam na tradição da maré e da roça (D. R. J., 21 anos).*

A proporção de 17,4%, acredita que os jovens vão continuar as atividades extrativistas e, a mesma proporção acredita que vão sair. Entre os que acreditam que os jovens vão permanecer, seja por tradição da pesca, seja porque é a vocação da comunidade. Uma jovem assim se exprime:

Eu creio, porque tem bastante pessoas que vai pro caranguejo. Vai, tipo assim, pegar siri. Eu principalmente vou, de vez em quando, eu vou com o meu marido. A gente vai pegar caranguejo, siri, vai pegar muré. Eu acredito que os jovens também vão. A partir dos idosos já vão deixando já pros jovens e vão aprendendo com os pais. Tem bastante filhos que vai com os pais pra maré pra tirar caranguejo, muré, siri, essas coisas (E. S. S., 24 anos).

No entanto, esses jovens não desejam que seus filhos continuem na atividade, fazem projeções para fora da pesca e da roça. Assim se exprime a jovem: *Num sei, eu acho que pros meus filhos eu num queria que fosse caranguejeiro, queria que tivesse sua profissão (J. C. S., 26 anos).*

Entre os que acreditam que os jovens não vão continuar, as razões alegadas são de que estão buscando outras profissões e que, na comunidade, se restringem à pesca, à coleta do caranguejo e roça. *Aqui na comunidade não tem futuro pros jovens (A. C. S., 19 anos).*

Duas falas se destacam pela perspectiva da preservação dos recursos naturais e pelo envolvimento na comunidade: *Muitos extrapolam porque no manejo do caranguejo, às vezes quando eles tiram, já tiram exageradamente demais. Então tem que ter um limite, um controle porque se não se acaba (L. M. S., 28 anos); O que falta é participação do jovem, falta alguém que tenha atitude pra: - ‘vamos fazer isso na comunidade’. Se envolver ou na parte da igreja ou do INCRA, dessas coisas. Falta participação, participar da comunidade de onde a gente vive, participar de projetos que envolve a comunidade (J. F. C., 23 anos).*

Em síntese, na Vila Que Era, os jovens acreditam que a continuação das atividades extrativistas pela nova geração é algo que, como eles dizem, “está meio a meio”. Uma parte vai ficar na tradição extrativista e outra vai migrar. Ver Tabela 176.

Tabela 176 – Continuidade das atividades extrativistas pelos jovens de Vila Que Era

CONTINUAÇÃO DAS ATIVIDADES EXTRATIVISTAS COM OS JOVENS	FREQ.	%
Uma parte sim outra não	15	65,2
Sim	4	17,4
Não	4	17,4
TOTAL	23	100

Fonte: Pesquisa de campo (2015)

5.9 Vulnerabilidade nas duas vilas segundo os jovens

Segundo os jovens, o que mais falta na Vila do Bonifácio é água potável, representando 28,4% das citações. O solo arenoso, conforme já explicado no Capítulo 2, item 2.2.1, não oferece água potável. Em segundo lugar, com 13%, foi citada a falta de capacitação e formação para os jovens que os preparem para um emprego foi sugerido criar um Centro de Profissionalização na Vila. Um jovem afirma: *Porque aqui é interior, eu acho que se tivesse um curso que capacitasse o jovem pra ver se conseguia um emprego melhor. É porque aqui num tem oportunidade, num tem trabalho é só a pesca mesmo* (E. M. B., 26 anos). Em terceiro lugar com 10,8% das citações aparece a falta de trabalho, de oportunidade para realizar uma atividade produtiva. Assim a jovem se expressa: *Eu acho que se viesse projetos para que os jovens pudessem se envolver mais, se comunicar mais com as pessoas, se liberar mais um pouco. O que está faltando aqui são projetos que desenvolvam os jovens na comunidade* (N. R. F. G., 21 anos). Outro jovem também expressa preocupação e sugere:

Era pra ter fundado aqui um centro de profissionalização de qualquer área ou então mais de uma opção de emprego pra ensinar e incentivar os jovens pra pegar gosto por trabalho, pra não terminar o Ensino Fundamental e se tornar pescador. Porque a pesca, não que ela seja ruim, mas ela tem as suas dificuldades, pelo fato de algumas pescarias ser pesadas e num ter máquina pra puxar. Então ela se torna meio difícil. O pescador geralmente puxa a rede, ele chega a puxar a rede num barco de pesca pequeno de 3 toneladas até uns 35 anos, quando ele chega nos 40 ele num puxa mais pelo fato de ser desgastante, aí então se torna difícil (P. N. A. A., 23 anos).

Com 8,7% das citações foi citado o transporte precário e irregular, que limita o deslocamento à sede do município.

A educação escolar também foi citada na proporção de 6,5%, destacando-se que a Vila dispõe de uma única escola de Ensino Fundamental e não supre as necessidades. Foi citada na mesma proporção, 6,5%, a falta de uma ação ou projeto de formação dos jovens prevenindo-os para o uso de drogas e criminalidade. A jovem demonstra essa preocupação *Aqui, um projeto é para os adolescentes num se envolvam com droga, porque aqui muitos jovens se envolvem com droga. Pra que viesse um projeto que abrisse os olhos deles pra num se envolvesse com droga* (M. C. S., 26 anos).

Considerando que a Vila está ao lado de uma praia, foi citada a falta de incentivo a atividades turísticas, podendo ser criada uma associação que produza artesanato para o mercado turístico.

Com menos de 5% das citações aparecem a falta de urbanização e de limpeza da Vila, assim como a falta de segurança, mais por ameaças externas do que dos próprios moradores.

Foi sugerido a instalação de um posto policial. Falta também um espaço para a prática de esportes e melhoria dos equipamentos de saúde.

No que concerne à organização comunitária foi sugerida uma ação de fortalecimento de liderança: *Aqui falta um presidente de nome pra levar as coisas pra frente. Cada um puxando um pedacinho pra lá, num presta. Tinha que ter um presidente mesmo de responsabilidade pra levar a comunidade pra frente, reunir o povo* (T. A. M., 26 anos). E, por fim, falta informação e o olhar da prefeitura para a comunidade (Tabela 177).

Tabela 177 – Vulnerabilidade na Vila do Bonifácio segundo os jovens

VULNERABILIDADE NA VILA DO BONIFÁCIO	FREQ.	%
Água potável	13	28,4
Capacitação e formação para jovens	6	13,0
Trabalho	5	10,8
Transporte	4	8,7
Estudo/colégio	3	6,5
Projeto para jovens não se envolverem com droga e roubos	3	6,5
Atividade para Estimular o turismo/ associação de artesanato	3	6,5
Urbanização/ Limpeza das ruas	2	4,3
Segurança - Posto Policial	2	4,3
Quadra de esporte para jovens	1	2,2
Melhorar a Saúde	1	2,2
Informação	1	2,2
Atenção do prefeito pra Comunidade	1	2,2
Presidente pra comunidade que seja responsável	1	2,2
TOTAL	46	100

Fonte: Pesquisa de campo (2015)

Na opinião dos jovens de Vila Que Era o que mais falta na comunidade está relacionado com os jovens. Na proporção de 26,1%, falta uma ação pedagógica, profissional e educativa de formação para os jovens, que inclua aconselhamento e orientação, no sentido moral, profissional, cultural e de lazer para que possam se preparar para o mercado de trabalho e lhes proporcione um meio de geração de renda, de modo que não precisem sair da Vila. Isso envolve o engajamento nos projetos como PRONATEC, PROJOVEM ADOLESCENTE, PROJOVEM ADULTO, PROJOVEM NO CAMPO, dentre outros⁴². Envolve também a participação nas atividades culturais da Vila, como a produção do artesanato de cerâmica, por exemplo. Nesse sentido se expressa a jovem:

Um grupo aqui dentro da comunidade pra focar em cima dos jovens, porque a maioria, hoje em dia, num tem como estudarem. O único jeito é correr pro

⁴² Segundo Castro (2009, p. 66), “Os programas concentram-se, primeiramente, no Ministério de Desenvolvimento Agrário, com o Programa Nacional de Crédito Fundiário/Nossa Primeira Terra, Programa Nacional de Agricultura Familiar – PRONAF Jovem, Arca das Letras, o Consórcio Social da Juventude Rural e o Saberes da Terra, o qual envolve iniciativa conjunta de três ministérios – Agrário, Educação e Trabalho. Depois seguem-se os do Ministério da Educação e Cultura, como o Brasil Alfabetizado e o Programa Nacional de Transporte Escolar, do Ministério do trabalho e Emprego, e um no Ministério do Desenvolvimento Social”.

mundo que a gente já sabe bem o que é - o mundo das drogas, da prostituição-. É necessário que tivesse um espaço onde os jovens pudesse aprendendo outras coisas (L. S. R., 29 anos).

Exige a reforma da escola local e ampliação dos níveis de ensino, o que também poderia contribuir para fixar o jovem na sua comunidade. Nesse sentido se expressa um jovem:

Com a reforma da escola e ampliação do ensino afirmava os jovens até os 18 anos na comunidade. Também fazer com os jovens o mesmo que tão fazendo com as crianças: - fazem panela, o bule, o barro que seja, mas que ele esteja convivendo com aquela cultura. Falta também uma brincadeira, certo?! Pegar esses jovens e brincar com eles, de bola, com diversão pra manter dentro da comunidade. Essas pastorais que todo envolve. Olha, a Pastoral da Criança, todo mês tem o peso. Nesse peso tem tudo que é brincadeira. Eu achava que, pra esses jovens, fosse a mesma coisa. A Pastoral da Juventude pra pegar esses jovens dar uma volta nos interiores, ver quais são as culturas deles. Abria um PROJOVEM que tivesse profissional de Bragança, que tivesse a sua mentalidade, que tivesse como coordenar uma equipe dessa. Se tivesse aberto em cada comunidade eu garantia que essa cultura não seria esquecida tão facilmente que nem hoje (G. A., 20 anos).

A segunda carência é o trabalho, uma atividade que gere renda principalmente para os jovens, como afirmaram 21,7% dos entrevistados. A fala da jovem aponta: *Falta trabalho que é uma coisa que não tem. Uma fábrica, alguma coisa. Trabalho só se for pra Bragança. Hoje em dia, outro recurso é a faculdade, mas a gente não tem dinheiro pra bancar, e, pra mulher é mais difícil ainda, ter que ir de bicicleta pra Bragança (A. C. A., 29 anos). Falta ter um comércio pra crescer, ter um emprego pra se ampliar a outras atividades (L. M. S., 28 anos).*

Em Vila Que Era o problema da escola local foi considerado a terceira carência, com 15,2% das citações. A escola tem condições inadequadas de funcionamento. Medidas paliativas já foram tomadas, como a de realização das aulas no centro comunitário, inapropriado para tal. Uma das jovens assim se expressa: *Prioridade, [pausa] o que tá sendo de prioridade lá agora é a escola, que a escola tá caindo. Já fomos muitas vezes, mas ninguém pode fazer nada porque é do Estado. As paredes estão tudo com rachadura, já caiu um pedaço do banheiro, a parede do banheiro (J. A., 18 anos).*

O correspondente a 13% destacam a necessidade da união entre os moradores da comunidade e da formação de uma associação para discutir os problemas e apresentar soluções. Segundo a jovem: *Falta união da comunidade, formação para os jovens (J. F. C., 23 anos). A jovem a seguir também se expressa:*

Eu faria um projeto pras pessoas que precisam de casa, precisam de uma roupa, de um prato de alimento. Acho que seria muito bom. Eu ia chamar a atenção dos jovens, pra eles ser mais trabalhadores. Eu num ia matar eles

numa roça, não, né, mas assim, a gente que somos jovens, a gente tem que trabalhar tudo junto, a comunidade toda, tudo junto (F. J. G., 19 anos).

Um posto de saúde no local também foi apontado como carência, com 6,5% das citações, pois o equipamento de saúde mais próximo fica na Vila de Juquiri, a caminho de Bragança. A jovem a seguir, grávida, aponta as dificuldades para acessar os cuidados com a saúde:

Primeiramente um Posto de Saúde, acho que isso seria melhor ter aqui. Porque, as vez, a gente vai daqui se consultar lá no Juquiri, ainda tem que marcar a ficha, tem que sair daqui meio dia, cinco horas da manhã. Às vezes, a gente vai em jejum que num dá pra chegar lá a tempo, vai de bicicleta, porque se for esperar o ônibus, ele passa aqui tamanha sete horas e num dá mais pra pegar a ficha (T. B. S., 19 anos).

Uma parcela de 4,3% apontou o transporte como uma carência na Vila, cujo acesso é feito por meio de uma estrada de terra, bastante sinuosa. Alguns utilizam a bicicleta, contudo, enfrentam o sol e a poeira durante o período de estio e chuva e a lama no período chuvoso. Uma jovem assinala: *O que falta aqui o transporte pra eles irem pra aula (L. S. R., 29 anos).*

Com a menor frequência de citação, 2,2% aparecem a necessidade de uma Faculdade, casas para os que mais necessitam, alimento para famílias carentes e melhorar a aparência da Vila. Uma jovem apontou um problema existente na comunidade – a violência doméstica e o estupro. Ver Tabela 178.

Tabela 178 – Vulnerabilidade na Vila Que Era

VULNERABILIDADE NA VILA QUE ERA	FREQ.	%
Formação, projetos para jovens	12	26,1
Trabalho	10	21,7
Melhorar a escola da vila	7	15,2
União da comunidade/associação/melhorias	6	13,0
Posto de saúde	3	6,5
Transporte	2	4,3
Faculdade	1	2,2
Habitação	1	2,2
Alimento	1	2,2
Melhorar a aparência da vila	1	2,2
Quadra de esporte	1	2,2
Trapiche	1	2,2
TOTAL	46	100

Fonte: Pesquisa de campo (2015)

5.10 Potencialidades e vocação das duas vilas segundo os jovens

Na visão dos jovens a Vila do Bonifácio tem baixa potencialidade para desenvolver atividades além da pesca: *Aqui é sobreviver da pesca nada mais* (D. M. Q., 18 anos). O beneficiamento do pescado por meio de uma Cooperativa de Filetagem foi uma tentativa sem sucesso na Vila. O turismo parece um potencial a ser desenvolvido, em razão da praia de mar, assim como a cultura e a produção de artesanato com tema praiano (Figura 47). Um jovem sugere uma ação de potencialização do turismo ambiental incluindo o tema da preservação e da cultura da pesca (Figura 48).

Figura 47 - Artesanato em concha produzido na Vila do Bonifácio



Fonte: Pesquisa de campo (2015)

Figura 48 - Mostra de apetrechos de pesca - ASSUREMACATA



Fonte: Pesquisa de campo (2015)

Uma jovem sugeriu uma ação de esporte como forma de desenvolver o potencial dos jovens que gostam muito de futebol, vôlei e outras modalidades. Ela diz: *Esporte, acho que o esporte seria uma boa* (A. P. A. S., 19 anos).

Na Vila Que Era, além da vocação da pesca, uma das potencialidades é a cerâmica artesanal, atividade que vem se reproduzindo por meio do conhecimento tradicional e tem aceitação em pontos de venda de produtos turísticos na sede do município. Na vila também ocorre a produção da mandioca para a farinha e seus derivados, como o tucupi, a mandicoera, a goma, em parte para o consumo da própria família em parte para revenda. Na Vila uma família trabalha na construção de barcos. É uma atividade que também vem sendo repassada de geração em geração nessa família. Se estimulada e ampliada, pode ser uma potencialidade para atrair os jovens, o depoimento a seguir aponta nessa direção:

É, hoje em dia, lá no rapaz, o meu tio, ele é uma pessoa muito profissional, bem profissional mesmo, posso lhe falar. Ele envolveu alguns jovens e esses jovens foram crescendo e hoje é quem interage com ele. O material dele, a

canoas que chamavam teve bem, é, evoluiu bastante, quem chega à beira do porto vê muitas canoas, mais do que tinha antigamente (G. A., 20 anos).

5.11 Dilema dos jovens: permanecer ou sair

O dilema dos jovens de permanecer ou sair de suas Vilas implica diretamente na sustentabilidade da RESEX. Em que circunstâncias isso ocorre? No item anterior foram apresentadas as vulnerabilidades e as potencialidades das duas vilas e a visão dos jovens sobre a continuidade ou não das atividades extrativistas.

Também como já foi visto no Capítulo 4, Abramovay, Castro e Stropasolas trazem à tona essa questão e se coadunam com as identificadas na RESEX, ou seja, as opções de trabalho e construção de projetos de vida que incluem o avanço nos estudos, a profissionalização, casamento, melhores condições de vida, estão sendo pensados, para a maioria, para além das fronteiras da RESEX. Essa opção, elaborada não sem conflito dos jovens e dos pais, acede ao enorme peso das condições econômicas, entretanto, vai mais além. A questão divide os jovens a partir do capital cultural e social, das tradições da vida na pesca e no manguezal que, em larga medida, restringem as possibilidades de escolha.

A questão é complexa para os jovens, por isso o dilema: permanecer ou sair. A partir do que foi indicado nos projetos de vida (Capítulo 4, item 4.12), a maior parte, 59,6% pretendem sair e, 40,3% desejam ficar na Vila do Bonifácio. Foram citadas 60 razões no total. Existem mais razões para partir (56,1%) do que para ficar (52,6%).

As principais razões para sair referem-se, em primeiro lugar, à falta de trabalho no local, que não seja a pesca, com 71,8% das citações. Com 18,8% aparece a questão de que “a metade dos jovens vai sair e a outra metade vai ficar” e, 9,4% dizem que aqueles que estudam vão sair em busca do sonho.

Duas falas expressam a situação: *Acho que os jovens vão querer fazer outra coisa porque a pesca é o único trabalho aqui. É pescar ou estudar e eu acho que o estudo é a melhor opção que a pesca (P. V., 19 anos). Porque aqui num tem futuro, aqui só tem pesca. Então sair daqui já é um caminho, encontrar um emprego (C. S. F., 18 anos).* Da mesma forma se exprime o jovem:

A maioria dos jovens buscam uma forma de vida em outras cidades, outros estados. É uma forma de viver melhor, fora da pesca. E, eles tentam arrumar um trabalho fora daqui. Como tá tendo muita vaga, eles vão em Bragança. Eles pesquisam, vejam onde tão precisando, aí eles pegam viajam porque muitos e muitos daqui já foram (F. S. B., 28 anos).

O avanço nos estudos tende a ser um “passaporte” de saída, como forma de acumular capital cultural para competir no mercado de trabalho na cidade, na capital do estado ou em outros estados. A jovem a seguir explica: *Na minha opinião os jovens não vão ficar por aqui não. Não tem trabalho e muitos jovens daqui num gostam de pescar. Eles estudam, quando termina o Ensino Médio eles vão pra cidade procurar um trabalho* (M. D. S. B., 23 anos).

Para o jovem M. J. M. F., 25 anos, pescador desde criança, casado e com filhos, já não tem perspectiva de trabalho para si além da pesca, mesmo reconhecendo as condições de trabalho exigentes dessa atividade. Por isso, projeta para seus filhos um cenário diferente de seu pai e dele próprio. Ele diz:

Porque do jeito que hoje em dia tá a pesca aqui, tá muito ruim pra nós porque primeiro tinha safra, dava muito peixe. Agora inventaram essa pescaria do ferro, do apoito. Cada ano que passa o peixe vai se refugiando pra mais longe. Eu, da minha parte eu num queria que meus filhos fossem pescador, queria que se formassem pra ter uma vida mais melhor, porque essa pescaria nossa tá cada vez mais difícil. A gente num quer que eles passem o que nós estamos passando! A gente quer uma vida melhor pra eles. Aprender, se formar pra procurar um emprego bom pra que eles possam ganhar assim um dinheirinho bom que dê pra sustentar a família deles mais pra frente sem ser da pesca.

Da mesma forma, outro jovem argumenta: *Porque a maioria daqui foi pra Belém, meus amigos foram embora, a minha irmã foi embora, a maioria dos jovens, a maioria dos que estão terminando [ensino médio] tão indo embora. Vão em busca de novos recursos, uma vida melhor, uma vida que talvez os pais deles sonharam pra eles, uma vida digna. Aqui num tem como ficar* (R. A. R., 20 anos).

Os jovens consideram a atividade da pesca arriscada e que exige esforço físico sem a necessária contrapartida em termos financeiros como mostra o depoimento a seguir:

Muitos já querem desistir porque a pescaria cada vez já tá mais longe e é um serviço muito pesado. Já participei desse trabalho também e num quero mais e, já falei pro papai que eu num quero mais pescar, por causa disso: - faz muita força, prejudica muito a costa da gente. Tem uns aqui que procuram se informar sobre emprego pra sair desse trabalho pesado e eu tô fazendo o mesmo, ver se tem alguma coisa pra mim (C. D. F. G., 23 anos).

Na visão do jovem pescador R. M. S., 25 anos, casado e com três filhas a pesca já foi uma atividade pela qual se poderia sobreviver, contudo, com as interferências da pesca predatória e da exploração do pescador na cadeia pesqueira não oferece mais o sustento material. Ele diz:

Eu pesco de vez em quando, mas pra mim num dá não, porque é uma coisa que nem é sempre que o cara ganha. O cara vai lá fora, passa cinco, seis dias quando chega num ganha nada. Tem muitos que tão procurando outro recurso, indo embora. Rapaz, por mim mesmo já tinha saído que tempo por

causa do serviço aqui que num é um serviço que todo tempo tem. Tirando quando tem os turista lá na outra praia, manda chamar pra dá uma ajuda assim, o pouco que a gente ganha é pra comer.

Com todas essas dificuldades, boa parte dos jovens tende a sair da vila. A jovem A. P. A. S., 19 anos, solteira, sem filhos, terminou o ensino médio e pretende fazer faculdade de Biologia. Ela trabalha em um açougue na Vila e deseja sair em busca de estudo e trabalho. Assim se expressa:

Acho que a metade sim vai embora, porque a vida de pescador não é nada fácil e, tem gente que não quer e por isso vai em busca de coisas melhores, emprego melhor. Os que ficam é porque acham que a melhor saída é essa tanto é que tem uns que até largam a escola pra pescar. No meu caso quero ir pra outro lugar, mais pra frente.

Outros jovens estão indo mais longe em busca de emprego conforme mostra o depoimento a seguir: [...] *Alguns acabam o estudo e vão pra Belém, pra esses outros lugar. Muita gente saiu daqui pra ir pra Santa Catarina, Goiás, trabalhar lá, na S. A metade estuda, estuda, e depois quiere sair do estudo pra trabalhar* (V. S. S., 24 anos).

Nesse sentido, a escola local se apresenta como uma oportunidade de trabalho para os jovens que estão se formando e qualificando para as funções exigidas. É, portanto, uma forma de permanecer na sua comunidade e contribuir com o desenvolvimento local.

Há também uma necessidade intrínseca do ser humano de buscar novos horizontes na medida em que vai amadurecendo. A vontade de conhecer novos lugares e ter experiência diversa daquela que até então já viveu motivam também a saída da comunidade. A jovem a seguir expressa claramente essa perspectiva ao afirmar: *Às vezes uma jovem vai crescendo e tem vontade de ir pra outro lugar. Eu tenho vontade de ir pra outro lugar, num ficar aqui todo o tempo* (M. C. S., 24 anos).

A Tabela 179 apresenta as razões para sair da Vila do Bonifácio.

Tabela 179 – Razões que levam os jovens da Vila do Bonifácio a pretender sair da vila

RAZÕES	FREQ.	%	%
Falta de trabalho na vila que não seja a pesca, riscos da pesca	23	71,8	
Eu acho que a metade vão	6	18,8	
Os que estudam vão embora em busca do sonho	3	9,4	
TOTAL	32	100	56,1

Fonte: Pesquisa de campo (2015)

Dentre os 40,3% da Vila do Bonifácio que pretendem permanecer, a maior razão, apontada, com 83,4%, é que não vislumbram outro trabalho fora da pesca. São os que se inseriram na pesca desde cedo, não conseguiram avançar nos estudos, já constituíram família

ou pretendem constituir em breve. Os homens serão pescadores e as mulheres donas de casa. O correspondente a 13,3% disseram que a metade permanecerá e 3,3%, montar um comércio de variedades na vila. Ver Tabela 180.

Tabela 180 – Razões para os jovens da Vila do Bonifácio permanecer

RAZÕES	FREQ.	%	%
Não estudaram vivem da pesca	25	83,4	
Metade permanece	4	13,3	
Comércio de variedade na vila	1	3,3	
TOTAL	30	100	52,6

Fonte: Pesquisa de campo (2015)

Sem alternativas de trabalho, a pesca se configura como opção única para quem vive em uma comunidade pesqueira, ou seja, “não havendo nada para fazer vai para a pesca”. É como se essa atividade pudesse abarcar qualquer pessoa que disponha da força física, ou seja, grosso modo, é uma naturalização da pesca para os homens tal qual a naturalização do trabalho doméstico para as mulheres, conforme explica Lamarão (2008) em estudo sobre trabalho doméstico:

[...] Não por acaso, as mulheres pobres tiveram, historicamente, menores possibilidades de acesso ao estudo, à profissionalização. Com baixa ou nenhuma qualificação, restava-lhes os postos de serviços não-especializados e ocupações que exigiam baixo nível de instrução e escolaridade [...] grande parte delas, estendeu as tarefas domésticas realizadas na própria casa para a casa de terceiros (LAMARÃO, 2008, p. 60).

O trabalho neste século XXI é definido por elevadas especializações e qualificações no contexto de um mercado competitivo e excludente “[...] Para aqueles que possuem apenas o próprio corpo, o sistema dispensa e oblitera as possibilidades de inclusão nessa nova ordem. Além disso, cria-se a noção de que a exclusão social é um fator essencialmente individual, fruto de fracasso pessoal” (LAMARÃO, 2008, p. 151).

A fala do jovem a seguir mostra claramente essa situação: *Na minha opinião tem muitos que num estudaram e vão ficar assim nessa vida de pescaria por muito tempo até arrumar uma família e ficar por aqui. É a maioria, num estudam, muitos trabalham nessa vida que eu faço, de pescaria e vão levando a vida pra frente* (M. S. R., 20 anos).

A permanência na pesca também se configura como herança cultural da família – o avô era pescador, o pai é pescador e o filho aprendeu desde cedo. A fala do jovem ilustra essa situação: *Eu acho que é da pesca mesmo. Tem muito muleque novo pescando, parou de estudar, tem muito menino novo pescando, novinho* (D. M. Q., 18 anos). O depoimento do jovem a seguir também aponta nessa direção:

Já pesquei quando tinha uns 7 anos, meu pai é pescador até hoje. Eu acho que tem muitos aqui que é assim. Eles terminam os estudos, assim, param. Muitos não gostam de estudar por causa da pesca. Muitos rapaz novo de 14, 16 anos que já ficam na pesca. Ele vai ser só aquilo para sempre. Isso vem da incentivoção do pai, eles dizem: - 'olha tu tem que ganhar dinheiro, a gente num tem dinheiro pra pagar um curso pra ti'. Aí ele vai pescar, aí ele vai e gosta e deixa de estudar, vai pra aquilo aí já entra o dinheiro (C. W. C. M., 22 anos)

Para o jovem T. A. M., 26 anos, casado com filhos, a pesca começou em sua vida ainda criança. Ele se considera um autêntico pescador, domina a arte de pescar e, apesar de reconhecer que exige muita força física e coragem, não a vê como algo negativo. Pelo contrário, gosta do ofício e não pretende deixá-lo. Sente-se feliz com sua família, com sua casa, com sua vida. Ele assim se pronuncia:

Cada um tem a cabeça o que pensa, né. Eu já penso diferente, o outro já pensa em estudar pra ajudar suas irmãs, sua mãe daqui pra frente. Mas tem uns não, que são o mesmo motivo que se pronta, cedinho com 15 e 16 anos já arrumam mulher. Esse num tem mais futuro nos estudos não, igualmente eu. Arrumei família cedo e fui logo procurar pescar e, tem uma rapaziada nova que vai procurar estudo. De mil se uns 10 procurar estudo é muito. A maioria tá na pesca, com certeza, já saiu do estudo, pega o gosto do dinheiro aí pronto, num querem mais ir pro estudo (T. A. M., 26 anos).

Consideram, também, que a pesca é atividade muito pesada e que vão se desgastando física e emocionalmente. Além disso, há jovens pescadores que já estão consumindo bebida, conforme atesta a jovem: *Nem todos vão embora, mas tem uns que já estão nos caminhos das drogas, que ficam por aqui mesmo, vai pescar pra comprar os seus vícios e outros vão atrás dos sonhos deles, futuro (J. N. S. C., 18 anos).* A jovem M. A. M., 20 anos, também fala sobre isso: *Na pesca num dá não, porque é pesado. Os outros tão se acabando aí na droga, deixam de estudar pra ficar no mundo das drogas e deixam de estudar pra ir pescar, isso acaba com eles. Precisa de um trabalho melhor pra eles que num seja a pesca.* O depoimento a seguir da jovem, ilustra as dificuldades que se apresentam para permanecer na pesca:

Os filhos dos pescadores, até mesmo os pescadores, não querem que os filhos exerçam a mesma profissão porque é muito difícil, passar dias lá fora num barco, pegando tempestade, vento forte. O meu marido deixou de pescar porque teve problema na coluna. Começou com 13 anos de idade, com 25 já tava com problema na coluna, aí ele parou, fez tratamento. O pai dele era pescador e tirador de caranguejo. É muito difícil e, às vezes, faz tudo isso lá fora e quando chega num tem nem pra pagar o vale que pegou que é de R\$ 100,00 do dono da embarcação. O dono da embarcação dá o vale e a despesa. Quando eles retornam, pesam o peixe, se o peixe não der o tanto do dinheiro que ele gastou os pescador não recebe. Tinha vez que ele num pegava nada, o saldo dele era de nada, só o que trazia era o peixe pra gente comer (V. S. B., 26 anos).

No que concerne à continuação da pesca como atividade central na comunidade, a sustentabilidade ainda é um risco. Se, para muitos o peixe, o caranguejo e o marisco nunca irão acabar, há quem se preocupa com a escassez desses bens comuns. Não havendo ações de proteção, de controle da pesca predatória a tendência é o esgotamento. Em parte, isso já vem ocorrendo na Vila, pela fala de alguns moradores que são pescadores, já sentindo os efeitos da pesca predatória. O jovem L. F. L., 28 anos, é pescador e participa de atividades no âmbito da RESEX, ele alerta:

Bem, vai depender dos pais desses jovens, dos ensinamentos que eles vão passar. Então vai depender dos pais, se eles ensinarem que aquele jovem tem que se preocupar com a comunidade, tem que precaver, tem que manter aquilo ali, acho que com certeza vai sim. [...] se eles num procurarem melhoria pra eles, eles vão crescer e morrer nessa pescaria.

Outra jovem V. C. A., 27 anos também se reporta à situação de sustentabilidade da pesca. Ela diz:

Agora, por esses tempos, eu acredito que sim, eles fico, mas daqui a alguns anos eu num posso dizer que sim. Então, nosso conhecimento da pesca é que continuasse, esse ano, graças a Deus, mas os outros anos eu num posso garantir porque cada geração que passa é diferente da outra. Hoje em dia tem tanto jovem pescando, tem jovem apenas de 12, 13 anos que querem pescar, num querem saber mais de estudo, tira o caranguejo, tira o sururu. Eu acredito que eles vão continuar essa cultura na comunidade.

Para aqueles que desejam permanecer na Vila procuram alternativas para além da pesca e da coleta de caranguejo. Buscam opções compatíveis com o “mercado local”, receptivo para comércio de variedades. O jovem P. N. A. A., 23 anos, concluiu o ensino médio e pretende ficar na Vila trabalhando como autônomo. Ele diz: *Meu foco maior é ter um negócio próprio, principalmente compra e venda de mercadoria aqui. É bom aqui, compra e venda de mercadoria, porque aqui tem algumas lojinhas. O pessoal vão procurar mais longe, mais barato pra vender aqui e ganhar até 80% a mais do preço adquirido.*

Há também os jovens que consideram as duas possibilidades: uma parte permanece e uma sai. As razões são as mesmas apontadas acima: - Quem tem estudo procura sair em busca de oportunidade de trabalho e capacitação e quem não tem estudo fica na pesca.

Parece haver uma relação simétrica entre nível de escolaridade e permanecer na pesca ou sair. Assim se expressam vários jovens: *Então, muitos têm esse sonho de estudar e sair daqui pra melhor. Outros pararam de estudar já estão pescando* (B. C. S. C., 19 anos). Outro jovem acrescenta: *Tem uns que continuam, mas tem outros não, que saem pra Bragança, pra Belém pra procurar um modo de vida melhor porque a pesca aqui é arriscado* (E. M. B., 26 anos). Outro jovem também complementa: *Tem uns que vão viver da pesca mesmo e tem*

outros que num querem mais pescar, querem se mudar para outro canto, num querem viver da pescaria, não querem saber de nada, só pescar mesmo (E. F. R., 18 anos).

Com um olhar mais crítico, o jovem E. F. A., 20 anos, solteiro e sem filhos, pensa na sustentabilidade do território propondo meios para que os jovens pudessem permanecer. Ele diz:

Tem alguns que vão tem uns que ficam. Eu acho que - como aqui moramos na praia, numa RESEX-, deveria ter mais opções de tipo da natureza, projetos, artesanatos, que se fosse assim tipo tirar mais daqui tem muita coisa que deveria ser aproveitado e não é aproveitado. E, algumas pessoas vão embora pra procurar meio de trabalho que num tem. O sustento também é difícil, os que num querem pescar procuram outro ramo. Vai permanecer os mais velhos, aprender com os mais velhos, vai pescar, adquirir experiência, observa, vai aprende, vai arranjar uma família e vai dar continuidade aos mais velhos que vão parar.

Não se trata de não gostar e ter apreço pela comunidade onde moram, mas de uma condição que se impõe para essa nova geração que não se reconhece na pesca e na coleta de caranguejo tal como é realizada, ainda de forma rudimentar, concorrendo com a pesca industrial. A falta de oportunidade de trabalho em outra área como o serviço público na educação, na saúde, no esporte, e serviço autônomo no comércio de variedades e oferta de serviços – serigrafia, costura, telefonia, alimentos, ainda é restrito para absorver os jovens. A saída imperiosa é a busca desses serviços em outros lugares, como argumenta o jovem:

Porque eu gosto de morar aqui, mas pensando de outro lado, se a gente arranjasse um trabalho em outro canto acho que eu deixaria de viver aqui porque aqui o que falta é o trabalho. As vez tem jovem que deixa de estudar pra pescar, pra ajudar a família que num tem renda boa, tem muita gente que depende do Bolsa Família. Aí o marido pesca, mas o peixe está mais longe. Antigamente o meu avô que é pescador pegava bastante peixe e era valorizado. Pode encher a canoa de peixe, mas tu vai vender num vai dar um dinheiro bacana. Eu gosto muito de morar aqui, mas eu tenho duas filhas, mas tem tempo que a gente num tem o que dar pra elas, frutas. Se eu arranjasse um trabalho pra onde fosse eu iria (A. S. F. S., 26 anos).

A atividade da pesca ainda é tida como uma atividade garantidora do mínimo – a sobrevivência. Não se configura, principalmente para os jovens, em uma atividade produtiva que possibilite melhoria nas condições de vida. Talvez por isso, além dos riscos, seja pouco atrativa aos que dispõem de um nível de escolaridade que permita buscar outra atividade no mercado de trabalho. O jovem a seguir discorre sobre esse aspecto:

Eu acho que, apesar da pesca tá pouca, ainda dá de sobreviver. Eu acho que uns 6, 10 anos, no máximo, mas daí em diante [...] A pesca mesmo não tá dando muito lucro, então qualquer brechinha, qualquer espaço de trabalho que eles vem eles querem logo ir porque são os mais que tem cabeça. Eu digo assim, agora os outros não, eles ficam aí mesmo, tendo uma bebida pra eles, eles ficam o dia todo [risos] (L. S. G., 19 anos).

Na Vila Que Era o dilema é semelhante – permanecer ou sair. Embora desejem ficar com a família, a falta de trabalho e de oportunidades exigem a saída para outros lugares. Como já foi visto, embora acreditem que uma parte permanece e outra irá sair, em seus projetos de vida (Capítulo 4, item 4.12) 56,5% desejam permanecer e 43,5% pretendem sair. Dentre os que vão permanecer, a maioria, 61,5%, é do sexo feminino e 38,5% do sexo masculino. Ou seja, as mulheres são as que mais desejam permanecer. Entre os que querem sair, a metade é mulher e a outra metade é homem. (Ver Tabela 127, Capítulo 4, item 4.12).

A fala a seguir expressa a dimensão desse dilema para os jovens de Vila Que Era:

Aqui dentro da comunidade o trabalho do homem é pescar, ir pro mangal tirar caranguejo, essa parte de marisco. Se não outra maneira de sobreviver é Bragança outros lugares e, tem muito jovem que já saiu daqui pra ir trabalhar pra outro estado, outros lugares. No meu caso é o que a gente espera, né, porque o da roça a gente já veio e os pais da gente falaram que a gente tinha que estudar pra ter um futuro melhor (L. F. M. M., 20 anos).

De fato, reconhecem-se como advindos da roça ou da pesca e não negam essas raízes culturais, porém reconhecem também a limitação dessas atividades para a realização de seus projetos pessoais. A fala a seguir indica a dicotomia do permanecer ou sair:

Depois que os pais num tiverem mais, são os filho. Já vão ensinando o filho, a pesca, a agricultura e o caranguejo já vão ser ensinados por eles, aí ficam os filhos já. Tem um monte que querem continuar, tem uns que pegam emprego em Bragança e, aí deixam de mão, mas tem muitos que já tão seguindo o caminho da pescaria e do caranguejo. Vão tá aqui, umas pessoas vão outros não. Fica meio a meio. Tem muitos jovens que querem continuar (M. A. F., 23 anos).

O dilema se exprime também nos depoimentos a seguir: *Tem uns as vez que fico, tem outros já que quando pego, que completo já uma certa idade, já vão saindo, já pego um serviço. Tem uns não, tem uns que continuam na tradição da maré e da roça (D. R. J., 21 anos).*

O depoimento a seguir se destaca pela iminência da saída do jovem. Ele diz:

Pra fora, mais pra fora, tem muito jovem daqui que estão pra fora porque aqui não tem trabalho. Então, o nosso ponto é viajar pra fora. Olha, semana passada conversando com um amigo meu ele vai me ligar se der certo eu vou embora, porque num tem trabalho. Porque nós jovens queremos uma coisa pra gente, num tem, a gente num tem condições o trabalho que tem é capinar roça uma coisa que não gosto, não gosto de jeito nenhum, e procuro trabalho pra fora (A. C. A. 29 anos).

O jovem que trabalha na roça acrescenta: *É que estão indo embora, porque não tem emprego aqui na comunidade. Eu queria outro tipo de emprego. Assim para ajudar meus*

pais, né, fora daqui. Muitos já foi daqui, o rapaz ali o V. ele tá pra lá trabalhando. Se tivesse um trabalho aqui eles ficavam (J. M. S., 20 anos).

Corroborando os dados advindos das duas Vilas estudadas, pesquisas sobre juventude rural tais como Castro (2009), Martins (2009), Ferreira de Almeida (2009), Barrios Rodrigues (2009), Gomes de Carvalho (2009) mostram que a questão está longe de ser simplificada pela visão unilateral da saída do jovem para a cidade. Esses pesquisadores identificaram uma juventude rural organizada que permanece no campo. Neste estudo, também se identificou uma juventude que almeja se envolver e não encontra ancoragem nas esferas do estudos, do trabalho e da organização comunitária. Pensar ações que possam engajar o jovem é uma das saídas para esse dilema, conforme será apresentado no item a seguir.

5.12 Ações para estimular os jovens a participar na sustentabilidade da RESEX

Na Vila do Bonifácio o trabalho (37,2%) é a ação mais citada para estimulá-los a fixar na vila, e, dessa a forma, participar na sustentabilidade da RESEX. A segunda ação que pode estimular o jovem a permanecer é esporte e lazer (16,2%) com a criação de espaços poliesportivos, aproveitando o potencial, inclusive, de fortalecer o time de futebol local. O lazer poderia ser potencializado na própria Vila com a revitalização da praça e de novos espaços de expressão da sociabilidade. O investimento em educação (17,7%) tanto na escola formal, incluindo o Ensino Médio quanto na formação para a cidadania também aparecem como ações para estimular os jovens a participar na sustentabilidade da RESEX. Foi enfatizada a formação para não entrarem no mundo das drogas e da criminalidade. Investimento em infraestrutura (12,9%) da Vila também são ações que podem fixar o jovem na Vila, em especial, o transporte público de qualidade, e ações para desenvolver a comunidade. O estímulo por meio de projetos sociais (11,2%), desde a reativação da Associação de Filetagem do Pescado, até cursos que possam capacitar os jovens para o desenvolvimento de atividades relacionadas com o mundo do trabalho e da cultura da vila (Tabela 181).

Tabela 181 – Ações para estimular os jovens a participar na sustentabilidade da RESEX – Vila do Bonifácio

AÇÕES	ESTÍMULO JOVENS SUSTENTABILIDADE	FREQ.	%
Trabalho (37,2%)	Trabalho	23	37,2
Esporte/lazer (16,2%)	Espaço poliesportivo	8	13,0
	Espaços de diversão: praça	2	3,2
Educação (17,7%)	Escola de ensino médio	6	9,7
	Escola de qualidade	2	3,2
	Formação para jovens	3	4,8
Infraestrutura (12,9%)	Desenvolvimento da comunidade	2	3,2
	Transporte público	6	9,7
Projetos sociais (11,2)	Associação filetagem peixe	2	3,2
	Curso de costura	1	1,6
	Produção de artesanato	3	4,8
	Cursos de computação	1	1,6
Pesca e meio ambiente (4,8)	Fiscalização da pesca predatória	1	1,6
	Apetrechos de pesca	1	1,6
	Apoio aos pescadores	1	1,6
	TOTAL	62	100

Fonte: Pesquisa de campo (2015)

Na Vila Que Era a categoria trabalho aparece como eixo central para fixar o jovem na comunidade e, com isso colaborar na sustentabilidade da RESEX. É pelo trabalho que ele vai constituir família, ajudar a família de origem, realizar os seus sonhos. A pesca não se inclui nessa categoria, pois a concebem como uma herança familiar de sobrevivência circunscrita ao universo dos pais e adultos da comunidade e não para os jovens, salvo aqueles que não almejam alternativa fora da pesca. Assim, a forma de estimular os jovens a participarem na sustentabilidade da comunidade é o trabalho citado 41,2%, conforme afirma o jovem: *A primeira coisa que eu fazia era construir uma coisa assim, como é, para empregar eles para trabalhar. Tem muitas pessoas que saem daqui que vai trabalhar para as cidades, que não tem nenhum emprego no interior, por isso, que saem e vão para longe trabalhar* (J. M. S., 20 anos). Outro jovem complementa: *Eu queria que tivesse o projeto pra uma coisa assim pra ter a sustentabilidade aqui dentro da Vila Que Era sem a gente ter que sair. Ter uma coisa pra sobreviver, uma coisa para os jovens também tarem nessa parte assim tendo com o que trabalhar* (L. F. M. M., 20 anos).

Outras sugestões que se associam à ideia de trabalho também foram citadas como: - cursos profissionalizantes, 8,9%, conforme explica a jovem: *Acho que é ter, num tem ninguém que se mova pra fazer, ter várias atividades aqui mesmo tipo curso pros jovens, curso profissionalizante, em qualquer uma profissão que tivesse tipo manutenção de alguma coisa, tipo de eletrônica, pra eles se ocuparem* (J. S. R. C., 28 anos). Soma-se um Projeto sobre

artesanato e cerâmica, 5,9% acompanhado de um documentário tutorial, 2,9%, conforme apresenta o jovem:

Olha, se tivesse alguém que trouxesse um projeto, que viesse explicar o artesanato, a cerâmica, tinha jovem que seria a ser incentivado e ia aumentando mais o projeto dele. Só a minha tia que ela vai no colégio, leva as crianças, amostra, incentiva. Tem a filha dela que vai no artesanato, ensina e vão aprendendo como funciona. Pra despertar a gente tem de fazer um documentário pra mostrar pro jovem como é adquirido os termos desse projeto, se num tiver um documentário, se for só falar entra por um ouvido e sai por outro. Eles vendo como é o passo a passo eles tenham mais o conhecimento (F. J. G., 24 anos).

Ainda associada à categoria trabalho figura uma “Ação comunitária diária com profissionais capacitados”: Educação Física, artesanato etc., com 2,9% das citações. Desse modo, o percentual em torno da categoria trabalho aumenta para 61,8%, ou seja, mais da metade das citações.

O segundo grupo de sugestões, com 20,7% das citações, diz respeito à formação dos jovens no sentido moral, organizativa e participativa, estimulando a participação grupal e interação. Assim explica a jovem: *Os jovens vivem muito em grupo. Bom, eu acredito que se fazendo algo ali, acho que todo mundo participaria, acho que fazendo uma mãozinha de uma pessoa maior pra poder investir (L. M. S., 28 anos).* Outra jovem complementa:

Eu participava do grupo de jovem. Foi o coordenador A. M. que primeiro começou esse grupo. Os jovens, nem todos, mas a maioria, num querem assim tá envolvido em movimento dentro da comunidade. Então, chegou até um certo ponto que os jovens foram esmanecendo, se afastando, não foram mais tendo interesse em participar. Acho porque faltava um pouco disso, mais conhecimento de projeto dentro do grupo. E terminou. Aí tornaram a formar outro grupo e foi, foi e num foi mais pra frente. [...] pra ter uma pessoa pra tá dando um pouco de conhecimento, dando incentivo, que acho que assim eles tinham esse potencial de conseguir alguma coisa assim (L. F. M. M., 20 anos).

Ainda nessa direção a jovem complementa: *Os jovens têm que participar mais da comunidade, estão bastante afastados. Eles tem que participar mais. Pensarem no futuro. A gente podemos ver eles tudo contribuindo na comunidade. Ah, assim, fazendo oficina, sempre tinha lá, agora não teve mais. Quando tinha bastante jovem participavam (J. A., 18 anos).*

O terceiro grupo de sugestão envolve o fortalecimento do capital cultural, com 11,7% das citações, por meio da construção de uma escola adequada na Vila atrativa aos jovens sem a necessidade de deslocamento para Bragança, conforme afirma o jovem: *Olha, pra mim, começava por uma boa escola e uma série avançada. Tinha de primeiro até o Ensino Médio, tinha há uns cinco anos atrás (G. A., 20 anos).*

Envolve, também, o estímulo à participação nas diversas Pastorais existentes, em especial, a Pastoral da Juventude, assim como a Pastoral do Idoso, permitindo a interação dos jovens com esse segmento. *Começava os grupos, como bem dizer, as pastorais. Se tivesse uma continuidade a RESEX, envolvendo a Pastoral do Idoso, vamos dizer os vários tipos de pastorais envolvidos em uma ação com os jovens* (G. A., 20 anos). Inserir os jovens em atividades na igreja católica foi também sugestão para estimular a participação na sustentabilidade da comunidade, de vez que dessa forma podem exercitar a interação em grupo, a apresentação em público, leitura e outras habilidades importantes.

Por último, mas não menos importante, com 5,8% das citações, foram sugeridas duas ações diretamente ligadas à cogestão da RESEX. A primeira reivindica dar vez e voz ao jovem nas reuniões da comunidade. Os jovens sentem-se excluídos dessas atividades planejadas com focos nos adultos. Assim ela se expressa:

Os jovens num são ouvidos. Quando tem jovem dando uma opinião eles falam: - 'Ah, não, num é isso, isso daí num vai dar certo é melhor ter uma opinião desse daqui porque ele já tem uma cabeça mais avançado, é adulto e pronto e você não, que é um jovem e num pode dar a sua opinião'. A gente fica um pouco fora disso (F. J. G., 19 anos).

A segunda, é recorrente, dizem faltar uma liderança mais atuante e, com mais poder de mobilização dos jovens. Assim, o jovem se expressa: *Tá faltando é um membro que organize a comunidade pra levar ela mais adiante porque ainda não tem ainda, é o que tá faltando. Tem os coordenador, eles ajudam, mas tá faltando muito mais ainda pra levar a comunidade* (M. A. F., 23 anos). Ver Tabela 182.

Tabela 182 – Ações para estimular os jovens a participar na sustentabilidade da RESEX – Vila Que Era

AÇÕES	AÇÕES PARA ESTIMULAR OS JOVENS A PARTICIPAR NA SUSTENTABILIDADE DA RESEX	FREQ.	%
Trabalho (61,8%)	Trabalho	14	41,1
	Cursos profissionalizantes	3	8,9
	Projeto artesanato de cerâmica (documentário)	3	8,9
	Capacitação: Educação Física, artesanato etc.	1	2,9
Formação (20,7%)	Formação	3	8,9
	Grupo de jovens	3	8,9
	Oficinas	1	2,9
Participação (11,6%)	Pastorais: juventude, idoso	1	2,9
	Participando da igreja	1	2,9
	Dar vez e voz aos jovens nas reuniões	1	2,9
	Uma liderança	1	2,9
Educação (5,9%)	Escola de qualidade para os jovens	2	5,9
	TOTAL	34	100

Fonte: Pesquisa de campo (2015)

5.13 Projeção sobre a comunidade para 20 anos segundo os jovens das duas vilas

Ainda buscando dialogar com os jovens sobre a sustentabilidade do território, foi perguntado: *Como você imagina que estará a Vila do Bonifácio daqui a 20 anos?* Há duas projeções entre os jovens da Vila do Bonifácio: a primeira pessimista (78,5%) imaginando que a situação vai piorar. A erosão da praia continua, a mais recente quebrou uma boa parte da orla de Ajuruteua, com o manguezal sendo destruído. Nessa perspectiva comenta o jovem: *A maré vai levar. A tendência agora é a maré subir cada vez mais. Essas águas que deu levou três casas lá na praia de banho, da barca lá, já cortou aquela ponta. Essa vila do Bonifácio já é do pessoal que já veio da Ilha dos Pescadores porque já caiu a praia lá* (R. A. R., 20 anos).

Dizem que a comunidade é uma das mais esquecidas pela Prefeitura e que por isso a comunidade vai continuar do mesmo jeito. Assim se expressa o jovem:

Daqui a 20 anos, é difícil de dizer porque esse município aqui é o mais esquecido pelo prefeito. Num tem ônibus que preste, a gente vai pra Bragança, às vezes paga um absurdo e dá prego no meio do caminho. O ônibus de estudante num está vindo mais. Os alunos têm que pagar passagem pra ir e vir, ninguém sabe porque. Então o prefeito tem que se mostrar mais um pouco atencioso pra esse lado daqui também (M. D. S. B., 23 anos).

Ainda nessa perspectiva pessimista, recai o declínio da atividade pesqueira com o avanço da pesca industrial e de apoite, que exige o deslocamento do pescador para locais mais distantes. A pesca não produz renda suficiente para a melhoria na qualidade de vida dos pescadores, que se encontram na parte mais frágil da cadeia produtiva. Os intermediários como os marreteiros, donos das embarcações, retêm os maiores valores (LOUREIRO, 1985). O que o pescador ganha se limita ao mínimo de sobrevivência é o que atesta o depoimento do jovem a seguir:

Eu acho assim que o pescador num ganha nada, porque se ele ganhasse muitos não tariam em casinhas de palha, em barraquinhas, teriam uma vida melhor. Só quem ganha é o marreteiro, o dono da embarcação que hoje em dia tem carro próprio, tem uma casa boa, tem caminhão pra levar os peixes pra cidade. Então, eu acho assim que deveria ter mais uma consideração com os pescadores porque eles praticamente não ganham nada (V. S. B., 26 anos).

Por fim, nessa projeção a Vila vai perder a sua tranquilidade em razão do aumento do veraneio e atividades turísticas que deixam marcas negativas na comunidade como atesta a jovem: *Eu espero que [...] porque a comunidade aqui já foi muito tranquila, mas hoje já é*

mais agitada, mais agitada pelo veraneio, primeiro de ano, vem muita gente de ano porque tem show lá na praia, vem gente em peso (V. S. B., 26 anos).

A segunda ótica é otimista (21,5%), de que vai melhorar a infraestrutura e a comunidade estará mais desenvolvida (Tabela 183), conforme imagina a jovem: *Acho que vai ser um lugar mais [...] Vai mudar, a estrutura vai ser diferente, vai ser um lugar mais desenvolvido. Eu espero que tenha mais recursos para as pessoas* (A. P. A. S., 19 anos).

Haverá asfaltamento na estrada e nas vias internas da Vila e água potável, conforme projeta o jovem: *Eu acho que estará melhor. Eu espero vim pra cá e ver essa rua asfaltada, ter água limpa pra todo mundo* (M. C. S., 19 anos). Muito otimista, a jovem acredita que em 20 anos:

Eu espero coisa muito melhor, que a comunidade continue do jeito que tá. Meus filhos tão crescendo e eu vou ficar velhinha no futuro. Eu espero que a temporada seja melhor, que cheguem coisas novas na comunidade que eu e meus filhos possam aprender a cultivar as coisas que vem pra dentro da comunidade. Eu acho que estaria mais desenvolvida, hoje em dia tem tanto recursos para maioria dos lugares do Brasil, eu acredito que talvez tivesse outras melhorias, teria mais colégios pra que pudesse haver mais estudos, pra outros jovens que estão crescendo. Mais adiante cursos, onde os jovens pudessem aprender com aquilo, Bonifácio seria um lugar melhor (V. C. A., 27 anos).

Tabela 183 – Projeção sobre a Vila do Bonifácio para 20 anos, segundo os jovens

PROJEÇÃO	A VILA DAQUI A 20 ANOS	FREQ.	%
Pior (78,5%)	Vai piorar, a praia tá estragada, o mangal também	4	28,6
	Vai continuar assim	2	14,4
	Comunidade mais esquecida pelo prefeito	1	7,1
	Não sei	1	7,1
	Pesca vai acabar – ter que pescar mais longe	1	7,1
	Perder a tranquilidade, mais agitada pelo veraneio	1	7,1
	Pescador não ganha nada, continua “pobre”	1	7,1
Melhor (21,5%)	Lugar mais desenvolvido, com mais recursos	2	14,4
	Vai ter asfalto e água potável	1	7,1
	Total	14	100

Fonte: Pesquisa de campo (2015)

Na Vila Que Era as respostas se dividiram a perspectiva otimista é maior (74%) em relação à pessimista (13%) (Tabela 184). Na otimista a comunidade estará melhor, conforme afirmam os que assim opinaram: *Se eu tiver vivo até lá [risos], é 20 anos é bastante grande. A população vai tá aumentando cada vez. Continuo participando, dando palpite, as ideias, debatendo os projetos, gosto de ver a comunidade se desenvolver nascendo mais criança [risos]* (F. J. G., 24 anos). Outra jovem confirma: *Acho que será mais desenvolvida né, porque tipo a gente vai ficando pra trás e eles já vão levando pra frente o que a gente vai construindo. Tenho certeza que eles vão continuar* (J. S. R. C., 28 anos). Assim também

confirma a jovem: *Oh meu Deus! [risos] Eu queria que crescesse, crescesse e muito. Sei lá, colocasse um Posto de Saúde, supermercado, lojas, é isso* (L. M. S., 28 anos). O jovem também confirma:

Eu espero que melhore bastante do que é. Que possa ter mais desenvolvimento da comunidade sobre participação, sobre projeto. Uma coisa assim que possa crescer, não venha diminuir. Tenha mais desenvolvimento nesta comunidade, ter alguma coisa assim que, aqui dentro, a gente possa assim ter como sobreviver (L. F. M. M., 20 anos).

Pela perspectiva pessimista, acreditam que não mudará nada, que a comunidade estará como está agora, conforme os depoimentos a seguir:

Olha, sinceramente, vou dizer com toda sinceridade, no rumo que nós tamo hoje aqui na Vila Que Era esse vai ser o caminho para sempre, porque num tem plano pra comunidade, num tem uma pessoa que vá, e dizer assim: ‘olha eu vou fazer isso, isso’. Vem, vem muito, mas nunca fazem. Ultimamente eu acredito, espero que não, mas acredito que seja esse da comunidade, porque a comunidade é unida, quando tem uma coisa, quando tem uma limpeza o pessoal vem, aquilo é do povo, num vem me dizer que é de uma pessoa de fora, é do povo, então acredito, vamos esperar, né, mas sinceramente vai ser assim o tempo todo (A. C. A., 29 anos).

Na mesma direção o jovem afirma:

Creio que não vai mudar muito se não tiver uma gestão ou alguém que entrar e quiser: ‘Não, eu vou mudar aquela comunidade, eu vou fazer algo mais’. Mas eu acho difícil, não vai mudar muita coisa, só se vier um projeto pra cá, uma empresa pra fazer um trabalho costeiro, dar por aqui perto uma fábrica pra poder mudar (J. F. C., 23 anos).

Tabela 184 – Projeção sobre Vila Que Era para 20 anos, segundo os jovens

PROJEÇÃO SOBRE A VILA QUE ERA PARA 20 ANOS	FREQ.	%
Melhor	17	74,0
Pior	3	13,0
Sem informação	3	13,0
TOTAL	23	100

Fonte: Pesquisa de campo (2015)

Em síntese, pensa-se que a ação coletiva, no sentido de ser local e pública que envolva os jovens na participação do desenvolvimento sustentável do território deve, necessariamente, incluir as dinâmicas locais que derivam dos saberes e fazeres tradicionais “[...] ou seja, de povos, de grupos sociais, cujo modo de viver tem sido referido como mais adequado ao não esgotamento das fontes de reprodução da vida e sendo assim, portanto, de acordo com os princípios do chamado desenvolvimento sustentável” (TEISSERENC, M. J. s/d, p.1). Contudo, deve incluir também as dinâmicas próprias da juventude na relação com um contexto mais amplo da sociedade, que extrapola a vida local, especialmente pela via da

escolarização e profissionalização.

Em nome de um crescimento econômico e desenvolvimento das chamadas áreas “atrasadas”, o saber científico é um “[...] saber paradoxalmente integrado a uma cosmologia subserviente ao progresso, ao desenvolvimento de forças produtivas que levou à crise ambiental e contribuiu a uma redução do mundo às trocas econômicas” (TEISSERENC, s/d, p. 12). Neste sentido, os jovens demonstraram seu vínculo com suas comunidades e, contraditoriamente, desejam sair em busca de “uma vida melhor” tendo como eixo central o trabalho.

Uma parte também deseja apreender o conhecimento científico, técnico, profissionalizante e retornar à comunidade, contribuindo com o desenvolvimento local quando pensam em ser biólogos, engenheiros florestais, professores. Esse desejo se aproxima do que Teisserenc denomina de “[...] reapropriação social da natureza”, baseando-se no conceito elaborado por Enrique Leff (TEISSERENC, M. J., s/d, p. 12).

Esse movimento de reapropriação social da natureza é um caminho para o dilema de permanecer ou sair, que pode ultrapassar o “ou/ou” e incluir o “e”, isto é, uma via que permita a saída e o retorno ancorada na participação coletiva, como afirma o jovem:

Daqui a 2 anos eu pretendo muito mesmo estar dentro da universidade fazendo Biologia, que eu amo demais e, quem sabe, até entrar na área da saúde, de Medicina e tudo mais que eu acho o máximo. Eu vou fazer agora enfermagem, então eu tô querendo logo me adaptar a isso - ser médico pra trabalhar aqui, porque a minha comunidade é carente nessa questão de saúde, mas quem sabe o que vai acontecer na minha vida?! (L. S. G., 19 anos).

A reapropriação da natureza se expressa em múltiplas formas, como revela o cordel criado pelo menino pescador que se tornou “pescador de saberes”:

<p>"Minha terra não tem palmeiras, Tem apenas manguezais Ricos e biodiversos De espécies animais e vegetais</p> <p>Minha terra não tem palmeiras Mas contém muita beleza Tem praias, campos e o mar Que me dão uma certeza Eu sou um privilegiado Creio que fui abençoado Pelas mãos da natureza.</p>	<p>Minha terra não tem palmeiras E precisa de atenção Os animais, os vegetais Precisam de proteção.</p> <p>Minha terra não tem palmeiras Mas tem clamores e ais Os caranguejos, os guaxinins As garças e os guarás Gritam a uma só voz Não exterminem a nós Protejam os manguezais"</p> <p style="text-align: right;">Manoel Ramos, 2008</p>
---	--

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A sustentabilidade socioambiental de um território reporta-se tanto ao presente quanto ao futuro. A incipiente participação de jovens na gestão desse território é um alerta quanto à sustentabilidade futura. Os dados obtidos na RESEX Marinha de Caeté Taperaçu corroboram esse quadro, ou seja, os jovens estão à parte do processo de cogestão da RESEX, e as razões decorrem de múltiplos fatores.

Em primeiro lugar, os jovens das duas vilas estudadas desconhecem o que é uma RESEX, e, para aqueles que sabem que moram em uma Reserva Extrativista, o conhecimento é restrito, limitado ao benefício de concessão da moradia, via INCRA, cuja distribuição ocorre não sem conflito, considerando que, muitos não se perguntam: “Por que estou recebendo esta casa?” E sim: “Por que o vizinho recebe e eu não?” Isto porque desconhecem a política pública das UC e o processo participativo da cogestão. Não é incomum que ocorram esses equívocos em relação às Políticas Públicas que, via de regra, são pouco conhecidas, mesmo pelos seus usuários. Ocorre então um viés, personificam a RESEX com o que se encontra mais objetivamente próximo a eles: – o INCRA, a sede do ICMBio, a sede da ASSUREMACATA.

Em segundo lugar, acreditam que “RESEX” é algo que interessa aos mais velhos: pais, avós, tios. Uma vez que a relacionam com o benefício da moradia, os jovens casados, com ou sem filhos passam a se interessar e, são os que têm alguma participação, comparecendo às reuniões que tratam sobre a concessão do crédito moradia.

Em terceiro lugar, os jovens não têm conhecimento das instâncias da cogestão: comitê comunitário, polos, associação dos moradores, conselho deliberativo, órgão gestor. Uma parcela mínima conhece uma parte da organização institucional da RESEX, são jovens ligados por laços de parentesco aos representantes comunitários: filhos, sobrinhos. Identificou-se um hiato entre as demandas dos jovens e a atuação da RESEX. De um lado, os jovens querem trabalho/emprego diverso da pesca, demandam estudo, lazer, educação, transporte. De outro, consideram que a política pública da RESEX não faz parte de seu universo, uma vez que desconhecem a estrutura da gestão e que são atores sociais importantes na gestão.

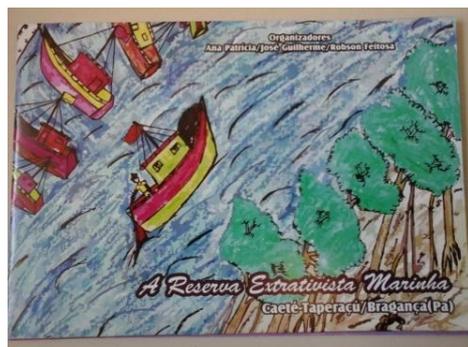
Em quarto lugar, não há, por parte da institucionalização, a formação dos jovens como atores sociais para a participação na cogestão e no processo de preservação e sustentabilidade da RESEX, embora, nos instrumentos legais conste a importância da participação dos jovens. Pode-se conjecturar que há um projeto institucional da RESEX e há projetos dos jovens. Ambos não dialogam, embora, nas oficinas de preparação do plano de manejo, a situação dos

jovens tenha sido exposta pelos participantes e são semelhantes ao que foi encontrado nos dados desta pesquisa, apresentados nos Capítulos 4 e 5. Diferentemente dos jovens de assentamentos de reforma agrária cuja socialização vinculou-os a determinadas práticas de luta pela terra que incluem a ocupação de terras, acampamentos, assentamentos, mobilizações, atos públicos e, por conseguinte, formações de lideranças juvenis para essa prática política (CASTRO, 2009, p. 58), na RESEX não houve prática similar. Os jovens demonstram estar à parte do projeto da RESEX e mais voltados à busca individual pela realização de seus projetos de vida.

Em quinto lugar, não há, pelo menos formalmente, a inclusão do tema RESEX, na pauta das agências sociais locais, como a escola e as igrejas. A ausência na agenda não contribui para que a RESEX seja conhecida e legitimada. Tende a ser conhecida pelos “iniciados”, que participam das reuniões e/ou parentes próximos as lideranças, às vezes com conhecimento parcial do processo.

Existem ações pontuais, ligadas a determinados atores sociais com carisma na comunidade que, dentro de suas possibilidades, atuam como catalizadores de ações coletivas, como o trabalho desenvolvido por um morador e funcionário da escola na Vila do Bonifácio que escreve sobre meio ambiente em forma de cordel. Há, também, ações incentivadas por membros do conselho deliberativo em escolas sem, contudo, se caracterizar uma ação formal, regular. A elaboração da cartilha *A Reserva Extrativista Marinha Caeté-Taperacu/Bragança/PA*, organizada por Ana Patrícia R. da Silva, José Guilherme S. Fernandes e Robson Feitosa, do Programa de Pós-Graduação Linguagens e Saberes na Amazônia - UFPA/Campus Bragança, demonstra como ações dessa natureza, na qual os jovens tiveram participação ativa na coleta dos dados e na sua apresentação, podem estar presentes na formação e estímulo do jovem sobre a participação na RESEX (Figuras 49 e 50).

Figura 49 – Cartilha elaborada com a participação dos jovens da RESEX



Fonte: Acervo da autora (2016)

Figura 50 – Cartilha elaborada com a participação dos jovens da RESEX



Fonte: Acervo da autora (2016)

Em sexto lugar, o processo de socialização revela um jovem dividido entre seu *ethos* de população extrativista, expresso na afirmação da identidade, por exemplo: [...] *sou vilacoerence com orgulho* ou [...] *nasci, me criei e vou morrer aqui nessa praia*, mas que contrasta com a negação em dar continuidade às atividades praticadas pelos pais, avós, adultos da família, projetando suas trajetórias para fora do lugar. Nesse sentido, a pesca revela-se como uma “herança familiar” para aqueles que não conseguiram atingir um grau de escolaridade compatível com a competição no mercado de trabalho além das fronteiras da vila, mantendo-se nas atividades extrativistas menos por opção e mais por imposição. Existe uma parcela pequena que diz gostar da pesca, cuja iniciação ocorreu na infância, muito significativa na fala [...] *só não nasci na maré...*, ou seja, nestes casos, houve uma socialização para a pesca, que prevaleceu em relação ao avanço na escolaridade. Essa parcela deseja investir na pesca, com a aquisição de barcos e apetrechos de forma que a atividade, considerada por eles como “penosa” possa se tornar mais leve ou menos pesada. Este dado é importante a ser pensado no processo de sustentabilidade, ou seja, não se trata de negar a pesca ou a coleta de caranguejo, mas negar as condições nas quais ainda são realizadas, destarte os incentivos que foram dispensados com a concessão de apetrechos da pesca.

Com efeito, o desejo de não reproduzir a atividade do pai na pesca tende a criar elementos de uma nova identidade em construção, mais próxima do modo de vida urbano do dinamismo da vida moderna. Cabe aqui lembrar o jovem que mora em Vila Que Era e vai até a Universidade na sede do município de bicicleta, pedalando por 8 km e pretende adquirir uma motocicleta para fazer esse percurso, que poupará tempo e esforço físico. Ele, então, acessa uma nova habilidade – conduzir veículo automatizado, comum nas grandes cidades e, em números crescentes em pequenas cidades. Os jovens vivem nas comunidades, mas convivem nas franjas do urbano, presencial ou virtualmente, sendo influenciado pelos ventos da “modernidade”.

Todas essas razões recaem em um dilema para os jovens: permanecer ou sair da vila. Para aqueles que desejam transpor os limites da RESEX e viver em um centro urbano há o medo da violência, da imagem negativa que a cidade retrata. Esse medo é compartilhado pelos pais.

Há aqueles que enfrentam esse dilema e partem para a cidade, como em alguns casos, – quatro ou cinco – jovens que saíram recentemente da Vila do Bonifácio para trabalhar em uma empresa de processamento de aves, em Santa Catarina.

Há sonhos singelos de alguns que desejam se preparar para atuarem como atendentes de loja e caixas de supermercados. E há os que desejam sair e voltar para contribuir na

comunidade. São jovens que demandam um modo de vida coerente com o sentido da sustentabilidade social e ambiental, contrastando com a falta de saneamento, especialmente a falta de água de qualidade em Vila do Bonifácio, transporte adequado, espaços de lazer e prática de atividades culturais e investimentos na saúde. Por fim, há a parcela que se identifica como pescador. Mas o fazem, acredita-se, mais pela negação de outra possibilidade de vida, “não gostar de estudar” e não saber fazer outra coisa a não ser pescar. Para esses não há dilema, pois, em geral, casam precocemente, têm filhos e se dedicam à pesca.

Conclui-se, portanto, que as hipóteses levantadas neste estudos são confirmadas. De fato, há incipiente participação dos jovens porque a institucionalização do território em RESEX é um processo que, mesmo baseado em demanda da comunidade, inaugura um aparato institucional diverso da gestão tradicional do território sem a necessária formação dos jovens para participação na cogestão. Isto encerra, *a priori*, uma contradição, considerando que a institucionalização da RESEX requisita uma conformação às regras estatais, enquanto a gestão tradicional do território adota suas próprias regras. Em síntese, conforme a linha defendida por Ostrom (1990) de que as instituições devem “fazer sentido” para os membros da coletividade, como exigir a participação do jovem em algo que desconhece e, que não faz sentido para ele? O projeto da RESEX está fora do mundo dos jovens, assim como também os instrumentos legais que asseguram a participação do jovem em sua comunidade, como o Estatuto da Juventude, desconhecido não somente de todos os jovens entrevistados, como dentre as lideranças.

Os achados deste estudo fundamentam a ideia de que, na medida em que forem incluídos, mobilizados, os jovens poderão se engajar e sair da participação latente para a protagonista (VICTOR, 2010), praticando a participação social (BORDENAVE, 1983) que já exercitam nas agências locais de suas comunidades.

A segunda hipótese é complementar e também é afirmada uma vez que há incipiente participação porque existe desencontro entre a política de institucionalização do território em RESEX e o modo de vida dos jovens que a habitam. Com efeito, a institucionalização da RESEX se ancora em diretrizes mais gerais nos instrumentos legais das Unidades de Conservação. O plano de manejo, elaborado por especialistas e por representantes da comunidade, pode ser considerado “o projeto local da RESEX”. Entretanto, há lacunas na sua efetivação, muito particularmente, na não inclusão dos jovens.

É importante considerar a complexidade de institucionalização de uma política como a RESEX, na medida em que, paralelamente à criação, não houve o fortalecimento dos órgãos gestores locais, tanto no que se refere a recursos humanos quanto à infraestrutura. A sede do

ICMBio da RESEX em Bragança funciona em prédio cedido pelo SETRAN e, encontra-se com instalações físicas precárias, sem previsão de reformas. Dispõe de apenas dois analistas ambientais para gerir toda a RESEX. Os veículos terrestres e fluviais se encontram em estado deteriorado e sem manutenção, portanto, incompatíveis com as demandas o que impossibilita o deslocamento na área. Não há rubrica para apoiar a realização de eventos nas comunidades. Encontra-se em curso uma tentativa de parceria com a UNESCO e a sede central do ICMBio para desenvolver o programa Jovens Protagonistas, ou seja, é necessário participar de editais de apoio a projetos e eventos sistematicamente. A exemplo do que ocorreu na RESEX de Tracuateua, um seminário com jovens foi realizado com apoio de projeto em parceria com a Comunidade Europeia. Ou seja, cria-se uma Reserva Extrativista e não se investe, ou se investe pouco em sua capacidade, para efetivar os princípios que nortearam sua instituição.

Vale considerar aspectos interessantes abordados por Abramovay et al. (1998) em seus estudos sobre agricultura familiar, especialmente a praticada nos estados do Sul. Trata-se do fenômeno do minorato, no qual o filho mais novo herda a propriedade e a responsabilidade de cuidar dos pais idosos. Segundo os autores: “A atividade de agricultor era fortemente valorizada na educação dos filhos” (p. 33). Diferentemente, na RESEX não há uma pressão moral para a continuidade e, nem um sistema tradicional como o minorato. Ao contrário, existe um desejo dos pais de que os filhos prossigam os estudos e galguem melhoria de vida em trabalhos fora da pesca e da coleta de caranguejo.

Na mesma linha da questão levantada por Abramovay et al. (1998, p. 16) sobre a agricultura familiar, é pertinente também para a RESEX:

Quem serão os responsáveis pela gestão da agricultura e do meio rural daqui para a frente? Deixar que as próprias unidades familiares de produção respondam a esta questão é perder a oportunidade de utilizar socialmente vocações e capacidades profissionais e, sobretudo, encarar como fatalidade inelutável a desertificação social, econômica e cultural que ameaça tantas regiões brasileiras hoje.

Os dados deste estudo permitem concluir que, no que concerne aos jovens, ocorre na RESEX o exercício para a participação social, no sentido apresentado por Bordenave (1983) que pode ser a chave para a participação na cogestão, uma vez que os jovens atuam em agências primárias como a família, a escola, a igreja e a vizinhança, consideradas por Bordenave (1983, p. 25) como “[...] aprendizagem e o caminho para a participação em nível macro numa sociedade onde não existam mais setores ou pessoas marginalizadas”. Contudo, há incipiente investimento na formação dos jovens para a cogestão, com ações pontuais que atingem, em maior medida, os jovens da rede familiar de lideranças consolidadas. Dessa

conclusão se extraem dois fatos: - os jovens detêm um enorme potencial de participação e a reprodução familiar de participação social deve se estender para grupos maiores, como se observou no seminário “Juventude, democracia e meio ambiente”, organizado pela RESEX de Tracuateua, conforme foi apresentado no Capítulo 5, item 5.5.

Na RESEX em estudo os jovens detêm um forte potencial de participação social, de engajamento e são gregários. Entretanto, é necessária uma ação coerente com essa força efervescente que o jovem carrega. Investir na inclusão dos jovens em atividades nas vilas como é o caso de cerâmica, construção naval, artes, artesanato, turismo, entre outras. Esses são alguns dos caminhos possíveis para atrair os jovens promovendo sua inclusão pessoal e social em seus territórios e, certamente, com o direito de optar entre ficar ou sair, e não uma imposição.

O que será a RESEX daqui para a frente se não houver uma ação concreta e sistemática que ouça os jovens em suas demandas, necessidades e expectativas pessoais e para com a sua comunidade? O fato é que o jovem não está estático, mantém-se em luta por oportunidades de mudar as condições materiais de vida, seja por um caminho individual, seja pela via do coletivo, dentro ou fora do território. Como Reserva Extrativista, sob gestão compartilhada, seu sucesso carece do envolvimento e da criatividade de suas novas gerações.

REFERÊNCIAS

- ABDALA, G.; SARAIVA, N.; WESLEY, F. **Plano de Manejo da Reserva Extrativista Caeté-Taperaçu - Volume II - Planejamento das Unidades**. Brasília: ICMBio. 2012, 162 p.
- ABRAMOVAY, R. et al. **Juventude e agricultura familiar: desafios dos novos padrões sucessórios**. Brasília: UNESCO, 1998.
- ALMEIDA, M. W. B. de. Direitos à floresta e ambientalismo: seringueiros e suas lutas. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, v. 19, n. 55, p. 33-53, jun. 2004.
- ALVES, M. Z.; DAYRELL, J. Ser alguém na vida: um estudo sobre jovens do meio rural e seus projetos de vida. **Revista Educ. Pesqui.**, São Paulo, v. 41, n. 02, p. 375-390, abr./jun. 2015.
- ARIÈS, P. **História social da criança e da família**. 2. ed. Rio de Janeiro: LTC, 2006.
- BAQUERO, M. Cultura política participativa e desconsolidação democrática: reflexões sobre o Brasil contemporâneo. **São Paulo em Perspectiva**, São Paulo, v. 15, n. 4, p. 98 -104, dez. 2001. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-88392001000400011&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 27 out. 2015
- BAUMAN, Z. **Sobre educação e juventude**. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.
- BECKER, H. **Métodos de pesquisa em Ciências Sociais**. São Paulo: Hucitec, 1994.
- BERGER, P.; LUCKMANN, T. **A construção social da realidade**. Petrópolis-RJ: Vozes, 2004.
- BERKES, F. et al. **Gestão da pesca de pequena escala: diretrizes e métodos alternativos**. Rio Grande-RS: Editora FURG, 2006.
- BOGHOSSIAN, C. O.; MINAYO, M. C. de S. Revisão sistemática sobre juventude e participação nos últimos 10 anos. **Saúde Soc.**, São Paulo, v. 18, n. 3, p. 411-423, 2009.
- BORDENAVE, J. E. D. **O que é participação?** São Paulo: Editora Brasiliense, 1983.
- BOURDIEU, P. **A miséria do mundo**. Petrópolis-RJ: Vozes, 2012
- _____. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.
- _____. **Os usos sociais da ciência**. São Paulo: Editora UNESP, 2004.
- _____. A 'juventude' é apenas uma palavra. In: **Questões de Sociologia**. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983.
- BRASIL. Lei nº 12.852/2013, de 5 de agosto de 2013. Institui o Estatuto da Juventude e dispõe sobre os direitos dos jovens, os princípios e diretrizes das políticas públicas de juventude e o Sistema Nacional de Juventude - SINAJUVE. **Diário Oficial da União**,

Brasília, de 8 de agosto de 2013.

_____. Lei nº 9.985.2000, de 18 de julho de 2000. Regulamenta o art. 225, § 1º da Constituição Federal, institui o Sistema Nacional de Unidades de Conservação da Natureza. **Diário Oficial da União**, Brasília, de 19 de julho de 2000.

_____. **Constituição Federal (1988)**. Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília: Senado, 1998.

BRUMER, A. A problemática dos jovens rurais na pós-modernidade. In: CARNEIRO, M. J.; CASTRO, E. G. (Org.). **Juventude rural em perspectiva**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007. p. 35-51.

CAILLÉ, A. **O pensamento antiutilitarista, as ciências sociais e a crítica do utilitarismo: um balanço**. Fev. 2009. Disponível em: <<http://www.jornaldomauss.org/periodico/?p=76>> Acesso em: 20 maio 2016.

CANCLINI, N. G. **La modernidade em duda**. México: Instituto Mexicano de la Juventud; Secretaria de Educación Pública, 2006.

CARNEIRO, M. J. Juventude e novas mentalidades no cenário rural. In: CARNEIRO, M. J.; CASTRO, E. G. (Org.). **Juventude rural em perspectiva**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007.

CASTELLS, M. **Comunicação móvel: uma perspectiva global**. Portugal: Calouste Gulbenkian, 2009.

CASTRO, E. Território, biodiversidade e saberes de populações tradicionais. In: CASTRO, E.; PINTON, F. (Org.) **Faces do Trópico Úmido: Conceitos e questões sobre desenvolvimento e Meio Ambiente**. Belém: CEJUP; UFPA-NAEA, 1997.

CASTRO, E. G. de. O paradoxo “ficar” e “sair”: caminhos para o debate sobre a juventude rural. In: SILVA, R.; FERRANTE, V. L. S. B.; ALY JUNIOR, O. **Assentamentos rurais: impasses e dilemas (uma trajetória de 20 anos)**. São Paulo: INCRA, 2005. p. 321-349.

CASTRO, E. G. de et al. **Os jovens estão indo embora?: Juventude rural e a construção de um ator político**. Rio de Janeiro: Mauad X; Seropédica-RJ: EDUR, 2009.

CETRULO, F. S. Sociabilidade e sociedade moderna. In: D'INCAO, M. A. (Org.) **Sociabilidade: espaço e sociedade**. São Paulo: Grupo Editores, 1999. p. 15-33.

CHIZZOTTI, A. **Pesquisa em Ciências Humanas e Sociais**. São Paulo: Cortez, 2000.

COSTA, F. da. A pesquisa de terreno em sociologia. In: SILVA, A. S.; PINTO, J. M. (Org.). **Metodologia das Ciências Sociais**. 16. ed. Porto: Edições Afrontamento, 1987.

COUTINHO, C. N. **Marxismo e política: a dualidade de poderes e outros ensaios**. 1. ed. São Paulo: Cortez, 1994.

CUNHA, L. H. **Manejo comunitário de recursos naturais na Amazônia: arranjos institucionais e mediação externa**. 2002. Tese (Doutorado em Desenvolvimento Sustentável

do Trópico Úmido) – Núcleo de Altos Estudos Amazônicos, Universidade Federal do Pará, Belém, 2002.

DEBORD, G. **A sociedade do espetáculo**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

DI CIOMMO, R. C. Pescadoras e pescadores: a questão da equidade de gênero em uma Reserva Extrativista Marinha. **Revista Ambiente & Sociedade**, Campinas-SP, v. 10, n. 1, p. 151-163, jan./jun. 2007

DIEGUES, A. C. **O mito moderno da natureza intocada**. Editora Hucitec, Núcleo de Apoio à Pesquisa sobre Populações Humanas e Áreas Úmidas Brasileiras/USP, São Paulo, 2008.

D'INCAO, M. A. Modos de ser e de viver: a sociabilidade urbana. **Tempo Social; Rev. Sociologia**, São Paulo, v. 1 – 4 (1-2), p. 95-109, 1992.

IBASE; PÓLIS. **Sociedades sul-americanas: o que dizem jovens e adultos sobre juventudes**. 1. ed. Centro de Estudios Sociales – CIDPA, Rio de Janeiro, 2009. (Vários autores: Diego Segóvia, Eliana Ribeiro, Oscar D'Ávila, IBASE e PÓLIS, org.).

IBGE. **Censo 2010**. Banco de Dados, SIDRA, Demográfico e Contagem. Disponível em: <www.ibge.gov.br> Acesso em: 21 jan.2015.

IPEA, FBSP. **Atlas da Violência 2016**. Nota Técnica. Brasília, março de 2016. Disponível em: <www.ipea.gov.br; www.forumseguranca.org.br> Acesso em: 27 jun. 2016.

FERNANDEZ, A. C. F. Conservacionismo e políticas de desenvolvimento: o legado dos parques. In: ESTERCI, N.; SANT'ANA JR., H. A.; TEISSERENC, M. J. (Org.) **Territórios socioambientais em construção na Amazônia brasileira**. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2014.

FREIRE, J. S.; CASTRO, E. Juventude na Amazônia Paraense: identidade e cotidiano de jovens assentados da reforma agrária. In: CARNEIRO, M. J.; CASTRO, E. G. (Org.) **Juventude rural em perspectiva**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007. p. 215-236.

FRIEDBERG, E. Organização. In: BOUDON, R. (Dir.). **Tratado de sociologia**. Trad. T. Curvelo. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1995. p. 375-412.

FEENY, D.; BERKES, F.; McCAY, B. J.; ACHESON, J. M. A tragédia dos comuns: vinte e dois anos depois. In: DIEGUES, A. C. S., MOREIRA, A. C. C. (Org.) **Espaços e recursos naturais de uso comum**. São Paulo, USP, 2001.

GOLDENBERG, M. **A arte de pesquisar**. Como fazer pesquisa em Ciências Sociais. 5. ed. Rio de Janeiro: Record, 2001.

HARDIN, G. La tragédia de los bienes comunes. Edição revisada de “La tragédia de los espacios colectivos”. In: DALY, H. E. (Ed.) **Economía, ecología y ética: ensayos hacia una economía em estado estacionário**. México: Fondo de Cultura Econômica, 1992. p. 111-124.

HÉBETTE, J. Associativismo: um ensaio sobre a sua contextualização histórica. In: GOMES, A. C.; MANESCHY, M. C.; MAGALHÃES, S. B.; FERREIRA, J. M. C. (Org.)

Organização social do trabalho e associativismo no contexto da mundialização: estudos em Portugal, África e Amazônia. Belém: EDUFPA, 2010. p. 55-66

HOPPEHAYN, M. (Org.) **La juventude em Iberoamérica:** tendências y urgências. Santiago de Chile: Organización Iberoamericana de Juventud; Cepal, 2004.

KOLODY, A.; ROSA, C. B. S.; LUIZ, D. S. C. Relações entre Estado e sociedade civil: reflexões sobre perspectivas democráticas. **Revista Aurora**, Marília-SP, v. 5, n. 8, ago. 2011.

LOUREIRO, V. R. **Amazônia:** Estado, homem, natureza. 3. ed. Belém: Cultural Brasil, 2014.

_____. **Os parceiros do mar:** natureza e conflito social na pesca da Amazônia. Belém: Falangola, 1985.

LAMARÃO, M. L. **A constituição das relações sociais de poder no trabalho infanto-juvenil doméstico:** estudo sobre estigma e subalternidade. 2008. Dissertação (Mestrado em Serviço Social) – Instituto de Ciências Sociais Aplicadas, Universidade Federal do Pará, Belém, 2008.

LAMARÃO, M. L.; AMARAL, M. C. **Caderno Pedagógico:** metodologias de trabalho com crianças institucionalizada. Belém: UNICEF, 2007.

MACIEL, C. A. *Habitus* precário e as danças da sub-cidadania. In: SOUZA, J. (Org.). **A invisibilidade da desigualdade brasileira.** Belo Horizonte: UFMG. 2006. p. 239 a 258.

MANESCHY, M. C. et al. **A construção da participação na institucionalização de unidades de conservação no estado do Pará.** Belém, ago. 2014. (Relatório final da pesquisa)

_____. **A construção da participação na institucionalização de unidades de conservação no estado do Pará.** Belém, Nov. 2012. (Relatório parcial da pesquisa)

MANESCHY, M. C. Coletividades locais e usos dos recursos naturais: reflexões sobre comunidades pesqueiras. In: COLÓQUIO COLETIVIDADES LOCAIS, CULTURA E NATUREZA. Belém, 2011. Belém: LEMAC-PPGEDAM/NUMA-UFPA, 2011.

_____. Socioeconomia: trabalhadores e trabalhadoras nos manguezais. In: FERNANDES, M. E. B. (Org.) **Os manguezais da costa norte brasileira.** São Luis: Fundação Rio Bacanga, 2003. v. 2

_____. **Ajuruteua:** uma comunidade pesqueira ameaçada. Belém: UFPA/CFCH, 1995.

_____. A arte do pescador artesanal. **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi - Série Antropologia**, Belém, v. 6, n. 1, p. 95-105, 1990.

MARTÍN-BARBERO, J. A mudança na percepção da juventude: sociabilidades, tecnicidades e subjetividades entre os jovens. In: BORELLI, S. H. S.; FREIRE FILHO, J. (Org.). **Culturas juvenis no século XXI.** São Paulo: EDUC, 2008.

MCKEAN, M. E.; OSTROM, E. Regimes de propriedade comum em florestas: somente uma relíquia do passado? In: DIEGUES, A. C.; MOREIRA, A. C. C. (Org.). **Espaços e recursos naturais de uso comum**. São Paulo: NUPAUB/LASTROP-USP, 2001. p.79-95.

MMA. Secretaria de Biodiversidades e Florestas/Gerência de Biodiversidade Aquática e Recursos Pesqueiros. **Panorama da conservação dos ecossistemas costeiros e marinhos no Brasil**. Brasília, 2010.

NONATO DA SILVA, D. **Os donos de São Benedito**: convenções e rebeldias na luta entre o catolicismo tradicional e o devocional na cultura de Bragança, século XX. 2006. Dissertação (Mestrado em História Social da Amazônia) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Pará, Belém, 2006.

OLIVEIRA, M. C. Juventude e jovialidade. **JCNET**, 2015. Disponível em: <http://www.jcnet.com.br/>

OLSON, M. **A lógica da ação colectiva**: bens públicos e teoria dos grupos. Trad. M. D. C. Guerreiro. Oeiras: Celta Editora, 1998.

OSTROM, E. **Governing the commons**: the evolution of institutions for collective action. New York: Cambridge University Press, 1990.

PAIS, J. M. A juventude como fase de vida: dos ritos de passagem aos ritos de impasse. **Saúde Soc.** São Paulo, v. 18, n. 3, p. 371-381, 2009

_____. A construção sociológica da juventude - alguns contributos. **Análise Social**, v. 25, p. 105-106, 1990 (1.º, 2.º), 139-165.

PEREIRA, B. C. **Sinopse da História de Bragança**. Belém: Imprensa Oficial, 1963.

RIBEIRO, R. J. Política e Juventude: o que fica de energia. In: NOVAES, R.; VANNUCHI, P. (Org.) **Juventude e Sociedade: trabalho, educação, cultura e participação**. 1. reimp. São Paulo: Instituto Cidadania; Editora Fundação Perseu Abramo, 2004.

SABOURIN, E.; OLIVEIRA, M. N. de; XAVIER, J. H. V. Lógica familiar e lógica coletiva nos assentamentos de reforma agrária: o caso do município de Unaí, MG. Comunicação. In: CONGRESSO LATINO AMERICANO DE SOCIOLOGIA RURAL, 7., Alasru, Quito-Ecuador, 2006. **Anais...** 2006

SCHMITZ, H.; MAGALHÃES, L. E. L. Influência das relações institucionais na execução do Projeto Lumiar no Pará. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE ECONOMIA E SOCIOLOGIA RURAL. 23. Brasília, 1999, **Anais...** Brasília: SOBER, 1999. (1 CD-ROM).

SCOTT, J. **Sociologia**: conceitos-chave. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.

SEGOVIA, D. et al. **Sociedades sul-americanas: o que dizem jovens e adultos sobre as juventudes**. Instituto Brasileiro de Análises Sociais e Econômicas/IBASE, Instituto de Estudos, Formação e Assessoria em Políticas Sociais/PÓLIS. Centro de Pesquisas para o Desenvolvimento Internacional/IDRC, Milograph Gráfica e Editora, Rio de Janeiro, 2009. Disponível em: <www.ibase.br> Acesso em: 20 jan. 2015.

SENNETT, R. **A corrosão do caráter**: consequências pessoais do trabalho no novo capitalismo. 14. ed. Rio de Janeiro: Editora Record, 2009.

SILVA, A. P. R. da; FERNANDES, J. G. dos R.; FEITOSA, R. de S. (Org.). **Reserva Extrativista Marinha Caeté-Taperaçu/Bragança-PA**. Bragança-PA: Campus Universitário da UFPA, 2012.

SILVA, A. B. da. **Contribuição ao estudo folclórico amazônico na zona Bragantina**. 2. ed. Belém: Falangola Editora, 1981.

SILVA JUNIOR, S. **Participação e relações de poder no Conselho Deliberativo da Reserva Extrativista Marinha de Caeté-Taperaçu, Bragança-PA**. 2013. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Pará, Belém, 2013

SIMMEL, G. **Sociologia**. São Paulo: Ática, 1983.

SIQUEIRA, D.; MANESCHY, M. C. et al. **Documentário Mulheres do Mangue**: Vida e Trabalho da Mulher em Comunidade da Resex. Audiovisual. UFPA/PPGCS/PPBA - Grupo de Estudos Sócio-ambientais Costeiros. Secretaria Especial de Políticas para Mulheres. CNPq, 2013.

SPOSITO, M. P. Transversalidades no estudo sobre jovens no Brasil: educação, ação coletiva e cultura. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 36, n. especial, p. 95-106, 2010.

STROPASOLAS, V. L. **O mundo rural no horizonte dos jovens**. Florianópolis: UFSC, 2006.

TEISSERENC, M. J. da S. **Socioambientalismo em questão**: ONGs e grupos tradicionais em Unidades de Conservação na Amazônia Brasileira. (S/N)

TEISSERENC, P. Ambientalização e territorialização: situando o debate no contexto da Amazônia brasileira. **Revista Antropolítica**, Rio de Janeiro, n. 29, 2010.

THIOLLENT, M. **Metodologia da pesquisa-ação**. 15. ed. São Paulo: Cortez, 2007.

VICTOR, G. **La participación de niños, niñas y adolescentes en las Américas**. Montevideo, Instituto Interamericano del Niño, la Niña y Adolescentes – IIN/OEA, mayo, 2010

WELLER, W. Karl Mannheim: um pioneiro da Sociologia da juventude. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE SOCIOLOGIA, 13. GT26: Sociologia Da Infância E Juventude. Recife, 29 de maio a 1 de junho de 2007, **Anais...** Recife: UFPE, 2007.

ZHOURI, A.; OLIVEIRA, R. Quando o lugar resiste ao espaço: colonialidade, modernidade e processos de territorialização. In: ZHOURI, A.; LASCHEFESKI, K. (Org.). **Desenvolvimento e conflitos ambientais**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010. p. 439-462.

APÊNDICES/ANEXOS

Apêndices

Apêndice 1 - Instrumental 1 – Roteiro para contagem da população de jovens nas duas vilas

Apêndice 2 - Instrumental 2 – Roteiro de entrevista com jovens nas duas vilas

Apêndice 3 - Instrumental 3 – Roteiro de entrevista com representantes comunitários das duas vilas e da RESEX

Apêndice 4 - Instrumental 3 – Roteiro de entrevista com professores, Conselheiros e afins das duas vilas e da RESEX

Apêndice 5 - Instrumental 3 – Roteiro de entrevista com morador antigo das duas vilas e da RESEX

Apêndice 6 - Instrumental 3 – Roteiro de entrevista com gestor do ICMBio

Apêndice 7 - Termo para autorização de uso de imagem e áudio de entrevistados

Anexos

Anexo 1 - Autorização para Atividades com Finalidade Científica do Sistema de Autorização e Informação em Biodiversidade – SISBIO, sob o número 48.110-1, de 13.04.2015

Anexo 2 – Renovação da Autorização para Atividades com Finalidade Científica do Sistema de Autorização e Informação em Biodiversidade – SISBIO, sob o número 48.110-3, de 29.03.2016



Universidade Federal do Pará – UFPA
 Instituto de Filosofia e Ciências Humanas – IFCH
 Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia - PPGSA

Nº FORM.

Projeto de Tese: Juventude e Participação: Jovens na gestão compartilhada da Reserva Extrativista Marinha de Caeté-Taperaçu, em Bragança, Pará.

Instrumental I – Roteiro para contagem da população de jovens da comunidade () VQE () BONIFÁCIO

Objetivo: Realizar um levantamento da população de jovens de **18 a 29 anos** de: Vila Que Era e Vila do Bonifácio.

1. Nome _____

2. Sexo 1. Masculino 2. Feminino **3. Idade** ____ anos **4. Data do seu nascimento:** ____/____/____

5. Endereço _____

5.1 Bairro: _____ 5.2 Fones: (____) _____ (____) _____

6. Estuda? 1. Sim 2. Não **6.1 Escola** _____

6.2. Endereço da Escola _____

Data do preenchimento: ____/____/____ **Responsável pela coleta:** _____



Universidade Federal do Pará – UFPA
 Instituto de Filosofia e Ciências Humanas – IFCH
 Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia - PPGSA

Nº FORM.

Projeto de Tese: Juventude e Participação: Jovens na gestão compartilhada da Reserva Extrativista Marinha de Caeté-Taperaçu, em Bragança, Pará.

Instrumental I – Roteiro para contagem da população de jovens da comunidade () VQE () BONIFÁCIO

Objetivo: Realizar um levantamento da população de jovens de **18 a 29 anos** de: Vila Que Era e Vila do Bonifácio.

1. Nome _____

2. Sexo 1. Masculino 2. Feminino **3. Idade** ____ anos **4. Data do seu nascimento:** ____/____/____

5. Endereço _____

5.1 Bairro: _____ 5.2 Fones: (____) _____ (____) _____

6. Estuda? 1. Sim 2. Não **6.1 Escola** _____

6.2. Endereço da Escola _____

Data do preenchimento: ____/____/____ **Responsável pela coleta:** _____



Universidade Federal do Pará – UFPA
 Instituto de Filosofia e Ciências Humanas – IFCH
 Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia -PPGSA

Projeto de Tese: Juventude e Participação: Jovens na gestão compartilhada da Reserva Extrativista Marinha de Caeté-Taperaçu, em Bragança, Pará.

Instrumental II – Roteiro de Entrevista com jovens nas duas Vilas: Vila Bonifácio e Vila Que Era

OBJETIVO: Coletar dados relevantes para a pesquisa com jovens selecionados dentre a população identificada no Instrumental I.

PARTE 1: Identificação do jovem

Texto inicial confirmando ou completando os dados do **Instrumental 1**: Nome; Sexo; Idade; Data do nascimento; Endereço; Frequência à escola; Nome da Escola; Endereço da Escola, Data da entrevista.

1. Turno
2. Série estudada
3. Se não estuda: até que série estudou? Motivo para ter parado?
4. Repetiu série? Série(s) repetida(s)? Número de vezes? Motivo da repetição?
5. Meio de transporte para ir para a escola
6. Opinião sobre a escola
7. Cor, etnia (auto declaração)
8. Cor da pele; dos olhos; dos cabelos; tipo do seu cabelo.
9. Você tem religião? Qual?
10. Que meios você utiliza para se informar?
11. Que meios você utiliza para se comunicar?
12. Que documentos você possui?
13. A quem recorre quando está doente?
14. Você trabalha?
15. Se sim, que tipo de trabalho, local, horas por dia?

PARTE 2: Perfil Familiar

16. Como é a composição de sua família?
17. Trabalho, situação civil.
18. Situação da casa: Energia elétrica; Água para beber; Sanitário; Lixo
19. Que valores você acha que a sua família transmitiu a você?
20. Que aprendizados e lições a sua família deixou pra você?
21. Você conhece alguma lenda daqui do lugar que seus pais contavam?

PARTE 3: Participação, Gestão e Sustentabilidade

22. Quando eu falo participação o que vem à sua cabeça?
23. Participa de algum projeto ou atividade? Se sim, qual(ais)? Tarefas? Tempo de participação?
24. Vocês costumam fazer atividades que envolvem a comunidade toda?
25. Você acha que a sua comunidade tem uma cultura própria?
26. Como é essa cultura? Festas de santos, comemorações, manifestações culturais?
27. Você participa dessas atividades culturais?
28. Existe algum grupo de jovens que está dando continuidade a essas tradições culturais?
29. Você se identifica com essa cultura?

30. Você sabe me dizer o que é uma Reserva Extrativista, uma RESEX?
31. Você sabe que aqui é uma RESEX?
32. Houve alguma atividade na comunidade sobre o que é uma RESEX para os jovens?
33. Você conhece o Plano de Manejo da RESEX? Comitê? Conselho Deliberativo? Associação?
34. Você percebe alguma mudança depois que se tornou RESEX? Se sim qual(ais)?
35. Como é morar aqui? Você está satisfeito com a vida que você tem aqui?
36. Você acha possível continuar as atividades extrativistas com a participação dos jovens?
37. Você acha que pode continuar aqui na comunidade atuando em uma atividade extrativista?
38. Você conversa com seus pais sobre a sustentabilidade da comunidade?
39. Qual a vocação da comunidade? Que potenciais da comunidade poderiam ser implementados?
40. Como os jovens poderiam participar disso?
41. Você participa de alguma atividade de gestão da RESEX? Se sim. Quais? Se não. Por que?
42. Você poderia me dizer quais os principais problemas para os jovens aqui na comunidade?
43. Você acha importante reunir para discutir o que é importante para a comunidade?
44. Conhece o(a) líder/representante comunitário(a) da sua Vila? Se considera representado(a) por ele(a)?
45. Se tivesse alguma ideia/proposta/projeto para a sua comunidade discutiria com quem?
46. Quem procuraria para realizá-la?
47. Daqui há 20 anos, como você acha que vai estar a comunidade?
48. Você acha que os jovens vão permanecer aqui ou vão embora, por que?
49. Você já foi convidado para participar de alguma reunião, ou de alguma atividade da gestão da RESEX?
50. Como estimular os jovens a participar da sustentabilidade da comunidade?

PARTE 4: Sociabilidade

51. O que faz nas horas livres?
52. Tem amigos?
53. Reúnem frequentemente?
54. O que fazem quando estão reunidos?
55. Principais formas de diversão?
56. Diversão no fim de semana?
57. Festas na sua comunidade? Costuma participar delas?
58. Acha importante aprender com os mais velhos? Por que?

PARTE 5: Juventude e Projeto de Vida

59. O que vem na sua cabeça quando digo a palavra JUVENTUDE?
60. Pra você, o que é ser JOVEM?
61. Com que idade uma pessoa é considerada jovem?
62. O que é típico (específico) do jovem?
63. Você conhece o Estatuto da Juventude?
64. Como é a vida de um jovem aqui na comunidade?
65. Já pensou o que quer para a sua vida como adulto?
66. Expectativas em relação à sua família de origem
67. Expectativas profissionais
68. Expectativas para: Daqui a 1 ano; 2 anos; 5 anos?
69. Expectativas em relação a sua comunidade: Que projetos você propõe para os jovens da comunidade?

Outras coisas que você gostaria de dizer.

Agradecimentos.



Universidade Federal do Pará – UFPA
 Instituto de Filosofia e Ciências Humanas – IFCH
 Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia -PPGSA

Projeto de Tese: Juventude e Participação: Jovens na gestão compartilhada da Reserva Extrativista Marinha de Caeté-Taperaçu, em Bragança, Pará.

Instrumental III – Roteiro de entrevista com representantes comunitários das duas Vilas e da RESEX

OBJETIVO: Obter dados para correlacionar e contextualizar as informações sobre a participação dos jovens na gestão compartilhada da RESEX

Identificação do entrevistado

Nome; Sexo; Idade; Endereço; Posição na estrutura/contexto da RESEX; Data da entrevista.

1. Há quanto tempo está na função de representante da comunidade?
2. Quais suas funções e competências?
3. Como se dá o processo de escolha dos representantes?
4. Como o Sr. vê a cogestão da RESEX ?
5. Os jovens (18-29 anos) participam da cogestão? Do Conselho Deliberativo? Das reuniões?
6. Sabe dizer quantas famílias moram na Vila? Pessoas? Jovens?
7. Com que frequência os representantes se reúnem?
8. Como o representante consulta a comunidade sobre as questões que leva para o CD?
9. Como é feito o retorno dessas informações?
10. Como ocorre a mobilização da comunidade para reuniões? Com que frequência elas ocorrem?
11. Quais são as situações mais frequentes apontadas pela comunidade?
12. A comunidade costuma fazer ações coletivas, tipo mutirão, mobilização para reivindicar algum direito?
13. Na sua opinião houve mudança depois que a Vila se tornou RESEX? Se sim, quais?
14. Quais os principais problemas da comunidade?
15. Quais os principais problemas dos jovens da comunidade?
16. Como estimular os jovens a participarem de ações coletivas na comunidade e da cogestão?
17. Como é a atuação da cogestão da RESEX na Vila?
18. Que ações poderiam ser implementadas para envolver os jovens com o desenvolvimento da comunidade?
19. Qual o potencial da comunidade em termos de produção, cultura, sustentabilidade? Como os jovens poderiam participar disso?
20. Os jovens entrevistados identificam a RESEX como “o negócio do INCRA”, você tem uma explicação para isso?
21. O Sr. acha que os jovens vão continuar as atividades extrativistas realizadas pelos pais?
22. Na sua opinião o desejo dos jovens é continuar na pesca e na coleta do caranguejo reproduzindo a atividade dos pais ou é de sair, buscar oportunidades de estudo e trabalho fora?
23. Se a RESEX é um projeto para 50 anos, como garantir a sustentabilidade sem a participação dos jovens?
24. Outras informações que você considera relevante sobre os jovens de áreas da RESEX.
25. Agradecimentos.



Universidade Federal do Pará – UFPA
 Instituto de Filosofia e Ciências Humanas – IFCH
 Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia -PPGSA

Projeto de Tese: Juventude e Participação: Jovens na gestão compartilhada da Reserva Extrativista Marinha de Caeté-Taperaçu, em Bragança, Pará.

Instrumental III – Roteiro de Entrevista com professores e afins das duas Vilas e da RESEX

OBJETIVO: Obter dados para correlacionar e contextualizar as informações sobre a participação dos jovens na gestão compartilhada da RESEX

Identificação do entrevistado

Nome; Sexo; Idade; Endereço; Posição na estrutura/contexto da RESEX; Data da entrevista.

1. Há quanto tempo está na Escola/Conselho Escolar?
2. Quais suas funções e competências?
3. Existe algum documento nos arquivos sobre a escola ou sobre a Vila (história da Vila, cultura, modo de vida) que poderia ser consultado?
4. Sabe dizer quantas famílias moram na Vila? Pessoas? Jovens?
5. Informações sobre a Escola, fundação, estrutura, relação com o poder público, estrutura física, número de alunos, séries ofertadas?
6. Há internet na escola? Os alunos têm acesso? Com que frequência?
7. Há biblioteca? Em que condições?
8. Há atividades culturais? Quais?
9. Como funciona a Escola em termos de gestão? A comunidade participa?
10. Como se dá a relação escola/aluno; o repasse de informações para a comunidade?
11. A escola desenvolve alguma ação com a comunidade? Se sim, quais? Inclui meio ambiente, sustentabilidade?
12. O currículo da Escola contempla ações de formação para a sustentabilidade?
13. Houve alguma articulação entre a gestão da RESEX e da Escola sobre o repasse de conteúdo sobre meio ambiente, a institucionalização do território em RESEX?
14. A comunidade costuma fazer ações coletivas, tipo mutirão, mobilização para reivindicar algum direito?
15. Na sua opinião houve mudança depois que a Vila se tornou RESEX? Se sim, quais?
16. Poderia informar quem são os representantes das comunidades de Vila Que Era e da Vila do Bonifácio no Conselho Deliberativo?
17. Quais os principais problemas da comunidade?
18. Quais os principais problemas dos jovens da comunidade?
19. Como estimular os jovens a participarem de ações coletivas na comunidade e da cogestão?
20. Como é a atuação da cogestão da RESEX na Vila?
21. Que ações poderiam ser implementadas para envolver os jovens com o desenvolvimento da comunidade?
22. Qual o potencial da comunidade em termos de produção, cultura, sustentabilidade? Como os jovens poderiam participar disso?
23. Os jovens entrevistados identificam a RESEX como “o negócio do INCRA”, você tem uma explicação para isso?
24. O Sr. acha que os jovens vão continuar as atividades extrativistas realizadas pelos pais?
25. Na sua opinião o desejo dos jovens é continuar na pesca e na coleta do caranguejo reproduzindo a atividade dos pais ou é de sair, buscar oportunidades de estudo e trabalho fora?
26. Se a RESEX é um projeto para 50 anos, como garantir a sustentabilidade sem a participação dos jovens?
27. Outras informações que você considera relevante sobre os jovens de áreas da RESEX.
28. Agradecimentos.



Universidade Federal do Pará – UFPA
 Instituto de Filosofia e Ciências Humanas – IFCH
 Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia -PPGSA

Projeto de Tese: Juventude e Participação: Jovens na gestão compartilhada da Reserva Extrativista Marinha de Caeté-Taperaçu, em Bragança, Pará.

Instrumental III – Roteiro de entrevista com morador antigo e pais das duas Vilas e da RESEX

OBJETIVO: Obter dados para correlacionar e contextualizar as informações sobre a participação dos jovens na gestão compartilhada da RESEX

Identificação do entrevistado

Nome; Sexo; Idade; Endereço; Posição na estrutura/contexto da RESEX; Data da entrevista.

1. Há quanto tempo o Sr. mora aqui na Vila?
2. O Sr. nasceu aqui?
3. De onde a sua família veio?
4. Aqui a comunidade é formada por vínculos de parentesco ou não?
5. O Sr. sabe alguma história sobre a formação, a cultura da Vila?
6. Sabe dizer quantas famílias moram na Vila? Pessoas? Jovens?
7. Como é a vida aqui?
8. O Sr. vem de uma família de pescadores, extrativistas?
9. Os seus filhos/as querem continuar essa atividade?
10. Os jovens (18-29 anos) participam da cogestão? Do Conselho Deliberativo? Das reuniões?
11. Com que frequência os representantes se reúnem?
12. Como o representante consulta a comunidade sobre as questões que leva para o CD?
13. Como é feito o retorno dessas informações?
14. A comunidade costuma reunir? Fazer mutirão?
15. A comunidade costuma fazer ações coletivas, tipo mutirão, mobilização para reivindicar algum direito?
16. Na sua opinião houve mudança depois que a Vila se tornou RESEX? Se sim, quais?
17. Quais os principais problemas da comunidade?
18. Quais os principais problemas dos jovens da comunidade?
19. Como estimular os jovens a participarem de ações coletivas na comunidade e da cogestão?
20. Como é a atuação da cogestão da RESEX na Vila?
21. Que ações poderiam ser implementadas para envolver os jovens com o desenvolvimento da comunidade?
22. Qual o potencial da comunidade em termos de produção, cultura, sustentabilidade? Como os jovens poderiam participar disso?
23. Os jovens entrevistados identificam a RESEX como “o negócio do INCRA”, você tem uma explicação para isso?
24. O Sr. acha que os jovens vão continuar as atividades extrativistas realizadas pelos pais?
25. Na sua opinião o desejo dos jovens é continuar na pesca e na coleta do caranguejo reproduzindo a atividade dos pais ou é de sair, buscar oportunidades de estudo e trabalho fora?
26. Se a RESEX é um projeto para 50 anos, como garantir a sustentabilidade sem a participação dos jovens?
27. Outras informações que você considera relevante sobre os jovens de áreas da RESEX.
28. Agradecimentos.



Universidade Federal do Pará – UFPA
 Instituto de Filosofia e Ciências Humanas – IFCH
 Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia -PPGSA

Projeto de Tese: Juventude e Participação: Jovens na gestão compartilhada da Reserva Extrativista Marinha de Caeté-Taperaçu, em Bragança, Pará.

Instrumental III – Roteiro de entrevista com gestor ICMBio

OBJETIVO: Obter dados para correlacionar e contextualizar as informações sobre a participação dos jovens na gestão compartilhada da RESEX

Identificação do entrevistado

Nome; Sexo; Idade; Endereço; Posição na estrutura/contexto da RESEX; Data da entrevista.

1. Tempo de atuação na RESEX de Caeté-Taperaçu
2. Qual a sua função e competências?
3. Existe algum documento sobre a RESEX que poderia ser consultado além do Plano de Manejo?
4. Qual a população total de pessoas e de famílias da RESEX?
5. Qual o número de famílias?
6. Há registro do número de jovens?
7. No Plano de Manejo constam duas informações, na página 5 com número de comunidades totalizando 68 e na outra página 57. Qual é a pertinente?
8. Qual a população de beneficiados e quais os benefícios? Seguro-defeso: quantos beneficiários? Bolsa Família: quantos beneficiários? Essa informação está disponível por Comunidade? Na habitação, como ocorreu a distribuição do benefício da casa? Qual o papel do INCRA e sua relação com a RESEX? Há pagamento? Houve uma primeira fase, uma segunda fase? Taxas, cadastro, prazos.
9. Como se organiza a gestão compartilhada da RESEX? Estrutura de representação da comunidade na cogestão: Comitê, Polo, Conselho, Associação?
10. Como é feita a convocação para reuniões, eventos, ações da cogestão?
11. Como é feito o repasse de informações para a comunidade?
12. Como o ICMBio elabora o feedback dessas informações?
13. Como é feita a fiscalização?
14. Houve formação para os jovens sobre a cogestão? Como foi feita?
15. Segundo levantamento em duas comunidades apenas 35,1% VB e 26,1% VQE sabem o que é uma RESEX e 73,7% VB e 65,2% VQE sabem que vivem em uma.
16. Houve inclusão dos jovens na elaboração do Plano de Manejo?
17. Como os jovens estão contemplados na cogestão da RESEX?
18. Há previsão de alguma ação para e com os jovens sobre a RESEX? Quais?
19. Com que idade os jovens podem começar a participar do Conselho Deliberativo?
20. Quais as ações do ICMBio para estimular a participação da comunidade, em especial dos jovens na cogestão?
21. Há presença do conteúdo da cogestão, sustentabilidade, RESEX nos conteúdos das agências locais: Escolas, organizações não-governamentais, igreja, movimentos locais?
22. Qual a relação entre projeto da RESEX e das instituições locais com o dos jovens?
23. Há percepção de melhoria após a implantação da RESEX, em que sentido? Há algum indicador de desenvolvimento?
24. Poderia informar quem são os representantes das comunidades de Vila Que Era e da Vila do Bonifácio no Conselho Deliberativo?
25. Para você como gestora, como permitir que os jovens se expressem no território?
26. Como o ICMBio se articula com a esfera municipal e estadual para resolver problemas básicos das comunidades como: água em Bonifácio e a escola em VQE?
27. Os jovens entrevistados identificam a RESEX como “o negócio do INCRA”, você tem uma explicação para isso?
28. Outras informações que você considera relevante sobre os jovens de áreas da RESEX.
29. Agradecimentos



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ - UFPA
 INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS - IFCH
 PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIOLOGIA E ANTROPOLOGIA- PPGSA

Projeto de Tese: Juventude eParticipação: Jovens na gestão compartilhada da RESEX Marinha de Caeté –Taperaçú, em Bragança – PA.

Aluna: Maria Luiza Nobre Lamarão

AUTORIZAÇÃO IMAGEM E AUDIO

Autorizo o uso de minha imagem e áudio (entrevista) de forma gratuita para a Pesquisa:**Juventude e Participação de jovens na gestão compartilhada da RESEX Marinha de Caeté –Taperaçú, em Bragança – PA**, vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia da Universidade Federal do Pará para **fins exclusivamente acadêmicos, científicos e culturais**.

NOME: _____

ASSINATURA: _____

LOCAL: _____ Data: ___/___/___



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ - UFPA
 INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS - IFCH
 PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIOLOGIA E ANTROPOLOGIA- PPGSA

Projeto de Tese: Juventude eParticipação: Jovens na gestão compartilhada da RESEX Marinha de Caeté –Taperaçú, em Bragança – PA.

Aluna: Maria Luiza Nobre Lamarão

AUTORIZAÇÃO IMAGEM E AUDIO

Autorizo o uso de minha imagem e áudio (entrevista) de forma gratuita para a Pesquisa:**Juventude e Participação de jovens na gestão compartilhada da RESEX Marinha de Caeté –Taperaçú, em Bragança – PA**, vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia da Universidade Federal do Pará para **fins exclusivamente acadêmicos, científicos e culturais**.

NOME: _____

ASSINATURA: _____

LOCAL: _____ Data: ___/___/___



Ministério do Meio Ambiente - MMA
 Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade - ICMBio
 Sistema de Autorização e Informação em Biodiversidade - SISBIO

Autorização para atividades com finalidade científica

Número: 48110-1	Data da Emissão: 13/04/2015 09:52	Data para Revalidação*: 12/05/2016
* De acordo com o art. 28 da IN 03/2014, esta autorização tem prazo de validade equivalente ao previsto no cronograma de atividades do projeto, mas deverá ser revalidada anualmente mediante a apresentação do relatório de atividades a ser enviado por meio do Sisbio no prazo de até 30 dias a contar da data do aniversário de sua emissão.		

Dados do titular

Nome: Maria Luiza Nobre Lamarão	CPF: 044.305.572-88
Título do Projeto: Participação de Jovens na gestão compartilhada da Reserva Extrativista Marinha de Caeté-Taperaçu, em Bragança, Pará.	
Nome da Instituição : UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ	CNPJ: 34.621.748/0001-23

Cronograma de atividades

#	Descrição da atividade	Início (mês/ano)	Fim (mês/ano)
1	Coleta de dados por meio de aplicação de formulários, entrevistas e visitas no local	04/2015	01/2017

Observações e ressalvas

1	As atividades de campo exercidas por pessoa natural ou jurídica estrangeira, em todo o território nacional, que impliquem o deslocamento de recursos humanos e materiais, tendo por objeto coletar dados, materiais, espécimes biológicos e minerais, peças integrantes da cultura nativa e cultura popular, presente e passada, obtidos por meio de recursos e técnicas que se destinem ao estudo, à difusão ou à pesquisa, estão sujeitas a autorização do Ministério de Ciência e Tecnologia.
2	Esta autorização NÃO exige o pesquisador titular e os membros de sua equipe da necessidade de obter as anuências previstas em outros instrumentos legais, bem como do consentimento do responsável pela área, pública ou privada, onde será realizada a atividade, inclusive do órgão gestor de terra indígena (FUNAI), da unidade de conservação estadual, distrital ou municipal, ou do proprietário, arrendatário, posseiro ou morador de área dentro dos limites de unidade de conservação federal cujo processo de regularização fundiária encontra-se em curso.
3	Este documento somente poderá ser utilizado para os fins previstos na Instrução Normativa ICMBio nº 03/2014 ou na Instrução Normativa ICMBio nº 10/2010, no que especifica esta Autorização, não podendo ser utilizado para fins comerciais, industriais ou esportivos. O material biológico coletado deverá ser utilizado para atividades científicas ou didáticas no âmbito do ensino superior.
4	O titular de licença ou autorização e os membros da sua equipe deverão optar por métodos de coleta e instrumentos de captura direcionados, sempre que possível, ao grupo taxonômico de interesse, evitando a morte ou dano significativo a outros grupos; e empregar esforço de coleta ou captura que não comprometa a viabilidade de populações do grupo taxonômico de interesse em condição in situ.
5	Omissão ou falsa descrição de informações relevantes que subsidiaram a expedição do ato, poderá, mediante decisão motivada, ter a autorização ou licença suspensa ou revogada pelo ICMBio e o material biológico coletado apreendido nos termos da legislação brasileira em vigor.
6	Este documento não dispensa o cumprimento da legislação que dispõe sobre acesso a componente do patrimônio genético existente no território nacional, na plataforma continental e na zona econômica exclusiva, ou ao conhecimento tradicional associado ao patrimônio genético, para fins de pesquisa científica, bioprospeção e desenvolvimento tecnológico. Veja maiores informações em www.mma.gov.br/gen .
7	Em caso de pesquisa em UNIDADE DE CONSERVAÇÃO, o pesquisador titular desta autorização deverá contactar a administração da unidade a fim de CONFIRMAR AS DATAS das expedições, as condições para realização das coletas e de uso da infra-estrutura da unidade.

Outras ressalvas

1	Comunicar por email: resexcaete@icmbio.gov.br , ou pelo tel: (91)34251574, ou pessoalmente em nosso escritório em Bragança, as datas de coleta de fauna e flora no interior da UC, ou nos estuários do rio Caeté e Taperaçu com certa antecedência; Disponibilizar cópia dos resultados e produtos gerados com os dados coletados no interior da Unidade; Disponibilizar um membro da equipe para esclarecimento do projeto, caso seja necessário, junto ao Conselho Deliberativo, ou em alguma comunidade específica da RESEX que possa ter interesse nos resultados da pesquisa desenvolvida.
---	---

Locais onde as atividades de campo serão executadas

#	Município	UF	Descrição do local	Tipo
1		PA	RESERVA EXTRATIVISTA MARINHA DE CAETÉ-TAPERACU	UC Federal

Este documento (Autorização para atividades com finalidade científica) foi expedido com base na Instrução Normativa nº 03/2014. Através do código de autenticação abaixo, qualquer cidadão poderá verificar a autenticidade ou regularidade deste documento, por meio da página do Sisbio/ICMBio na Internet (www.icmbio.gov.br/sisbio).

Código de autenticação: 27146439





Ministério do Meio Ambiente - MMA
 Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade - ICMBio
 Sistema de Autorização e Informação em Biodiversidade - SISBIO

Autorização para atividades com finalidade científica

Número: 48110-3	Data da Emissão: 29/03/2016 15:00	Data para Revalidação*: 28/04/2017
* De acordo com o art. 28 da IN 03/2014, esta autorização tem prazo de validade equivalente ao previsto no cronograma de atividades do projeto, mas deverá ser revalidada anualmente mediante a apresentação do relatório de atividades a ser enviado por meio do Sisbio no prazo de até 30 dias a contar da data do aniversário de sua emissão.		

Dados do titular

Nome: Maria Luiza Nobre Lamarão	CPF: 044.305.572-68
Título do Projeto: Participação de Jovens na gestão compartilhada da Reserva Extrativista Marinha de Caeté-Taperaçu, em Bragança, Pará.	
Nome da Instituição : UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ	CNPJ: 34.621.748/0001-23

Cronograma de atividades

#	Descrição da atividade	Início (mês/ano)	Fim (mês/ano)
1	Coleta de dados por meio de aplicação de formulários, entrevistas e visitas no local	04/2015	01/2017

Observações e ressalvas

1	As atividades de campo exercidas por pessoa natural ou jurídica estrangeira, em todo o território nacional, que impliquem o deslocamento de recursos humanos e materiais, tendo por objeto coletar dados, materiais, espécimes biológicos e minerais, peças integrantes da cultura nativa e cultura popular, presente e passada, obtidos por meio de recursos e técnicas que se destinem ao estudo, à difusão ou à pesquisa, estão sujeitas a autorização do Ministério de Ciência e Tecnologia.
2	Esta autorização NÃO exige o pesquisador titular e os membros de sua equipe da necessidade de obter as anuências previstas em outros instrumentos legais, bem como do consentimento do responsável pela área, pública ou privada, onde será realizada a atividade, inclusive do órgão gestor de terra indígena (FUNAI), da unidade de conservação estadual, distrital ou municipal, ou do proprietário, arrendatário, possessor ou morador de área dentro dos limites de unidade de conservação federal cujo processo de regularização fundiária encontra-se em curso.
3	Este documento somente poderá ser utilizado para os fins previstos na Instrução Normativa ICMBio nº 03/2014 ou na Instrução Normativa ICMBio nº 10/2010, no que especifica esta Autorização, não podendo ser utilizado para fins comerciais, industriais ou esportivos. O material biológico coletado deverá ser utilizado para atividades científicas ou didáticas no âmbito do ensino superior.
4	O titular de licença ou autorização e os membros da sua equipe deverão optar por métodos de coleta e instrumentos de captura direcionados, sempre que possível, ao grupo taxonômico de interesse, evitando a morte ou dano significativo a outros grupos; e empregar esforço de coleta ou captura que não comprometa a viabilidade de populações do grupo taxonômico de interesse em condição in situ.
5	O titular de autorização ou de licença permanente, assim como os membros de sua equipe, quando da violação da legislação vigente, ou quando da inadequação, omissão ou falsa descrição de informações relevantes que subsidiaram a expedição do ato, poderá, mediante decisão motivada, ter a autorização ou licença suspensa ou revogada pelo ICMBio, nos termos da legislação brasileira em vigor.
6	Este documento não dispensa o cumprimento da legislação que dispõe sobre acesso a componente do patrimônio genético existente no território nacional, na plataforma continental e na zona econômica exclusiva, ou ao conhecimento tradicional associado ao patrimônio genético, para fins de pesquisa científica, bioprospecção e desenvolvimento tecnológico. Veja maiores informações em www.mma.gov.br/cgen .
7	Em caso de pesquisa em UNIDADE DE CONSERVAÇÃO, o pesquisador titular desta autorização deverá contactar a administração da unidade a fim de CONFIRMAR AS DATAS das expedições, as condições para realização das coletas e de uso da infra-estrutura da unidade.

Outras ressalvas

1	Comunicar por email: resexcaete@icmbio.gov.br , ou pelo tel: (91)34251574, ou pessoalmente em nosso escritório em Bragança, as datas de coleta de fauna e flora no interior da UC, ou nos estuários do rio Caeté e Taperaçu com certa antecedência; Disponibilizar cópia dos resultados e produtos gerados com os dados coletados no interior da Unidade; Disponibilizar um membro da equipe para esclarecimento do projeto, caso seja necessário, junto ao Conselho Deliberativo, ou em alguma comunidade específica da RESEX que possa ter interesse nos resultados da pesquisa desenvolvida.
---	---

Locais onde as atividades de campo serão executadas

#	Município	UF	Descrição do local	Tipo
1		PA	RESERVA EXTRATIVISTA MARINHA DE CAETÉ-TAPERAÇU	UC Federal

Este documento (Autorização para atividades com finalidade científica) foi expedido com base na Instrução Normativa nº 03/2014. Através do código de autenticação abaixo, qualquer cidadão poderá verificar a autenticidade ou regularidade deste documento, por meio da página do Sisbio/ICMBio na Internet (www.icmbio.gov.br/sisbio).

Código de autenticação: 54112931



Página 1/2



Ministério do Meio Ambiente - MMA
 Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade - ICMBio
 Sistema de Autorização e Informação em Biodiversidade - SISBIO

Autorização para atividades com finalidade científica

Número: 48110-3	Data da Emissão: 29/03/2016 15:00	Data para Revalidação*: 28/04/2017
* De acordo com o art. 28 da IN 03/2014, esta autorização tem prazo de validade equivalente ao previsto no cronograma de atividades do projeto, mas deverá ser revalidada anualmente mediante a apresentação do relatório de atividades a ser enviado por meio do Sisbio no prazo de até 30 dias a contar da data do aniversário de sua emissão.		

Dados do titular

Nome: Maria Luiza Nobre Lamarão	CPF: 044.305.572-88
Título do Projeto: Participação de Jovens na gestão compartilhada da Reserva Extrativista Marinha de Caeté-Taperaçu, em Bragança, Pará.	
Nome da Instituição : UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ	CNPJ: 34.621.748/0001-23

Registro de coleta imprevista de material biológico

De acordo com a Instrução Normativa nº 03/2014, a coleta imprevista de material biológico ou de substrato não contemplado na autorização ou na licença permanente deverá ser anotada na mesma, em campo específico, por ocasião da coleta, devendo esta coleta imprevista ser comunicada por meio do relatório de atividades. O transporte do material biológico ou do substrato deverá ser acompanhado da autorização ou da licença permanente com a devida anotação. O material biológico coletado de forma imprevista, deverá ser destinado à instituição científica e, depositado, preferencialmente, em coleção biológica científica registrada no Cadastro Nacional de Coleções Biológicas (CCBIO).

Táxon*	Qtde.	Tipo de amostra	Qtde.	Data

* Identificar o espécime no nível taxonômico possível.

Este documento (Autorização para atividades com finalidade científica) foi expedido com base na Instrução Normativa nº 03/2014. Através do código de autenticação abaixo, qualquer cidadão poderá verificar a autenticidade ou regularidade deste documento, por meio da página do Sisbio/ICMBio na Internet (www.icmbio.gov.br/sisbio).

Código de autenticação: 54112931



Página 2/2